



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – CAMPUS DE
CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL DE MESTRADO E
DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

MARINA LUÍSA ROHDE

MANUELA SÁENZ:
DA HISTÓRIA ÀS RESSIGNIFICAÇÕES FICCIONAIS –
UM PERCURSO DA COLONIALIDADE À DESCOLONIZAÇÃO E À
DECOLONIALIDADE

CASCAVEL – PR
2022

MARINA LUÍSA ROHDE

MANUELA SÁENZ:
DA HISTÓRIA ÀS RESSIGNIFICAÇÕES FICCIONAIS –
UM PERCURSO DA COLONIALIDADE À DESCOLONIZAÇÃO E À
DECOLONIALIDADE

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para a obtenção do título de Doutora em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras – nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados.

Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

CASCADEL – PR
2022

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Rohde, Marina Luísa
MANUELA SÁENZ: DA HISTÓRIA ÀS RESSIGNIFICAÇÕES FICCIONAIS ?
UM PERCURSO DA COLONIALIDADE À DESCOLONIZAÇÃO E À
DECOLONIALIDADE / Marina Luísa Rohde; orientador Gilmei
Francisco Fleck. -- Cascavel, 2022.
363 p.

Tese (Doutorado Campus de Cascavel) -- Universidade
Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. Romance histórico; . 2. Resignificações do passado; .
3. Estudos decoloniais; . 4. Manuela Sáenz; . I. Fleck,
Gilmei Francisco, orient. II. Título.

MARINA LUÍSA ROHDE

**MANUELA SÁENZ:
DA HISTÓRIA ÀS RESSIGNIFICAÇÕES FICCIONAIS –
UM PERCURSO DA COLONIALIDADE À DESCOLONIZAÇÃO E À
DECOLONIALIDADE**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do Título de Doutor(a) em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Clarice Cristina Corbari
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/UERJ)
Membro Efetivo



Prof. Dr. Phelipe de Lima Cerdeira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/UNIOESTE)
Membro Efetivo



Profa. Dra. Nádia Nelziza Lovera de Florentino
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
(convidado)



Prof. Dr. Cristian Javier Lopez
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
Membro Efetivo
(convidado)



Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Orientador

Cascavel, 21 de dezembro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, pela clareza e profissionalismo dispensados aos acadêmicos.

Ao meu orientador, professor doutor Gilmei Francisco Fleck, pela atenção, motivação e apoio em todos os momentos da pesquisa. Agradeço-te, também, por acreditar em mim desde o mestrado e estar sempre presente com uma escuta atenta e uma orientação assertiva. Esta travessia acadêmica só tem sido possível graças ao teu suporte.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do Passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização”, CNPq/UNIOESTE, pela companhia, mesmo que virtual, durante as reuniões de estudo e discussão realizadas nos últimos anos.

Aos professores doutores Clarice Cristina Corbari, Nádia Nelziza Lovera de Florentino, Carlos Henrique Lopes de Almeida, Cristian Javier Lopez, Marcio Oliveira e Phelipe Cerdeira, pela leitura do texto e pelos pertinentes apontamentos que me instrumentalizam na elaboração de uma escrita acadêmica precisa e satisfatória.

Ao meu esposo, Diego Laner Ferraz, meu maior incentivador, pelo entendimento, por secar infindáveis lágrimas e pelo amor incondicional.

Aos meus pais e à minha irmã, pela vida compartilhada, pelo exemplo de conduta e pelo afeto.

ROHDE, Marina Luísa. *Manuela Sáenz: da história às ressignificações ficcionais – um percurso da colonialidade à descolonização e à decolonialidade*. 2022. 363 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Cascavel-PR.

Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

RESUMO

Com base nos estudos de narrativas híbridas de história e ficção inseridos no contexto do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, analisamos as ressignificações da figura empírica de Manuela Sáenz (1795 – 1856) a partir de veredas sócio-históricas e literárias, sendo esta uma pesquisa bibliográfica e documental, de cunho comparatista e qualitativo. Dessa forma, buscamos evidenciar que a arte literária é o espaço em que, potencialmente, as personagens minimizadas pelo discurso histórico positivista são ressignificadas. Nesse processo estabelecemos, além do cotejo de três biografias, uma trajetória sincrônica dos romances escritos na América que retratam Manuela Sáenz como protagonista, bem como a análise de dois romances históricos. O *corpus* que fundamenta nosso estudo insere-se em um contexto interamericano, mais precisamente nos Estados Unidos, Equador e Argentina. Assim, as produções biográficas eleitas são: *Manuela Sáenz La Libertadora del Libertador* ([1944] 1978), de Alfonso Rumazo González; *The Four Seasons of Manuela: The Love Story of Manuela Sáenz and Simón Bolívar* ([1952] 1966), de Victor Wolfgang Von Hagen e *For Glory and Bolívar: the remarkable life of Manuela Sáenz* (2008), de Pamela S. Murray. Com relação às narrativas híbridas de história e ficção, os romances selecionados são: *Manuela* (1991 [2000]), de Luís Zúñiga e *La Gloria eres tú* ([2004] 2019), de Silvia Miguens. A seleção desse conjunto considerou critérios como a presença ou a ausência do elemento crítico e questionador dos registros oficiais por meio de narrativas que expõem pontos de vista verossímeis, capazes de ressignificar ou corroborar modelos eurocêntricos de apreensão do passado. Associamos, ainda, às ideologias presentes nas diferentes modalidades de romance histórico, os conceitos de colonialidade, descolonização e decolonialidade a partir dos pressupostos teóricos de Mignolo (2012, 2016, 2017). Além disso, pontuamos o interesse pelo protagonismo de Manuela Sáenz e pela inserção dessas narrativas no espaço equatoriano e argentino. A sustentação teórica dessa abordagem, tanto a personalidade histórica como as diferentes modalidades de romance histórico, encontra respaldo nos estudos de Aínsa (1991), Menton (1993), Márquez Rodríguez (1996), Chambers (2001), Fernández Prieto (2003), Hennes (2005), Murray (2006; 2008) Fleck (2011; 2017), entre outros. Nossa pesquisa evidencia que a representação de Sáenz para a América compreende um emaranhado de discursos que destoam entre si, conferindo-lhe figurações entre a amante e louca ou política e diplomática. Portanto, as figurações escriturais de Manuela Sáenz, seja nas biografias ou nos romances, revelam um percurso entre a colonialidade e a descolonização com vias que vislumbram à decolonialidade.

Palavras-chave: Manuela Sáenz; Romance histórico; Ressignificações do passado; Estudos decoloniais; Biografia.

ROHDE, Marina Luísa. *Manuela Sáenz: de la historia a las resignificaciones ficcionales – una trayectoria desde la colonialidad a la descolonización y a la decolonialidad*. 2022. 363 f. Tese (Doctorado en Letras) – Universidad Estatal del Oeste de Paraná – UNIOESTE, Cascavel.
Director: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

RESUMEN

A partir de los estudios de narrativas híbridas de historia y ficción incluidos en el contexto del Grupo de Investigación “Resignificaciones del pasado en América: procesos de lectura, escritura y traducción de géneros híbridos de historia y ficción – caminos hacia la descolonización”, analizamos las resignificaciones de la figura empírica de Manuela Sáenz (1795 – 1856) desde la perspectiva sociohistórica y literaria, siendo esta una investigación bibliográfica y documental, de carácter comparativo y cualitativo. De este modo, buscamos mostrar que el arte literario es el espacio en el que, potencialmente, se resignifican los personajes minimizados por el discurso histórico positivista. En este proceso establecemos, además de comparar tres biografías, una trayectoria sincrónica de las novelas escritas en América que tienen a Manuela Sáenz como protagonista, así como el análisis de dos novelas históricas. El *corpus* que fundamenta nuestro estudio se inserta en un contexto interamericano, más precisamente en los Estados Unidos, Ecuador y Argentina. Así, las producciones biográficas escogidas son: *Manuela Sáenz La Libertadora del Libertador* ([1944] 1978), de Alfonso Rumazo González; *The Four Seasons of Manuela: The Love Story of Manuela Sáenz and Simón Bolívar* ([1952] 1966), de Victor Wolfgang Von Hagen; y *For Glory and Bolívar: the remarkable life of Manuela Sáenz* (2008), de Pamela S. Murray. En cuanto a las narrativas híbridas de historia y ficción, las novelas seleccionadas son: *Manuela* (1991 [2000]), de Luís Zúñiga; y *La Gloria eres tú* ([2004] 2019), de Silvia Miguens. La selección de este conjunto consideró criterios como la presencia o ausencia del elemento crítico y cuestionador de los registros oficiales a través de narrativas que expongan puntos de vista verosímiles, capaces de resignificar o corroborar modelos eurocéntricos de aprehensión del pasado. También asociamos los conceptos de colonialidad, descolonización y decolonialidad a las ideologías presentes en las diferentes modalidades de novela histórica a partir de los presupuestos teóricos de Mignolo (2012, 2016, 2017). Además, señalamos el interés por el protagonismo de Manuela Sáenz y la inserción de estas narrativas en el espacio ecuatoriano y argentino. El sustento teórico de este enfoque, tanto de la personalidad histórica como de las distintas modalidades de la novela histórica, encuentra apoyo en los estudios de Ainsa (1991), Menton (1993), Márquez Rodríguez (1996), Chambers (2001), Fernández Prieto (2003), Hennes (2005), Murray (2006; 2008), Fleck (2011; 2017), entre otros. Nuestra investigación muestra que la representación de Sáenz a América comprende una maraña de discursos que se contraponen entre sí, dándole figuraciones entre amante y loca o política y diplomática. Por lo tanto, las figuraciones de la escritura de Manuela Sáenz, sea en biografías o en novelas, revelan una trayectoria entre la colonialidad y la descolonización con caminos que vislumbran la decolonialidad.

Palabras clave: Manuela Sáenz; Novela histórica; Resignificaciones del pasado; Estudios decoloniales; Biografía.

ROHDE, Marina Luísa. *Manuela Sáenz: from History to the fictional re-meanings – A path from coloniality to decolonization and to decoloniality*. 2022. 363 p. Thesis (Doctorate in Literature) Western Paraná State University – UNIOESTE, Cascavel. Advisor: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

ABSTRACT

Based on the studies of hybrid narratives of history and fiction inserted in the context of the Research Group “Reframing of the past in America: processes of reading, writing and translation of hybrid genres of history and fiction – ways to decolonization”, we analyze the reinterpretations of the empirical figure of Manuela Sáenz (1795 – 1856) from socio-historical and literary paths by means of a bibliographical and documentary research, with a comparative and qualitative nature. In this way, we seek to show that literary art is the space in which, potentially, the characters minimized by the positivist historical discourse are re-signified. In this process, we established, in addition to comparing three biographies, a synchronic trajectory of novels written in America that portray Manuela Sáenz as the protagonist, as well as the analysis of two historical novels. The corpus that underlies our study is inserted in an inter-American context, more precisely in the United States, Ecuador and Argentina. Thus, the chosen biographical productions are *Manuela Sáenz La Libertadora del Libertador* ([1944] 1978), by Alfonso Rumazo González; *The Four Seasons of Manuela: The Love Story of Manuela Sáenz and Simón Bolívar* ([1952] 1966), by Victor Wolfgang Von Hagen and *For Glory and Bolívar: the remarkable life of Manuela Sáenz* (2008), by Pamela S. Murray. Regarding the hybrid narratives of history and fiction, the selected novels are *Manuela* (1991 [2000]), by Luís Zúñiga and *La Gloria eres tú* ([2004] 2019), by Silvia Miguens. The selection of this *corpus* considered criteria such as the presence or absence of the critical and questioning element of the official records through narratives that expose credible points of view, capable of reframing or corroborating Eurocentric models of apprehension of the past. We also associate the concepts of coloniality, decolonization and decoloniality with the ideologies present in the different modalities of historical novels based on the theoretical assumptions of Mignolo (2012, 2016, 2017). In addition, we point out the interest in Manuela Sáenz's protagonism and the insertion of these narratives in the Ecuadorian and Argentine space. The theoretical support of this approach, both to the historical personality and to the different modalities of the historical novel, finds support in the studies of Aínsa (1991), Menton (1993), Márquez Rodríguez (1996), Chambers (2001), Fernández Prieto (2003), Hennes (2005), Murray (2006; 2008) Fleck (2011; 2017), among others. Our research shows that Sáenz's representation to America comprises a tangle of discourses that are at odds with each other, giving her figurations between lover and crazy or political and diplomatic. Therefore, Manuela Sáenz's scriptural figurations, whether in biographies or novels, reveal a journey between coloniality and decolonization with paths that glimpse decoloniality.

Keywords: Manuela Sáenz; Historical novel; Reframing of the past; Decolonial studies; Biography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONSTRUÇÕES HISTÓRICO-SOCIAIS: MANUELA SÁENZ NO CONTEXTO INDEPENDENTISTA LATINO-AMERICANO	21
1.1 CRONOLOGIA HISTÓRICA DE MANUELA SÁENZ: O TRÂNSITO ENTRE O COLONIALISMO E A DESCOLONIZAÇÃO	30
1.2 ASPECTOS BIOGRÁFICOS: VIVÊNCIAS NARRATIVIZADAS	35
1.3 DIMENSÕES HISTÓRICAS E SOCIOLÓGICAS: O ALCANCE DE UMA VIDA	86
2 MANUELA SÁENZ: EXTENSÕES LITERÁRIAS – IMAGENS SIMBÓLICAS QUE CONTRASTAM	135
2.1 A RENARRATIVIZAÇÃO DO PASSADO POR MEIO DO ROMANCE HISTÓRICO CLÁSSICO E TRADICIONAL:.....	139
2.2 SÁENZ À SOMBRA DE BOLÍVAR – UMA RENARRATIVIZAÇÃO HISTÓRICA EM <i>MANUELA: UNA NOVELA SOBRE LA VIDA DE MANUELITA SÁENZ</i> ([1991] 2000), DE LUIS ZÚÑIGA	165
2.3 O NOVO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO – UMA EFETIVA RELEITURA CRÍTICA DO DISCURSO HISTORIOGRÁFICO	236
2.4 O ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE MEDIAÇÃO: RELEITURAS HODIERNAS DA HISTÓRIA PELA FICÇÃO	248
2.5 SÁENZ EM DIREÇÃO A BOLÍVAR – UMA ESCRITA HÍBRIDA MEDIADORA EM <i>LA GLORIA ERES TÚ: LA VIDA Y LAS VIDAS DE SIMÓN BOLÍVAR Y MANUELA SÁENZ</i> ([2004] 2019), DE SILVIA MIGUENS	258
2.6 MANUELA SÁENZ: HISTÓRIAS REFLETIDAS	338
CONSIDERAÇÕES FINAIS	348
REFERÊNCIAS	353

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem suas primeiras vinculações relacionadas à nossa pesquisa de mestrado, também realizada na Unioeste/Cascavel-PR, sob a orientação do professor Dr. Gilmei Francisco Fleck, durante os anos de 2016 a 2018. A escrita da dissertação possibilitou que nos aproximássemos da personagem Manuela Sáenz (1795 – 1856) nos momentos da revisão bibliográfica e da leitura de romances empreendidas até então e sua história apropriou-se de nosso interesse acadêmico e pessoal.

As mencionadas situações ocorreram quando, naquela ocasião, realizávamos a leitura de dois romances históricos – *Anita, Anita* (1993) e *Anita cubierta de Arena* (2003) – a respeito de Anita Garibaldi (1821 – 1849), personalidade latino-americana objeto de nosso estudo à época, e que retratavam Manuela Sáenz em seus últimos anos de vida. A partir de ambas as leituras, optamos por estender o nosso olhar sobre essa personalidade em uma investigação de maior fôlego, como esta escrita de pesquisa doutoral.

Com o objetivo de estabelecer relações de sentido que apontem para ressignificações da personalidade histórica Manuela Sáenz, no que diz respeito à sua representação social, política, diplomática e histórica para a América Hispânica, tendo, junto às produções biográficas, a escrita literária como instrumento dessa manifestação, a atual pesquisa possui escopo no amálgama entre literatura e história, revelando diferentes dimensões das vivências de uma mulher cujas experiências extrapolam uma definição simplista e marginalizada.

Além disso, acreditamos na inadiável necessidade de trazer as imagens de Manuela Sáenz também ao contexto crítico-literário brasileiro, uma vez que sua representação nesse campo é exígua, como podemos verificar no Quadro I, a seguir exposto, com produções de autoria brasileira:

QUADRO I: PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE MANUELA SÁENZ NO CAMPO DA CRÍTICA LITERÁRIA REALIZADAS POR PESQUISADORES BRASILEIROS.

	Título	Autor	Ano
1.	“Manuela Sáenz e Bárbara de Alencar: duas mulheres nas independências latino-americanas”	Cláudia Luna	2013

2.	<i>La Pluma y El Laberinto: Autobiografía y Representación de Manuela Sáenz</i>	Cláudia Luna	2016
3.	<i>“Imágenes de Brasil en la Literatura Argentina Contemporánea”</i>	Antonio R. Esteves	2017
4.	<i>Jonatás y Manuela: por uma representação estética Descolonial</i>	Fabiana da Silva Campos dos Santos	2018
5.	Agências de mulheres nas independências: das lutas bolivarianas aos levantes brasileiros	Elizabeth Ruano Ibarra Viviane Resend	2022

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

À vista dessa produção, nossa tese tem como objetivo geral expor as múltiplas imagens dessa figura empírica que viveu entre 1795 e 1856, em suas dimensões sócio-históricas e político-diplomáticas e como essas foram, de diferentes modos, incorporadas pela ficção para gerar retratos literários que corroboram as versões históricas – colocando-a à sombra de Simón Bolívar – ou a ressignificam – revelando as faces plurais de suas vivências à época independentista da América Latina. As imagens múltiplas de Manuela Sáenz – no âmbito da escrita biográfica e, também, da literária – convergem, neste estudo, na busca de friccionarmos obras de diferentes gêneros literário (biografia e romance) com o intuito de compará-las e, assim, alcançar uma dimensão mais abrangente das reminiscências dessa vida que marcou o passado da América Latina, atravessando os períodos da colonialidade, da descolonização e, inclusive, com ações que imprimem pressupostos da decolonialidade em sua existência.

Nossas ações, aqui, consistem, desse modo, no cotejamento biográfico de sua representação. Nessa ação, buscamos o estabelecimento de uma trajetória cronológica dos romances escritos na América que dão protagonismo à personagem Manuela Sáenz nesses últimos dois séculos. Além disso, efetuamos análises de dois romances históricos por meio de atualizado referencial teórico, com o intuito de apresentar uma imagem criticamente constituída dessa personalidade multifacetada.

Por essa via, abordamos as representações históricas e ficcionais de Manuela Sáenz de modo a recompormos seu percurso de vida por distintos vieses. Atentamos, ainda, à necessidade de repensar as discursividades atreladas a essa figura de extração histórica, seja no horizonte ficcional, seja no horizonte histórico, por um prisma mais crítico, que a humanize e lhe conceda um espaço de representação

mais autônomo, a fim de que essa ação decolonial¹ questione e supere o patriarcalismo e o equívoco de se pensar que a participação da mulher na história foi efêmera.

De modo convergente, estudos que se aproximam da presente temática estendem-se ao universo feminista e promovem profícuas contribuições. Contudo, pelo recorte teórico e metodológico, nosso escopo não possui alcance para suscitar estudos feministas acerca de Manuela Sáenz de modo aprofundado. Os dois campos – ficção histórica e estudos feministas – embora possam ser consonantes, exigem referenciais teóricos distintos que uma escrita doutoral não poderia abarcar, quando seu objetivo concentra-se na análise comparativa de um *corpus* como o que aqui delimitamos.

No que tange ao estudo das narrativas híbridas de história e ficção produzidas acerca da referida personalidade histórica, verificamos que os escritores do século XXI estruturam seus romances a partir de duas escolhas possíveis: corroboração ou refutação do passado delineado por meio de uma orientação historiográfica tradicional, rankeana, portanto. Nesse sentido, a contemporaneidade oferece ao leitor as mais distintas perspectivas sobre o passado, contribuindo, desse modo, à pluralização das possibilidades de apreensão dos fatos históricos.

Entre os recursos disponíveis para delimitarmos esta escrita doutoral, contamos com a pesquisa realizada por Heather R. Hennes (2005), denominada *The Spaces of a Free Spirit: Manuela Sáenz in Literature and film*². Sua análise forneceu-nos um panorama de produção historiográfica e literária que será nosso ponto de partida para a listagem das obras romanescas sobre Manuela Sáenz, que compartilhamos com o público brasileiro, mormente.

No entanto, como a pesquisa de Hennes foi realizada até o ano de 2005, cabe-nos, aqui, oferecer uma nova contribuição e aporte para o estado da arte com

¹ Abordamos o termo “decolonial” em subseções seguintes. Contudo, de modo a estabelecer uma compreensão geral acerca do vocábulo, utilizamos um excerto de Walter D. Mignolo (2000), da obra *Local Histories/Global designs*, em que o pesquisador apresenta os conhecimentos que os pensadores decoloniais buscam. Na versão traduzida por nós, temos que: “Nós queremos conhecimentos que contribuam com a eliminação da colonialidade e aprimorem as condições de vida no planeta. Por exemplo: uma preocupação hegemônica é a de lutar contra a pobreza. Pesquisas são feitas para ajudar a decidir como a pobreza pode ser reduzida. Mas não há pesquisas feitas para explicar o porquê de haver pobreza no mundo. O conhecimento decolonial objetiva revelar as “causas” da pobreza, ao invés de aceitá-la e produzir conhecimento para reduzir sua extensão.” (MIGNOLO, [2000] 2012, p. 8).

² Nossa tradução livre: Os espaços de um espírito livre: Manuela Sáenz na literatura e na filmografia.

a finalidade de, em um primeiro momento, dar visibilidade às escritas ficcionais americanas sobre Manuela Sáenz nas pesquisas literárias brasileiras, além de tornar a análise de romances históricos acerca de sua trajetória de vida mais didatizados. Tal intuito e ação, por nós efetivados neste texto, fornece aos leitores desse gênero uma análise comparativa que amplia as perspectivas ideológicas inerentes às distintas fases da escrita híbrida de história e ficção.

Com relação à literatura, motivação primeira deste estudo, é fundamental que atentemos para a sua relevância com relação ao desenvolvimento de uma criticidade atuante que contribui para o melhor entendimento de nós mesmos como sujeitos históricos. Nesse sentido, Aínsa (1997), escritor e crítico literário hispano-uruguaio, discute, de forma clara, sobre o papel da literatura à dimensão humana na construção do saber, afirmando que

[...] los poetas mienten, es cierto – repite Horacio – aunque sospecha un posible fin didáctico en la mentira poética. La poesía, nos dice, ilustra la máxima “ilustrar y deleitar” (prodesse et delectare). A partir de ese momento, se admite que la “mentira” literaria pueda también cumplir una misión, “ilustración” en la que se reconoce del acontecimiento histórico, su posible metáfora, su síntesis paradigmática, su moraleja³. (AÍNSA, 1997, p. 111).

Ao compreendermos, portanto, a missão da literatura, a sua capacidade de elucidar e satisfazer a curiosidade, a fantasia e a imaginação humana por meio da escrita, ainda que tais construções discursivas não estejam vinculadas a um desfecho feliz ou a uma faceta que inclua os signos linguísticos do belo e do honroso, compreendemos a arte literária como um recurso fundamental para preencher lacunas a respeito de nossa história. Isso se dá em termos de participação política e civil não apenas de alguns seletos homens, mas, também, de um grande contingente de sujeitos alijados dos holofotes da heroificação e mitificação empreendida pelo discurso histórico tradicional.

Entre o último grupo de sujeitos estão, sem dúvidas, muitas mulheres que vivenciaram os eventos históricos de forma tão intensa quanto o fizeram os heróis consagrados no discurso historiográfico. Nesse sentido, a trajetória do romance

³ Nossa tradução livre: Os poetas mentem, é verdade – repete Horácio – embora suspeite de uma possível finalidade didática na mentira poética. Poesia, diz ele, ilustra a máxima “iluminar e deleitar” (*prodesse et delectare*). A partir desse momento, admite-se que a “mentira” literária também pode cumprir uma missão, uma “ilustração” em que se reconheça o acontecimento histórico, a sua metáfora possível, a sua síntese paradigmática, a sua moral. (AÍNSA, 1997, p. 111).

histórico, na América Latina, revela, entre outros aspectos diferenciais daquele europeu, as suas fases de confluência com os pressupostos da colonialidade – em suas primeiras manifestações acríticas –, os enfrentamentos radicais da descolonização – em sua fase crítica/desconstrucionista – bem como o cultivo do pensamento decolonial – em sua fase crítica/mediadora mais recente (FLECK, 2017).

Somos conduzidos, dessa forma, pela arte que se constitui da linguagem artisticamente manipulada em suas polissêmicas possibilidades por discursos que se entrecruzam o tempo todo, tornando o desígnio de veracidade, sobretudo aquele arraigado à perspectiva positivista⁴ da história oficial, cada vez mais discutível e evidente de reformulações. O poder da palavra literária instaura a dúvida e as múltiplas possibilidades onde o assertivo e o verídico tradicional deram a conhecer, na América, apenas uma perspectiva do passado: aquela aceita, manipulada e autorizada por quem exercia o domínio e representava o vencedor, ou seja, ao discurso de ordem colonial.

Nesse sentido, diante da compreensão de que a literatura tem um papel indissociável na formação e na evolução humana, uma vez que, como aponta Antonio Candido (1988), em seu ensaio sobre o direito à literatura, ela é um bem indispensável, torna-se basilar pensarmos sobre a necessidade de garantir ao sujeito, em qualquer fase de sua vida, o direito à efabulação vinculado ao acesso às obras literárias de todas as naturezas, incluindo as já consagradas pelo público receptor tradicional. De acordo com o referido teórico,

[...] a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural, a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. (CANDIDO, 1998, p. 193).

⁴ Em linhas gerais, podemos definir o positivismo como um paradigma sociológico, filosófico e, também, historiográfico, que se apoia em três pilares: 1) A busca por leis gerais que regem as sociedades humanas; 2) Uma relação de proximidade entre as Ciências Naturais e as Ciências Humanas; 3) O compromisso com a indispensável neutralidade do cientista.

Foi pelo poder da arte que se instauraram, na América Latina, em meados do século XX, projetos estéticos voltados às escritas híbridas de história e ficção – oriundas da tradição romântica europeia – saturados de ações de enfrentamento com o discurso colonialista. Essa essência crítica do discurso romanesco latino-americano alterou a ordem vigente no discurso comum às escritas de romances históricos scottianos e tradicionais – modalidades acríticas primeiras (FLECK, 2017). Isso deu passo, além do projeto de descolonização política anterior, também aos necessários atos de descolonização cultural, imaginativa, social e identitária da América Latina. Essas produções híbridas de história e ficção críticas, segundo destaca Fleck (2017), contam, hoje, com três distintas modalidades de romance histórico: o novo romance histórico latino-americano, a metaficção historiográfica (referentes à segunda fase do gênero) e o romance histórico contemporâneo de mediação (constituente da terceira fase da trajetória do gênero).

As aludidas modalidades críticas de romances históricos convivem, hodiernamente, com a modalidade tradicional, possibilitando ao leitor de nossos dias acessar tanto um discurso romanesco tradicional – com forte tendência ideológica colonialista na América – quanto outros críticos/desconstrucionistas – fortemente vinculados à descolonização das mentes e do imaginário americano – e, ainda, a obras de cunho crítico-mediador – no qual as premissas decoloniais são amplamente difundidas para o seguimento, necessário ainda, da descolonização da mente, do pensamento e das práticas colonialistas ainda resistentes em muitos setores das sociedades americanas.

Assim, o ponto nodal de toda esta pesquisa consiste na convicção do potencial humanizador da arte literária que oferece, a quem entra em contato com ela, oportunidades de reflexão sobre sua existência e atuação no contexto histórico em que se está inserido. Temos, aqui, o romance histórico como especificidade de análise, um gênero romanesco diretamente relacionado aos prismas sob os quais compreendemos o percurso de nossas civilizações.

Nesse contexto, buscamos vincular-nos, entre outras áreas que tratam das relações entre história e ficção, aos estudos do gênero híbrido romance histórico a partir de uma sistematização dessa escrita romanesca híbrida de história e ficção em fases e modalidades – proposta por Fleck (2017) – que busca didatizar a leitura desses textos e os compreender a partir da motivação que os levou a serem produzidos: a intencionalidade de corroborar, refutar ou mediar o discurso oficial por

meio da escrita literária. A essas ideologias presentes nas diferentes modalidades de romance histórico, estabelecidas por Fleck (2017) e discutidas na segunda seção desta tese, associamos os conceitos de colonialidade, descolonização e decolonialidade, a partir dos pressupostos teóricos de Mignolo (2008, 2009, 2017), que marcam, também, a trajetória das escritas sobre Manuela Sáenz.

Outro elemento presente em nossas ações consiste na valorização de teorias literárias latino-americanas, principalmente, de modo a subsidiarem a análise e o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que a *persona* em foco e o *corpus* do estudo estão inseridos na América. Logo, é salutar que nosso aporte teórico esteja vinculado aos estudos também do continente americano que o compreende sob suas diferentes especificidades.

Ao focalizarmos o presente estudo em distintas representações literárias de Manuela Sáenz temos, também, como fio condutor o discurso historiográfico oficializado, de cunho positivista, que a insere nos anais da história devido a sua vinculação com Simón Bolívar (1783 – 1830)⁵. No entanto, é basilar apontarmos e destacarmos as suas atividades políticas e diplomáticas também durante os anos anteriores ao encontro com o general e os posteriores à morte dele. Manuela Sáenz, redescoberta no século XX e XXI por historiadores, biógrafos e romancistas, é uma personalidade complexa e de grande envolvimento em combates independentistas de seu tempo, traço que independe de seu relacionamento com Bolívar.

Isso posto, fica claro que nossa pesquisa tem como enfoque uma revisão bibliográfica e documental, porquanto busca, por meio da análise da tessitura romanesca e das escritas biográficas, principalmente, conciliar relevantes argumentos teóricos no intuito de poder contribuir com os estudos voltados à ficção histórica. Estabelecemos, portanto, os questionamentos propulsores de nossas inquietações frente à temática em estudo: como diferentes escritores, em diferentes línguas e culturas, têm revisitado a história de Manuela Sáenz nos séculos XX e XXI? Que sentidos essas produções contemporâneas revelam sobre as vivências dessa mulher que acompanhou ativamente e participou de muitos dos empreendimentos independentistas da América?

Para o desenvolvimento deste estudo, algumas produções são fundamentais. No campo da historiografia, optamos por apresentar ao público leitor brasileiro um

⁵ É de amplo conhecimento das comunidades hispano-americanas a atuação de Simón Bolívar nas guerras independentistas do século XIX, sobretudo na região andina.

quadro com as biografias que tivemos acesso da personagem. Nesse contexto, nosso olhar volta-se às biografias de Manuela Sáenz com destaque especial a três delas: *Manuela Sáenz La Libertadora del Libertador* ([1944] 1978), escrita por Alfonso Rumazo González; *The Four Seasons of Manuela: The Love Story of Manuela Sáenz and Simón Bolívar* ([1952] 1966), escrita por Victor Wolfgang Von Hagen; e *For Glory and Bolívar: the remarkable life of Manuela Sáenz* (2008), elaborada por Pamela S. Murray. Tais produções, frutos de distintas épocas, evocam e atualizam perspectivas dessa personagem equatoriana.

Os teóricos que alicerçam a verificação da história como discurso e suas constantes vinculações possíveis com a perspectiva ficcional são: Hayden White ([1973] 2008), a partir dos estudos acerca da meta-história; Jacques Le Goff (1978), por meio dos pressupostos de *A História Nova*; Linda Hutcheon (1991), em sua *Poética do pós-modernismo*; Márquez Rodríguez (1991), em sua delineação do romance histórico scottiano; Peter Burke (1991), em “A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa”; Fernando Aínsa (1991) e Seymour Menton (1993), ao teorizarem sobre o novo romance histórico latino-americano; Heloisa Costa Milton (1992), ao abordar os retratos literários de Cristóvão Colombo; Celia Fernández Prieto (2003), em discussões acerca da história e do romance; Gilmei F. Fleck (2017), segundo a análise e esquematização do gênero romance histórico com a proposição de uma fase crítica/mediadora dessa narrativa híbrida. Em outra via, o *corpus* literário de análise conta, especificamente, com duas narrativas que têm como protagonista a personagem de extração histórica⁶ Manuela Sáenz, sendo elas: *Manuela* ([1991] 2000), escrita por Luís Zúñiga e *La Gloria eres tú* ([2004]), de Silvia Miguens.

A escolha dessas duas obras justifica-se pelo nosso interesse em verificar como um autor equatoriano e uma argentina, latino-americanos, portanto, abordam o passado de uma personagem de grande representação para a América Hispânica, em tessituras híbridas de história e ficção. Nesse critério adotado, contemplamos

⁶ O termo “personagem de extração histórica” é uma derivação das proposições de Trouché (2006), empregada pelos membros do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, advindo da expressão “narrativas de extração histórica”, que o autor aplica aos textos que nós chamamos, aqui, de “híbridos de história e ficção”. Dessa expressão de Trouche (2006) – “narrativas de extração histórica” – derivamos o termo “personagens de extração histórica”, empregado com relação às personagens oriundas do espaço historiográfico que são resignificadas na ficção, para diferenciá-las daquelas que são puramente ficcionais.

várias das premissas dos estudos comparativistas contemporâneos na América Latina, aliadas às perspectivas de Aínsa (1991), Menton (1993), Márquez Rodríguez (1996), Fleck (2011; 2017), entre outros, somados, ainda, às contribuições da espanhola Fernández Prieto (2003).

Outro método utilizado na seleção do material literário mais específico de nosso estudo diz respeito ao ano de publicação das obras, uma vez que o foco de nossa pesquisa centra-se, com mais ênfase, nas produções da contemporaneidade. Entretanto, para entendê-las, julgamos importante que se conheça a trajetória das produções romanescas, de modo a compreender as estratégias escriturais de cada autor, como já mencionamos anteriormente.

Ao atentarmos ao potencial humanizador, descolonizador e decolonial da arte literária e, no caso específico das escritas híbridas de história e ficção, a sua possibilidade como via de descolonização para o sujeito latino-americano estamos seguros de que o estudo atende às proposições da Linha de Pesquisa “Linguagem literária e estudos comparados” do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL – da Unioeste/Cascavel-PR bem como aos objetivos do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, em cujo âmbito ela também se insere.

Dessa forma, a primeira seção denominada “Construções histórico-sociais: Manuela Sáenz no contexto independentista Latino-Americano” corresponde a uma apresentação de cunho histórico acerca de Sáenz com base em textos biográficos e análises advindas dos estudos da história e da sociologia. A primeira subseção – “Cronologia Histórica” – organiza os principais acontecimentos referentes à personalidade quitenha, a fim de que possamos, em um primeiro momento, acessar os aspectos mais relevantes de sua trajetória. A segunda subseção – “Aspectos biográficos: vivências narrativizadas” – aborda Sáenz por meio dos supracitados textos biográficos. Nosso interesse, nesse primeiro momento, focaliza-se no cotejamento de textos de cunho histórico, de modo a compreender os recursos escriturais e as ideologias presentes nos discursos dos historiadores. A terceira subseção – “Dimensões históricas e sociológicas: o alcance de uma vida” – analisa produções histórico-sociológicas, publicadas na América, em um contexto, majoritariamente, acadêmico acerca do papel político e diplomático de Manuela Sáenz na América Hispânica frente às guerras independentistas. Refletimos,

portanto, acerca de uma redefinição dessa personalidade estabelecida por estudiosas no século XXI, que abordam sua história por um viés revisionista pautado, principalmente, em análises de sua participação política na América Hispânica do século XIX.

Esse aporte teórico, reunido na primeira seção de nossa tese, fornecerá o embasamento necessário para que, ao avançarmos para o território da escrita literária, possamos compreender as orientações de cada narrativa. Este é o caminho de Manuela Sáenz: a história e a literatura. Hoje, inseridos no século XXI, é improfícuo pensar em sua representatividade apenas por um prisma. As escritas intercalam-se e se fundem constantemente.

A segunda seção, denominada “Manuela Sáenz: extensões literárias – imagens simbólicas que contrastam”, abarca os principais romances que ficcionalizam essa personalidade histórica na América, atentando para uma catalogação do que foi produzido sobre a referida personalidade histórica no continente. A primeira subseção – “A renarrativização do passado pelo romance histórico tradicional” – corresponde a uma apresentação da evolução do gênero romanesco, além de, mais especificamente, abordar o romance histórico em suas manifestações acríicas. A segunda subseção – “Sáenz à sombra de Bolívar – Uma renarrativização histórica em *Manuela: Una novela sobre la vida de Manuelita Sáenz* (1991), de Luis Zúñiga” consiste na leitura e análise da referida obra a partir dos pressupostos teóricos de Fleck (2017), principalmente. Com relação à terceira subseção, denominada “O novo romance histórico latino-americano – uma efetiva releitura crítica do discurso historiográfico”, abordamos uma apresentação desse gênero desconstrucionista e a relevância dessa escrita no espaço da América Latina. A quarta subseção, denominada “O romance histórico contemporâneo de mediação: releituras atuais da história pela ficção”, diz respeito a uma análise atenta acerca desse gênero que promove um discurso literário menos experimentalista e desconstrucionista, mas crítico e questionador do passado histórico. A quinta subseção – “Escritas híbridas mediadoras – *La Gloria eres Tú: La vida y las vidas de Simón Bolívar y Manuela Sáenz* ([2004) 2019), de Silvia Miguens” – volta-se à análise da obra literária por meio da teoria crítica de Fleck (2017) no que concerne à possibilidade mediadora do romance histórico. Por fim, a sexta subseção – “Manuela Sáenz: histórias refletidas” – promove uma análise comparativa entre os dois romances anteriormente apresentados no que tange à forma como ambos

manipulam o material histórico de modo a construir sua composição ficcional. Além disso, a última subseção discute o percurso colonial da protagonista, cujo caminho é traçado em um período de descolonização efetiva do espaço hispano-americano.

Imperioso, portanto, ressaltar a evidente urgência à apresentação dessa personalidade para o contexto brasileiro como forma de nos aproximarmos da América Hispânica por meio de uma personalidade diplomática, política e de indiscutível relevância para o continente, uma vez que protagonizou eventos históricos no processo de independência da América Hispânica. Desse modo, nossa tese revela sua importância social ao evidenciar o passado histórico de uma das personagens mais relevantes do processo de independência da América Hispânica à população brasileira. Desejamos, assim, contribuir não só com os estudos acadêmicos sobre a personagem Manuela Sáenz, mas com a sociedade em si, ao revelar que novos olhares, descolonizados e despatriarcalizados, podem ser já, no século XXI, lançados sobre o passado das mulheres que lutaram, junto com os homens, pela independência das terras latino-americanas do primeiro colonialismo europeu na América.

1 CONSTRUÇÕES HISTÓRICO-SOCIAIS: MANUELA SÁENZ NO CONTEXTO INDEPENDENTISTA LATINO-AMERICANO

*My country is all of the Americas.
I was born under the equatorial line*⁷.
(VON HAGEN, 1966, p. 20).

Nesta primeira seção de nosso estudo, voltamo-nos à apresentação da personalidade equatoriana, protagonista de nossa pesquisa, Manuela Sáenz de Vergara y Aizpuru também conhecida por “*Manuela Sáenz Thorne*” “*Manuelita*” ou “*La Libertadora del Libertador*”, “*La Generala*”, “*La Coronela*” e “*La insepulta de Paita*”⁸. Essa mulher tem sua vida retratada pela historiografia e pela ficção dos séculos XIX, XX e XXI em um contexto interamericano. Sua trajetória vincula-se a um projeto político de independência das colônias hispano-americanas do domínio espanhol sob o comando de Simón Bolívar (1783 – 1830)⁹, com quem viveu um complexo relacionamento.

Para avançarmos na análise literária de sua representação à América, é salutar compreendermos como a historiografia aborda sua vida. Dessa forma, ao investigarmos as biografias existentes sobre Manuela Sáenz, acessamos obras que perfilam sua vivência em um primeiro plano, ou seja, descartamos, nesse recorte, as biografias de Simón Bolívar, com o intento de evidenciar seu protagonismo em toda a nossa pesquisa. Assim, os textos biográficos acerca de Sáenz são:

QUADRO II: MANUELA SÁENZ (1795 – 1856): BIOGRAFIAS

	TÍTULO	AUTOR/COMPILADOR	ANO	PAÍS
1.	<i>Tradiciones Peruanas</i>	Ricardo Palma	1863	Peru
2.	<i>Memorias</i>	Jean Baptiste de Boussingault	1892	Colômbia
3.	<i>Manuela Sáenz, La Libertadora del Libertador</i>	Alfonso Rumazo González	1944	Venezuela
4.	<i>La vida ardiente de Manuela Sáenz</i>	Alberto Miramon	1946	Colômbia
5.	<i>The Four Seasons of Manuela: A Biography – The Love Story of Manuela Sáenz and Simón Bolívar</i>	Victor Wolfgang Von Hagen	1952	Estados Unidos
6.	<i>La caballeresa del sol, el gran amor de Bolívar</i>	Demetrio Aguilera-Malta	1964	Espanha

⁷ Nossa tradução livre: Meu país é a reunião de todas as Américas. Eu nasci abaixo da Linha do Equador.

⁸ Esse é o nome dado à elegia escrita por Pablo Neruda, em 1972, à Manuela Sáenz.

⁹ Seu nome completo era Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar y Palacios Ponte-Andrade y Blanco.

7.	<i>La mujer providencia de Bolívar</i>	Humberto Mata	1972	Equador
8.	<i>Manuela Sáenz, el último amor de Bolívar</i>	Mercedes Ballesteros	1976	Espanha
9.	<i>La mujer en la vida del libertador</i>	Blanca Gaitán de París	1980	Colômbia
10.	<i>En defensa de Manuela Sáenz, la libertadora del libertador</i>	Arturo Valero Martínez	1988	Equador
11.	<i>Carta de Manuela Sáenz a su porno detractor</i>	José Rivas	1990	Venezuela
12.	Manuela, mujer republicana	Ligia Elena Rojas	1994	Venezuela
13.	<i>Manuelita Sáenz. Mujer de América</i>	Antonio Cagua Prada	2002	Colômbia
14.	<i>Manuela Sáenz, Coronela de los Ejércitos de la Patria Grande</i>	Yolanda Añazco	2005	Equador
15.	<i>Los diarios perdidos de Manuela Sáenz y otros papeles</i>	Carlos Álvarez Saá	2005	Colômbia
16.	<i>For Glory and Bolívar: the remarkable life of Manuela Sáenz</i>	Pamela S. Murray	2008	Estados Unidos
17.	<i>Manuela Sáenz Generala de América</i>	Antonio Cagua Prada	2012	Colômbia

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Primeiramente, é possível depreender, a partir do Quadro II, acima exposto, que as biografias sobre Manuela Sáenz foram escritas em três séculos diferentes, confirmando o caráter atual de sua relevância à América. Destacamos que as produções do século XIX – *Tradiciones Peruanas* e *Memórias* – dedicam-se a narrar sua trajetória apenas em um capítulo dessas obras, não sendo, portanto, biografias completas dedicadas, especificamente, à Sáenz.

Com relação às nacionalidades, o Quadro II evidencia o interesse hispano-americano pela figura de Sáenz a partir de biografias escritas no Peru, na Colômbia, na Venezuela e no Equador. Vale ressaltar que a relação de Manuela com esses países é direta, uma vez que ela viveu os últimos anos de sua vida no Peru. Contudo, durante os anos de lutas independentistas, sua presença na Colômbia e na Venezuela foi, decididamente, marcante, por razão de seu relacionamento com Bolívar. Sua ligação com o Equador, por sua vez, dá-se pelo seu nascimento em Quito, em 1795.

Entretanto, fora das fronteiras hispano-americanas, temos ainda biografias escritas nos Estados Unidos e na Espanha. Foi Victor W. Von Hagen (1908 – 1985) que, em 1952, insere Manuela Sáenz aos escritos em língua inglesa e, curiosamente, uma das últimas biografias escritas sobre a referida personalidade fica, também, circunscrita ao espaço estadunidense.

Com relação à sua aparição no cenário europeu, ela ocorreu no século XX e, como podemos depreender dos títulos, Manuela Sáenz tem sua imagem aliada à de Simón Bolívar (*La caballera del sol, el gran amor de Bolívar; Manuela Sáenz, el*

último amor de Bolívar). É válido ressaltar, ainda, que a única escrita europeia, de fato, consiste na biografia de Mercedes Ballesteros, escritora espanhola. Demetrio Aguilera-Malta, por sua vez, era equatoriano, utilizando apenas o campo de enunciação europeu.

No que tange à autoria dos referidos textos biográficos, não nos passa despercebido o fato de que apenas um terço dos autores são mulheres. Assim, a maioria dos textos que chegam até o leitor contemporâneo e que protagonizam a personalidade quitenha foi, em sua origem, fruto de uma visão masculina que corroboraria, em grande medida, a necessidade de associar Sáenz a Bolívar em uma posição de dependência, como se a sua importância estivesse atrelada ao relacionamento com Simón. Contudo, novos contornos e rerepresentações de Manuela Sáenz, agora por um olhar feminino, destacam-se a partir da década de 70, do século XX, evidenciando a necessidade de revisitar o discurso histórico a fim de ressignificá-lo.

A professora venezuelana María Fernanda Lander (2016), em sua discussão sobre biografias escritas por sujeitos estrangeiros¹⁰, analisa o primeiro texto biográfico de Manuela Sáenz no território estadunidense – *The Four Seasons of Manuela* – e apresenta pertinentes perspectivas sobre o texto de 1952 e o seu autor. Em linhas gerais, a pesquisadora aponta que a biografia de Von Hagen foi prontamente traduzida para o espanhol, ao passo que os textos em espanhol, principalmente a biografia de Alfonso Rumazo González (1944), jamais contaram com uma tradução para o inglês. Dessa forma, Lander afirma que

*[...] dada esta realidad, no se puede esperar entonces que en la formación del imaginario histórico la mirada del biógrafo extranjero no haya tenido un lugar importante. Esa mirada, en teoría objetiva por la distancia cultural, indudablemente ha contribuido a la modelación y representación de los personajes latinoamericanos tanto para el público que comparte la lengua del autor como para el que lee su texto traducido*¹¹. (LANDER, 2016, on-line).

¹⁰ LANDER, María. F. *Sujeto nacional y biógrafo extranjero: la primera biografía en inglés sobre Manuela Sáenz*. Esse estudo está disponível em: <https://www.thefreelibrary.com/Sujeto+nacional+y+biografo+extranjero%3A+la+primera+biografia+en+ingles...-a0452882355> Acesso em: 31 jan. 2021.

¹¹ Nossa tradução livre: Diante dessa realidade, não se pode esperar que o olhar do biógrafo estrangeiro não tenha tido um lugar importante na formação do imaginário histórico. Esse olhar, em teoria objetiva – devido ao distanciamento cultural –, sem dúvida, contribuiu para a modelagem e a representação de personagens latino-americanos, tanto para o público que compartilha a língua do autor quanto para quem lê seu texto traduzido. (LANDER, 2016, on-line).

Nesse sentido, delinear uma personalidade histórica requer cautela, uma vez que cada biógrafo possui um repertório distinto e inclinações específicas. Verificamos, portanto, que o público estadunidense conta com apenas dois textos biográficos acerca de Manuela Sáenz escritos por pesquisadores do mesmo campo enunciativo, diferentemente dos leitores hispano-americanos. É sobre esse olhar que pautamos nossa pesquisa, ao verificarmos quais são os arranjos organizados pelas produções estadunidenses na apresentação da personalidade equatoriana em comparação com as proposições em língua espanhola.

Uma análise rigorosa sobre as biografias de Manuela Sáenz é realizada por Cardoso (2020) e alguns resultados estão expressos em seu artigo intitulado “As biografias de Manuela Sáenz: um embate de memórias, vozes e discursos¹²”. Nessa pesquisa, temos acesso às distintas proposições biográficas sobre Sáenz além de um perfilamento das obras que destacam a atuação política dessa personalidade quitenha. A pesquisadora expõe que

[...] mover-se pela biografia de Sáenz exige o estabelecimento de critérios, a fim de discernir o que realmente se deseja destacar a respeito dessa personagem. Manuelita transita entre história e ficção, mito e reivindicação política, razão para o desabafo de Márquez. Amante, ninfomaníaca, adúltera, filha de origem espúria, guerrilheira, revolucionária, exilada. Não faltaram adjetivos para apresentá-la. Houve, também, quem quisesse ignorar a sua existência. (CARDOSO, 2020, p. 4). (interessante a qualificação outorgada)

Nesse sentido, entre as distintas atribuições recebidas por meio dos espaços enunciativos históricos e literários, nossa tarefa aqui, ao cotejar biografias e romances, é o de nos livrarmos de delimitações prévias, a fim de ver em sua atuação política um caminho para discutirmos ações decoloniais em tempos hodiernos. Isso não implica refutar estudos anteriores, mas lê-los sob os possíveis parâmetros descolonizadores, que orientam nossas pesquisas e nas ações decoloniais que identificamos nos projetos escriturais que refutam as bases da colonialidade, como o patriarcalismo, o machismo, a visão eurocêntrica, a superioridade racial, entre tantos outros.

¹² Texto publicado na *Revista Digital*, do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-RS (<http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2020.1.35160>). Acesso em: 20 mar. 2022.

Desse modo, em nossa escrita acadêmica, que tem entre seus objetivos o intuito de elucidar ao leitor brasileiro, em especial, perspectivas sociais, políticas e diplomáticas dessa personagem de extração histórica, somos conduzidos, em um primeiro momento, por uma densa camada de textos que a vinculam a Bolívar apenas como uma amante, desconsiderando sua singular atuação social, política e diplomática na América Hispânica do século XIX. Tal perspectiva é, pois, de certo modo, caminho que inevitavelmente percorreremos quando buscamos outras que a ressignificam.

Permeados, assim, por textos laudatórios, críticos, históricos e literários, escrevemos e reescrevemos essa personalidade a fim de aproximá-la de nosso imaginário coletivo brasileiro, reduzindo distâncias que não são apenas geográficas, mas de resquícios colonialistas que perduram nas sociedades latino-americanas e que já não têm mais razão de permanência no século XXI, quando a descolonização do pensamento latino-americano, auxiliada, de forma especial, pelos estudos sobre a decolonialidade, segue em curso. Nessa esteira é que trilhamos nossa abordagem ao material aqui reunido e, dessa maneira, intencionamos trazer à luz imagens que extrapolem as poucas elucidações sobre Manuela Sáenz em nossa sociedade.

No que tange aos conceitos de colonialidade, descolonização e decolonialidade, é salutar que aprofundemos nosso olhar aos referidos termos, a fim de estabelecermos vinculações entre tais teorias, de origem latino-americana, e às do romance histórico, muitas delas também geradas em estudos acadêmicos em países da América Latina. Essa abordagem acontece com maior acuidade na segunda seção, uma vez que atentamos para os caminhos possíveis para a descolonização do pensamento e do imaginário por meio da escrita literária histórica. Contudo, de modo a relacionarmos as premissas descolonizadoras às análises das biografias de Manuela Sáenz, uma breve introdução faz-se necessária.

Assim, de acordo com Mignolo ([2011] 2017), em seu texto intitulado “COLONIALIDADE: o lado mais escuro da modernidade”, lemos que

[...] a “colonialidade” é um conceito que foi introduzido pelo sociólogo peruano Anibal Quijano, no final dos anos 1980 e no início dos anos 1990, que eu elaborei em *Histórias locais/projetos globais* e em outras publicações posteriores. Desde então, a colonialidade foi concebida e explorada por mim como o lado mais escuro da modernidade. (MIGNOLO, 2017, p. 2).

O termo cunhado, então, por Quijano e desenvolvido por Mignolo, líder do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C)¹³, diz respeito a uma condição em que a América do Sul e o Caribe estão inseridos por terem sofrido longos processos de colonização estrangeira a partir do século XVI, momento em que a Europa vive o apogeu do Renascentismo e das “conquistas” do “Novo Mundo”¹⁴.

Dessa forma, ao refletirmos sobre a colonialidade, repensamos não apenas o processo de dominação política e econômica da terra e dos homens inseridos nesse espaço “recém-descoberto”, mas, também, de toda a herança ideológica, moral, religiosa, artística e política, pelas quais buscamos o desamarração desses nós. Castro-Gómez e Grosfoguel (2007) expõem a necessidade de uma ação decolonial que suplante as matrizes coloniais de poder que ainda estão em voga no território sul-americano.

De ahí que una implicación fundamental de la noción de ‘colonialidad del poder’ es que el mundo no ha sido completamente descolonizado. La primera descolonización (iniciada en el siglo XIX por las colonias españolas y seguida en el XX por las colonias inglesas y francesas) fue incompleta, ya que se limitó a la independencia jurídico-política de las periferias. En cambio, la segunda descolonización – a la cual nosotros aludimos con la categoría decolonialidad – tendrá que dirigirse a la heterarquía de las múltiples relaciones raciales, étnicas, sexuales, epistémicas, económicas y de género que la primera descolonización dejó intactas. Como resultado, el mundo de comienzos del siglo XXI necesita una decolonialidad que complemente la descolonización llevada a cabo en los siglos XIX y XX. Al contrario de esa descolonización, la decolonialidad es un proceso de resignificación a largo plazo, que no se puede reducir a un acontecimiento jurídico-político [...]’¹⁵.(CASTRO-GÓMEZ; GROSGOQUEL, 2007, p. 17).

¹³ O Grupo de Pesquisa “Modernidade/Colonialidade” formou-se no final dos anos de 1990 e é composto por intelectuais latino-americanos que estão presentes em distintas universidades das Américas.

¹⁴ A partir dos princípios epistemológicos adotados nesta pesquisa, é fundamental que atentemos ao fato de que a ideia de “conquistas” e de “Novo mundo” remete a uma visão eurocêntrica de dominação econômica, política e intelectual. Não há, portanto, em termos geográficos, um mundo novo, mas, sim, um espaço que era, até então, desconhecido por países como Espanha e Portugal, do qual estes se apropriam e que passa a ser explorado por eles, a fim de que tais reinos se consolidassem como potência. Por estarem tais termos vinculados ao colonialismo, eles são empregados por nós entre aspas, de forma a sinalizar ao leitor a nossa concepção sobre seu uso.

¹⁵ Nossa tradução livre: Portanto, uma implicação fundamental da noção de ‘colonialidade do poder’ é que o mundo não foi completamente descolonizado. A primeira descolonização (iniciada no século XIX pelas colônias espanholas e seguida, no século XX, pelas colônias inglesas e francesas) foi incompleta, pois se limitou à independência jurídico-política das periferias. Em vez disso, a segunda descolonização – à qual nos referimos como sendo a categoria de decolonialidade – terá que abordar a heterarquia de múltiplas relações raciais, étnicas, sexuais, epistêmicas, econômicas e de gênero que a primeira descolonização deixou intacta. Como resultado, o mundo do início do século XXI

Nesse sentido, é necessário estabelecer todo um processo de ressignificação desse movimento colonial que não se restrinja às ações políticas e econômicas, mas se volte a uma revisitação mais ampla que repense, até mesmo, a utilização de sintagmas como “descobrimento”, “conquistas”, “colonização” e toda uma ideologia que reforça a lógica do dominador, a qual, muitas vezes, é inerente à nossa própria existência. Só pela compreensão de que estamos inseridos em um contexto outrora colonizado e que tal processo deixa marcas e gera dependência, é que conseguiremos compreender as bases colonizadoras para nos libertarmos delas.

Como vias que nos levam ao desprendimento da condição colonial, os conceitos de descolonização e de decolonialidade apresentam-se como ações que refletem acerca de nossos vínculos coloniais e buscam a superação desses. Os movimentos independentistas do século XIX iniciaram, portanto, um movimento de descolonização do espaço, primeiramente, para, em seguida, tornarem-se política e economicamente independentes. A segunda, e ainda necessária, descolonização, é a das mentes, impregnadas por séculos com o discurso da colonialidade/modernidade, a do imaginário americano, aculturado pela presença de valores, crenças e imposições morais e religiosas alheias às culturas originárias, e da identidade latino-americana, cuja essência híbrida e mestiça foi negada durante séculos em prol do cultivo da unidade e da pureza impostas como vias de superioridade no imaginário coletivo.

As ações descoloniais, políticas e territoriais, não foram, assim, suficientes para que a América do Sul e o Caribe se tornassem campos autônomos de produção de conhecimento. Nesse sentido, a decolonialidade é uma ação mais tardia, dos séculos XX e XXI, que vem para alavancar a segunda necessária descolonização, que é essa do pensamento, que acima mencionamos. Assim, por meio de ações descoloniais enfrentamos a colonialidade e refutamos ideologias impostas pelo, então, colonizador, como o racismo, o patriarcalismo, a escravidão, o sexismo, a unidade e pureza, entre outros, e que, até a atualidade, reverberam nas relações sociais em nosso continente.

Vislumbramos, portanto, algumas vias à descolonização pelo conhecimento, pela formação leitora crítica, pela integração e pela revisão do passado latino-

precisa de uma decolonialidade para complementar a descolonização realizada nos séculos XIX e XX. Ao contrário dessa descolonização, a decolonialidade é um processo de ressignificação de longo prazo, que não pode ser reduzido a um acontecimento jurídico-político. (CASTRO-GÓMEZ; GROSFÓGUEL, 2007, p. 17).

americano inscrito na história a partir de uma perspectiva colonialista, patriarcal, hegemônica e eurocêntrica, também adotada, em suas primeiras fases, pelos historiadores de dentro do espaço colonizado, como mais adiante evidenciamos. Desse modo, os projetos escriturais híbridos de história e ficção decoloniais dos narradores latino americanos, assim como os registros mais assertivos das biografias, tornam-se material profícuo e potencial para o processo de formação de leitores críticos, por meio de leituras descolonizadoras, que buscamos promover.

Nossa apresentação de Manuela Sáenz tem como base excertos advindos de três textos biográficos, escritos no contexto estadunidense e no equatoriano. A escolha por certas biografias, frente a uma possibilidade mais abrangente, justifica-se pela repercussão das produções. Alfonso Rumazo González (1903 – 2002) foi o primeiro autor a dedicar uma obra toda à Manuela Sáenz. Sua biografia torna-se leitura fundamental para quem estuda a vida da personalidade quitenha. Contudo, reitera-se que essa produção não conta com versões em outras línguas, limitando, assim, o alcance das proposições do estudioso.

O outro texto-base para cotejamento é o de Victor Wolfgang Von Hagen (1908 – 1985), que apresenta, para o público estadunidense, uma biografia de Sáenz por meio de um prisma estrangeiro que, por sua vez, recebe tradução para o português e, para o espanhol, de forma a ampliar sua visibilidade até para o cenário latino-americano, apesar de, como afirma a historiadora Rosana Cardoso (2020), faltar ao texto um rigor investigativo.

Por fim, não há como abordarmos a experiência empírica de Manuela Sáenz sem a profícua contribuição de Pamela S. Murray, professora de história na University of Alabama at Birmingham, que atualiza, criticamente, a versão histórica de Manuela Sáenz. Segundo Murray (2008), na apresentação da referida pesquisa,

[...] she was a friend, lover, and confidante of charismatic Spanish American independence hero Simón Bolívar and, after her death, a nationalist icon in her own right. Yet authors generally have chosen either to romanticize Manuela Sáenz or to discount her altogether. For Glory and Bolivar: The Remarkable of Life of Manuela Sáenz, by contrast, offers a comprehensive and clear-eyed biography of her. Based on unprecedented archival research, it paints a vivid portrait of the Quito-born “Libertadora,” revealing both an exceptional figure and a flesh-and-blood person whose life broadly reflected the experiences of

*women during Spanish America's turbulent Age of Revolution*¹⁶.
(MURRAY, 2008, n.p.)¹⁷.

Desse modo, ao retratar Sáenz a partir de uma perspectiva de menor exaltação, mas de evidente destaque à sua representatividade na América Hispânica, Murray (2008) proporciona ao seu leitor uma aproximação mais humanizada da protagonista com o sujeito do século XXI. Tal prática acerca de uma mulher latino-americana, companheira de um dos mais conhecidos líderes das lutas independentistas, configura-se em uma ação decolonial, uma vez que busca ressignificar o registro histórico a partir de uma orientação crítica e não mais idealizada.

Neste estudo, nosso objetivo consiste em um cotejamento das informações contidas em suas biografias, além de trazer ao conhecimento do leitor brasileiro alguns momentos relevantes das vivências dessa personalidade histórica que despertaram a atenção de seus biógrafos. O aludido procedimento será, também, apoio para que a leitura dos romances históricos, pertencentes ao *corpus* da pesquisa, estudados na seguinte seção, seja abordada com um conhecimento basilar devidamente pré-estabelecido.

Somado aos textos biográficos, atentamos para uma análise da representatividade dessa personalidade no território americano, mormente no espaço acadêmico. Para tanto, artigos do campo da história e da sociologia, que revelam seu caráter político e diplomático, são analisados na segunda subseção, a fim de expormos, com maior propriedade, sua importância política para o século XIX. Assim, pesquisadoras como Taxin (1999), Chambers (2001), Quintero (2001), Murray (2006), Londoño López (2008), Vilalta (2012), Grillo (2015), Oliveira e Martins (2016), Cardoso (2020), entre outras, direcionam seus estudos à verificação da atuação crítica de Manuela no contexto hispano-independentista.

¹⁶ Nossa tradução livre: Ela era amiga, amante e confidente do carismático herói da independência hispano-americana, Simón Bolívar, e, após sua morte, um ícone nacionalista por direito próprio. No entanto, os autores, geralmente, optam por romantizar Manuela Sáenz ou descartá-la completamente. *Para Glória e Bolívar: a notável da vida de Manuela Sáenz*, por outro lado, oferece uma biografia abrangente e clara sobre ela. Com base em pesquisas de arquivos sem precedentes, ele pinta um retrato vívido da “Libertadora”, nascida em Quito, revelando uma figura excepcional e uma pessoa de carne e osso, cuja vida refletiu, amplamente, as experiências de mulheres durante a turbulenta Idade da Revolução na América espanhola. (MURRAY, 2008, n.p.).

¹⁷ MURRAY, Pamela S. *For Glory and Bolívar: The Remarkable Life of Manuela Saenz*. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Glory-Bol%C3%ADvar-Remarkable-Manuela-Saenz/dp/0292718292>. Acesso em: 20 nov. 2020.

As escolhas efetuadas para essa primeira seção contam com uma produção discursiva que já incorpora elementos críticos. Ressaltamos que as duas primeiras biografias, inseridas no século XX e com distanciamento menor do que um século da morte de Manuela, apresentam uma narrativa com maior reflexo colonial, mesmo já oferecendo ao seu campo de enunciação traços decoloniais ao lançarem luzes a uma mulher latino-americana, cuja presença histórica sofreu tentativas de apagamento no século XIX. Desse modo, Manuela Sáenz, por todas as veredas aqui propostas, ainda que em graus diferentes, é uma personalidade que já em sua vivência possui práticas que podemos considerar desde nosso olhar atual como decoloniais que convivem e se conflituam sob a densa camada da colonialidade.

Na sequência, adentramos ao passado histórico de modo a acessarmos aspectos da vida de Manuela Sáenz reunidos por alguns vieses distintos, que nos apontam para o caráter paradoxal de sua existência e nos aproximam das possibilidades de imaginarmos as múltiplas facetas das vivências dessa mulher nascida ainda no final do século XVIII, cuja vida ressoa por toda a primeira metade do século XIX. Para isso, nada melhor do que nos aproximarmos de sua trajetória cronológica, como a seguir procedemos, a fim de sermos apresentados e apresentadas a uma mulher circunscrita pela história hispano-americana e revisitada hodiernamente.

1.1 CRONOLOGIA HISTÓRICA DE MANUELA SÁENZ: O TRÂNSITO ENTRE O COLONIALISMO E A DESCOLONIZAÇÃO

Apresentamos, nesta subseção, algumas das experiências marcantes acerca da personagem em estudo. Os dados apontados foram coletados dos materiais consultados com respeito à trajetória dessa mulher que suportou períodos conturbados de lutas e enfrentamentos, traições e decepções. Sabemos ainda, no que tange à revisitação de sua vida, que muito do que foi registrado, principalmente o que diz respeito ao período entre sua morte e a primeira metade do século XX, consiste em uma perspectiva colonialista, que destaca homens brancos europeus ou seus descendentes diretos, se não àqueles que coadunavam com os princípios colonialistas por eles pregados, defendidos ou impostos. Nesses relatos, pouco

espaço houve para que se narrassem eventos protagonizados por uma mulher e, quando os havia, esses eram evidenciados à margem de uma presença masculina.

Entre tais registros, a representatividade de Manuela Sáenz rompeu essa barreira, ao evidenciar os seus próprios enfrentamentos com a colonialidade. Esses, muitas vezes, ecoaram forte em outros sujeitos ao seu redor, fazendo com que a história não pudesse mantê-la no anonimato, à margem dos feitos mais reconhecidos – sempre atribuídos ao homem-herói, símbolo escolhido, à época, para representar o povo latino-americano.

Os eventos da vida de Sáenz, que destacamos a seguir, tanto integram o âmbito da historiografia, quanto constituem material profícuo para a arte literária. A literatura, ciente das lacunas, dos desencontros e das omissões das fontes históricas sobre sua vida, preenche, com a imaginação, a fantasia e a verossimilhança – outorgadas aos literatos – muitas das questões ambíguas sobre a trajetória de vida dessa jovem equatoriana. Nesse sentido, seguem os destaques que nos parecem imprescindíveis para que o nosso leitor seja apresentado à personagem histórica:

Quadro III: Cronologia de Manuela Sáenz

ANO	ACONTECIMENTO
1795	Nascimento, em Quito, no Equador, em 28 de dezembro.
1802	Vive a infância com seu pai, Don Simón.
1813	Torna-se uma estudante residente no Convento de Santa Catalina de Siena.
1817	Casa-se com James Thorne, em Lima.
1822	Por suas contribuições aos movimentos independentistas, é condecorada pelo general San Martín com o título de “Caballeres del Sol”. Nesse mesmo ano, viaja para Quito para tratar de sua herança materna e conhece Simón Bolívar.
1823	Veste um uniforme militar e ajuda a reprimir um levante antibolívar, em Quito.
1824	Junta-se a Bolívar, em Huaraz, participa da batalha vitoriosa de Junín, no início de agosto, e, depois, na Batalha Ayacucho, em dezembro, com a qual o Peru selou sua independência da Espanha.
1825	Período de separação para Sáenz e Bolívar.
1826	James Thorne retorna à Inglaterra, rompendo, definitivamente, o casamento. Em agosto, Sáenz muda-se para La Magdalena, residência próxima a Lima, com Bolívar.
1827	É expulsa do Peru.
1828	Em agosto, sabendo de uma tentativa de assassinato de Bolívar em um baile de máscaras, faz uma encenação na festa para evitar o homicídio. Em setembro, salva a vida de Bolívar pela segunda vez, ao ajudá-lo a escapar, pela janela do quarto, quando os assassinos

	invadiram o palácio.
1830	Sáenz e Bolívar distanciam-se novamente. Ele deixa a presidência e inicia sua jornada com destino à Europa. Ela permanece em Bogotá, advogando pelo retorno de Bolívar à presidência. Em dezembro, ele morre.
1831–1834	Em Bogotá, aluga uma casa onde, frequentemente, recebia amigos e aliados. Havia a desconfiança por parte de opositores de Bolívar de que suas reuniões eram conspiratórias para derrubar o governo, o que a tornou um símbolo de ameaça ao governo.
1834	Recebe a ordem de expulsão do presidente (e arqui-inimigo) Francisco de Paula Santander. Por sua resistência, foi colocada em uma prisão feminina e enviada para Cartagena, de onde embarca com destino à Jamaica. Retorna ao Equador, em setembro de 1834, sob a proteção de uma carta de recomendação de Flores. Mas o presidente, Vicente Rocafuerte, exila-a em Paita, um remoto porto pesqueiro, no Peru.
1837	Seu exílio é revogado, mas ela decide permanecer em Paita.
1843	Em uma carta para o general Juan José Flores, demonstra não se interessar mais por questões políticas por estar pobre e ter perdido a influência.
1847	James Thorne é assassinado na Inglaterra. No testamento deixado por ele, Sáenz teria direito apenas ao recebimento do valor do dote que o pai dela havia dado, mas enquanto essa soma não pudesse ser arrecadada em sua totalidade, ela receberia 6% de juros anuais.
1856	Uma epidemia de difteria atinge Paita. Manuela Sáenz morre, em 23 de novembro.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Todas as informações contidas no quadro acima foram obtidas por meio da leitura das três referidas biografias de Manuela Sáenz – Rumazo González (1944), Von Hagen (1952) e Pamela Murray (2008) – além da tese de Heather Hennes (2005). Tais textos perfilam aspectos de sua personalidade a partir de distintos vieses que comungam no ato de trazer a personalidade histórica ao espaço discursivo americano, de modo a perdurar sua representatividade no decurso dos últimos séculos.

É válido ressaltar que o ano de nascimento de Sáenz é questão discordante para alguns pesquisadores, como abordamos na sequência. Assim, diante da atualidade das pesquisas, optamos pelo ano de 1795 e não o de 1797, como apontam os biógrafos, uma vez que o registro de morte de Maria Joaquina Aizpuru, mãe de Manuela, data de 1796, logo após o nascimento da filha.

No que tange aos fatos históricos de sua vida até o ano de 1830, os textos selecionados convergem na apresentação dos acontecimentos – ainda que apresentem perspectivas distintas –. Por outro lado, os 26 anos de sua vida após a

morte de Simón Bolívar são pormenorizados apenas em Heather Hennes (2005) e Murray (2008), como apresentamos mais detalhadamente na seção 1.2.

Destacamos, ainda, que em Rumazo González (1944) e Von Hagen (1952), há uma vinculação acentuada de Sáenz a Bolívar, no sentido de torná-la, primeiramente, amante. Diferentemente do proposto nas análises de Murray (2008), em que a quitenha apresenta, desde muito jovem, uma personalidade política que não se altera com a morte de Bolívar, em 1830.

De acordo com a pesquisa conduzida por Hennes (2005), durante os anos em Paita, Sáenz e suas escravas, Jonatás e Juana Rosa, fabricavam e vendiam rendas, bordados, doces, charutos e remédios caseiros. Aproveitando os seus conhecimentos de inglês, Sáenz também serviu como tradutora na cidade portuária. As mulheres viviam na pobreza, com recursos mínimos de sobrevivência, mas Sáenz gozava do afeto geral das pessoas da cidade. Em um evento fortuito, possivelmente entre os anos de 1840 e 1850, pois as biografias não são precisas com relação a esse acontecimento, ela caiu e o acidente fez com que ela ficasse paralisada da cintura para baixo.

Ainda sobre sua vida em Paita, a biografia de Murray (2008) relata sua aproximação com Gabriel García Moreno, eleito presidente do Equador por dois mandatos, de 1859 a 1875, e o papel de Manuela Sáenz frente à formação política de Moreno. De acordo com a pesquisadora, Sáenz informou García Moreno acerca dos desenvolvimentos políticos peruanos e até mesmo relatou uma conspiração que intencionava derrubar o governo do então presidente do Equador, José Maria Urbina y Viteri (1804-1891). Além disso, ela também o auxiliou a agir frente aos perigos no envolvimento com as manifestações políticas peruanas. No que diz respeito à Manuela, Murray (2008) comenta que,

[...] perhaps more important, Manuela Sáenz's friendship with García, like her friendships with leaders before him, signaled the unique place that literate middle – and upper – class women had begun to occupy in early republican Spanish America. It reflected the existence of a middle ground between the public and the private (or domestic) spheres of activity as well as between worlds designed as either masculine or feminine¹⁸. (MURRAY, 2008, p. 152).

¹⁸ Nossa tradução livre: [...] talvez mais importante, a amizade de Manuela Sáenz com García, como sua amizade com outros líderes antes dele, sinalizou o lugar único que as mulheres alfabetizadas de classe média e alta começaram a ocupar na fase inicial da América Hispânica Republicana. Isso

Não há, dessa forma, como vincularmos Manuela Sáenz tão somente ao seu relacionamento com o general venezuelano Simón Bolívar. A atuação política é essência de todo seu percurso cidadão, que se estende até os últimos anos de sua vida. Sua postura crítica associa-se à refutação de uma nação colonizada e submissa aos pressupostos espanhóis, posicionando-a como figura representativa de movimentos políticos nos séculos XIX e XX. Para Murray (2008, p. 160),

[...] beyond her status as a Quito native and member of Spanish America's small urban class, she was an exceptionally independent and strong-minded individual – a woman who, despite the constraints of gender-related social conventions (along with the stigma attached to illegitimate birth), forged a path for herself and, in turn, a unique personal and political destiny¹⁹.

Dessa forma, atentamos para seu percurso trilhado por vias paradoxais de privilégio e apagamento, que conduzem sua história e a impossibilidade de ser esquecida frente aos séculos que a sucedem. Manuela Sáenz representa, metonimicamente, outras mulheres. Sua subversão à ordem vigente não aconteceu na singularidade, outras mulheres também atuaram de forma análoga; ela representa, portanto, um grupo maior, que não entrou para os anais historiográficos por, possivelmente, não ter estabelecido um vínculo com uma personalidade masculina protagonista de episódios históricos ou, ainda, por não ter tido os mesmos privilégios econômicos que Sáenz tivera. Assim, ela é a essência de uma impulsão que a América não pode mais ignorar, pois sua trajetória de vida estabelece um redirecionamento paradigmático do papel das mulheres, em suas múltiplas percepções e atuações, no contexto latino-americano, principalmente.

Diante dessa existência conflituosa, a pesquisa avança, portanto, a um cotejo das biografias aludidas e retoma a vida da personalidade quitenha a partir de prismas distintos. Buscamos, na sequência, oferecer ao leitor uma retomada histórica de sua vivência por meio de um viés que intenta conferir à sua

refletia a existência de um meio termo entre as esferas de atividade pública e privada (ou doméstica), bem como entre mundos concebidos como masculino ou feminino. (MURRAY, 2008, p. 152).

¹⁹ Nossa tradução livre: [...] além de sua condição de nativa de Quito e membro da pequena classe urbana da América espanhola, ela era uma pessoa excepcionalmente independente e obstinada – uma mulher que, apesar das restrições das convenções sociais relacionadas ao gênero (junto com o estigma associado ao nascimento ilegítimo), traçou um caminho para si e, por sua vez, um destino pessoal e político único. (MURRAY, 2008, p. 160).

representação práticas descolonizadoras e decoloniais em um contexto limiar do colonialismo na América Hispânica.

1.1 ASPECTOS BIOGRÁFICOS DA VIDA DE MANUELA SÁENZ: VIVÊNCIAS NARRATIVIZADAS

Manuela Sáenz de Vergara y Aizpuru nasceu em Quito, Equador. Com relação ao seu ano de nascimento, as biografias selecionadas para nossa exposição escritas pelo arqueólogo e antropólogo estadunidense Victor Wolfgang Von Hagen (1952 [1966]), pelo historiador equatoriano Alfonso Rumazo González ([1944] 1978) e pela professora historiadora Pamela S. Murray (2008), apontam o ano de seu nascimento como o de 1797.

Contudo, outra corrente de pesquisadores registra a morte de sua mãe em janeiro de 1796, logo após o nascimento da filha. Hennes (2005), pesquisadora estadunidense, destaca que

[...] the exact date of Manuela's birth has been disputed. According to Antonio Cagua Prada, Sáenz was born on December 28, 1795, but Victor von Hagen, who has been cited by several subsequent biographers, affirms a birth year of 1797. Manuel Espinosa Apolo claims she was born on December 19, 1797. But according to Cagua Prada, who based his statement on death records, Manuela's mother died on January 25, 1796, rendering impossible a 1797 birth date²⁰. (HENNES, 2005, p. 147).

Outra produção que corrobora a análise de Hennes (2005) e aponta, também, a uma alteração do próprio ano de nascimento de Sáenz, é a de Álvarez Saá (2005) que, em sua compilação de textos sobre sua vida, mais especificamente no capítulo dedicado à sua biografia, registra o seguinte:

Ella enfrenta desde la cuna el drama de la vida, su madre doña Joaquina Aizpuru muere el 25 de enero de 1796, según consta en la

²⁰ Nossa tradução livre: [...] a data exata do nascimento de Manuela tem sido contestada. De acordo com Antonio Cagua Prada, Sáenz nasceu em 28 de dezembro de 1795, mas Victor Von Hagen, que foi citado por vários biógrafos subsequentes, afirma o ano de nascimento de 1797. Manuel Espinosa Apolo afirma que ela nasceu em 19 de dezembro de 1797. Mas, segundo Cagua Prada – que se baseou em certidões de óbito –, a mãe de Manuela faleceu em 25 de janeiro de 1796, impossibilitando o nascimento em 1797. (HENNES, 2005, p. 147).

partida rubricada por Máximo Parra en el libro de Defunciones N° 6, folio 15 de la parroquia “El Sagrario”²¹. (ÁLVAREZ SAÁ, 2005, p. 21).

Além de Hennes (2005) e Álvarez Saá (2005), a socióloga equatoriana Jenny L. López (2008) reitera a assertiva dos referidos pesquisadores e ressalta que “[...] *algunos historiadores han señalado equívocamente que la madre sobrevivió al parto de Manuela durante varios años*²².” (LÓPEZ, 2008, p. 69). Desse modo, embora tais textos pertençam à esfera não ficcional, eles ainda apresentam aspectos divergentes sobre dados básicos da existência do sujeito narrativizado, conferindo ao texto de caráter histórico a possibilidade de ser discutido, enfrentado e corrigido.

Assim, filha ilegítima – para as convenções do século XVIII – de um espanhol conservador, Simón Sáenz de Vergara y Yedra – casado com Juana Maria del Campo –, e de uma quitenha, Maria Joaquina Aizpuru, Von Hagen (1966) relata que “[...] *the birth of Manuela set off its own little war. Quito heard more of the battle between the families of this charming little bastard that it did of the revolution fermenting within the houses of the city*²³.” (VON HAGEN, 1966, p. 23). Nesse sentido, verificamos que sua vida é, desde o seu nascimento, marcada por uma subversão aos padrões ditos tradicionais.

Rumazo González (1978), em sua biografia, realiza uma longa explanação acerca das condições sociais do Equador e da América Hispânica em geral no final do século XVIII, apontando para os conflitos e as urgências de uma colônia que se ancorava em padrões monárquicos, mas transitava a um caminho que, anos mais tarde, conduziria tais nações à independência. De acordo com o historiador:

En la presidencia de Quito, como en el resto del continente ibérico, se imita por entonces a Europa, con una natural acentuación del colorido. Los gobernantes son el ejemplo de los gobernados. El clero constituyese en modelo de unos y otros. Clero secular y regular,

²¹ Nossa tradução livre: Ela enfrenta o drama da vida desde o berço, sua mãe, Doña Joaquina Aizpuru, faleceu em 25 de janeiro de 1796, conforme consta da certidão, assinado por Máximo Parra, no Livro de Registro de Óbitos nº 6, página 15, da paróquia “El Sagrario”. (ÁLVAREZ SAÁ, 2005, p. 21).

²² Nossa tradução livre: alguns historiadores apontaram, erroneamente, que a mãe sobreviveu ao parto de Manuela por vários anos. (LÓPEZ, 2008, p. 69).

²³ Nossa tradução livre: [...] o nascimento de Manuela desencadeou sua própria pequena guerra. Quito ouviu mais sobre a batalha entre as famílias dessa charmosa ‘bastarda’ do que sobre a Revolução, fermentando dentro das casas da cidade. (VON HAGEN, 1966, p. 23).

*frailes y monjas, sacerdotes y legos, párrocos y obispos*²⁴. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 27).

Há, ainda, no estudo de Rumazo González (1978), uma exposição detalhada acerca das relações sociais que havia na colônia, em que o biógrafo critica a constante subversão às instituições, como verificamos no seguinte excerto:

*Quienes vivieron aquella época, cuentan lo siguiente: “Entre los vicios que reinan en el Perú, el concubinato, como más escandaloso y más general, deberá tener la primacía. Todos están comprendidos en él: europeos, criollos, solteros, casados, eclesiásticos, seculares y regulares. Es tan común el vivir las gentes de aquellos países en continuo amancebamiento, que en los pueblos pequeños llega a hacerse punto de honor el estarlo... La libertad con que viven los religiosos en aquellos países es tal que ella misma abre las puertas del desorden. Los conventos están sin clausura, y así viven los religiosos en ellos con sus concubinas dentro de las celdas como aquellos que las mantienen en sus casas particulares, imitando exactamente a los hombres casados... En los conventos entran y salen mujeres a todas horas, de modo que las mujeres hacen oficio de legos... Llevan ventajas a los que verdaderamente están casados, porque tienen la libertad de mudar mujeres*²⁵. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 29, 30).

Desse modo, ao pensarmos na sociedade equatoriana da qual Manuela Sáenz é fruto, depreendemos um relevante contraste entre o que era publicamente postulado como comportamento exemplar e o que acontecia na prática, de forma não muito sigilosa. Em outras palavras, as instituições sociais perdiam sua rigidez e o entrecruzamento de relações era ali estabelecido nesse Equador finissecular, espaço de efervescência e de quebras paradigmáticas.

²⁴ Nossa tradução livre: Na presidência de Quito, como no resto do continente ibérico, imita-se, nessa época, a Europa com um natural acento da cor local. Os governantes são o exemplo dos governados. O clero constituía-se em um modelo para uns e outros. Clérigos seculares e regulares, frades e freiras, padres e leigos, párocos e bispos. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 27).

²⁵ Nossa tradução livre: Quem viveu nessa época diz o seguinte: “Entre os vícios que reinam no Peru, o concubinato, como o mais escandaloso e geral, deve ter a primazia. Todos estão incluídos: europeus, crioulos, solteiros, casados, eclesiásticos, seculares e regulares. É tão comum as pessoas desses países viverem em constante amancebamento que, nas pequenas cidades, torna-se um ponto de honra viver assim ... A liberdade com que vivem os religiosos desses países é tal que ela abre as portas da desordem. Os conventos não fecham, e, assim, os religiosos vivem neles com as suas concubinas dentro das celas como o fazem aqueles que as mantêm nas suas casas particulares, a imitar os homens casados... Nos conventos, as mulheres entram e saem a qualquer hora e, assim, as mulheres trabalham como leigas ... [Os religiosos] levam vantagens sobre os que de fatos são casados, porque têm liberdade para trocarem de mulher. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 29-30).

Depreendemos, ainda, que o olhar do historiador Rumazo González (1978) acerca desse recorte temporal é parcial e reforça uma leitura colonial, pois há, em distintos trechos, a modalização do excerto de forma a expressar um tom denunciativo sobre o que expõe, como por exemplo, “*Manuela Sáenz, fruto de aquella sociedad que ha traslimitado los conceptos de moral poco anteriores a la Revolución Francesa, entrará en la corriente con ese ahínco tan cabal en una mujer bella y libidinosa*²⁶.” (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 32). Dessa forma, uma perspectiva mais íntima e de teor sensual é explorada por Rumazo González ao abarcar a biografia de Sáenz, que discorre, por mais de 300 páginas, sobre os oito anos de relacionamento entre ela e Bolívar.

Sobre os seus primeiros anos de vida, Murray (2008) relata que “[...] *after first trying to place her infant with a local family, she agreed to entrust her to one of the nuns at Quito’s La Concepción convent, an institution known for taking in the occasional ‘orphan*²⁷.” (MURRAY, 2008, p. 11). Sua permanência em *La Concepción* estende-se durante toda a sua infância, e com a morte de sua mãe, Sáenz tem suas despesas subsidiadas pelo pai, como depreendemos do seguinte excerto de Murray (2008, p. 13):

*More important, Sáenz de Vergara used his wealth and advantages for his daughter’s benefit. He provided the one thousand-peso minimum dowry needed to ensure her acceptance at La Concepcion convent and thus her care and proper upper-class upbringing*²⁸.

Por outro lado, a biografia de Von Hagen (1966) aponta que a escolaridade de Sáenz acontece no convento *dominico de Santa Catalina de Siena*. Nas palavras do referido autor: “*Manuela Saenz was then an enchanting seventeen, and since her mother’s death the Convent of Santa Catalina had been her home. This was, in old*

²⁶ Nossa tradução livre: Manuela Sáenz, fruto daquela sociedade que transgrediu os conceitos de moralidade pouco antes da Revolução Francesa, entrará na corrente com aquela meticulosidade tão profunda presente em uma mulher bela e libidinosa. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 32).

²⁷ Nossa tradução livre: [...] depois de tentar, primeiramente, colocar sua filha em uma família local, ela concordou em confiar a uma das freiras do convento *La Concepción*, de Quito, uma instituição conhecida por receber “órfãs” ocasionais. (MURRAY, 2008, p. 11).

²⁸ Nossa tradução livre: Mais importante é que, Sáenz de Vergara, usou sua riqueza e vantagens em benefício de sua filha. Ele forneceu o dote mínimo de mil pesos necessário para garantir sua aceitação no convento *La Concepción*, bem como o cuidado e a educação adequados à classe alta. (MURRAY, 2008, p. 13).

*Quito, a famous institution*²⁹.” (VON HAGEN, 1966, p. 18). Desse instituto, Von Hagen (1966) relata que ela foge para se unir a Fausto D’Elhuyar Filho, um oficial do exército real que logo a abandona. A mesma versão é corroborada por Rumazo González em seu prólogo à nona edição da biografia de Sáenz, escrito em 1978, quando o autor refere-se às memórias do cientista Juan Batista Bossingault em que há o registro sobre tal episódio. Vejamos:

*La versión de la fuga del convento debió tomarla Boussingault no de su imaginación, sino de noticia que circulaba en Bogotá y que la conocían todos. ¿Qué importa, dado el caso, que se equivocara de apellido al escribirlo en su diario, o que hablara muy probablemente de Fausto D’Elhuyard? Interesa el hecho, que coincide plenamente, no sólo con el ambiente general de aquella época, sino con el temperamento mismo de Manuela. El científico, acostumbrado a los datos veraces, narró lo que oyó. Subraya que Manuela no quería hablar de eso, conocido por todos; ¿cómo iba a referirse a ese desliz inicial, si en Bogotá era la amante de Bolívar?*³⁰. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 11).

Observemos o tom patriarcal do excerto quando há a referência ao temperamento de Manuela Sáenz, de modo a reduzi-la aos seus sentidos primeiros, distanciando-a da racionalidade. O enunciador ressalta, ainda, que ela teria cometido um deslize ao fugir com Fausto e que não poderia falar sobre o assunto, estando na companhia de Bolívar, que era importante e influente, expondo, assim, uma de suas máculas. Em outras palavras, sua vida estaria resumida às impressões de uma sociedade patriarcal, moldada pelo comportamento masculino; proposições que denotam a essência da colonialidade desse discurso.

Contudo, Murray (2008) relata que o referido fato pode não passar de um atributo imaginativo, ao expor que

²⁹ Nossa tradução livre: Manuela Sáenz tinha, então, seus encantadores dezessete anos e, desde a morte de sua mãe, o Convento de Santa Catalina fora seu lar, esse que era, na antiga Quito, uma instituição famosa. (VON HAGEN, 1966, p. 18).

³⁰ Nossa tradução livre: A versão da fuga do convento deve ter sido retirada por Boussingault não de sua imaginação, mas das notícias que circulavam em Bogotá e das quais todos sabiam. O que importa, dado o caso, que ele anotou o sobrenome errado quando o escreveu em seu diário, ou que ele, provavelmente, referiu-se a Fausto D’Elhuyard? O fato é interessante e ele coincide, plenamente, não só com o clima geral da época, mas com o temperamento da própria Manuela. O cientista, acostumado a dados fatuais, narrou o que ouviu. Ele ressalta que Manuela não queria falar sobre isso que era do conhecimento de todos. Como ela iria se referir a esse seu lapso inicial, se, em Bogotá, ela era a amante de Bolívar? (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 11).

[...] a popular legend claims that Sáenz once fled the nunnery in order to meet a young Spanish officer with whom she allegedly wished to elope; soon thereafter, to forestall scandal, her father forced her to marry someone else. While its truth is hard to verify, the legend hints at the young woman's desire to live her life outside the sheltered world of the cloister³¹. (MURRAY, 2008, p. 14).

Na sequência, durante o ano de 1816, Sáenz mora com seu pai e a madrasta no Panamá e, em 1817, com 22 anos, casa-se com James Thorne, um comerciante inglês que tinha o dobro de sua idade. Após a celebração, o casal passa a morar em Lima. Sobre seu casamento, Von Hagen discorre que,

[...] on 22 July 1817 Manuela, in Black veil, flowing skirt, and satin ballet slippers, went with James Thorne to the archbishop's palace for their pre-marital examination. There was much about Thorne that Manuela did not yet know. He had never told her his exact age, although she judged that it must be at least twice her own. He never explained why he, as an Englishman, was allowed to live in Lima when most of his countrymen were excluded, nor had he never said how he had arrived in America³². (VON HAGEN, 1966, p. 142).

Sobre o aludido acontecimento, verificamos que Sáenz esteve sujeita às imposições coloniais à mulher, advindas do discurso patriarcal e católico inerente ao próprio processo de colonização da América Latina. Ressaltamos, ainda, o fato de que seu casamento se dá com um europeu, reforçando o padrão colonial nesse contexto. Segundo Mignolo (2016), a colonialidade possui como finalidade a manutenção de um estado subalterno em todas as instâncias da sociedade. De acordo com o referido teórico, um dos nós histórico-estruturais articulados pela colonialidade consiste em

[...] uma hierarquia de gênero/sexo global que privilegiava homens em detrimento de mulheres e o patriarcado europeu em detrimento

³¹ Nossa tradução livre: [...] uma lenda popular afirma que Sáenz, certa vez, evadiu-se do convento para se encontrar com um jovem oficial espanhol, com quem ela, supostamente, desejava fugir; logo depois, para evitar escândalos, seu pai forçou-a a se casar com outra pessoa. Embora a verdade sobre esse fato seja difícil de verificar, a lenda sugere o desejo da jovem de viver sua vida fora do mundo protegido do claustro. (MURRAY, 2008, p. 14).

³² Nossa tradução livre: Em 22 de julho de 1817, Manuela, com véu preto, saia esvoaçante e sapatilhas de balé de cetim, foi com James Thorne ao palácio do arcebispo para o exame pré-marital. Havia muita coisa sobre Thorne que Manuela ainda não sabia. Ele nunca havia lhe contado sobre a sua idade exata, embora ela julgasse que devia ser, pelo menos, o dobro da sua. Ele nunca lhe explicou por que ele, como inglês, teve permissão para morar em Lima, quando a maioria de seus conterrâneos foi dali expatriada, nem nunca lhe dissera como havia chegado à América. (VON HAGEN, 1966, p. 142).

de outras formas de configuração de gênero e de relações sexuais [...] Um sistema que impôs o conceito de “mulher” para reorganizar as relações de gênero/sexo nas colônias europeias, efetivamente introduzindo regulamentos para relações “normais” entre os sexos, e as distinções hierárquicas entre o “homem” e a “mulher” [...]. (MIGNOLO, 2016, p. 11).

Assim, sob a lógica colonial, a mulher estava sujeita a um espaço de manifestação limitado e vinculado às imposições patriarcais. Sáenz, inserida nesse espaço que lançava os primeiros olhares à descolonização, atua no limiar entre tais práticas. Ela é fruto de um período paradigmático e vive as especificidades de tal tempo histórico, ora atuando a partir de uma prática descolonizadora, ora, de tal forma submersa, corroborando os entrelaçamentos da colonialidade.

De acordo com a biografia escrita por Von Hagen (1966), Thorne havia chegado à América em 1812, como um prisioneiro, após ter feito negócios na Espanha durante as Guerras Peninsulares e, para Sáenz, a vida de Thorne era um mistério, pois ela não compreendia suas relações em Lima. Segundo o relato biográfico, os primeiros dois anos de união foram estáveis, uma vez que “*Manuela was helpful to him; she kept her eyes open, she had a sense of the drift of things, and her opinion was extremely shrewd*”³³. (VON HAGEN, 1966, p. 143). Assim, para Sáenz, seu casamento trazia-lhe algum benefício, como verificamos, dialogicamente, na biografia de Murray (2008):

*In sum, despite its role as an instrument of women's restriction and gender-based subordination, marriage in Spanish America offered a propertied, upper-class woman a relatively decent bargain. Besides enhancing her claim to status, honor and female respectability, it ensured her a modicum of justice – legal recognition of her rights as a person and marriage partner as well as property owner. In the context of patriarchy, in short, it upheld her claim to human dignity. Marriage to James Thorne in particular brought additional benefits. It made Manuela Sáenz the mistress of a wealthy man's household. As in the case of other well-to-do upper class women, this included command over slaves and servants. It included access to domestic luxuries such as the fine silverware with which Thorne provided her*³⁴. (MURRAY, 2008, p. 19).

³³ Nossa tradução livre: Manuela foi prestativa para ele; ela mantinha os olhos abertos, tinha uma noção do andamento das coisas e sua opinião era extremamente perspicaz. (VON HAGEN, 1966, p. 143).

³⁴ Nossa tradução livre: Em suma, apesar de seu papel como um instrumento de restrição das mulheres e subordinação baseada no gênero, o casamento, na América espanhola, oferecia a uma mulher de classe alta – proprietária de bens – uma barganha relativamente decente. Além de incrementar a sua reivindicação de status, honra e respeitabilidade feminina, garantia-lhe um mínimo

Desse modo, ao se casar, ela tem acesso à outra realidade conferida às mulheres de classes mais abastadas durante o período da colonialidade. O matrimônio, com todas as limitações sofridas pelas mulheres, principalmente, oferece-lhe a oportunidade de participar de jantares de uma elite aristocrática preocupada com os avanços das insurreições independentistas que discute os percursos políticos regidos naquele momento. Verifica-se, ainda, que essa posição de Sáenz era mais uma característica de seus privilégios e que ela os utiliza de modo perspicaz, a fim de reunir informações e as transmitir aos líderes independentistas, atuando, conscientemente, para a descolonização primeira de boa parte da América Hispânica.

Frente a esse cenário, o posicionamento de Sáenz já evidencia sua postura crítica, que enseja mudança política por meio dos conflitos independentistas. Essas ações são parte de um movimento de descolonização no qual ela atua, que consiste na saída efetiva dos espanhóis das terras hispano-americanas. O olhar do século XXI permite-nos depreender a relevância de suas incipientes ações descolonizadoras – provenientes, já, de prematuros pensamentos decoloniais – em um contexto de efetivo trânsito de padrões e de fatalidades.

Sobre a participação feminina no contexto hispano-americano, temos que a geração de Manuela Sáenz não foi a primeira em que as mulheres contavam com um papel representativo. Murray (2008, p. 22) comenta que:

[...] women participated in the overall political conflict and, after 1810, in the increasingly bitter wars that erupted between patriots and loyalists. Their participation certainly was crucial to the former. Urban upper-class women, for instance, nurtured the patriot cause in its infancy, hosting informal gatherings (tertulias) that had served as forums for anti-Spanish criticism – and, as in the case of Quito's Manuela Cañizares in 1809, helped hatch the first creole autonomist conspiracies. Like "La Guera" Rodríguez and Leona Vicario in

de justiça – reconhecimento legal de seus direitos como pessoa e companheira de casamento, bem como dona de propriedades. No contexto do patriarcado, em suma, foi ele [o casamento] que sustentou a sua reivindicação à dignidade humana. O casamento com James Thorne, em particular, trouxe-lhe benefícios adicionais. Isso fez de Manuela Sáenz a dona da casa de um homem rico. Como no caso de outras mulheres abastadas de classe alta, isso incluía o comando de escravos e servos. Incluía acesso a luxos domésticos, como os talheres finos de prata que Thorne fornecia-lhe. (MURRAY, 2008, p. 19).

*Mexico, they also gave much-needed financial, material, and logistical support to the leaders of the first insurgent armies*³⁵.

No que tange às referidas insurreições que aconteceram em Quito, em 1809, quando Sáenz ainda era uma criança, Rumazo González (1978) aponta tais experiências em sua vida como agentes modeladores de seu comportamento quando adulta.

*Después de todo cuanto ha recibido Manuela en herencia y de lo que ha presenciado en su infancia, esto de la noche del 9 de agosto de 1809 será para su conciencia suceso de profundísima huella. Desde este 9 de agosto, Manuela no se libertará ya nunca de cuatro puntos que informan su existencia: ser libre, libérrima, en cuanto a moral; amar con delirio u odiar en el mismo grado; ser rebelde, revolucionaria, belicista, tempestuosa; entender la vida a lo grande y conformar todos los actos a esta actitud elevada, en la cual, por otra parte, vienen involucrados todos los desprendimientos y aun todas las generosidades. “Amable loca” la llamará Bolívar; “mujer excéntrica”, O’Leary; “parecía una reina”, Garibaldi; “perfecto tipo de la mujer altiva, mujer superior acostumbrada al mando”, Ricardo Palma; “un formidable carácter, amiga de mis amigos, y enemiga de mis enemigos”, ella a sí misma*³⁶. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 55).

Nesse sentido, é salutar atentarmos ao fato de que pensamentos e ações decoloniais, que vão de encontro a todas as premissas da dominação europeia, germinaram desde os tempos incipientes da própria colonização. Com relação ao processo de descolonização do espaço, ele foi fortemente intencionado desde o

³⁵ Nossa tradução livre: [...] as mulheres participaram do conflito político geral e, depois de 1810, nas guerras cada vez mais amargas que eclodiram entre patriotas e legalistas. A participação delas, certamente, foi crucial para o primeiro caso. Mulheres urbanas de classe alta, por exemplo, nutriram a causa patriota em sua infância, hospedando encontros informais (tertúlias), que serviam como fóruns de críticas anti-espanholas, e – como no caso de Manuela Cañizares, de Quito, em 1809 – ajudaram a eclodir as primeiras conspirações autonomistas crioulas. Como “La Guerra” Rodríguez e Leona Vicario no México, elas também deram apoio financeiro, material e logístico aos líderes dos primeiros exércitos insurgentes. (MURRAY, 2008, p. 22).

³⁶ Nossa tradução livre: Depois de tudo o que Manuela recebeu como herança e do que presenciou na sua infância, esse fato ocorrido na noite de 9 de agosto de 1809 será um acontecimento da maior profundidade para a sua consciência. A partir deste 9 de agosto, Manuela nunca mais se libertará de quatro pontos que marcam a sua existência: ser livre, muito livre, do ponto de vista moral; amar delirantemente ou odiar no mesmo grau; ser rebelde, revolucionária, belicista, tempestuosa; compreender a vida em grande estilo e conformar todas as ações a essa atitude elevada, na qual, por outro lado, estão envolvidos todos os desprendimentos e, até mesmo, todas as generosidades. Ela foi chamada de “Amável louca” por Bolívar; “mulher excêntrica”, por O’Leary; “parecia uma rainha”, por Garibaldi; “perfeito tipo de mulher altiva, mulher superior, acostumada ao mando”, por Ricardo Palma; “um formidável caráter, amiga de meus amigos e inimiga de meus inimigos”, por ela mesma. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 55).

início do século XIX, principalmente, e outras formas de descolonização sobrevêm à expulsão dos espanhóis: a política, a identitária, a intelectual, entre outras. Essas foram insumo à geração do pensamento decolonial. Categorias que se amarram e abarcam o próprio século XXI.

Manuela Sáenz atua, portanto, a partir de uma perspectiva plural – voltada à descolonização tanto política quanto ideológica, identitária e cultural, guiada pelo influxo de um pensamento decolonial embrionário –, associada às gerações de mulheres que participaram dos conflitos coloniais em causas independentistas. Desse modo, ela se torna, para a representação estética, uma personagem metonímica³⁷, uma vez que, ao falarmos sobre sua vivência, alcançamos outras personagens femininas de percursos similares.

Sáenz não teve filhos. De acordo com a professora Rosane Cardoso: “não escapa à análise o fato de não ter tido filhos, pelo fato de ser estéril, ou ‘machorra’, como se costumava dizer naqueles tempos. Com isso, sua liberdade sexual torna-se apenas isso: desejo por sexo.” (CARDOSO, 2020, p. 6). Sobre tal fato, Rumazo González (1978) compõe uma problemática que envolve Manuela Sáenz e James Thorne, chamando a atenção para o óbice que sua infertilidade promove.

Aparte de los celos, hay otra circunstancia íntima que provoca distanciamiento entre los dos: la falta de hijos. De ello se quejó ya varias veces Thorne, con grande discreción, y allá en la intimidad de sus ilusiones vino almacenándose poco a poco cierta amargura a causa de la infecundidad de su mujer. Por aquellos tiempos, la obra económica del hombre, dentro del hogar, se considera como una obligación movida hacia una única finalidad: dejar herencia a los hijos. Ni fundaciones, ni donaciones de carácter profano se acostumbran. ¿Con quién quedarían los bienes cuantiosos del marido? ¿Con Manuela, que quizás los aprovecharía para ventajosas segundas nupcias?³⁸. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 152).

³⁷ O referido termo – personagem metonímica – foi elaborado pelo Grupo de Pesquisa “Ressignificações do Passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção- vias para a descolonização”, citado anteriormente, e tem como objetivo abarcar personagens que representam uma coletividade. De modo a exemplificar, poderíamos pensar em um romance sobre a vida de uma personagem escravizada, como é o caso de Zarité, em *La isla bajo el mar* (2009), de Isabel Allende. Tal personagem representa, metonimicamente, portanto, um grupo muito grande de sujeitos-mulheres que sofreram a mesma situação de escravização.

³⁸ Nossa tradução livre: Além do ciúme, existe outra circunstância íntima que causa distanciamiento entre os dois: a falta de filhos. Thorne reclamou disso várias vezes, com grande discrição, e aí, na intimidade de suas ilusões, certa amargura foi, gradualmente, acumulada por causa da infertilidade de sua esposa. Naquela época, o trabalho econômico do homem, no lar, era considerado uma obrigação movida para um único propósito: deixar uma herança aos filhos. Não são utilizadas fundações nem doações de caráter profano. Com quem os bens substanciais do marido

Vejamos como a escrita do biógrafo venezuelano perfila uma mulher maculada e problemática. Em sua narrativa, há destacáveis resquícios coloniais que se manifestam por meio de uma discursividade alinhada a aspectos patriarcais. No referido excerto, o biógrafo aponta para o fato de que ela não pode engravidar e, como tal impossibilidade causa chateação ao marido, corrobora o papel principal vinculado à mulher que até a contemporaneidade ainda é temática conflituosa e de complexo desvencilhamento: a reprodução.

Ressaltamos, ainda, que essa é a única menção à sua infertilidade e o relato dá-se a partir da perspectiva de Thorne. Não temos, portanto, acesso a qualquer proposição sobre o ponto de vista de Manuela no que tange ao fato de não poder ter filhos. Nesse sentido, a escolha lexical utilizada pelo biógrafo como em *“la infecundidad de su mujer, dentro del hogar, una obligación, ventajosas segundas nupcias”* carrega um olhar machista e patriarcal, que não busca explorar como tal circunstância afetava ou não Sáenz em si, mas como Thorne entendia e lidava com a impossibilidade de que a quitenha engravidasse. Contudo, se observarmos sua liberdade de ação, verificamos que, dessa forma, Manuela Sáenz distancia-se de padrões vinculados à mulher do século XIX, por meio de possibilidades concretas de viver a descolonização, pois, constantemente, quebra paradigmas e desafia a “ordem vigente”.

Essa “ordem” condicionava a mulher ao espaço privado do lar, às atividades domésticas, à maternidade e aos cuidados da prole e do marido que, por sua vez, gozava do espaço público, aberto e livre. Sáenz não se “encaixou” nesse esquema. Por esse motivo, vários de seus biógrafos – além de muitos outros pensadores latino-americanos – não conseguiram olhar para ela como indivíduo, buscando sempre padronizá-la dentro dessa “ordem vigente”. Essas são alguns das claras e evidentes reminiscências de colonialidade que se estenderam pelas mentes e concepções latino-americanas ao longo dos séculos as quais buscamos evidenciar e, gradativamente, “descolonizar”, pelas vias da leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção, ações priorizadas no nosso Grupo de Pesquisa.

permaneceriam? Com Manuela, que poderia tirar vantagem deles para segundas núpcias vantajosas? (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 152).

Na sequência, em 1819, Sáenz se torna parte do movimento revolucionário em Lima. Conforme expressa Murray (2008, p. 23), [...] *“like many others of her era, she became involved in the conflict on behalf of the patriots and a supporter of the cause of San Martín, in particular”*³⁹. Dessa maneira, Sáenz é símbolo na história – e personagem metonímica na literatura – de todas as mulheres que se engajaram na luta pela independência das nações colonizadas pela Espanha na América. Essas mulheres, assim como os homens, lutaram pela descolonização do território latino-americano, enfrentaram os desígnios colonialistas que fizeram da América um espaço dominado e subjugado política, religiosa e culturalmente por séculos e optaram pela busca da descolonização.

É nesse ínterim que sua amizade com Rosita Campuzano⁴⁰ (1796 – 1851) inicia-se. As duas participam dos movimentos independentistas que acontecem na capital do Peru, envolvendo-se com questões político-libertárias relacionadas a José de San Martín y Matorras⁴¹ (1778 – 1850). Em sua biografia, Rumazo González (1978) projeta, como traço definidor de sua personalidade e comportamento, a desobediência aos modelos femininos mais tradicionais. Desse modo, o autor compara-a a Rosita Campuzano, destacando, em Manuela Sáenz, os signos pelos quais a obra biográfica alicerça-se: o desprendimento e a sensualidade, como podemos observar no fragmento da biografia na sequência exposto:

³⁹ Nossa tradução livre: Como muitas outras pessoas de sua época, ela se envolveu no conflito em nome dos patriotas e era uma apoiadora da causa de San Martín, em particular. (MURRAY, 2008, p. 23).

⁴⁰ Hennes (2005), em nossa tradução livre, descreve que “[...] em Lima, Sáenz de Thorne conheceu a equatoriana Rosita Campuzano. Enquanto James estava viajando a negócios – ou talvez com sua amante, Juana Rosa Alvarado – Sáenz dedicou-se à revolução, hospedando tertúlias políticas e solicitando apoio para o exército revolucionário. Suas atividades políticas eram um ponto de discórdia entre ela e o marido. Por suas contribuições ao movimento de independência, Sáenz, Campuzano e outras mulheres patriotas receberam o título de *“Caballera de Sol”*, concedido pelo General, Dom José de San Martín, em 11 de janeiro de 1822.”

⁴¹ Murray (2008, p. 23) oferece-nos uma visão geral sobre San Martín, como verificamos, a partir de nossa tradução livre: Em 1818, o intrépido general argentino emergiu como um campeão dos patriotas em todos os lugares, especialmente aqueles dentro do vice-reino peruano – por muito tempo um bastião do poder e autoridade espanhóis em todo o continente. Depois de ter conduzido seus seguidores à vitória sobre os espanhóis em Buenos Aires, dois anos antes, San Martín cruzou os Andes para se unir aos seus aliados chilenos e triunfar sobre os legalistas na Batalha de Chacabuco (fevereiro de 1817). Ele e seus aliados garantiram o seu triunfo – e, a causa da independência chilena –, derrotando, decentemente, o exército expedicionário espanhol na Batalha de Maipu, em abril seguinte. Eles, então, concentraram-se em expulsar os espanhóis do Peru, propriamente dito, e em ocupar a capital, assento e símbolo do sentimento leal que restava na região.

*Singularísima la conjunción de estas dos mujeres tan diferentes, tan seductoras, tan llenas de aventuras y sensualismo. Dulcemente femenina la guayaquileña, funda todos sus éxitos en la delicadeza, en el llanto, en los desmayos, en las joyas de alto valor, en el canto, en tocar con sus lindas manos el clavecín y la vihuela, en sentir las singulares emociones de la conspiración contra el virrey. La quiteña, en contrario, no llora casi nunca; prefiere encolerizarse; detesta las joyas, y solo lleva – eso sí, todos los días – un grande aro de oro o de coral pendiente de sus orejas pequeñas; no canta, manda; no se acerca a las guitarras, prefiere acariciar los galones militares y las espadas; conspira también, pero impositivamente; habla con interés, en palabra fácil y nada presuntuosa [...]*⁴². (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 145).

No aludido excerto, Rumazo González (1978) utiliza palavras como: *delicadeza, choro, desmaios, joias, canto, lindas mãos, singulares emoções*, a fim de fortalecer a imagem delicada e feminina de Rosita Campuzano, tornando-a, discursivamente, uma mulher ideal, que reconhece seu suposto espaço de manifestação. Campuzano é, portanto, frágil, dependente e polida, exemplo de feminilidade. Por outro lado, ao descrever Sáenz, as adjetivações são contrárias às da jovem de Guayaquil. Sáenz é, nessa escrita, símbolo de insubmissão e inquietação, falta-lhe a delicadeza e o sentimentalismo, que deveriam, na visão colonialista, patriarcal e machista, ser inerentes a todas as mulheres. Ela quebra paradigmas e se insere em um espaço cuja presença foi conquistada por meio de incansáveis embates. Assim, o historiador, ao estabelecer um comparativo entre ambas as jovens, expõe seu pensamento patriarcal e colonialista, que não discute proposições de gênero no que tange ao espaço de enunciação feminino, porém, o discurso escritural, como sabemos, é sempre ideológico e, assim, revela muito além daquilo que se mostra na superfície textual.

Nesse sentido, com as ressalvas feitas, temos que a narrativa biográfica proposta pelo historiador venezuelano perfila uma mulher de singular trajetória, moldada por um comportamento que a situa em uma condição sobre-humana, uma figura-mito, de exponencial importância para o seu contexto. Sua caracterização,

⁴² Nossa tradução livre: Muito única a conjunção dessas duas mulheres tão diferentes, tão sedutoras, tão cheias de aventura e sensualismo. A mulher Guayaquil é docemente feminina, baseia todos os seus sucessos na delicadeza, no choro, nos desmaios, nas joias de alto valor, no canto, em tocar, com suas belas mãos, o cravo e a vihuela, no sentimento das emoções singulares da conspiração contra o vice-rei. A Quiteña, ao contrário, quase nunca chora; prefere ficar com raiva; ela odeia joias e só usa – isso sim, todos os dias – um grande brinco de ouro ou de coral, pendurado em suas orelhas minúsculas; ela não canta, comanda; ela não se aproxima de guitarras, prefere acariciar condecorações e espadas militares; também conspira, mas impositivamente; ela fala com interesse, por meio de palavra fácil e nada presunçosa. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 145).

pela escrita do biógrafo, revela traços de inadequação aos padrões femininos e comportamentais esperados de uma jovem do século XIX. Os signos linguísticos empregados por Rumazo González (1978), tais como “*encolerizarse*”, “*detesta*”, “*manda*”, “*espadas*”, “*conspira*”, entre outros, denotam a visão do sujeito-escritor sobre a pessoa biografada, e as técnicas narrativas utilizadas na construção da imagem da biografada – como a comparação com seu modelo oposto, por exemplo – revelam mais do que o seu olhar à personalidade de Sáenz.

Contudo, ao lidarmos com uma escrita que aborda a personalidade histórica por uma faceta de idealização, distanciamos-nos de sua representação empírica e traçamos uma via oposta ao que preconiza esta pesquisa. Nosso intuito aqui é o de aproximar Sáenz de sua condição humana, evitando polarizações de qualquer natureza.

Na sequência, quando Sáenz, em 1822, regressa a Quito para exigir sua parte na herança do avô materno, ela conhece Simón Bolívar, que chegava à cidade após combates pela independência do Equador. Murray (2008) aponta que Sáenz, durante esse período em Quito, por seu interesse político, obteve até mesmo uma audiência pessoal com Bolívar de modo a estabelecer contatos, contar com ou oferecer assistência e favores.

No decorrer do baile organizado em comemoração à expulsão dos espanhóis do território equatoriano, de acordo com Rumazo González (1978) e Von Hagen (1966), Manuela e Simón são apresentados e dão início a um complexo relacionamento amoroso e, também, político que seria conhecido por toda a América. No entanto, de acordo com Murray (2008, p. 170),

*[...] a vivid description of this ball and of the couple's encounter there may be found in Von Hagen, *The Four Seasons of Manuela*, 46-48. While other biographers such as Rumazo also mentions the ballroom encounter, I have found no evidence of it or of any meeting between Sáenz and Bolívar that night⁴³.*

⁴³ Nossa tradução livre: [...] uma descrição vívida desse baile e do encontro do casal pode ser encontrada em Von Hagen, *The Four Seasons of Manuela* (p. 46-48). Embora outros biógrafos, como Rumazo, também mencionem o encontro do baile, não encontrei nenhuma evidência dele ou de qualquer encontro entre Sáenz e Bolívar naquela noite. (MURRAY, 2008, p. 170).

O referido encontro é estabelecido como ponto de partida para os oito anos de relacionamento de Manuela e Simón⁴⁴, que enfrentaria distintos conflitos, como: o fato de Sáenz ser casada, os outros casos amorosos de Bolívar e os distanciamentos provocados pelo desenvolvimento dos combates.

Sáenz, ao se aproximar de Bolívar, aproxima-se da guerra e de uma versão sua mais inserida no contexto político do século XIX. Há, em ambos, uma comunhão de interesses pessoais. De acordo com Murray (2008), “[...] *Sáenz budding affair with Bolívar must be viewed in this context, occurring as it did in a city, Quito, eager to celebrate its liberation from the Spanish and to make up for recent wartime privations*⁴⁵.” (MURRAY, 2008, p. 32). Desse modo, não podemos afirmar que houve entre ambos apenas uma união excêntrica, movida por um sentimento singular de mútua apreciação. Essa relação é fruto de uma época de constantes transformações e refutações de condutas.

Von Hagen (1966) destaca que o encontro com Simón Bolívar resultou em uma nova versão de Sáenz, que compreende a urgência de sua participação na causa bolivariana como forma de atuar, mais diretamente, nos conflitos independentistas. Vejamos como o biógrafo expressa isso em seu texto, no excerto abaixo destacado:

*A new Manuela was emerging, and Bolívar was quick to notice it. Here was a creature who was more than just very woman; she had many facets, and here was one which could be put to practical use. Manuela was well aware of this too. She realized that love was not enough for Bolívar. That was what the long course of his casual lives had given him, and one by one he had moved out of their lives for ever. To hold him some depth must be given to the relationship, some third element added. Manuela would bind Simon Bolívar to her by the bonds of shared creation*⁴⁶. (VON HAGEN, 1966, p. 65).

⁴⁴ Conforme comenta Murray (2008), relacionamentos fora do casamento eram comuns entre as elites na América Hispânica colonial. Tais situações eram encorajadas por duas razões: a prática difundida de casamentos arranjados e a lacuna entre o contexto público e privados das elites.

⁴⁵ Nossa tradução livre: O romance de Sáenz com Bolívar deve ser visto nesse contexto, ocorrendo como aconteceu em uma cidade, Quito, ansiosa para comemorar sua libertação dos espanhóis e para compensar as privações recentes do tempo de guerra. (MURRAY, 2008, p. 32).

⁴⁶ Nossa tradução livre: Uma nova Manuela estava surgindo e Bolívar logo o percebeu. Aqui estava uma criatura que era mais do que apenas uma mulher; ela tinha muitas facetas, e estava aí uma delas que poderia ser colocada em uso prático. Manuela também sabia disso. Ela se deu conta que o amor não era o suficiente para Bolívar. Isso foi o que já se tinha dado a ele, ao longo do curso de suas vidas casuais e ele saiu da vida dessas mulheres, uma a uma, para sempre. Para mantê-lo a seu lado, alguma profundidade deveria ser dada ao relacionamento, algum terceiro elemento adicionado a ele. Manuela vincularia Simón Bolívar a ela pelos laços da criação compartilhada. (VON HAGEN, 1966, p. 65).

Diante desse “terceiro elemento” adicionado, como propõe o historiador, que se configura, em outras palavras, na inteligência e na atuação política e diplomática de Sáenz frente aos mesmos interesses de Bolívar, ele se vincularia a ela por laços dessa criação compartilhada, dessa mesma natureza, impossibilitando, assim, uma ruptura, como havia ocorrido antes em todas as relações vividas pelo general.

Dessa forma, a equiparação que Sáenz recebe no referido excerto representa uma quebra paradigmática para o próprio processo de descolonização, que esteve, até então, centrado na figura masculina de Bolívar. Ela, mulher, conquista um espaço de manifestação mais amplo a despeito das vinculações masculinas ainda presentes. Desse modo, o biógrafo estadunidense perfila, em sua escrita, uma mulher de múltiplas particularidades, a qual não adota uma postura passiva. Em sua perspicácia, Sáenz é capaz de moldar, até mesmo, a sua permanência junto a Simón Bolívar e ao cenário político da época.

Assim, durante os oito anos que seguiram, até a morte de Bolívar, em 1830, Sáenz chegou ao auge de sua vida. Essa escolha lexical não é ingênua, uma vez que, pelo relacionamento com Bolívar, ela teve acesso a uma evidente participação política, em um espaço predominantemente masculino, distanciando-se, ainda mais, da imagem idealizada da mulher pelo discurso e a prática colonialistas.

Cabia a ela a preservação e a proteção das cartas trocadas dentro do movimento guerrilheiro, ocupação que lhe foi designada por Simón Bolívar para que ela ficasse em Lima e guardasse todos os seus arquivos oficiais e pessoais. Além disso, de acordo com as referidas biografias, em 1823, Sáenz veste um uniforme militar e ajuda a impedir uma insurreição anti-bolivariana, em Quito. Pelos próximos anos, o uniforme militar a acompanharia, publicamente, em Quito e em Lima, assim como seu posicionamento em defesa da Grã-Colômbia⁴⁷.

⁴⁷ A Grã-Colômbia é um extinto país sul-americano, constituído em 1819, idealizado por Bolívar, que equivalia à divisão geográfica colonial do vice-reinado de Nova Granada. Em uma tradução livre, advinda da *Enciclopédia Britannica*, temos o seguinte: “Grã-Colômbia, nome formal da República da Colômbia, república de curta duração (1819–1830), anteriormente o Vice-Reino de Nova Granada, incluindo, aproximadamente, as nações modernas da Colômbia, Panamá, Venezuela e Equador. No contexto de sua guerra pela independência da Espanha, as forças revolucionárias no norte da América do Sul, lideradas por Simón Bolívar, em 1819, lançaram as bases para um governo regular em um congresso em Angostura (hoje Ciudad Bolívar, Venezuela). Sua república foi, definitivamente, organizada no Congresso de Cúcuta, em 1821. Antes disso, o governo era militar e altamente centralizado, com o poder executivo diretamente exercido por vice-presidentes regionais, durante a campanha do presidente Bolívar. Foi reorganizada como uma república representativa centralizada, com capital em Bogotá; Bolívar tornou-se presidente e Francisco de Paula Santander vice-presidente. A constituição também previa uma legislatura bicameral, eleita nas três regiões da república.” Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Gran-Colombia> Acesso em: 20 jan 2021.

Rumazo González (1978) descreve o enlace entre ambos como uma junção de personalidades excepcionais. A singularidade do casal, para o biógrafo, sobrepõe-se à atração física e emocional. Ambos compartilham de anseios afins e estão dispostos aos mesmos sacrifícios nesse contexto de instabilidade política. Vejamos um trecho no qual o referido autor expõe toda excepcionalidade de Sáenz:

Ni María Teresa, su esposa fallecida; ni Fanny du Villars, la adorada prima envuelta en las galantes encrucijadas de Versalles; ni Josefina Machado, la famosa “señorita Pepa” que decían los soldados venezolanos; ni Manuelita Madroño, en la sierra peruana, pudieron nunca conquistar el corazón y el pensamiento y todas las facultades del Libertador. Sólo Manuela Sáenz, por la excelsitud de su mente, de su sentimiento, de su preparación y por el vigor de su carácter pudo llegar a tan encumbrada cima. Como podrá advertirse, se impuso a todo y a todos y fue la compañera fidelísima, inteligente, digna del gran hombre; pero una compañera de felicidades y hondísimas tristezas, en los intentos autoritarios y en los renunciamientos, a través de las horas solemnes en que su amante es el hombre más poderoso y dentro de las horas sombrías en que la traición o la enfermedad tratan de arrastrar a la tumba al genio⁴⁸.
(RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 174, 175).

A proposição do biógrafo, ao se referir à Sáenz com tamanho preciosismo, reflete a tendência por ele utilizada para torná-la uma personalidade sobrenatural e indispensável a Bolívar. Ela é, desse modo, destacável à história, por sua excentricidade, sua liberdade e seu envolvimento com Simón, cujo sentimento é maior do que qualquer outra relação ordinária. É essa composição que optamos, aqui, por questionar, ao lançarmos argumentos que a coloquem como manifestação de sua época, balizada pelo entrelaçamento entre sua condição de mulher e seus privilégios.

Seguindo a ordenação lógica, temos que sua vinculação à causa bolivariana e o seu relacionamento com o general não eram ignorados pela sociedade. De acordo com Murray (2008), os movimentos de Sáenz, nesse período, assumiram certo

⁴⁸ Nossa tradução livre: Nem María Teresa, sua falecida esposa; nem Fanny du Villars, a adorada prima, envolvida nos galantes encaixes [bordados] de Versalhes; nem Josefina Machado, a famosa “Miss Pepa” que os soldados venezuelanos costumavam dizer; nem mesmo Manuelita Madroño, no planalto peruano, conseguiu conquistar o coração, o pensamento e todas as faculdades do Libertador. Só Manuela Sáenz, pela exaltação do seu espírito, pelo seu sentimento, pela sua preparação e pelo vigor da sua personagem, conseguiu atingir um pico tão elevado. Como se vê, ela se impôs a tudo e a todos e foi a companheira mais fiel, inteligente e digna do grande homem; mas companheira de alegria e profunda tristeza, nas tentativas autoritárias e nas renúncias, nas horas solenes em que seu amante é o homem mais poderoso e nas horas sombrias em que a traição ou a doença tentam arrastá-la para baixo. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 174, 175).

padrão: ela acompanhava as tropas bolivarianas, ficando sempre a cerca de um dia de distância e se utilizando de uma rota distinta. “[...] *apparently, only she, Bolívar and Santana and their couriers knew of it. Available sources suggest, moreover, that, as the army moved into enemy territory [...] Sáenz probably for security reasons, increased her distance from it*⁴⁹.” (MURRAY, 2008, p. 38). Sáenz era parte ativa do movimento independentista. Sua presença na frente era estimada e sua opinião ouvida.

Outro aspecto evidenciado nas biografias em cotejo diz respeito à não reciprocidade de Bolívar em termos de relacionamento amoroso. Sobre esse aspecto, Von Hagen (1966) explora, em sua narrativa, a personagem de Sáenz como alguém que reconhece o seu lugar existencial e não se submete ao que fere sua estima, como depreendemos do relato acerca do envolvimento de Bolívar com outras mulheres: “[...] *She had stormed and raved over the neglect, over his casual affairs with other women during their separation. They filled her with anger and disgust. She was, Bolívar soon found, not a woman to be trifled with; she had the temper of a tigress*⁵⁰.” (VON HAGEN, 1966, p. 77). Por meio da referida perspectiva, a personalidade delineada é representada pela sua autonomia e capacidade de estar no controle das situações adversas que enfrenta. Vemos, ainda, que o biógrafo, a fim de criar uma imagem do temperamento de Sáenz, lança mão da metáfora “Manuela-tigresa”, rompendo com a ideia de uma linguagem objetiva e apenas denotativa na escrita do texto histórico e corroborando a configuração de uma mulher que age instintivamente.

Por outro lado, Murray (2008) apresenta-nos uma mulher mais vinculada à sua própria humanidade, ou seja, com características prosaicas, que sente amor, ciúmes, raiva, que vive e sobrevive em uma sociedade hostil e em intenso antagonismo. Assim, os distanciamentos de Bolívar geravam, em Sáenz, dor e insegurança, como podemos observar em:

⁴⁹ Nossa tradução livre: [...] aparentemente, só ela, Bolívar, Santana e seus mensageiros sabiam disso. As fontes disponíveis sugerem, além disso, que, à medida que o exército se movia para o território inimigo, Sáenz, provavelmente, por razões de segurança, aumentava a sua distância da dele. (MURRAY, 2008, p. 38).

⁵⁰ Nossa tradução livre: [...] ela se rebelou e delirou com a negligência, sobre seus casos casuais com outras mulheres durante a separação. Eles a enchem de raiva e desgosto. Ela não era, Bolívar logo descobriu isso, uma mulher com quem se brinca; ela tinha o temperamento de uma tigresa. (VON HAGEN, 1966, p. 77).

Although content with her new role as Liberator's personal archivist, Sáenz was only partially satisfied with her overall situation. While she had found a way to be closer to Bolívar, she began to wonder the extent of his commitment to her. The previous May, stories had begun circulating about her lover's alleged fling with Manuelita Madroño, a pretty eighteen-year-old native of Huaylas⁵¹. (MURRAY, 2008, p. 39).

Este é o perfil dos primeiros anos de relacionamento de Sáenz e Bolívar: aproximações políticas, movimentos independentistas no ápice das renovações, não comprometimento de Bolívar com Sáenz, e ela, por sua vez, distanciando-se, cada vez mais, de seu casamento, a fim de se aliar ao general política e amorosamente.

No que tange à participação de Sáenz nos campos de batalha, sua presença torna-se imagem comum. Ela acompanha Bolívar, é responsável pelos arquivos da campanha independentista, aproxima-se do general Sucre, com quem estabeleceria laços de amizade, e auxilia o exército independentista, prestando serviços no socorro aos feridos, além de conselhos e opiniões políticas.

De modo consonante, Rumazo González (1978) compõe essa imagem de mulher, cujo comportamento transcende às definições de gênero, uma vez que o espaço voltado à mulher era, à época, reservado à esfera doméstica. Essa é a premissa da colonização, cujo processo de colonialidade se mantém no século XIX e à qual Sáenz subverte. No excerto a seguir, o referido biógrafo relata o relacionamento da quitenha com os outros participantes dos conflitos. Vejamos como essa imagem se perfila no excerto abaixo destacado:

[...] estos mismos son los portadores de la correspondencia minuciosa, vehemente, apasionada, de muy intensa añoranza de Manuela, cuya constancia y esfuerzo en la campaña servían a todos de admiración y ejemplo. No parecía mujer sino en sus atractivos; en lo demás, era una auténtica capitana que estuviese acostumbrada a las penalidades de la guerra: pésimos o ningunos alojamientos, comida mala, a destiempo, rigores de la lluvia y del sol, y la torturante fatiga de andar a caballo, siempre a caballo, paso entre paso. También se escribe quizás con amigos, residentes en Lima, con su hermano José María, destacado en las guarniciones de la costa. A su marido, Thorne, no le contesta nunca; no es que lo haya olvidado, es

⁵¹ Nossa tradução livre: Embora satisfeita com seu novo papel como arquivista pessoal do Liberator, Sáenz estava apenas parcialmente satisfeita com sua situação geral. Embora tivesse encontrado uma maneira de se aproximar de Bolívar, ela começou a se perguntar sobre a extensão de seu compromisso com ela. No mês anterior, de maio, começaram a circular histórias sobre o suposto caso de seu amante com Manuelita Madroño, uma linda jovem, de 18 anos, de Huaylas. (MURRAY, 2008, p. 39).

*que ni piensa en él, sino en Bolívar, y siente el nobilísimo orgullo de participar en una campaña en que con el padecimiento y la sangre se trata de conquistar la libertad. Para ella, una mujer, el suceso adquiere trascendencia sin igual: será la única en la historia del continente. ¡Su ambición está colmándose!*⁵². (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 245).

A aludida afirmação de que será a única no continente, de fato, possui seu grau de legitimidade. Contudo, conferir esse sentimento à Sáenz sem acesso a nenhum registro dela desse teor parece-nos vago, pois, se atribuirmos toda a sua vivência ao desejo de se tornar reconhecida pela história, incorreremos em uma limitação de toda a potencialidade de sua trajetória, vereda pela qual já se lançaram muitos dos estudiosos que, de uma ou outra maneira, buscaram recuperar os vestígios de sua existência.

Poderíamos afirmar, ainda, que o caminho de Sáenz foi traçado apesar da história e não por ela. Nos anos subsequentes à morte da quitenha, a própria escrita historiográfica tratou de ocultar a sua presença dos registros vinculados a Bolívar, uma vez que as bases fundadoras da historiografia hispano-americana são as mesmas da tradição europeia, cuja tendência é a de exaltar as ações masculinas – tornando-as exemplares às gerações futuras – e deixando à margem a participação feminina nos eventos gloriosos perpetuados nos anais oficiais.

Como apontam os textos biográficos, o ano de 1825 fica marcado como um período de separação para Manuela e Simón. Ele deixa Lima em direção a Cuzco e, então, Potosí e Chuquiasca, Sucre atualmente. A biografia de Murray (2008), por meio de detalhada análise das cartas trocadas entre o casal, aponta para os constantes conflitos enfrentados por eles. Vejamos a forma como a biógrafa relata essa situação em sua escrita, exposta no fragmento abaixo destacado:

Sáenz also had to deal with Bolívar's desire to distance himself from her. On April 11, 1825, the Liberator embarked on a long, rather

⁵² Nossa tradução livre: São eles próprios portadores de correspondência meticulosa, veemente, apaixonada, de saudade muito intensa por Manuela, cuja perseverança e esforço na campanha serviram de admiração e exemplo a todos. Ela não parecia uma mulher, exceto em sua atratividade; Fora isso, ela era uma verdadeira capitã, acostumada às agruras da guerra: péssima ou nenhuma acomodação, comida ruim, a intempérie, rigores da chuva e do sol, e o cansaço torturante de cavalgar, sempre a cavalo, passo a passo. Ela, talvez, também tenha se correspondido com amigos, moradores de Lima, com seu irmão José María, destacado nas guarnições costeiras. Ela nunca responde ao marido, Thorne; Não que o tenha esquecido, é que nem pensa nele, mas em Bolívar, e sente o nobre orgulho de participar de uma campanha em que o sofrimento e o sangue procuram conquistar a liberdade. Para ela, mulher, o acontecimento adquire um significado ímpar: será a única na história do continente. Sua ambição está sendo realizada. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 245).

*luxurious sultan-style tour of southern Peru and Bolivia (territory just freed from the Spanish) while leaving his mistress behind in Lima; he would not see her again for nine months. A bit over a week later, he wrote her to express doubts about their future. [...] He went on to suggest that, despite their love for each other, “duty” and conscience left the couple no choice but to part ways and put an end to their illicit relationship*⁵³. (MURRAY, 2008, p. 39, 40).

É possível depreender, portanto, que o matrimônio de Sáenz constituía-se em um impasse para Simón que, em suas cartas, expõe o fato de que a liberdade dela não viria sem marcas, impossibilitando a união de ambos. Sáenz segue nessa situação conflitante ao tentar convencer ambos – Bolívar e Thorne – de suas escolhas. Nessa toada, o casamento com Thorne ainda se manteve aos olhos da sociedade, mas seu trabalho em favor das causas independentistas não cessou.

Somente em 1826, Thorne decide retornar à Inglaterra na companhia de sua esposa. Sáenz, por sua vez, que já havia lidado com a recorrente ausência de Bolívar e seu desprendimento emocional, decide por acompanhar Thorne, mas desiste logo depois, encerrando, assim, seu casamento. Esse período é retratado por Von Hagen (1966) da seguinte forma:

Now James Thorne had lost his patience. He had been in turn, pleading and insistent with Manuela, then violent, contrite, then threatening. He knew she was carrying on a correspondence with Bolivar, and somehow getting letters in reply, despite his vigilance. He began to feel that, as long as the harassing shadow of the Liberator was between him and Manuela, he could not win. He suggested a trip to London. Manuela wrote Bolivar about it, for thus she might test the finality of their attachment as suggested in his letters. From the top of the world, from Bolivia, came his answer:

*DARLING, MY ADORED ONE,
your answer is not clear about the terrible trip to London. Is this possible, my darling? Don't give me mysterious riddles to solve. [...]*

That was enough for Manuela; she told Thorne she would not make the trip. Their relationship took a nasty turn. Thorne became abusive, and once he struck her – decidedly a dangerous thing to do to

⁵³ Nossa tradução livre: Sáenz também teve que lidar com o desejo de Bolívar de se distanciar dela. Em 11 de abril de 1825, o Libertador embarcou em uma longa e luxuosa viagem, ao estilo de um sultão, pelo sul do Peru e Bolívia (território recém-libertado dos espanhóis), enquanto deixava sua amante em Lima; ele não a veria novamente por nove meses. Pouco mais de uma semana depois, ele escreveu a ela para expressar dúvidas sobre o futuro deles. Ele passou a sugerir que, apesar do amor um pelo outro, o “dever” e a consciência não deixavam ao casal outra escolha a não ser se separar e pôr um fim ao seu relacionamento ilícito. (MURRAY, 2008, p. 39, 40).

someone as inflammable as Manuela. [...] ⁵⁴. (VON HAGEN, 1966, p. 160).

Os quatro anos seguintes, sem a presença de Thorne, possibilitaram que o relacionamento entre Sáenz e Simón fosse mais exposto ao público. De acordo com Murray (2008), a partir de 1827, Sáenz muda-se para Magdalena, residência que fica nas proximidades de Lima, e passa a morar sozinha e a ser remunerada pelo cônsul Colombiano Cristóbal Armero. Segundo a referida pesquisadora,

*[...] the move confirmed Sáenz's importance to her lover as well as the latter's apparent new willingness to acknowledge her in public. It signaled her semiofficial status as a mistress. Now able to consort openly with Bolívar, Sáenz, it appears, was triumphant*⁵⁵. (MURRAY, 2008, p. 41).

Contudo, eles não compartilharam de muito tempo juntos, pois, de maneira fática, a relação entre eles era mais em favor de uma causa política do que amorosa por si, uma vez que, embora ambos tenham trocado inúmeras cartas de amor e eram vistos pela sociedade como um casal, devemos atentar-nos para o fato de que, na prática, eles se relacionavam com o movimento político muito mais do que amorosamente. Eles não renunciaram a seus ideais para viverem o relacionamento, apenas o adequaram à ambição política de ambos. Frente à nova conjuntura, nos estudos de Von Hagen (1966), evidencia-se a seguinte descrição:

The victory was complete. People no longer speculated – at least in the open – about their love affair. Manuela's husband had been eclipsed, and by all those who surrounded the Liberator she was

⁵⁴ Nossa tradução livre: Agora James Thorne havia perdido a paciência. Ele, por sua vez, havia sido implorante e insistente com Manuela, depois violento, arrependido e, então, ameaçador. Ele sabia que ela mantinha correspondência com Bolívar e, de alguma forma, recebia cartas em resposta, apesar de sua vigilância. Começou a sentir que, enquanto a ameaçadora sombra do Libertador estivesse entre ele e Manuela, não poderia vencer. Ele sugeriu uma viagem a Londres. Manuela escreveu a Bolívar sobre isso, pois, assim, poderia testar a finalidade do afeto sugerido em suas cartas. Do topo do mundo, da Bolívia, veio sua resposta: QUERIDA, MINHA ADORADA, sua resposta não é clara sobre a terrível viagem a Londres. Isso é possível, minha querida? Não me dê enigmas misteriosos para resolver. [...] Isso foi suficiente para Manuela; ela disse a Thorne que não faria a viagem. O relacionamento deles deu uma guinada desagradável. Thorne tornou-se abusivo e, uma vez golpeou-a – decididamente uma ação perigosa de se fazer a alguém tão inflamável como Manuela. (VON HAGEN, 1966, p. 160).

⁵⁵ Nossa tradução livre: A mudança confirmou a importância de Sáenz para seu amante, bem como a aparente nova disposição deste último em reconhecer em público. Isso assinalou seu status semi-oficial como sua amante. Agora capaz de conviver abertamente com Bolívar, Sáenz, ao que parece, triunfou. (MURRAY, 2008, p. 41).

*granted the respect they would have shown his wife*⁵⁶. (VON HAGEN, 1966, p. 166).

Assim, ao serem vistos juntos, ela recebe maior respeito e visibilidade pelos aliados de Bolívar. Murray (2008) traça algumas facetas diplomáticas de Sáenz, como o estreitamento de diálogos com homens, estabelecendo laços de amizade, atitude que marcará seus anos após a morte do general, além de ações de interseção e proteção aos refugiados e a outros indivíduos em situações periclitantes. É válido ressaltar que essas ações lideradas pela personalidade quitenha atuam no fortalecimento da campanha de Bolívar, consolidando-o como o mais poderoso líder da América do Sul.

No que tange à participação política de Manuela Sáenz, as imagens trazidas pela biografia de Rumazo González (1978) delineiam uma mulher que busca, em alguma medida, comparar-se a Bolívar. Tal imagem pode ser conferida no extrato de seu texto, abaixo exposto:

*Quando la quiteña se recoge a la soledad de su residencia, luego de haber pasado horas de vértigo en la quinta, piensa*⁵⁷ *en que a los triunfos van a suceder las guerras de carácter moral, las campañas de tipo político, mucho más complicadas y difíciles de vencerse. Hasta cierto punto se siente más poderosa que su amante, con la intuición, con la decisión; en nadie tiene confianza. Por desgracia su hombre cree en varios, es un soñador, y habrá de pagar cara su caballerosidad. La reacción profunda que siente esta mujer ante todo eso, siempre reacción vehemente, se mezcla con aquella sátira mordaz que ha aparecido también contra ella, por su calidad de mujer que traiciona pública e insistentemente a su marido y porque es una “foránea”. También contra ella se dirige aquel remolino subterráneo de resistencia, que el Libertador quiere ahogar en fiestas, en placeres, en derroche espléndido. El dinero se vierte abundantemente, como el amor*⁵⁸. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 278).

⁵⁶ Nossa tradução livre: A vitória foi completa. As pessoas não especulavam mais – pelo menos abertamente – sobre seu caso de amor. O marido de Manuela tinha sido eclipsado e, por todos aqueles que cercavam o Libertador, ela recebeu o respeito que eles teriam mostrado por sua esposa. (VON HAGEN, 1966, p. 166).

⁵⁷ Acreditamos que seja importante ressaltar o fato de como os textos biográficos sobre Manuela Sáenz escritos por Rumazo González (1978) e Von Hagen (1966) valem-se da ficção para traçar o perfil dessa mulher equatoriana. Temos, nesse trecho, um claro exemplo de narrador heterodiegético que transita por essa hibridéz de textos. Além disso, devemos lembrar, mais uma vez, de que, no caso exemplificado, é o homem que fala pela mulher, que intenta retratar, até mesmo, os seus pensamentos mais íntimos.

⁵⁸ Nossa tradução livre: Quando a mulher de Quito se retira para a solidão de sua residência, depois de ter passado horas de vertigem na vila, pensa que as guerras morais, as campanhas políticas, muito mais complicadas e difíceis, vão se transformar em triunfos. Ela se sente mais poderosa do que

Assim, ao afirmar que Sáenz sente-se mais poderosa que Bolívar, o historiador ressalta razões para tal, expondo que ela não confiava em ninguém, diferentemente do general, e que sua notabilidade se dava por razões que envolviam seu comportamento, como o fato de viver um relacionamento extraconjugal, além de ser uma estrangeira. Rumazo González (1978) aponta, assim, para a lucidez do entendimento da quitenha, que, também, era atingida por movimentos de resistência política, principalmente, mas que não precisava de álcool e dinheiro para se ludibriar. Sáenz era, portanto, mais pragmática do que seu companheiro.

Em um período em que os conflitos já haviam diminuído e uma paz temporária concretizava-se em Lima, durante o verão de 1826, Bolívar recebe do rei da França a proposta de instauração de um governo monárquico naquela região. Situação mencionada nos estudos de Von Hagen (1966) quando registra que “*it was an open secret that France would like to see Bolivar crowned Simon I, King of an Andean Empire – in whose affairs she would play a leading role*⁵⁹.” (VON HAGEN, 1966, p. 167).

A possibilidade de haver um reinado no Peru foi vista com grande desaprovação pela população em geral, por Sáenz e por Maria Antonia – irmã de Simón –, além do fato de essa atitude confrontar-se com os ideais de democracia propostos por Bolívar, que agora se centravam na divisão do Peru em dois países devido a sua extensão territorial e a seu poder. Isso significava uma ameaça, portanto, ao seu projeto de repúblicas andinas.

Durante a efervescência a respeito de um possível reinado, Bolívar redige a constituição da Bolívia em que, de acordo com Von Hagen (1966), sua intenção era

seu amante, com intuição, com decisão; ela não tem confiança em ninguém. Infelizmente seu companheiro acredita em vários homens, ele é um sonhador e pagará caro por seu cavalheirismo. A reação profunda que esta mulher sente por tudo isso, sempre uma reação veemente, mistura-se com aquela sátira mordaz que, também, apareceu contra ela, por sua qualidade de mulher pública que, insistentemente, trai o marido e por ela ser uma “estrangeira”. Também contra ela dirige-se aquele redemoinho subterrâneo de resistência, que o Libertador quer afogar em festas, em prazeres, em esplêndido desperdício. O dinheiro é derramado em abundância, como o amor. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 278).

⁵⁹ Nossa tradução livre: Era um segredo aberto que a França gostaria de ver Bolívar coroado Simão I, Rei de um Império Andino – em cujos assuntos ela desempenharia um papel de liderança. (VON HAGEN, 1966. p. 167).

combinar as virtudes de todos os sistemas políticos. Contudo, o biógrafo aponta-nos o inverso:

*Instead of the virtues of all systems, said his detractors, he had combined all their defects. His plan called for a lifetime presidency, a scheme which, if followed by other South American nations, would give him control of half the continent*⁶⁰. (VON HAGEN, 1966, p. 169).

Ainda sobre a constituição bolivariana, Murray (2008) atenta para seu aspecto conservador e autoritário e a tentativa de forçar os peruanos a aceitarem tal modelo. Em linhas gerais, a pesquisadora relata que,

*[...] this document embodied the most conservative and authoritarian aspects of Bolívar's political thinking. It included a highly restrictive, indirect form of suffrage (one elector for every one hundred citizens); three-chamber legislature composed of tribunes, senators, and censors (the latter elected for life and responsible for the nation's moral uplift); and, above all, a lifetime (if relatively nominal) presidency*⁶¹. (MURRAY, 2008, p. 44).

Somado a tais conflitos, Bolívar deixa Lima, indo para Venezuela, onde se confronta com o General Páez⁶². Sáenz, por sua vez, permanece em Lima, de onde seria presa e expulsa logo em seguida, por liderar movimentos de resistência às insurgências antibolívar organizadas pelo Congresso peruano. Von Hagen (1966), sobre essa situação, expressa que

[...] the Peruvian Government was taking no chances, so at twelve o'clock that night soldiers appeared at her house, seized her in bed

⁶⁰ Nossa tradução livre: Em vez das virtudes de todos os sistemas, disseram seus detratores, ele combinou todos os seus defeitos. Seu plano previa uma presidência vitalícia, um esquema que, se seguido por outras nações sul-americanas, dar-lhe-ia o controle de metade do continente. (VON HAGEN, 1966, p. 169).

⁶¹ Nossa tradução livre: Este documento incorporou os aspectos mais conservadores e autoritários do pensamento político de Bolívar. Incluía uma forma indireta de sufrágio altamente restritiva (um eleitor para cada cem cidadãos); legislatura de três câmaras composta por tribunos, senadores e censores (estes últimos eleitos vitaliciamente e responsáveis pela elevação moral da nação); e, acima de tudo, uma presidência vitalícia (embora relativamente nominal). (MURRAY, 2008, p. 44).

⁶² Mendez Dorado (2022), em seu livro *Nuestro Bolívar: da heroificação à humanização da sua figura na ficção*, comenta que “o general Santander e o general Páez, [são] considerados os maiores detratores políticos de Bolívar após a proclamação das repúblicas;” (DORADO, 2021, p. 79). A TeleSUR, em seu website, lança uma nota lembrando os 147 anos de morte do general Páez, em junho de 2020, com o seguinte título: *José Antonio Páez “El Centauro de Los Llanos” de Venezuela*. Disponível em: <https://www.telesurtv.net/news/jose-antonio-paez-centauro-llanos-venezuela-20180612-0024.html> Acesso em 30 jan. 2021.

*and brought her protesting and fighting, to the Convent of the Nazarenas. Colonel Bustamante himself took charge of the case. Through the iron grating of the cloistered nunnery, he advised the abbess that Manuela was to be kept in reclusion, to be allowed communication with no one, and did not like the role thrust upon her, but to the gentleman could be assured that she would understand how to handle the Señora, and that from this cloistered nunnery. She could communicate with no one*⁶³. (VON HAGEN, 1966, p. 177).

No que tange ao seu comportamento na prisão, Murray (2008) registra as ações de Sáenz, que permanece como prisioneira do governo peruano por período superior a um mês. Essa situação é descrita no texto da biógrafa nos seguintes termos:

*Sáenz refused to accept her fate quietly. She protested the treatment she had received at the hands of Peruvian authorities and, in a formal letter of complaint to Consul Cristóbal Armero, highlighted the government's apparent refusal to explain the reasons for her February 7 arrest and imprisonment. [...] She also asked the consul to assure her right to know what if any official charges had been made against her. She reminded him of her status as a "Colombian" and thus, as a citizen entitled to be treated with the "consideration" that, under "the [universal] law of nations," was due all citizens arrested for real or alleged crimes – even those arrested within the Peruvian republic. She also invoked the protection of Article 117 of the recently restored 1823 Peruvian Constitution with its requirement that all suspects be told the reason for their arrest with twenty-four hours or else be set free. [...]*⁶⁴. (MURRAY, 2008, p. 47).

⁶³ Nossa tradução livre: O governo peruano não queria correr riscos, por isso, às 12 horas daquela noite, soldados apareceram em sua casa, agarraram-na da cama e a trouxeram, protestando e lutando, para o Convento das Nazarenas. O próprio coronel Bustamante encarregou-se do caso. Através da grade de ferro do convento de clausura, ele avisou à abadessa que Manuela devia ser mantida em reclusão, sem poder comunicar-se com ninguém e que ele não gostava do papel designado a ela, mas que, ao cavalheiro, poderia-se assegurar que ela saberia como lidar com a Señora, a partir dos muros desse convento de clausura. Ela não poderia comunicar-se com ninguém. (VON HAGEN, 1966, p. 177).

⁶⁴ Nossa tradução livre: Sáenz recusou-se a aceitar seu destino em silêncio. Ela protestou contra o tratamento que recebeu das autoridades peruanas e, em uma carta formal de reclamação ao cônsul, Cristóbal Armero, destacou a aparente recusa do governo em explicar os motivos de sua prisão, em 7 de fevereiro. Ela também pediu ao cônsul que lhe assegurasse o direito de saber se alguma acusação oficial havia sido feita contra ela. Ela o lembrou de sua condição de "colombiana" e, portanto, de cidadã com direito a ser tratada com a "consideração" que, segundo a "lei [universal] das nações", era devido a todos os cidadãos presos por crimes reais ou supostos – mesmo aqueles presos dentro da república peruana. Ela também invocou a proteção do artigo 117, da Constituição peruana de 1823, recentemente restaurada, com a exigência de que todos os suspeitos sejam informados do motivo de sua prisão, em até 24 horas, ou, então, sejam libertados. (MURRAY, 2008, p. 47).

Depreendemos, dessa escrita, a forma como Sáenz manifesta-se no espaço público, dialogando em postura de igualdade com os homens que ocupam cargos políticos a favor ou contra a causa bolivariana. Ela tem acesso ao conhecimento e exige seus direitos como deveria fazer qualquer outro cidadão, independentemente de seu gênero. A quitenha, pelo resgate historiográfico realizado, apresenta uma postura autônoma de autodefesa, a despeito de Bolívar. Seu conhecimento legal e o hábito de escrever cartas a colocam em uma posição de relativa igualdade aos demais homens com os quais convivia, que eram, em sua maioria, brancos e elitizados.

Sáenz fica mais de um mês presa e é solta em 23 de março de 1827, depois de inúmeros questionamentos realizados, a fim de obter uma justificativa para sua prisão e de, por fim, incitar a opinião pública. A esse respeito, Murray (2008), ressalta que

[...] on April 11, Sáenz boarded a ship bound for Guayaquil, joining General José María Córdoba, some 10 other Colombian officers, and 130 convalescing soldiers – all of whom also had been asked to leave the country. She had come to be known by then as the Libertadora. In the words of an observer who referred to her as such that same year, she was “a handsome and very singular woman,... [who was] generous in the extreme to the officers and soldiers to the last dollar in her purse and... ready to nurse [the sick and the wounded] with the most zealous humanity.” Sáenz thus had gained a new public identity, one that was to evolve and to characterize her and, ultimately, to encourage her political activism⁶⁵. (MURRAY, 2008, p. 49).

Sobre esse trecho da biógrafa estadunidense, vemos que a presença e a atuação de Sáenz já eram respeitadas e conhecidas publicamente pelos aliados de Bolívar. Sua imagem é construída, portanto, na singularidade de suas ações e na importância delas. Não era mais possível ignorar a indispensabilidade da participação de sujeitos como Sáenz em períodos de combate.

Segundo o relato historiográfico, Sáenz vai, primeiramente, a Quito, onde havia mais insurreições contra Bolívar e, então, em dezembro, parte para Bogotá

⁶⁵ Nossa tradução livre: Em 11 de abril, Sáenz embarcou em um navio com destino a Guayaquil, juntando-se ao general José María Córdoba, cerca de 10 outros oficiais colombianos e 130 soldados convalescentes – todos eles, também, solicitados a deixar o país. Ela passou a ser conhecida como a Libertadora. Nas palavras de um observador que se referiu a ela como tal naquele mesmo ano, ela era “uma mulher bonita e muito singular,... [que foi] extremamente generosa com os oficiais e soldados até o último dólar em sua bolsa e... pronta a cuidar [dos enfermos e feridos] com a mais zelosa humanidade”. Sáenz, assim, ganhou uma nova identidade pública, que iria evoluir e a caracterizar e para, em última instância, encorajar seu ativismo político. (MURRAY, 2008, p. 49).

onde se reuniria com Bolívar, em janeiro de 1828. Sobre sua viagem a Bogotá, Von Hagen (1966) aponta que

[...] *it was a long and horrendous journey. It would have been bad enough in its endless miles when the road had been the king's highway, paved with stone, its bridges kept in repair, and its taverns operating under royal license. Now it was a small journey to hell. There was little or no food; bridges destroyed during the war remained unrepaired; gangs of discharged soldiers infested the highways, waylaying any who did not take the precaution to go well armed. All along the way General Bolivar alerted his officers to be on watch for the caravan of Manuela. More than that: for when she reached the verdant Cauca valley on her way to the small colonial city of Popayan, a letter of encouragement, in his own hand, awaited her*⁶⁶. (VON HAGEN, 1966, p. 189).

O excerto acima evidencia a situação em que se encontrava a região de Quito e Bogotá durante os anos após os combates independentistas. É possível depreender que a expulsão dos espanhóis do território hispano-americano dá vazão a inúmeros outros contratempos. A miséria e a destruição eram, nesse período pós-guerra, parte da triste paisagem hispano-americana.

O papel político e diplomático de Sáenz aparece já na primeira biografia, escrita por Rumazo González. Nela, o biógrafo equatoriano cita uma missiva em que ela expressa a necessidade de que algumas pessoas morram para que outras possam viver. Para o estudioso, Manuela “*parece una mujer de Estado, que entra en la política, opina en ésta, trata de conducirla, decide, desenmascara a los enemigos, toma determinaciones enérgicas*”⁶⁷ [...]” (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 302).

Ainda que o biógrafo tenha modalizado seu discurso, ao dizer que a personalidade quitenha assemelhava-se a uma mulher de estado, estamos, aqui,

⁶⁶ Nossa tradução livre: Foi uma jornada longa e horrenda. Já teria sido ruim o suficiente pelos seus intermináveis quilômetros, quando a estrada era a rodovia do rei, pavimentada com pedra, suas pontes mantidas em reparo e suas tabernas operando sob licença real. Agora era uma pequena jornada para o inferno. Havia pouca ou nenhuma comida; pontes destruídas durante a guerra permaneceram sem reparos; gangues de soldados dispensados infestavam as rodovias, perseguindo quem não tomasse a precaução de andar bem armado. Ao longo do caminho, o general Bolívar alertou seus oficiais para que estivessem de guarda na caravana de Manuela. Mais do que isso: pois quando ela chegasse ao verdejante vale do Cauca, a caminho da pequena cidade colonial de Popayan, uma carta de incentivo, de sua própria mão, a esperava. (VON HAGEN, 1966, p. 189).

⁶⁷ Nossa tradução livre: [...] parece uma mulher do Estado, que entra na política, pensa, tenta liderar, decide, desmascara os inimigos, toma decisões enérgicas. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 302).

frente a uma perspectiva *ex-cêntrica*⁶⁸ para as primeiras décadas do século XIX, que aponta ao reconhecimento da participação feminina em movimentos políticos na primeira metade do século XX. A referida citação evidencia que o comportamento da personagem anuncia uma prática que fissa paradigmas coloniais, sua vivência consiste em reações constantes diante da ordem vigente, ela elimina uma postura subalterna e assume um posicionamento que se enfrenta com os mais distintos níveis de conservadorismo.

Nessa mesma perspectiva, e já no século XXI, Murray (2008), de forma mais abrangente e clara, corrobora as alusões à diplomacia de Sáenz. Vejamos o seguinte excerto no qual a biógrafa expressa esse perfil de Sáenz:

*She also sought to advise her lover. This included offering her opinion of individuals whom she thought likely to support him and his followers. [...] While it is unclear to what extent Bolívar was influenced by such statements, it is clear that he listened to them; as will be seen, he sometimes acted on them as well. By the time of the Ocaña Convention, in short, Sáenz had become one of the Liberator's advisors and confidantes*⁶⁹. (MURRAY, 2008, p. 59).

Nesse sentido, é salutar atentarmos para a intenção escritural dos biógrafos aqui cotejados, uma vez que suas escritas inserem-se em um recorte de espaço e tempo que convivem com percepções mais unilaterais da história. Suas pesquisas, portanto, adquirem importância substancial para os estudos históricos mais contemporâneos, pois expõem, dentro das limitações de suas pesquisas e de seu espaço de enunciação, versões de uma personalidade multifacetada.

Seguindo um percurso cronológico, vemos que Bolívar enfrenta insurreições recorrentes nesse período e participou, por meio da presença de um de seus filhos

⁶⁸ O termo “ex-cêntrico” foi cunhado por Linda Hutcheon na obra *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction* ([1988] 2000), mais especificamente no artigo denominado “Decentering the Postmodern: The Ex-centric”. Para a pesquisadora, em uma tradução nossa, “ser ex-cêntrico, na fronteira ou na margem, dentro e ainda fora, é ter uma perspectiva diferente, uma que Virginia Woolf (1945, 96) uma vez chamou de ‘diferente e crítica,’ uma que esta ‘sempre alternando seu foco,’ uma vez que não possui força central.” (HUTCHEON, 2000, p. 67).

⁶⁹ Nossa tradução livre: Ela também procurou aconselhar seu amante. Isso incluía oferecer-lhe sua opinião sobre pessoas que ela achava que, provavelmente, apoiariam ele e seus seguidores. [...] Embora não seja claro até que ponto Bolívar foi influenciado por tais declarações, é claro que ele as ouviu; como se verá, ele, às vezes, agia de acordo com elas também. Na época da Convenção de Ocaña, em suma, Sáenz havia se tornado um dos conselheiros e confidentes do Libertador. (MURRAY, 2008, p. 59).

generais, O’Leary (1801–1854), da convenção de Ocaña⁷⁰, que reestabeleceria a constituição da Bolívia. Contudo, com o resultado contrário aos seus interesses, Bolívar inicia um regime ditatorial na Grã-Colômbia, como Von Hagen (1966) expõe no fragmento abaixo exposto:

*On 13 July, in the great Plaza in front of the cathedral, facing all his generals, Bolivar took the oath of Office and assumed full dictatorial power over the republic, and he said:
“The good of the republic does not consist in hateful dictatorship. Dictatorship is glorious only when it seals the abyss of revolution, but woe to a people that accustoms itself to live under dictatorial rule”⁷¹.*
(VON HAGEN, 1966, p. 212).

Assim, em junho de 1828, Bolívar retorna a Bogotá e passa os próximos sete meses com Sáenz. Nesse ínterim, eles se desentendem quando ela, ao organizar uma festa de aniversário para Bolívar – que dela não participa, mas envia os membros do conselho e do batalhão militar como forma de mostrar aprovação oficial do governo –, decide atirar em uma efígie que representava Francisco de Paula Santander, um dos inimigos de Bolívar.

Ressaltamos que esse episódio, relatado nas biografias aqui cotejadas, acontece regado a muito álcool e em meio a intensos conflitos políticos. Além disso, a ação praticada por ela é, de acordo com Von Hagen (1966), motivada pelos próprios convidados do evento, como expõe o seguinte excerto:

⁷⁰ Sobre a participação de Simón Bolívar na convenção de Ocaña, em uma tradução livre, Von Hagen (1966, p. 204) expõe: A desunião da Grande Colômbia havia despertado a Espanha e sua frota estava navegando ao largo da costa, em busca de um lugar para desembarcar tropas. Então, quinhentas milhas ao norte, uma seção do exército, na cidade-fortaleza de Cartagena, ameaçou revolta. Bolívar parou na pequena cidade montanhosa de Bucaramanga e examinou seu dilema político, ele escreveu: ‘Se eu for para o norte, o sul se desintegrará; Se eu for para o sul, o norte se revoltará. Assim, Bolívar, confuso com a hesitação, não foi a lugar nenhum. Ele ficou em Bucaramanga, um lugar estratégico de onde se poderia dirigir para qualquer ponto da bússola. E lá ele se sentou em frenética impotência, entregando a direção do Congresso de Ocaña ao General O’Leary. Foi ele quem leu a mensagem de Bolívar para a convenção na igreja de São Francisco, em 2 de abril: ‘Sem força não há virtude; sem virtude, o estado morre. A anarquia destrói a liberdade, mas a unidade a preserva. Dá-nos, senhores, dá-nos leis inexoráveis... Se a convenção não se conduzir com sabedoria, e o povo com prudência, começará uma guerra civil, e só Deus sabe onde isso terminará...

⁷¹ Nossa tradução livre: Em 13 de julho, na grande praça em frente à catedral, de frente para todos os seus generais, Bolívar fez o juramento de posse e assumiu o pleno poder ditatorial sobre a república, e disse: “O bem da república não consiste em uma ditadura odiosa. A ditadura só é gloriosa quando sela o abismo da revolução, mas ai de um povo que se acostuma a viver sob o regime ditatorial.” (VON HAGEN, 1966, p. 212).

*'When the wine had taken its effects' said a remembering participant, 'one of the guests unfortunately mentioned the name of Santander. It had the effect of a spark dropping into an open gunpowder cask. With their tongues loosened, all guests let flow their invectives upon the man whom they believed to be the principal enemy of Bolívar. In a still more unfortunate moment one of the guests proposed that, following an old Spanish custom, they shoot Santander in effigy.'*⁷² (HAGEN, 1966, p. 213).

Alguns subordinados de Bolívar reagem com horror à situação, especialmente o General José María Córdova⁷³, que afirmou ter sido esse um atentado que desrespeitou o governo, o presidente e as leis do país. A pesquisadora estadunidense Murray (2008) relata que,

*[...] the effigy incident spawned a scandal. Sáenz, some said, had instigated it. This was the view of one of Bolívar's officers, General José María Córdova, who, in a private letter of complaint to his superior, characterized the incident as "an assault" on the government and the Liberator himself as well as on the country's laws, society, and "the army's sense of discipline". Córdova also cast blame on Sáenz. "It has been said that Señora Sáenz was the one who promoted the scandal and directed it," his letter informs Bolívar bluntly*⁷⁴. (MURRAY, 2008, p. 62).

Depois dessa festa, Bolívar distancia-se de Sáenz e não permite que ela estabeleça nenhum contato com ele, uma vez que sua atitude não foi aceita pelo general devido aos excessos e à exposição decorrente. Em resposta a Córdova, ele promete esforçar-se por convencê-la a voltar para o Equador, como verificamos em

⁷² Nossa tradução livre: 'Quando o vinho fez efeito', disse um participante que se lembrava do fato, 'um dos convidados, infelizmente, mencionou o nome de Santander. Tal atitude teve o efeito de uma faísca caindo em um barril de pólvora aberto. Com a língua solta, todos os convidados deixaram fluir suas inventivas contra o homem que acreditavam ser o principal inimigo de Bolívar. Em um momento, ainda mais infeliz, um dos convidados propôs que, seguindo um antigo costume espanhol, atirassem na efígie de Santander'. (VON HAGEN, 1966, p. 213).

⁷³ José María Córdova (1799 – 1829) foi um militar colombiano que participou das Guerras de Independência da Colômbia, Peru e Bolívia. É conhecido por seu desempenho na decisiva batalha de Ayacucho, que marca o fim do domínio hispânico na América do Sul. O combate aconteceu em dezembro de 1824, em Ayacucho, no Peru. Mais informações sobre o general Córdova podem ser encontradas em: <https://www.encyclopedia.com/humanities/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/cordoba-jose-maria-1799-1829> acesso em 28 jan. 2021.

⁷⁴ Nossa tradução livre: O incidente com a efígie gerou um escândalo. Sáenz, dizem alguns, instigou-o. Esta é a opinião de um dos oficiais de Bolívar, o General José María Córdova que, em carta privada de denúncia a seu superior, caracterizou o incidente como "uma agressão" ao governo e ao próprio Libertador, bem como às leis do país, à sociedade e "ao sentido de disciplina do exército". Córdova, também, culpou Sáenz. "Foi dito que a senhora Sáenz foi quem promoveu e dirigiu o escândalo", informa para Bolívar, sem rodeios, em sua carta. (MURRAY, 2008, p. 62).

Murray (2008), quando a pesquisadora lança luzes à carta escrita por Bolívar na tentativa de diminuir a importância do incidente:

“What would you have me tell her?” he wrote, implying that there was little he could say or do to control his mistress’s behavior. He then promised his subordinate that he would “make the most determined effort” to persuade his mistress to “return to her country or wherever she wishes”⁷⁵. (MURRAY, 2008, p. 63).

Poucas semanas depois, Sáenz tem acesso a um plano de assassinato a Bolívar⁷⁶ em um baile de máscaras ao qual ela não havia sido convidada por razões referentes ao ataque à efígie nas comemorações do aniversário do general. Rumazo González (1978) descreve a primeira tentativa de assassinato a Bolívar e o decisivo papel de Sáenz na frustração de tais planos. De acordo com o referido biógrafo, ela tenta entrar na festa, vestida de soldado militar, e é impedida. Diante da impossibilidade, portanto, e no desespero por tirar Bolívar da celebração que acreditava ter sido arquitetada para matá-lo, o biógrafo relata que,

[...] El Libertador conversaba en esos momentos con los oficiales, distraídamente cuando vio lo que menos podía esperarse: en la puerta del coliseo había una mujer desgreñada y sucia que se reía a carcajadas, que hacía contorsiones. Bolívar pregunta al edecán si se trata en realidad de Manuela. ‘– Sí, mi general’, contesta Ferguson. ‘– Esto es insufrible’, dice el Libertador y sale precipitadamente tras de la mujer que huía. Córdoba le pregunta ya en la puerta: ‘¡Qué!, ¿se va usted, mi general?’ ‘– Sí, y muy disgustado; acompáñeme usted y le contaré’. Don Marcelo Tenorio, que buscaba a Córdoba para informarle del peligro que corría el Libertador, alcanzó a oír – lo cuenta él mismo – estas palabras entre varios enmascarados: ‘–

⁷⁵ Nossa tradução livre: “O que você quer que eu diga a ela?” ele escreveu, dando a entender que havia pouco que ele pudesse dizer ou fazer para controlar o comportamento de sua amante. Ele, então, prometeu a seu subordinado que iria “fazer o esforço mais determinado” para persuadir sua amante a “voltar para seu país ou para onde ela desejasse”. (MURRAY, 2008, p. 63).

⁷⁶ De acordo com Oliveira e Martins (2016, p. 161), no dia 10 de agosto de 1828 realizou-se um baile de máscaras em Bogotá, para o qual Bolívar foi convidado e Manuela não. O Libertador não reclamou sua presença, devido ao ocorrido na sua fazenda. Ela pedia para que ele não fosse ao baile não por capricho, mas por sua segurança, já que o baile de máscara seria uma boa oportunidade para atentarem contra a vida dele. Bolívar acreditava que sua insistência devia-se a um melindre, por não ter sido convidada. Mas Manuela tinha informações de que o atentado aconteceria às doze da noite. Então, durante o festejo, apareceu, vestida com seu uniforme de húsar, juntamente com suas escravas, porém o prefeito de Bogotá não permitiu sua entrada. Na mesma hora ela voltou à sua casa, vestiu-se de mendiga e retornou à festa, onde fez um escândalo; agindo como uma louca, e exigiu ver o general Bolívar; que acabou saindo mais cedo e envergonhado do baile de máscaras, mas escapou de morte certa. Bolívar foi avisado pelo coronel Fergusson de todo o plano de seu assassinato, indo, então, pedir desculpas à Manuela por não ter acreditado nos seus avisos.

*¿Qué se ha hecho Bolívar? ¿Dónde está el presidente? ¿Se ha escapado el tirano! ...*⁷⁷. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 321).

Assim, Sáenz salva Bolívar de um plano incipiente de assassinato, mas ele, por sua vez, não reconhece de imediato as justificativas para tal comportamento. Sobre esse baile, o relato feito por Murray (2008) tem um caráter mais prático e apenas aponta para a frustração do plano, que acontece a partir de uma discussão entre Sáenz e um guarda do teatro, chamando a atenção do general e fazendo com que ele se retire da festividade.

De acordo com Murray (2008), o papel e a influência de Sáenz aumentariam a partir das tentativas de assassinato a Bolívar. Sua presença e capacidade de se mover por espaços frequentados por homens, de forma geral, não escapam aos registros históricos. Desse modo, ela se apropria desse contexto, manipula e navega por veredas pouco conhecidas pelas mulheres do século XIX no espaço hispano-americano e, para Von Hagen (1966, p. 129),

*[...] Manuela was developing her role. She was, at these tertulias, influencing the opinions of men who were important to Simon Bolivar. For beneath her 'follies' there was something else. Bolivar might speak of her as his 'lovable fool', and her enemies might call her many harsher names. But they realized, all too late, that they had misjudged her. The strange apparatus of her extravagant behavior was only an incredible façade to hide her real intentions, her political manipulations for Simon Bolivar's ideals. Although she was a handsome, self-possessed woman, still her charm was inferior to her talents; and the combination of the two was insurmountable. Manuela was very astute. Her calculated 'follies' were only occasional, and beyond the gaudy display of her baroque personality, she demonstrated her ability at political intrigue in a hundred ways*⁷⁸.

⁷⁷ Nossa tradução livre: O Libertador falava naquela hora com os oficiais, distraído quando viu o que menos se podia esperar: na porta do coliseu estava uma mulher desgrehada e suja que ria alto, que fazia contorções. Bolívar perguntou ao ajudante se era realmente Manuela. “– Sim, meu general”, respondeu-lhe Ferguson. “– Isso é insuportável”, diz o Libertador e sai correndo atrás da mulher em fuga. Córdoba já lhe pergunta na porta: “– O quê! Você, meu general?” “– Sim, e muito aborrecido; vem comigo que te conto.” Dom Marcelo Tenorio, que procurava Córdoba para lhe informar do perigo que corria o Libertador, conseguiu ouvir – conta ele mesmo – estas palavras de vários mascarados: “– O que Bolívar fez? Onde está o presidente? O tirano fugiu! ...” (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 321).

⁷⁸ Nossa tradução livre: Manuela estava desenvolvendo seu papel. Ela estava, nessas tertúlias, influenciando as opiniões de homens importantes para Simón Bolívar. Por detrás de suas “loucuras” havia algo mais. Bolívar podia falar dela como sua “adorável idiota”, e seus inimigos podiam chamá-la de muitos nomes mais insultantes. Mas eles perceberam, tarde demais, que a haviam julgado mal. O estranho aparato de seu comportamento extravagante era apenas uma fachada incrível para esconder suas reais intenções, suas manipulações políticas para os ideais de Simón Bolívar. Embora ela fosse uma mulher bonita e controlada, seu charme ainda era inferior a seus talentos; e a combinação dos dois era intransponível. Manuela era muito astuta. Suas calculadas “loucuras” eram

Von Hagen (1966) apresenta-nos, portanto, uma personalidade que não é definida por sintagmas linguísticos referentes à beleza ou à intelectualidade de modo isolado. Sáenz é bela e analítica, seu comportamento, definido pelo referido biógrafo, era extravagante de forma deliberada, como intento de ocultar outros propósitos. Não havia inocência em suas atitudes, sua personalidade barroca dava-lhe liberdade para agir politicamente e se fazer presente em todas as esferas políticas.

Outro registro de sua capacidade diplomática e de suas ações perspicazes diz respeito à segunda tentativa de assassinato de Bolívar⁷⁹, em setembro de 1828. De acordo com Von Hagen (1966), durante a tarde chuvosa de 25 de setembro de 1828, Sáenz recebe a visita de um funcionário de Bolívar, solicitando que ela vá ao encontro do general. *“He carried a message from his master. ‘I am suffering from a terrible headache; please come to me now’⁸⁰.”* (VON HAGEN, 1966, p. 227). Assim, durante a noite do dia 25, enquanto Simón dormia, Murray (2008) relata que, mesmo sabendo sobre a conspiração, Bolívar dispensa a informação, acreditando ser apenas mais um rumor. De acordo com a referida pesquisadora, *“[...] Bolívar had also neglected to make any special security arrangements. On the night of the attack, beyond the pistol and sword he always kept beside him, he had gone to bed with nothing more than his usual outdoor guards on duty⁸¹.”* (MURRAY, 2008, p. 65).

O relato histórico de Murray (2008) expõe que Sáenz escuta os cachorros, percebendo, em seguida, que o palácio presidencial havia sido tomado por inimigos

apenas ocasionais e, além da exibição espalhafatosa de sua personalidade barroca, ela demonstrou sua habilidade em intrigas políticas de uma centena de maneiras. (VON HAGEN, 1966, p. 219).

⁷⁹ As razões para essa ação criminoso são expostas por Murray (2008, p. 65) que, em nossa tradução livre, aponta-nos para o fato de que ‘uma conspiração mais séria amadureceu, posteriormente, entre os membros da Sociedade Filológica. Formada em maio de 1828, a Sociedade era um clube político liberal composto, principalmente, por jovens advogados, professores e estudantes, alguns com laços com o Colégio de San Bartolomé – a *alma mater* de Santander e um centro de sentimento antibolívar. Seus membros abraçaram um republicanismo extremo. De fato, inspirados pelos exemplos da Revolução Francesa e das antigas repúblicas grega e romana, eles se proclamaram dispostos a morrer em defesa das liberdades republicanas. Essas liberdades, acreditavam eles, eram ameaçadas pela ditadura de Bolívar e pela crescente dependência dos militares, incluindo-se aí um exército cujo número de integrantes havia, recentemente, aumentado para 40 mil. Eles foram ameaçados pelo aparente desejo de Bolívar de estabelecer uma monarquia. Liderada pelo presidente Ezequiel Rojas, a Sociedade decidiu, então, desferir um golpe direto contra Bolívar, o “tirano”.’

⁸⁰ Nossa tradução livre: Ele carregou uma mensagem de seu mestre. ‘Estou sofrendo de uma terrível dor de cabeça; por favor, venha até mim, agora.’ (VON HAGEN, 1966, p. 227).

⁸¹ Nossa tradução livre: Bolívar negligenciou, também, as providências especiais de segurança. Na noite do ataque, além da pistola e da espada que sempre mantinha ao seu lado, ele tinha ido para a cama com nada mais do que seus habituais guardas de plantão. (MURRAY, 2008, p. 65).

de Bolívar que se aproximavam de seu quarto. Bolívar consegue fugir e Sáenz desacelera a ação dos homens que não previram a saída de Simón pela janela. A biógrafa estadunidense descreve, ainda, como essa tentativa de assassinato de Bolívar foi violenta para Sáenz, que busca proteger Simón, além de prestar socorro aos outros ocupantes do palácio. De acordo com a pesquisadora,

[...] things went less smoothly for her afterward. Indeed, the attackers grew angry when, after first agreeing to lead them to the Council Room, she suddenly stopped and claimed ignorance of the room's exact location. They grew even angrier when she paused in a hallway to attend to the wounded Andrés Ibarra (whose hand had been nearly severed during his earlier attempt to defend the palace); when Sáenz then refused to respond to their further questioning, including queries from a rough-mannered twenty-four-year-old named Wenceslao Zulaibar, the men's tempers exploded. As Fernando Bolívar was to recall, the attackers began insulting her and thrashing her with the sides of their swords. [...] she nevertheless continued trying to help other around her. These included Colonel Ferguson who, despite her shouts of warning, was shot dead in a belated attempt to enter and defend the palace⁸². (MURRAY, 2008, p. 66).

Por fim, ao se darem conta que o plano não se concretiza, os assaltantes fogem e Sáenz vai em busca de Bolívar, que estava na praça principal em choque e cercado por soldados. Murray (2008) expõe-nos que “[...] *The Liberator was deeply disturbed by the assassination conspiracy. The conspirators' claims to stand for the very principles of liberty and justice that he had always fought for confounded him*⁸³.” (MURRAY, 2008, p. 67). Com relação à Sáenz, a sua atuação na tentativa frustrada de assassinato de Bolívar comove-o, levando-o a denominá-la de “*Libertadora del Libertador*”, como verificamos no seguinte excerto:

⁸² Nossa tradução livre: [...] as coisas foram menos tranquilas para ela depois. Na verdade, os agressores ficaram com raiva quando, depois de concordar em os levar à Sala do Conselho, ela parou, de repente, e alegou ignorar a localização exata da sala. Eles ficaram ainda mais furiosos quando ela parou em um corredor para atender o ferido Andrés Ibarra (cujas mãos quase foram decepadas durante sua tentativa anterior de defender o palácio); quando Sáenz, então, recusou-se a responder ao seu questionamento adicional, incluindo as perguntas de um rude rapaz de 24 anos, chamado Wenceslao Zulaibar, os ânimos dos homens explodiram. Como Fernando Bolívar deve recordar, os agressores começaram a lhe insultar e a lhe golpear com os lados das espadas. [...] ela, no entanto, continuou tentando ajudar outras pessoas ao seu redor. Entre eles estava o coronel Ferguson que, apesar de seus gritos de advertência, foi morto a tiros em uma tentativa tardia de entrar e defender o palácio. (MURRAY, 2008, p. 66).

⁸³ Nossa tradução livre: O Libertador ficou profundamente perturbado com a conspiração do assassinato. As alegações dos conspiradores de defender os próprios princípios de liberdade e justiça pelos quais ele sempre lutou confundiram-no. (MURRAY, 2008, p. 67).

The aborted assassination attempt had several consequences. One of these, of course, was Bolívar's survival. Yet another was his recognition of the special debt he owed his mistress, whose courage and quick thinking (combined with the conspirators' bungling) had ensured his escape from his would-be assassins. This recognition showed itself when, having returned home the morning after the incident, Bolívar turned to Sáenz and – apparently for the first time – told her that she was, indeed, “the Libertadora del Libertador”⁸⁴.” (MURRAY, 2008, p. 67).

O episódio dessa noite, conhecido popularmente como “Conspiração Setembrina”, confere à Sáenz o epíteto pelo qual ela seria reconhecida no território americano e fora dele. Anos depois, no seu exílio no Peru, as visitas que recebia buscavam conhecer a “Libertadora do Libertador”. No que tange à ficção, esse recorte historiográfico está presente em todas as obras literárias sobre a quitenha, como verificamos na próxima seção.

Fica-nos evidente, portanto, que Manuela Sáenz extrapola a imagem da mulher que amou Bolívar. Ela, mais do que se relacionar com o maior ícone do movimento independentista na América Hispânica do século XIX, também se associou ao movimento por interesses pessoais, aflorados desde muito jovem. Parece-nos, aqui, ser fundamental que reiteremos sua importância política e diplomática, uma vez que a condição de amante não é suficiente para abarcar a relevância de sua representação à América hispano-americana, mormente.

Na sequência cronológica, Rumazo González (1978) analisa uma carta que Sáenz recebeu de Genaro Montebruno, um dos encarregados de conduzir Bolívar a Popayán, Colômbia. Em linhas gerais, ele relata os pormenores da viagem, o estado de saúde de Bolívar, os planos para os próximos dias de trajeto. Ele ainda solicita que Sáenz o recomendasse a Bolívar no futuro e menciona todos os contatos estabelecidos por Bolívar naquele íterim. No que tange a tal missiva, o biógrafo equatoriano expõe-nos que, *“una carta de esta naturaleza revela claramente hasta dónde llegaba la influencia de Manuela en la política. Controlaba y fiscalizaba*

⁸⁴ Nossa tradução livre: A tentativa frustrada de assassinato teve várias consequências. Uma delas, é claro, foi a sobrevivência de Bolívar. Outra, ainda, foi seu reconhecimento da dívida especial que tinha com sua amante, cuja coragem e raciocínio rápido (combinados com a trapalhada dos conspiradores) garantiram-lhe a fuga de seus pretensos assassinos. Esse reconhecimento manifestou-se quando, ao voltar para casa, na manhã seguinte ao incidente, Bolívar dirigiu-se a Sáenz e – aparentemente, pela primeira vez – disse-lhe que ela era, de fato, “a Libertadora del Libertador”. (MURRAY, 2008, p. 67).

*sucesos; los seguía en su desarrollo; hasta es la primera en informarse de mucho*⁸⁵.” (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 342).

Em uma perspectiva dialógica, Murray (2008) também ressalta o caráter diplomático de Sáenz, como podemos observar no seguinte excerto de seu texto:

*The Libertadora also drew various young foreigners around her. Her coterie included French scientist Jean-Baptiste Boussingault, an acquaintance of Alexander Von Humboldt who had come to Bogotá several years earlier on Bolívar's invitation. It counted among its members Nimian Richard Cheyne, a Scottish-born physician, and his brother Geoffrey, both of who became Sáenz's friends as well as beneficiaries of her hospitality. Drawn by her charm, beauty, and personal generosity – a quality one of them described as “unlimited” – the young foreigners also became admirers. “We [all] adored her,” Boussingault would confess years later. Sáenz friends called on her regularly, usually at late morning, when she welcomed visitors. As Boussingault was to recall, their hostess received them informally, usually in a simple dress or morning gown. Hands busy with a cigarette and a piece of embroidery, a favorite hobby of hers, she spent most of the time listening quietly to their conversation, ears pricked for news and gossip*⁸⁶. (MURRAY, 2008, p. 72).

Nesse sentido, a biografia escrita pela referida pesquisadora estadunidense oferece-nos incontáveis trechos acerca do convívio de Sáenz com outros homens e de seu desempenho nesse meio. Ela estabelece amizades, contatos políticos, admiradores, mas, também, inimigos. O espaço público pertence-lhe e sua representatividade fortalece as ligações políticas de Bolívar.

Seguindo a ordem cronológica dos fatos, temos que os conflitos não cessaram depois daquela noite de setembro de 1828 e, em 1829, Colômbia e Peru ainda se enfrentavam. Bolívar, por sua vez, com a saúde cada vez mais debilitada,

⁸⁵ Nossa tradução livre: Uma carta dessa natureza revela, claramente, a extensão da influência de Manuela na política. Ela controlava e supervisionava eventos, acompanhando-os em seus desenvolvimentos; era a primeira a se informar de muito daquilo que passava. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 342).

⁸⁶ Nossa tradução livre: A Libertadora também atraiu vários jovens estrangeiros à sua volta. Seu círculo incluía o cientista francês Jean-Baptiste Boussingault, um conhecido de Alexander Von Humboldt, que viera para Bogotá vários anos antes a convite de Bolívar. Entre seus membros estavam: Nimian Richard Cheyne, um médico escocês, e seu irmão Geoffrey, ambos se tornaram amigos de Sáenz e também beneficiários de sua hospitalidade. Atraídos por seu charme, beleza e generosidade pessoal – qualidade que um deles descreveu como “ilimitada” –, os jovens estrangeiros também se tornaram seus admiradores. “Nós [todos] adorávamos”, Boussingault confessaria anos depois. Os amigos de Sáenz a visitavam regularmente, geralmente no final da manhã, quando ela recebia visitantes. Como Boussingault devia se lembrar, a anfitriã recebia-os informalmente, geralmente em um vestido simples ou em uma bata. Com as mãos ocupadas com um cigarro e um bordado, um dos seus hobbies favoritos, ela passava a maior parte do tempo ouvindo, em silêncio, a conversa, com os ouvidos atentos às notícias e fofocas. (MURRAY, 2008, p. 72).

já não tinha recursos para oferecer grande oposição às nações que resistiam à Grã-Colômbia. Von Hagen (1966) relata que

[...] again it was the caudillos, the leaders of isolated regions, who wished to rule, not to be ruled. On the distant llanos of Venezuela it was General Paez; in Ecuador it was General Flores; in southern Colombia there were a whole list of dissidents. In Peru it was something else – for Bolívar had never been reconciled to the rebellion of his troops at Lima, of the insult that had been offered to him and Gran Colombia – and there was talk of war⁸⁷. (VON HAGEN, 1966, p. 243).

Na sequência, o ano de 1830 é de separação para Sáenz e Simón. Depois de pouco tempo juntos nos primeiros meses do ano, Bolívar renuncia à presidência e deixa Bogotá, iniciando, assim, e com debilitado estado de saúde, sua jornada à Europa, que não se concretizaria. Ela, por sua vez, permanece na capital, onde continua defendendo os interesses de Simón à Grã-Colômbia.

Contudo, de acordo com Von Hagen, *“the attacks against Manuela started even before the sound of his horse’s hoofs died in saddened echoes among the treeless hills⁸⁸.”* (VON HAGEN, 1966, p. 273). Desse modo, a presença de Sáenz em Bogotá, já distante de Simón e sem a proteção do governo, fez com que a imagem de ambos fosse constantemente atacada.

Não obstante, sua investida e posicionamento realizam-se de forma ainda mais afrontosa, como depreendemos das palavras de Von Hagen (1966) ao mencionar que, *“in the morning, when Vicente Azuero walked to his Office, he saw along the buildings, like the erratic footprints of a wall-walking monster of sedition, noticed which proclaimed in crude type: Long Live Bolívar – Founder of the Republic⁸⁹.”* (VON HAGEN, 1966, p. 274).

⁸⁷ Nossa tradução livre: Mais uma vez, eram os caudilhos, os líderes de regiões isoladas, que desejavam governar, não ser governados. Nas distantes planícies da Venezuela, estava o general Paez; no Equador, foi o general Flores; no sul da Colômbia, havia uma lista inteira de dissidentes. No Peru, foi outra coisa – porque Bolívar nunca se reconciliou com a rebelião de suas tropas em Lima, com o insulto que foi feito a ele e à Grã-Colômbia – e se falava em guerra. (VON HAGEN, 1966, p. 243).

⁸⁸ Nossa tradução livre: Os ataques contra Manuela começaram antes mesmo que o som dos cascos de seu cavalo morresse em ecos tristes entre as colinas sem árvores. (VON HAGEN, 1966, p. 273).

⁸⁹ Nossa tradução livre: Pela manhã, quando Vicente Azuero dirigia-se ao seu Gabinete, viu – ao longo dos edifícios, como se fossem as pegadas erráticas de um monstro de insubordinação que caminhava pelas paredes – uma nota que proclamava, em tipografia bruta: ‘Viva Bolívar – Fundador da República’. (VON HAGEN, 1966, p. 274).

Em junho de 1830, de acordo com Von Hagen (1966), chega ao conhecimento de Manuela que, durante uma celebração de *Corpus Christi*, caricaturas dela e de Simón haviam sido pintadas para representar a tirania e o despotismo, respectivamente. Movida pela indignação, Sáenz, armada e acompanhada de suas escravas, ataca tais imagens, provocando uma furiosa resposta do governo, mas, também, palavras anônimas de apoio. Segundo Hennes (2005), em panfletos de apoio, havia a assinatura de “Unas mujeres liberales” (“El bello sexo”) e “Unos patriotas de corazón” (“A las señoras liberales”).

As ações que seguem a partir do conflito de *Corpus Christi* inclinam-se a uma tentativa de expulsão de Sáenz de Bogotá, que continua a apoiar a integridade da Grã-Colômbia e o retorno de Bolívar. Von Hagen (1966) aponta-nos que, nessa situação, houve um apoio inesperado “*from those who were once her greatest detractors, the women of the city. [...] We, the women of Bogotá, protest against the inflammatory libels which appear against this lady on the walls of all the streets*”⁹⁰.” (VON HAGEN, 1966, p. 279). Mulheres que, até então, não se manifestavam, pois seu espaço de atuação era restrito ao âmbito privado, lançam vozes que extrapolam tais limites. Em décadas futuras, Manuela Sáenz será um exemplo icônico do movimento feminista hispano-americano.

Tais circunstâncias caminham em consonância com essa insatisfação inerente aos espaços em redefinição política e econômica da América do Sul e as manifestações de descolonização apontam para uma independência não só física, mas também do próprio pensamento e dos ideais latino-americanos. Esses são contingentes, até então, negligenciados pelo poder eurocentrista. Nessa vereda, temos Sáenz e a singularidade de sua importância ao aflorar uma manifestação de uma camada da sociedade que sempre esteve à margem do poder e da política restringida pelo poder colonial.

Seguindo o relato historiográfico, a prisão de Sáenz é decretada, contudo, tal infortúnio não se concretiza. Nas palavras do biógrafo:

Manuela Saenz would surrender to save the face of the government, which already had lost more prestige by this affair than it could gain. She would submit to arrest and accompany the bailiffs to prison. The

⁹⁰ Nossa tradução livre: [...] daquelas que já foram suas maiores detritoras, as mulheres da cidade. [...] Nós, mulheres de Bogotá, protestamos contra os libelos inflamados que aparecem contra esta senhora nas paredes de todas as ruas. (VON HAGEN, 1966, p. 279).

arraignment would be merely formal. She would be released immediately. In this fashion, on her own terms, Manuela again went to jail⁹¹. (VON HAGEN, 1966, p. 282).

A partir do excerto acima, verificamos que os arranjos políticos e a deslegitimação das ações do governo fazem com que Sáenz seja presa como exemplo, em uma cena teatral que buscava retomar o prestígio do governo Grã-Colombiano. Esses acontecimentos conduziram às ações que, no futuro próximo, levariam Sáenz ao exílio.

Na sequência, em junho de 1830, a notícia do assassinato do General Sucre, voltando a Quito, precedeu a morte de Bolívar que aconteceu no mesmo ano. Após a morte do General Sucre, Simón Bolívar entrega-se à doença que o levaria à morte, afirmando, segundo Von Hagen (1966), que ele já não pode mais servir a um país que assassina cruelmente e barbaramente seus generais. Assim, em 19 de dezembro de 1830, Simón Bolívar morre. De acordo com Murray (2008),

[...] on January 10, interim president Rafael Urdaneta formally announced Bolívar's death in a speech to the public. The bad news was now official; Sáenz could no longer resist or deny it. Urdaneta also declared a month long period of official mourning. All church bells in the city were to toll three times a day (morning, noon and evening) for the next nine days; for the rest of the month, there were to be no public celebrations or other entertainment. On February 10, Bogota's residents were to turn out for a special funeral mass in the city's cathedral⁹². (MURRAY, 2008, p. 84).

Sobre a resposta de Sáenz ao conhecimento inequívoco da morte de Bolívar, Murray (2008) ressalta que,

[...] although extant letters and documents are largely silent on the matter, Sáenz no doubt felt her personal loss keenly. One hint of her

⁹¹ Nossa tradução livre: Manuela Sáenz render-se-ia para salvar a cara do governo, que já havia perdido mais prestígio com o caso do que poderia ganhar. Ela se submetia à prisão e acompanharia os oficiais de justiça à prisão. A acusação seria meramente formal. Ela seria liberada, imediatamente. Dessa forma, em seus próprios termos, Manuela foi, novamente, para a prisão. (VON HAGEN, 1966, p. 282).

⁹² Nossa tradução livre: Em 10 de janeiro, o presidente interino, Rafael Urdaneta, anunciou, formalmente, a morte de Bolívar em um discurso ao público. A má notícia agora era oficial; Sáenz já não conseguia mais resistir a ela ou negar o fato. Urdaneta declarou, também, um período de luto oficial de um mês. Todos os sinos das igrejas da cidade deveriam tocar três vezes ao dia (manhã, tarde e noite) durante os nove dias seguintes; pelo resto do mês, não haveria celebrações públicas ou outros entretenimentos. Em 10 de fevereiro, os residentes de Bogotá compareceriam a uma missa fúnebre especial na catedral da cidade. (MURRAY, 2008, p. 84).

grief is the story or legend according to which she tried to commit suicide by exposing herself to a poisonous snakebite. The main source of this legend is French scientist Jean-Baptiste Boussingault. After visiting the Libertadora one day during her recovery from the snakebite – which, she told him, had been part of a “scientific experiment” – Boussingault speculated that she had been trying to imitate Cleopatra⁹³. (MURRAY, 2008, p. 84).

A tentativa de suicídio marca uma ação paradoxal ao percurso de Sáenz. Seu caminho, delineado entre a paixão por Bolívar, pela política e pelos movimentos independentistas confunde-se. Encerrava-se, aqui, o capítulo de maior ascensão de sua trajetória como mulher amante e política. Rumazo González (1978), depois de relatar a morte de Bolívar e a tentativa de suicídio de Sáenz, expõe-nos que,

[Manuela] llevaba por delante esta última impresión: Bolívar ni siquiera la había nombrado en su testamento; ni había hablado de ella con quienes le rodeaban. Ni una palabra final para ella desde los umbrales de la muerte. La rigidez de los mandatos eclesiásticos había impuesto silencio absoluto al genio, después de que el día 10 de diciembre se confesó y se arrepintió hasta de sus pecados de amor⁹⁴. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 386).

Estando, a partir da morte de Bolívar, à margem do espaço político e com decorrentes impasses econômicos, Sáenz torna-se alvo dos inimigos do general. Assim, o próximo período de sua vida consiste nas ações de uma Manuela não mais a amante, mas aquela que é política e diplomática.

Com a morte de Bolívar, Sáenz inicia outro capítulo de sua história e julgamos que esse tenha sido o mais desafiador, uma vez que serão 26 anos sem a presença física de Bolívar, mas com a presença dela sempre vinculada a ele. Nesse período, ela recebe um tratamento cada vez mais hostil por parte de seus inimigos políticos. A morte de seu companheiro e aliado político não corresponde ao fim de sua

⁹³ Nossa tradução livre: Embora as cartas e documentos existentes não façam alusão ao assunto, Sáenz, sem dúvida, sentiu, profundamente, sua perda pessoal. Um indício de sua dor é a história, ou lenda, segundo a qual ela tentou cometer suicídio, expondo-se a uma picada de cobra venenosa. A principal fonte dessa lenda é o cientista francês Jean-Baptiste Boussingault. Ele, depois de visitar a Libertadora um dia, durante sua recuperação da picada de cobra – que ela lhe disse tinha sido parte de um “experimento científico” – especulou que ela estava tentando imitar Cleópatra. (MURRAY, 2008, p. 84).

⁹⁴ Nossa tradução livre: Ela [Manuela] carregava esta última impressão: Bolívar nem sequer a tinha nomeado no testamento; nem havia discutido sobre ela com aqueles ao seu redor. Nenhuma palavra final para ela fora deixada desde o limiar da morte. A rigidez dos mandatos eclesiásticos impôs um silêncio absoluto ao gênio depois que, em 10 de dezembro, ele se confessou e se arrependeu até de seus pecados de amor. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 386).

atuação política, o que perturba a oposição que a quer exilada. Segundo a biógrafa estadunidense,

[...] the Libertadora also kept an eye on political developments. Among these was the final collapse of Gran Colombia, mortally wounded by Venezuela's (and later Ecuador's) decision to separate and establish itself as an independent republic. Gran Colombia's spirit, nevertheless, lingered in Bogotá. In his aforementioned January 10 speech, for example, President Urdaneta urged his fellow citizens to work together for peace and restoration of the political union Bolívar had founded. His call fell on deaf ears, however. While most people were eager for peace, few were eager to restore the old union. They were tired of war and turmoil and, in the wake of Bolívar's death especially, saw increasingly little reason to rally around the Bolivarians⁹⁵. (MURRAY, 2008, p. 86).

De modo particular, o maior impasse de Sáenz nesse período era a sua situação financeira. Nesse sentido, ela tenta vender e leiloar a fazenda Cataguango, deixada como herança por sua mãe, mas só consegue efetivar a venda seis anos depois e por um preço insatisfatório. Durante os primeiros anos após a morte de Bolívar, portanto, *"she continued to borrow and live on credit, making the most of her friendship with some of the country's wealthy merchant-bankers⁹⁶."* (MURRAY, 2008, p. 86).

De acordo com o relato histórico, Sáenz retorna a Bogotá, onde permanece pelos próximos quatro anos até ser expulsa do país por meio de um decreto assinado por Santander, principal opositor de Bolívar. De acordo com Rumazo González (1978, p. 391),

[...] ante estos sucesos, el gobernador de Bogotá se fijó de inmediato en Manuela Sáenz, a quien, el primero de enero del año siguiente,

⁹⁵ Nossa tradução livre: A Libertadora também ficou de olho nos desdobramentos políticos. Entre eles estava o colapso final da Grã-Colômbia, mortalmente ferida pela decisão da Venezuela (e mais tarde do Equador) de se separar e se estabelecer como uma República independente. O espírito da Grã-Colômbia, no entanto, permaneceu em Bogotá. Em seu discurso, de 10 de janeiro, por exemplo, o presidente Urdaneta exortou seus concidadãos a trabalharem juntos pela paz e pela restauração da união política fundada por Bolívar. Sua chamada caiu em ouvidos surdos, no entanto. Enquanto a maioria das pessoas ansiava pela paz, poucas estavam ansiosas por restaurar a antiga união. Eles estavam cansados da guerra e da turbulência e, principalmente após a morte de Bolívar, viam cada vez menos motivos para se unir aos bolivarianos. (MURRAY, 2008, p. 86).

⁹⁶ Nossa tradução livre: ela continuou a pedir emprestado e a viver a crédito, aproveitando, ao máximo a sua amizade com alguns dos ricos banqueiros mercantis do país. (MURRAY, 2008, p. 86).

ordenó el abandono definitivo del territorio de la nación, con un plazo de trece días. El jefe político le extendió el pasaporte [...]»⁹⁷.

Assim, em 1834, com poucas companhias e mantimentos, e depois de grande pressão política por acreditarem em sua postura influenciável e ameaçadora ao governo, Sáenz deixa Bogotá, como descreve Von Hagen (1966, p. 297):

On 1 January 1834 Santander signed the decree that sent her into exile. He gave her three days to leave Bogotá. Manuela against the gods! It could not last long. She resisted, but a small army of bailiffs, soldiers and ex-convicts seized her, trussed her up, and in a brief time she and her slaves – still in hussar's uniform – were conducted under guard down the Magdalena river»⁹⁸.

O destino ao qual o navio com ela e suas poucas companhias dirigiam-se era a ilha da Jamaica onde ela deveria permanecer exilada. Nesse lugar, ela encontrou um amigo de Bolívar – Maxwell Hyslop –, que lhe prestou suporte quando Simón exilou-se lá vinte anos antes. É desse lugar que Sáenz endereça uma carta, preenchida por um tom político, ao General Flores, presidente do Equador, com um conteúdo intimidador:

“I wait for this to arrive in your hands from this island. I wrote you often from Bogotá, yet without the smallest of answers. As you know, my bad script is famous... But now times are hard. There exists in my hand your intimate correspondence with the Liberator, and I am going to make full use of it. Much effort did it cost me to save these papers in the year 1830 – and these papers remain my property – very much mine... You know my rules of conduct. You know the rules by which I govern my life, and this is the way I shall go until I leave for the grave. Time will justify me. No one writes to me now. And you see me alone on this island, abandoned by my family. I always remember with pleasure our old friendship, and in its name I beg you to help me...»⁹⁹.
(VON HAGEN, 1966, p. 298).

⁹⁷ Nossa tradução livre: Diante desses acontecimentos, o governador de Bogotá, imediatamente, voltou seus olhos para Manuela Sáenz. Ele, em 1º de janeiro do ano seguinte, ordenou-lhe que abandonasse, definitivamente, o território nacional, em um prazo de treze dias. O chefe político entregou-lhe o passaporte. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 391).

⁹⁸ Nossa tradução livre: Em 1º de janeiro de 1834, Santander assinou o decreto que a mandou para o exílio. Ele deu a ela três dias para deixar Bogotá. Manuela contra os deuses! Não poderia durar muito. Ela resistiu, mas um pequeno exército de oficiais de justiça, soldados e ex-presidiários prendeu-a, amarrou-a e, em um breve período, ela e seus escravos – ainda em uniforme de hussardos – foram conduzidos, sob guarda, rio Magdalena abaixo. (VON HAGEN, 1966, p. 297).

⁹⁹ Nossa tradução livre: Eu espero que [esta carta] chegue as suas mãos dessa ilha. Muitas vezes lhe escrevi de Bogotá, mas sem qualquer mínima respostas. Como bem sabe, meu mau comportamento é famoso... Mas agora os tempos estão difíceis. Existe, em minhas mãos, sua correspondência íntima com o Libertador, e vou fazer pleno uso dela. Custou-me muito esforço salvar esses papéis no

A resposta chega poucos meses depois com um convite para retornar ao Equador, sua terra natal, e lá permanecer. Assim, em outubro de 1835, Sáenz chega ao porto de Guayaquil. Contudo, sua permanência no país lhe é negada por outro decreto expedido, agora, pelo presidente que expulsou Flores do cargo. Até sua saída do país, Sáenz foi mantida em prisão domiciliar sob os comandos do, então presidente, Vicente Rocafuerte. O destino de seu próximo exílio seria Paita, um porto remoto no Peru, onde ela passaria os seus últimos vinte anos de vida.

Durante os primeiros anos no Peru, afastada de todos os seus contatos, Sáenz encontra uma forma de se manter politicamente presente por meio de cartas. O gênero epistolar foi o responsável, portanto, por permitir que a sua voz fosse transmitida, uma vez que seu espaço de manifestação era parco. Sobre tal perspectiva, aprofundamos nossa análise na próxima subseção com os referenciais teóricos apontados por Sarah Chambers (2001).

Desse modo, por alguns anos, Sáenz trocava cartas com personagens políticas do cenário hispânico, principalmente, com o General Flores, sobre os refugiados políticos que se encontravam, por diversas vezes, em Paita, além de receber informações sobre as decisões da capital. Hennes (2005), após uma seleção apurada das cartas escritas por Sáenz, ressalta que,

[...] *Manuela's letters from exile express a deep sense of frustration at being so distant from the political center. But she began to resign herself; in 1843 she wrote to Flores, "Cuando digo que me intereso, entienda usted, que este interés no pasa de deseos y buenas intenciones; pues ya usted debe suponer que una pobre mujer no puede ni armas tomar, ni armas comprar y menos influir en nada" (Letter to Juan José Flores, 7 Sept. 1843)*¹⁰⁰. (HENNES, 2005, p. 8).

Seu sentimento de frustração por estar longe do cenário político, que antes era o centro de sua vida, não a impede, contudo, de estabelecer vínculos

ano de 1830 – e esses papéis continuam sendo minha propriedade – muito minha... Minhas regras de conduta são-lhe conhecidas. São lhe conhecidas, também, as regras pelas quais eu rego minha vida, e este é o caminho que devo seguir até ir para o túmulo. O tempo vai me justificar. Ninguém me escreve agora. E veja, estou sozinha nessa ilha, abandonada pela minha família. Sempre me lembro, com prazer, de nossa velha amizade, e, em seu nome, eu lhe imploro que me ajude... (VON HAGEN, 1966, p. 298).

¹⁰⁰ Nossa tradução livre: As cartas de Manuela do exílio expressam um profundo sentimento de frustração, por ela estar tão distante do centro político. Mas ela começou a se resignar; em 1843, ela escreveu para Flores: "Quando digo que estou interessada, entenda, que esse interesse não vai além de desejos e boas intenções; Bem, já se deve supor que uma mulher pobre não pode pegar em armas, nem comprar armas, muito menos influenciar em nada." (HENNES, 2005, p. 8).

diplomáticos e trazer à cidade portuária de Paita mais sentido e propósito, conforme relata Murray (2008). Sobre seu caráter político, a referida pesquisadora aponta que,

[...] she befriended various local officials and was soon enjoying daily conversations with Paita's port captain, conversations that inevitably involved politics and that, as her letters hint, at times escalated into arguments. She came to receive visits from the governor of the Department of Piura. In 1842, for example, in reference to her cordial relationship with then-governor Joaquín Torrico, she rather proudly informed a correspondent that "whenever he [Torrico] comes to this port, he visits me." Such statements suggest the extent to which, during her first decade in Paita, Sáenz both made friends and garnered the respect of local notables. They also hint at her ability to cope with some of the challenges of her exile¹⁰¹. (MURRAY, 2008, p. 106).

Dessa forma, e em meio a muitos excertos de sua participação no âmbito público, mesmo após mais de uma década da morte de Bolívar, fica-nos evidente o caráter crítico de sua existência, sua inconformidade e insatisfação. A cena pública pertence-lhe, esse espaço, majoritariamente, masculino não consegue negar sua importância política.

O distanciamento da vida público-política de Manuela Sáenz acontece, segundo Murray (2008), a partir de 1845, quando o general Juan José Flores, com quem, frequentemente, trocava cartas, é deposto da presidência do Equador. Nesse período, há evidências, também, de que Sáenz havia adoecido e já não podia caminhar. Tal condição é exposta em suas biografias, tal como verificamos no seguinte excerto:

She also had become preoccupied with more private matters. One of these was her health, including the impact of a recent leg or hip injury. Saéenz seldom spoke of the injury. Indeed, her extant correspondence makes no mention of it – a reticence that may have stemmed partly from pride and from a belief that, as she once told a

¹⁰¹ Nossa tradução livre: Ela fez amizade com várias autoridades locais e logo estava desfrutando de conversas diárias com o capitão do porto de Paita, conversas que, inevitavelmente, envolviam política e que, como suas cartas sugerem, às vezes, transformavam-se em discussões. Ela chegou a receber a visita do governador do Departamento de Piura. Em 1842, por exemplo, em referência à sua relação cordial com o, então, governador – Joaquín Torrico –, ela, com bastante orgulho, informou um correspondente que “sempre que ele [Torrico] vem a este porto, ele me visita”. Tais declarações sugerem até que ponto, durante sua primeira década em Paita, Sáenz fez amigos e conquistou o respeito de notáveis locais. Eles indicam, também, sua capacidade de lidar com alguns dos desafios de seu exílio. (MURRAY, 2008, p. 106).

*friend, 'frequent complaining tends to chase away compassion'*¹⁰².
(MURRAY, 2008, p. 133).

Assim, por cerca de doze anos, Sáenz sofre com a sua dificuldade de locomoção, estando mais fortemente presa à Paita e à sua pequena residência. De acordo com Murray (2008, p. 132), *"her injured hip also must have been a source of chronic pain and discomfort"*¹⁰³. A pesquisadora relata, ainda, o fato de que os recursos disponíveis em Paita eram escassos, conduzindo Sáenz a uma situação comparável a um confinamento.

Em 1847, Sáenz recebe a notícia do assassinato de Thorne. O relato histórico de Murray (2008) expõe que James e Manuela tinham trocado algumas cartas depois de sua chegada à Paita e que a relação de ambos não era de conflito. Assim, Manuela, prontamente, passa a se vestir como viúva e busca, juntamente com seus advogados, por seus direitos legais na herança de James. Contudo, sua parcela de recebimento na herança torna-se menor do que ela esperava, como verificamos no seguinte excerto: *"Thorne's will stated that, until such time as the dowry funds could be gathered in full, Sáenz was to be sent only a small sum equivalent to 6 percent annual interest on the dowry principal in order to help cover her living expenses"*¹⁰⁴. (MURRAY, 2008, p. 140).

Dessa forma, desde sua chegada à Paita, Sáenz enfrentou uma difícil situação financeira. Murray (2008) aponta que *"yet, by 1848, the Libertadora was barely supporting herself. According to one of the witnesses Freyre [her attorney] asked to testify in early February of that year, her "small means and work" were insufficient to provide for "life's most vital necessities"*¹⁰⁵. (MURRAY, 2008, p. 141).

¹⁰² Nossa tradução livre: Ela também havia se preocupado com assuntos mais privados. Um deles era sua saúde, incluindo o impacto de uma lesão recente na perna ou no quadril. Sáenz, raramente, falava dessa lesão. Na verdade, sua existente correspondência não menciona isso – uma reticência que pode ter se originado, em parte, do orgulho e de uma crença de que, como ela disse certa vez a um amigo, "reclamações frequentes tendem a afastar a compaixão." (MURRAY, 2008, p. 133).

¹⁰³ Nossa tradução livre: Seu quadril machucado também deve ter sido uma fonte de dor crônica e desconforto. (MURRAY, 2008, p. 132).

¹⁰⁴ Nossa tradução livre: O testamento de Thorne declarou que, até que os fundos do dote pudessem ser reunidos por completo, Sáenz deveria receber apenas uma pequena quantia, equivalente a seis por cento de juros anuais sobre o valor principal do dote, a fim de ajudar a cobrir suas despesas de subsistência. (MURRAY, 2008, p. 140).

¹⁰⁵ Nossa tradução livre: No entanto, em 1848, a Libertadora mal conseguia sustentar-se. De acordo com uma das testemunhas que Freyre [seu advogado] pediu para testemunhar, no início de fevereiro daquele ano, seus "poucos recursos e trabalho" eram insuficientes para prover "as necessidades mais vitais." (MURRAY, 2008, p. 141).

Diante dessa situação, destituída de influência política, saúde e dinheiro, Sáenz, em sua última década de vida, inicia um empreendimento pequeno que a aproxima de importantes comerciantes e lhe garante seu sustento pelos anos vindouros, como relata Murray (2008, p. 146), “[...] Sáenz’s extant letters suggest, furthermore, that by the early 1850s she was developing small business in Ecuadorian, especially Quito, handicrafts¹⁰⁶.” Por consequência, seu negócio prospera, assim como seus laços de amizade com grupos aristocráticos de Quito.

Ainda durante os anos em Paita, Sáenz recebe a visita de Giuseppe Garibaldi¹⁰⁷ (1807-1882), personalidade de grande destaque no período da Revolução Farroupilha (1835-1845), no Brasil, por se tratar da maior representação de luta do Estado contra o império. Segundo Murray (2008, p. 132),

[...] the famous Italian nationalist leader Giuseppe Garibaldi, who in 1851 (having been recently exiled from his native Italy), stopped off in Paita while en route to Lima. Sáenz – not one to miss an opportunity to meet with such a dashing personage – apparently invited him to her home. Garibaldi would later recall his hostess’s charm and graciousness as well as a pleasant half day spent lying on her sofa while listening to stories about the Liberator. He would also remember her as an “invalid”, noting that she had lost the “use of her legs” and had been “confined to her bed for several years”, a situation he attributed to “a paralytic stroke”¹⁰⁸.

A visita do marinheiro constitui um elo que une a narrativa de duas mulheres latino-americanas, Manuela Sáenz e Anita Garibaldi¹⁰⁹. Além disso, o aludido encontro expõe-nos ao respeito e à importância que a presença de Sáenz

¹⁰⁶ Nossa tradução livre: As cartas existentes de Sáenz sugerem, além disso, que, no início da década de 1850, ela estava desenvolvendo pequenos negócios voltados ao artesanato no Equador, especialmente em Quito. (MURRAY, 2008, p. 146).

¹⁰⁷ Marinheiro italiano que participou de insurreições independentistas no Brasil, Uruguai e na Itália.

¹⁰⁸ Nossa tradução livre: o famoso líder nacionalista italiano Giuseppe Garibaldi fez, em 1851 (tendo sido recentemente exilado de sua Itália natal), uma escala em Paita, a caminho de Lima. Sáenz – que não perdeu a oportunidade de se encontrar com um personagem tão arrojado – aparentemente o convidou para visitar a sua casa. Garibaldi, mais tarde, lembrar-se-ia do charme e da graciosidade de sua anfitriã, bem como de um agradável meio dia passado em sua companhia, deitada em seu sofá, enquanto ouvia histórias sobre o Libertador. Ele também se lembraria dela como uma “inválida”, observando que ela havia perdido o “uso das pernas” e ficara “confinada à cama por vários anos”, situação que ele atribuiu a “um derrame paralítico.” (MURRAY, 2008, p. 132).

¹⁰⁹ Mais informações sobre Anita Garibaldi podem ser encontradas em: ROHDE, Marina Luísa. *Anita Garibaldi: de heroína à mulher – a trajetória das imagens ficcionais de Ana Maria de Jesus Ribeiro*. 2017. 166 f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/3468>. Acesso em: 20 fev 2021.

significava ao continente americano, mesmo após mais de 20 anos da morte de Bolívar. Tal acontecimento, documentado em distintas fontes, é faceta explorada no âmbito da literatura, como já comentamos anteriormente, e foi a via que nos aproximou de Sáenz e toda a sua trajetória de lutas, exílios, enfrentamentos e, por que não mencionar, desafios, insatisfações e sofrimentos.

O percurso de vida de Manuela Sáenz chega ao fim em 1856, quando a cidade de Paita sofreu com uma difteria epidêmica que a atingiu. Nas palavras de Rumazo González (1978, p. 415),

[...] el golpe mortal fue rápido para Manuela. Alta temperatura, dolor horrible en la garganta, incapacidad para respirar, hasta que el día 23, a las seis de la tarde ¡todo quedó consumado! La difteria apagó esta vida, por asfixia, como la tisis ahogó la existencia de Bolívar, también por asfixia. Cerca de San Pedro Alejandrino rumoraban las olas del Atlántico; aquí las del Pacífico, en grandiosa salmodia fúnebre. Allá y aquí la proscripción, las ingraticudes, el olvido, la pobreza. Pero también la gloria, y con ella una radiosa inmortalidad¹¹⁰.

Von Hagen (1966) descreve que “[...] by the end of November the plague was completely out of control. There was no longer time for individual burials¹¹¹.” (VON HAGEN, 1966, p. 314). O excerto lança-nos ao trágico final de sua história: seu corpo é enterrado em uma vala comum e os seus pertences são queimados. Grande parte dos seus registros e documentos foram perdidos, parte de sua história, que poderia ser objeto de estudo das gerações seguintes, encerra-se com sua morte.

Ainda sobre o falecimento de Sáenz, Murray (2008) expõe-nos que “on November 23, around six in the evening [...] the fifty-nine-year-old Sáenz succumbed to illness. Her death would be noted by friends. Her life, in time, would be remembered¹¹².” (MURRAY, 2008, p. 154). Fica-nos evidente, portanto, que seu

¹¹⁰ Nossa tradução livre: O golpe mortal foi rápido para Manuela. Temperatura alta, dores horríveis na garganta, dificuldade para respirar, até o dia 23, às seis da tarde, tudo estava acabado! A difteria extinguiu essa vida, pela asfixia, assim como a tuberculose sufocou a existência de Bolívar, também pela asfixia. Perto de San Pedro Alejandrino, ressoavam as ondas do Atlântico; e, aqui, as do Pacífico, em um grandioso canto fúnebre. Lá e aqui, o exílio, a ingratidão, o esquecimento, a pobreza. Mas, também, a glória, e, com ela, uma imortalidade radiante. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 415).

¹¹¹ Nossa tradução livre: [...] no final de novembro, a praga estava completamente fora de controle. Não havia mais tempo para enterros individuais. (VON HAGEN, 1966, p. 314).

¹¹² Nossa tradução livre: No dia 23 de novembro, por volta das seis da tarde [...], Sáenz, com 59 anos, sucumbiu à doença. Sua morte seria notada por amigos. Sua vida, com o tempo, seria lembrada. (MURRAY, 2008, p. 154).

nascimento e sua morte foram marcados por controvérsias e descaso; contudo, sua vida, desde muito cedo até os últimos anos, foi de exemplar subversão e luta, de constante insatisfação e de notável representação política e diplomática.

Dessa forma, percorrer as biografias de Manuela Sáenz é um exercício que exige cuidado e respeito não só pela figura empírica em questão, mas, também, pelos biógrafos que, motivados pelas inquietações de seu tempo, delinearam o percurso dessa personalidade quitenha na América do Sul.

Destacamos, ainda, a importância do texto biográfico em um contexto de deliberados apagamentos de personalidades históricas, como, por exemplo, o evento citado por Cardoso (2020), que buscou reavivar a imagem de Bolívar na Venezuela, em 1883, ao celebrar o centenário de seu nascimento. Nessa comemoração, as menções à presença de Sáenz foram omitidas sob a justificativa de maculação da imagem do Libertador. Assim, a relevância histórica e literária que os textos biográficos sobre essa personalidade exercem na América é indiscutível.

Contudo, é salutar identificarmos as motivações pelas quais o registro biográfico é composto. Sáenz, no século XX, foi repetidamente moldada como uma mulher amante, disposta a participar de combates em virtude de seu sentimento por Bolívar. Sua vivência procedente aos oitos anos de relacionamento com o general (1822 – 1830) é apenas tangenciada por distintos autores e estudiosos.

Os três textos cotejados em nossa apresentação sobre a personagem em estudo possuem peculiaridades próprias no modo de lidar com essa personalidade. Um exemplo claro é a abordagem realizada sobre os anos subsequentes à morte de Bolívar, que recebe atenção em uma análise aprofundada apenas por Murray (2008). As outras duas biografias – Von Hagen (1966) e Rumazo González (1978) – discorrem poucas páginas acerca de seus 26 anos de vida após a fatídica morte de Simón Bolívar, em 1830.

Desse modo, quais são, então, as imagens simbólicas intentadas pelos biógrafos em análise? Primeiramente, há de se levar em consideração a importância do texto de Rumazo González à América. Ele foi o primeiro a dedicar uma obra toda voltada à Manuela Sáenz na primeira metade do século XX, antes mesmo dos primeiros cem anos da morte da personalidade quitenha – período em que as personagens históricas são, repetidamente, lembradas de modo a instigar sentimentos patrióticos às nações em que nasceram –. Sua obra conta com nove edições que percorrem todo o século XX e alcançam o século XXI por meio de uma

ampla divulgação. O texto é, por exemplo, facilmente encontrado em e-book, o que facilita o acesso. Por outro lado, não há a tradução para outra língua. Apenas leitores que dominam o espanhol têm acesso à sua versão, limitando, assim, a divulgação de sua investigação e a construção de um imaginário coletivo americano sobre Manuela Sáenz.

A composição de Rumazo González tem como objetivo perfilar uma mulher que é perdoada por sua separação matrimonial e por outros “deslizes morais” para associar-se a Bolívar. A obra atende a um processo de ressignificação de seus atos como vias para realizar seu efetivo papel no século XIX: acompanhar Simón Bolívar.

É válido ressaltar, ainda, que a América Hispânica já contava com a presença de Sáenz em seu imaginário, mesmo com a insistente demanda política de diminuição de sua presença, seu nome já estava associado às guerras independentistas. Desse modo, o biógrafo equatoriano já possuía um escopo traçado e objetivava, em sua obra, redimi-la, inserindo-a como companheira do general venezuelano.

Diferentemente da proposta de Rumazo González, a segunda biografia aqui abordada refere-se ao texto escrito por Victor Von Hagen, em 1952, nos Estados Unidos, espaço de enunciação que não contava com a presença de Sáenz em seu imaginário. Desse modo, temos, portanto, a apresentação da personalidade quitenha ao espaço anglófono por meio de uma composição que não busca perfilar uma personalidade redentora, cuja vida justifica-se por suas escolhas políticas e ideológicas, mas uma mulher influente, de pensamento livre e amante. Sobre o caráter inovador da biografia de Von Hagen, Lander (2016) ressalta que,

*[...] en 1952, Von Hagen se presenta ante el público de habla inglesa desde la palestra que le brinda, en primer lugar, la objetividad de las distancias temporales y geográficas con respecto del sujeto representado. En segundo lugar, un supuesto apego a pruebas materiales que el descubrió. Y, por último, la cultura compartida con el lector*¹¹³. (LANDER, 2016, on-line).

No que tange ao seu acesso às provas documentais, veementemente, reforçadas em sua escrita, não há clareza de suas fontes. O leitor depara-se com

¹¹³ Nossa tradução livre: [...] em 1952, Von Hagen apresenta-se frente ao público anglófono por meio do relato que lhe oferece, em primeiro lugar, a objetividade das distâncias temporais e geográficas com respeito ao sujeito representado. Em segundo lugar, por um suposto apego às provas materiais que ele descobriu. E, por último, pela cultura compartilhada com o leitor (LANDER, 2016, on-line).

afirmativas que reforçam o cuidado documental, contudo sem indicações claras dos recursos utilizados. Lander (2016) afirma que o resultado de *The Four Seasons of Manuela* “[...] es un texto híbrido (no es exactamente una biografía novelada pero tampoco es un análisis histórico) que invita a pensar en cómo quería Von Hagen que se entendiera a Manuela Sáenz¹¹⁴.” (LANDER, 2016, on-line).

Outras ponderações ainda são cabíveis sobre a proposição de Von Hagen, uma vez que, em menos de um ano (1953), o texto foi traduzido ao espanhol e, atualmente, possui outras distintas reedições, o que facilita o acesso aos que se dedicam a estudar ou conhecer a história de Manuela. Destacamos, também, que sua obra foi fortemente refutada por Gonzalo Humberto Mata em uma composição de fôlego, publicada em 1959, acerca de imprecisões presentes na narrativa do biógrafo estadunidense.

Ressalta-se, por fim, o fato de que Von Hagen utiliza a pesquisa de sua ex-mulher – Christine – para compor seu texto. Nesse sentido, há uma incorporação de estudos e pontos de vistas de modo a delinear uma personalidade histórica não inserida no contexto estadunidense a partir de um viés de análise também distante da América do Sul. Isso faz com que se elabore, assim, uma narrativa estrangeira sobre sujeitos da mesma forma estrangeiros que, curiosamente ou, em outras palavras, deliberadamente, tornou-se referência indispensável para os estudos de Manuela Sáenz.

A terceira obra utilizada como fonte histórica para o estudo da personalidade quitenha é a biografia escrita por Pamela Murray e publicada já no século XXI, em 2008. Nessa pesquisa, temos acesso a um cuidado constante no que se refere às fontes utilizadas pela estudiosa. Destacamos, ainda, o fato de que Pamela Murray não intenta um projeto de exaltação da personalidade histórica, mas de humanização. Assim, toda a composição de seu texto ressalta uma personalidade fruto de seu tempo e de uma sociedade em efervescência.

Depois de meio século, a obra da historiadora estadunidense atualiza a perspectiva de Von Hagen, superando-a com um estudo articulado e de revisitação às mais distintas fontes. Outro detalhe de relevante importância para a composição de Murray diz respeito ao fato da estudiosa não basear sua pesquisa na referida

¹¹⁴ Nossa tradução livre: é um texto híbrido (não é propriamente uma biografia ficcionalizada, mas, também, não é uma análise histórica) que nos convida a pensar como Von Hagen queria que Manuela Sáenz fosse compreendida. (LANDER, 2016, on-line).

obra *The Four Seasons of Manuela* por compreender suas imprecisões e a hibridez de seu texto. Como verificamos em: “*It [Hagen’s work] tends to fictionalize or, at least, to make broad use of poetic license and, beyond a helpful bibliographical essay, avoids scholarly documentation*”¹¹⁵.” (MURRAY, 2008, p. 7). Dessa forma, com o objetivo de abarcar a história de Manuela Sáenz ao longo dos séculos XX e XXI, optamos pelo cotejamento de três obras, cuja relevância à América é imprescindível.

Os três pesquisadores perfilam diferentes nuances de uma mulher que atravessa a primeira metade do século XIX, quebrando paradigmas juntamente com as próprias nações e os movimentos independentistas. É essa Manuela Sáenz que buscamos contemplar em nosso estudo, uma personalidade humana, primeiramente, distanciada da condição mítica em que foi condicionada pelas primeiras biografias a seu respeito. Uma mulher que é síntese dos processos de colonialidade – pelos seus primeiros anos de vida submissa aos preceitos dessa construção discursiva que alimentou a história da América –, de descolonização – por ter vivenciado as guerras pela independência do território da colonialidade espanhola – e de decolonialidade – pelos pensamentos que nutriu e cultivou em grande parte da população que conviveu com ela, além do legado deixado à posteridade.

Nosso estudo avança, neste momento, para pesquisas acadêmicas acerca das múltiplas relações possíveis nos estudos históricos e sociológicos sobre Manuela Sáenz. Buscamos, na sequência, abordar produções de pesquisadores, inseridos no século XXI, que discorrem sobre a sua representatividade política à América Hispânica.

Intentamos trazer à discussão temáticas pertinentes – que discorrem sobre a personalidade quitenha – frente a um contexto de constantes mudanças políticas, econômicas e sociais na história da América, no qual há a presença constante de aspectos conflitivos da era colonialista, das lutas pela independência e descolonização territorial e da formação do pensamento decolonial, que conduz à descolonização das mentes e do imaginário latino-americano, necessária, ainda, em nossos dias.

¹¹⁵ Nossa tradução livre: Ele [o trabalho de Von Hagen] tende a ficcionalizar ou, pelo menos, a fazer amplo uso da licença poética e, além de um ensaio bibliográfico útil, evita a documentação acadêmica. (MURRAY, 2008, p. 7).

1.3 DIMENSÕES HISTÓRICAS E SOCIOLÓGICAS DE MANUELA SÁENZ: O ALCANCE DE UMA VIDA

Após nossa incursão às biografias que tratam da vida de Manuela Sáenz, realizada na seção anterior, e antes de adentrarmos em uma análise de publicações advindas do campo histórico e sociológico acerca de Manuela Sáenz, é salutar compreendermos as mais recentes vinculações históricas em voga a partir do século XX. Essa via nos possibilita dimensionar como se tem alterado o manejo das fontes e reminiscências do passado seja na ciência historiográfica ou na arte literária ao longo dos tempos.

Primeiramente, retomamos as correntes históricas do século XIX, que tinham como ponto de partida uma suposta visão histórica neutra, imparcial, portanto. Nesse sentido, o historiador alemão Leopold Von Ranke (1795 – 1886) foi quem determinou uma distinta epistemologia que rompeu com os padrões anteriores, que vinculavam o conhecimento histórico ao domínio da erudição e de uma abordagem filosófica¹¹⁶, a fim de estabelecer uma relação direta e inquestionável entre o fato histórico e o seu enunciado histórico.

A máxima de Von Ranke, que abarca a proposição da historiografia positivista¹¹⁷, consiste na seguinte afirmação: *wie es eigentlich gewesen ist*¹¹⁸, comungando, assim, com o intento de estabelecer um conhecimento histórico objetivo e universal. Esse fato promove, então, a separação entre as áreas – após uma relação secular –, constituindo-se a história como ciência e a literatura segue seu percurso no âmbito das artes.

Com as transformações advindas no século XX, entre as quais a impossibilidade do ocidente de retornar aos velhos padrões depois de duas guerras mundiais e um avanço tecnológico sem precedentes, a concepção sobre o fato histórico sofre intensas alterações. Não há mais como falar acerca de uma “verdade” objetiva, mas há que se olhar para as distintas manifestações da atividade humana.

¹¹⁶ Sobre essa ruptura, Arostégui (2006), no artigo intitulado “A Pesquisa Histórica: teoria e método”, analisa o processo com acentuado rigor.

¹¹⁷ É necessário explicar que a história, no seu processo de se transformar em uma ciência, não abandona seu vínculo com a filosofia, porém faz a opção, pela iniciativa de Ranke – de se vincular, estreitamente, às proposições da corrente positivista da época.

¹¹⁸ Nossa tradução livre: “*wie es eigentlich gewesen ist*” – como, de fato, foi/ocorreu.

Dessa forma, novas teorias históricas manifestam-se de modo a repensar a própria atividade do historiador e a forma de representar e registrar os acontecimentos por meio de um discurso escrito. Um marco para a historiografia consiste na fundação da revista *Annales*, em 1929, pelos historiadores franceses Lucien Febvre (1878 – 1956) e March Bloch (1886 – 1944), estabelecendo, assim, um movimento de renovação do método investigativo de forma mais aberta para outras ciências sociais, como Le Goff (1978) posteriormente comentaria: “Os precursores, e na primeira linha os fundadores da revista e do movimento dos *Annales* [...], proclamaram a ambição de uma história “total” ou “global”.” (LE GOFF, 1978, p. 18).

Seguindo esteiras dialógicas, a segunda metade do século XX propõe ao campo histórico uma distinta premissa à sua formulação. Somos assim, apresentados à “nova história”, uma corrente reformadora e crítica surgida na década de 1970, na França, que revisita as bases positivistas da historiografia tradicional.

Dessa forma, todo o registro do passado torna-se fonte histórica, assim como as mais distintas manifestações sociais são vistas como passíveis de relato e registro. Podemos citar aqui duas obras que perfilam essa nova epistemologia: *A História Nova* ([1978] 1990), de Jacques Le Goff e *A Escrita da História* ([1991] 1992), de Peter Burke. Ressaltamos, ainda, que uma distinta manipulação dos dados documentais insere-se nas proposições dessa corrente de pensamento. Para Le Goff (1990), entre as tarefas da nova história está a necessidade de que uma multiplicidade de documentos deva existir de modo a permitir diferentes percepções a partir de fontes variadas. Para o referido historiador,

[...] o documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador, ele próprio parcialmente determinado por sua época e seu meio; o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado, tanto para impor uma imagem desse passado, quanto para dizer “a verdade”. (LE GOFF, 1990, p. 54).

Nesse sentido, a segunda tarefa da nova história consiste no “retratamento da noção de tempo”. Para Le Goff (1990), é necessário “[...] demolir a idéia de um tempo único, homogêneo e linear. Construir conceitos operacionais dos diversos tempos de uma sociedade histórica [...]” (LE GOFF, 1990, p. 54). Por fim, a terceira

tarefa consiste no “aperfeiçoamento de métodos de comparatismo” que, em suma, levam o pesquisador a comparar eventos, pessoas, relatos, etc. de forma adequada, sem incorrer em erros metodológicos que mais encobrem do que revelam sentidos possíveis.

Inseridas nesse modo de abordar os eventos do passado estão as mais distintas formas de história que focalizam especificidades ignoradas pela historiografia tradicional, como a “A história das mulheres”, teorizada por Joan Scott (1992) e a “A história vista de baixo”, por Jim Sharpe (1992). Tais perspectivas adentram universos particulares e apresentam uma narrativa, até então, deliberadamente apagada dos anais historiográficos. Estamos, assim, diante de um registro que conjectura uma história ampla, representativa e que vislumbra uma globalidade.

Outro texto relevante para a presente escrita doutoral consiste nos estudos de Hayden White (1928 – 2018) acerca da história como produção narrativa. Publicada em 1973, a obra *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX* aborda a escrita histórica a partir de uma estrutura discursiva que busca revelar o caráter poético presente na historiografia. De acordo com White ([1973] 2008, p. 13),

[...] um dos meus intuítos fundamentais, além daquele de identificar e interpretar as principais formas de consciência histórica na Europa oitocentista, é estabelecer os elementos inconfundivelmente poéticos presentes na historiografia e na filosofia da história em qualquer época que tenham sido postos em prática. Diz-se com frequência que a história é uma mescla de ciência e arte. Mas, conquanto recentes filósofos analíticos tenham conseguido aclarar até que ponto é possível considerar a história como uma modalidade de ciência, pouquíssima atenção tem sido dada a seus componentes artísticos. Através da exposição do solo linguístico em que se constituiu uma determinada ideia da história tento estabelecer a natureza inelutavelmente poética do trabalho histórico e especificar o elemento prefigurativo num relato histórico por meio do qual seus conceitos teóricos foram tacitamente sancionados.

Nesse sentido, os entrelaçamentos possíveis entre história e ficção permitem-nos compreender que a produção humana discursiva é, também, ideológica. Em vista disso, a pesquisa de White (2008) parte da identificação de quatro estilos retóricos utilizados por outros historiadores na construção de seus textos. São eles: a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a ironia. Além disso, o referido historiador perfila quatro gêneros literários que atuam na percepção do próprio estudioso

frente o manusear histórico em sua própria composição, que são: a história romanesca, a tragédia, a comédia e a sátira. Assim, em uma comparação com as narrativas literárias, a escrita histórica também conduziria seu leitor ao percurso desejado por quem articula a linguagem.

Diante de distintos vieses de estudo que marcaram o último século, há de se considerar uma mudança paradigmática no trato com a historiografia. Essa alteração manifesta-se não apenas no campo histórico, mas, também, no literário, como veremos na seção seguinte. As “verdades” perpetradas pela história positivista passam por constantes reinterpretações.

Nesse contexto, o absoluto dá lugar ao relativo. De forma ainda mais acentuada, compreendemos que o revisionismo americano torna-se uma prática vigente, pois as imposições das antigas metrópoles estão sendo reiteradamente superadas. Não há, dessa forma, como nos distanciarmos das premissas dos estudos decoloniais, uma vez que, como afirma Mignolo ([2014] 2017, p. 15), “[...] o pensamento descolonial está hoje comprometido com a igualdade global e a justiça econômica [...].” Assim, (re)apresentar Manuela Sáenz é uma tarefa que cumpre com o seu ideal de ressignificação do passado histórico, ao nos apropriarmos de nossas próprias narrativas como ação descolonizadora das mentes e do imaginário latino-americano.

Nesse sentido, o campo histórico e sociológico americano, a partir do século XX, mormente, dedica-se a apresentar à comunidade pesquisadora versões e representações da figura empírica de Manuela Sáenz. A academia tem, seguidamente, versado sobre sua importância para o contexto das guerras independentistas das colônias hispano-americanas, compartilhando com o espaço literário visões de uma perspectiva revisionista que comungam entre si.

Esta subseção de nossa pesquisa objetiva abarcar análises a respeito do protagonismo político e diplomático de Sáenz, atentando para o seu espaço de manifestação em uma sociedade patriarcal, na qual os pressupostos da colonialidade – instaurada na América desde 1492 com a chegada de Cristóvão Colombo e desenvolvido nas diferentes instâncias das sociedades híbridas e mestiças que nasceram desse enfrentamento primeiro – manifestavam-se em suas mais variadas demonstrações.

A atuação dessa cidadã equatoriana/quitenha, portanto, ultrapassa o espaço privado das relações amorosas que manteve com Simón Bolívar – figura festejada e

exaltada pelo discurso histórico tradicional latino-americano – direcionamento da colonialidade, vista como natural e herdada dos anos de submissão às metrópoles europeias –, inserindo-se, ativamente, na esfera pública ao aliar seu relacionamento com “O Libertador das Américas” às suas convicções políticas.

Observamos Manuela Sáenz como figura feminina de destaque na história da América no que tange aos movimentos de descolonização – sejam eles territoriais, culturais, identitários ou do imaginário – e sujeito latino-americano que cultivou profundamente um pensamento decolonial, com vistas à liberdade tanto das nações Hispano-americanas, quanto dos cidadãos desse continente.

As produções reunidas e aqui discutidas estão inseridas no Quadro III, que apresenta artigos científicos produzidos nos últimos 22 anos, divulgados em ambiente virtual e advindos de discussões entre história, sociologia e literatura que protagonizam Manuela Sáenz – e se configuram em um recorte que tematiza a atuação política e diplomática dessa personalidade durante seus 59 anos de existência. Como a seguir expomos:

QUADRO III: PRODUÇÕES ACADÊMICAS DO SÉCULO XXI SOBRE MANUELA SÁENZ, EXPOSTAS EM ORDEM CRONOLÓGICA

	TÍTULO ORIGINAL	TÍTULO TRADUZIDO AO PORTUGUÊS	AUTOR (ES) / COMPILADOR (ES)	ANO	PAÍS DE PUBLICAÇÃO
1.	<i>Las mujeres de la Independencia: ¿heroínas o transgresoras? El caso de Manuela Sáenz</i>	As mulheres da Independência: heroínas ou transgressoras? O caso de Manuela Sáenz	Inés Quintero	2001	Alemanha
2.	<i>Republican Friendship: Manuela Sáenz Write Women into the Nation, 1835 - 1856</i>	Amizade republicana: Manuela Sáenz escreve a mulher na nação, 1835 - 1856	Sarah Chambers C.	2001	Estados Unidos
3.	<i>Cuadernos de Divulgación Cívica: Manuela Sáenz</i>	Cadernos de Divulgação Cívica: Manuela Sáenz	Eugenia Viteri	2003	Equador
4.	<i>La literatura como expresión estética de los ideales nacionales: La representación de Manuela Sáenz en la novela “La gloria eres tú”</i>	A literatura como expressão estética dos ideais nacionais: a representação de Manuela Sáenz no romance <i>La gloria eres tú</i>	Judith Nieto López	2003	Colômbia
5.	<i>The Spaces of a Free Spirit: Manuela Sáenz in Literature and Film</i>	Os espaços de um espírito livre: Manuela Sáenz na Literatura e no Cinema	Heather Hennes R.	2005	Estados Unidos

6.	<i>Algunos alcances del concepto de representación. Manuela Sáenz: el caso de una exclusión</i>	Alguns âmbitos do conceito de representação. Manuela Sáenz: o caso de uma exclusão	Judith Nieto López	2006	Colômbia
7.	<i>Of Love and Politics: Reassessing Manuela Sáenz and Simón Bolívar, 1822 – 1830</i>	De amor e de política: reavaliando Manuela Sáenz e Simón Bolívar, 1822 – 1830	Pamela S. Murray	2007	Estados Unidos
8.	<i>Manuela Sáenz: “mi patria es el continente de la América”</i>	Manuela Sáenz: “minha Pátria é o continente da América”	Jenny Londoño López	2008	Equador
9.	<i>Los “diarios perdidos” de Manuela Sáenz y la formación de un ícono cultural</i>	Os “diários perdidos” de Manuela Sáenz e a formação de um ícone cultural	Heather R. Hennes	2009	Equador
10.	<i>Manuela Sáenz: la insurrección, la nación y la patria</i>	Manuela Sáenz: a insurreição, a nação e a pátria	Cecilia Méndez Mora	2009	Espanha
11.	<i>La encrucijada de Manuela Sáenz en el imaginario cultural latinoamericano del siglo XXI</i>	A encruzilhada de Manuela Sáenz no imaginário cultural latino-americano do século XXI	María F. Lander	2011	Espanha
12.	<i>The Gendered Spaces of La Libertadora: Diego Rísquez's “Manuela Sáenz”</i>	Os espaços de gênero de La Libertadora: “Manuela Sáenz”, de Diego Rísquez	Heather Hennes	2011	Estados Unidos
13.	<i>Historia de las mujeres y memoria histórica: Manuela Sáenz interpela a Simón Bolívar (1822 – 1830)</i>	História das mulheres e memória histórica: Manuela Sáenz interpela a Simón Bolívar (1822 - 1830)	María José Vilalta	2012	Holanda
14.	<i>Manuela, la impensable: un diálogo entre “Amor y gloria: el romance de Manuela Sáenz y el Libertador Simón Bolívar” (1952), de María Jesus Alvarado, y “Manuela Sáenz, la divina loca” (195?), de Olga Briceño</i>	Manuela, a impensável: um diálogo entre <i>Amor e glória: o romance de Manuela Sáenz e o Libertador Simón Bolívar</i> (1952), de María Jesus Alvarado, e <i>Manuela Sáenz, la divina loca</i> (195?), de Olga Briceño	Mariana Libertad Suárez	2012	Equador
15.	<i>Manuela Sáenz: Mujer y Emancipación en el siglo XIX</i>	Manuela Sáenz: Mulheres e emancipação no século XIX	Facundo Bindi	2012	Argentina
16.	<i>Dos aplicaciones del modelo melodramático: Manuela Sáenz y Leona Vicario en el imaginario contemporáneo sobre las independencias</i>	Duas aplicações do modelo melodramático: Manuela Sáenz e Leona Vicario no imaginário contemporâneo sobre as independências	Carolina Pizarro Cortés	2014	Brasil
17.	<i>Manuela Sáenz e Bárbara de Alencar: duas mulheres nas independências Latino-Americanas</i>	--	Cláudia Luna	2014	Brasil

18.	<i>Rethinking Manuela Sáenz: Shifting Borders, Boundaries, and Nations</i>	Repensando Manuela Sáenz: Mudando Fronteiras, Limites e Nações	Maria L. Vallejo-Nguyen	2014	Estados Unidos
19.	<i>Manuela Sáenz: Antes y después de Bolívar</i>	Manuela Sáenz: antes e depois de Bolívar	Rosa Maria Grillo	2015	Itália
20.	Atuação de Manuela Sáenz na Guerra de Libertação da Grã-Colômbia no século XIX	--	Emanuella Oliveira e Mônica Martins	2016	Brasil
21.	<i>Manuela Sáenz y su palabra escrita</i>	Manuela Sáenz e sua palavra escrita	Victoria Villanueva	2016	Peru
22.	<i>El Pensamiento de Manuela Sáenz en el Proceso de Independencia del Ecuador</i>	O pensamento de Manuela Sáenz no processo de independência do Equador	Jenny Gabriela Pillajo Chuquimarca	2017	Equador
23.	<i>Del discurso amoroso: la correspondência de Simón Bolívar y Manuela Sáenz</i>	Do discurso de amor: a correspondência de Simón Bolívar e Manuela Sáenz	Silvia L. López	2018	Brasil
24.	Jonatás y Manuela: Por uma representação estética descolonial	--	Fabiana da Silva Campos dos Santos	2018	Brasil
25.	<i>La Pluma y el Laberinto: Autobiografía y Representación de Manuela Sáenz</i>	A pena e o labirinto: autobiografia e representação de Manuela Sáenz.	Cláudia Luna	2019	Peru
26.	As biografias de Manuela Sáenz: um embate de memórias, vozes e discursos	--	Rosane Cardoso	2020	Brasil

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Nesse sentido, optamos por abordar, na atual pesquisa, uma seleção de produções acadêmicas que abarcam a representação da personalidade em estudo, a fim de estabelecer prósperos vínculos com a ciência histórica e sociológica que, juntamente com a literatura, avançam para um revisionismo histórico e identitário da América, com vistas a sua descolonização em sentido mais amplo. Para tanto, selecionamos cinco publicações realizadas no século XXI, voltadas às seguintes temáticas: a participação feminina na independência das colônias espanholas; a emancipação da mulher no século XIX e a representação de Sáenz para além de sua vinculação a Bolívar.

As contribuições que compõem a presente subseção advêm de países como: Estados Unidos, Equador, Holanda e Brasil. Os critérios de seleção foram estabelecidos, primeiramente pelo recorte temporal, uma vez que buscamos uma

análise perfilada pelo século XXI. Além disso, a temática da produção foi indispensável, pois voltamos nossa atenção ao protagonismo de Manuela Sáenz e à sua representação multifacetada ao ocupar as mais distintas esferas de atuação.

Outro aspecto consiste na busca por textos em espanhol, inglês e português, a fim de transitar por três esferas acadêmicas presentes na América. Por fim, é válido mencionar que a utilização de autoras mulheres nesse *corpus* não foi uma ação excludente, mas uma preferência constante em nossas buscas e análises.

Dessa forma, os textos selecionados foram: *Republican Friendship: Manuela Sáenz writes women into the nation, 1835-1856*¹¹⁹, escrito por Sarah C. Chambers e publicado pela “*The Hispanic American historical review*”, em 2001; *Of Love and Politics: Reassessing Manuela Sáenz and Simón Bolívar, 1822-1830*¹²⁰, escrito por Pamela S. Murray e publicado pela “*Historic Compass*”, em 2007; *Manuela Sáenz: “mi patria es el continente de la América”*¹²¹, com autoria de Jenny L. López e publicação pelos “*Cuadernos Americanos*”, em 2008; *Historia de las mujeres y memoria histórica: Manuela Sáenz interpela a Simón Bolívar (1822-1830)*¹²², por María J. Vilalta, com publicação na “*European Review of Latin American and Caribbean studies*”¹²³, em 2012; e, por último, *Atuação de Manuela Sáenz na Guerra de Libertação da Grã-Colômbia no Século XIX*, escrito por Emanuella Oliveira e Mônica Martins, publicado pela “*Revista Brasileira de Estudos de Defesa*”, em 2016.

As análises apresentadas não buscam conclusões definitivas, mas aproximações entre abordagens ficcionais e históricas que contribuem para que a personalidade histórica feminina em análise seja revisitada e ressignificada, especialmente, no que concerne ao seu modo de se posicionar contra o colonialismo imperante em sua época e buscar a descolonização e a efetiva prática do pensamento e das ações decoloniais. Além disso, buscamos evidenciar como, no século XXI, as experiências de vida de Sáenz tem chamado a atenção de estudiosos de diferentes países e continentes não apenas pela sua vinculação com Bolívar,

¹¹⁹ Nossa tradução livre: Amizade Republicana: Manuela Sáenz inscreve a mulher na nação, 1835-1856.

¹²⁰ Nossa tradução livre: De amor e de política: reavaliando Manuela Sáenz e Simón Bolívar, 1822-1830.

¹²¹ Nossa tradução livre: Manuela Sáenz: “meu país é o continente da América”.

¹²² Nossa tradução livre: História das mulheres e memória histórica: Manuela Sáenz interpela a Simón Bolívar (1822-1830).

¹²³ Nossa tradução livre: Revisão europeia de estudos latino-americanos e caribenhos.

mas pelas significativas atuações de uma mulher no centro das ações de independência de várias nações hispano-americanas.

Nesse sentido, temos que Sarah Chambers (2001), em seu artigo intitulado “*Republican Friendship: Manuela Sáenz Writes Women into the Nation, 1835 – 1856*”, apresenta, já no título de sua pesquisa, um recorte temporal em que Manuela Sáenz, via de regra, não é lembrada, que são os anos após a morte de Simón Bolívar. A pesquisadora chama a atenção para o fato de que, diferentemente da maioria das outras mulheres, Sáenz não foi esquecida, ou apagada pelo transcurso da história: “*Manuela Sáenz has not suffered the fate of many women throughout history: she has not been forgotten*¹²⁴.” (CHAMBERS, 2001, p. 225). Contudo, a imagem pela qual ela é lembrada, em grande medida pela historiografia dos séculos XIX e XX, posiciona-a à margem das vinculações de sentidos relacionadas a Bolívar.

É fundamental depreendermos, principalmente a partir do século XXI, em que as teorias advindas da nova história e da história das mulheres encontram-se mais amplamente difundidas, a necessidade de nos reapropriarmos de discursos excludentes e parciais, erigidos no passado sob as premissas da colonialidade. Nesse sentido, a vinculação política de Manuela Sáenz advém de sua natureza insatisfeita e de seus privilégios sociais, que foram somados ao relacionamento que teve com o general independentista Simón Bolívar. Assim, Chambers (2001, p. 226) ressalta que “[...] *Sáenz had already begun participating in the movements for independence from Spain before she met Bolívar in 1822 and her activism continued after his death in 1830 and her exile from Colombia and Ecuador by his political opponents*¹²⁵.”

Nesse sentido, após os anos que seguiram à morte de Bolívar, a sua expulsão da Colômbia e a impossibilidade de permanência no Equador, Sáenz, em seu exílio do Peru, continua envolvida politicamente e desenvolve um discurso próprio, referente à influência da mulher nas nações recém-independentes. De acordo com a referida pesquisadora: “*A role for elite women as friends, rather than primarily wives and mothers, provides an alternative to both the dominant ideology of*

¹²⁴ Nossa tradução livre: Manuela Sáenz não sofreu o destino de muitas mulheres ao longo da história: ela não foi esquecida. (CHAMBERS, 2001, p. 225).

¹²⁵ Nossa tradução livre: Sáenz já havia começado a participar dos movimentos à independência [do território hispano-americano] da Espanha antes de conhecer Bolívar, em 1822, e seu ativismo continuou após a morte dele, em 1830, e, também, seguiu-se ao seu exílio da Colômbia e do Equador imposto por seus oponentes políticos. (CHAMBERS, 2001, p. 226).

*that period as well as to the central emphasis in the historiography on 'republican motherhood'*¹²⁶.” (CHAMBERS, 2001, p. 226). Essa posição de igualdade pela qual Manuela Sáenz busca ser vista e posicionada reflete sua postura descolonizadora das mentes e do imaginário, não apenas a do território geográfico, ao encarar sua existência como manifestação que supera a sombra da colonialidade.

De forma mais abrangente, a pesquisa de Chambers aponta-nos para o papel feminino nos anos mais importantes da revolução independentista, uma vez que a presunção de sua natureza colonialista apolítica permitiu que as mulheres se infiltrassem no movimento, contribuindo com o trânsito de informações. A pesquisadora verificou, ainda, que as motivações que impulsionaram as mulheres à ação eram muito semelhantes às dos homens, indicando, desse modo, que as causas das mulheres, como o sufrágio ou mesmo uma equiparação cidadã, não eram a pauta desse movimento. Temos aqui, ações incipientes frente à tarefa decolonial que avançaria de modo mais abrangente no século XX. Ceder o espaço para a presença feminina sob o título de “amigo”, ou seja, de pessoa influente, já caracteriza uma mudança paradigmática ao cenário hispano-americano.

Somente a partir da segunda metade do século XIX é que a mulher vê suas primeiras participações no espaço público. Esse é o período da ascensão do romantismo na América Hispânica e, além disso, é o momento em que os primeiros periódicos femininos aparecem. Segundo Chambers, *“the ability of women to publish their work was a significant advance, but these first female writers were often limited to expressing their opinions on the 'woman questions' and in exclusively feminine journals*¹²⁷.” (CHAMBERS, 2001, p. 229). Desse modo, compreende-se que, nesse período, a imagem doméstica da mulher nos papéis de mãe e esposa é a que estava em evidência, uma vez que, velados sob os preceitos coloniais, tais princípios buscavam corroborar a fim de se manterem no continente. Imagens, assumidamente, inversas à representatividade de Sáenz.

¹²⁶ Nossa tradução livre: Um papel para as mulheres da elite como amigas, ao invés de, principalmente, esposas e mães, fornece uma alternativa tanto para a ideologia dominante daquele período quanto para a ênfase central na historiografia sobre a “maternidade republicana”. (CHAMBERS, 2001, p. 226).

¹²⁷ Nossa tradução livre: A capacidade das mulheres de publicar seus trabalhos foi um avanço significativo, mas essas primeiras escritoras, muitas vezes, limitaram-se a expressar suas opiniões sobre as “questões femininas” e em periódicos, exclusivamente, femininos. (CHAMBERS, 2001, p. 229).

De acordo com Chambers (2001), a presença de Sáenz manifesta-se na reconfiguração das esferas públicas e privadas, uma vez que ela convive com a exclusão do espaço público e se manifesta nos limites do privado, distanciando-se do perfil doméstico em voga. Ao reconfigurar sua atuação nesse âmbito, a pesquisadora aponta para a especificidade de sua participação política, que estava centrada em uma relação de amizade e estabelecia “*a middle ground of sociability among both women and men through salons and correspondence*”¹²⁸.” (CHAMBERS, 2001, p. 230). Sáenz e outras mulheres representavam, portanto, um elo entre essas duas frentes da sociedade.

Sobre a atuação política de Sáenz durante os oito anos de relacionamento com Bolívar, é de amplo conhecimento o quão relevante ela foi para o fortalecimento das ações do general. Sabe-se, também, sobre seu papel de arquivista e sua influência como conselheira de Bolívar e seus aliados. A presença ativa de Sáenz nesse período é, portanto, indiscutível.

Por outro lado, com o enfraquecimento das ações bolivarianas e a morte do general, em 1830, Sáenz passa a ser vista como uma inimiga do Estado e sua permanência na Colômbia e no Equador são negadas. Diante de uma vida em constante envolvimento político, não seria razoável conceber que as décadas após a morte de Bolívar seriam de total desligamento dessa esfera.

No entanto, sobre suas mais de duas décadas de vida em exílio, pouco foi registrado por historiadores e biógrafos. Chambers (2001) ressalta que até mesmo Victor W. Von Hagen, biógrafo que teve acesso à correspondência de Sáenz com o general Juan José Flores, não menciona sua atividade política durante os 26 anos em Paita, distante de todas as efervescências do século XIX na Colômbia e no Equador.

A pesquisadora chama-nos a atenção para o fato de que “[...] *the experience of exile intensified her concern over the dangers of political instability and partisanship and let her to place ever great emphasis upon friendship*”¹²⁹.” (CHAMBERS, 2001, p. 234). Sobre seu exílio, a própria decisão do governo

¹²⁸ Nossa tradução livre: [...] um meio termo de sociabilidade entre mulheres e homens por meio de salões e correspondência. (CHAMBERS, 2001, p. 230).

¹²⁹ Nossa tradução livre: [...] a experiência do exílio intensificou sua preocupação com os perigos da instabilidade política e do partidarismo e fez com que ela colocasse sempre grande ênfase na amizade. (CHAMBERS, 2001, p. 234).

equatoriano de isolá-la em Paita denota preocupação no que tange à sua influência política. Com relação à cidade de Paita, Chambers (2001) assinala que,

*[...] this small town in the desert posed a stark contrast to the capitals of Quito, Lima, and Bogotá where Sáenz had been at the center of social and political events. [...] In the wake of independence, the border between Ecuador and Peru was hotly contested. Paita was central not only to such international controversies, but its large exile community also played a role in the internal politics of Ecuador*¹³⁰. (CHAMBERS, 2001, p. 235).

Chambers (2001) deixa claro, portanto, que esse período da vida de Sáenz foi intencionalmente obscurecido pelo registro histórico novecentista. Dessa forma, o seu ativismo político ficou, inevitavelmente, circunscrito a uma menor abrangência, uma vez que ela estava distante dos debates centrais.

A referida pesquisadora ressalta o fato de Sáenz ver-se e se identificar como equatoriana ou, ainda, quitenha, diferentemente da afirmação feita nos anos anteriores em Bogotá em que dizia "*My country is the whole of the American continent*"¹³¹ (CHAMBERS, 2001, p. 235). Tal mudança no modo de conceber sua própria identidade justifica-se, segundo a historiadora, como um reflexo do endurecimento das fronteiras nacionais, além da sua mobilidade cerceada pelo exílio. Como verificamos no fragmento destacado a seguir,

*[...] indeed it was common in this period for men as well as women to identify as strongly with their home region, where local economic circuits and administrative units had deep roots in the colonial period, as with the more recently formed nations*¹³². (CHAMBERS, 2001, p. 235).

Aqui, nossa atenção volta-se à expressão já traduzida: “raízes profundas no período colonial”, que denota a clareza com a qual a pesquisadora aborda os

¹³⁰ Nossa tradução livre: Essa pequena cidade no deserto contrastava-se, fortemente, com as capitais Quito, Lima e Bogotá, onde Sáenz estivera no centro dos eventos sociais e políticos. Na esteira da independência, a fronteira entre o Equador e o Peru foi fortemente contestada. Paita foi central não apenas para essas controvérsias internacionais, mas sua grande comunidade de exilados também desempenhou um papel na política interna do Equador. (CHAMBERS, 2001, p. 235).

¹³¹ Nossa tradução livre: Meu país é todo o continente americano. (CHAMBERS, 2001, p. 235).

¹³² Nossa tradução livre: De fato, era comum, nesse período, que tanto homens quanto mulheres se identificassem fortemente com sua região de origem, onde os circuitos econômicos locais e as unidades administrativas tivessem raízes profundas no período colonial, assim como nas nações formadas mais recentemente. (CHAMBERS, 2001, p. 235).

sujeitos inseridos no sistema colonial e o seu condicionamento a esse modelo de sociedade. Além disso, Chambers (2001) afirma que tal sujeito afirmar-se-ia ora como parte de sua região, reforçando as matrizes coloniais, ora com as nações recém-estabelecidas. Sua identificação com uma sociedade ou outra ainda era inexata, transitória, portanto.

Contudo, apesar de toda proposição patriótica que justifica o interesse de Sáenz por se afirmar equatoriana, a pesquisadora ressalta uma situação ambivalente: o fato de que ela, ainda, não havia recuperado sua herança. Em uma carta para o General Flores ela chega a afirmar, em outras palavras, que um estrangeiro teria tido mais apoio do que ela, uma cidadã do Equador. Em suma, Chambers (2001, p. 236) relata que,

[...] Sáenz never returned to Ecuador even when her exile was lifted after two years. In 1837 she wrote to thank Flores for his influence in securing her a safe conduct to return to Ecuador, but swore she would not do so as long as Rocafuerte remained president because his past injustices toward her made her fearful. From 1839 to 1845 Flores returned to power, but Sáenz remained in Paíta. Financial problems limited her options, but her presence in Quito might have improved her chances of recovering her inheritance. By 1842 she told Flores she never intended to return as the climate was bad for her health, and that if she received her money she might move to Lima. Moreover, she insisted that she had not intended to stay in Ecuador even in 1835, but simply hoped to recover her property and leave again¹³³.

Como observamos, a proximidade com Flores permitiu que Sáenz estivesse, constantemente, a par dos acontecimentos de seu país e dos pormenores das nações independentes da América Latina. Ele foi, para Sáenz, a sua conexão com o Equador. Verificamos, portanto, que a aproximação da quitenha com o seu país de origem era deliberada, pois tinha como intento reaver a herança de sua família materna.

¹³³ Nossa tradução livre: Sáenz nunca voltou ao Equador, mesmo quando seu exílio foi suspenso após dois anos. Em 1837, ela escreveu para agradecer a Flores por sua influência em lhe garantir um salvo-conduto para retornar ao Equador, mas jurou que não o faria enquanto Rocafuerte permanecesse como presidente, porque suas injustiças passadas contra ela a deixavam com medo. De 1839 a 1845 Flores voltou ao poder, mas Sáenz permaneceu em Paíta. Problemas financeiros limitaram suas opções, mas sua presença em Quito poderiam ter aumentado suas chances de recuperar sua herança. Em 1842, ela disse a Flores que nunca pretendia voltar porque o clima era ruim para a sua saúde e que, se recebesse o dinheiro, poderia mudar-se para Lima. Além disso, ela insistiu que não pretendia ficar no Equador mesmo em 1835, mas que, simplesmente, esperava recuperar sua propriedade e partir novamente. (CHAMBERS, 2001, p. 236).

Outra temática de grande relevância abordada pela pesquisa de Chambers (2001) consiste no que ela denomina “A política da escrita¹³⁴” que, em linhas gerais, observa como as mulheres, a partir do século XVII, expressavam-se por meio de textos epistolares. Por meio de uma seleção de textos acadêmicos, a autora destaca que, em muitos casos até o século XVIII, a escrita de cartas consistia na única oportunidade que as mulheres tinham de interagir com a esfera pública. Essa é uma evidência da descolonização vivenciada por essas mulheres e do pensamento decolonial que Sáenz, assim como outras mulheres de sua época, colocou em prática, valendo-se do sistema para garantir sua participação. De acordo com a pesquisadora,

[...] after revolutionary leaders made clear that women would be excluded from direct political action, writing continued, according to Whitney Walton, as “the only means (along with sociability and conversation) for these women to be involved in political affairs.” David Shields asserts that in the early republican United States the letter was often preferred to the press: “Every social interaction in which trust, personal connection, and privacy were crucial made use of the manuscript letter as its principal medium of contact”¹³⁵. (CHAMBERS, 2001, p. 238).

Dessa forma, Chambers (2001) insere Manuela Sáenz nessa tradição de escrita que girava em torno de uma classe social elitizada, com acesso à educação formal e que representava a cultura hegemônica. Para Sáenz, a palavra escrita sempre foi parte de sua vivência, intensificando-se, notadamente, quando se distancia do centro dos embates políticos, como aponta Chambers (2001, p. 239), “*Sáenz had always recognized the importance of letters, but in exile they became her lifeline*¹³⁶.”

Evidenciam-se, ainda, no texto da pesquisadora, os percalços aos quais o envio das escritas epistolares estava submetido, expondo que o sistema postal

¹³⁴ Originalmente: “The Politics of Writing”.

¹³⁵ Nossa tradução livre: Depois que os líderes revolucionários deixaram claro que as mulheres seriam excluídas da ação política direta, a escrita continuou, de acordo com Whitney Walton, como “o único meio (junto com a sociabilidade e a conversação) para essas mulheres se envolverem em assuntos políticos”. David Shields afirma que, nos primeiros Estados Unidos republicanos, a carta era, frequentemente, preferida à imprensa: “Cada interação social em que a confiança, a conexão pessoal e a privacidade eram cruciais usava-se a carta manuscrita como seu principal meio de contato.” (CHAMBERS, 2001, p. 238).

¹³⁶ Nossa tradução livre: Sáenz sempre reconheceu a importância das cartas, mas, no exílio, elas se tornaram sua tábua de salvação. (CHAMBERS, 2001, p. 239).

comprometia a privacidade das cartas. Nesse sentido, “*Sáenz took advantage of numerous personal contacts to send her letters with travelers, merchants and diplomats, and provided detailed instructions on the best way to respond [...]*”¹³⁷.” (CHAMBERS, 2001, p. 239). Portanto, como a referida pesquisadora aponta, “*friends, therefore, were the critical carriers as well as the recipients of her correspondence*”¹³⁸.” (CHAMBERS, 2001, p. 240).

Com relação à amizade entre o General Juan José Flores e Sáenz, verificamos, por meio do estudo aqui compartilhado, um desequilíbrio de interesses. Em distintas missivas trocadas, Chambers (2001) observou que Sáenz insiste por respostas e informações acerca das movimentações políticas do Equador, oferecendo material de cunho político que interessariam ao governo equatoriano. Como verificamos no excerto destacado abaixo,

[...] *Sáenz’s respect for the power – both positive and negative – of the written word extended from correspondence to the press. In her letters, she pleaded not only for personal replies but also copies of printed documents. One of her earliest requests to Flores was for a copy of Bolívar’s proposed constitution for Colombia. A month later, she asked him to send any printed materials because few made it to Paíta. Such requests continued throughout her correspondence, and she reciprocated by sending Flores copies of Ecuadorian opposition newspapers printed in Peru*¹³⁹. (CHAMBERS, 2001, p. 240).

Manuela Sáenz torna-se, assim, uma mulher de cartas e é por meio delas que toda a sua manifestação política acontece. Tais missivas não eram escritas com a finalidade de posterior publicação, uma vez que a imprensa não dispensaria espaço à influência feminina. “*Women like her were excluded from some fora within the civil society of early republican Spanish America, such as the press, but active in the*

¹³⁷ Nossa tradução livre: Sáenz aproveitou os inúmeros contatos pessoais para enviar cartas a viajantes, comerciantes e diplomatas e lhes forneceu instruções detalhadas sobre a melhor maneira de as responderem. (CHAMBERS, 2001, p. 239).

¹³⁸ Nossa tradução livre: Amigos, portanto, eram os portadores críticos, bem como os destinatários de sua correspondência. (CHAMBERS, 2001, p. 240).

¹³⁹ Nossa tradução livre: O respeito de Sáenz pelo poder – tanto positivo quanto negativo – da palavra escrita estendia-se da correspondência à imprensa. Em suas cartas, ela pediu não apenas respostas pessoais, mas, também, cópias de documentos impressos. Um de seus primeiros pedidos a Flores foi uma cópia da proposta de Constituição de Bolívar para a Colômbia. Um mês depois, ela lhe pediu que enviasse qualquer material impresso, porque poucos chegavam a Paíta. Essas solicitações continuaram ao longo de sua correspondência e ela o retribuiu, enviando a Flores cópias de jornais da oposição equatoriana impressos no Peru. (CHAMBERS, 2001, p. 240).

*world of letters and political salons*¹⁴⁰.” (CHAMBERS, 2001, p. 241). Essa situação relaciona-se, diretamente, com a necessidade de manutenção de muitos dos princípios coloniais, densamente relacionados com a ordem patriarcal, mesmo após a independência política dessas nações, em que o espaço feminino era reforçadamente controlado. As lutas bélicas pela independência territorial não atingiram, na mesma proporção, a descolonização cultural das mentes, dos hábitos e costumes coloniais arraigados no imaginário. Essa tarefa ainda nos cabe nos dias atuais.

Contudo, mesmo diante de uma situação que limitava sua atividade pública, Sáenz e outras mulheres encontram espaços de atuação que serviam como instrumento de divulgação de seus ideais, ações de descolonização, oriundas de pensamentos decoloniais nascentes, portanto. Tais impulsos, seguramente, não eram premeditados e ancorados em teorias, como são hoje nossas ações investigadoras, mas demonstram que a descolonização e a decolonialidade estiveram irmanadas desde as suas origens em ações e pensamentos.

Em missivas trocadas com Flores, Sáenz revela seu ativismo político mesmo longe do cenário principal, oferecendo-lhe conselhos táticos e até requerendo trabalho. Por estar exilada em Paíta, aproximou-se dos inimigos de Flores, aliados de Rocafuerte, que acreditavam em sua oposição a Flores, e pôde realizar o trânsito de informações confidenciais acerca do movimento da oposição. Chambers (2001, p. 243) expõe que

[...] she received visits from Ecuadorian consuls and Peruvian civil and military officials alike, and she built a network of connections among both men and women. Ecuadorian consul Joaquín Monsalve wrote to Flores in 1843 of his excellent relations with Sáenz, praising her as an “influential and important woman.” She apparently recruited as fellow “spies” several other women, including the future in-laws of one of Flores’ enemies. In February 1844, she wrote that the Señoras Godoy were investigating to find out who was sending money to the rebels to buy arms¹⁴¹.

¹⁴⁰ Nossa tradução livre: Mulheres como ela foram excluídas de alguns fóruns da sociedade civil da América espanhola republicana, como a imprensa, mas foram ativas no mundo das letras e dos salões políticos. (CHAMBERS, 2001, p. 241).

¹⁴¹ Nossa tradução livre: Ela recebeu visitas de cônsules equatorianos e de oficiais civis e militares peruanos e construiu uma rede de conexões entre homens e mulheres. O cônsul equatoriano, Joaquín Monsalve, escreveu a Flores, em 1843, sobre suas excelentes relações com Sáenz, elogiando-a como uma “mulher influente e importante”. Ela, aparentemente, recrutou como companheiras “espiãs” a várias outras mulheres, incluindo as futuras sogras de um dos inimigos de Flores. Em fevereiro de 1844, ela escreveu que as Señoras Godoy estavam investigando para

Verificamos, assim, como mesmo após mais de uma década desde a morte de Bolívar, Sáenz permanece atuando politicamente, ainda que distante dos cenários de maior conflito. Em seu círculo de contatos, a presença masculina predominava, mas, como o referido excerto expõe, outras mulheres juntavam-se a ela em suas ações de ruptura e subversão aos padrões impostos pela sociedade patriarcal vigente.

Na seção intitulada “*Friendship above interest*”¹⁴², Chambers realiza uma análise de fôlego acerca do termo “amizade”, segundo os parâmetros de tempo e espaço vinculados ao período das repúblicas hispano-americanas recém-instauradas no continente (século XIX). Nessa análise, ela estabelece um comparativo entre o espaço masculino e o feminino no que tange às influências e tomadas de decisões do momento. Dessa forma, a pesquisadora aponta que,

*[...] Sáenz took pride in her ability to judge a person's character. Her warnings to Flores are one indication that for her, friendship was both a political practice and a discourse that justified the ongoing political influence of women under republicanism. [...] Positioning women as advisors to male friends limited her ability to argue for a more direct political role and bolstered personalism. [...] it was a role that was less confining than virtuous wife and mother, the only real alternative in this period*¹⁴³. (CHAMBERS, 2001, p. 244, 245).

No excerto acima, a historiadora deixa clara a insuficiência do espaço feminino de manifestação na América Hispânica, atentando para o fato de que o status de “amizade” relacionado à mulher era, contudo, “menos confinante” do que o de esposa e mãe. Ou seja, dada à exiguidade de alternativas, essa era a vertente utilizada pelas mulheres que buscavam participação política.

Depreendemos, assim, que Sáenz não buscava em suas ações uma possível igualdade comparada à voz e à representatividade masculina. Pelo contrário, ela se

descobrir quem estava enviando dinheiro aos rebeldes para comprar armas. (CHAMBERS, 2001, p. 243).

¹⁴² Nossa tradução livre: Amizade acima do interesse.

¹⁴³ Nossa tradução livre: Sáenz se orgulhava de sua capacidade de julgar o caráter de uma pessoa. Suas advertências a Flores são uma indicação de que, para ela, a amizade era tanto uma prática política quanto um discurso que justificava a contínua influência política das mulheres sob o republicanismo. [...] Posicionar mulheres como conselheiras de amigos homens limitava sua capacidade de argumentar por um papel político mais direto e reforçava o personalismo. [...] era um papel menos confinante do que o de esposa e de mãe virtuosa, única alternativa real [às mulheres] nesse período. (CHAMBERS, 2001, p. 244, 245).

infiltrou no espaço público e atuou nele como uma conselheira, alguém cuja opinião era ouvida nos bastidores, e, seguidamente, respeitada. O próprio termo “amizade” é investigado pela pesquisadora, que identifica no vocábulo diferentes conotações para o contexto. Uma delas diz respeito a certa relação de amparo, muito comum na sociedade colonial e, também, nas novas repúblicas. Como Chambers (2001) expõe: “[...] *friendship may have been used among political actors who were close in social status to suggest a relationship in which loyalty and mutual favors were assumed but without the negative connotations of clientage*¹⁴⁴.” (CHAMBERS, 2001, p. 245).

Assim, nessa articulação de sentidos, a pesquisadora aponta que, “*for women, the status of “friend” was perhaps even more ambiguous*¹⁴⁵” (CHAMBERS, 2001, p. 246), uma vez que, distante de uma posição de igualdade, o termo parecia não atender às expectativas dos interlocutores. Por outro lado, para mulheres independentes e participantes da esfera pública, as relações estabelecidas pelos vínculos da amizade representavam um grau de influência mais amplo do que as outras mulheres possuíam. A trajetória de Sáenz revela, claramente, essa fatualidade.

Sáenz, vinculada, portanto, às relações de amizade e estabelecendo sua influência na esfera pública, opta por manter, após a morte de Bolívar, principalmente, seu apoio a amigos, independentemente de partidos, uma vez que acreditava ser esse o caminho à estabilidade. De acordo com Chambers (2001, p. 249-250),

*[...] in later letters, she revealed to Flores that her support for him was based upon his own loyalty to Bolívar [...] Sáenz aimed her harshest criticism against those who played both sides of the fence. For example, in the midst of the border conflict between Ecuador and Peru, she maintained cordial relations with Peruvian General Juan Crisóstomo Torrico because in contrast to other Peruvian officials he did not insult his enemies*¹⁴⁶.

¹⁴⁴ Nossa tradução livre: [...] a amizade pode ter sido usada entre atores políticos próximos em *status* social para sugerir um relacionamento em que a lealdade e os favores mútuos eram assumidos, mas sem as conotações negativas de clientela. (CHAMBERS, 2001, p. 245).

¹⁴⁵ Nossa tradução livre: Para as mulheres, o *status* de “amiga” era, talvez, ainda mais ambíguo. (CHAMBERS, 2001, p. 246)

¹⁴⁶ Nossa tradução livre: Em cartas posteriores, ela revelou a Flores que seu apoio a ele se baseava em sua própria lealdade a Bolívar [...] Sáenz dirigia suas críticas mais duras contra aqueles que jogavam dos dois lados da situação. Por exemplo, em meio ao conflito fronteiriço entre Equador e Peru, ela manteve relações cordiais com o general peruano Juan Crisóstomo Torrico porque, ao contrário de outras autoridades peruanas, ele não insultou seus inimigos. (CHAMBERS, 2001, p. 249, 250).

Ao concluir essa seção de seu texto, Chambers (2001) deixa claro que Sáenz acreditava na influência exercida pela mulher, ainda que pelas entrelinhas, do protagonismo histórico. A personalidade histórica em questão soube, mais do que se associar aos movimentos políticos e se manter ativa, mesmo no exílio e nos moldes das escritas epistolares, praticar as relações de amizade comuns ao século XIX e, como a pesquisadora ressalta, sutilmente inverter os símbolos de gênero inseridos na ideologia republicana daquele contexto.

Essa “inversão sutil” já manifesta, à época, um marco relevante de descolonização que consiste, primeiramente, no ato de despatriarcalizar, como a pesquisadora boliviana, María Galindo, afirma já no século XXI: “*No se puede descolonizar sin despatriarcalizar*¹⁴⁷.” Sendo assim, não há caminhos possíveis para compreendermos a descolonização mental e cultural se ela ainda estiver voltada a um contexto que privilegie um viés falocêntrico.

Na última seção de sua pesquisa, a historiadora estabelece um comparativo entre Sáenz e outras mulheres com vivências afins e/ou suas contemporâneas, atentando ao signo da amizade, ou seja, relação de desinteresse partidário por outras pessoas, homens, mormente, com o objetivo de se tornar mais uma agente crítica a ser respeitada nos embates políticos em que estão inseridas. Esse é o modo pelo qual a autora estende a atuação historicamente apontada de Sáenz também a outras mulheres que efetivamente colaboraram com os movimentos de descolonização geográfica da América e com os preceitos do pensamento decolonial já nessa época em outros territórios.

Assim, a primeira a ser mencionada é Madame de Staël (1766 – 1817) e, de acordo com Sarah Chambers (2001), ambas possuem em comum uma vida nos salões, atividades políticas, relacionamentos extraconjugais e o exílio. No que tange aos movimentos do período, as duas apoiavam estruturas republicanas e eram a favor da abolição das monarquias. A segunda mulher mencionada pela pesquisadora é Leona Vicário (1789 – 1842), conhecida pela sua atuante participação na guerra de independência do México, além de defensora da opinião política das mulheres¹⁴⁸.

¹⁴⁷ Nossa tradução livre: Não se pode descolonizar sem despatriarcalizar.

¹⁴⁸ Sobre Leona Vicário, o romance *Leona, a love story*, escrito por Elizabeth Borton de Trevino, em 1994, aborda a história de Leona Vicario (1789 – 1842), uma das personalidades mais conhecidas da

Na sequência, somos apresentados a Mariquita Sánchez de Thompson (1786 – 1868), argentina, filha de espanhóis mercantes, que também tinham um papel influente no campo político. De acordo com Chambers, assim como Sáenz, Sánchez apoiou o movimento argentino de independência da Espanha e, sob o signo da amizade – que permitia às mulheres maior espaço de representação – ela apoiava líderes particulares ao mesmo tempo em que lamentava os conflitos políticos na Argentina. Nas palavras da pesquisadora “*through her social connections, she tried to serve as a mediator*¹⁴⁹.” (CHAMBERS, 2001, p. 254). A quarta mulher apresentada dentro dessa perspectiva comparativista é a chilena Carmem Arriagada (1807 – 1888), cuja participação política foi a menos ativa, de acordo com Chambers (2001). Contudo, sua presença efetiva-se na vida cultural do país, uma vez que a leitura era parte de sua rotina, as festas em salões eram, diversas vezes, realizadas por ela, além da constante assistência no estabelecimento de um jornal na cidade de Talca por meio de traduções de trabalhos europeus.

Por fim, a pesquisa de Chambers (2001), baseada em ricas fontes históricas, traz ao centro da discussão uma temática que o século XX não desenvolveu nos estudos referentes à Manuela Sáenz: sua participação política nos anos de exílio e seu desempenho engajado que, na impossibilidade da presença física nos espaços de efervescência política, manifestava-se por missivas. Tal perspectiva caminha em conjugação com uma revisão da discursividade histórica alinhada, mais especificamente, com as proposições da nova história em que a perspectiva euro falocêntrica positivista é revisitada e ressignificada. Temos aqui, portanto, uma apresentação de Sáenz nos anos após a revolução e a morte de Bolívar, em exílio, por meio de recortes de uma temporalidade exigentemente registrada.

A discussão promovida por Chambers, no início do século XXI, enriquece os modos de conduzirmos nossas perspectivas com relação à personagem em estudo, uma vez que a pesquisadora estabelece análises pertinentes sobre o papel das relações de amizade que extrapolam uma percepção simplista. Desse modo, Sáenz é perfilada como uma mulher que não era movida por questões de gênero, mas por

Guerra de Independência do México (1810 -1821) por um prisma semelhante ao que a história consagrou: uma jovem apaixonada por um advogado que utiliza sua fortuna para financiar a insurgência mexicana. Uma análise sobre o romance foi realizada por nós em 2019. Disponível em: <https://midas.unioeste.br/sgev/eventos/s2019/anais>. Acesso em: 17 abr. de 2022.

¹⁴⁹ Nossa tradução livre: [...] através de suas conexões sociais, tentou servir como mediadora. (CHAMBERS, 2001, p. 254).

personalidades influentes. Por meio da uma “República da Amizade”, como o título sugere, ela mantém, ainda que com dificuldade, sua permanência no cenário político nos anos em que esteve exilada em Paita.

Na sequência, a segunda produção acadêmica que destacamos, por sua criticidade no trato à personalidade histórica em questão, é a de Pamela S. Murray (2007). A autora é historiadora inserida, também, no espaço estadunidense, que nos fornece prismas de Sáenz com os quais é possível estabelecer, na segunda seção do presente estudo, profícuas discussões, entre as quais a de reavaliar Sáenz e Bolívar e retirar de ambos os rótulos já estabelecidos pela historiografia dos séculos XIX e XX. Esses, em linhas gerais, exaltam o espírito patriótico de Simón e o comportamento subversivo e apaixonado de Manuela.

Desse modo, Pamela S. Murray, escritora da biografia previamente analisada de Sáenz – *For Glory and Bolivar: The Remarkable Life of Manuela Sáenz* –, publica o seguinte artigo, em 2007, um ano antes do lançamento da referida obra, denominado “*Of Love and Politics: Reassessing Manuela Sáenz and Simón Bolívar, 1822-1830*”. Nesse recorte, Murray estabelece, como referência de sua análise, os oito anos em que Manuela e Simón relacionaram-se.

A historiadora inicia seu ensaio abordando o papel da mulher no espaço hispano-americano das recém-formadas repúblicas e atenta para o fato de que essa perspectiva crítica, que avalia a importância das relações de gênero, é uma temática recente no campo histórico. Segundo Murray (2007, p. 1),

[...] they [the historians] have begun exploring the impact of independence on gender relations, in part, by analyzing the patriarchal discourse of early republican leaders. This discourse includes the speeches and writings of Spanish American independence hero Simon Bolívar, aka the “Liberator” (b. 1783-d. 1830), who, like most men of his era, denied women formal political rights and consigned them largely to the private or domestic sphere – a tendency that helped ensure their sex’s post-independence subordination. Such evidence, however, tends to obscure women’s roles as historical agents¹⁵⁰.

¹⁵⁰ Nossa tradução livre: Eles [os historiadores] começaram a explorar o impacto da independência nas relações de gênero, em parte, analisando o discurso patriarcal dos primeiros líderes republicanos. Essa construção discursiva inclui os discursos e escritos do herói da independência hispano-americana, Simón Bolívar, também conhecido como o “Libertador” (n. 1783-d. 1830), que, como a maioria dos homens de sua época, negou às mulheres direitos políticos formais e as consignou, em grande parte, aos da esfera privada ou doméstica – uma tendência que ajudou a garantir a subordinação de seu sexo pós-independência. Essas evidências, no entanto, tendem a obscurecer os papéis das mulheres como agentes históricos. (MURRAY, 2007, p. 1).

Essa discussão acerca do papel da mulher como agente histórica estende-se até a atualidade e consiste em mais um reflexo colonial para o qual ainda nos falta desvencilhamento. É salutar atentarmos para o fato de que o sistema patriarcal, durante todo movimento de colonização, estendendo-se até as lutas independentistas, buscou silenciar as mais distintas manifestações femininas em nosso continente, reforçando padrões euro falocêntricos na América.

Nesse sentido, María Lugones (2008) reflete sobre questões de gênero, vinculadas à colonialidade, atentando para as violências sofridas por mulheres negras inseridas nesse espaço regido pela colonialidade do poder. Para a referida estudiosa, o “sistema moderno-colonial de gênero” permite: “[...] *hacer visible lo instrumental del sistema de género colonial/moderno en nuestro sometimiento – tanto de los hombres como de las mujeres de color – en todos los ámbitos de la existencia*¹⁵¹.” (LUGONES, 2008, p. 77). Desse modo, Lugones (2008) inicia uma profícua discussão que aborda a marginalidade do espaço relegado às mulheres, mormente às negras, e afirma que a colonialidade de gênero consiste em um processo de desumanização.

Dessa forma, somente na virada do último século é que as discussões em torno de gênero passaram a ser abordadas, permitindo que a participação feminina no contexto histórico seja, de fato, redefinida¹⁵². Ações como essas ressignificam o fato histórico e buscam corrigir silenciamentos sofridos nesses últimos cinco séculos de apropriação europeia do espaço e do pensamento americano. Assim, ao lançar um olhar crítico para o relacionamento entre Manuela Sáenz e Simón Bolívar – diferenciando-se das correntes historiográficas mais tradicionais que, também, na América do século XIX tiveram o seu viço¹⁵³ – a historiadora Pamela Murray (2007)

¹⁵¹ Nossa tradução livre: [...] tornar visível a instrumentalidade do sistema de gênero colonial/moderno para a nossa subjugação – tanto de homens como de mulheres de cor – em todas as áreas da existência. (LUGONES, 2008, p. 77).

¹⁵² No que tange às obras no âmbito da historiografia sobre a “História das Mulheres”, podemos citar algumas pesquisadoras de referências como: Mary del Priore, com sua obra *História das mulheres no Brasil* (1997); Joan Scott e todo seu estudo acerca da categoria gênero e Michelle Perrot, com *Os Excluídos da História* (1988) e *Minha história das mulheres* (2007).

¹⁵³ Podemos mencionar, novamente, o estudo publicado por Hugo Eliecer Dorado Mendez (2022), denominada *Nuestro Bolívar: da heroificação à humanização da sua figura na ficção*, que aborda o fato de que as Academias de História e de Literatura nasceram, simultaneamente, na América Latina, e que elas seguiram, sem restrições, em seus primeiros anos, as mesmas proposições dos discursos europeus da colonialidade.

observa perspectivas que foram, anteriormente, apenas tangenciadas por biógrafos e historiadores.

Evidencia-se, assim, como a imagem de Sáenz, registrada nos anais históricos e biográficos, aproxima-se, em grande medida, de uma idealização, uma espécie de lenda de representação, em que suas características elevam-se ou se subtraem não por seu *status* humano, mas pela quebra de paradigmas que, não sozinha, assumiu.

Como a referida pesquisadora aponta, “*in the minds of most contemporary Spanish Americans, she continues to be less of an historical personage than an iconic, larger-than-life figure*¹⁵⁴.” (MURRAY, 2007, p. 2). Tal fato deve-se, segundo Murray, à constante exaltação de sua imagem como uma heroína romântica que salva o seu companheiro da morte. Isso se dá na maioria das escritas sobre Sáenz quando neles se evoca, constantemente, o ataque a Bolívar na noite de 25 de setembro de 1828.

Em sua descrição sobre o relacionamento de Sáenz e Bolívar, Murray (2007) fornece-nos subsídios para que compreendamos as motivações pelas quais o casal acaba por se aproximar. Primeiramente, a pesquisadora ressalta que relacionamentos extraconjugais eram, no século XIX e no espaço hispano-americano, recorrentes e compartilhavam, até mesmo, de um status rotineiro, como aponta a pesquisadora:

*It is, thus, important to consider, first of all, that illicit and extramarital affairs were fairly common. Among upper-class Spanish Americans in the late colonial period (including the eve of independence), such affairs were encouraged both by the widespread practice of arranged marriages and by the gap or, dichotomy, between elites' public and private worlds*¹⁵⁵. (MURRAY, 2007, p. 4).

Nesse sentido, não há robusta transgressão por parte de Sáenz, uma vez que tal prática era frequente desde que permanecesse com discrição. Com relação ao

¹⁵⁴ Nossa tradução livre: Na mente da maioria dos hispano-americanos contemporâneos, ela continua a ser menos uma personagem histórica do que uma figura icônica e grandiosa. (MURRAY, 2007, p. 2).

¹⁵⁵ Nossa tradução livre: É, portanto, importante considerar, em primeiro lugar, que os casos ilícitos e extraconjugais eram bastante comuns. Entre os hispano-americanos de classe alta, no final do período colonial (incluindo as vésperas da independência), tais casos eram encorajados tanto pela prática generalizada de casamentos arranjados quanto pela lacuna ou dicotomia entre os mundos público e privado das elites. (MURRAY, 2007, p. 4).

interesse de Bolívar por Sáenz, podemos conceber que, além da atração física, ela representava para ele uma grande aliada política com informações preciosas sobre as transações peruanas.

Por outro lado, as razões dela também saltam aos olhos, pois Bolívar era a representação de seus anseios ideológicos e lutava por uma América independente do domínio espanhol sob quaisquer custos, ideais dos quais ela compartilhava plenamente¹⁵⁶. É fundamental, contudo, reiterar que os oito anos de relacionamento são de intensos conflitos políticos que resultam em longos meses de separação. Acima do sentimento amoroso estava uma busca política pela descolonização que aproximava ambos.

Dessa forma, sob o título “*Birth of an Alliance*”¹⁵⁷, a historiadora Pamela Murray (2007) volta seu foco para o papel exercido por Manuela Sáenz frente às guerras de independência. De acordo com a pesquisadora: “*Manuela Sáenz, meanwhile, learned to make herself useful to him [Bolívar]*”¹⁵⁸.” (MURRAY, 2007, p. 13). Além de já ser uma apoiadora reconhecida do movimento patriótico peruano e influente informante junto aos aliados de Bolívar, ela se torna sua arquivista pessoal, reunindo e protegendo as correspondências de teor informativo delicado. De acordo com o relato histórico, quatro anos depois de ter iniciado seu relacionamento com Bolívar – e já tendo deixado a casa que vivia com James Thorne, seu marido –, Sáenz muda-se para sua casa, próxima a Bolívar, onde passa a oferecer festas e jantares com o intento de fortalecer contatos, impressões e influências sobre os movimentos políticos. Nas palavras da pesquisadora,

[...] *she became a person to whom members of the Colombian Army learned to look for help – i.e. a kind of nurse-guardian for ill, injured, and destitute soldiers as well as intercessor for individuals seeking*

¹⁵⁶ Sobre essa perspectiva, a atuação de Simón Bolívar tem sido veemente ressignificada na historiografia e, também, na ficção. O romance *La carroza de Bolívar*, traduzido para o inglês como *Feast of the Innocents*, escrito por Evelio Rosero, em 2012, apresenta uma desconstrução da imagem do venezuelano, como podemos verificar na seguinte passagem já traduzida por nós: “Na verdade, Bolívar não se importava com os negros: a abolição da escravidão era apenas uma assinatura em um documento para ele, ele não fazia nada de concreto pelos negros; a primeira vez que mencionou a necessidade da abolição foi por causa do pedido do presidente Pétion, um haitiano negro, que o fez prometer formalmente a emancipação dos escravos em troca de dinheiro e munições. Pétion o apoiou efetivamente quando Bolívar fugiu para o Haiti para não enfrentar a responsabilidade que lhe cabia como líder.” (ROSERO, 2012, n.p.)

¹⁵⁷ Nossa tradução livre: Nascimento de uma aliança

¹⁵⁸ Nossa tradução livre: Manuela Sáenz, entretanto, aprendeu a ser útil para ele [Bolívar]. (MURRAY, 2007, p. 13).

*Bolívar's assistance, pardon, or special favor. In time, too, Sáenz emerged as an important intermediary between Bolívar and his followers. This intermediary role depended not just on Bolívar's trust and confidence in her, but on the trust, respect, and even affection she won from many of the men around him*¹⁵⁹. (MURRAY, 2007, p. 14).

A proposição de Murray (2007), ao utilizar os termos que aqui já traduzimos, como: “confiança”, “respeito” e “afeto”, associam-se às investigações de Chambers (2001), ao pesquisar as relações de amizade estabelecidas pela quitenha. Desse modo, ambas as discussões apontam, claramente, para uma redefinição do papel de Sáenz, a partir de um olhar do século XXI, que ressignifica sua presença e importância no desenrolar dos eventos históricos.

Assim, os anos que seguem apontam para grandes crises nas empreitadas de Bolívar, marcando, por conseguinte, tempos de conflito político, traições e desafios para se manter no poder. Tal oposição acontece, entre outras razões, pela imposição de uma nova constituição marcada, principalmente, por seu caráter autoritário, culminando no levante de uma conspiração antibolivariana em janeiro de 1827. Com relação a essa etapa do processo de independência do território latino-americano da Espanha, vivenciado pelas personalidades históricas aqui evidenciadas – Sáenz e Bolívar, a historiadora aponta que,

*[...] led by a rebel, Colombian-born officer, Captain José Bustamante, and several of Bustamante's Peruvian colleagues, the troops forced the 18 or-so- prisoners to board a ship bound for the Colombian port of Buenaventura. Their actions, in addition, gave Bolívar's Peruvian rivals, e.g. civilian leaders such as Manuel de Vidaurre, a chance to seize the reins of power in Lima*¹⁶⁰. (MURRAY, 2007, p. 16).

¹⁵⁹ Nossa tradução livre: Ela se tornou uma pessoa a quem os membros do Exército colombiano procuravam para lhes ajudar – ou seja, uma espécie de enfermeira-guardiã de soldados doentes, feridos e destituídos, bem como intercessora de pessoas que buscam assistência, perdão ou algum favor especial de Bolívar. Com o tempo, Sáenz surgiu, também, como uma importante intermediária entre Bolívar e seus seguidores. Esse papel de intermediária dependia não apenas da confiança de Bolívar nela, mas da confiança, do respeito e, até mesmo, do carinho que ela conquistou de muitos dos homens ao seu redor. (MURRAY, 2007, p. 14).

¹⁶⁰ Nossa tradução livre: Liderados por um oficial rebelde, nascido na Colômbia – o capitão José Bustamante – e vários colegas peruanos dele [Bustamante], as tropas forçaram os cerca de 18 prisioneiros a embarcar em um navio com destino ao porto colombiano de Buenaventura. Suas ações, além disso, deram aos rivais peruanos de Bolívar, por ex. líderes civis como Manuel de Vidaurre, uma chance de tomar as rédeas do poder em Lima. (MURRAY, 2007, p. 16).

Nesse período, portanto, ela permanece em sua residência, em La Magdalena, a fim de se manter atenta a possíveis levantes entre os aliados de Bolívar. Sobre suas ações, a pesquisadora expõe que,

[...] the food shortages and inadequate wages that recently had plagued the Division's ordinary soldiers, making them vulnerable to talk of conspiracy. More important, in early February, she launched a campaign to stem the uprising. She donned her colonel's-style army uniform and appeared in person before several battalions, exhorting these to stay true to Bolívar. She began distributing cash to various sergeants and corporals in an effort to persuade these to actively resist the uprising's leaders. She had some success as, in addition to her female servants and a local priest friend, a few junior officers began rallying behind her¹⁶¹. (MURRAY, 2007, p. 16).

As aludidas atitudes chamaram a atenção das autoridades peruanas, que, imediatamente, escoltaram Sáenz para Lima, em fevereiro de 1827, a qual foi deportada para o Equador, em abril. A partir de então, Sáenz e Bolívar aproximam-se. Ela passa a morar na residência privada do general e a participar, mais ativamente, das tomadas de decisões. É nesse período, entre meados de 1827 e 1828, que a rivalidade entre Santander e Bolívar agrava-se.

Na sequência, episódios biográficos como o ataque à efígie de Santander e as tentativas de assassinato a Bolívar expandiram a popularidade e o espaço político de Sáenz e a sua vinculação à causa patriótica. Nas palavras de Murray (2007, p. 21),

[...] more important, Sáenz won new political space. Thanks to her role in the notorious September 25 incident, she not only confirmed her status as one of the most devoted of Bolívar's followers, but, consolidated an image as his special champion and savior¹⁶².

¹⁶¹ Nossa tradução livre: [...] a escassez de alimentos e salários inadequados, que recentemente atormentaram os soldados comuns da Divisão, tornando-os vulneráveis a falar em conspiração. Mais importante, no início de fevereiro, ela lançou uma campanha para conter o levante. Ela vestiu seu uniforme militar ao estilo de coronel e apareceu, pessoalmente, perante vários batalhões, exortando-os a permanecerem fiéis a Bolívar. Ela começou a distribuir dinheiro para vários sargentos e cabos em um esforço para os persuadir a resistir, ativamente, aos líderes do levante. Ela teve algum sucesso porque, além de suas servas e um amigo padre local, alguns oficiais subalternos começaram a se unir a ela. (MURRAY, 2007, p. 16).

¹⁶² Nossa tradução livre: Mais importante, Sáenz conquistou um novo espaço político. Graças ao seu papel no notório incidente de 25 de setembro, ela não apenas confirmou sua condição de uma das mais devotadas seguidoras de Bolívar, mas consolidou uma imagem como sua campeã e salvadora especial. (MURRAY, 2007, p. 21).

Desse modo, os dois últimos anos de vida de Bolívar (1828-1830) foram marcados pelo enfraquecimento de sua saúde e por conflitos políticos. Em 1830, Bolívar é derrotado pelos “Liberais” nas eleições e deixa a cidade, em maio. Nos meses seguintes, Sáenz torna-se a porta-voz de Bolívar e seu governo, fortalecendo sua figura política em um cenário contrário às suas idealizações. Sobre a sua presença nesse período, a referida pesquisadora aponta-nos que,

[...] indeed, despite her lover’s advice to be “careful,” Sáenz began to spar openly with local critics – including supporters of the newly – empowered Liberals who had begun to criticize her and Bolívar’s other known friends in public¹⁶³. (MURRAY, 2007, p. 21).

Temos, assim, que a equatoriana dá continuidade aos projetos idealizados por Bolívar, mesmo frente a uma forte oposição política e já distante do general, que somado ao enfraquecimento político, também contava com uma saúde vacilante. Sobre a forma como reagia aos atos de ataque à política que defendia, verificamos que

[...] on June 9, for example, she clashed with members of the local civil militia. [...] As witnesses later recalled, she rode out to the plaza in her army uniform, accompanied by one or two of her similarly dressed black female servants and two armed bodyguards. She approached the fireworks castle and, brandishing a pistol, tried to destroy the drawings. The militia guards thwarted her attempt and a scuffle ensued; the scuffle ended only after the guards received reinforcements and the militia commander ordered the arrest of Sáenz’s guards and servants. Sáenz herself finally went home. Although still angry, she was satisfied that she had done her duty¹⁶⁴. (MURRAY, 2007, p. 21, 22).

¹⁶³ Nossa tradução livre: [...] na verdade, apesar do conselho de seu amante para ser “cuidadosa”, Sáenz começou a discutir, abertamente, com os críticos locais – incluindo partidários dos recém-fortalecidos Liberais –, que começaram a criticá-la e a outros amigos conhecidos de Bolívar em público. (MURRAY, 2007, p. 21).

¹⁶⁴ Nossa tradução livre: Em 9 de junho, por exemplo, ela entrou em confronto com membros da milícia civil local. [...] Como testemunhas mais tarde lembraram, ela cavalgou até a praça, em seu uniforme do exército, acompanhada por uma ou duas de suas criadas negras, vestidas de maneira semelhante, e dois guarda-costas armados. Ela se aproximou do castelo de fogos de artifício e, brandindo uma pistola, tentou destruir os desenhos. Os guardas da milícia frustraram sua tentativa e uma briga se seguiu; a briga só terminou depois que os guardas receberam reforços e o comandante da milícia ordenou a prisão dos guardas e servos de Sáenz. A própria Sáenz, finalmente, voltou para casa. Embora ainda zangada, ela estava satisfeita por ter cumprido seu dever. (MURRAY, 2007, p. 21- 22).

Além dessas atuações públicas e de manifestação direta de apoio a Bolívar, Sáenz insere-se na mídia e amplia a divulgação da causa bolivariana com o intento de organizar as relações locais para que Bolívar retome o poder. Outras ações de Sáenz, expressas por Murray (2007), consistem na distribuição de amostras dos escritos bolivarianos, como poemas e discursos que reanimem o senso de lealdade ao 'Libertador'.

A permanência dos Liberais no poder chega ao fim com a derrota na Batalha de Santuário, em 27 de agosto de 1830. Esse é o momento que há a instituição de uma nova administração de governo – por meio do presidente provisório Rafael Urdaneta – que convida Bolívar a retornar do exílio. Contudo, o retorno não foi possível devido ao agravado estado de saúde de Bolívar, que morre em 17 de dezembro de 1830, em Santa Marta, na Colômbia.

Assim, a partir da perspectiva da historiadora Pamela Murray (2007) – no propósito de reavaliar a união de Sáenz e Bolívar em dois vieses, amor e política –, somos rerepresentados à figura de Sáenz e à sua participação política que, além de estar voltada aos interesses partidários de Bolívar, estabelece um caminho para que o exercício da cidadania seja, também, uma ação feminina. Esse prisma ressignifica o discurso histórico tradicional, que perpetrou os registros primeiros, do século XIX e XX, sobre os agentes das independências na América Latina.

Nesse sentido, é por meio de uma voz que tem sido recorrentemente abordada por historiadores e literatos, que acessamos um período a fim de elucidar camadas ideológicas possíveis e analisar, com teorias mais assertivas, o papel de cada um na historicidade. Assim, como Chambers (2001), Murray (2007) ofereceram-nos uma perspectiva que humaniza Sáenz, tornando-a uma mulher de seu tempo, com privilégios, e, sem dúvida, limitações, tornando-a mais uma agente frente a um projeto de descolonização ainda incipiente.

A terceira produção aqui analisada é a de Jenny Londoño López, socióloga equatoriana que, em seu artigo intitulado "Manuela Sáenz: *Mi patria es el continente de la América*", publicado em 2008, apresenta-nos uma versão de Sáenz que dialoga, proficuamente, com outras versões suprarreferidas nesta subseção. López (2008) associa-se à vertente que a perfila por seu caráter livre, afastando-a de uma possível submissão a Bolívar. Logo, ao iniciar seu estudo, a autora aponta que

[...] *Manuela Sáenz, quiteña de nacimiento, es sin duda una de las más importantes e interesantes mujeres de la época independentista. Fue excluida de la historia del siglo XIX y a lo largo del XX la mayoría de los historiadores resaltaron, fundamentalmente, su belleza, su inteligencia y su generosidad en el amor*¹⁶⁵. (LÓPEZ, 2008, p. 67).

Nesse sentido, a discussão de López (2008) centra-se na evocação do passado de Sáenz por meio de outras perspectivas que se contrapõem à historiografia tradicional positivista. Em outras palavras, objetiva-se, nesse momento, expor o pensamento político, a atitude revolucionária e a sua participação ativa nas lutas independentistas hispano-americanas.

É importante reiterar a relevância que as biografias discutidas na seção anterior tiveram para essa transformação no que diz respeito ao papel social de Manuela Sáenz ao contexto bolivariano. Alfonso Rumazo González (1944), com a obra *Manuela Sáenz La Libertadora del Libertador* e Victor W. Von Hagen (1952), com *The Four Seasons of Manuela*, apresentaram aos leitores de língua espanhola e inglesa uma personalidade multifacetada e, acima de tudo, independente, contribuindo para a versão de uma Manuela Sáenz “sobre-humana”, heroica e forte, que consiste nos primeiros avanços frente a uma atitude descolonizadora.

Ainda que Sáenz não tenha lutado por uma participação política feminina e nem assumido discussões acerca da mulher no espaço público, López (2008) afirma que, por seu comportamento subversivo, a personalidade quiteña foi, também, um modelo de representação feminista no século XIX, uma vez que, como apontamos anteriormente, em Mignolo (2017), ela quebra com os paradigmas inseridos no território americano, estabelecidos a partir de uma matriz colonial do poder, que impunha relações patriarcais e hierárquicas entre homens e mulheres. No que tange à Sáenz, podemos abrir alguns parênteses de modo a retomar outras discussões sobre o espaço que ocupava.

Primeiramente, temos que sua vida foi traçada a partir de privilégios sociais e econômicos e de que a participação social era comum entre mulheres de perfil semelhante ao seu. Ela é fruto de seu tempo e das condições a que estava inserida. A quebra paradigmática que houve no século XIX nas, até então, colônias da Espanha, diz respeito a toda a sociedade, mas, principalmente, à elite *criolla*. Nesse

¹⁶⁵ Nossa tradução livre: Manuela Sáenz, natural de Quito, é, sem dúvida, uma das mulheres mais importantes e interessantes da época da independência. Ela foi excluída da história do século XIX e, ao longo do século XX, a maioria dos historiadores destacou, fundamentalmente, sua beleza, sua inteligência e sua generosidade no amor. (LÓPEZ, 2008, p. 67).

sentido, quando a autora refere-se à Sáenz como “*la combatiente que rompió con las estrictas normas vigentes en la época*”¹⁶⁶ [...]” (LÓPEZ, 2008, p. 68) e, ainda, em “*también es importante su inédita condición de mujer autónoma, profundamente dueña de sus actos*”¹⁶⁷ (LÓPEZ, 2008, p. 68), é salutar que modalizemos tais afirmativas, a fim de compreender que a presença feminina nas reuniões sociais já era comum, que os relacionamentos extraconjugais eram parte velada, mas corriqueira, do sistema social e que o espaço feminino para a elite, ainda que muito distinto do masculino, com poderes e papéis absolutamente diferenciados, era esse que Sáenz ocupava: o de estar presente em reuniões políticas e conspiratórias, nos conflitos e na manutenção do espaço público nacionalista.

Com relação aos dados biográficos de Sáenz, assim como Heather Hennes (2005) – na subseção 1.1 – aponta para uma data de nascimento diferente da divulgada por historiadores, que era a de 1797. López (2008), corroborando essa mesma perspectiva, chama-nos a atenção para o fato de que Joaquina Aizpuru, mãe de Manuela, faleceu em 25 de janeiro de 1795, impossibilitando, portanto, seu nascimento no ano posterior¹⁶⁸.

A escrita de Jenny López (2008), desse modo, apresenta-nos alguns esclarecimentos sobre situações apontadas pela historiografia que não são comprovadas na contemporaneidade – como a aludida data de seu nascimento –, sendo fruto imaginativo, portanto, de biógrafos e historiadores. Do mesmo modo, seu relacionamento com um militar do exército realista denominado Fausto Delhuyar não encontra nenhum respaldo histórico, como verificamos no fragmento a seguir:

De acuerdo con los informes de Boussingault, Manuela habría sido raptada por un tal Fausto Delhuyar, mito que fue desmontado por Bernardo J. Caicedo, presidente de la Academia Colombiana de Historia, en artículo publicado el 31 de mayo de 1964 en el diario El Tiempo de Bogotá, en el que demuestra que Fausto Delhuyar, hijo del médico José Delhuyar, vivió en México y jamás estuvo en la Audiencia de Quito. La otra prueba irrefutable de la falsedad de este hecho es que no aparece ninguna demanda legal por el rapto realizado, delito que, al ser perpetrado en una hija de familia criolla de noble cuna, no podría pasar desapercibido en dicha época y que

¹⁶⁶ Nossa tradução livre: [...] a combatente que rompeu com as rígidas normas vigentes na época. (LÓPEZ, 2008, p. 68).

¹⁶⁷ Nossa tradução livre: Também importante é seu *status*, sem precedentes, como uma mulher autônoma, profundamente no controle de suas ações. (LÓPEZ, 2008, p. 68).

¹⁶⁸ Segundo López (2008), essa informação consta no “Libro de Defunciones n.6. folio 15, de la parroquia El Sagrario” [Livro de Registro de Óbitos n. 6., p. 15, da Paróquia do Sagrário], em Quito.

*muy seguramente hubiera obligado al raptor a casarse con la joven Manuela para tapar la deshonra familiar*¹⁶⁹. (LÓPEZ, 2008, p. 70).

Na sequência, López (2008) destaca a atuação militante de Sáenz, refutando as associações realizadas de que seu interesse pela causa libertária só existia a partir de seu envolvimento com Bolívar. A socióloga expõe o profícuo engajamento da quitenha nas conspirações políticas independentistas desde os anos em Lima, casada com James Thorne, e amiga de Rosita Campuzano, quando grupos de mulheres reuniam-se para espionar oficiais realistas e divulgar os ideais independentistas.

López (2008), ao dar continuidade a sua crítica contribuição, destaca, também, outras mulheres atuantes nos movimentos de independência das colônias espanholas que eram contemporâneas de Sáenz, como: as marquesas de Torre Tagle, Casa Boza, Castellón e Casa Muñoz. Todas condecoradas por José de San Martín com o título de “Caballeras del Sol”. Como personalidades que influenciaram Sáenz, a pesquisadora cita as participantes do primeiro movimento independentista em Quito, de quando ela ainda era criança, como verificamos neste trecho:

De alguna manera Manuelita había recibido la influencia de muchas mujeres que la precedieron en el pensamiento libertario en la Audiencia de Quito, donde se había producido ya un sangriento y memorable primer grito de Independencia (1809-1810) en el que participaron mujeres y sobre las cuales también la historiografía nacional tendió un velo de olvido: mujeres como Manuela Espejo (hermana del precursor Eugenio Espejo), Manuela Cañizares (en cuya casa se realizaron las reuniones de los conspiradores), Josefa Tinajero, Mariana Matheu de Ascásubi (la más importante escritora de la época), María Ontaneda y Larrayn, Antonia Salinas, Josefa Escarcha, Rosa Zárate (heroína y mártir), María de la Vega, Rosa Montúfar y Larrea y mujeres del pueblo como María de la Cruz Vieyra, las conocidas como la Costalona y la Monja y muchísimas

¹⁶⁹ Nossa tradução livre: Segundo relatos de Boussingault, Manuela teria sido sequestrada por um certo Fausto Delhuyar, mito desmontado por Bernardo J. Caicedo, presidente da Academia Colombiana de História, em artigo publicado, em 31 de maio de 1964, no jornal *El Tiempo de Bogotá*, no qual mostra que Fausto Delhuyar, filho do médico José Delhuyar, morou no México e nunca esteve na Corte de Quito. A outra prova irrefutável da falsidade desse fato é que não há reclamação judicial para o sequestro realizado, crime que, por ter sido perpetrado em uma filha de família crioula de nobre nascimento, não poderia passar despercebido à época e o que, certamente, teria forçado o sequestrador a se casar com a jovem Manuela para encobrir a desonra familiar. (LÓPEZ, 2008, p. 70).

*más que serán innombrables por su injusto anonimato*¹⁷⁰. (LÓPEZ, 2008, p. 71).

Dessa forma, compreendemos, com maior clareza, o fato de Manuela Sáenz não ser uma personalidade de atuação solitária na América. Ela é, assim como outras mulheres, um sujeito crítico e insatisfeito que faz uso de seus privilégios para estar presente em um espaço preenchido, majoritariamente, por homens. Assim, movida pelo exemplo de outras, que também combatiam o estado de dependência à Espanha, Sáenz encontra seu espaço de atuação.

Há, ainda, na escrita de López (2008) uma revisitação à história de Manuela Sáenz e Simón Bolívar, atentando para o fato de que, durante os oito anos de relacionamento, a participação política de Sáenz chega ao seu ápice. Vejamos, no fragmento abaixo, como a pesquisadora expressa isso:

*Su relación amorosa con Bolívar está llena de dificultades y, sobre todo, de ausencias. La mayor parte del tiempo permanecen separados a causa de los múltiples viajes del Libertador. Ella va ganando, gradualmente, títulos militares como el de húsar, capitán de húsar y teniente de húsar por su permanente dedicación y trabajo al servicio de la causa de la Independencia*¹⁷¹. (LÓPEZ, 2008, p. 72).

Na sequência, a socióloga expõe algumas cartas trocadas entre o casal em que Sáenz demonstra seu pensamento político e interesse em participar de combates. Nas palavras de López (2008), a personalidade quitenha “[...] *estampaba sus convicciones de manera directa y cruda. Era una librepensadora que detestaba*

¹⁷⁰ Nossa tradução livre: De alguma forma, Manuelita havia recebido a influência de muitas mulheres que a precederam no pensamento libertário na “Audiência de Quito”, onde já havia ocorrido um primeiro grito sangrento e memorável da Independência (1809-1810) do qual participaram mulheres e sobre as quais a historiografia nacional estendeu, também, um véu de esquecimento: mulheres como Manuela Espejo (irmã do predecessor Eugenio Espejo), Manuela Cañizares (em cuja casa se realizavam as reuniões dos conspiradores), Josefa Tinajero, Mariana Matheu de Ascásubi (a mais importante escritora desse tempo), María Ontaneda y Larrayn, Antonia Salinas, Josefa Escarcha, Rosa Zárate (heroína e mártir), María de la Vega, Rosa Montúfar y Larrea e mulheres da cidade como María de la Cruz Vieyra, conhecida como La Costalona e La Monja e muitas mais que serão inomináveis devido ao seu injusto anonimato. (LÓPEZ, 2008, p. 71).

¹⁷¹ Nossa tradução livre: Sua relação amorosa com Bolívar é cheia de dificuldades e, sobretudo, ausências. Na maioria das vezes, eles permanecem separados por causa das múltiplas viagens do Libertador. Aos poucos, ela vai ganhando títulos militares como hussardo, capitã de hussardos e tenente de hussardos, por sua permanente dedicação e trabalho a serviço da causa da Independência. (LÓPEZ, 2008, p. 72).

*el fanatismo religioso, una mujer franca, abierta y cabal [...]*¹⁷².” (LÓPEZ, 2008, p. 75).

Destacamos, ainda, na publicação de López (2008), uma severa crítica ao escritor Denzil Romero em seu romance histórico *La esposa del Doctor Thorne*, escrita em 1988, e publicada na Espanha. Para a socióloga, Romero descreve a quitenha de modo libertino, depreciando a relação estabelecida com suas escravas. Para López (2008, p. 82),

*¿Cómo explicaría este supremo desprendimiento Denzil Romero, aquel venezolano que usó el extraordinario personaje de Manuela para escribir una novela escatológica (1989) que lo llevaría a salir del anonimato y de la pobreza? ¿Cómo explicaría aquella dolorosa, pero digna soledad, que la otrora reina de la Magdalena asumió por el resto de su vida, a la muerte de su amado?*¹⁷³

Diante de robusta repreensão à publicação de Romero, López (2008) relata um movimento realizado por mulheres, em 1989, que buscava visitar os caminhos perpassados por Sáenz no século anterior. Segundo esse relato,

*[...] un grupo de cuarenta mujeres ecuatorianas organizamos en Piura un Encuentro Internacional de mujeres ecuatorianas, peruanas, colombianas, venezolanas y cubanas. Nela Martínez, vieja luchadora y presidenta del Frente Continental de Mujeres contra la Intervención, capítulo Ecuador, encabezó esta excursión histórica y amorosa que nos llevó en una caravana por tierra hasta Perú. Este homenaje se realizó los días 22 y 23 de septiembre de 1989*¹⁷⁴. (LÓPEZ, 2008, p. 82).

Com relatos dessa excursão, a socióloga encerra seu artigo, corroborando a perspectiva de que a representação de Sáenz deve ser perfilada a partir de um viés

¹⁷² Nossa tradução livre: Ela carimbou suas convicções de forma direta e crua. Ela era uma livre pensadora que detestava o fanatismo religioso, uma mulher franca, aberta e honesta. (LÓPEZ, 2008, p. 75).

¹⁷³ Nossa tradução livre: Como Denzil Romero, o venezuelano que utilizou o caráter extraordinário de Manuela para escrever um romance escatológico (1989) que o tiraria do anonimato e da pobreza, explicaria esse distanciamento supremo? Como você [Denzil Romero] explicaria aquela solidão dolorosa, mas digna, que a ex-rainha de Magdalena assumiu para o resto da vida, após a morte de seu amante? (LÓPEZ, 2008, p. 82).

¹⁷⁴ Nossa tradução livre: Um grupo de quarenta mulheres equatorianas organizou, em Piura, um “Encontro Internacional de mulheres equatorianas, peruanas, colombianas, venezuelanas e cubanas”. Nela, Martínez, uma velha lutadora e presidente da Frente Continental de Mulheres Contra a Intervenção, capítulo Equador, conduziu esta excursão histórica e amorosa que nos levou em uma caravana terrestre ao Peru. Esta homenagem foi realizada nos dias 22 e 23 de setembro de 1989. (LÓPEZ, 2008, p. 82).

crítico e que compreenda “*su pensamiento americanista*”¹⁷⁵ (LÓPEZ, 2008, p. 83). A aludida definição possui consonância com os estudos decoloniais vigentes na América atualmente, pois, ao se referir à personalidade histórica como “americanista”, ela se liberta de imposições coloniais e se manifesta de acordo com o seu horizonte de necessidades e relacionamentos, sem dependência a qualquer imposição hierárquica. Desse modo, para a pesquisadora, Sáenz foi uma internacionalista, justificando o título de sua pesquisa “*Manuela Sáenz: mi pátria és el continente de la América*”.

Diante do exposto, depreendemos que a escrita de López (2008) apresenta um engajamento social que busca reatribuir sentidos à Sáenz, distanciando-a de todas as percepções de amante e de inferioridade. Somos conduzidos por uma perspectiva revisionista que intenta corrigir as ‘verdades’ perpetuadas pela história que não possuem nenhum respaldo comprobatório.

A quarta análise aqui apresentada diz respeito à produção de María José Vilalta (2012), no artigo intitulado “*Historia de las mujeres y memoria histórica: Manuela Sáenz interpela a Simón Bolívar (1822-1830)*”. Em linhas gerais, temos nesse texto uma discussão que se centra na mulher frente ao contexto das revoluções e independências latino-americanas. Dessa forma, antes de adentrar propriamente na personalidade histórica, a pesquisadora aponta para a veiculação de estudos sobre a mulher no século XX.

De acordo com Vilalta (2012), houve, nos anos de 1960, um movimento relacionado ao ativismo feminista – composto por escritoras – que se centrava em atividades específicas como a distribuição de panfletos feministas, realizações de aproximações teóricas e compilações de trabalhos de diversas autoras. Os anos 1970 correspondem à eclosão da perspectiva da vida privada e pública das mulheres, principalmente nos Estados Unidos. Dessa forma, mulheres formadas em universidades do norte saem dos EUA e passam a divulgar estudos da história das mulheres na América Latina.

Nesse ínterim, duas linhas de trabalho perfilam-se. A primeira linha recuperava as vidas de protagonistas femininas na história, reforçando as proposições tradicionais da história do século XIX, alinhada às ideias rankeanas de rigor histórico metodológico. Asunción Lavrin (1978) denomina esse momento como

¹⁷⁵ Nossa tradução livre: [...] seu pensamento americanista. (LÓPEZ, 2008, p. 83).

“*great women syndrome*”¹⁷⁶, uma vez que os estudos retratavam mulheres em situações incomuns, extraordinárias. A segunda linha, por outro lado, e já mais a frente, durante as décadas de 1980 e 1990, abordou pautas da vida cotidiana das mulheres. De acordo com a pesquisadora, somente nesse período é que os assuntos da privacidade feminina – acesso ao matrimônio, cuidado com os filhos, trabalho e educação – ingressam, timidamente, na história da América Latina. Ainda nesse período, Vilalta (2012, p. 62) aponta que,

[...] *a partir de los años 80, a simple vista, se impusieron dois enfoques primordiales. Por una parte, proliferaron estudios, ya publicados como libro, ya como artículo, sobre los más diversos aspectos de la vida femenina de forma completamente atomizada [...]. Por otra parte, siguió (y sigue) por completo vigente e incumplido el reto de incorporar plenamente el legado femenino a la descripción e interpretación de la trayectoria histórica compartida y común, tanto en obras de historia general, como en monografías especializadas en historia económica, social, cultural y, por supuesto, política*¹⁷⁷.

No que tange às independências e à participação das mulheres nesses processos históricos, a referida pesquisadora aponta que “*no sería humano pensar que sólo los hombres fueron agentes de los diferentes estadios de la ruptura política con la metrópoli*”¹⁷⁸. (VILALTA, 2012, p. 63). Nesse sentido, é necessário atentarmos ao registro histórico e à intencionalidade de sua escrita, uma vez que os silenciamentos não são naturais, mas escolhas deliberadas.

Na sequência, a pesquisadora demonstra que as comemorações dos bicentenários das independências hispano-americanas permitem que o acontecimento histórico seja revisitado e, por sua vez, ressignificado. Um exemplo que Vilalta (2012) oferece diz respeito à declaração de independência da cidade de Quito, em 10 de agosto de 1809, em que nenhuma mulher assinou o documento oficial. Contudo, anos mais tarde, ao acessarem tais documentos, todos os

¹⁷⁶ Nossa tradução livre: Síndrome das grandes mulheres.

¹⁷⁷ Nossa tradução livre: A partir da década de 1980, à primeira vista, duas abordagens principais prevaleceram. Por um lado, proliferaram os estudos, sejam eles publicados em livro ou em forma de artigos, sobre os mais diversos aspectos da vida feminina de forma totalmente atomizada [...]. Por outro lado seguiu, e ainda segue, o vigente, e ainda incompleto, desafio de incorporar, plenamente, o legado feminino na descrição e interpretação da trajetória histórica compartilhada e comum, tanto em obras de história geral, quanto em monografias especializadas em história econômica, cultural e, é claro, política. (VILALTA, 2012, p. 62).

¹⁷⁸ Nossa tradução livre: Não seria humano pensar que apenas os homens foram agentes das diferentes etapas do rompimento político com a metrópole. (VILALTA, 2012, p. 63).

envolvidos concordaram com a inserção do nome de Manuela Cañizares, participante e ativista do movimento independentista. Esse exemplo chama a atenção para o “*desequilibrio entre existencia real y huellas documentales conservadas*”¹⁷⁹ (VILALTA, 2012, p. 63) no que diz respeito à presença feminina no período colonial. Ao prosseguir com o desenvolvimento de seu estudo, a pesquisadora oferece-nos um panorama geral das atividades realizadas, majoritariamente, por mulheres à época independentista no espaço hispano-americano. Como podemos verificar, elas

*[...] desempeñaron actividades en todos los espacios tradicionales: casas, haciendas, mercados, plazas, iglesias, escuelas y hospitales. Asimismo, cumplieron tareas políticas muy diversas que tomaron forma de apoyo económico a la insurgencia, de organización de debates políticos en sus salones, de intercambiar opiniones a través de una prolífica correspondencia privada (Chambers 2005, 77-106), de distribuir propaganda clandestina, de asumir el papel de consejeras o mediadoras o, de forma más radical, de practicar acciones de espionaje, levantamientos y hasta revueltas populares, ligadas o no a la subsistencia familiar. Actuaron también en las guerras de Independencia, en la doble vertiente de ‘female soldier’ – las únicas que desde la asunción de un rol masculino han dejado huella de unas acciones que escasamente recibieron recompensa o remuneración – o de ‘camp follower’, asistentes en campaña, ignotas y acometiendo tareas consideradas tradicionalmente femeninas (Cherpak 1978, 219-234)*¹⁸⁰. (VILALTA, 2012, p. 64).

É instigante notar que a presença feminina, à época, era facilmente perceptível, pois as mulheres participavam, ativamente, das movimentações do período e, rotineiramente, transitavam por essas esferas. Entretanto, o registro histórico, como, por exemplo, o Estatuto do Cidadão¹⁸¹, não as integrou, ou seja,

¹⁷⁹ Nossa tradução livre: [...] *desequilibrio entre a existência real e os vestígios documentais conservados*. (VILALTA, 2012, p. 63)

¹⁸⁰ Nossa tradução livre: Realizaram atividades em todos os espaços tradicionais: casas, fazendas, mercados, praças, igrejas, escolas e hospitais. Elas realizaram, também, tarefas políticas muito diversas que tomaram a forma de apoio financeiro à insurgência, organizando debates políticos em seus salões, trocando opiniões por meio de correspondência privada prolífica (Chambers 2005, 77-106), distribuindo propaganda clandestina, para assumir o papel de conselheiras ou mediadoras ou, mais radicalmente, para a realização de espionagem, levantes e, até mesmo, revoltas populares, ligadas ou não à subsistência familiar. Atuaram, também, nas guerras da Independência, no duplo aspecto de 'soldado feminino' – as únicas que desde a suposição do papel masculino deixaram marcas de ações que receberam pouca recompensa ou remuneração – ou de 'seguidor de acampamento', assistentes de campanha, desconhecidas, e realizando tarefas, tradicionalmente, consideradas femininas (CHERPAK 1978, 219-234). (VILALTA, 2012, p. 64).

¹⁸¹ Como aponta Valdivieso (2007, p. 214), em nossa tradução livre: As mulheres não eram consideradas cidadãs na nova ordem política que nasceu com a Independência e se continuava a

não sofreu nenhuma modificação, deixando-as relegadas a espaços ex-cêntricos perante o relato histórico.

A pesquisadora ressalta, ainda, que passadas as efervescências dos combates, as mulheres, em sua maioria, voltam para o âmbito doméstico. Contudo, a ruptura efetivada abre espaço para que ativismos diversos consolidem-se “*en sus muy variados empeños por actuar e influir en la esfera pública de la nueva América*¹⁸² [...]” (VILALTA, 2012, p. 64).

Diante dessa ativa participação feminina, surge um nome cuja permanência pública não será transitória: Manuela Sáenz de Aizpuro, para quem Vilalta (2012) chama a atenção ao fato de que, de forma superficial, o seu reconhecimento público dá-se em razão de seu relacionamento de oito anos com Simón Bolívar. Todavia, a autora salienta que, apesar de amantes e esposas, as mulheres não possuíam protagonismo próprio e, assim, eram prontamente esquecidas pelo registro histórico, diferentemente do que aconteceu com Sáenz, como vemos no seguinte excerto:

*Una tan sencilla constatación ya pone a Manuela directamente en otra órbita que es la que ha garantizado que ocupe un lugar propio en la historia del antiguo virreinato de Nueva Granada y ha conllevado la ingente, la descomunal, producción escrita historiográfica y literaria y, más tarde, audiovisual sobre su vida e sus relevantes acciones – siempre cargadas de polémicas de muy diversa índole – que se fue acumulando ya en tiempo coetáneo a su existencia y, por supuesto, después de su muerte*¹⁸³. (VILALTA, 2012, p. 64, 65).

Assim, a figura empírica de Manuela Sáenz torna-se objeto de investigações, ensaios, biografias, romances, poemas, filmes, obras teatrais e, até mesmo, de uma ópera¹⁸⁴, que versam sobre o passado histórico em constante revisitação nos

sustentar, com base nos valores consagrados pelos costumes, que a política era assunto dos homens. O mesmo aconteceu em outras experiências, quando a guerra acabou, as condições das mulheres, em relação ao exercício do poder na sociedade, não mudaram significativamente [...].

¹⁸² Nossa tradução livre: [...] em seus esforços muito variados para agir e influenciar a esfera pública da nova América. (VILALTA, 2012, p. 64).

¹⁸³ Nossa tradução livre: Uma observação tão simples já coloca Manuela, diretamente, em outra órbita, que é aquela que lhe garantiu um lugar próprio na história do antigo vice-reinado de Nova Granada e conduziu à enorme produção historiográfica e literária escrita e, posteriormente, audiovisual sobre sua vida e suas relevantes ações – sempre carregadas de polémicas de natureza diversa – que se acumularam no tempo já contemporâneas de sua existência e, claro, após sua morte. (VILALTA, 2012, p. 64, 65).

¹⁸⁴ Entre essas produções, podemos citar: “Patriota y amante de usted: la agonía de Manuela Sáenz”, monólogo em um ato, de autoria de Gilda Salinas (1996); “Manuela y Bolívar: amor y muerte de los

séculos posteriores a sua morte. À Sáenz cabe o reconhecimento de heroína da independência, além de precursora do feminismo latino-americano. Sobre a constante revisitação à sua vivência, Vilalta (2012) sublinha a seguinte homenagem à personalidade quitenha:

Este proceso de reinvencción permanente de su figura cuajó en una ceremonia nacional de homenaje – que tuvo presencia en todos los medios de comunicación internacionales –, organizada entre los países en los que transcurrió su vida errante y marginada (Ecuador, Bolivia, Perú y Venezuela). Ésta tuvo lugar en fecha tan reciente como julio de 2010 y sirvió para trasladar sus restos simbólicos (por inexistentes) desde el lugar de su muerte, Paita en el exilio peruano, hacia el Panteón Nacional de Caracas donde está enterrado Simón Bolívar¹⁸⁵. (VILALTA, 2012, p. 65).

Tal atitude, como a própria pesquisadora enfatiza, objetiva, além de gerar certo sentimentalismo ao uni-la, simbolicamente, a Simón Bolívar, pagar tributos incontestáveis ao seu papel de Libertadora, “*acción de notable utilidad social por su doble condición de mujer y criolla*¹⁸⁶.” (VILALTA, 2012, p. 65). Temos, portanto, que, na contemporaneidade, Sáenz é vista como ativista do recém-estruturado movimento pós-colonial, fomentando grandes rupturas de aliados políticos, que passam a vê-la como inimiga, inclusive. Ao abordarmos sua vida e representação, verificamos como sua atuação política consiste em ações de descolonização ao fortalecer uma prática de ruptura com os regimes contrários.

A autora também nos chama a atenção para a necessidade de considerarmos o espaço político do momento, que foi a desconstrução da ordem colonial, ressaltando que os movimentos independentistas configuravam-se em conflitos da

libertadores”, ópera de Diego Luzuriaga (2006); “Manuela Sáenz: Libertadora del Libertador”, filme de Diego Rísquez (2000); *Las mas hermosas cartas de amor entre Manuela y Simón Bolívar*, obra publicada nas Ediciones de la Presidencia de la República, em Caracas/Venezuela (2010); *La insepulta de Paita*: elegía dedicada a la memoria de Manuela Sáenz, amante de Simón Bolívar, escrita por Pablo Neruda (1972); *Dos encendidos*, livros de poemas escrito por Aleyda Quevedo Rojas (2010); *La outra agonía: La pasión de Manuela Sáenz*, livro de poemas escrito por Victor Paz Otero (2006).

¹⁸⁵ Nossa tradução livre: Este processo de reinvenção permanente da sua figura concretizou-se em uma cerimônia de homenagem nacional – que esteve presente em todos os meios de comunicação internacionais –, organizada entre os países em que passou a sua vida errante e marginalizada (Equador, Bolívia, Peru e Venezuela). Isso ocorreu, recentemente, em julho de 2010, e serviu para transferir seus restos simbólicos (por não existirem) do lugar de sua morte, Paita, no exílio peruano, para o Panteão Nacional de Caracas, onde Simón Bolívar está sepultado. (VILALTA, 2012, p. 65).

¹⁸⁶ Nossa tradução livre: [...] ação de notável utilidade social, devido ao seu duplo *status* de mulher e crioula. (VILALTA, 2012, p. 65).

elite, o que John Lynch (2001) denomina de “*rebelión de una minoría contra una minoría más pequeña, de criollos (españoles nacidos en América) contra peninsulares (españoles nacidos en España)*”¹⁸⁷.” Esse contexto, inegavelmente, influenciou a vida doméstica das pessoas. Como aponta a referida pesquisadora, as mulheres advindas da elite formaram-se de modo autodidata e se inseriram em um espaço de debate e de constantes correspondências. Essa liberdade desaparece no final do século XIX com programas formativos para meninas. Além disso, houve um declínio do modelo patriarcal. Digno de nota, ainda, são as relações conjugais na América Colonial. Afetos extraconjugais, ilegitimidade de nascimentos e famílias lideradas por matriarcas tornam-se, também, frequentes nesse período, como previamente aludimos.

Por fim, o Iluminismo tardio e o despontar do Romantismo ofereceram um marco cultural de transição em que a ideia de “lenda revolucionária” conduzia à revolução como uma epopeia e aos revolucionários como heróis, uma vez que a classe social que conduzia todo o movimento de independência era aquela privilegiada, que teve acesso à educação, viagens e heranças prósperas. Manuela Sáenz, portanto, era fruto de seu tempo: filha de um espanhol que lhe ofereceu boa educação, inserida em um casamento que lhe rendia confortável situação econômica, além do acesso a bailes e reuniões em que o assunto independentista fervilhava.

No que tange aos anos de 1823-1830, estamos diante do ápice do sonho de independência da Grã-Colômbia e, conseqüentemente, da expulsão dos espanhóis. Contudo, tal idealização entra em decadência e se finda em grande parte com a morte de Bolívar, em 1830. Vilalta (2012) destaca o posicionamento e a intelectualidade de Sáenz, que participa de cada nova empreitada realizada nesse período, conforme se verifica nos excertos que seguem:

En el fragor de la pasión, ella prescindió de toda exigencia derivada de su vínculo conyugal – que nunca rompió ninguna de las dos partes, a pesar de las infidelidades mutuas y de no engendrar descendencia – y empezó una relación adúltera que el inevitable distanciamiento, por razón de política y guerra, sublimó en correspondencia. [...] En determinados momentos, huyó de su entorno doméstico y se unió al Estado Mayor de Bolívar y, desde allí,

¹⁸⁷ Nossa tradução livre: [...] rebelião de uma minoria contra uma minoria menor, de criollos (espanhóis nascidos na América) contra peninsulares (espanhóis nascidos na Espanha). (LYNCH, 2011, n/p).

*participó en las campañas de guerra, controló y organizó el archivo personal de su amante, ejerció funciones de avituallamiento y asistencia a los heridos en combate y desarrolló labores de espionaje que le permitieron salvar, con acciones rocambolescas, a Simón Bolívar de, por lo menos, dos intentos de asesinato y algunas otras conspiraciones, momento a partir del cual recibió el nombre tan famoso de Libertadora del Libertador*¹⁸⁸. (VILALTA, 2012, p. 69).

E, ainda, em:

*Como buena ilustrada, usaba referentes mitológicos – a veces era Venus, a veces ella era Diana y él, Apolo –, compartió con su enamorado las lecturas de clásicos como Virgilio, Horacio, Tácito y Plutarco, entre otros [...] y asumió como modelo a Eloísa, la enamorada medieval que vivió el amor como trasgresión social y cuyas cartas – que ella leyó en francés, ya que la primera traducción al español es de 1839 – son un hito en la historia de la correspondencia amorosa [...]*¹⁸⁹.(VILALTA, 2012, p. 69, 70).

Dessa forma, temos que a personalidade quitenha, por meio de todos os seus privilégios, insere-se, de forma muito ativa, no espaço político de sua época e, aqui, parece-nos paradoxal afirmar que ela esteve à frente de seu tempo por realizar feitos, como os supracitados, que outras mulheres nem chegaram a vislumbrar, uma vez que Sáenz teve todos os subsídios necessários – contatos, dinheiro e educação escolar – para alcançar tais façanhas. Embora isso, por um lado, não diminua a relevância de sua atuação nos movimentos independentistas, por outro, não lhe confere a excepcionalidade e heroificação sobre-humana que algumas configurações buscam atribuir-lhe.

Em contrapartida, quantas outras mulheres em situações análogas à de Sáenz nem sequer ficaram conhecidas? Em que medida, portanto, ela extrapola as

¹⁸⁸ Nossa tradução livre: No calor da paixão, ela dispensou todas as exigências derivadas do vínculo conjugal – que nunca foi rompido por nenhuma das duas partes, apesar das infidelidades mútuas e de não gerar filhos – e deu início a uma relação adúltera, que o inevitável afastamento – por motivos de política e guerra – sublimou em forma de correspondência. [...] Em determinados momentos, fugia de seu ambiente doméstico e ingressava no Estado-Maior de Bolívar e, a partir daí, participava de campanhas de guerra, controlava e organizava o arquivo pessoal de seu amante, desempenhava funções de abastecimento e assistência aos feridos em combate e desenvolveu as tarefas de espionagem que lhe permitiram salvar, com ações bizarras, Simón Bolívar de, pelo menos, duas tentativas de assassinato e algumas outras conspirações, desde então recebeu o famoso nome de 'Libertadora do Liberator'. (VILALTA, 2012, p. 69).

¹⁸⁹ Nossa tradução livre: Como boa mulher ilustrada, utilizava referências mitológicas – ora era Vênus, ora era Diana e ele, Apolo –, compartilhava com o amante as leituras de clássicos como Virgílio, Horácio, Tácito e Plutarco, entre outros [...] e assumiu como modelo para si mesma a Eloísa, a amante medieval que viveu o amor como uma transgressão social e cujas cartas – que leu em francês, já que a primeira tradução espanhola é de 1839 – são um marco na história da correspondência amorosa. (VILALTA, 2012, p. 69, 70).

margens de sua época? Tais questionamentos, por mais retóricos que possam parecer, colocam-nos no limiar entre compreender as barreiras quebradas por ela e admitir que seus privilégios habilitaram-na a empreender ações, de forma ativa, nos combates liderados pela elite *criolla*. Desse modo, Vilalta (2012) perfila-nos uma personalidade singular e que, com a morte de Bolívar, passa a representar um perigo político para seus opositores, sendo expulsa da Colômbia pelo arquirrival de Bolívar, Francisco José de Paula Santander (1792-1840), e, na sequência, do Equador também, por Vicente Rocafuerte (1783-1847).

Sobre seus últimos vinte anos de vida, a referida pesquisadora relata, como também já mencionamos na subseção anterior, seu exílio em Paita (Perú), “[...] *desde la que ya nunca aceptó regresar a su tierra natal ni aun después de ser perdonada y donde recibió visitas de hombres ilustres, como José Joaquín Olmedo (1780-1847) o Giuseppe Garibaldi (1807-1882)*¹⁹⁰.” (VILALTA, 2012, p. 69).

No que tange às correspondências trocadas por Sáenz, cuja temática já foi abordada com maior profundidade em Chambers (2001) e López (2008), Vilalta (2012) ressalta o fato de que o acesso a essas cartas é, em primeiro lugar, uma ação de quebra de privacidade, uma vez que tais missivas não foram escritas para serem lidas pela sociedade em geral. Nas palavras da pesquisadora, “*leer misivas ajenas resulta siempre perturbador*¹⁹¹.” (VILALTA, 2012, p. 69). Além disso, a escrita em questão aponta-nos para o fato de que Simón Bolívar, em seu testamento, exigiu que todos os documentos que estavam relacionados à sua vida fossem queimados após sua morte. Dessa forma, muito foi perdido. A referida pesquisadora chega a mencionar que o número de escritas epistolares está estimado em cerca 400 cartas para cada um – Manuela e Simón –, restando-se preservado menos de um quarto desse total. Sobre o conteúdo das missivas escritas por Sáenz a Bolívar, a autora observa que as introduções são formais e as despedidas são intensas. Como Vilalta (2012) relata,

[...] *predomina el ‘muy señor mío’, pero abundan expresiones como ‘incomparable amigo’, ‘mi amor idolatrado’, ‘Simón mi hombre amado’*

¹⁹⁰ Nossa tradução livre: [...] de onde nunca aceitou voltar à sua terra natal, nem mesmo depois de perdoada e onde recebeu a visita de homens ilustres, como José Joaquín Olmedo (1780-1847) ou Giuseppe Garibaldi (1807-1882). (VILALTA, 2012, p. 69).

¹⁹¹ Nossa tradução livre: Ler as cartas de outras pessoas é sempre perturbador. (VILALTA, 2012, p. 69).

o *'mi querido Simón'*. Las despedidas son más intensas y contienen expresiones de amor, posesión y locura que resumen a la perfección el tono general de la escritura contenida en los renglones que las preceden. Son adioses en forma de *'suya de corazón y alma'*, *'su pobre y desesperada amiga'*, *'su querida a fuerza de distancia'*, *'de su amor desesperado para mi hombre único'*, *'lo ama locamente'*, *'al único hombre de mi vida'* o *'de la mujer que lo idolatra'*¹⁹². (VILALTA, 2012, p. 70).

À parte do teor amoroso de suas cartas trocadas com Bolívar, Sáenz também oferecia análises da situação política sob sua perspectiva. Estando atualizada de todos os direcionamentos dos conflitos, ela se torna mais uma voz entre os aliados de Bolívar com sua opinião ouvida e, em diversas situações, atendida. Vilalta (2012, p. 70) relata que, [...] *"sobre la guerra y en las campañas militares, [ella] ofrece permanentes valoraciones sobre los conflictos que se suceden, de manera tal que es muy fácil intuir que su opinión no era para nada desdeñable"*¹⁹³. Assim, é curioso verificar que, mesmo com sua evidente importância política comprovada por meio das escritas epistolares de que se tem acesso, houve um recorrente intento de excluí-la do fato histórico, como, por exemplo, as *Memórias*, de Daniel Florencio O'Leary (1802 – 1854), impressas e divulgadas nas comemorações do centenário de nascimento de Simón Bolívar, em 1883, em que não há menções à presença de Sáenz, marcando [...] *"el inicio de un proceso de censura y secretismo sobre su recuerdo"*¹⁹⁴. (VILALTA, 2012, p. 69).

Na sequência, Vilalta (2012) ainda lança luzes para questões importantes voltadas ao movimento romântico do século XIX, em que o sentimento amoroso e os ideais independentistas moldam uma perspectiva análoga à escola estética romântica europeia. Detalhadamente, a pesquisadora aponta para as caracterizações advindas do movimento alemão *"Sturm und Drang"*:

¹⁹² Nossa tradução livre: O 'muito querido senhor' predomina, mas expressões como 'amigo incomparável', 'meu amor idolatrado', 'Simon, meu amado' ou 'meu querido Simon' abundam. As despedidas são mais intensas e contêm expressões de amor, possessão e loucura que resumem, perfeitamente, o tom geral da escrita contida nos versos que as precedem. Eles são o adeus na forma de 'seu coração e alma', 'sua pobre e desesperada amiga', 'sua querida pela força da distância', 'de seu amor desesperado por meu único homem', 'o ama loucamente', 'o único homem da minha vida' ou 'da mulher que o idolatra'. (VILALTA, 2012, p. 70).

¹⁹³ Nossa tradução livre: Sobre a guerra e as campanhas militares, [ela] oferece avaliações permanentes dos conflitos que se seguem, de tal forma que é muito fácil verificar que sua opinião não foi desprezada. (VILALTA, 2012, p. 70).

¹⁹⁴ Nossa tradução livre: [...] o início de um processo de censura e sigilo sobre sua memória. (VILALTA, 2012, p. 69).

Estos son, a manera de decálogo manuelino: primero, la naturaleza y el paisaje exuberantes como escenarios del amor; segundo, el destino incontestable como imposición inapelable para la materialización de los sentimientos; tercero, la distancia como origen de la incapacitación para la acción cotidiana, como renuncia a los intereses mundanos y como causa de tormento, sufrimiento y soledad; cuarto, la espera, la ausencia y el vacío inherente como fermentos de la pasión; quinto, los sentimientos en lucha contra la razón y, por ello, fuentes de toda forma conocida de ansiedad, delirio, desvarío, locura y desesperación extremos; sexto, la expresión del amor como experiencia similar a la religiosa que provoca adoración, fervor, idolatría, veneración; séptimo, la negación del yo y la aceptación de cualquier forma de humillación, agravio, amargura, tristeza y dolor; octavo, la consecución de la felicidad como un camino sin reposo, descanso o sosiego; noveno, la comunión espiritual y física completa entre los amantes, y, décimo, el sentido de la vida resumido en la continuidad del amor a través de su expresión literaria, ‘...cartas de amor, que son el pretexto de seguir con vida...’, de manera tal que la muerte del amante y la conclusión definitiva de la correspondencia llevan a la vehemente enamorada a padecer el ‘mal du siècle’, esto es a intentar imitar al joven Werther (1774), el más famoso de los suicidas de ficción que escribían cartas¹⁹⁵. (VILALTA, 2012, p. 71).

Dessa forma, diante de tão profícua discussão realizada pela historiadora María José Vilalta (2012), que traz ao centro do diálogo Manuela Sáenz, somos conduzidos por uma abordagem que revisita o fato histórico e preenche lacunas com pertinentes apontamentos sobre o espaço hispano-americano no século XIX. A autora trilha caminhos sensíveis e, mais de uma vez, estabelece diálogos com a literatura, corroborando os entrelaçamentos dessas duas áreas de investigação. O resgate histórico ligado ao movimento feminista e às ações lideradas por mulheres é indispensável para situarmos a personalidade em estudo em seu tempo/espaço.

¹⁹⁵ Nossa tradução livre: São à maneira de um decálogo manuelino: primeiro, a exuberante natureza e a paisagem como cenas de amor; em segundo lugar, o destino incontestável como imposição irrecorrível de materialização de sentimentos; terceiro, a distância como origem da incapacidade para a ação cotidiana, como renúncia aos interesses mundanos e como causa de tormento, sofrimento e solidão; quarto, a espera, a ausência e o vazio inerente como fermentos de paixão; quinto, os sentimentos em luta contra a razão e, portanto, fontes de todas as formas conhecidas de extrema ansiedade, delírio, ilusão, loucura e desespero; sexto, a expressão do amor como uma experiência religiosa que provoca adoração, fervor, idolatria, veneração; sétimo, a negação de si mesmo e a aceitação de qualquer forma de humilhação, injúria, amargura, tristeza e dor; oitavo, a conquista da felicidade como um caminho sem descanso ou tranquilidade; nono, a comunhão espiritual e física completa entre os amantes e, décimo, o sentido da vida resumido na continuidade do amor por meio de sua expressão literária, ‘... cartas de amor, que são o pretexto para se manter vivo ...’, de tal forma que a morte do amante e a conclusão final da correspondência levem o amante apaixonado a sofrer o ‘mal du siècle’, isto é, tentar imitar o jovem Werther (1774), o mais famoso dos escritores fictícios de cartas suicidas. (VILALTA, 2012, p. 71).

Ressaltamos, por fim, como o título dado a esse estudo enriquece as proposições da autora que, no papel de historiadora, brevemente recompõe a história de Manuela Sáenz e a posiciona frente a Bolívar, em maior espaço de igualdade. Este é o enfrentamento de Sáenz: estar nos anais históricos em razão de suas contribuições políticas à América.

Na sequência, a última pesquisa acadêmica que abordamos neste recorte diz respeito ao estudo de Oliveira e Martins (2016) acerca do papel político de Manuela Sáenz durante os conflitos independentistas que aconteceram nos territórios atuais da Colômbia, do Equador, do Panamá e da Venezuela. O texto advém de uma monografia apresentada para o curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará.

Nesse sentido, sabemos que a representação de Manuela Sáenz no Brasil é escassa em todas as áreas de conhecimento. Ainda assim, em maior recorrência, encontramos suas representações em estudos literários. Sem dúvida, encontrá-la no campo das Ciências Sociais, no Brasil, evidencia o estabelecimento de uma construção dialógica entre o Brasil e a América Hispânica, aproximando territórios, histórias, conflitos e personalidades.

O artigo divide-se em três partes, mormente: o contexto sociopolítico e cultural em que Manuela Sáenz atua; a sua trajetória como mulher culta e conhecedora das estratégias militares e uma análise apurada a respeito dos mitos e as disputas por sua memória. Assim, antes de adentrar na especificidade da proposta, o estudo abarca a sua biografia, atentando para os registros de Saá (2008), em que o biógrafo, ao analisar a infância e adolescência de Sáenz, por meio da troca de missivas, ressalta o fato de ela ser inteligente e perspicaz, acompanhando seu pai em viagens de negócio.

Outro excerto destacado na pesquisa em cotejo refere-se ao relevante número de mulheres que precederam Sáenz na luta por uma América Hispânica independente. De acordo com Oliveira e Martins (2016, p. 156-157),

[...] entre as mulheres que a influenciaram podemos citar: Manuela Espejo, irmã do precursor Eugenio Espejo; Manuela Cañizares, cuja casa era local das reuniões dos revolucionários; Josefa Tinajero; Mariana Matheu de Ascásubia, a mais destacada escritora da colônia na época; Maria Ontaneda y Larrayn; Antonia Salinas; Josefa Escarcha; Rosa Zárate, heroína e mártir; Maria de la Veja; Rosa Montúfar y Larrea; Maria de la Cruz Vieyra. Essas mulheres tomaram

parte da primeira tentativa da luta por independência de Quito que aconteceu entre 1809 e 1810. Algumas foram decapitadas, como no caso de Rosa Záret, que participou do assassinato do Conde Ruiz de Castilla e era vista como um perigo para a realeza espanhola.

Na sequência, o artigo aponta para a trajetória política e militar de Manuela Sáenz, destacando sua atuação em Lima e o título de “Ordem do Sol do Perú” como o início de uma distinta fase de sua vida em que as movimentações políticas relacionar-se-iam, diretamente, com a sua vida. Desse modo, seu vínculo com Simón Bolívar consiste, também, em uma união de interesses. De acordo com as referidas pesquisadoras,

Simón Bolívar ficou impressionado com os conhecimentos de Manuela sobre a cultura latina e grega, mas, sobretudo, com suas ideias políticas. Após ela ter colaborado para conter uma sublevação em Quito, foi convidada por Bolívar a cuidar de seus arquivos da campanha do Sul (construção da Grã-Colômbia) e seus papéis pessoais no Peru [...]. (OLIVEIRA E MARTINS, 2016, p. 158).

No que tange à participação de Sáenz nos movimentos independentistas, as pesquisadoras atentam para o fato de que a quitenha descobriu e desarticulou traições ao movimento de independência da Grã-Colômbia. Uma delas consiste na traição de Santander que, em uma carta enviada por ele, evidencia sua intenção de desamparar Bolívar em território estrangeiro. Segundo Oliveira e Martins (2016, p. 150), “ela tratava as traições como problema de Estado e fez uma declaração que ficou marcada na história: “que morram dez para salvar dez mil”, na qual expressava a importância de deter os traidores e assegurar a nação unida.”

Sobre a participação ativa de Sáenz em batalhas, o artigo destaca o convite de Simón para que ela lutasse na Batalha de Junín, em 1824. Contudo, sua chegada foi tardia e ela pode, apenas, ajudar os feridos e enterrar os mortos. Já na Batalha de Ayacucho, também em 1824, ela é incorporada ao batalhão Húzares e concentra suas atividades na organização e distribuição de suprimentos, no atendimento aos combatentes feridos, no enfileiramento corpo a corpo com os soldados espanhóis. Tal participação rendeu-lhe o título de coronel.

Entre as atividades conduzidas por Sáenz, as autoras destacam o trabalho de espionagem, propaganda, doação de dinheiro, fornecimento de equipamentos e de

comida. Líder e estrategista, a personalidade quiteña compreendeu, de forma acurada, os problemas inerentes às recém-independentes repúblicas.

Desse modo, em decorrência de um forte posicionamento político e de sua vinculação a Simón Bolívar, Manuela Sáenz passa a ser vista como uma ameaça aos opositores do General. Em 1827 ela é presa no Peru e desterrada em Quito.

Suas atuações nas conspirações contra a vida de Bolívar, em 1828, também são destacadas no artigo, que veem na atitude de Sáenz a defesa de Bolívar não apenas por ele ser seu companheiro pessoal, mas por simbolizar a independência da Grã-Colômbia. A morte dele resultaria no fim dessa estrutura de nação.

Os anos subsequentes à morte de Bolívar foram de exclusão para ela de todos os vínculos políticos, militares e sociais estabelecidos na última década, a começar pela sua graduação militar, que lhe garantia uma pensão, conduzindo-a a uma crítica situação financeira que a acompanharia até o fim de sua vida. As pesquisadoras chamam a atenção, ainda, para a sua expulsão de Bogotá, o exílio na Jamaica e o apoio oferecido à Sáenz por movimentos sociais como as “mulheres liberais” e “patriotas de coração”.

Por fim, no que diz respeito à atualização de seu papel à América Hispânica, Oliveira e Martins (2016) mencionam o ato de reconhecimento feito pelo presidente do Equador à época, Rafael Correa, no dia 24 de maio de 2007, em que foi conferida à Sáenz a patente de general na comemoração dos 185 anos da batalha de Pichincha. Há o destaque, também, à tentativa frustrada organizada pelo governo venezuelano, liderado por Hugo Chávez, em 2006, de comprar o acervo do museu particular do historiador Carlos Alvarez Súa, em Quito.

As autoras concluem a pesquisa, ressaltando as características da quiteña que ultrapassam o vínculo pessoal com Simón Bolívar e destacam seu papel e sua participação política. Elas chamam a atenção, ainda, para a necessidade de que a investigação histórica aconteça de modo a revelar situações que, por razões políticas de forma geral, perpassam os séculos, deliberadamente, ofuscadas.

Diante dos textos históricos cotejados e de sua representatividade à América, envolvemo-nos em um entrelaçamento de pontos de vista com distintas acepções sobre a personalidade quiteña. Desse modo, nosso objetivo para essa primeira seção foi o de apresentar Manuela Sáenz ao contexto acadêmico, mormente ao de estudos literários comparativistas, por meio de um resgate histórico, primeiramente, para que, na sequência, avancemos aos textos literários que a protagonizam.

Buscamos uma reflexão que humanize sua imagem, revelando-a como sujeito de sua época e inserida em uma trama de privilégios e limitações que não se fixam aos oito anos de relacionamento com Simón Bolívar. Dessa forma, os textos aqui abordados, advindos de pesquisas acadêmicas da área da história e da sociologia, reiteram seu caráter insurgente que, aliado aos interesses de Bolívar, o que resulta em maior representatividade da atuação de Sáenz.

As leituras selecionadas de Chambers (2001), Murray (2007), López (2008), Vilalta (2012) e Oliveira e Martins (2016) perfilam essa personalidade que se dedica às discussões políticas independentemente de suas relações pessoais. Sáenz atua em sua liberdade e seu comportamento quebra múltiplos padrões instituídos na América do Sul a partir do século XVI. Ela se faz ouvida mesmo quando sua presença física não era factível.

A constante troca de missivas entre Sáenz e personalidades públicas do cenário equatoriano, mormente, e o fato de receber em Paita, já no exílio, homens interessados pela sua história e a de Bolívar, impossibilita seu apagamento da historiografia, mesmo depois de inúmeras tentativas de silenciamento realizadas por opositores políticos e/ou sujeitos ainda inseridos em perspectivas coloniais, patriarcais e hierárquicas.

Dessa forma, acreditamos no estabelecimento de profícuos diálogos latino-americanos entre distintas áreas do conhecimento, que se entrecruzam a todo o momento, buscando, assim, fortalecer um pensamento decolonial que promova a superação de padrões impostos à América à época da ocupação europeia no continente. De acordo com Mignolo (2017, p.10),

[...] a analítica da colonialidade (o pensamento descolonial) consiste no trabalho inexorável de desvendar como a matriz funciona, e a opção descolonial é o projeto inexorável de tirar todos da miragem da modernidade e da armadilha da colonialidade.

Diante dessa clara proposição de Mignolo (2017), que repensa e desvenda as estruturas em que estamos inseridos, fica evidente a importância de pesquisas acadêmicas e de divulgação científica de estudos que reiteram a necessidade do repensar histórico, da revisão de padrões e do revisitar das verdades perpetradas pela empreitada colonial. Esta pesquisa, portanto, inscreve-se nesse contexto, ao buscar as ressignificações de uma personalidade feminina, cuja atuação não pode

ser apagada pelos tantos mecanismos de enunciação colonial instaurados e cultivados em nosso continente.

Nesse sentido, desenvolvemos, na próxima seção, com maior profundidade, reflexões acerca do pensamento decolonial por meio de análises literárias de romances históricos escritos na América que protagonizam Manuela Sáenz e que ora a renarrativizam, apenas, por meio de pressupostos tradicionais de corroborar o discurso histórico colonizador, e ora a ressignificam, atentando para suas ações revolucionárias na sociedade hispano-americana do século XIX.

2 MANUELA SÁENZ: EXTENSÕES LITERÁRIAS – IMAGENS SIMBÓLICAS QUE CONTRASTAM

Adentrar o território literário, após havermos incursionado pelas instâncias históricas e sociológicas acerca da vida de Manuela Sáenz na seção anterior, significa para nós, professores de literatura, traçar um caminho cuja previsibilidade é limitada. Muito além de revisitar uma personagem histórica, como é o caso dos romances históricos, *corpus* de nossa tese, revisitamos nós mesmos e as “verdades” componentes do passado que nos foram transmitidas.

Assim, mergulhar no passado de Manuela Sáenz é um exercício de reconstrução e redefinição de nosso próprio sentido de história. Questionamo-nos, portanto, sobre quais são as deliberadas omissões do passado que, por razões objetivas, temos acesso restrito. Como o gênero romance histórico faz uso desses registros de modo a compor, mesmo séculos depois, personagens e enredos por meio de um entrelaçamento muito sensível entre os discursos históricos e literários?

Nesta seção, primeiramente, apresentamos uma listagem de romances escritos sobre Manuela Sáenz em território americano, principalmente, com o intento de divulgar obras exiguamente lidas e que possuem um papel essencial a uma possível inserção dessa personagem no imaginário literário coletivo latino-americano. Desse Quadro representativo da ficcionalização de Sáenz, procedemos a uma seleção de duas obras para a nossa análise.

O universo ficcional sobre Manuela Sáenz é bastante vasto se nele incluirmos aquelas obras que se voltam ao período independentista da América Hispânica que, normalmente, dão ênfase à atuação de Simón Bolívar. Contudo, como já mencionamos, nosso objetivo concentra-se, exclusivamente, na figura de Manuela Sáenz. Assim, no Quadro IV, abaixo exposto, apresentamos um conjunto de escritas híbridas de história e ficção – romances históricos – que a protagonizam.

QUADRO IV: ROMANCES HISTÓRICOS QUE DÃO PROTAGONISMO À MANUELA SÁENZ, EXPOSTOS EM ORDEM CRONOLÓGICA

	TÍTULO	TÍTULO TRADUZIDO AO PORTUGUÊS	AUTOR (A)	ANO	PAÍS
1.	<i>Amor y gloria – el romance de Manuela Sáenz y el Libertador Simón Bolívar</i>	<i>Amor e glória – o romance de Manuela Sáenz e do Libertador Simón Bolívar</i>	María Jesús Alvarado	1952	Peru
2.	<i>Harvest of the Wind: A Novel based on the life</i>	<i>A Colheita do Vento: um romance baseado na vida</i>	J. Mortimer Sheppard	1956	Inglaterra

	<i>of Manuela Sáenz</i>	<i>de Manuela Sáenz</i>			
3.	<i>Manuela Sáenz, la divina loca</i>	<i>Manuela Sáenz, a divina louca</i>	Olga Briceño	1959	Estados Unidos
4.	<i>Bajo la piel de los tambores</i>	<i>Sob a pele dos tambores</i>	Luz Argentina Chiriboga	1991	Equador
5.	<i>Manuela</i>	<i>Manuela</i>	Luís Zúñiga	1991	Equador
6.	<i>Jonatás y Manuela</i>	<i>Jonatás e Manuela</i>	Luz Argentina Chiriboga	1994	Equador
7.	<i>La gloria eres tú</i>	<i>A glória é você</i>	Silvia Miguens	2000	Argentina
8.	<i>Manuela</i>	<i>Manuela</i>	Gregory Kauffman	2000	Estados Unidos
9.	<i>Manuela Sáenz: La señora de Paíta</i>	<i>Manuela Sáenz: a senhora de Paíta</i>	Mabel Pagano	2000	Argentina
10.	<i>La dama de los perros</i>	<i>A senhora dos cachorros</i>	María Eugenia Leefmans	2001	México
11.	<i>La esposa del Dr. Thorne</i>	<i>A esposa do Dr. Thorne</i>	Denzil Romero	2002	Espanha/ Venezuela
12.	<i>Manuela Sáenz: uma história maldicha</i>	<i>Manuela Sáenz: uma história amaldiçoada</i>	Tania Roura	2005	Equador
13.	<i>Our Lives Are the rivers</i>	<i>Nossas vidas são os rios</i>	Jaime Manrique	2006	Estados Unidos
14.	<i>Manuela Sáenz: la insepulta de Paíta</i>	<i>Manuela Sáenz: a insepulta de Paíta</i>	Lía Mantilla Tanzi	2007	Mexico
15.	<i>Dos espadas y un solo corazón</i>	<i>Duas espadas e um só coração</i>	Ruth Bazante Chiriboga	2014	Equador
16.	<i>Manuelita: La amante revolucionária de Simón Bolívar</i>	<i>Manuelita: a amante revolucionária de Simón Bolívar</i>	Manuela Mora	2016	México

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Até o presente momento, encontramos os referidos romances publicados não apenas na América, mas, também, na Europa, que revisitam a história de Manuela Sáenz. Ressaltamos que o acesso às obras é tarefa que demanda grande esforço, uma vez que a maioria dos romances conta com apenas uma edição e, em diversos casos, a respectiva publicação não vence a barreira do território de origem.

Os romances adquiridos compõem a biblioteca do Grupo de Pesquisa: “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização” e ficam disponíveis à comunidade como fonte de material literário, atuando nos múltiplos processos de revisitação ao passado histórico, indispensáveis para nós, sujeitos latino-americanos, que buscamos autonomia para trilharmos o caminho de nossa própria história, almejando a decolonialidade do pensamento e a plena descolonização identitária e cultural.

Com relação ao quadro de obras, verificamos que o primeiro romance histórico, *Amor y gloria – el romance de Manuela Sáenz y el Libertador Simón*

Bolívar (1952), é publicado quase um século depois da morte de Sáenz, por uma escritora peruana, que compartilha o protagonismo entre o casal Sáenz e Bolívar. Na sequência, exatamente 100 anos depois de sua morte, o romance *Harvest of the Wind: A Novel based on the life of Manuela Sáenz* (1956), publicado na Inglaterra, focaliza apenas a quitenha em seu título, posicionando-a no centro da narrativa.

É instigante analisarmos a escolha lexical que compõe os nomes das obras aludidas no Quadro IV, pois tais predileções por determinadas palavras indicam inclinações específicas ao perfilamento de Sáenz. Por outro lado, um olhar do século XXI pode conduzir-nos ao anacronismo, tarefa que deve ser evitada quando abordamos o material literário. Nesse espaço sensível, observamos que, de modo geral, Manuela Sáenz tem seu nome escrito na literatura de modo mais autônomo.

Outro fato notório é o de não haver romances publicados na época mais efervescente do período da nova narrativa da literatura latino-americana. Entre os anos de 1960 e 1990 – ápice do *boom* e da passagem ao pós-*boom* –, não encontramos obras que protagonizem Manuela Sáenz, ou seja, o *boom* da literatura latino-americana não abordou a personalidade equatoriana, fato que gera uma lacuna para os leitores que, como nós, buscam pelas mais distintas versões literárias de personagens históricas.

Verificamos, também, a ausência de romances históricos produzidos no Brasil acerca de Manuela Sáenz, o que reforça a inexpressividade de sua trajetória de vida no território nacional. De fato, nem mesmo a representação de Simón Bolívar faz parte do imaginário coletivo brasileiro. Nós, brasileiros, somos conduzidos a Sáenz e Bolívar, em grande medida, por meio da leitura do renomado romance de Gabriel García Márquez, *O General em Seu Labirinto*, publicado em 1989, que retrata os últimos meses de vida de Simón Bolívar e a presença diplomática de Manuela Sáenz nesse contexto. Como verificamos no seguinte excerto:

A última visita da noite anterior fora a de Manuela Sáenz, a aguerrida quitenha que o amava, mas que não o seguiria até a morte. Ficava, como sempre, com a incumbência de manter o general bem informado de tudo o que ocorresse em sua ausência, pois fazia muito tempo que ele não confiava em ninguém mais. Deixava-lhe em custódia algumas relíquias sem outro valor senão o de terem sido suas, bem como alguns de seus livros mais apreciados e dois cofres com arquivos pessoais. No dia anterior, durante a breve despedida formal, lhe dissera: “Eu te amo muito, mas te amarei ainda mais se agora tiveres mais juízo do que nunca.” Ela o tomou como uma

homenagem a mais, das tantas que dele recebera em oito anos de amores ardentes. Dentre todos os seus conhecidos, era ela a única a acreditar: desta vez ele ia mesmo embora. Mas também era a única a ter pelo menos um motivo real para esperar que ele voltasse. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1989, p. 14).

Esse é o caminho mais trilhado de apresentação à Manuela Sáenz no espaço simbólico brasileiro: as linhas do escritor colombiano que retratam a jovem equatoriana e a sua presença ao lado de Simón. Dessa forma, acreditamos na necessidade de refletirmos sobre o papel de Manuela Sáenz frente a uma sociedade insurgente em pleno processo de descolonização e já inserida no século XXI.

Assim, nas próximas subseções, articulamos um estudo comparativista com base em dois romances históricos escritos na América e que têm como protagonista Manuela Sáenz. Eles são apresentados a partir de suas vinculações acrílicas e críticas de recomposição do passado sob o referencial teórico advindo dos estudos do gênero romance histórico, como é recorrente nos pressupostos de Aínsa (1991), Menton (1993), Márquez Rodríguez (1996), Fernández Prieto (2003), Fleck (2011; 2017), entre outros.

Além de uma abordagem teórico-crítica acerca da composição dos romances históricos, voltamos nosso olhar, também, para as possibilidades de enfrentamento à colonialidade do poder presentes nessas escritas híbridas de história e ficção. Para tanto, ao analisarmos as estratégias escriturais de cada produção, estabelecemos relações com o indispensável processo de descolonização do pensamento, a partir das proposições teóricas de Mignolo (2008, 2009, 2017).

A primeira subseção, intitulada “A renarrativização do passado pelo romance histórico tradicional”, consiste em uma reflexão sobre os caminhos percorridos pelo gênero romanesco até a sua contemporaneidade. Além disso, discutimos com maior atenção o desenvolvimento do gênero romance histórico em suas manifestações acrílicas. Na sequência, a subseção intitulada “Sáenz à sombra de Bolívar: Uma renarrativização histórica em *Manuela: una novela sobre la vida de Manuelita Sáenz* ([1991] 2000), de Luis Zúñiga”, apresenta-nos uma análise acerca do referido romance no que tange ao fato de ele se aliar aos mesmos pressupostos da escrita colonizadora da historiografia tradicional hegemônica.

Com relação à terceira subseção intitulada “O novo romance histórico latino-americano: uma efetiva releitura crítica do discurso historiográfico”, discutimos sobre

a ascensão desse modo escritural, que além de reler o passado criticamente, também o desconstrói, deixando evidente para o seu leitor que toda produção escrita consiste em uma deliberada escolha discursiva. A quarta subseção, “O romance histórico contemporâneo de mediação: releituras hodiernas da história pela ficção”, analisa as estratégias pelas quais essa modalidade do gênero romanesco estabelece uma aproximação entre duas escritas com intenções ideológicas divergentes.

A subseção seguinte, “Sáenz em direção a Bolívar: uma escrita híbrida mediadora em *La Gloria eres tú* ([2004] 2019), de Silvia Miguens” conta com distintos recursos escriturais que promovem uma via crítica para que a historiografia tradicional seja rerepresentada pela ficção, por meio de uma narrativa ficcional que não desconstrói, mas oferece outros caminhos para ressignificarmos o fato histórico. Por fim, a quinta subseção consiste em uma análise comparativa entre os dois romances previamente analisados de modo a estabelecer aproximações e distanciamentos entre ambas as formas de abordar o passado histórico na produção literária.

Nesse sentido, as contribuições da pesquisa conduzem-nos por caminhos profícuos, pois, além de orientar o entendimento de que romances históricos são edificadas a partir de um direcionamento político, essas obras estabelecem vinculações múltiplas inerentes a um texto literário híbrido. Tais composições conjugam tanto os vestígios do passado quanto as possibilidades imaginativas de preencher, pela ficção, as lacunas então existentes.

2.1 A RENARRATIVIZAÇÃO DO PASSADO PELO ROMANCE HISTÓRICO TRADICIONAL

Os caminhos para que compreendamos os termos “renarrativização” e “ressignificação” são múltiplos quando nos atentamos ao gênero romance histórico. O grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização” tem se dedicado amplamente a discutir tais proposições de modo a estabelecer distintas possibilidades interpretativas a partir do contato com o gênero literário em questão. Desse modo, ao abordarmos um romance em que a ideologia

que perpassa a obra comunga com as proposições de uma escrita histórica de cunho positivista, cujo olhar patriarcal/eurocêntrico é a base para interpretar o passado, depreendemos que essa composição consiste em mais uma forma de narrar o passado – ou seja, a escrita historiográfica deixa de ser a única –, o que significa que ela não promoverá caminhos outros de interpretação sobre o que houve e o que foi registrado.

Por outro lado, ao pensarmos no termo “ressignificação”, estamos diante de uma escrita revisionista, que aborda o passado a partir de nuances distintos, que não foram, necessariamente, narrados pela historiografia oficializada dos séculos XIX e XX, principalmente. Portanto, quando utilizamos o termo ‘ressignificação’, expomos que nossa análise e vinculação se dão a partir de uma reinterpretação do passado por meio de obras críticas e questionadoras dos padrões impostos pela empreitada colonizadora.

Abordar uma narrativa ficcional que se caracteriza como histórica requer uma manipulação de duas áreas de conhecimento que, ao se relacionarem, serão, seguramente, afetadas de forma mútua, ainda que a essência da escrita seja a ficcional. Antes, contudo, de propormos uma reflexão sobre a relevância do adjetivo histórico e as distintas possibilidades de manipulação desse discurso ao ser inserido em uma escrita literária, é indispensável revisitarmos as origens do gênero romanesco e o que sua ascensão revela sobre a sociedade ocidental do século XVIII durante o processo de ascensão da burguesia.

Historicamente, durante o período de transição entre o feudalismo e a burguesia, em que há o renascimento da atividade comercial no final da idade média, séculos XVII e XVIII, de acordo com Watt ([1957] 2001), uma nova configuração cultural entra em voga: o Iluminismo. No âmbito da produção artística, algumas mudanças são fulcrais para delinear os sujeitos que estavam inseridos nesse contexto.

Dessa forma, ao focalizar a concepção do mundo a partir de seu aspecto científico, todas as certezas de um estado absolutista entram em tensão. É nesse período, também, que o letramento – advindo do mais recorrente acesso à educação por parte das outras classes sociais, não somente a elite – e o acesso a essa leitura atingem uma maior parte da população, deixando de ser exclusividade da elite aristocrática, que estava em decadência. Assim, por sua edificação junto a um novo arranjo social – a burguesia –, o gênero narrativo do período perde seu aspecto

fechado e homogêneo, cedendo espaço a uma nova configuração dessa modalidade, um distinto modo de retratar o social. É, pois, o romance a forma utilizada para tanto.

O romance, nesse contexto, configura-se em uma nova formulação para o gênero épico que ascenderá e, inevitavelmente, suplantará a epopeia. Georg Lukács (1885 – 1971), na obra *A Teoria do Romance - Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica* ([1954] 2007), discorre sobre essa especificidade ao traçar uma análise de natureza filosófica-estética acerca das transformações sofridas pelo gênero narrativo. Somos, assim, levados por sua escrita apurada ao depreender, já por um olhar distanciado, que o século XVIII sofre rupturas paradigmáticas. Ao iniciar sua análise, o teórico húngaro propõe uma reflexão acerca da escrita em prosa, como verificamos no fragmento a seguir exposto:

Somente a prosa pode então abraçar com igual vigor as lamúrias e os lauréis, o combate e a coroação, o caminho e a consagração; somente sua desenvolta ductibilidade e sua coesão livre de ritmo captam com igual força os liames e a liberdade, o peso dado e a leveza conquistada ao mundo, que passa então a irradiar com imanência o sentido descoberto. (LUKÁCS, 2007, p. 58).

Para Lukács (2007), a prosa comungaria, em sua escrita, os extremos compartilhados pela atividade humana. Apenas ela poderia transpor a experiência e manifestar-se na produção artística. Diante dessa escolha analítica pelo gênero narrativo, Lukács (2007) estabelece um comparativo entre a epopeia e o romance. Para o teórico, “a epopéia [sic] dá forma a uma totalidade de vida fechada a partir de si mesma, o romance busca descobrir e construir, pela forma, a totalidade oculta da vida.” (LUKÁCS, 2007, p. 60).

Frente a tais pormenores, depreende-se que a concepção de mundo existente no universo de uma epopeia é homogênea e fechada em si mesma, diferentemente do romance, em que distintos caminhos são possíveis e a totalidade da vida é intangível. Com relação à escrita romanesca, Lukács (2007, p. 60) ressalta que “[...] a intenção fundamental determinante da forma do romance objetiva-se como psicologia dos heróis romanescos: eles buscam algo.” Há, portanto, nessa modalidade escritural, uma inquietação diante da busca pela totalidade do mundo, ainda que impraticável, como fica claro em: “o romance é a epopeia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada como evidente, para a qual a

imanência do sentido à vida tornou-se problemática, mas que ainda assim tem por intenção a totalidade.” (LUKÁCS, 2007, p. 55).

É nessa modalidade que uma perspectiva mais individualizada de herói passa a ser construída, constituindo, assim, uma menor idealização ao que tange à ideia de destino. Desse modo, “o romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesma, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência.” (LUKÁCS, 2007, p. 91). Nesse sentido, compreendemos que a singularidade do romance consiste no fato de ele ser, como afirma Fleck (2014), uma composição que resume em si as crenças, os valores, os ideais e as frustrações que receberam protagonismo ao serem tratados e retratados ao longo dos últimos séculos.

O gênero romanesco é fruto de um período que não pode mais ser predeterminado e que exige que a razão seja o centro do desenvolvimento social. Os acontecimentos, dessa forma, deixam de fazer parte de um repertório previsível de expectativas e o destino dos homens e das mulheres não está reservado ao destino da comunidade, como costumava se desenrolar nas epopeias, em que o mundo interior e o exterior fluíam em harmonia, constituindo uma realidade totalizante.

No romance – assim como na sociedade ocidental a partir do século XVIII – os indivíduos descobrem-se responsáveis por suas escolhas e enfrentam as imposições de todas as naturezas, sejam comerciais, religiosas ou políticas. Há na classe em ascensão – a burguesia, fortalecida pelo mercantilismo e, depois, pela industrialização – um entendimento, ainda que incipiente, da irrevogável cisão entre dois mundos opostos: o absoluto e o variável, esse último, em constante busca de sua própria definição.

As profícuas discussões realizadas por Ian Watt, em *The Rise of the Novel* ([1957] 2001), apresentam alguns pormenores relevantes para compreendermos o gênero romanesco. Em linhas gerais, a obra disserta sobre três autores ingleses – Daniel Defoe (1661 – 1731), Samuel Richardson (1689 – 1761) e Henry Fielding (1707 – 1754) – e suas obras paradigmáticas escritas dentro da mesma geração – *Robinson Crusoe* (1719), *Moll Flanders* (1722), *Pamela* (1740), *Clarissa* (1748) e *Tom Jones* (1749) –, que possuem especificidades afins, e serão, posteriormente, classificadas como romance. Além disso, Watt (2001) analisa essa nova forma de

escrita ficcional por meio de distintos ângulos – o realismo, o público leitor, o individualismo, o amor e a experiência privada –, justificando as razões para ascensão do referido gênero. Vale ressaltar que esse novo modelo de escrita ficcional possui suas primeiras aparições no século XVIII, na Europa, e chega à América Latina já no século seguinte, assunto que abordamos na sequência.

No que tange ao entendimento do gênero, é fundamental diferenciarmos, no inglês, os termos *romance* e *novel*, uma vez que Watt (2001, p. 10) deixa claro, já nas primeiras páginas, que esse novo modelo de escrita envolve “*a break with the old fashioned romances*,”¹⁹⁶ e que receberia o nome “*novel*” apenas no final do século XVIII. Assim, de forma semelhante ao que acontece na língua portuguesa, a partir da dualidade de sentidos do termo, podendo significar uma relação amorosa e uma escrita ficcional em prosa, podemos depreender que, na língua inglesa, as duas formas são escritas ficcionais em prosa que se distinguem a partir do desenvolvimento da diegese. De modo amplo, temos que, no âmbito cultural anglófono, o “*romance*” é uma narrativa não mimética, que dá espaço ao exótico e à fantasia e, em contrapartida, a palavra “*novel*” designa uma construção mimética, que descreve o mundo em sua fatualidade e previsibilidade.

Walter Scott escreve, em 1824, o texto intitulado *Essay on Romance*, em que aborda a origem da palavra *romance*, que, antes de estar relacionada a um gênero literário, correspondia a um dialeto europeu fundado a partir do latim. De acordo com o romancista,

[...] *the most noted metrical tales or chronicles of the middle ages were usually composed in the Romance or French language, which being spoken both at the Court of Paris and that of London, under the kings of the Norman race, became in a peculiar degree the speech of love and Chivalry*¹⁹⁷. (SCOTT, 1824, p. 131, 132).

A transferência de significado acontece de forma gradativa já a partir do século XIV. Para Scott (1824, p. 132), “*thus, very naturally, though undoubtedly by slow degrees, the very name romaunt, or romance, came to be transferred from the*

¹⁹⁶ Nossa tradução livre: [...] uma ruptura com os romances antigos. (WATT, 2001, p. 10).

¹⁹⁷ Nossa tradução livre: [...] os contos ou crônicas-métrica mais notáveis da Idade Média eram geralmente compostos na língua românica ou francesa, que sendo falada tanto na corte de Paris quanto na de Londres, sob os reis da raça normanda, tornou-se em um grau peculiar o discurso de amor e cavalheirismo. (SCOTT, 1824, p. 131, 132).

*language itself to that peculiar style of composition in which it was so much employed, and which so commonly referred to it*¹⁹⁸.” Assim, temos um estilo de escrita conhecido por “romance” que, até a contemporaneidade, é produzido e consumido pelo público brasileiro. Esse abarca, como já mencionamos, uma escrita dramática em prosa. Entretanto, na língua inglesa, especificamente, outro termo entra em evidência a partir do século XVIII: *the novel*.

Na perspectiva de Scott (1824), esses dois gêneros diferenciam-se em sua essência. *The novel* está relacionado a uma escrita que abarca níveis mais ordinários de existência, além do cômico. Para o romancista,

[...] *such jocular English narratives as the Wife Lapt in Moril's Skin, The Friar and the Boy, and similar humorous tales: of which the reader will find many examples in Riston's Ancient English Poetry, and in other collections. The scene of these gestes being laid in low, or at least in ordinary life, they approach in their nature more nearly to the class of novels, and may perhaps be considered as the earliest specimens of that kind of composition*¹⁹⁹. (SCOTT, 1824, p. 143).

Assim, fica claro que o leitor, no contexto do universo anglófono, estaria diante de duas escritas distintas. O “romance” – como uma narrativa que consiste em incidentes incomuns e maravilhosos – e a “novela” – em uma tradução ao português – que, a partir da verossimilhança de sua composição, perfila traços factuais das relações sociais. Dessa forma, O crítico canadense Northrop Frye (1912 – 1991), em sua obra *Anatomy of Criticism* (1957), corrobora a mesma perspectiva ao diferenciar os dois gêneros. Para o referido autor,

[...] *the essential difference between novel and romance lies in the conception of characterization. The romancer does not attempt to create "real people" so much as stylized figures which expand into psychological archetypes. It is in the romance that we find Jung's*

¹⁹⁸ Nossa tradução livre: Assim, muito naturalmente, embora indubitavelmente em graus lentos, o próprio nome romaunt, ou romance, veio a ser transferido da própria linguagem para aquele estilo peculiar de composição em que era tão empregado e que tão comumente se referia a ele. (SCOTT, 1824, p. 132).

¹⁹⁹ Nossa tradução livre: [...] narrativas inglesas jocosas como *The Wife Lapt in Moril's Skin, The Friar and the Boy*, e contos humorísticos semelhantes: dos quais o leitor encontrará muitos exemplos na *Ancient English Poetry*, de Riston, e em outras coleções. A cena dessas gestas, sendo postas no nível de baixo [ordinário], ou pelo menos na vida comum, aproximam-se, em sua natureza, mais à classe dos romances [novels], e, talvez, possam ser considerados os primeiros espécimes desse tipo de composição. (SCOTT, 1824, p. 143).

*libido, anima, and shadow reflected in the hero, heroine, and villain respectively. That is why the romance so often radiates a glow of subjective intensity that the novel lacks, and why a suggestion of allegory is constantly creeping in around its fringes*²⁰⁰. (FRYE, 1957, p. 304).

Contudo, é ao falar do “romance moderno” que Frye (1957, p. 305) afirma que ele pode ser, facilmente, compreendido como uma novela. Vejamos como se expressa o teórico a respeito do tópico: “[...] *there is hardly any modern romance that could not be made out to be a novel, and vice-versa. The forms of prose fiction are mixed, like racial strains in human beings, not separable like the sexes*²⁰¹.” Assim, a diferença entre os referidos termos possui um limite muito tênue e, na contemporaneidade, sua diferenciação cabe mais a uma discussão metodológica do que a uma distinção prática e usual.

A partir desse território instável das traduções teóricas, inclinemos nosso olhar para a popularização dessa distinta forma de escrita que ascende no século XVIII na Europa e que é conhecida no Brasil como romance, somente. Nesse sentido, Watt (2001) apresenta algumas características definidoras desse novo gênero. A primeira delas consiste na experiência individual que conduz à escrita de enredos originais que se distanciam da mitologia, da história e das lendas, comuns nas literaturas antecedentes. O romance, assim, estaria vinculado ao “realismo formal”²⁰². De acordo com o teórico,

This use of ‘realism’, however, has the grave defect of obscuring what is probably the most original feature of the novel form. If the novel were realistic merely because it saw life from the seamy side, it would only be an inverted romance; but in fact it surely attempts to portray all the varieties of human experience, and not merely those suited too one particular literary perspective: the

²⁰⁰ Nossa tradução livre: [...] a diferença essencial entre romance/novela e o romance está na concepção de caracterização. O romancista não tenta criar “pessoas reais”, como figuras estilizadas que se expandem em arquétipos psicológicos. É no romance que encontramos a libido, a ânime e a sombra de Jung refletidas no herói, na heroína e no vilão, respectivamente. É por isso que o romance irradia tantas vezes um brilho de intensidade subjetiva que falta ao romance/novela, e, também, porque uma sugestão de alegoria torna-se, constantemente, perceptível em seus pormenores. (FRYE, 1957, p. 304).

²⁰¹ Nossa tradução livre: [...] quase não há romance moderno que não possa ser interpretado como romance/novela, e vice-versa. As formas de ficção em prosa são mistas, como as tensões raciais nos seres humanos, não separáveis como os sexos. (FRYE, 1957, P. 305).

²⁰² O conceito de “realismo formal” diz respeito a um modo de narrar em que o romance perfila sua escrita a partir de uma visão focalizada na circunstância.

*novel's realism does not reside in the kind of life it presents, but in the way it presents*²⁰³. (WATT, 2001, p. 11).

O realismo, portanto, inserido nessa modalidade de escrita, não é aquele que, futuramente, estará associado às correntes positivistas, mas configura-se como um elemento que traz à tessitura da obra aspectos que fogem à generalização. Desse modo, as especificidades desse novo gênero são as seguintes, de acordo com Watt (2001): a originalidade e a novidade; a particularidade; o indivíduo; o tempo e o espaço; a experiência e o estilo.

Ao pensarmos na originalidade e novidade, verificamos como o romance lida com a ausência de convenções formais, o que o leva a uma remodelação da própria diegese, que deixa de reciclar temas históricos tradicionais. Para Watt (2001, p. 13), *“the novel is thus the logical literary vehicle of a culture which, in the last few centuries, has set an unprecedented value on originality, on the novel; and it is therefore well named*²⁰⁴.”

Contudo, o teórico inglês ressalta que muito além do enredo deveria ser mudado na tradição da ficção, uma vez que as personagens e a própria trama precisavam partir de uma nova perspectiva literária. Vejamos como ele expressa isso no fragmento a seguir destacado: [...] *“the plot had to be acted out by particular people in particular circumstances, rather than, as had been common in the past, by general human types against a background primarily determined by the appropriate literary convention*²⁰⁵.” (WATT, 2001, p. 15).

Dessa forma, além de uma história nova, com conflitos que se amalgamam à personagens mais individualizados, que até recebem nomes próprios²⁰⁶, o romance

²⁰³ Nossa tradução livre: Esse uso de “realismo”, no entanto, tem o grave defeito de obscurecer o que é, provavelmente, a característica mais original da forma do romance/novela. Se o romance/novela fosse realista apenas porque via a vida pelo lado obscuro, seria apenas um romance invertido; mas, na verdade, ele, certamente, tenta retratar todas as variedades da experiência humana, e não apenas aquelas adequadas a uma perspectiva literária particular: o realismo do romance/novela não reside no tipo de vida que apresenta, mas na maneira como o apresenta. (WATT, 2001, p. 11).

²⁰⁴ Nossa tradução livre: o romance/novela é, assim, o veículo literário lógico de uma cultura que, nos últimos séculos, atribuiu um valor sem precedentes à originalidade, ao novo; e, portanto, é bem nomeado. (WATT, 2001, p. 13).

²⁰⁵ Nossa tradução livre: [...] o enredo tinha que ser representado por pessoas particulares em circunstâncias particulares, em vez de, como era comum no passado, por tipos humanos gerais contra um pano de fundo determinado, principalmente, pela convenção literária apropriada. (WATT, 2001, p. 15).

²⁰⁶ Segundo Watt (2001, p. 18) é o romance/novela que estabelece na literatura a função de configurar sujeitos específicos a partir de nomes próprios.

apresenta uma detalhada descrição do ambiente de ação das personagens inseridos em um recorte temporal específico. Isso ocorre porque, para Watt (2001, p. 21), “[...] *the characters of the novel can only be individualised if they are set in a background of particularised time and place*²⁰⁷.”

Fica evidente, portanto, que a própria noção de tempo na sociedade ocidental estava em transformação e já não correspondia às premissas renascentistas. O gênero que estava em ascensão no século XVIII compreende o tempo como “[...] *a shaping force of a man’s individual and collective history*²⁰⁸.” (WATT, 2001, p. 22). O romance, portanto, articula o tempo de uma forma completamente livre, como se ele fosse por si só um agente modelador de acontecimentos²⁰⁹.

De forma correlata, Watt (2001) ressalta que um estudo mais objetivo da história acontece a partir das décadas finais do século XVII, estabelecendo, com maior clareza, uma distinção entre o passado e o presente. Segundo comenta o crítico, “*at the same time Newton and Locke presented a new analysis of the temporal process*²¹⁰.” (WATT, 2001, p. 24). Assim, com a compreensão mais clara das diferenças entre o presente e o passado, não há como o indivíduo ignorar a

²⁰⁷ Nossa tradução livre: [...] as personagens do romance só podem ser individualizadas se estiverem inseridas em um pano de fundo de tempo e lugar particularizados. (WATT, 2001, p. 21).

²⁰⁸ Nossa tradução livre: [...] uma força modeladora da história individual e coletiva de um homem. (WATT, 2001, p. 22).

²⁰⁹ Ainda sobre o tempo: The role of time in ancient, mediaeval and renaissance literature is certainly very different from that in the novel. The restriction of the action of tragedy to twenty-four hours, for example, the celebrated unity of time, is really a denial of the importance of the temporal dimension in human life; for in accord with the classical world’s view of reality as subsisting timeless universals, it implies that the truth about existence can as fully unfolded in the space of a day as in the space of a lifetime. [...] They focus attention, not on the temporal flux, but on the supremely timeless fact of death; their role is to overwhelm our awareness of daily life so that we shall be prepared to face eternity. [...] Shakespeare’s sense of the historical past, for example, is very different from the modern one. [...] In this Shakespeare reflects the view of his age: he had been dead of thirty years before the word ‘anachronism’ first appeared in English, by which, whatever the period, the wheel of time churns out the same eternally applicable *exempla*. (WATT, 2001, p. 23). Nossa tradução livre: O papel do tempo na literatura antiga, medieval e renascentista é certamente muito diferente daquele no romance. A restrição da ação da tragédia a vinte e quatro horas, por exemplo, a celebrada unidade do tempo, é realmente uma negação da importância da dimensão temporal na vida humana; pois de acordo com a visão do mundo clássico da realidade como universais atemporais subsistentes, isso implica que a verdade sobre a existência pode ser totalmente desdobrada no espaço de um dia como no espaço de uma vida. [...] Eles focalizam a atenção, não no fluxo temporal, mas no fato supremamente atemporal da morte; seu papel é sobrecarregar nossa consciência da vida cotidiana para que estejamos preparados para enfrentar a eternidade. [...] O sentido do passado histórico de Shakespeare, por exemplo, é muito diferente do moderno. [...] Nisso, Shakespeare reflete a visão de sua época: ele estava morto há trinta anos antes que a palavra ‘anacronismo’ aparecesse pela primeira vez em inglês, pela qual, seja qual for o período, a roda do tempo produz os mesmos exemplos eternamente aplicáveis. (WATT, 2001, p. 23).

²¹⁰ Nossa tradução livre: [...] ao mesmo tempo, Newton e Locke apresentavam uma nova análise do processo temporal. (WATT, 2001, p. 24).

dimensão espacial tanto a da vida empírica quanto a da proposição ficcional. O tempo e o espaço são dinâmicos e precisam de delimitações, uma vez que o mundo deixa de ser homogêneo para a sociedade europeia à época. No que tange, especificamente, à escrita literária, Watt (2001, p. 26) aborda que,

*[...] place was traditionally almost as general and vague as time in tragedy, comedy and romance. Shakespeare, as Johnson tells us, 'had no regard to distinction of time of place'; and Sidneys Arcadia was as unlocalized as the Bohemian limbos of the Elizabethan stage. In the picaresque novel, it is true, and in Bunyan, there are many passages of vivid and particularised physical description; but they are incidental and fragmentary*²¹¹.

Desse modo, ao compreendermos essa nova narrativa, que cresce em popularidade por meio de especificidades, até então inéditas, conduzindo suas personagens como figuras verossímeis, inseridas em um tempo-espaço específico, que influencia suas ações, vislumbraremos o romance como uma fonte autêntica das experiências dos indivíduos. Aqui, a dualidade existente entre estilo x substância estabelece um novo paradigma, uma vez que há a intencionalidade do autor ao promover uma relação entre as palavras e as coisas mais direta e menos retórica.

Somada a essa característica, há, no romance, a constante utilização da linguagem referencial, como verificamos nas reflexões do teórico, ao mencionar que *"it would appear, then, that the function of language is much more largely referential in the novel than in other literary forms; that the genre itself works by exhaustive presentation rather than by elegant concentration"*²¹². (WATT, 2001, p. 30). As possíveis manipulações da linguagem têm, assim, solo fértil no romance.

Nesse sentido, em linhas gerais, verificamos que esse estabelecimento de uma realidade possível na escrita literária, próxima ao horizonte de expectativa dos leitores – sobre o qual falamos na sequência – permite que uma identificação seja criada a partir de uma correspondência possível entre a vida e a arte. O romance, portanto, quebra paradigmas e, por sua complexa definição e inerente aproximação

²¹¹ Nossa tradução livre: O lugar era, tradicionalmente, quase tão generalizado e vago quanto o tempo na tragédia, comédia e romance. Shakespeare, como Johnson nos diz, "não se importava com a distinção de tempo ou lugar"; e Sidneys Arcadia era tão deslocalizados quanto os limbos boêmios do estágio elisabetano. No romance picaresco, é verdade, e em Bunyan, há muitas passagens de descrição física vívida e particularizada; mas são incidentais e fragmentários. (WATT, 2001, p. 26).

²¹² Nossa tradução livre: [...] parece, então, que a função da linguagem é muito mais referencial no romance do que em outras formas literárias; que o próprio gênero funciona por apresentação exaustiva e não por concentração elegante. (WATT, 2001, p. 30).

à realidade vivida e possível, estabelece um distinto modo de escrever ficção que se manterá pelos séculos seguintes.

Na sequência, compreendidas as especificidades principais desse novo gênero, refletimos, como propõe Watt (2001), acerca do público leitor e da mediação que leva à ascensão do romance como gênero literário. Primeiramente, Watt (2001) ressalta que o tamanho do público leitor, no século XVIII, era muito pequeno se comparado à contemporaneidade. Em uma população de cerca de seis milhões de pessoas na Europa, estima-se que havia cerca de 80 mil leitores já no final do século. Para chegar a esse número, as análises partem da melhor e mais confiável fonte de evidência da época: jornais e periódicos. De acordo com Watt (2001, p. 36):

[...] one figure, that of 43,800 copies sold Weekly in 1704, implies less than one newspaper buyer per hundred persons per week; and another later figure, of 23,673 copies sold daily in 1753, suggests that although the newspaper buying public tripled in the first half of the century, it remained a very small percentage of the total population²¹³.

Diante de um número tão reduzido de leitores de jornais, Watt (2001) ressalta que a venda de livros ainda era contabilizada em dezenas de milhares em todo o continente. Essa tendência justifica-se a partir de alguns fatores elencados pelo referido teórico, como o acesso reduzido ao letramento, “*literacy in the modern sense of a bare capacity to read and write their mother tongue²¹⁴.*” (WATT, 2001, p. 37). Vemos, assim, que o domínio da leitura e da escrita foi, também na Europa, um privilégio que, por muito tempo, esteve centrado na elite.

A possibilidade de frequentar escolas nesse período era um privilégio de poucos, e a permanência de alunos em instituições de ensino era casual e intermitente. As classes menos privilegiadas sofriam ainda mais, poucas crianças frequentavam o ambiente escolar depois dos seis anos. Além disso, ressalta-se que

²¹³ Nossa tradução livre: [...] um número, o de 43.800 exemplares vendidos semanalmente em 1704, implica menos de um comprador de jornal por cem pessoas por semana; e outro número posterior, de 23.673 exemplares vendidos diariamente em 1753, sugere que, embora o público comprador de jornais tenha triplicado na primeira metade do século, isso se manteve uma percentagem muito pequena do total da população. (WATT, 2001, p. 36).

²¹⁴ Nossa tradução livre: [...] alfabetização no sentido moderno de uma simples capacidade de ler e escrever sua língua materna. (WATT, 2001, p. 37).

havia, no século XVIII, objeções utilitaristas e mercantilistas à oferta de educação aos pobres²¹⁵.

Outro fator que implicava na impossibilidade de a população frequentar escolas diz respeito, também, ao avanço industrial nas grandes cidades, que empregava crianças a partir dos cinco anos de idade por longas horas durante anos. Assim, a leitura passa a ser uma habilidade acessada apenas pelas classes mais abastadas e, mesmo assim, com ressalvas. Vejamos como o teórico aponta isso em suas reflexões:

*Being able to read was a necessary accomplishment only for those destined to the middle-class occupations – commerce, administration and the professions; and since reading is inherently a difficult psychological process and one which requires continual practice, it is likely that only a small proportion of the laboring classes who were technically literate developed into active members of the reading public, and further, that the majority of these were concentrated in those employments where reading and writing as a vocational necessity*²¹⁶. (WATT, 2001, p. 40).

Diante de um grupo de leitores fluentes mínimo, soma-se a isso o fato de que o preço dos livros era inacessível para a maior parte da população, pois *“the less affluent readers would not have been able to afford the French heroic romances, usually published in expensive folios*²¹⁷.” (WATT, 2001, p. 41). Em contrapartida, os romances que começavam a ser escritos naquele ínterim possuíam um valor menos robusto, mas ainda fora do alcance de muitos. De acordo com o teórico,

²¹⁵ Nesse sentido, destaca-se o fato de que “the current attitude was expressed by Bernard Mandeville with his usual forthrightness in his *Essay on Charity and Charity Schools* (1723): ‘Reading, writing and arithmetic, are... very pernicious to the Poor... Men who are to remain and end their days in a laborious, tiresome and painful station of life, the sooner they are put upon it at first, the more patiently they’ll submit to it ever after.’” (WATT, 2001, p. 39). Nossa tradução livre: a referida atitude foi expressa por Bernard Mandeville com sua franqueza habitual em seu texto sobre Caridade e Escolas de Caridade (1723): ‘Ler, escrever e aritmética, são... muito perniciosos para os pobres... Homens que devem permanecer e terminar seus dias em uma fase laboriosa, cansativa e dolorosa da vida, quanto mais cedo forem colocados nela, mais pacientemente se submeterão a ela para sempre.’” (WATT, 2001, p. 39).

²¹⁶ Nossa tradução livre: Saber ler era uma conquista necessária apenas para aqueles destinados às ocupações da classe média – comércio, administração, entre outros –; e uma vez que a leitura é inerentemente um processo psicológico difícil e que requer prática contínua, é provável que apenas uma pequena proporção das classes trabalhadoras, que eram tecnicamente alfabetizadas, viesse a se tornar membro ativo do público leitor e, além disso, a maior parte dessa parcela estava concentrada naqueles empregos em que ler e escrever eram uma necessidade vocacional. (WATT, 2001, p. 40).

²¹⁷ Nossa tradução livre: [...] os leitores menos afluentes não teriam condições de pagar os romances heroicos franceses, geralmente publicados em fólhos caros. (WATT, 2001, p. 41).

[...] *they gradually came to be published in two or more small duodecimo volumes, usually at 3s. bound, and 2s. 3d. in sheets. Thus Clarissa appeared in seven and later eight volumes, Tom Jones in six. The prices of novels, then, though moderate compared to larger books, were still far beyond the means of any except the comfortably off: Tom Jones, for example, cost more than a labourer's weekly wage*²¹⁸. (WATT, 2001, p. 42)

Assim, em progressão lenta, mas constante, atingindo apenas um recorte de indivíduos na sociedade, o gênero romanesco passa a ascender e a se popularizar. Expostas as ressalvas, é fundamental compreendermos que esse é o início de uma escrita que alcançaria mais leitores por, pelo menos, dois fatores: o valor de sua publicação e a verossimilhança de sua diegese.

Outros dois recursos facilitaram a expansão do gênero: o primeiro foi o fato de ele ser publicado em jornais e, portanto, alcançar um público maior e mais variado; o segundo diz respeito ao sucesso de bibliotecas circulantes, implementadas a partir de 1740, que, de acordo com Watt (2001), tinham os romances como atração principal. Para o teórico, [...] *“there can be little doubt that they led to the most notable increase in the reading public for fiction which occurred during the century*²¹⁹.” (WATT, 2001, p. 43).

Nesse sentido, a popularização do romance como gênero distinto e mais próximo à realidade finissecular europeia atinge, por consequência, um público específico com maior intensidade: as mulheres; ainda que a elas coubesse a educação dos filhos, a pouca privacidade para ler e a exígua fonte de luz disponível. As razões para tanto residem no fato de que as mulheres de classe média e alta tinham à sua disposição maior tempo livre e, portanto, mais disponibilidade para se dedicarem à leitura²²⁰.

²¹⁸ Nossa tradução livre: [...] gradualmente passaram a ser publicados em dois ou menores volumes duodécimos, geralmente em 3s. ligado e 2s. 3d. em folhas. Assim *Clarissa* apareceu em sete e depois oito volumes, *Tom Jones* em seis. Os preços dos romances, então, embora moderados em comparação com os livros maiores, ainda estavam muito além dos meios de qualquer um, exceto os que tinham uma vida confortável: *Tom Jones*, por exemplo, custava mais do que o salário semanal de um trabalhador. (WATT, 2001, p. 42).

²¹⁹ Nossa tradução livre: [...] não há dúvida de que eles levaram ao aumento mais notável do público leitor de ficção que ocorreu durante o século. (WATT, 2001, p. 43).

²²⁰ Nesse sentido, destacamos que “many of the less well-to-do women also had much more leisure than previously. B. L. de Muralt had already found in 1694 that ‘even among the common people the husbands seldom make their wives work; and another foreign visitor to England, César de Saussure, observed in 1727 that tradesmen’s wives were ‘rather lazy, and few do any needlework’. These

Assim, com um maior acesso à leitura no século XVIII, na Inglaterra, principalmente, a popularização do ato de ler atinge um número de pessoas sem precedentes para o momento. Vale ressaltar que o público engajado nessa ação não buscava, necessariamente, a distração por meio do objeto literário, mas a instrução religiosa que, eventualmente, conduzia o sujeito à escrita ficcional.

Nesse trajeto, há, também, a produção de autores que combinavam ambos os aspectos e os inseriam em sua produção, como são os casos de Defoe (1660 – 1731) e Richardson (1689 – 1761). Desse modo, “*this compromise, between the wits and the less educated, between the belles-lettres and religious instruction, is perhaps the most important trend in the eighteenth-century literature [...]*”²²¹. (WATT, 2001, p. 50). Assim, a estreita relação entre o romance e os valores preconizados na sociedade é detectável desde a origem do gênero.

Com um novo nicho econômico, distinto de tudo o que havia disponível para população até então, os livreiros ascendem socialmente e cabe a eles financiar a publicação de obras e, por vezes, interferir na própria temática abordada. De acordo com Watt (2001, p. 53), “*the power of the booksellers to influence authors and audience was undoubtedly very great, and it is therefore necessary to inquire whether this power was in any way connected with the rise of the novel*”²²². Desse modo, fica-nos evidente que o romance só alcança a popularidade – guardada as devidas proporções – por meio de uma série de fatores que levam à conversão dessa fórmula – características escriturais, público leitor, financiamento de

reports reflect the great increase in feminine leisure which had been made possible by an important economic change. The old household duties of spinning and weaving, making bread, beer, candles and soap, and many others, were no longer necessary, since most necessities were now manufactured and could be bought at shops and markets. (WATT, 2001, p. 44). Nossa tradução livre: muitas das mulheres menos abastadas também tinham muito mais tempo livre do que antes. B. L. de Muralt já havia descoberto em 1694 que “mesmo entre as pessoas comuns os maridos raramente fazem suas esposas trabalhar; e outro visitante estrangeiro da Inglaterra, César de Saussure, observou em 1727 que as esposas dos comerciantes eram “bastante preguiçosas e poucas fazem bordados”. Esses relatos refletem o grande aumento do lazer feminino possibilitado por uma importante mudança econômica. As antigas tarefas domésticas de fiar e tecer, fazer pão, cerveja, velas e sabão, e muitas outras, não eram mais necessárias, pois a maioria das necessidades agora eram fabricadas e podiam ser compradas em lojas e mercados. (WATT, 2001, p. 44).

²²¹ Nossa tradução livre: [...] esse compromisso, entre os sábios e os menos instruídos, entre as belas-lettras e a instrução religiosa, talvez seja a tendência mais importante da literatura setecentista [...]. (WATT, 2001, p. 50).

²²² Nossa tradução livre: [...] o poder dos livreiros de influenciar os autores e o público era, sem dúvida, muito grande, e, portanto, é necessário indagar se esse poder estava de alguma forma relacionado com a ascensão do romance. (WATT, 2001, p. 53).

publicações – em uma mercadoria original e que gerava identificação direta com o seu consumidor.

Somos, assim, apresentados a uma breve genealogia do gênero romanesco em um contexto eurocêntrico, britânico, principalmente, em que essa nova forma literária atinge uma população mais abastada que, a partir daquele momento, fim do século XVII e início do século XVIII, busca mais uma forma de entretenimento por meio do texto literário. É inevitável não refletirmos, na sequência, sobre o desenvolvimento do gênero que, até a contemporaneidade, ainda se configura em uma tarefa de complexa definição. Além disso, levando em consideração a natureza latino-americana da presente escrita doutoral, é indispensável apropriarmos-nos da história da chegada dessa escrita em território latino-americano.

Desse modo, a primeira publicação de um romance na América Latina acontece já no século XIX, em 1816, intitulada *El Periquillo Sarniento*, de José Joaquín Fernández de Lizardi, que concentra sua narrativa a partir de um estilo que procede à antropofagia do picaresco para impregná-lo com o que havia de mais próprio no seu contexto de produção. Diferentemente das produções eurocêtricas anteriores, o que há em *El Periquillo Sarniento* configura-se em um processo literário antropofágico, como propõe Silviano Santiago (1971), uma vez que há a subversão de moldes já aplicados com sucesso em outros espaços geográficos a fim de criar uma narrativa contextualizada e que gerasse identificação com os leitores locais.

Por ser uma obra publicada no México, em um período em que a maior parte da população era analfabeta, o autor, possivelmente de modo intencional, busca escrever ao povo, pois, como afirma Del Pozo González (2018, p. 77) “[...] *se trata de una población mayoritariamente analfabeta, pero culta, que escuchaba las noticias, leídas por otros, pues buscaba siempre informarse y que, no contenta con eso, discutía las ideas recibidas*²²³.” Dessa forma, com o intento de divulgar sua mensagem a esse público especificamente, a referida pesquisadora aponta que o autor utiliza o dialeto popular mexicano, tendo sido duramente criticado pela elite em seu tempo. Assim, em linhas gerais, o romance de Lizardi (1816) insere em sua narrativa conselhos que têm como objetivo educar o seu leitor.

²²³ Nossa tradução livre: [...] trata-se de uma população, majoritariamente, analfabeta, mas culta, que ouvia as notícias, lidas por outros, porque sempre buscava informação e que, não contente com isso, discutia as ideias recebidas. (DEL POZO GONZÁLEZ, 2018, p. 77).

Para Del Pozo González (2018, p. 78), “*muchos lo tratan como un libro pedagógico, que lo es. Y sin embargo, se olvidan que la intención era propagandística anticolonial*”²²⁴.” Esse é o primeiro romance escrito na América Latina: crítico e desafiador. Sua tessitura tem como elemento de destaque não somente a fala popular, aspecto que facilitava a identificação com a população iletrada, mas, também, a exposição de eventos que denunciavam toda a costumeira corrupção na ‘Nueva España’, atual território mexicano.

Voltemos, neste momento, nossa análise para uma discussão acerca do romance histórico, mais especificamente, e suas primeiras aparições no início do século XIX. Como especificidade fundamental desse gênero, é possível verificar um entrelaçamento intencional e consciente entre ficção e história, ambos os discursos se envolvem e não há um limite facilmente verificável entre eles nesse espaço expressivo de arte. Ao leitor, cabe apenas o pacto ficcional de não exigir a comprovação histórica dos fatos narrados. Dessa forma, somos levados por essas narrativas ao passado e, por meio da tessitura romanesca, acessamos configurações outras acerca dos acontecimentos pretéritos.

É fundamental observar que, pela inacessibilidade ao passado, tudo o que sobre ele é registrado recebe a acentuação de quem manipula a linguagem para tornar esse recorte temporal inteligível. Ao historiador, há o compromisso com uma devida transparência e objetividade em seu discurso; ao literato, há, entre outros, a liberdade de tecer relatos ficcionais verossímeis, capazes de remodelarem o próprio imaginário do leitor acerca de determinado acontecimento histórico. Fleck (2014) discorre sobre os momentos inaugurais do gênero, apontando que,

[...] quando Walter Scott – ao escrever a obra *Waverley*, em 1814 – dá início a uma nova modalidade romanesca, o romance histórico, que buscou na história o contexto, bem como grande parte dos fatos, personagens e outros elementos que fariam parte do mundo ficcional do escritor, estabeleceu, também, o marco inicial deste percurso do gênero romanesco híbrido que ultrapassou fronteiras. (FLECK, 2014, p. 70).

Dessa forma, o romance histórico clássico, como classifica Fleck (2017), surge em um período próximo à queda de Napoleão (1815) e, de acordo com

²²⁴ Nossa tradução livre: [...] muitos o tratam como um livro pedagógico, o que, de fato, é. E, no entanto, eles se esquecem de que a intenção era a propaganda anticolonial. (DEL POZO GONZÁLEZ, 2018, p. 78).

Lukács (2011, p. 35), alguns fatores sociais contribuíram para sua origem: primeiramente, podemos pensar na ascensão da historiografia à época do Iluminismo, que abre caminhos para o fortalecimento das ideologias presentes na Revolução Francesa; na sequência, o teórico aponta à necessidade da construção de uma história racional que revolucionaria a “irracionalidade” do absolutismo feudal; por fim, na intenção de construir essa sociedade racional, livre e mais igualitária, os pressupostos iluministas voltam suas investigações à Antiguidade, às causas da grandeza e do declínio dos Estados antigos.

Esse é o terreno social em que Walter Scott inaugura um gênero híbrido, cujo desenvolvimento avança até a contemporaneidade. De acordo com Lukács (2011, p. 38),

[...] primeiro foi a Revolução Francesa, as guerras revolucionárias, a ascensão e a queda de Napoleão que fizeram da história uma *experiência das massas*, e em escala europeia. Entre 1789 e 1814, as nações europeias viveram mais revoluções que em séculos inteiros. E a celeridade das mudanças confere a essas revoluções um caráter qualitativamente especial, apaga nas massas a impressão de um “acontecimento natural”, torna o caráter histórico das revoluções muito mais visível do que costuma ocorrer em casos isolados. [...] Se a essa experiência vem unir-se o reconhecimento de que tais revoluções ocorrem no mundo inteiro, fortalece-se extraordinariamente o sentimento de que existe uma história, de que essa história é um processo ininterrupto de mudanças e, por fim, de que ela interfere diretamente na vida de cada indivíduo.

Foi esse sentimento de pertencimento que despertou nos cidadãos europeus, que já tinham acesso ao universo da leitura e compreendiam as amarras sociais, as possibilidades de ascensão, a importância da racionalidade e da ciência do século XIX a noção de que suas vivências estavam atreladas a um desfecho maior, ou seja, o destino de sua comunidade era, também, responsabilidade sua e, portanto, era urgente apropriar-se de sua história. Outro fator relevante destacado pelo referido teórico diz respeito a uma experiência de expansão dos horizontes quando camponeses franceses, que até então não haviam saído dos limites de suas cidades, passam a participar de guerras por todo o continente, a Europa torna-se, referencialmente, menor e mais acessível.

Sublinhamos, ainda, que tal entrecruzamento entre história e ficção não se tornou exclusividade desse gênero discursivo ficcional, pois toda produção literária reflete, também, seu período histórico; embora a intenção clara de produção híbrida

estabeleça uma diferença sensível na obra. Walter Mignolo (2001) comenta que poesia e história foram diferenciadas já em Aristóteles por meio do conceito de mimesis, que reside, em linhas gerais, na tendência natural que o homem tem de imitar ações preexistentes.

Palhares (2013), em seu artigo “A Mimese na Poética de Aristóteles”, elucida o termo ao comentar que “[...] a mimese não é dada como simples e pura duplicação do real, mas como algo capaz de criar o existente através de novas correlações, proporcionando bases para possíveis interpretações do mesmo.” (PALHARES, 2013, p. 16). Posteriormente, sobretudo a partir do século XIX, literatura e história adquiriram diferentes conotações, essa atuaria no campo das ciências, e aquela no campo das artes.

O que podemos observar, contudo, é que a representação histórica não se vale de produções literárias, em contrapartida; nada impede que o ficcional represente o histórico. Para Mignolo (2001, p. 125), “a convenção de ficcionalidade não é, ao que parece, uma condição necessária da literatura, ao passo que a adequação à convenção de veracidade, ao que parece, é condição necessária para o discurso historiográfico.” O referido teórico ainda elucida a possibilidade que os romances contemporâneos apresentam de retomar o discurso historiográfico por meio da ficção, ao mencionar que,

[...] no caso do romance contemporâneo, a imitação do discurso historiográfico e antropológico provém de uma oposição aos discursos antropológicos e historiográficos que criaram uma imagem da história ou de comunidades marginalizadas que o romancista procura corrigir ou, pelo menos, enfrentar. (MIGNOLO, 2001, p. 133).

Estamos diante, portanto, de uma escrita inegavelmente ideológica, que irá corroborar ou refutar os discursos impostos pela historiografia daqueles que tinham acesso ao poder e que, portanto, dominavam – por imposição – a materialidade da linguagem e a eficácia de sua divulgação. Nesse sentido, pela liberdade de sua estrutura e diegese, o romance histórico atinge um vasto número de leitores e é responsável, até mesmo, pela consolidação do sentimento de nação nos mais distintos territórios americanos.

A esse respeito, a pesquisadora estadunidense Doris Sommer, em sua obra intitulada *Foundational Fictions*²²⁵ (1991), ressalta que, à época das independências dos países latino-americanos, a escrita e a publicação de romances em grande medida laudatórios serviam a um propósito específico: solidificar projetos patrióticos nacionais. De acordo com a pesquisadora,

*[...] in the epistemological gaps that the non-science of history leaves open, narrators could project an ideal future. This is precisely what many did in books that became classic novels of their respective countries. The writers were encouraged both by the need to fill in a history that would help to establish the legitimacy of the emerging nation and by the opportunity to direct that history toward a future ideal*²²⁶. (SOMMER, 1991, p. 7).

Assim, a partir dessa ‘colonização’ do imaginário, representada por figuras ilustres, exemplares e fortes, dá-se a idealização dos projetos nacionais latino-americanos, por meio de uma via emocional, menos regrada e livre de qualquer comprovação documental, que é a literatura. Discursos históricos foram fortalecidos por uma série de romances que não buscavam ressignificar o passado, mas apenas renarrativizá-lo. Os registros históricos e literários foram produtos de uma elite euro-falocêntrica que soube manipulá-los de modo a perpetuar sua dominação, mesmo após os embates das guerras independentistas.

No que tange aos entrelaçamentos entre esses dois modos de registrar o passado, Albuquerque e Fleck (2015) apontam para a impossibilidade de separação desses dois constructos – literatura e história – ao assinalarem que são as convenções na comunidade linguística que preveem o estatuto de veracidade ou ficcionalidade das representações. Para tanto, é urgente uma tomada de consciência acerca da subjetividade e da pluralidade da linguagem a que cada texto está submetido para que, eventualmente, possamos abordar o discurso histórico como um produto idealizado a partir de ideologias específicas.

²²⁵ Ficções de Fundação

²²⁶ Nossa tradução livre: [...] nas lacunas epistemológicas que a não ciência da história deixa em aberto, os narradores poderiam projetar um futuro ideal. Isso é, exatamente, o que muitos fizeram em livros que se tornaram romances clássicos de seus respectivos países. Os escritores foram encorajados tanto pela necessidade de preencher uma história que ajudaria a estabelecer a legitimidade da nação emergente quanto pela oportunidade de direcionar essa história para um ideal futuro. (SOMMER, 1991, p. 7).

De modo convergente, Amando Alonso (1984, p. 7) inicia sua obra *Ensayo sobre La Novela Histórica* afirmando que “por ningún lado que se mire se le puede negar a la Historia la calidad de idóneo material poético²²⁷” e segue expondo que,

[...] *la historia quiere explicarse los sucesos, observándolos críticamente desde fuera y cosiéndolos con un hilo de comprensión intelectual; la poesía quiere vivirlos desde dentro, creando en sus actores una vida auténticamente valedera como vida, gracias al acto poético de instalarse el autor en cada uno de sus personajes, identificándose alternativamente con ellos, viviéndolos intensa y profundamente con una conciencia lúcida que le permite sentir y expresar con nitidez, presentativa y no explicativamente, hasta las más pequeñas raicillas de cada movimiento²²⁸*. (ALONSO, 1984, p. 12).

Assim, partimos dessa proposição, de que o entrelaçamento entre história e poesia não é característica tão somente do gênero romance histórico, mas, sim, de uma vasta produção literária ao longo dos séculos, e de que o agente configurador da diferenciação de um discurso e de outro reside no compromisso que um tem com a “verdade” histórica e o outro com a representação do sensível, a partir dos fenômenos históricos.

Marilene Weinhardt (1994) reflete acerca da escrita de narrativas históricas e ressalta a possibilidade que o gênero romance tem de ainda estar vivo e sujeito a alterações, podendo ser um intermediário no processo de revisão do discurso histórico. Para a pesquisadora, “o mundo do romance é o da esfera popular. Esta, tensionada pela revolução, pode revelar suas forças, o que faz com que surjam naturalmente os heróis que para a história são incógnitos.” (WEINHARDT, 1994, p. 51). Este é o caminho da atual pesquisa: propor um mergulho histórico e literário acerca de uma personagem de extração histórica, de modo a visitar sua trajetória e acentuar sua importância em um contexto de incontáveis ações que tinham como intuito minimizar sua pertinência no contexto independentista hispano-americano.

²²⁷ Nossa tradução livre: [...] para nenhum lado para o qual se olhe pode ser negada à história a qualidade de idóneo material poético. (ALONSO, 1984, p. 7),

²²⁸ Nossa tradução livre: [...] a história quer explicar os acontecimentos, observando-os criticamente de fora e os costurando com um fio de compreensão intelectual; a poesia quer vivê-los a partir de dentro, criando em seus atores uma vida autenticamente válida como a vida mesma, graças ao ato poético que o autor estabelece em cada um de seus personagens, identificando-se, alternadamente, com eles, eles vivem intensa e profundamente com a consciência limpa que lhes permite sentir e expressar claramente, presentativa e não explicativamente, até as menores raízes de cada movimento. (ALONSO, 1984, p. 12).

Dessa forma, temos o intento de refletir a respeito do primeiro momento da trajetória do romance histórico – constituído, inicialmente, pela modalidade clássica scottiana –, a fase acrítica, de acordo com os pressupostos teóricos de Fleck (2017). O mais reconhecido teórico dessa primeira fase apontada pelo referido teórico é Gyorgy Lukács (2011), ao analisar, a partir das obras de Walter Scott, algumas peculiaridades mais substanciais que caracterizam o romance histórico na gênese do gênero. Nas palavras do teórico, observamos que

[...] a grandeza de Scott está em dar vida humana a tipos sociais históricos. Antes de Scott, os traços humanos típicos, em que se evidenciam as grandes correntes históricas, jamais haviam sido figurados com tal grandiosidade, univocidade e concisão. E, acima de tudo, jamais essa tendência da figuração havia sido trazida conscientemente para o centro da representação da realidade. (LUKÁCS, 2011, p. 51).

Com relação ao protagonista dessa modalidade de narrativa híbrida, observamos que, de acordo com Lukács (2011, p. 49), “o ‘herói’ do romance scottiano é sempre um *gentleman* inglês mediano, mais ou menos medíocre.” Assim, ele, diferentemente do herói da epopeia, não se destaca por sua grandeza, mas se encerra em seu caráter médio. Na modalidade clássica, personagens históricos não protagonizam a narrativa, e toda a trama, portanto, é ficcionalizada e organizada de modo a adequar essa representação a um período histórico anterior ao que foi vivido pelo autor. Segundo o teórico, “ele [Scott] se esforça para figurar as lutas e as oposições da história por meio de homens que, em sua psicologia e em seu destino, permanecem sempre como representantes de correntes sociais e potências históricas.” (LUKÁCS, 2011, p. 50).

A importante produção de Walter Scott (1771 – 1832) influenciou toda a sociedade ocidental no que diz respeito ao tratamento dado pela literatura e pela própria ciência ao material histórico. Temas como o sentimento de nação e identidade foram largamente abordados em suas obras, já que suas produções retomavam recortes históricos que muito convinham ao período pós-revolução francesa. George Dekker (1987) discorre sobre as contribuições de Scott ao assinalar a importância da escrita de seu primeiro romance histórico. Segundo o estudioso,

[...] *the publication of Waverley in 1814 must be reckoned one of the major intellectual events of the nineteenth century. For in this tale of the 1745 Jacobite rebellion and in the half dozen novels of Scottish history with which he followed up its huge popular success, Scott developed a model of historical narrative that transformed the writing of fiction and history. Its influence was manifested in three principal ways. First and most important for the present discussion, Waverley and its early successors provided a flexible paradigm for historical romance, enabling other writers both to recognize and present a particular type of historical conflict in terms that seemed at once universal and authentically American or, as the case might be, Russian, Italia, Argentinian. Second, Scott's innovations in Waverley also enlarged the scope of the novel form generally by developing its historical consciousness (its conscience, too, for that matter) and by multiplying the variety of natural and social forces that impinged on its characters' behavior. Finally, his example inspired professional historians to reform their research methods and extend the range of interests and motives surveyed in their accounts of historical causation*²²⁹. (DEKKER, 1987, p. 29).

Desse modo, verificamos a potencialidade de uma narrativa romanesca que se tornou paradigmática para o desenvolvimento dessa modalidade clássica. Na escrita de Scott, observamos que o passado histórico serve como instrumento simbólico a fim de que as tensões do presente sejam vistas por uma perspectiva do pretérito. A mudança proporcionada a partir das produções de Scott foi tamanha que sua influência alcança até mesmo uma nova proposição de estudo da própria história. Segundo o pesquisador estadunidense,

[...] *this great extension of historiographical purview also involved a revolution in research methodology. Trevor-Roper points out that Scott departed from the normal practice of eighteenth-century historians by visiting the scenes of historical events, the better to*

²²⁹ Nossa tradução livre: A publicação de *Waverley*, em 1814, deve ser considerada um dos principais eventos intelectuais do século XIX. Isso porque, nesse relato da Rebelião Jacobina de 1745 e na meia dúzia de romances sobre a história escocesa com os quais ele seguiu seu enorme sucesso popular, Scott desenvolveu um modelo de narrativa histórica que transformou a escrita da ficção e da história. Sua influência se manifestou de três maneiras principais. Primeiro e mais importante para a presente discussão, *Waverley* e seus primeiros sucessores proporcionaram um paradigma flexível para o romance histórico, permitindo que outros escritores reconhecessem e apresentassem um tipo particular de conflito histórico em termos que pareciam, ao mesmo tempo, universais e, autenticamente, americanos ou como pode ser o caso, russo, italiano, argentino. Em segundo lugar, as inovações de Scott em *Waverley* também ampliaram o alcance da forma de romance, geralmente, desenvolvendo sua consciência histórica (sua própria consciência também) e multiplicando a variedade de forças naturais e sociais que influenciavam o comportamento de seus personagens. Finalmente, seu exemplo inspirou historiadores profissionais a reformar seus métodos de pesquisa e ampliar a gama de interesses e motivos pesquisados em suas contas de causalidade histórica. (DEKKER, 1987, p. 29).

*understand and describe them with precision*²³⁰. (DEKKER, 1987, p. 30).

A partir dessa composição de grande importância para a produção romanesca, que traça novos rumos para a própria percepção do passado, avançamos com o intento de compreender o trajeto que esse gênero híbrido traçou. Assim, Márquez Rodríguez, em 1996, elenca as características principais que norteiam a produção do romance histórico scottiano, algumas delas já percebidas por Lukács, mas sem serem sistematizadas até então. São elas:

*1. – Una especie de gran telón de fondo, de riguroso carácter histórico, construido a base de episodios ciertamente ocurridos en un pasado más o menos lejano del presente del novelista. [...]. 2. – Sobre ese telón de fondo, el novelista sitúa una anécdota ficticia, es decir, inventada por él, con episodios y personajes que no existieron en la realidad, pero cuyo carácter y significación son tales, que bien pudieron haber existido, [...]. 3. – Por regla general, las novelas de Scott, y todas las que han seguido sus lineamientos, presentan – por lo común, pero no necesariamente, dentro de la anécdota ficticia – un episodio amoroso, casi siempre desgraciado al correr de la novela, cuyo desenlace muchas veces puede ser feliz – como en *Ivanhoe*, de Scott, o *Los novios*, de Manzoni –, pero de igual modo puede ser trágico – como en *Salammbó*, de Flaubert. 4. – La anécdota ficticia constituye el primer plano de la narración, y en ella se enfoca la atención central del novelista y del lector. El contexto histórico es sólo eso, contexto, telón de fondo como arriba se dice [...]*²³¹. (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 1996, p. 22-23).

Desse modo, ao analisarmos as expressões do romance histórico clássico e as suas especificidades, apresentadas claramente por Márquez Rodríguez (1996), verificamos que a utilização do recurso historiográfico nessa modalidade não implica

²³⁰ Nossa tradução livre: Esta grande extensão da competência historiográfica também envolveu uma revolução na metodologia de pesquisa. Trevor-Roper observa que Scott partiu da prática normal dos historiadores do século XVIII, ao visitar as cenas dos eventos históricos, para melhor compreendê-los e os descrever com precisão. (DEKKER, 1987, p. 30).

²³¹ Nossa tradução livre: 1. - Uma espécie de grande pano de fundo, de rigoroso caráter histórico, construído de episódios certamente ocorridos em um passado mais ou menos distante deste romancista. [...]. 2. - Sobre este pano de fundo, o romancista sobrepõe uma história fictícia que é inventada por ele, episódios e personagens que não existem na realidade, mas cujo caráter e significado são tais que eles poderiam ter existido [...]. 3. - Como regra geral, os romances de Scott, e todos os que têm seguido as suas orientações, apresentam – geralmente, mas não necessariamente, dentro da história fictícia – um episódio amoroso, quase sempre infeliz no decorrer do romance, cujo desenlace, muitas vezes, pode ser feliz – como em *Ivanhoe*, de Scott, ou *Os Noivos*, de Manzoni – mas, igualmente, pode ser trágico – como em *Salammbó*, de Flaubert. 4. - A história fictícia constitui o primeiro plano da narrativa e nela se foca a atenção central do romancista e do leitor. O contexto histórico é só isso, contexto, contexto como acima foi dito. (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 1996, p. 22-23).

uma escolha revisionista, mas, sim, uma aproximação entre história e ficção, reforçando, pela literatura, o que os anais da história já haviam consagrado, em busca de uma identificação do leitor do presente com o passado idealizado. Celia Fernández Prieto (2003) nos indica que, já nessas primeiras escritas híbridas,

*[...] se invierte, pues, la tradicional jerarquización que colocaba a la historia por encima de la novela. Son muchos los testimonios que podrían aducirse para demostrar cómo la novela (histórica) suplanta a la historia. Por ejemplo puede recordarse la admiración que despierta Scott en historiadores como Thyerry, Michelet o el mismo Leopold Von Ranke, [...]*²³². (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 89).

Essa modalidade clássica de escrita não prevê nenhuma iniciativa de reinterpretar o passado histórico, que é utilizado apenas para arquitetar e ambientar a história de amor idealizada entre as personagens protagonistas puramente ficcionais, em determinado período histórico bem conhecido do leitor contemporâneo. Márquez Rodríguez (1996) aponta que

*[...] Walter Scott y sus seguidores procuraron ser siempre fieles a la historia. Lo cual, como se ha visto, no les impidió atenuar en sus novelas la importancia de los personajes y los acontecimientos históricos, en aras de aumentar la importancia y el relieve de los elementos ficticios, o de los hechos y personajes veraces de menos significación histórica*²³³. (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 1996, p. 32).

O recurso histórico servia, por assim dizermos, para complementar, subsidiar o enredo, sem que espaços fossem cedidos à criticidade, uma vez que tais perspectivas revisionistas ganhariam evidência em uma realidade outra, mais contemporânea, e já inserida no contexto do continente americano, principalmente.

Uma segunda modalidade de romance histórico, ambientado também na fase acrítica, diz respeito àquelas obras com algumas inovações feitas às bases do romance histórico scottiano no decorrer dos anos, tendo como uma das

²³² Nossa tradução livre: [...] inverte-se, portanto, a hierarquia tradicional que colocava a história acima do romance. Há muitos testemunhos que poderiam ser apresentados para demonstrar como o romance (histórico) suplanta a história. Por exemplo, pode-se recordar a admiração que Scott desperte em historiadores como Thyerry, Michelet ou mesmo Leopold Von Ranke, [...]. (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 89).

²³³ Nossa tradução livre: Walter Scott e seus seguidores procuraram ser sempre fiéis à história. Que, como vimos, não os impediu de reduzir em seus romances a importância das personagens e dos eventos históricos, a fim de aumentar a importância e a proeminência dos elementos de ficção, ou dos fatos e das verdadeiras personagens de menor importância histórica. (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 1996, p. 32).

especificidades marcantes a ficcionalização de personagens de extração histórica no primeiro plano da narrativa, além da possibilidade do emprego de um narrador em primeira pessoa. De acordo com Albuquerque e Fleck (2015, p. 43), na trajetória dessas escritas híbridas,

[...] começavam, pois, ainda no romantismo, a surgir as primeiras alterações no modelo scottiano de romance histórico. A tradição imposta, a princípio, pelos ditames scottianos no gênero híbrido do romance histórico dão passagem a outras formas de expressão literária híbrida. Essas passarão a constituir a modalidade do romance histórico tradicional.

Essa inovação aparece, primeiramente e de forma concomitante, no ano de 1826, em produções no continente americano e europeu com as obras *Cinq Mars*, de Alfred Vigny, e *Xicoténcatl*, de autoria anônima. Assim, estabelecia-se uma mudança de perspectiva para o romance histórico, em que personalidades históricas relegadas à ambientação da obra e não ocupando grande visibilidade, passam a ter o seu espaço de protagonização. Essas obras primeiras do período da ruptura são inclassificáveis no seu momento, pois rompem a normativa estabelecida até então pelo modelo scottiano e dão passagem a futuras produções híbridas de caráter diferenciado, especialmente pela releitura crítica dos eventos revisitados pela ficção.

Acerca dessa modificação escritural, iniciada ainda no período romântico, sabemos que o objetivo mais recorrente dessa modalidade que deriva da scottiana consiste na tentativa de corroborar, pela produção literária, o passado histórico consignado nos anais da história positivista, sendo esse o momento em que literatura e história se unem para reafirmar o discurso histórico de modo ainda mais assertivo. Celia Fernández Prieto (2003) traça comentários a respeito dessa mudança e aponta que,

[...] *en su proyecto de recrear el pasado, de reconstruirlo y resucitarlo imaginativamente, la novela histórica romántica declara su soporte documental y su intención de hacer conocer a los lectores de una forma amena aspectos del pasado histórico nacional. La novela aparece ahora como un buen auxiliar de la historiografía, como la posibilidad de completar la historia llegando hasta donde ella no puede llegar: los detalles de la vida privada, los acontecimientos*

*menudos, las costumbres, etc*²³⁴. (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 89).

Desse modo, uma série de romances ilustra a protagonização de personagens históricos de modo a reafirmar, pela literatura, o que a história já havia postulado. No entanto, as narrativas desse momento ainda seguem um modelo semelhante quando comparadas ao modelo clássico. O criticismo não será usado em grande medida e a história oficial determinará a diegese. Para essa categorização de romance, podemos pensar na aproximação existente entre autores e historiadores positivistas, com sua focalização voltada ao mesmo discurso, normalmente, vinculado aos princípios colonialistas e expansionistas europeus. A tendência tradicional, portanto, reforça a valorização histórica das personagens heroizadas por esse sistema cultural.

Com relação aos heróis, podemos inferir que esses, ao serem trazidos para um espaço de evidência, atuam na diegese para reafirmar a construção de sentidos já atribuída a eles anteriormente. Características que envolvam a valorização dos heróis nacionais ou ainda do herói colonizador encontram nessa modalidade um espaço fértil para se manifestarem.

De acordo com Sommer (1991, p. 9), "*novels would teach the people about their history, about their barely formulated customs, and about ideas and feelings that have been modified by still unsung political and social events*²³⁵." Assim, ainda que a referida pesquisadora não tenha projetado em seus estudos uma análise sobre distintas formas de romance histórico, sua análise sobre tais romances fundacionais é pertinente e dialoga com o que, a partir das reflexões de Fleck (2017), convencionou-se chamar de romances históricos tradicionais.

Portanto, duas são as produções referentes à fase acrítica teorizada por Fleck (2017). A primeira delas é a clássica, que já não ocupa um espaço popular. Romances históricos escritos na contemporaneidade, predominantemente, não se

²³⁴ Nossa tradução livre: [...] em seu projeto para recriar o passado, de o reconstruir e o ressuscitar imaginativamente, o romance histórico romântico declara seu apoio documental e sua intenção de fazer com que seus leitores conheçam, de uma forma amena, aspectos do passado histórico nacional. O romance aparece, agora, como um bom auxiliar da historiografia, com a possibilidade de preencher a história, chegando até onde ela não pode chegar: os detalhes da vida privada, os acontecimentos frequentes, os costumes, etc. (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 89).

²³⁵ Nossa tradução livre: Os romances ensinariam ao povo sobre sua história, sobre seus costumes mal formulados e sobre ideias e sentimentos que foram modificados por eventos políticos e sociais ainda desconhecidos. (SOMMER, 1991, p. 9).

utilizam das prerrogativas dessa modalidade, uma vez que os dois planos – ficcional e histórico – presentes em uma narrativa composta por um triângulo amoroso não encontram, por ora, espaço de inserção nas sociedades atuais.

A segunda produção é a tradicional que pode ser verificada em obras da atualidade e que busca, como já abordamos anteriormente, a exaltação de uma personagem histórica e seus feitos a partir da reafirmação do discurso oficial por meio da arte ficcional. Essa possibilidade é observada, principalmente, em celebrações de caráter histórico nas quais a produção de um romance que exalta a vida de um “herói” reforça características como bravura, coragem, determinação, colaborando com a acentuação de sentimentos de orgulho e honra em determinados espaços sociais e instituindo esse sujeito do passado como modelo para o presente do leitor.

Dessa forma, avançamos para a próxima seção do estudo com o objetivo de investigar, junto à tessitura do material literário, como o gênero romanesco, permeado por distintas inclinações dos autores, reivindica ou não, uma reordenação da relevância de determinada personalidade histórica. O material selecionado para as próximas fases da pesquisa torna evidente como a arte literária pode (re)direcionar o olhar, o entendimento e o imaginário de uma nação.

A partir da proposição de analisarmos distintas modalidades de romances históricos, relacionamos tais conceitos às categorias de colonialidade e decolonialidade, propostas a partir do grupo Modernidade/Colonialidade, formado na América Latina a partir dos anos de 1990. Nosso olhar à teoria por eles produzida nos auxilia para que nossa reflexão sirva como uma ação descolonizadora de mentes e de imaginários, de modo a ceder espaço à criticidade e remodelação de padrões colonizadores inseridos em nosso continente.

2.2 SÁENZ À SOMBRA DE BOLÍVAR: UMA RENARRATIVIZAÇÃO HISTÓRICA EM *MANUELA: UNA NOVELA SOBRE LA VIDA DE MANUELITA SÁENZ* ([1991] 2000), DE LUIS ZÚÑIGA

Manuela: Una novela sobre la vida de Manuelita Sáenz é um romance escrito por Luis Zúñiga, publicado, primeiramente, em 1991, e consiste em uma obra que atende a uma pauta ficcional recorrente na contemporaneidade: a rerepresentação ficcional de personagens históricas. Dessa forma, o processo da narração dá voz à

Manuela Sáenz, permitindo que, pelo viés literário, ela mesma conte, a seu narratário, sobre as suas vivências.

Zúñiga nasceu em Quito em 1955, estudou antropologia no Equador e, também, na Itália. Sua produção literária consiste em cinco romances, entre os quais *Manuela*, que recebeu o Prêmio Nacional Joaquín Gallegos Lara, em 1991, e foi publicado em cinco países: Equador, Colômbia, Cuba, Peru e Venezuela. Além de romances, o autor escreveu um monólogo dramático sobre Manuela Sáenz, *La celebración* (2009), e três coletâneas de poemas. De acordo com a página “lapalabrabierta²³⁶”, Zúñiga exerceu função diplomática e cultural em Cuba e, atualmente, atua como consultor e assessor em temas relacionados à cultura, educação, comunicação e produção editorial.

Nesse sentido, pelo cuidado com o título e com o próprio prólogo, fica evidente a intencionalidade editorial para que essa seja uma produção que valorize e edifique a personalidade no âmbito artístico. Ao leitor, a impressão é de que se ouvirá uma versão distinta – ou pelo menos mais individualizada – de sua trajetória, como, por exemplo, perspectivas não divulgadas nos anais históricos e que, no relato romanesco, recebem espaço de manifestação, como é possível observar neste excerto do prólogo, escrito por Jorge Fornet, diretor do centro de pesquisas literárias da ‘*Casa de las Américas*’:

Manuela, como indica su título, está dedicada a unos de los personajes más fascinantes del siglo pasado en nuestro continente: Manuelita Sáenz. La célebre quiteña, conocida también como “la libertadora del Libertador”, ha sido fuente de inspiración para textos que oscilan de una veneración casi hagiográfica a noveletas eróticas. Tal espectro es una prueba de la riqueza de tan polémico personaje. Luis Zúñiga acepta el desafío de abordar su vida sin caer ni en un extremo ni en el otro, evitando al mismo tiempo a la santa y a la prostituta. Narrada en primera persona, como si se tratara de sus memorias, la novela cuenta da vida de la protagonista desde la niñez hasta poco antes de su muerte en el destierro²³⁷. (FORNET, 2000, p. 9).

²³⁶ Disponível em: <https://www.lapalabrabierta.com/author/luis-zuniga/>. Acesso em: 24 set. 2022.

²³⁷ Nossa tradução livre: *Manuela*, como o próprio título indica, é dedicada a uma das personagens mais fascinantes do século passado no nosso continente: Manuelita Sáenz. A famosa mulher de Quito, também conhecida como “a libertadora do Libertador”, tem sido fonte de inspiração para textos que vão desde uma veneração quase hagiográfica até romances eróticos. Tal espectro é a prova da riqueza de um personagem tão polêmico. Luis Zúñiga aceita o desafio de encarar sua vida sem cair em um extremo ou outro, evitando, ao mesmo tempo, a santa e a prostituta. Narrado em primeira pessoa, como se fossem suas memórias, o romance conta a vida da protagonista desde a infância até pouco antes de sua morte no exílio. (FORNET, 2000, p. 9).

Diante dessa definição sobre a escrita do autor de *Manuela*, navegamos pelas páginas do romance com a expectativa de que encontraremos nessa composição diegética aspectos singulares da vida da personalidade histórica e de que não seremos levados a extremos dicotômicos, pois eles obscurecem a relevância de sua individualidade. Tal compromisso é, de fato, cumprido. Contudo, ao analisarmos atentamente os recursos composicionais do texto, verificamos um alinhamento com os textos históricos em que a importância de sua existência é circundada por seu relacionamento com Simón Bolívar, que é o *leitmotif* de sua atuação e existência.

No último parágrafo do prólogo, Fornet (2000, p. 11) ressalta, ainda, que, “*como los narradores de calibre, Zúñiga optó por la vía más difícil: hablar de lo que ya nos han enseñado los libros de textos históricos y, a la vez, introducirse en la mente de una mujer deslumbrante*”²³⁸.” Desse modo, torna-se evidente que o trabalho escritural do autor tem como intento projetar ao século XX, no espaço equatoriano, principalmente, uma versão romanesca atualizada de uma personagem histórica deliberadamente ofuscada dos anais historiográficos.

Contudo, essa proposição não objetiva possíveis vieses críticos acerca do discurso histórico; ou seja, estamos diante de uma renarrativização do passado e não de uma releitura ou ressignificação, como verificamos adiante neste texto. Avancemos, portanto, à tessitura da obra, a fim de compreendermos, de forma detalhada, as razões pelas quais o texto em cotejo realiza uma reapresentação do passado histórico ao corroborar as perspectivas que a historiografia positivista assinalou como “verdades” quando considera o ponto de vista, prioritariamente, patriarcal.

Com treze capítulos, a narrativa, escrita a partir de um narrador autodiegético, parte da infância de Sáenz e se encerra com sua morte, aos 59 anos. O romance inicia-se, contudo, com uma escrita cujo tempo de enunciação é a fase final da vida da protagonista. Esse tempo inicial da enunciação conduz o leitor aos últimos anos de vida de Manuela Sáenz e ao espaço geográfico de Paita, no Peru, onde Sáenz encontra-se escrevendo as suas próprias memórias: “*A la vejez, ahora que me siento tan sola, desgraciada, llena de privaciones y en una postración casi total,*

²³⁸ Nossa tradução livre: [...] como narradores de calibre, Zúñiga optou pelo caminho mais difícil: falar sobre o que os livros de história já nos ensinaram e, ao mesmo tempo, entrar na mente de uma mulher deslumbrante. (FORNET, 2000, p. 11).

*simplemente me propongo escribir algo de mi vida*²³⁹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 15). Nesse momento, já distante dos centros políticos equatorianos e colombianos, ela está exilada em uma ilha, onde passa os 26 anos de vida em condições que não favoreciam sua participação pública em uma América Hispânica ainda agitada após poucas décadas de independência. O tom da narrativa pode ser retratado a partir do seguinte trecho:

*Puedo yo misma reconocerme como una mujer de formidable carácter; no me he dejado amilanar por el azote de tanto vendaval de infortunios aparecidos en el camino de esta vida que está llegando al infeliz final del olvido en este polvoriento y desdichado rincón de Paíta*²⁴⁰. (ZÚÑIGA, 2000, p. 15).

A construção discursiva ensejada no romance evidencia que Sáenz apropria-se de sua história com orgulho do que foi e de como se posicionou frente a intermináveis conflitos, mas com desprezo pela situação em que se encontra no fim de sua vida. É assim que a narrativa se desdobra: um passado laudatório, evocado pelas lembranças, mas que se desvincula, paralelamente, da situação em que a protagonista escreve suas memórias. Como em um mecanismo de fuga do presente, a personagem Manuela Sáenz, já com a parcialidade que a recordação lhe traz, opta por reviver sua trajetória a partir de suas lembranças e do que julga relevante reviver nessas páginas. Assim, instaura-se na diegese a manipulação temporal analéptica que permite ao narratário acompanhar a trajetória rememorada pela personagem.

Sobre o modo como a personagem retrata-se, observamos que a diegese conduz a narração à singularidade de sua importância. Nesse intento, destaca-se a excepcionalidade de suas ações, uma vez que, segundo a própria narradora, ela se diferenciava do comportamento feminino de modo geral. Tal aspecto discursivo fica evidente, como observamos em: *“La mayoría ha condenado los actos de mi pasado por no encontrarlos acordes con la naturaleza de la mujer común de estas*

²³⁹ Nossa tradução livre: Na velhice, agora que me sinto tão sozinha, miserável, cheia de privações e em quase total prostração, simplesmente proponho-me a escrever algo sobre minha vida. (ZÚÑIGA, 2000, p. 15).

²⁴⁰ Nossa tradução livre: Posso me reconhecer como uma mulher de caráter formidável; não me deixei intimidar pelo flagelo de tantos vendavais de infortúnios que surgiram no caminho desta vida que chega ao fim infortunado do esquecimento neste canto empoeirado e infeliz de Paíta. (ZÚÑIGA, 2000, p. 15).

*atormentadas repúblicas*²⁴¹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 16). Assim, verificamos a própria intencionalidade do texto romanesco, que perfila um discurso sobre e para uma mulher apenas, em seu caráter restrito. Ela seria, portanto, uma exceção entre muitas outras mulheres na América Hispânica independentista.

Na sequência, ao se instaurar a analepse frente ao presente da enunciação, a diegese desloca-se para o nascimento de Sáenz. Esse, aqui, tem como data o dia 19 de dezembro de 1797, e se narra a morte de sua mãe, poucos meses após o parto, avançando o fluxo das ações, em seguida, para sua infância.

Sobre seus primeiros anos de vida, o relato retrata o período em que esteve no internato Santa Catalina, em Quito, as experiências compartilhadas com Jonatás e Natán, suas escravas – que a acompanharam durante toda sua vida –, sua convivência com o pai e os outros irmãos e, sobretudo, a inquietude de sua personalidade. Vejamos, no fragmento abaixo destacado, como a voz enunciadora do discurso expõe essas experiências:

*Veía a Jonatás vestida con los faldones que se abrían sobre sus anchas caderas. [...] Recuerdo todavía que alguna vez comparé el color de las palmas de sus manos con su cara negra, y le pregunté por qué aquellas eran más claras; ella rió diciéndome que habíanse descolorido por haber lavado una montaña gigantesca de ropa. Miré detenidamente sus palmas, como queriendo descifrar algún secreto mensaje perdido en cada línea oscura que las atravesaba*²⁴². (ZÚÑIGA, 2000, p. 21).

O referido excerto aponta para um traço da personalidade de Manuela Sáenz que a acompanharia já na vida adulta: a ânsia de compreender o mundo e agir sobre ele segundo a parcialidade de seu olhar e entendimento. O primeiro capítulo encerra-se, portanto, com uma incursão noturna por espaços cuja entrada era proibida para as crianças. Sáenz e sua amiga, Clarita, têm acesso a outra faceta da realidade dentro desses espaços religiosos, como fica evidente em:

²⁴¹ Nossa tradução livre: A maioria condenou os atos do meu passado como não estando de acordo com a natureza da mulher comum dessas repúblicas atormentadas. (ZÚÑIGA, 2000, p. 16).

²⁴² Nossa tradução livre: Eu vi Jonatás vestida com suas saias que se dividiam sobre seus quadris largos. [...] Ainda me lembro que uma vez comparei a cor das palmas de suas mãos com o rosto preto, e perguntei por que eram mais claras; ela riu, dizendo-me que elas tinham desbotado-se de lavar uma montanha gigantesca de roupas. Olhei, atentamente, para suas palmas, como se quisesse decifrar alguma mensagem secreta perdida em cada linha escura que as cruzava. (ZÚÑIGA, 2000, p. 21).

*Aquella noche habíamos quebrantado una de las principales reglas a las que estábamos sometidas en el convento de Santa Catalina y, sobre todo, nos enteramos de las piadosas visitas nocturnas que, al parecer, hacía con regularidad el padre José Julio, y quién sabe cuántos más, a las religiosas de aquel santo monasterio*²⁴³. (ZÚÑIGA, 2000, p. 29).

Diante da narrativa entabulada nesse primeiro capítulo, é notável que há na obra o interesse por expor ângulos que denunciam a sociedade quitenha e, por extensão, hispano-americana do século XIX, revelando ao leitor que a protagonista e narradora teve acesso às múltiplas facetas de subversão às distintas instituições sociais e moldará sua vida e atuação em busca do estabelecimento de um novo sistema. Pelo olhar da protagonista, privacidades de uma sociedade colonial, com todas as suas contradições, evocadas pelas suas memórias, são expostas ao leitor como ambiente no qual a personagem moldou sua forma de ser e de pensar.

O segundo capítulo narra os anos de adolescência de Manuela Sáenz e o seu relacionamento com o jovem Fausto D'Elhuyar, oficial da guarda real de Toribio Montes, com quem viveria uma breve história que condicionaria uma relevante mudança em seu futuro próximo. Vejamos como a narradora retoma esse aspecto, algumas vezes mencionado nas biografias de Sáenz, no discurso ficcional:

*Una mañana llegó Jonatás para llevar mis ropas a lavar; se acercó a mí con un aire secreto y malicioso, y me dijo que cierto joven oficial de la guardia real quería entablar amistad conmigo. Él había estado siguiéndome los pasos cuando salía los domingos por la mañana de Santa Catalina. Había dicho a Jonatás que quería conocerme y que estaba deslumbrado por mi belleza*²⁴⁴. (ZÚÑIGA, 2000, p. 31-32).

Os episódios que seguem esse encontro revelam ao leitor que Fausto era um guarda muito comprometido com sua função militar e que tais atribuições estariam sempre à frente de seus relacionamentos. Assim, meses depois do primeiro encontro, quando ambos ainda sofriam com a impossibilidade de permanecerem

²⁴³ Nossa tradução livre: Naquela noite tínhamos infringido uma das principais regras a que estávamos submetidas no convento de Santa Catalina e, sobretudo, ficamos sabendo das piedosas visitas noturnas que o padre José Julio, aparentemente, fazia com regularidade, e quem sabe quantos mais, às freiras daquele santo mosteiro. (ZÚÑIGA, 2000, p. 29).

²⁴⁴ Nossa tradução livre: Uma manhã, Jonatás chegou para levar minhas roupas para lavar; aproximou-se de mim com um ar secreto e malicioso e me disse que um certo jovem oficial da guarda real queria fazer amizade comigo. Ele estava seguindo meus passos quando saía de Santa Catalina nas manhãs de domingo. Disse a Jonatás que queria me conhecer e que estava deslumbrado com minha beleza. (ZÚÑIGA, 2000, p. 31-32).

juntos por mais tempo, pois Sáenz passava as semanas no convento de Santa Catalina, Fausto recebe a notícia de que deixaria Quito por ordens superiores: “[...] *tenía que marcharse pronto al Corregimiento de Otavalo, donde debía hacerse cargo de un destacamento de la guardia*²⁴⁵.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 36). Frente a essa mudança repentina e à impossibilidade de permanecer em Quito, Manuela Sáenz decide acompanhá-lo nessa nova jornada.

É válido ressaltar que a narradora deixa claro que essa decisão configurava-se em uma mudança de vida definitiva. “*Fugarme con D’Elhuyar significaba romper definitivamente con mi familia y ser repudiada por mi padre y toda la sociedad quiteña*²⁴⁶.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 37). Para Fausto, essa era uma decisão preocupante que ele ainda levaria dias para tomar: “*D’Elhuyar no quiso comprometerse cuando le hablé que estaba decidida a acompañarlo en su viaje, pues le parecía demasiado arriesgado para los dos, sobre todo para mí*²⁴⁷.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 38).

Na sequência, já decididos, o casal foge. Aqui, é interessante notar como a narrativa busca ater-se aos detalhes dos acontecimentos de modo a compor uma protagonista singular, distinta das outras mulheres de seu tempo, como podemos verificar na descrição que de si faz a personagem, no fragmento abaixo exposto:

*Me sentía muy incómoda cabalgando a mujeriegas con un ajuar tan poco apropiado, como una dama inútil, de aquellas que abundan en mi tranquila y católica ciudad. Finalmente decidí acomodarme a mi manera, de la forma como solía cabalgar en las haciendas de Aizpuru y Catahuango. Fausto seguramente se sorprendió de verme sentar en el caballo como lo hacía él [...]*²⁴⁸. (ZÚÑIGA, 2000, p. 40).

Em tom de crítica, a forma como a personagem Manuela Sáenz é perfilada distancia-se, de todo modo, do que a construção da própria narrativa ficcional

²⁴⁵ Nossa tradução livre: [...] ele teve que partir logo para o Corregimento de Otavalo, onde teve que se encarregar de um destacamento da guarda. (ZÚÑIGA, 2000, p. 36).

²⁴⁶ Nossa tradução livre: Fugir com D’Elhuyar significou romper definitivamente com minha família e ser deserdada por meu pai e toda a sociedade de Quito. (ZÚÑIGA, 2000, p. 37).

²⁴⁷ Nossa tradução livre: D’Elhuyar não quis se comprometer quando lhe disse que estava determinada a acompanhá-lo em sua viagem, porque achava que era muito arriscado para nós dois, especialmente para mim. (ZÚÑIGA, 2000, p. 38).

²⁴⁸ Nossa tradução livre: Senti-me muito desconfortável montando com um aparato tão inapropriado, como uma senhora inútil, daquelas que abundam na minha pacata e católica cidade. Finalmente decidi me acomodar à minha maneira, como costumava cavalgar nas fazendas de Aizpuru e Catahuango. Certamente Fausto ficou surpreso ao me ver montado no cavalo da mesma forma como ele o fazia [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 40).

aponta como costumeiro. Nessa obra, o desenvolvimento da personagem de Sáenz busca expor uma possível singularidade de sua trajetória, conduzindo-a a uma condição de heroína. Assim, o romance expõe que desde a fuga de Quito, onze semanas passaram-se e ambos se encontravam no *Corregimiento de Otavalo* até que uma nova mudança faz-se necessária, pois Fausto recebera a ordem de traslado para Pasto e o dever de permanecer junto ao recinto do exército real, impossibilitando que Sáenz o acompanhasse. Segundo Fausto, esse seria um período de quatro meses, quando ambos se reencontrariam. Contudo, ela precisaria voltar a Quito e esperá-lo lá. Diante desse conflito, a narrativa reforça o caráter determinado e insubmisso da protagonista, ao expor a seguinte resolução:

*Definitivamente, me resistí a creer lo que estaba sucediendo; mis pensamientos confusos contribuyeron a que comenzase a sentir una amargura sin cuento, y un deseo incontrolable de echarme a llorar; pero no lo hice, porque debía ser fuerte, para no dejarme arrastrar por la embestida de aquella primera tormenta que a mi vida pretendía amenazar con tenebrosos designios*²⁴⁹. (ZÚÑIGA, 2000, p. 46).

Esse é o tom que perfila a obra, o de uma mulher que não se afiliava a qualquer estereótipo; singular e independente, que direciona seu comportamento à subversão, alinhando o romance a proposições semelhantes às aquelas já apresentadas por Von Hagen (1956), em que Sáenz apresenta-se a partir de sua excentricidade. Nesse sentido, a personagem também se questiona sobre o fato de que não havia engravidado ainda e conclui apenas que “*algo extraño sucedía en mi cuerpo*²⁵⁰.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 46). Na sequência, o retorno de Sáenz acontece, finalizando, assim, o segundo capítulo. Ela chega à casa de seu pai, contrariando as suposições de que possivelmente estivesse morta.

No terceiro capítulo, há o desenrolar dos meses que procederam seu retorno à casa de seu pai. Em um primeiro momento, Sáenz permanece, voluntariamente, em um quarto, recebendo apenas as visitas de suas escravas, que insistiam para que ela retornasse ao convívio familiar, mesmo sem ter se entendido com seus

²⁴⁹ Nossa tradução livre: Eu, definitivamente, resisti de acreditar no que estava acontecendo; meus pensamentos confusos contribuíram para que eu começasse a sentir uma amargura indescritível e um desejo incontrolável de explodir em lágrimas; mas não o fiz, porque tinha de ser forte para não me deixar levar pela investida daquela primeira tempestade que tentou ameaçar a minha vida com desígnios sombrios. (ZÚÑIGA, 2000, p. 46).

²⁵⁰ Nossa tradução livre: [...] algo estranho estava acontecendo em meu corpo. (ZÚÑIGA, 2000, p. 46).

familiares. Seu pai, responsável por sua educação, não aceitava o fato de sua fuga e justificava tal comportamento a partir de seu convívio com grupos de menor prestígio aos olhos hostis de um espanhol explorador. “[...] *según él, no podía ser de otra manera, pues yo había vivido gran parte de mis años en la hacienda, rodeada de indios, cholos y esclavos de malos hábitos*²⁵¹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 54).

Este é o contexto em que Sáenz está inserida: um Equador ainda dominado por espanhóis que assumiam que o espaço onde estavam era a extensão da Espanha e, portanto, cabia a eles a supremacia e a exploração. Assim, somos conduzidos por essa escrita inquieta, em tom de denúncia, que mapeia uma personalidade ex-cêntrica e paradigmática, que, posteriormente, se unirá a um companheiro de postura consonante. Fica evidente, aqui, o cuidado que o romance tem de engajar e fomentar no leitor a busca por idealizar uma personagem supostamente à frente de seu tempo.

Na sequência, de acordo com a narrativa, quando Sáenz decide sair de seu quarto, ela e seu pai iniciam uma ferrenha discussão, em que ela deixa claro ter conhecimento de todos os pormenores de sua criação e do peso de sua existência para a família de seu pai:

*– ¡Golpéeme más si así cree que voy a cambiar! Sé perfectamente que me odia y que yo jamás he sido para usted la hija que hubiera querido tener; por ello me mantuvo tanto tiempo alejada de su familia, escondida en la obscuridad de los conventos, o abandonada en Catahuango bajo la tutela de la hermana de mi madre, y con el único afecto de mis sirvientas, esas dos esclavas a las que usted tanto desprecia y aprendí a vivir como hermana, a falta de una madre y una familia que me considere y me ame*²⁵². (ZÚÑIGA, 2000, p. 56).

Fica-nos evidente, aqui, a partir dos recursos semânticos oferecidos pelo referido excerto, o ruído que a vivência de Manuela Sáenz causa em seu ciclo familiar. A narrativa molda uma personalidade crítica e subversiva em sua juventude,

²⁵¹ Nossa tradução livre: [...] segundo ele, não poderia ser de outra forma, pois vivi a maior parte dos meus anos na fazenda, cercado por índios, *cholos* e escravos de maus hábitos. (ZÚÑIGA, 2000, p. 54).

²⁵² Nossa tradução livre: - Bata-me mais se você acha que eu vou mudar! Sei perfeitamente que você me odeia e que nunca fui a filha que você gostaria de ter; Por isso me manteve tanto tempo afastada de sua família, escondida na escuridão dos conventos, ou abandonada em Catahuango, sob a tutela da irmã de minha mãe, e com o único afeto das minhas servas, aqueles duas escravas que você tanto despreza e com quem eu aprendi a viver como irmãs, na ausência de uma mãe e de uma família que me considerasse e me amasse. (ZÚÑIGA, 2000, p. 56).

que não se adequa a nenhum comportamento esperado para uma mulher do século XIX no contexto equatoriano. Essa composição, em um primeiro momento, ofereceu-nos uma perspectiva outra sobre Sáenz e sua inconformidade aos padrões coloniais.

Contudo, é válido ressaltar que, assim como a protagonista, havia outras famílias não ‘tradicionalmente’ dispostas e que viviam em distintas configurações. Frente aos estudos realizados na primeira seção desta pesquisa sobre as biografias de Sáenz, ela não representa uma ex-centricidade, mas um grupo social existente nessas nações que ainda estavam em vias de se descolonizarem.

Na sequência, há a descoberta, por parte de sua família, de que a jovem quitenha não poderia engravidar: “*La noticia de que yo era posiblemente infecunda alivió a mis familiares*²⁵³.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 56). Sua infertilidade passa a ser, segundo a narradora, um alívio para sua família, que já não precisa se preocupar com as intercorrências das ações de Sáenz. Assim, passados os dias de isolamento e discussões com seu pai, a protagonista volta a intentar uma vida normal, sem a culpa e o compromisso de aguardar por alguém que não viria e que ela tampouco esperava.

A diegese avança com a ida da protagonista ao mercado da cidade e a descrição da paisagem dicotômica a sua frente. Vejamos: “*Por la calle, un buen número de indios y bolsiconas caminaban presurosos hacia la plaza. Por allí aparecían los vergonzantes pidiendo limosna, cubiertos por su manto para que nadie los reconociese*²⁵⁴.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 58). Em seguida: “*Una vez que Jonatás terminó sus compras, inicióse el desfile de los nobles feligreses que descendían por la iglesia luciendo sus mejores vestidos y cabiolés, y afilando la lengua para murmurar y comenzar sus acostumbrados chismes dominicales*²⁵⁵.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 58). Esse é o espaço de contradições e extremos do qual Sáenz fazia parte e que os séculos que viriam posteriormente não conseguiram reduzir em grande medida em toda a América.

²⁵³ Nossa tradução livre: A notícia de que eu era, possivelmente, infértil aliviou meus familiares. (ZÚÑIGA, 2000, p. 56).

²⁵⁴ Nossa tradução livre: Descendo a rua, um bom número de índios e *bolsiconas* caminhavam apressados em direção à praça. Os vergonhosos apareceram ali pedindo esmolas, cobertos pelo manto para que ninguém os reconhecesse. (ZÚÑIGA, 2000, p. 58).

²⁵⁵ Nossa tradução livre: Assim que Jonatás terminou suas compras, começou o desfile dos nobres paroquianos, descendo pela igreja com seus melhores vestidos e casacos de pele, e afiando a língua para murmurar e começar sua habitual fofoca de domingo. (ZÚÑIGA, 2000, p. 58).

As fofocas de domingos, mencionadas no excerto, teriam como alvo principal Sáenz que ali aparecia pela primeira vez depois de um longo intervalo de tempo preenchido por suposições e preconceitos. Em uma das conversas que ouviu, diziam o seguinte: “*Ay, pobres don Simón y doña Juana, tener que aguantarle a semejante hija. [...] Qué se podía esperar de una hija natural. Claro, la mal agradecida ha sabido pagar bien a don Simón. Imagínese usted, criada en el campo con las negras esas*²⁵⁶.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 58).

A figura do condicionante negro e das populações autóctones aparecem com frequência na obra. Somos, como leitores, constantemente, conduzidos a refletir sobre essas populações que são partes edificadoras do continente, mas que, à época da colonização e exploração, foram, agressivamente, relegadas à marginalidade. As escravas de Sáenz aparecem nesse romance como figuras dedicadas à quitenha, incondicionalmente. Não há, na obra, todavia, o cuidado para que se oferecesse voz a tais individualidades. Eles estão presentes em uma situacionalidade problemática, mas frente a essa exposição, nada se desenvolve na diegese.

No que tange à questão da colonização e da dependência espanhola, o romance fornece ao leitor alguns comentários, advindos da consciência de Sáenz, sobre a condição colonial de Quito – facilmente aplicável à América do Sul –, como podemos verificar no excerto destacado: “*De pronto, mientras arreglaba mis uñas, me vino a la mente la imagen de todo aquel gentío murmurador, encerrado en su pequeña vida de colonizados, de gente que soñaba con viajar a España para saludar a su rey*²⁵⁷.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 60). Ainda que de forma incipiente, o referido excerto demonstra a consciência crítica da personagem de Sáenz que, mesmo sem teorizar ou desenvolver essa problemática de forma mais aprofundada, sabe pontuá-la e repreendê-la.

A diegese aponta que, em casa, depois dos conflitos que a ida ao mercado gerou-lhe, Sáenz tem uma profunda crise de risos e já não pode mais tolerar a hipócrita realidade da qual fazia parte, uma vez que a atenção/julgamento recebido

²⁵⁶ Nossa tradução livre: Oh, pobres Don Simón e Dona Juana, tendo que aturar uma filha assim. [...] O que se poderia esperar de uma filha natural. Claro que a ingrata soube pagar bem a Don Simón. Imagine-se, criada no campo com essas negras. (ZÚÑIGA, 2000, p. 58).

²⁵⁷ Nossa tradução livre: De repente, enquanto fazia as unhas, veio-me à mente a imagem de toda aquela multidão murmurante, presa à sua pequena vida de povo colonizado, de gente que sonhava em viajar para a Espanha para cumprimentar seu rei. (ZÚÑIGA, 2000, p. 60).

pelos moradores de Quito nada mais representava do que o tédio a que estavam submetidos. De acordo com a narradora,

[...] en el estado que me encontraba llegué a la conclusión de que mi ciudad era un pueblo de aburridos, y me eché a reír; reía a carcajadas [...] Me reía de las beatas, de los curas y monjas, del ridículo de Toribio Montes, por aquellos años realísimo presidente de nuestra realísima Audiencia de Quito; me reía de todo su séquito, de sus oficiales y soldados, de las añejas costumbres de la sociedad quiteña; me reía de mí misma, de mi estado, de mi preocupación por lo que pudiese opinar la gente de mí²⁵⁸.
(ZÚÑIGA, 2000, p. 61).

Frente a esse momento de epifania que a protagonista vive, livrando-a da preocupação de qualquer juízo sobre sua postura, ela compreende que já não podia valorizar a opinião pública da elite conservadora, que era a expressão mais dissimulada da sociedade. Com relação à sua crise de risos, a teoria literária tece análises acerca dessa atitude, uma vez que há uma quebra na própria expectativa do leitor, trazendo um desconforto e uma reordenação à escrita. Bakhtin ([1929] 2013), em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, lança significativas luzes ao termo “carnavalesco”. Para o filósofo, algumas características do carnaval como festividade passam a ser semelhantemente atribuídas à escrita literária, tais como: “o livre contato familiar entre os homens”, “a excentricidade”, “as mésalliances carnavalescas” – em que “a livre relação familiar estende-se a tudo: a valores, ideias, fenômenos e coisas”, – e, por fim, a “profanação” (BAKHTIN, 2013, p. 129). Todas essas peculiaridades, quando atribuídas à escrita literária, intentam causar uma definitiva ruptura não apenas simbólica, mas, também, social, política e econômica das distintas camadas da população. Dessa forma, a atitude da protagonista, ao trazer para o cômico sua revolta e desprezo pelo seu círculo social, consiste em uma ação carnavalesca, pois, ao profanar tudo o que era imposto como elemento natural de sua existência, ela rompe com a ciclicidade dessas determinações e se livra de qualquer obrigação de ser aceita.

²⁵⁸ Nossa tradução livre: [...] no estado em que eu estava, cheguei à conclusão de que minha cidade era uma cidade de gente chata, e comecei a rir; Eu ri alto [...] Ri das mulheres devotas, dos padres e freiras, do ridículo de Toribio Montes, naqueles anos o real presidente da nossa real Corte de Quito; Eu ri de toda a sua comitiva, de seus oficiais e soldados, dos antigos costumes da sociedade de Quito; Eu ri de mim mesma, do meu estado, da minha preocupação com o que as pessoas poderiam pensar de mim. (ZÚÑIGA, 2000, p. 61).

Em seguida, a narrativa apresenta-nos uma grande mudança de cenário para a protagonista, fato que influenciaria todo o seu futuro. Assim, certa noite, o pai de Sáenz a procura para lhe informar de que ela não voltaria para o convento, mas que o acompanharia em uma viagem a trabalho para o Panamá. Para a narradora: *“Pensé que el mejor procedimiento para vencer mis temores era enfrentarlo y manejar la situación con suma habilidad”*²⁵⁹. (ZÚÑIGA, 2000, p. 63).

Assim, como aponta a diegese, Sáenz e seu pai viajam até Guayaquil, onde continuariam o trajeto por barco. No dia anterior ao embarque, de acordo com a diegese, Sáenz é apresentada a James Thorne, médico e comerciante inglês que seguiria com eles até o Panamá, com quem estabelece uma rápida amizade. Durante o percurso da viagem, Sáenz nota que Thorne passa a se interessar por ela e a acompanha em todas as suas tarefas. *“[...] parecía que sus 40 años de edad lo habían modelado para ser cortés, caballero y buen comerciante”*²⁶⁰. (ZÚÑIGA, 2000, p. 67). Semanas depois, ainda em trânsito, chega o dia do aniversário de Manuela Sáenz, e Thorne decide organizar uma celebração para a quitenha. É nesse baile, portanto, realizado para comemorar o aniversário de Sáenz, que Thorne pede sua mão em casamento:

*Finalmente, me pidió que me casara con él. Me dijo que no había encontrado a nadie como yo; me colmó de halagos diciéndome que estaba enamorándose de mí. El notorio interés demostrado en aquellos días, me hizo pensar que decía la verdad*²⁶¹. (ZÚÑIGA, 2000, p. 69).

O aceite do pedido relacionava-se mais com uma exigência de seu pai, do que por interesse próprio. Para Simón Sáenz, essa era a chance que sua filha tinha de apagar seu passado impuro, como fica evidente a partir do seguinte excerto:

– Escúchame, Manuela. Tú no deberías ser tan exigente después de lo sucedido en Quito. Piensa en tu posición de mujer burlada por un individuo que, aprovechándose cobardemente de tu

²⁵⁹ Nossa tradução livre: Achei que o melhor procedimento para superar meus medos era enfrentá-los e lidar com a situação com muita habilidade. (ZÚÑIGA, 2000, p. 63).

²⁶⁰ Nossa tradução livre: [...] parecia que seus 40 anos de idade o moldaram para ser cortês, um cavalheiro e um bom homem de negócios. (ZUNIGA, 2000, p. 67).

²⁶¹ Nossa tradução livre: Finalmente, ele me pediu em casamento. Ele me disse que não havia encontrado ninguém como eu; ele me encheu de elogios, dizendo que estava se apaixonando por mim. O notório interesse demonstrado naqueles dias fez-me pensar que ele estava dizendo a verdade. (ZÚÑIGA, 2000, p. 69).

ingenuidad, satisfizo sus más bajos instintos llevándote con él a un escondite de pecado. Thorne es un hombre de lo más honorable y aspira, enhorabuena, a tomarte como su digna esposa. Así quedará borrado tu pasado y serás aceptada por la sociedad, como una dama bien casada, que muchas hasta podrán envidiar tu condición – dijo, insistiendo que lo pensara con serenidad, y me invitó a que saliéramos juntos a pasear por la ciudad²⁶². (ZÚÑIGA, 2000, p. 70).

Esse discurso do pai, exposto no romance, representa todo um amálgama de pensamento inserido em uma sociedade colonizada, presa a costumes e tradições que encontram espaço de manifestação em todo o continente, com fragmentos dessa perspectiva unilateral até a contemporaneidade. Na narrativa, fica evidente o tom denunciativo e expositivo desse posicionamento do pai de Sáenz, que, de forma metonímica, representa a sociedade ocidental como um todo.

O texto, por conseguinte, não é ingênuo e, de fato, não busca corroborar, em um primeiro momento, a historiografia oficializada e positivista em voga na América Latina. Temos, aqui, uma narradora que se empenha em expor todas as contrariedades de um sistema colonial falho e fadado à dissolução. Contudo, como os capítulos seguintes apontarão, principalmente a partir do momento em que Sáenz e Bolívar se encontram, a ideologia que perpassa a obra contribui para o discurso laudatório sobre o venezuelano e a mantém em uma posição acessória.

O terceiro capítulo encerra-se com o aceite de Manuela Sáenz, aos 19 anos, ao acessar uma nova fase de sua vida em que ela ascenderá socialmente e contará com prestígio e respeito, elementos que possibilitarão sua infiltração política na elite peruana, a partir do consórcio matrimonial com o comerciante inglês. Sáenz distancia-se, dessa forma, de sua família e conduz sua vida com maior independência em favor de causas menos populares para o momento e que envolviam o esfacelamento da ordem colonial hispânica.

O quarto capítulo aborda o casamento de Manuela e James em distintos pormenores. Em linhas gerais, a celebração acontece em Quito e Thorne recebe do

²⁶² Nossa tradução livre: – Ouça-me, Manuela. Você não deveria ser tão exigente depois do que aconteceu em Quito. Pense em sua posição como uma mulher ridicularizada por um indivíduo que, aproveitando-se, covardemente, de sua ingenuidade, satisfez seus instintos básicos levando você com ele para um esconderijo de pecado. Thorne é um homem muito honrado e deseja tomá-la como sua digna esposa. Assim seu passado será apagado e você será aceita pela sociedade, como uma senhora bem-casada, que muitos podem até invejar sua condição – disse ele, insistindo para que eu pensasse sobre isso com calma, e me convidou para sairmos juntos passear pela cidade. (ZÚÑIGA, 2000, p. 70).

pai de Sáenz um dote de oito mil pesos. Há, ainda, a oferta, por parte dos tios maternos de Sáenz, de que o novo casal permaneça por uma temporada na fazenda de Catahuango, propriedade que também seria parcialmente sua por partilha da herança deixada por sua mãe. Sobre a descrição da cerimônia, o registro mordaz da narradora evidencia a sua perspectiva do evento, o seu olhar apurado sobre as contradições sociais ali existentes:

Finalmente llegó el día. Nos casamos en la iglesia de la Compañía de Jesús; Hubo invitados en la fiesta que ofreció mi padre. Los que antes se habían dedicado a las murmuraciones, teniéndome como blanco a mí, allí sonreían hipócritamente augurándonos toda clase de felicidades²⁶³. (ZÚÑIGA, 2000, p. 75).

Dessa forma, não havia ingenuidade por parte da protagonista. Sua perspectiva apurada, fruto de uma vida de embates, ao renarrativizar sua trajetória, aponta para todas as incongruências presentes no contexto em que estava inserida. Ainda sobre o dia da celebração, trazendo à narrativa um tom mais cômico, a narradora comenta que

[...] Miguel Fernández Salvador, completamente ebrio, me dijo que mi matrimonio le había causado mucha tristeza, porque él había estado siempre enamorado de mí, y que no le habría importado nada mi fuga con Fausto D'Elhuyar si es que él le habría tocado abandonar a su esposa para irse conmigo lejos, donde nadie nos encontrara. El pobre, con toda su beatitud y sus 65 años encima, expresaba todos sus deseos inalcanzables cuando se embriagaba, olvidando así, sus rezos, comuniones, su aboengo y su soledad²⁶⁴. (ZÚÑIGA, 2000, p. 76).

Essa confissão de uma personagem ficcional gera no leitor um estímulo para rir e se sobressaltar com o absurdo da situação. A narrativa traz para a tessitura romanesca os pormenores que a historiografia não pode abarcar, como, por

²⁶³ Nossa tradução livre: O dia, finalmente, chegou. Nós nos casamos na igreja da Companhia de Jesus; Havia convidados na festa que meu pai deu. Aqueles que, anteriormente, tinham se envolvido nas fofocas, olhando para mim, sorriram, hipocritamente, ali, desejando todo tipo de felicidade para nós. (ZÚÑIGA, 2000, p. 75).

²⁶⁴ Nossa tradução livre: [...] Miguel Fernández Salvador, completamente bêbado, disse-se que meu casamento lhe causou grande tristeza, porque ele sempre foi apaixonado por mim, e que ele não se importaria com minha fuga com Fausto D'Elhuyar e que abandonaria sua esposa para ir embora comigo, para onde ninguém nos encontrasse. O pobre, com toda a sua beatitude e os seus 65 anos de idade, exprimiu todos os seus desejos inalcançáveis ao se embriagar, esquecendo, assim, das suas orações, comunhões, da sua ancestralidade e da sua solidão. (ZÚÑIGA, 2000, p. 76).

exemplo, a existência de um homem 46 anos mais velho que Sáenz, inserido em um contexto familiar, religioso e político de bastante rigidez, que encontra vazão, por meio dos efeitos do álcool, para se declarar a essa jovem, que quebrava com inúmeros paradigmas antes mesmo de completar duas décadas de vida. Isso leva-nos a interpretar, também, que toda a subversão de Sáenz, para os padrões do século XIX, gerava certas doses de admiração que, por não serem expressas da forma correta, resultam em atração e interesse.

De forma mais íntima, a narradora, ainda ao descrever seu casamento, relata acerca de sua noite de núpcias de modo a estabelecer com o leitor uma provocação ao colocar em seu relato todos os detalhes de sua experiência particular, como em: *“Poco pudimos dormir esa noche. Thorne me despertó por dos ocasiones para recomenzar sus besos y caricias, uniéndonos nuevamente mientras ya casi amanecía²⁶⁵.”* (ZÚÑIGA, 2000, p. 77).

O romance avança com o cuidado de expor, constantemente, acontecimentos históricos e o posicionamento contrário de Sáenz ao abordar as desproporcionais relações coloniais existentes ali em Quito. Esse caráter documental da obra serve como material informativo e instrutivo, ainda que o compromisso da escrita não seja com a fatualidade, mas com a verossimilhança, de forma a reforçar a ideologia da narrativa, que intenta a criticidade e a exposição de facetas não laudatórias do passado. Dessa forma, ao serem convidados para uma celebração de um batismo, Sáenz entra em contato com a personagem ficcional de Manuel Salas y Gantonema, conforme podemos observar no fragmento a seguir:

Yo me senté a conversar con don Manuel Salas y Gantonema, un joven que acababa de llegar de España cumpliendo sus estudios en la universidad de Salamanca. Me habló de la situación de la Real Audiencia de Quito y su gobierno frente a la corona española. Me dijo que en España había la preocupación de que la corona no estaba administrando sus colonias como debía; había malestares que, según los españoles, debían ser tomados muy en cuenta para que la situación no agravase²⁶⁶. (ZÚÑIGA, 2000, p. 80).

²⁶⁵ Nossa tradução livre: Tivemos pouco descanso naquela noite. Duas vezes Thorne me acordou para retomar seus beijos e carícias, unindo-nos novamente, já que estava quase amanhecendo. (ZÚÑIGA, 2000, p. 77).

²⁶⁶ Nossa tradução livre: Sentei-me para conversar com Dom Manuel Salas y Gantonema, um jovem recém-chegado da Espanha, concluindo seus estudos na Universidade de Salamanca. Ele me falou sobre a situação da Corte Real de Quito e seu governo contra a coroa espanhola. Ele me disse que na Espanha havia a preocupação de que a coroa não estivesse administrando suas colônias como

Aqui, temos os primeiros comentários da personagem de Sáenz sobre a condição colonial de Quito – que, por analogia, estendem-se, também, ao Equador, bem como a toda a América Hispânica. A narradora relembra, na sequência, as revoltas que aconteceram em Quito, nos anos 1809 e 1810, e que, para ela, eram antecedentes importantes que não podiam ser ignorados, uma vez que muitos quitenhos haviam perdido a vida na busca por um governo independente. Nesse momento, a voz enunciadora do romance revela uma das tantas peculiaridades da protagonista, ao expor o seu pensamento, como vemos no excerto abaixo exposto:

[...] desde ningún punto de vista era justo que casi sólo españoles dirigiesen la vida de un continente al que habían siempre visto como un territorio que les prestaba grandes servicios y proporcionaba riquezas para beneficio de su corona. [...] Mi vocación por la libertad empezó tal vez a nacer en medio de aquel régimen de terror que cuidaba los privilegios del rey español en tierras americanas²⁶⁷. (ZÚÑIGA, 2000, p. 80- 81).

Assim, perfila-se Manuela Sáenz, personagem insatisfeita, questionadora e inquieta, que se casa com James Thorne e se distancia do contexto equatoriano durante os primeiros anos de casamento, mas se associa, cada vez mais, ao cenário político. As linhas que a formulam, nesses quatro primeiros capítulos, apontam para uma mulher distinta e subversiva por não aceitar nem o colonialismo, muito menos a colonialidade, antes mesmo de tais conceitos existirem em termos teóricos.

O quarto capítulo encerra-se com o primeiro desentendimento do casal. A narradora relata que Thorne gostaria de regressar à casa após as festividades e Sáenz propõe-lhe: “*si él quería podía ir solo y que yo lo alcanzaría más tarde*²⁶⁸.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 81). Além disso, já sob o efeito do ponche, a protagonista realiza alguns comentários depreciativos sobre os ingleses e contraria Thorne, com quem não conversa por todo o dia seguinte.

deveria; houve desconfortos que, segundo os espanhóis, tiveram de ser levados em conta para que a situação não se agravasse. (ZÚÑIGA, 2000, p. 80).

²⁶⁷ Nossa tradução livre: [...] de nenhum ponto de vista era justo que quase apenas os espanhóis dirigissem a vida de um continente que sempre viram como um território que lhes prestava grandes serviços e proporcionava riquezas em benefício de sua coroa. [...] Minha vocação para a liberdade, talvez, tenha começado a nascer em meio àquele regime de terror que cuidava dos privilégios do rei espanhol em terras americanas. (ZÚÑIGA, 2000, p. 80-81).

²⁶⁸ Nossa tradução livre: Se ele quisesse, poderia ir sozinho e que eu o alcançaria mais tarde. (ZÚÑIGA, 2000, p. 81).

É possível prever o que os próximos capítulos revelam, pois o tom da escrita deixa claro que não haverá conformidade e submissão por parte da protagonista, sugerindo uma escrita crítica que oferece ao leitor outro ângulo de uma história que até o século XIX era contada apenas por quem detinha o poder. É preciso, contudo, voltar nossa focalização para a ideologia que perpassará a narrativa por completa, para que consigamos verificar, com maior precisão, a qual fase e modalidade o romance corresponde.

O quinto capítulo retrata todas as possibilidades que Lima oferece à Manuela Sáenz. Em um primeiro momento, quando o casal se desloca para a capital do Peru, onde viveriam os anos de matrimônio, o trajeto os conduz ao porto de Paita, lugar em que ela viveria por mais de duas décadas antes de morrer, e a cidade provoca nela uma estranha sensação: “*Era como si yo ya hubiese estado anteriormente en ese pequeño puerto. Al zarpar y alejarnos sentí una tristeza inexplicable*²⁶⁹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 83). Esse excerto atua como uma construção anacrônica, no sentido proléptico e indica um presságio do que seria sua vida futuramente.

Em Lima, o casal estabelece-se à nova rotina e a protagonista, em casa, começa a se sentir, progressivamente, entediada. Ao descrever o que ambos costumavam fazer à noite, Sáenz relata que “*a veces le observaba de reojo mientras yo leía alguna obra de Plutarco o Cervantes*²⁷⁰.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 86). Essa afirmação de que lia Plutarco e Cervantes reforça ao leitor o quão submersa no véu da colonialidade ela estava, uma vez que suas referências de leitura dizem muito sobre as fontes que escolhia para aprender e se distrair. Ela estava em um continente colonizado pela Espanha e lia sua produção literária, o que era aceito como civil e adequado pela dita metrópole.

Em um jantar oferecido ao casal e a outros empresários de Lima, a narradora descreve a aproximação de um relojoeiro viúvo chamado Horacio Carrión y Mercado que, em conversa com a protagonista, afirma ter inveja de Thorne por ele haver se casado com uma mulher tão bonita e atraente como Sáenz. Na sequência da diegese, um novo encontro com Horacio acontece quando Thorne viaja ao Panamá

²⁶⁹ Nossa tradução livre: Era como se eu já tivesse estado naquele pequeno porto antes. Enquanto navegávamos e partíamos, senti uma tristeza inexplicável. (ZÚÑIGA, 2000, p. 83).

²⁷⁰ Nossa tradução livre: [...] às vezes eu o observava com o canto do olho enquanto lia alguma obra de Plutarco ou Cervantes. (ZÚÑIGA, 2000, p. 86).

e Sáenz pode conhecer a relojoaria sozinha. Nessa ocasião, a narradora, detalhadamente, relata o encontro amoroso que nessa ocasião viveu:

*Al fondo de la relojería, en una pequeña salita, después de conversar un buen rato, se aproximó a mí para retirarme el mantón de tafetán que cubría mi cabeza, y empezó a besarme primero con delicadeza, y luego con pasión desbordante; me apretó con mucha fuerza y yo comencé a responder con igual ímpetu. Me besaba largamente en el cuello y luego bajaba al escote de mi vestido en donde humedecía mis senos que se sonrosaban por el roce de su barba [...]*²⁷¹. (ZÚÑIGA, 2000, p. 88).

Assim, a personagem Manuela Sáenz, no romance de Zúñiga (2000), inicia um relacionamento extraconjugal que, para ela, significaria apenas diversão e descompromisso. Contudo, o mesmo não se aplicava ao relojoeiro, que, apaixonado por ela, chega a sugerir uma fuga para a Europa, mas ela não aceita, uma vez que seu sentimento por ele era apenas atração física. Manuela Sáenz, desse modo, vive os conflitos próprios da colonialidade. Ela, que denuncia a hipocrisia de uma sociedade explorada, fundamentada em instituições que pregam e praticam opostos, acaba por reproduzir, em alguma medida, padrões análogos.

De acordo com o desenvolvimento da diegese, Sáenz e Thorne são convidados para uma festa de gala e lá ela é apresentada à Micaela Villegas (1748 – 1819), uma senhora atriz que fora conhecida na juventude como La Perricholi. “*Pasé totalmente regocijada escuchándole contar sus antiguas historias de amor con el virrey Manuel de Amat. Gesticulaba graciosamente como si estuviera representando alguna de sus viejas comedias*²⁷².” (ZÚÑIGA, 2000, p. 91). Nessa oportunidade também, Sáenz conhece Rosita Campuzano, com quem estabelecerá uma profícua amizade. Tal é o círculo de influências da jovem quitenha estabelecido no romance: mulheres que se destacavam em uma sociedade essencialmente patriarcal.

²⁷¹ Nossa tradução livre: Nos fundos da relojoaria, numa salinha, depois de muito conversar, ele se aproximou de mim para tirar o xale de tafetá que cobria minha cabeça e começou a me beijar, primeiro com delicadeza, depois com paixão transbordante; Ele me apertou com muita força e comecei a responder com a mesma força. Ele me beijou por um longo tempo no meu pescoço e depois desceu até o decote do meu vestido onde umedeceu meus seios que estavam rosados pelo toque de sua barba [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 88).

²⁷² Nossa tradução livre: Senti-me regozijada ao ouvi-la contar suas antigas histórias de amor com o vice-rei Manuel de Amat. Ela gesticulava, graciosamente, como se estivesse encenando uma de suas antigas comédias. (ZÚÑIGA, 2000, p. 91).

No que tange à amizade com Rosita Campuzano, personagem de extração histórica, os próximos trechos da narrativa são altamente informativos, de modo ao permitir ao leitor inteirar-se da sua importância à vida de Sáenz. Desse modo, a narradora expõe que Campuzano era uma jovem de Guayaquil-Ecuador, que chega a Lima em razão de um curto relacionamento com um abastado Espanhol. Na sequência, há, em linhas gerais, uma síntese da situação do Peru aquele momento:

Me contó que mantenía contacto con gente que buscaba la autonomía del Perú, y que asistía a reuniones de algunos de ellos para hablar sobre la situación del avance independentista en América del Sur, pues para entonces la Argentina y Chile habían ya alcanzado su emancipación. En aquel momento las fuerzas realistas del Perú se encontraban debilitadas; habían sido enviadas tropas a lugares donde la situación presentaba mayores dificultades. Además, el entonces virrey del Perú, don José Fernando Abascal [...] fue reemplazado por un colaborador cercano suyo, quien había perdido toda la capacidad política para controlar el poder de la corona en suelo peruano²⁷³. (ZÚÑIGA, 2000, p. 92-93).

É assim, segundo o romance de Zúñiga (2000), que a personagem de Manuela Sáenz faz suas primeiras incursões ao universo independentista propriamente, uma vez que a personagem de Rosita Campuzano a insere nas reuniões secretas e lhe informa sobre os detalhes das campanhas, despertando, na jovem quitenha, que agora pertencia à elite de Lima, uma disposição por participar de forma ativa no movimento. Contudo, essa amizade não seria bem-vista aos olhos de Thorne, que, por ouvir de outros, afirma que Campuzano era uma libertina e que o passado de Sáenz já era suficientemente maculado, de modo que, portanto, não havia razões para se aproximar de mulheres com má reputação. De acordo com o romance em análise, vemos que a protagonista não aceita a opinião do marido, e mais uma discussão inicia-se entre eles.

A diegese aponta, em seguida, para o reencontro entre Sáenz e seu irmão José María, que estava entre os oficiais realistas, e que chega a Lima por um breve

²⁷³ Nossa tradução livre: Ele me disse que mantinha contato com pessoas que buscavam autonomia para o Peru, e que participava de reuniões com algumas delas para falar sobre a situação do avanço da independência na América do Sul, já que, até então, Argentina e Chile haviam alcançado sua emancipação. Naquela época, as forças monarquistas do Peru estavam enfraquecidas; tropas haviam sido enviadas para lugares onde a situação era mais difícil. Além disso, o então vice-rei do Peru, Don José Fernando Abascal [...], foi substituído por um colaborador próximo dele, que havia perdido toda a capacidade política para controlar o poder da coroa em solo peruano. (ZÚÑIGA, 2000, p. 92-93).

espaço de tempo. “[...] *decía estar cansado de la tiranía española, y que había sido incorporado, contra su voluntad, como capitán integrante de las fuerzas realistas*²⁷⁴.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 95). A protagonista apresenta, então, seu irmão aos simpatizantes da causa independentista e à Rosita Campuzano. Em pouco tempo, o grupo passa a trazer adeptos do próprio exército realista à luta pela emancipação política do Peru. Conforme expressa a voz enunciativa, “*la posición antirrealista de mi hermano permitió que tomara la extraordinaria decisión de sumarse al movimiento independentista, logrando la adhesión de otros oficiales y del batallón al que todos ellos pertenecían*²⁷⁵.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 96).

Assim, cada vez mais inserida em causas políticas, a protagonista vê-se interessada pelo movimento em toda a América Hispânica e, até ela, chegam notícias a respeito do venezuelano Simón Bolívar e do argentino José de San Martín, que havia saído do Chile e se encaminhava em direção ao Peru para libertá-lo. Além disso, chega até o grupo a notícia de que o porto de Guayaquil havia declarado-se independente sob a liderança dos oficiais Luis Urdaneta, León de Febres Cordero e Miguel Letamendi.

Nesse sentido, os primeiros cinco capítulos do romance quando cotejados com as biografias apresentadas na primeira seção desta tese caminham em consonância com as proposições de Von Hagen (1966), ao projetarem no imaginário do leitor uma mulher singular e criticamente idealizada. A personagem Manuela Sáenz é representada, até o momento, como alguém cuja consciência e percepção de mundo são apurados. Nessa obra, a protagonista expõe traços de excepcionalidade, perdendo seus trejeitos mais humanos e comuns. Estamos diante de um extremo que, em seguida, só será atenuado com a presença do general venezuelano.

O quinto capítulo encerra-se com um trecho cômico, no qual a personagem Manuela Sáenz sai escondida de casa para se encontrar, clandestinamente, com o grupo antirrealista e, no caminho, encontra-se com guardas reais que detinham pessoas suspeitas, tendo em vista a força do movimento independentista no Equador e o receio de que o mesmo pudesse acontecer no Peru. Ao abordarem a

²⁷⁴ Nossa tradução livre: [...] disse-me que estava cansado da tirania espanhola e que havia sido incorporado, contra sua vontade, como capitão das forças monarquistas. (ZÚÑIGA, 2000, p. 95).

²⁷⁵ Nossa tradução livre: A posição antimonarquista do meu irmão permitiu-lhe tomar a extraordinária decisão de aderir ao movimento de independência, conseguindo o apoio de outros oficiais e do batalhão ao qual todos pertenciam. (ZÚÑIGA, 2000, p. 96).

protagonista, ela rapidamente inventa uma história de que precisava ajudar sua cunhada, que havia caído da escada de sua casa e estava muito mal. Prontamente os oficiais oferecem ajuda, da qual ela declina com cuidado. Observemos como, na enunciação da protagonista, esse episódio é trazido à lembrança: “*Una vez a salvo en el zaguán de la casa del conde De la Veba del Ren me tranquilicé, felicitándome yo misma por el éxito de aquella comedia representada pocas cuadras atrás*”²⁷⁶. (ZÚÑIGA, 2000, p. 99).

A partir do sexto capítulo, a ideologia do romance fica mais evidente, uma vez que a narrativa, que já se desenvolve cronologicamente, detém-se, cada vez mais, ao relato histórico dos acontecimentos, engrandecendo personalidades que já possuem grande visibilidade no discurso historiográfico. Vemos, com mais ênfase, a partir desse capítulo do romance, que a escrita ficcional passa a corroborar a perspectiva de homens brancos e abastados, em sua maioria.

Desse modo, o capítulo inicia-se com a crise no Peru e a chegada do general José de San Martín a esse território. Nesse ínterim, a cidade estava em completa desordem e os guardas reais atuavam de forma cada vez mais violenta com os limenhos. O romance, nesse sentido, evidencia que,

*[...] meses después, entró en Lima el general San Martín, acompañado apenas por tres oficiales y unos cuantos soldados para dirigirse al palacio de los virreyes, donde fue recibido inmediatamente por las gentes del lugar. En seguida el cabildo organizó un acto protocolario para saludar al general, cuyas tropas acampaban a la entrada de la ciudad*²⁷⁷. (ZÚÑIGA, 2000, p. 102).

E assim, junto à Rosita Campuzano, a personagem Manuela Sáenz insere-se no movimento antirrealista, que crescia em Lima. A diegese aponta que, à medida que a protagonista se envolve com os independentistas, os desentendimentos com Thorne tornam-se cada vez mais frequentes. Segundo expõe a protagonista, “*yo lo*

²⁷⁶ Nossa tradução livre: Uma vez que estava segura no corredor da casa do Conde De la Veba del Ren, acalmei-me, parabenizando-me pelo sucesso daquela comédia encenada alguns quarteirões atrás. (ZÚÑIGA, 2000, p. 99).

²⁷⁷ Nossa tradução livre: [...] meses depois, o general San Martín entrou em Lima, acompanhado de apenas três oficiais e alguns soldados, para ir ao palácio dos vice-reis, onde foi, imediatamente, recebido pela população local. Logo em seguida, a prefeitura organizou um ato cerimonial para saudar o general, cujas tropas estavam acampadas na entrada da cidade. (ZÚÑIGA, 2000, p. 102).

*rechazaba cada vez más, y sentía un desprecio que iba creciendo en mi corazón*²⁷⁸.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 102). Na sequência, a entrada de José de San Martín em Lima acontece em 25 de julho de 1821 e, de acordo com a narradora, o sentimento que tomava a cidade era o de alegria e entusiasmo, como fica evidente no fragmento do romance, destacado abaixo:

*Todo era júbilo y alegría. Aquello que contemplábamos tenía un significado profundo: veíamos que el pueblo peruano, sometido durante cerca de tres siglos a sus tribulaciones bajo despotismo español, expresaba todo aquello que le había sido negado en el pasado*²⁷⁹. (ZÚÑIGA, 2000, p. 102).

O referido excerto aponta para uma mudança paradigmática do que aconteceria ao restante do território hispano-americano nos anos seguintes: o domínio espanhol, paulatinamente, perderia força e novas repúblicas passariam a compor o mapa político da América Hispânica. Nesse sentido, o período em que a personagem Manuela Sáenz vive é, indiscutivelmente, turbulento para as nações colonizadas – e exploradas – pela Espanha.

A voz enunciativa do romance presencia momentos-chave que reverberam até a contemporaneidade. Em outras palavras, as discussões acerca de descolonização e decolonialidade, presentes nos estudos atuais, tem como ponto de partida esse recorte de tempo que, basicamente, corresponde aos anos de vida da protagonista do romance de Zúñiga (2000).

Constatamos, na diegese, que, com a chegada de José de San Martín a Lima, a personagem Rosita Campuzano aproxima-se do general com maior intimidade; contudo, a narrativa deixa a natureza do relacionamento entre ambas as personagens subentendida. “*Tal era su vinculación con él que hasta comenzaron a llamarla la protectora*²⁸⁰.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 105). Frente aos acontecimentos que movimentavam o Peru de modo inédito, o romance evidencia que a presença de San Martín, como “*protector*” do país, era permeada por um ar de realeza, segundo

²⁷⁸ Nossa tradução livre: [...] eu o rejeitava cada vez mais e sentia um desprezo que crescia em meu coração. (ZÚÑIGA, 2000, p. 102).

²⁷⁹ Nossa tradução livre: Tudo era júbilo e felicidade. O que contemplávamos teve um significado profundo: vimos que o povo peruano, submetido, por quase três séculos, às suas tribulações sob o despotismo espanhol, expressou tudo o que lhe foi negado no passado. (ZÚÑIGA, 2000, p. 102).

²⁸⁰ Nossa tradução livre: Tal era seu vínculo com ele que eles até começaram a lhe chamar de protetora. (ZÚÑIGA, 2000, p. 105).

a protagonista, e algumas condecorações foram realizadas, de modo a reconhecer os apoiadores da causa independentista.

O discurso romanesco, ao se fixar nos registros históricos, expressa que houve, assim, a instituição da “Orden del Sol”, e a protagonista, Manuela Sáenz, recebe, em uma festa de gala, junto de outras mulheres, a ordem de Cavalheira do Sol. Desse modo, a voz enunciadora do discurso expressa: “*También estaban la marquesa de Torre Tagle, la de Castellón, la de Casa Muñoz y la de Casa Boza*”²⁸¹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 107). Assim, a ficção mostra, como a historiografia também registrou, a personagem publicamente reconhecida pela sua contribuição ao país.

A vida privada da personagem Manuela Sáenz estava, por outro lado – como também evidencia o romance –, em conflito, pois não se deixa de mostrar, na ficção, que a personagem Thorne não aceitava o posicionamento político de sua esposa, além de reconhecer nela a falta de amor por ele. Observemos como o discurso romanesco contempla essa parte do passado de Sáenz, possível de se identificar na passagem destacada a seguir, na qual a escrita romanesca vale-se da voz da própria personagem do marido, em discurso direto, dirigindo-se à esposa:

– *¡Eres una mujer ingrata que me has negado la felicidad! Conmigo eres un verdadero tímpano de hielo, pero con otros hombres eres lisonjera, y te gusta ofrecerles atenciones y sonrisas. No recibo de ti las más mínima expresión de afecto, pues soy la persona que a ti menos interesa. Ni siquiera puedes darme la felicidad con algún hijo, pues tu infecundidad es parte de mi desgracia, y con ello mi soledad se agranda [...]*²⁸². (ZÚÑIGA, 2000, p. 109).

Novamente, a infertilidade de Sáenz é posta em uma narrativa sob a perspectiva de um homem. Primeiramente, vemos que, nesse romance, temos a figuração do seu pai, cuja personagem vê, nessa condição, um alívio, e, na sequência, a configuração da personagem Thorne que, no papel do marido da protagonista, compreende essa impossibilidade dela de gestar como um castigo para si. À personagem Manuela Sáenz não cabe, nem mesmo no espaço ficcional,

²⁸¹ Nossa tradução livre: Estavam também a marquesa de Torre Tagle, a de Castellón, a da Casa Muñoz e a da Casa Boza. (ZÚÑIGA, 2000, p. 107).

²⁸² Nossa tradução livre: – Você é uma mulher ingrata que me negou a felicidade! Comigo você é um verdadeiro tambor de gelo, mas com outros homens você é lisonjeira e gosta de oferecer atenção e sorrisos. Não recebo de você a menor expressão de afeto, porque sou a pessoa que menos lhe interessa. Você não pode nem me dar felicidade com um filho, porque sua infertilidade faz parte da minha desgraça, e com ela minha solidão aumenta [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 109).

seu ponto de vista sobre o assunto – embora seja ela o foco narrativo do romance. Apenas uma linha descreve seu sentimento: “[...] *en realidad empezaba a sentir-me terriblemente sola. Sola e infecunda*²⁸³” (ZÚÑIGA, 2000, p. 110), o que nos permite inferir que, possivelmente, a vida pública fosse prioridade para a personagem protagonista.

Em seguida, como registra a diegese, a situação no Peru fica calamitosa, pois a população estava descontente com a pressão exercida pelos espanhóis no território peruano. Nesse ambiente tenso que a diegese revela, vemos que a protagonista expressa que “*el general San Martín no sabía qué hacer, pues su poder se iba debilitando progresivamente*²⁸⁴.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 111). Dessa forma, o relato romanesco expõe que não havia um plano de contingência que abarcasse os desdobramentos do conflito. A expectativa da população em geral era a de que a situação se agravaria.

Nesse ínterim, e seguindo o percalço da história, a protagonista, Manuela Sáenz, recebe a visita de seu pai, que estava muito preocupado com o enfraquecimento do poder político de seus conterrâneos espanhóis. Todas essas comoções interferiam, diretamente, nas relações comerciais da elite espanhola e crioula, que não apoiaria nenhuma insurreição independentista. Assim, a presença de seu pai e a notícia de que Quito estava no limiar de um conflito, despertam, na protagonista, o interesse por viajar à sua cidade por algumas semanas.

A personagem Simón Sáenz, pai de Manuela, contesta à sua filha que essa viagem só seria possível com a autorização da personagem Thorne, marido dela. Nesse trecho do romance, o discurso ficcional busca expor as limitações da atuação feminina nesse contexto, um fato que, também, nota-se pela expressão da enunciação da personagem Manuela: “*Después de pocos días, utilizando todas mis habilidades, pude convencer a Thorne que me permitiera viajar a Quito en compañía de mi padre [...]*²⁸⁵.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 112).

²⁸³ Nossa tradução livre: [...] na verdade eu estava começando a me sentir terrivelmente sozinho. Sozinho e infértil. (ZÚÑIGA, 2000, p. 110).

²⁸⁴ Nossa tradução livre: O general San Martín não sabia o que fazer, porque seu poder estava enfraquecendo progressivamente. (ZÚÑIGA, 2000, p. 111).

²⁸⁵ Nossa tradução livre: Depois de alguns dias, usando todas as minhas habilidades, consegui convencer Thorne a me permitir viajar para Quito na companhia de meu pai [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 112).

O sexto capítulo encerra-se com a ida das personagens Manuela Sáenz, seu pai, Jonatás e Natán para Quito, em abril de 1822. Aqui, avançamos para a segunda metade da obra, período temporal que diz respeito aos oito anos de relacionamento de Sáenz com Simón Bolívar. É possível depreendermos, até este momento da leitura do romance de Zúñiga (2000), que sua diegese busca abordar o passado por meio de um ponto de vista não conhecido e valorizado, que é o da protagonista, Manuela Sáenz.

Há, nesse sentido, inserções que ressignificam uma historiografia tradicional de cunho positivista. Tal configuração permite-nos aproximar o romance do equatoriano da modalidade crítica/mediadora, de acordo com as prerrogativas que Fleck (2017) estabeleceu para essa modalidade híbrida romanesca. Contudo, acreditamos ser mais adequado que essa análise literária pormenorizada seja feita a partir do próximo capítulo, uma vez que elementos centrais pertencentes às fases acrítica e crítica serão expostos.

O sétimo capítulo da obra em análise aborda a chegada da personagem Manuela Sáenz em Quito, quando a cidade se preparava para receber Simón Bolívar, de quem a protagonista já ouvira falar. Da sacada da casa onde estava, como o romance aponta, Manuela Sáenz pode ver a entrada da caravana e a descreve com minúcias:

Se podía distinguir al general que comandaba el desfile: caballo y jinete parecían formar un solo personaje de caminar acompasado. Su uniforme empolvado, al igual que el del resto de la tropa, denotaba un viaje entre ventos, tierra y polvo. Una vez cerca, pude ver que el Libertador era moreno y delgado; su casaca con galones dorados lo distinguían²⁸⁶. (ZÚÑIGA, 2000, p. 115).

É com a aparição da personagem Bolívar à diegese do romance que o relato estruturado pelo romancista altera-se, uma vez que as possibilidades de ressignificação do passado, estabelecidas até então – mormente no que diz respeito à criticidade e excentricidade da protagonista –, são atravessadas, agora, por outra circunstancialidade: o encontro da protagonista, Manuela Sáenz, com o general

²⁸⁶ Nossa tradução livre: Dava para distinguir o general que comandava o desfile: cavalo e cavaleiro pareciam formar um único personagem, andando em ritmo. Seu uniforme empoeirado, como o do resto da tropa, denotava uma viagem entre ventos, terra e poeira. Uma vez perto, pude ver que o Libertador era moreno e magro; seu casaco, com galões de ouro, distinguia-o. (ZÚÑIGA, 2000, p. 115).

venezuelano, Simón Bolívar. Um evento apresentado laudatoriamente desde a sua chegada, como fica evidente no referido excerto. Nele vemos toda a sua performance que é idealizada nessa fusão entre cavalheiro e animal, ambos fortes e em consonância, evocando uma imagem mítica da representação do general.

Assim, a ficção celebra a entrada do general na cidade de Quito, pela comemoração da vitória da Batalha em Pichincha. Nesse contexto do desfile, a personagem Manuela Sáenz decide jogar-lhe uma coroa de louros, que acaba atingindo o ombro da personagem Bolívar, levando-o a uma troca de olhares com a protagonista, como expressa ela no fragmento a seguir: “*Bolívar levantó la vista mirándome con sus ojos profundos, e inclinó su cabeza cortésmente*”²⁸⁷. (ZÚÑIGA, 2000, p. 116).

A cidade, naquele momento, segundo o romance, vivia, de acordo com a narrativa, um período de grandes esperanças, uma vez que a resistência espanhola cessara. O olhar da protagonista revela que, “*al llegar, habían desaparecido los soldados chapetones [...]; ya no había más uniformes godos en las plazas, tampoco se escuchaban reales zetas que alabaran al rey de España [...]*”²⁸⁸. (ZÚÑIGA, 2000, p. 116).

No romance, fica evidente que, depois de muitas mortes e feridos, o objetivo havia sido alcançado e, para tanto, comemorações eram constantes, organizadas, principalmente, por uma elite econômica que, agora, assumiria o poder político da cidade. Dessa forma, a personagem Manuela Sáenz é convidada a uma festa em homenagem ao general venezuelano, na qual distintas pessoas abastadas estavam presentes.

É no contexto dessa festa em que as personagens Simón Bolívar e Manuela Sáenz são apresentadas. A narradora chama a atenção para o fato de que, nessa ocasião, vestia-se com a sua condecoração de “Cavalheira do Sol”, concedida por José de San Martín, e que a personagem Bolívar, prontamente, reconheceu-a e se interessou pela sua participação no movimento, buscando aproximar-se dela constantemente. Para a protagonista, ele era um sujeito nobre em sua causa pela

²⁸⁷ Nossa tradução livre: Bolívar olhou para mim com seus olhos profundos e baixou a cabeça com cortesia. (ZÚÑIGA, 2000, p. 116).

²⁸⁸ Nossa tradução livre: [...] ao chegar, os soldados da escolta haviam desaparecido [...]; não havia mais uniformes góticos nas praças, nem o soar real, louvando o rei da Espanha [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 116).

América, conforme podemos depreender do fragmento do romance abaixo destacado:

*Bolívar tenía gran estatura, no física, por supuesto, sino heroica; era el hombre que había luchado incasablemente, y hasta de manera obsesiva por la causa de la libertad. Era el hombre que conocía los sinsabores del destierro; había recorrido las geografías y paisajes más duros del continente; había enfrentado la guerra y la muerte con mirada serena; había vivido, al igual que todos nosotros, la presión y angustia del despotismo; había condenado la alevosía realista sobre nuestras tierras, y en aquel momento, él se encontraba junto a mí, lleno de vida y con una serenidad admirable*²⁸⁹. (ZÚÑIGA, 2000, p. 119).

Diante de um excerto tão apologético a respeito de Simón Bolívar, torna-se evidente que o romance em estudo utiliza-se da visão e voz de Manuela Sáenz para corroborar o discurso histórico exaltador do general. Sua perspectiva reforça e cumpre com o propósito de retificar sua importância à América Latina já na aproximação com o século XXI, pois a obra tem sua primeira publicação em 1991.

Identificado esse traço ideológico que permeia o texto de Zúñiga (2000), não há mais a possibilidade de a assumirmos como uma produção crítica, uma vez que toda essa idealização de um herói – já extensivamente estudado e ficcionalizado – reitera o discurso presente nos anais da historiografia. Somos, assim, conduzidos por uma escrita que comunga da mesma perspectiva idealizadora e mistificadora de heróis e modelos que o relato histórico de cunho positivista, tão comum em nosso continente, já tinha forjado sobre o passado independentista, recuperado, agora, pela ficção. Nessa empreitada, a suposta revisão crítica da vida de Sáenz serve, uma vez mais, para o intuito de exaltar, glorificar e promover a imagem heroica de Bolívar.

Nesse sentido, Fleck (2017), ao teorizar sobre o desenvolvimento do gênero romance histórico, identifica outra composição de romance que se distanciava das premissas de Walter Scott, no século XIX. Para o pesquisador brasileiro, o romance histórico tradicional, em linhas gerais, consiste em uma narrativa que insere em sua

²⁸⁹ Nossa tradução livre: Bolívar era de grande estatura, não físico, claro, mas heroico; ele era o homem que havia lutado incansavelmente, até obsessivamente, pela causa da liberdade. Ele era o homem que conhecia as dores do exílio; ele havia percorrido as geografias e paisagens mais duras do continente; enfrentara a guerra e a morte com um olhar sereno; viveu, como todos nós, a pressão e a angústia do despotismo; Ele havia condenado a traição real em nossas terras e, naquele momento, estava ao meu lado, cheio de vida e com uma serenidade admirável. (ZÚÑIGA, 2000, p. 119).

escrita ficcional elementos que fortalecerão a versão perpetrada da história oficializada materialmente, sendo, portanto, considerada uma produção acrítica. Para tanto, o referido teórico estabelece seis características presentes na modalidade tradicional. Essas são, facilmente, verificáveis e analisadas, na sequência, junto à tessitura do material literário que estamos manipulando em nosso estudo.

Dessa forma, a primeira especificidade do romance histórico tradicional é a seguinte: “Desaparece a estrutura do “pano de fundo histórico”, comum no romance clássico, e o evento histórico e seus protagonistas focalizados na narrativa ficcional constituem o eixo único do romance.” (FLECK, 2017, p. 50). Essa é a disposição da obra de Zúñiga, que insere toda a ficção dentro de um período histórico específico com personagens fulcrais para o desenvolvimento da narrativa e, por consequência, do passado. Vejamos como o material histórico é parte inerente ao romance: “*La victoria en el Pichincha, consumada algunas semanas antes, había provocado en los quiteños grandes esperanzas. Por desgracia no pude llegar ese gran día a Quito*²⁹⁰.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 116). Nessa abordagem do passado, não há, portanto, nenhum pano de fundo, mas o mergulho total dentro de um período histórico de importância indiscutível à América Hispânica, principalmente.

O romance avança com o interesse de Simón Bolívar por Manuela Sáenz durante a festa oferecida à chegada do general. Ela, por sua vez, expõe todo o seu conhecimento sobre o avançar da guerra e evidencia sua participação no Peru, que não passa despercebida por ele. É nesse primeiro encontro, regado a muito vinho e música, que acontece o primeiro beijo entre as personagens, como rememora a protagonista: “*Antes de ingresar, me tomó de la quijada y me besó suavemente en los labios; yo no hice nada más que cerrar los ojos y dejarme llevar momentaneamente por el calor que emanaba de su interior*²⁹¹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 120). Assim, na sequência das ações, que se concentram nos dias seguintes da protagonista em Quito, observamos que esses foram movimentados para ela, que se aproxima de Bolívar amorosa e partidariamente.

²⁹⁰ Nossa tradução livre: A vitória em Pichincha, consumada algumas semanas antes, deu grandes esperanças a Quito. Infelizmente não consegui chegar a Quito naquele grande dia. (ZÚÑIGA, 2000, p. 116).

²⁹¹ Nossa tradução livre: Antes de entrar, ele me pegou pelo queixo e me beijou, suavemente, nos lábios; não fiz nada além de fechar os olhos e me deixar levar, momentaneamente, pelo calor que emanava de seu interior. (ZÚÑIGA, 2000, p. 120).

*Como era de esperarse, nuestros seguidos encuentros que crecieron en intensidad, no pudieron mantenerse en secreto durante la semana siguiente. Yo conocía de memoria esas historias del honor, de fidelidad; esos pensamientos de envidia y mezquindad que revoloteaban como buitres sobre las cabezas de quienes habían crecido atormentados por azotes y escapularios*²⁹². (ZÚÑIGA, 2000, p. 123).

Manuela Sáenz, como personagem de extração histórica – inserida na diegese de Zúñiga como foco narrativo e voz enunciativa do discurso –, aproveita a possibilidade de recontar suas vivências para expor as contradições de uma sociedade que estava em vias de iniciar um processo de descolonização. Outro exemplo da excentricidade da protagonista, que o romance expõe de modo a perfilá-la como uma mulher dona de suas escolhas, diz respeito ao fato de ela andar sempre armada e sozinha.

Todas essas particularidades da personagem são postas à vista do leitor pela ótica da própria personagem, como podemos verificar no excerto a seguir destacado: “*Al llegar, me dijo que le [a Bolívar] preocupaba mi riesgo de caminar sola a esas horas. Al enseñarle mi arma, dijo sonriendo: – ¡Vaya!, con ese objeto harías hueco hasta a una pared*”²⁹³. (ZÚÑIGA, 2000, p. 124). Esse viés crítico atribuído ao comportamento e às ações de Manuela Sáenz, contudo, não se aplicam à intencionalidade do romance, pois esse relaciona-se à completa e indiscutível veneração a Bolívar.

Há, ainda, na narrativa uma característica de Bolívar realçada pela visão e voz da narradora, que aponta para o fato de que ele a escutava e respeitava sua opinião sobre o avanço dos movimentos independentistas. Tal aspecto do passado, relacionado ao convívio de Sáenz e Bolívar, fica evidente no romance nas palavras da personagem, quando ela menciona: “[...] *departimos sobre asuntos de interés*

²⁹² Nossa tradução livre: Como esperado, nossas reuniões consecutivas, que cresceram em intensidade, não puderam ser mantidas em segredo durante a próxima semana. Eu sabia de cor aquelas histórias de honra, de fidelidade; aqueles pensamentos de inveja e mesquinhez que esvoaçavam como abutres sobre as cabeças daqueles que cresceram atormentados por chicotadas e escapulários. (ZÚÑIGA, 2000, p. 123).

²⁹³ Nossa tradução livre: Ao chegar, ele me disse que [Bolívar] estava preocupado com o risco de que eu andasse sozinha naquela hora. Quando lhe mostrei minha arma, ele disse sorrindo: – Nossa, com esse objeto você poderia fazer até um buraco na parede. (ZÚÑIGA, 2000, p. 124).

para la Gran Colombia; hablamos de la situación con el Perú. [...] ²⁹⁴.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 124). Assim, com encontros em Quito e, posteriormente, em Guayaquil, a relação entre eles estreitava-se, e algumas passagens históricas passam a ser narradas pelo filtro do olhar de Bolívar, permitindo que a história seja contada também por ele. Isso ocorre, por exemplo, no fragmento exposto abaixo:

– ¿Podrás imaginarte tú, Manuela, lo que tuvimos que pasar en la campaña de Nueva Granada? Fue algo terriblemente difícil. Todas las penalidades que sufrimos a lo largo de cientos de leguas de recorrido, significaron golpes permanentes e inmisericordes para nuestras tropas, que parecían hallarse condenadas a una marcha hacia el infierno [...] ²⁹⁵. (ZÚÑIGA, 2000, p. 128).

Fica evidente, na perspectiva da personagem Bolívar – retratada laudatoriamente nesse romance –, um grande senso de justiça. Para a narradora, ele era, de fato, um herói a quem sua vida, a partir de então, pertenceria, como expressa ela ao mencionar: *“Lo amaba; me sentía crecer con sus ideas, con el fuego de su espíritu, con la fuerza de su heroicidad ²⁹⁶.”* (ZÚÑIGA, 2000, p. 129). Essa perspectiva idealizada sobre o general venezuelano – que acaba por se sobrepor à revisão da vida de Sáenz – consiste na segunda característica dos romances históricos tradicionais. Vejamos como Fleck (2017) enuncia isso em seus estudos:

A ideologia que perpassa a escrita do romance histórico tradicional comunga com a da historiografia a intenção da construção de um discurso que exalta e/ou mitifica o herói do passado, pela aclamação de suas qualidades e pelo valor de suas ações, revelando-o como modelo de sujeito do passado para o cidadão/leitor do presente. (FLECK, 2017, p. 50).

Inúmeras serão as passagens em que o discurso da protagonista mitificará a figura de Simón Bolívar, ainda que, como podemos observar, exista uma intencionalidade mais crítica ao perfilar Sáenz. Nessas duas possibilidades

²⁹⁴ Nossa tradução livre: [...] discutimos assuntos de interesse da Grã-Colômbia; conversamos sobre a situação em que se encontrava o Peru. [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 124).

²⁹⁵ Nossa tradução livre: – Imagina, Manuela, o que passamos na campanha de Nova Granada? Foi uma coisa terrivelmente difícil. Todas as dificuldades que sofremos ao longo de centenas de léguas de viagem significaram golpes permanentes e impiedosos para nossas tropas, que pareciam condenadas a uma marcha para o inferno [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 128).

²⁹⁶ Nossa tradução livre: Eu o amava; Senti-me crescer com as suas ideias, com o fogo do seu espírito, com a força do seu heroísmo. (ZÚÑIGA, 2000, p. 129).

ficcionais, há uma intersecção de visões que culminam na proposição de que Manuela Sáenz, em toda sua liberdade de pensar e agir, conquista um homem de valores muito nobres, de acordo com a intencionalidade do romance. O casal torna-se, portanto, exemplo de força, resiliência e resistência, modelos de sujeitos para a contemporaneidade e referências de como o passado esteve bem direcionado por seus representantes, estando eles acomodados às suas funções.

Ainda com o objetivo de posicionar Sáenz em lugar de igual importância quando se relaciona com Bolívar, a narrativa evidencia o quanto ela buscava marcar seu espaço e habilidade em todos os âmbitos. Como ocorre em passagens nas quais a protagonista evoca suas memórias: “[...] *competíamos en las caricias y trucos del amor [...]. Librábamos verdaderas batallas en las que él siempre deseaba triunfar, pero sabía que se enfrentaba con un rival, a veces superior, que lo dominaba en poco tiempo*²⁹⁷.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 130). Estamos, desse modo, diante de uma escrita romanesca que intenta gerar criticidade, ao propor uma protagonista subversiva e independente e que impõe seus anseios em um contexto em que, normalmente, isso não ocorreria. Contudo, ao se abordar, igualmente, a trajetória de Simón Bolívar, o discurso exaltador do passado consignado na historiografia tradicional permeia toda a diegese, fazendo com que a perspicácia da protagonista reforce e promova a exaltação desse herói do passado.

Na sequência, ajustando-se a diegese aos eventos históricos que imprimem o avanço do relato, o romance discorre sobre as negociações entre a protagonista e sua tia com relação à herança materna de Manuela Sáenz, além de apontar para o fato de que a protagonista recebera uma carta da personagem Thorne, na qual ele deixa até mesmo a personagem Bolívar constrangido. Na missiva recebida por Manuela Sáenz – circunstância plenamente verossímil nesse contexto –, a personagem Thorne afirmava saber do relacionamento entre Manuela Sáenz e o ‘Libertador’. Ao discutir com a protagonista sobre o conteúdo da carta, a personagem Bolívar julga ser necessário que o seu relacionamento com a protagonista chegue ao fim, pois, afinal ela era casada: “*Creo que deberías tener*

²⁹⁷ Nossa tradução livre: “[...] competíamos nas carícias e travessuras do amor [...]. Travamos batalhas reais em que ele sempre quis vencer, mas ele sabia que estava enfrentando um rival, às vezes superior, que o dominou em pouco tempo. (ZÚÑIGA, 2000, p. 130).

*mayores consideraciones para con tu esposo. No es justo para ti ni para él*²⁹⁸.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 133). Essa imagem, de um homem que busca respeitar a integridade e dignidade de outro homem, denota, uma vez mais, a elevação de seu caráter, promovida pelo discurso romanesco.

O capítulo encerra-se com a insistência da protagonista em permanecer junto à personagem Bolívar – ainda que casada e em constantes desencontros. O discurso romanesco, nessa ocasião, procura, como já apontamos, evidenciar as razões privadas e subjetivas de Manuela Sáenz, em um intento de revisar seu passado, mas que acaba sendo mote para a exaltação do general venezuelano.

Vemos, assim, as tentativas de um discurso ficcional que busca equiparar a personagem Manuela Sáenz ao “Libertador”, embora isso mesmo evidencie a superioridade do herói já consagrado pela historiografia: “– *¿Acaso cree que solamente usted alcanza a comprender el significado de la libertad por la que usted y tantos otros vivimos atormentados? [...] hablé enfatizando en mis sentimientos hacia él y la independencia del continente*²⁹⁹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 135). Na sequência da diegese, vemos que a personagem Bolívar, ao se inteirar da profundidade dos argumentos da protagonista, compreendendo que ela estaria com ele junto à causa independentista, entrega-lhe um uniforme militar, selando, assim, um pacto de estarem unidos pela mesma causa: a independência da América Hispânica.

O oitavo capítulo inicia-se com o relato de um levante, que acontece em Quito, contra o aumento de impostos realizado pelo governo atual para manter o exército. A personagem Manuela Sáenz, diante da tardia atuação dos soldados, decide vestir seu uniforme militar, tomar posse de sua arma e ir a cavalo para o confronto, a fim de dispersar os revoltosos. Na voz autodigética da protagonista, lemos: “*Me acerqué al tumulto y extraje la pistola; algunos me observaron alarmados y temerosos a la vez. Disparé al aire mientras adelantaba mi caballo contra aquel grupo de sediciosos*³⁰⁰.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 139). Sua atuação não passa

²⁹⁸ Nossa tradução livre: Eu acho que você deveria ter maiores considerações por seu marido. Não é justo a você nem com ele. (ZÚÑIGA, 2000, p. 133).

²⁹⁹ Nossa tradução livre: – Você acha que só você pode entender o significado da liberdade pela qual você e tantos outros vivem atormentados? [...] Falei enfatizando meus sentimentos em relação a ele e à independência do continente. (ZÚÑIGA, 2000, p. 135).

³⁰⁰ Nossa tradução livre: Aproximei-me da multidão e tirei a pistola; alguns me olhavam alarmados e temerosos ao mesmo tempo. Disparei para o ar enquanto avançava meu cavalo contra aquele grupo de desordeiros. (ZÚÑIGA, 2000, p. 139).

despercebida e chama a atenção de toda a cidade, principalmente das mulheres, que a julgavam insensata e em busca de escândalos. Nas reflexões memorialísticas da personagem, ela expressa ao narratário: “*Para ellos, había regresado la loca de la Sáenz, entonces como amante de Simón Bolívar, a perturbar la tranquilidad de los moradores de Quito*³⁰¹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 139).

Vejamos, novamente, como a protagonista e narradora opta por trazer ao relato passagens em que enfrentamentos aconteceram e ela pode atuar, perfilando ao leitor uma imagem de que a causa política e a sua aliança com Bolívar foram nobres motivos de luta e revolta. Nosso imaginário é alimentado, assim, pela idealização de um casal unido por uma ambição política e que não se limita a nenhuma imposição social. Essa imagem de uma mulher forte e ex-cêntrica perpassa toda a narrativa, o que não deixa a escrita enfastiante, mas dinâmica e provocativa, uma vez que ela une opostos: a tentativa de ressignificar uma personagem de extração histórica feminina, atravessada pela exaltação de uma personalidade consagrada pela historiografia.

O leitor perspicaz, entretanto, dá-se conta de que, de fato, a dualidade entre o ressignificar da imagem feminina e o corroborar do passado está intimamente atrelada ao intento de exaltação e mitificação da personagem masculina, já amplamente heroificada na historiografia. Isso faz com que a voz e a visão empregados como foco narrativo do romance, supostamente meios críticos de revisar o passado, sejam, também, estratégias ardilosas de reiteração do discurso histórico tradicional.

Na sequência, a diegese avança para o evento da morte do pai da personagem Manuela Sáenz, acontecimento que a faz permanecer por mais algumas semanas em Quito. O seu retorno a Lima acontece de forma inesperada para a personagem Thorne, que busca entender-se com a esposa. No que tange ao desenvolvimento do movimento independentista em Lima, as tropas colombianas ali presentes causavam desconforto para a cidade, que estava em conflito desde que o general San Martín havia partido.

É fundamental analisarmos o cuidado escritural do autor para que o romance obedeça a um desenvolvimento lógico, com fortes vínculos com a historiografia.

³⁰¹ Nossa tradução livre: Para eles, a louca de Sáenz voltou, então como amante de Simón Bolívar, para perturbar a tranquilidade dos habitantes de Quito. (ZÚÑIGA, 2000, p. 139).

Estamos diante de uma narrativa que prepara o seu leitor para o romance, oferecendo-lhe páginas de renarrativização histórica. Somos conduzidos por um texto informativo que expõe, detalhadamente, as intercorrências do momento político peruano, característica essencial de um romance histórico tradicional, como podemos observar na seguinte passagem:

El general Sucre había enfrentado una situación complicada poco tiempo antes de la llegada del Libertador. Con el transcurrir de las semanas fue destituido Riva Agüero; lo reemplazó Torre Tagle, que se mostraba a favor de la intervención del ejército colombiano. La influencia política de Sucre fue decisiva, pues ésta permitió que las cosas maduraran y que al menos temporalmente, apareciera un corto espacio de tranquilidad en el gobierno y la población³⁰². (ZÚÑIGA, 2000, p. 142).

O referido excerto é apenas um exemplo, entre múltiplos outros, de como a narradora aborda o passado histórico com didatismo de modo a conduzir, de modo mais fluido, um leitor que não domina o repertório das guerras independentistas pelos registros já consagrados. Nesse sentido, o romance histórico tradicional, aliado às proposições de uma historiografia positivista, que postula a imagem de Simón Bolívar como um Libertador, exaltado no continente e visto como um herói, corrobora, séculos depois, uma visão unilateral dos acontecimentos pregressos na América Hispânica. Desse modo, a terceira característica do romance histórico tradicional aponta para o seguinte:

As ações narradas no romance histórico tradicional seguem a linearidade cronológica dos eventos históricos retomados na ficção para dar a impressão de que o tempo é um fluir constante e ininterrupto e que a história é incontestável por seu caráter cronológico. (FLECK, 2017, p. 50).

Esse caráter cronológico da narrativa, adotado pelo romance de Zúñiga (2000), facilita, também, o avanço das ações romanescas, sendo, portanto, um traço de simplicidade, que não utiliza nenhuma manipulação temporal que requeira maior experiência de seu leitor. Assim como uma escrita biográfica, o romance *Manuela*

³⁰² Nossa tradução livre: O general Sucre enfrentara uma situação complicada pouco antes da chegada do Libertador. Com o passar das semanas, Riva Agüero foi demitido; Ele foi substituído por Torre Tagle, que era a favor da intervenção do exército colombiano. A influência política de Sucre foi decisiva, pois permitiu que as coisas amadurecessem e, pelo menos temporariamente, surgisse um curto espaço de tranquilidade no governo e na população. (ZÚÑIGA, 2000, p. 142).

propõe o mesmo, com maior flexibilidade, uma vez que toda uma subjetividade da protagonista é criada para que essa se alinhe à própria discursividade histórica presente nos documentos oficiais.

De acordo com o romance, o reencontro entre as personagens Manuela Sáenz e Simón Bolívar acontece em uma viagem da personagem Thorne. A protagonista aproveita a ausência do marido e decide ir à La Magdalena, nas proximidades de Lima. Nessa oportunidade, a protagonista descobre que Bolívar carregava consigo um brinco de diamantes, que seria dado de presente a outra mulher. As memórias da personagem revelam a subjetividade do momento, como podemos ver no excerto destacado à continuação: *“No me dijo nada y empezó a palidecer. Le arrojé el arete en la cara y me lancé sobre él golpeándole en la cabeza y en pecho. Quiso inúltimente apartarme de un empujón mientras yo le gritaba llena de cólera³⁰³.”* (ZÚÑIGA, 2000, p. 144). Passada a raiva, a voz enunciadora do romance reflete sobre o ocorrido e sobre a infidelidade da personagem Simón Bolívar, chegando à seguinte conclusão: *“De Bolívar no debía esperar fidelidad, pues era un hombre que, al viajar constantemente en sus campañas, estaba expuesto tanto al peligro de sus enemigos cuanto al de sus propios encantos³⁰⁴.”* (ZÚÑIGA, 2000, p. 145).

Assim, diminuindo a importância do acontecido, a protagonista decide não mais esperar a correspondência de sua fidelidade, pois, segundo ela, o encanto de Bolívar era tamanho que ele mesmo não poderia controlar seus instintos. Isso nos leva, diretamente, ao discurso laudatório, que prefere suplantiar aspectos problemáticos pela exaltação máxima de certos valores e ações de um indivíduo.

Em outra ocasião, em uma tentativa de reparar o mal-estar gerado pelo incidente com o brinco de diamante, a personagem Bolívar decide dar à protagonista a responsabilidade pela proteção de seus arquivos e correspondências. Isso se enuncia no romance pelo emprego do discurso direto, outorgando à personagem a sua própria expressão no nível do discurso, como podemos observar no seguinte fragmento: *“Allí está el baulito para que desde hoy lo revises y empieces a*

³⁰³ Nossa tradução livre: Ele não me disse nada e começou a ficar pálido. Joguei o brinco em seu rosto e pulei em cima dele, batendo-lhe na cabeça e no peito. Ele, inutilmente, queria me empurrar enquanto eu gritava com ele cheia de raiva. (ZÚÑIGA, 2000, p. 144).

³⁰⁴ Nossa tradução livre: De Bolívar não deveria esperar fidelidade, pois era um homem que, viajando constantemente em suas campanhas, estava exposto tanto ao perigo de seus inimigos quanto ao de seus próprios encantos. (ZÚÑIGA, 2000, p. 145).

*ordenarlo. Por otra parte, quiero olvidar el bochornoso episodio de la otra noche; debes aprender a ser un poco más controlada [...]*³⁰⁵.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 147). Ao leitor contemporâneo, fica evidente não apenas o poder de persuasão do general venezuelano – que concede à personagem Manuela Sáenz uma responsabilidade política como forma de tirar o foco do acontecido, uma vez que, a partir de então, eles estariam vinculados não apenas amorosamente –, mas, também, o tom patriarcal que emana dessa voz.

A impressão da narradora sobre o fato reforça a visão parcial que ela tem dele. Vejamos: “[...] *el general demostró su nobleza al ratificarme su confianza. Desde ese instante, y en nombre de la fe depositada en mí, me sentí más comprometida con todas las acciones en favor de la lucha por la independencia del Perú*³⁰⁶.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 147). Observamos, desse modo, que o resultado almejado no discurso ficcional da personagem Simón Bolívar encontra na protagonista, Manuela Sáenz, exatamente o esperado: perdão, compreensão e aceitação da situacionalidade. A personagem Bolívar, assim, pelo filtro do olhar da protagonista, consagra-se em sua justiça e generosidade, traços que vão ao encontro de biografias e relatos históricos sobre o sujeito figurado no romance, amplamente divulgados no continente. O romance em estudo, dessa maneira, serve como instrumento de manutenção dessa imagem do general também no cenário literário do final do século XX, e assinala, assim, sua filiação à modalidade tradicional dessas escritas híbridas de história e ficção.

Na sequência das ações da diegese, de volta a Lima, a personagem Manuela Sáenz é convidada para o casamento da filha do Marquês Villafuerte, e ela decide ir à festividade para buscar informações confidenciais sobre a aproximação do exército colombiano à capital peruana. Nesse evento, a protagonista descobre que uma traição ao movimento independentista estava na iminência de acontecer, como podemos presumir de suas reflexões, expostas no excerto destacado abaixo:

³⁰⁵ Nossa tradução livre: Ali está o baú para que a partir de hoje você possa conferir e começar a fazer ordem. Por outro lado, quero esquecer o episódio embaraçoso da outra noite; você deve aprender a ser um pouco mais controlada [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 147).

³⁰⁶ Nossa tradução livre: [...] o general demonstrou sua nobreza ao confirmar sua confiança em mim. A partir desse momento, e em nome da fé depositada em mim, senti-me mais comprometido com todas as ações em favor da luta pela independência do Peru. (ZÚÑIGA, 2000, p. 147).

[...] *Doña María del Rosario Olivares, esposa del conde de Santacruz [...] me dijo confidencialmente que Torre Tagle estaba llegando a un acuerdo secreto con Canterac, para entregar El Callao a los españoles. Sin duda alguna, estabase gestando una maquiavélica traición*³⁰⁷. (ZÚÑIGA, 2000, p. 148).

Em posse de tais informações, a diegese expõe que a protagonista as transmite à personagem Simón Bolívar, que, prontamente, age, conduzindo o conflito para um fim que o interesse ainda que esse represente o início de uma crise maior, como a narradora descreve em um trecho repleto de informatividade a fim de instruir o seu interlocutor:

*Finalmente sucedió aquello que yo había previsto cuando se produjo la sublevación de El Callao: los insurrectos dieron un ultimátum a las tropas libertadoras antes de atacar Lima. El congreso, en forma cuasi desesperada, concedió los poderes absolutos a Bolívar, desconociendo la presidencial del traidor Torre Tagle. Cuatro días más tarde, el ejército patriota evacuó la ciudad, y yo junto con él, antes de que los godos tomarán la ciudad. Una vez entrados en Lima, una tropa numerosa de desertores, comandada por el miserable depuesto presidente del Perú, había-se unido a los realistas*³⁰⁸. (ZÚÑIGA, 2000, p. 150).

Dessa forma, o relato diegético aponta-nos que o exército e as personagens Bolívar e Sáenz deixam Lima em direção à Pativilca. A personagem Thorne ainda tenta convencer a protagonista para que permaneça em Lima, mas sua decisão havia sido tomada e seu retorno não estava previsto. No caminho, a narradora chama a atenção para a presença de outras mulheres que acompanhavam seus companheiros. Para a voz enunciativa do romance, tais mulheres eram valentes e dignas de admiração, pois permaneciam com seus homens, independentemente, da dificuldade.

³⁰⁷ Nossa tradução livre: [...] Dona María del Rosario Olivares, esposa do Conde de Santacruz [...] disse-se, confidencialmente, que Torre Tagle estava fechando um acordo secreto com Canterac, para entregar El Callao aos espanhóis. Sem dúvida, ele estava preparando uma traição maquiavélica. (ZÚÑIGA, 2000, p. 148).

³⁰⁸ Nossa tradução livre: Finalmente aconteceu o que eu havia previsto quando ocorreu o levante de El Callao: os insurgentes deram um ultimato às tropas libertadoras antes de atacar Lima. O congresso, quase desesperadamente, concedeu poderes absolutos a Bolívar, ignorando a presidência do traíçoeiro Torre Tagle. Quatro dias depois, o exército patriota evacuou a cidade, e eu junto com ele, antes que os godos tomassem a cidade. Assim que entraram em Lima, uma grande tropa de desertores, comandada pelo miserável presidente deposto do Peru, juntou-se aos monarquistas. (ZÚÑIGA, 2000, p. 150).

Essas cenas do passado são expostas pelas lembranças da protagonista, como se revela no excerto a seguir: “*Se encargaban de preparar el rancho, y estaban dispuestas a curar los heridos, o resignarse tristemente a enterar su muertos al término de las batallas*³⁰⁹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 151). Na sequência, em diálogos que trava a protagonista com a personagem do general Necochea, há a ocasião em que ele destaca a decisão e a valentia da protagonista. Essa, por sua vez, ressalta, novamente, que o mérito está em todas essas mulheres, uma vez que a voz enunciadora do discurso revela “[...] *que nos sentimos un soldado más de la libertad, pues que nos cueste el empeño de sometermos a los sinsabores y calamidades de este peligroso sendero*³¹⁰.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 152).

Vejamos, nesse e em outros exemplos advindos do romance, expressões da ficção em que há a apresentação de uma distinta forma de se conceber o passado; há um olhar mais plural e inclusivo acerca de outras perspectivas. Em outras palavras, podemos reconhecer que o autor intenciona promover uma revisão do passado, mas não pode concluí-la por se alinhar, em outras ocasiões, a um discurso que reforça a mitificação de sujeitos controversos, já configurados e documentados como grandes nomes do passado histórico hispano-americano, não lançando sobre essas imagens pré-concebidas qualquer tipo de questionamento ou ressignificação.

A diegese enfoca, então, a personagem Bolívar que, em Pativilca, encontra-se doente e acamado, em uma de suas primeiras crises da doença que, futuramente, levaria-o à morte. A protagonista, por sua vez, auxilia o general até o seu completo reestabelecimento. Nesse ínterim, em caminhadas feitas na companhia da personagem Sucre, esse revela-se um bom amigo para ela, como se evoca em suas lembranças: “*El general Sucre era un hombre muy comprensivo conmigo, a veces quizás más que el propio Bolívar; apoyaba un decidido arrojo por la causa [...]*³¹¹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 154). Por outro lado, a presença da protagonista no exército colombiano não é bem-vista por outros oficiais, como o general Córdova

³⁰⁹ Nossa tradução livre: Elas estavam encarregadas de preparar o rancho e estavam dispostas a curar os feridos, ou tristemente se resignavam a enterrar seus mortos no final das batalhas. (ZÚÑIGA, 2000, p. 151).

³¹⁰ Nossa tradução livre: [...] que nos sentimos como mais um soldado da liberdade, porque nos custa o esforço de nos submetermos às tribulações e calamidades desse perigoso caminho. (ZÚÑIGA, 2000, p. 152).

³¹¹ Nossa tradução livre: O general Sucre foi um homem muito compreensivo comigo, às vezes, talvez, mais do que o próprio Bolívar; ele apoiou uma ousadia determinada pela causa [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 154).

que, ao vê-la com traje militar e andando a cavalo, afirmava que seu comportamento era indecoroso. Conforme reflete à narradora, “*para ellos, eso solo estaba reservado a los varones. Más tarde, los propios soldados de la tropa llegaron a decir que lo hacía mejor que fulano [...], y eso, a ciertos oficiales, les parecía un reverendo insulto*³¹².” (ZÚÑIGA, 2000, p. 155).

Na sequência das ações expostas no romance, o leitor se depara com o fato de que, com a recuperação plena da personagem Bolívar, ele parte, com seu exército, a Huyalas, e a protagonista permanece em Pativilca, pois precisava organizar os arquivos com documentos e cartas trocadas naquele período. O relato ficcional encaminha-se para revelar que, em poucas semanas, a personagem Manuela Sáenz recebe a notícia de que o general Bolívar relacionava-se com outra mulher em Huyalas, de sobrenome Madroño.

Em meio ao desespero que sentia, a protagonista desabafa: “*No tengo nada ni a nadie en Quito; no tuve madre con la que hubiese crecido con cariños; no puedo tener hijos a quienes entregar mi ternura, he dejado a mi marido por ser adicta a Bolívar en la lucha por la libertad [...]*³¹³.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 157). Consciente de sua veneração a Bolívar e da solidão de sua vida, a protagonista decide, então, escrever uma carta ao general expondo sua dor e aceitando o término desse relacionamento.

Sua intenção, contudo, era a de provocar a própria morte naquela noite, mas, a personagem Jonatás, sua escrava, ao dar-se conta do plano, convence-a de que o que havia acontecido não era motivo para tal atitude, uma vez que homens não eram dignos de confiança. Como verificamos no seguinte relato romanescos:

– Dios grande y bendito me hizo entrar a verle a usted, mi niña. Casi todos los hombres son así. El hombre es ingrato por naturaleza, más tentado por los diablos en asunto de mujeres. Hombres respetuosos y rectos caen en las trampas del demonio que anda por todo lado, amita. No confíe en los hombres, y peor en sus palabras. El diablo anda tras ellos – agregó mientras yo escuchaba sus palabras, y mis párpados se cerraban mirando la

³¹² Nossa tradução livre: [...] para eles, isso era reservado apenas para os homens. Mais tarde, os próprios soldados da tropa chegaram a dizer que eu me saia melhor do que fulano de tal [...], e isso, para certos oficiais, parecia um grande insulto. (ZÚÑIGA, 2000, p. 155).

³¹³ Nossa tradução livre: Não tenho nada nem ninguém em Quito; Eu não tive uma mãe com quem eu tivesse crescido com amor; não posso ter filhos para lhes dar meu carinho, deixei meu marido porque sou obcecada por Bolívar e pela luta à liberdade [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 157).

luz de la vela que agonizaba en el suelo³¹⁴. (ZÚÑIGA, 2000, p. 160).

Assim, encerra-se o oitavo capítulo de *Manuela*, com grande tensão e sofrimento para a protagonista, expondo ao leitor a retidão de seu sentimento e a ingratidão que recebera. Estamos diante de mais uma faceta de Bolívar, como personagem do romance em análise, amplamente discutida nos registros históricos. Sua heroicidade na guerra, de acordo com a construção diegética oculta, encobre e disfarça imagens de um ser humano que erra, mas que, pelas suas exaltadas qualidades e pelo seu heroísmo, é digno de perdão, pois sua natureza o conduz a tais desvios.

O nono capítulo da obra de Zúñiga (2000) aborda os percalços da Batalha de Junín. Logo no início, a protagonista rememora uma fala de alento feita pela personagem Bolívar aos seus soldados, mas que demonstra um ponto de vista de extrema limitação:

¡Soldados! El Perú y la América toda aguardan de vosotros la paz, hija de la victoria, y aún la Europa liberal os contempla con admiración, porque la libertad del Nuevo Mundo es la esperanza del universo. ¿La burlaréis? ¡No, no y no! ¡Vosotros sois invencibles³¹⁵! (ZÚÑIGA, 2000, p. 147).

Diante do referido excerto, fica evidente o lugar central que o general venezuelano ocupa no romance, uma vez que, para ele e, também, para a protagonista, que agora escreve em formato autobiográfico, o movimento de expulsão dos colonizadores/invasores da América Hispânica corresponderia a uma ação de esperança para todo o universo. Esse sentimento de grandeza e superioridade dá à obra um tom de soberba, que não corresponde, necessariamente, à realidade, por mais subjetiva que ela seja.

³¹⁴ Nossa tradução livre: – Grande e abençoado Deus me fez entrar para te ver, minha menina. Quase todos os homens são assim. O homem é ingrato por natureza, mais tentado pelos demônios em assuntos de mulheres. Homens respeitosos e retos caem nas armadilhas do diabo que anda por toda parte, minha amiga. Não confie nos homens, e pior em suas palavras. O diabo está atrás deles – acrescentou, enquanto eu ouvia suas palavras, e minhas pálpebras se fecharam, olhando para a luz da vela que agonizava no chão. (ZÚÑIGA, 2000, p. 160).

³¹⁵ Nossa tradução livre: Soldados! O Peru e toda a América esperam de vocês a paz, filha da vitória, e até a Europa liberal lhes contempla com admiração, porque a liberdade do Novo Mundo é a esperança do universo. Vocês vão zombar dela? Não, não e não! Vocês são invencíveis! (ZÚÑIGA, 2000, p. 147).

Um movimento importante e necessário acontecia na América, mas era liderado por sujeitos controversos e às custas de muita exploração e dor, nuances que a historiografia oficializada e o gênero romanesco tradicional optam – deliberadamente – por apagar, por ocultar. Isso se dá pela elaboração de uma narrativa que se edifica sob um discurso glorioso, construtor de imagens pátrias que erigem heróis e modelos às futuras gerações, cuja completude e integridade ficam, obviamente, desequilibradas, já que, nessa construção intencional, apenas o lado heroico e laudatório desses sujeitos é trazido ao âmbito discursivo romanesco.

A vitória em Junín – cujas particularidades estão incorporadas à escrita romanesca – trouxe ao exército independentista um novo ânimo. A protagonista ressalta que, para ela, esse foi um dos momentos cruciais e decisivos na marcha à liberdade, como revelam suas palavras ao mencionar que “*habíamos sostenido nuestra miserable condición de colonizados, a cambio de satisfacer al imperio español y a Fernando VII, su monarca vil e ambicioso*”³¹⁶.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 165). Aqui, esse trecho, quando analisado em contraponto com o anterior, conduz-nos ao entendimento de que a independência das nações colonizadas pela Espanha era uma ação urgente, pois a condição de colonizado não podia mais ser aceita, uma vez que a elite crioula já não admitiria pagar impostos à metrópole e dividir sua riqueza com os exploradores.

É fundamental atentarmos para o fato de que esse movimento descolonizador hispano-americano do século XIX foi liderado e financiado por sujeitos com posses. Essa independência política e econômica era necessária para que as riquezas aqui produzidas e daqui oriundas permanecessem no continente. Não houve nenhuma projeção de destaque que desse atenção à situação escravagista e à indígena nessa situacionalidade. As populações negras e a indígenas permaneceram, nesse contexto da descolonização territorial e política promovida pelas elites, tão reféns de uma sociedade que os marginalizava como sempre havia sido.

O núcleo mais central mesmo dos que lutavam pela independência territorial e política eram escravocratas e não estavam dispostos a perder, em sua nova condição de “independentes”, a mão de obra escravizada que mantinha a estrutura das sociedades aqui constituídas. Essa contradição entre a independência territorial

³¹⁶ Nossa tradução livre: Tivemos nossa condição miserável como colonizados, em troca de satisfazer o império espanhol e Fernando VII, seu monarca vil e ambicioso. (ZÚÑIGA, 2000, p. 165).

e política – arduamente conquistada pelos soldados liderados, em grande parte, pelos generais San Martí, da Argentina, e Simón Bolívar, da Venezuela –, porém com a manutenção da escravidão de negros e autóctones, ou sua condição inferiorizada nas comunidades – defendida pelos mesmos “libertadores” – é uma das marcas identitárias dos sujeitos “libertadores” que precisa ser analisada hodiernamente. Essa, contudo, é ignorada e silenciada na própria tessitura do romance de Zúñiga ([1991] 2000) produzido no final do século XX.

Outro exemplo de discurso laudatório inserido na tessitura ficcional, voltado à consagração de heróis, é o pronunciado por meio da própria voz da protagonista Manuela Sáenz, utilizada no romance de Zúñiga (2000) para erigir imagens heroificadas e mitificadas do general venezuelano. Ao se pronunciar sobre a personagem Simón Bolívar, após a vitória de Junín, a voz da protagonista enuncia:

*Simón Bolívar dignificó, como tantos otros, el derecho a vivir en fraternidad, libertad e igualdad, con aquel prodigioso ejemplo de la revolución de Francia. Allá dieron el primer paso; nosotros quisimos continuar el pensamiento y la acción de hombres republicanos, con la voluntad de construir una nación grande y libre, como la Gran Colombia*³¹⁷. (ZÚÑIGA, 2000, p. 166).

Estamos diante de uma proposição paradoxal que nos leva a refletir acerca da comparação realizada entre as lutas independentistas na América Hispânica e a Revolução Francesa. Como compor uma América livre da Espanha estando refém de padrões europeus? O professor e teórico Walter Mignolo ([2000] 2012, p. xxi) problematiza essa questão pontuando que “*salvation cannot come from the same epistemology that created the need for salvation*³¹⁸.” Ressaltamos, contudo, que essas discussões fazem parte de uma corrente de pensamento iniciada no final do século XX e que nos levam a refletir sobre essa necessidade de estabelecer epistemologias próprias. Com essas leituras e a proposição de um pensamento decolonial, a leitura de romances históricos tradicionais oferecem-nos material

³¹⁷ Nossa tradução livre: Simón Bolívar dignificou, como tantos outros, o direito de viver em fraternidade, liberdade e igualdade, com aquele exemplo prodigioso da Revolução Francesa. Lá eles deram o primeiro passo; queríamos continuar o pensamento e a ação dos homens republicanos, com a vontade de construir uma nação grande e livre, como a Grã-Colômbia. (ZÚÑIGA, 2000, p. 166).

³¹⁸ Nossa tradução livre: [...] a salvação não pode vir da mesma epistemologia que criou a necessidade de salvação. (MIGNOLO [2012] 2000, p. XXI).

profícuo para que discutamos como o movimento de descolonização ainda não se findou, pois, todavia, estamos sob o véu da colonialidade.

Isso ocorre, especialmente, se pensamos na liberdade das mentes – afastadas dos preceitos de patriarcalismo, racismo, sexismo, etc. que a colonialidade implementou em nossas sociedades – e da territorialização do imaginário – povoado de heróis e modelos que representam a mesma face da própria colonialidade em outra roupagem. Estratégias escriturais discursivas, como as de Zúñiga (2000), que, arditosamente usam a voz de Manuela Sáenz – supostamente para revelar outras facetas da personagem feminina ocultas no discurso historiográfico tradicional –, mais veementemente como via de consagração, exaltação e ratificação de imagens heroicizadas do general Bolívar, quando, na atualidade, muitas de suas outras facetas já foram expostas e documentadas, não podem passar despercebidas em um processo de leitura crítica.

O relato ficcional – sempre apegado aos dados historiográficos já bem conhecidos – avança para expor as crises no casamento das personagens de Sáenz e Thorne. Distante do general, em Lima, a troca de missivas também diminui entre as personagens. De acordo com o que expressa a protagonista nesse momento do relato, a personagem Bolívar “*seguramente estaba muy bien atendido en medio de sus festejos y ocupaciones que ya ni siquiera pensaba en mí. [...] Dejé de escribirle por largo tiempo y preferí dedicarme a hacer algunos arreglos en la casa [...]*”³¹⁹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 169). Desse modo, vemos que a atitude da personagem Manuela Sáenz é aquela que se poderia considerar como a de qualquer “mulher sensata” de sua época: conformar-se e levar adiante sua vida.

Assim, nesse período em que a personagem Manuela Sáenz permanece em Lima, a diegese revela que ela recebe a visita de Horacio Carrión y Mercado, sujeito com quem ela havia se relacionado no passado. Ele, aproveitando uma viagem da personagem Thorne, decide abordá-la sob o pretexto de que o inglês havia escolhido um novo relógio para o seu escritório. Contrariada, a protagonista permite que ele entre e logo recebe uma declaração de amor por parte do relojoeiro. “¡Qué

³¹⁹ Nossa tradução livre: [...] com certeza era tão bem cuidado em meio às suas celebrações e ocupações que nem pensava mais em mim. [...] parei de escrever para ele por muito tempo e preferi me dedicar a fazer alguns arranjos na casa [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 169).

*fortuna la del doctor Thorne y la del general Bolívar al tenerla tan inmediata!*³²⁰” (ZÚÑIGA, 2000, p. 173). O capítulo encerra-se com a aproximação de ambos, descrita em detalhes pela narradora, como podemos observar no fragmento a seguir: “*Me desató la bata y procedió a besar mis senos y mi vientre [...] él vino agitado sobre mí penetrándome con fuerza; [...]*”³²¹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 174). Essa é outra estratégia do romance de Zúñiga (2000): sempre que está afastada da personagem Bolívar a protagonista lança-se a outras relações extraconjugais, as quais são descritas em detalhes pela narradora.

Em suas distintas facetas, essa é Manuela Sáenz em toda a sua humanidade explorada aqui no romance, que atua no limiar entre a obediência e a transgressão. Esse romance histórico tradicional, que comunga com uma versão do passado, revisitado pela ficção, já perpetrada nos anais historiográficos, flerta, também, com traços que ora ressignificam a protagonista, ora a inserem nesse espaço colonial e ratificador de verdades muito subjetivas, principalmente aquelas relacionadas a Bolívar.

Não podemos, contudo, classificar essa obra de Zúñiga (2000) como uma escrita híbrida de história e ficção, inserindo-a nas fases críticas do gênero romance histórico, pois, ao analisarmos a ideologia que perpassa o romance, verificamos que essa é a mesma que consagrou os homens como heróis no discurso historiográfico tradicional, produzido sob um viés unilateral. E, mais, deciframos que a utilização da voz enunciativa de Manuela Sáenz como foco narrativo do romance, mais do que revelar outras facetas da personagem feminina com o intuito de ressignificá-la, é utilizada como estratégia de ratificação das imagens heroicas do general Bolívar, criando, pela própria voz e visão de Manuela Sáenz, retratos laudatórios e mistificadores da personagem Bolívar ao longo de toda a sua aparição na diegese. Nesse sentido, verificamos que nenhuma voz seria mais apropriada para desconstruir ou para ratificar imagens do general venezuelano, e claro fica na leitura da diegese que o autor opta pela segunda corrente ideológica: exaltar, por meio da convincente voz de Manuela Sáenz, as qualidades heroicas de Simón Bolívar,

³²⁰ Nossa tradução livre: Que sorte o Dr. Thorne e o General Bolívar tê-la tão imediatamente! (ZÚÑIGA, 2000, p. 173).

³²¹ Nossa tradução livre: Ele desamarrou meu roupão e passou a beijar meus seios e minha barriga [...] ele veio em cima de mim agitado, penetrando-me com força; [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 174).

afiliando-se, desse modo, às premissas da modalidade tradicional de escritas híbridas de história e ficção.

O décimo capítulo inicia-se relatando o fato bem conhecido da vida de Sáenz, que diz respeito à proposta que Thorne faz-lhe de recomeçarem a vida em Londres. No contexto do romance, a protagonista não gosta da ideia, mas, por estar distante dos movimentos políticos e da personagem Bolívar, decide escrever uma carta para o venezuelano, a fim de saber sua reação, exatamente como se relata nas biografias da personagem. Ele lhe responde, prontamente, pedindo para que ela não vá, como fica evidente no fragmento da missiva que a protagonista evoca em suas lembranças: *“Tú quieres verme siempre con los ojos. Yo también quiero verte y revertirte y tocarlo y sentirlo y saborearlo y unirte a mí por todos los contactos”*³²². (ZÚÑIGA, 2000, p. 176). A documentação, inserida na tessitura do romance, dá-lhe o aval da verossimilhança buscada pela modalidade tradicional do romance histórico, também com o intuito de ensinar a versão oficializada do passado ao leitor pela ficção.

Assim, ela toma sua decisão de permanecer na América, pois, segundo expõe a voz da narradora: *“No sólo era el amor y los ideales que compartíamos, sino algo que quizás el destino nos deparaba irremediabilmente”*³²³. (ZÚÑIGA, 2000, p. 177). A personagem Thorne, diante da negativa da esposa, tornava-se cada vez mais agressivo e impaciente.

Aqui, é válido ressaltar como a escrita de Zúñiga (2000) avança em consonância com as biografias apresentadas na primeira seção desta tese, principalmente aquelas produzidas no século XX, edificadas a partir de uma lógica positivista e patriarcal. As lacunas preenchidas pelo romance *Manuela* contribuem para que, mesmo com um viés subversivo que perfila a protagonista como alguém perspicaz e a frente de seu tempo, o discurso seja essencialmente alinhado com essa visão unilateral da historiografia, que corrobora a edificação de um herói latino-americano, Simón Bolívar.

Na sequência do relato ficcional, a personagem Manuela Sáenz fica sabendo da chegada de Simón Rodríguez, tutor de Bolívar na infância, em Lima. A

³²² Nossa tradução livre: Você sempre quer me ver com seus olhos. Eu também quero ver e rever você e tocá-la e senti-la e saborear você e juntá-la a mim através de todos os contatos. (ZÚÑIGA, 2000, p. 176).

³²³ Nossa tradução livre: Não era apenas o amor e os ideais que compartilhávamos, mas algo que, talvez, o destino inevitavelmente nos reservasse. (ZÚÑIGA, 2000, p. 177).

protagonista, ao saber que Rodríguez tinha a intenção de ir ao encontro de Bolívar, decide acompanhá-lo, aproveitando que Thorne estava viajando para abandonar sua casa. Diante dessa possibilidade, conforme expressa a protagonista, “*preparé los baúles con todas mis cosas; mis criadas hicieron lo propio, y consiguieron además unas jaulitas para llevar los animales. Una larga carta dejada al inglés explicaba claramente el porqué de mi resolución*³²⁴.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 178). Desse modo, vemos que, na sequência das ações do romance, a protagonista, Manuela Sáenz, parte a Chuquiasca, na companhia de Simón Rodríguez e seu ajudante.

A diegese de Zúñiga (2000) esclarece que o reencontro entre o professor e o aluno foi regado a lágrimas e muitas recordações. Semanas mais tarde, a personagem Bolívar viaja para Lima e a personagem Simón Rodríguez para La Paz. A protagonista em Lima, permanece em La Magdalena em um período de grandes comemorações na cidade, uma vez que mais uma resistência espanhola havia cedido na região, como os textos biográficos já nos apresentaram na seção anterior desta tese.

O discurso ficcional menciona que, nesse ínterim, chega ao conhecimento da personagem Manuela Sáenz o nome de mais uma mulher com quem Bolívar tinha um relacionamento: Jeanette Hartt. De acordo com as lembranças da protagonista, testemunhamos ela expressar que “*entre los papeles del Libertador encontré por casualidad una carta de amor escrita en buen francés por la mencionada damisela*³²⁵.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 180). A sequência das ações ficcionais mostra que, em um baile, a protagonista encontra com Jeanette e a intimida para que se distancie de Bolívar.

Nesse momento do romance, a diegese de Zúñiga (2000) aponta para o fato de que a situação no Peru muda de contornos e a população acredita que a presença de Bolívar no território era uma ameaça à própria liberdade do país. De acordo com as reflexões da protagonista, o leitor se inteira de que “*para ellos, todos éramos extranjeros, y se temía, sobre todo, que Bolívar se convirtiese en dictator*

³²⁴ Nossa tradução livre: Preparei os baús com todas as minhas coisas; minhas empregadas fizeram o mesmo e, também, conseguiram umas gaiolas para carregar os animais. Uma longa carta deixada ao inglês explicava claramente o motivo da minha resolução. (ZÚÑIGA, 2000, p. 178).

³²⁵ Nossa tradução livre: Entre os papéis do Libertador, encontrei, por acaso, uma carta de amor escrita em bom francês pela mencionada damazinha. (ZÚÑIGA, 2000, p. 180).

vitalício³²⁶.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 182). Diante da rejeição vivida no Peru, Bolívar decide ir a Bogotá e Caracas para retomar a ordem.

De acordo com a narradora, “*Simón Bolívar empezó a ponerse nervioso y a no tolerar ninguna muestra de desacato a su autoridad. Reaccionaba con violencia ante cualquier actitud contraria a su parecer; palidecía y su rostro cambiaba de pronto*³²⁷.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 183). Composições semelhantes no que tangem à atuação ditatorial de Bolívar podem ser encontradas nos textos biográficos expostos na primeira seção desta tese. A escrita de Zúñiga (2000), portanto, renarrativiza o passado já edificado pela historiografia.

Frente a essa situação, a protagonista aconselha-o a proceder com calma e a prestar muita atenção em todos os que o rodeiam, pois a excessiva confiança de Bolívar em Santander e nos demais que o cercavam, poderia conduzi-lo a uma traição. A narradora cita, ainda, sua desconfiança em relação à pessoa de Santander, mas a personagem Bolívar, prontamente, repreende-a, afirmando que ele era um patriota, que sempre velaria pelo bem-estar da república. As evocações da protagonista no romance fazem-na lembrar-se de que “*la correspondencia a la que yo tenía acceso, revelaba claramente una ruptura entre los dos. Pero Bolívar se negaba a aceptar pensando en que las cosas se arreglarían más tarde, en tanto él retornara a Santa Fe de Bogotá.*” (ZÚÑIGA, 2000, p. 185).

A situação muda, drasticamente, no romance quando, em janeiro de 1827, com a ausência de Bolívar por um período de três meses, o general José Bustamante promove um levante, pois negava-se a reconhecer a Constituição entabulada pela personagem Bolívar. Nesse conflito, a narrativa romanesca relata que a protagonista é presa, quando ingressa, disfarçadamente, no quartel militar com o objetivo de convencer as tropas a deixarem de apoiar Bustamante.

Segundo as lembranças da personagem Manuela Sáenz, “*cuando algunos de ellos estaban por ser convencidos, de repente salieron al patio un coronel y dos capitanes, ordenando de inmediato que me tomasen en detención*³²⁸.” (ZÚÑIGA,

³²⁶ Nossa tradução livre: Para eles, éramos todos estrangeiros e eles temiam, acima de tudo, que Bolívar se tornasse ditador vitalício. (ZÚÑIGA, 2000, p. 182).

³²⁷ Nossa tradução livre: Simón Bolívar começou a ficar nervoso e a não tolerar nenhum sinal de desprezo por sua autoridade. Ele reagia com violência a qualquer atitude contrária à sua opinião. Ele ficava pálido e seu rosto mudava de repente. (ZÚÑIGA, 2000, p. 183).

³²⁸ Nossa tradução livre: Quando alguns deles estavam prestes a ser convencidos, de repente um coronel e dois capitães saíram para o pátio, ordenando, imediatamente, que eu fosse presa. (ZÚÑIGA, 2000, p. 186).

2000, p. 186). A protagonista fica na cela de um convento e encontra meios de receber visitas e divulgar proclamas que seriam difundidos pelos muros da cidade, denunciando a traição e dando vivas a Bolívar. Tal reconstituição ficcional, como múltiplas outras, consiste na renarrativização historiográfica dessa personalidade empírica, uma vez que podemos encontrar relatos biográficos dessas ações, como já enunciamos na primeira seção. A protagonista, então, rememora, como vemos na passagem abaixo, a sua fuga da prisão:

Al sexto día de encierro, fingiendo encontrarme muy enferma, engañé a una novicia para que me abriese la puerta de la celda. Al salir, eché a correr por los corredores del claustro hasta encontrar el portón que daba a la calle. Creo que, tras mis empujones, una o dos monjas cayeron al suelo, mientras otras gritaban socorro³²⁹. (ZÚÑIGA, 2000, p. 187).

Essa cena cômica permite-nos refletir acerca do papel da carnavalização no texto, como já citamos na análise dos primeiros capítulos do romance. Novamente, a protagonista narra uma situação vivenciada por ela por meio de um filtro humorístico. Esse recurso, além de gerar uma quebra de expectativa no leitor, que imagina a cena, traz, também, menos seriedade a sua imagem. Mesmo na velhice, ao rememorar o seu passado, vários fatos são vistos sob essa ótica mais despojada. Entretanto, o mesmo não acontece com as descrições de Bolívar, que estão envoltas em um tom mais grave, austero e laudatório.

Desse modo, ao fugir do convento, a personagem dirige-se à casa de Thorne, que, naquele momento, havia saído. Na sequência do relato de Zúñiga (2000) vemos que, ao ser localizada, a protagonista recebe a notícia de que deveria abandonar o país no prazo de vinte e quatro horas. No dia seguinte, a protagonista parte com suas criadas e animais.

Sobre esse momento rememorado pela protagonista, ela expressa: “*Cuando zarpamos, Thorne se quedó sumido en la más acentuada melancolía [...]. Contuve mis lágrimas rememorando todo lo que le había hecho³³⁰.*” (ZÚÑIGA, 2000, p. 188).

³²⁹ Nossa tradução livre: No sexto dia de confinamento, fingindo estar muito doente, enganei uma noviça para que abrisse a porta da cela para mim. Ao sair, comecei a correr pelos corredores do claustro até encontrar o portão que dava para a rua. Acho que, depois do meu empurrão, uma ou duas freiras caíram no chão, enquanto outras gritavam por socorro. (ZÚÑIGA, 2000, p. 187).

³³⁰ Nossa tradução livre: Quando embarcamos, Thorne mergulhou na mais profunda melancolia [...]. Eu segurei minhas lágrimas, lembrando de tudo que eu tinha feito com ele. (ZÚÑIGA, 2000, p. 188).

A diegese detalha que a viagem de barco levou dezoito dias. Outros oficiais também foram expulsos e viajavam com a personagem Manuela Sáenz, entre os quais: José María Córdova, por quem a protagonista tinha grande antipatia.

Em Quito, a personagem Sáenz permanece apenas pelo tempo necessário para acertar as pendências de sua herança, como podemos notar nas reflexões que expõe: “*Tan pronto el asunto fue resuelto, la hacienda Catahuango pasó a ser de mi propiedad e inmediatamente le puse en arriendo*”³³¹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 191). Na sequência, como o romance aponta, a personagem Sáenz segue para Santa Fé de Bogotá, onde, assim como no Peru, a insatisfação com os governos instaurados por Bolívar estava baixa.

A protagonista, ao analisar o cenário em que estava – marcado pela miséria e pela pobreza – e a impopularidade de Bolívar, afirma, por meio de um discurso laudatório, que “[...] *los cuatro años de ausencia del Libertador habíanse hecho sentir. Era un horror*”³³².” (ZÚÑIGA, 2000, p. 192). Dessa forma, não se efetiva no espaço romanesco nenhum questionamento por parte da protagonista sobre as decisões do general venezuelano, que resultaram em desfechos tão brutais para as populações menos privilegiadas. A retidão e a perspicácia da personagem Bolívar, no que tange às decisões políticas, eram inquestionáveis em sua perspectiva.

Havia, contudo, um deslize do general para o qual a narradora chama a atenção constantemente, que é o fato de ele confiar demais nas pessoas que o cercam. Esse traço, advindo, segundo ela, de uma possível ingenuidade da personagem, poderia custar a vida dele. Aqui, pautada na repetição dessa preocupação, a narradora organiza seu discurso de modo a antever o que, futuramente, aconteceria: Bolívar seria traído, em uma analogia com Jesus Cristo. São esses encaminhamentos discursivos traçados no romance que o filiam à modalidade tradicional muito mais que a qualquer uma das escritas híbridas críticas.

A diegese então, ocupa-se de mostrar que, nesse momento, a personagem Manuela Sáenz permanece na Quinta de Bolívar em Santa Fé de Bogotá, onde exercia sua função de arquivista e, também, interagiu com indivíduos que procuravam o general e atendia outras demandas que apareciam. Bolívar estava em

³³¹ Nossa tradução livre: Assim que o assunto foi resolvido, a fazenda Catahuango passou a ser minha propriedade e, imediatamente, coloquei-a para locação. (ZÚÑIGA, 2000, p. 191).

³³² Nossa tradução livre: [...] os quatro anos de ausência do Libertador fizeram-se sentir. Foi horrível. (ZÚÑIGA, 2000, p. 192).

constante deslocamento com o seu projeto de uma grande nação – La Gran Colombia – governada por ele.

Conforme revela o discurso da narradora, em uma dessas ocasiões, ela recebe a visita de Don Juan Bautista Boussingault, personalidade histórica, conhecido químico francês, que viajara pela América, e que, pelo decorrer da conversa, levava-a a acreditar que ele estava apaixonando-se por ela. “– *Mire, don Juan, la perfección con que trabajan las manos quiteñas, ¿qué le parece? / – Así veo..., me parecen perfectas son una verdadera obra de arte – me contestó con verdadera picardía, haciendo alusión a mis piernas*³³³.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 196). É substancial ressaltarmos, aqui, que quando Boussingault escreve suas memórias, ele realiza, também, uma breve biografia de Manuela Sáenz que, aos olhos da pesquisadora Heather Hennes (2010), já citada na primeira seção da presente tese, sexualiza a quitenha, tornando-a um objeto de desejo³³⁴.

Nesse sentido, fica evidente como o autor de *Manuela* (2000) opera sua construção diegética a partir do conhecimento historiográfico a que teve acesso acerca da personalidade quitenha. O romance apresenta-se como uma renarrativização do discurso histórico preenchido pelas impressões de Manuela Sáenz, que, embora tangenciem certa criticidade, acabam por legitimar o registro de cunho positivista produzido, em maior medida, nos séculos XVIII e XIX, na América.

Na sequência, já ao término do décimo capítulo, a narradora relembra uma noite festiva, na qual a personagem Bolívar estava ausente e ela, nessa ocasião, havia decidido organizar uma brincadeira. Nesse sentido, a narradora expressa: “*Les tuve preparado un número especial para la medianoche*³³⁵.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 197). Nessa oportunidade, ela havia produzido um boneco de trapos, batizado sob o nome de Francisco de Paula Santander. Sáenz convida, então, todos a irem ao outro jardim para que vissem o dito boneco em um banco. A essa altura do encontro, todos já estavam ébrios e o que acontece é uma grande simulação de um fuzilamento a Santander. Segundo rememora a protagonista, “*finalmente Crofston*

³³³ Nossa tradução livre: – Veja, Dom Juan, a perfeição com que trabalham as mãos de Quito, o que você acha? – Entendo..., parecem-me perfeitas, são uma verdadeira obra de arte – respondeu-me, com verdadeira malícia, aludindo às minhas pernas. (ZÚÑIGA, 2000, p. 196).

³³⁴ A pesquisadora publica um artigo sobre o assunto denominado: “*Gender, Sexual Desire and Manuela Sáenz in the Writings of Jean-Baptiste Boussingault and Ricardo Palma*”.

³³⁵ Nossa tradução livre: Eu lhes preparei uma edição especial para à meia-noite. (ZÚÑIGA, 2000, p. 197).

*dio la orden y sus soldados dispararon. Todos estábamos locos de gusto, excepto Córdova, que se marchó indignado de la fiesta*³³⁶.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 198). O capítulo encerra-se com a total reprovação de Bolívar sobre o acontecido, afirmando que ela havia passado de todos os limites.

Com relação a esse evento, comumente lembrado em biografias e romances, é necessário que percebamos a inclinação com a qual o romance de Zúñiga (2000) vincula-se. Como discutido na primeira seção, a historiografia tem acesso a esse acontecimento a partir do general Córdova, que delata Sáenz. Não há, contudo, como afirmar com maiores detalhes o que ocorreu naquela festividade. Assim, ao optar por dar à protagonista a real motivação de tal atitude, o autor escolhe por, deliberadamente, compor uma personagem inconsequente e vingativa.

O décimo primeiro capítulo do romance, que acompanha a historiografia cronologicamente, inicia-se com uma retomada da Convenção de Ocaña, realizada em 1828. A protagonista apresenta-nos um breve panorama da situação na, então, Grã-Colômbia, expondo que tratar-se-ia do projeto de constituição proposto por Bolívar por meio de enfrentamentos entre grupos que se haviam tornado irreconciliáveis: os santanderistas e os bolivarianos.

De acordo com a narradora, *“la Convención de Ocaña rechazó por mayoría la propuesta de Constitución de Bolívar, cuyos partidarios se vieron forzados a abandonarla, con el propósito de no dejar pasar los apetitos desmedidos de poder por parte de los santanderistas*³³⁷.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 200). Como ações que procederiam essa convenção, o romance evidencia que a dissolução da Gran-Colômbia era apenas uma questão de tempo.

A diegese expõe que, diante da derrota, a personagem Bolívar decide assumir poderes supremos e elimina a existência de uma vice-presidência, nomeando Santander como o representante diplomático de nação nos Estados Unidos, forçando-o, portanto, a sair do país. Tal medida resulta também impopular, como rememora a protagonista:

³³⁶ Nossa tradução livre: finalmente Crofston deu a ordem e seus soldados dispararam. Estávamos todos loucos de animação, menos Córdova, que deixou a festa indignado. (ZÚÑIGA, 2000, p. 198).

³³⁷ Nossa tradução livre: A Convenção de Ocaña rejeitou, por maioria, a proposta de Constituição de Bolívar, cujos partidários foram obrigados a abandoná-la, com o objetivo de não deixar passar os apetites excessivos de poder por parte dos Santanderistas. (ZÚÑIGA, 2000, p. 200).

[...] *con enorme rapidez se regó el descontento por toda Colombia. Las injuriantes papeluchas aparecían diariamente difamando al Libertador y dando cabida a toda clase de cizañas que, utilizando los recursos más ruines, buscaban desprestigiarlo a toda costa acusándolo de tirano y opresor. [...] Todos llegaron a conocer la entereza de mi carácter. Hacía lo imposible por introducirme en todo aquel enredo de intrigas políticas que atentaban contra la integridad de nuestra república*³³⁸. (ZÚÑIGA, 2000, p. 201).

Nesse momento do relato, o romance volta-se ao fato de que, em meio às tensões advindas dos grupos opositores a Bolívar e de sua postura ditatorial, a protagonista recebe a visita anônima de uma senhora que quer falar com o general venezuelano em caráter de urgência. Ele, por estar doente, não a recebe, deixando a própria narradora a cargo da conversa. Essa mulher conta, então, para a personagem Manuela Sáenz que havia um golpe contra Bolívar sendo planejado. Conforme recorda a narradora, essa senhora havia lhe dito:

*Me llegué a enterar de manera accidental, que solamente esperan el momento oportuno, especialmente en las reuniones públicas, para asestar el golpe que termine con la vida de la sabia y valerosa guía de nuestra nación [...] El general Santander está detrás de toda esta maquinación, [...]*³³⁹. (ZÚÑIGA, 2000, p. 204).

De acordo com o relato romanesco, entre os nomes das pessoas que estariam envolvidas no golpe, a informante cita Córdova. Quando a personagem Bolívar fica a par da notícia, ele entra em estado de fúria por não acreditar na traição de pessoas de sua inteira confiança. Em seguida, a diegese avança à noite do baile de máscaras organizada para celebrar a vitória de Boyacá. Nesse momento do relato, a narradora menciona: “*Yo había advertido tanto al general, pero todo fue en vano [...]. Era casi seguro que aquella noche, aprovenchándose de los disfraces y la*

³³⁸ Nossa tradução livre: [...] o descontentamento espalhou-se por toda a Colômbia com enorme velocidade. Os jornais injuriosos apareciam diariamente difamando o Libertador e abrindo espaço para todos os tipos de ervas daninhas que, usando os recursos mais mesquinhos, procuravam desacreditá-lo a todo custo, acusando-o de tirano e opressor. [...] Todo mundo conheceu a força do meu caráter. Fazia o impossível para me inserir em todo aquele emaranhado de intrigas políticas que ameaçavam a integridade de nossa república. (ZÚÑIGA, 2000, p. 201).

³³⁹ Nossa tradução livre: Inteirei-me, acidentalmente, de que eles estão apenas esperando o momento certo, especialmente em reuniões públicas, para desferir o golpe que acabe com a vida do sábio e corajoso guia de nossa nação [...] O general Santander está por trás de toda essa maquinação, [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 204).

*confusión, iban a atentar contra su vida. Lo presentí de veras*³⁴⁰.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 205).

Aqui, podemos apresentar a quarta característica do romance histórico tradicional, uma vez que o último excerto utilizado deixa evidente que o romance é contado por uma narradora autodiegética, que aborda suas vivências em retrospecto, atentando para a insubmissão de suas ações em uma sociedade pautada por tradições patriarcais, e, ao mesmo tempo, reforça o que ela crê ser indispensável para manter o status de heroicidade de Simón Bolívar. Sobre essa especificidade, Fleck (2017, p. 50) aponta que

[...] a visão onisciente, comum no modelo clássico, pode ser substituída, nessa modalidade tradicional, por visões individualizadas, ancoradas em narrações em primeira pessoa, homo ou autodiegéticas. Essa alteração rompe com a distância épica entre o fato narrado e sua recepção, pois possibilita ao leitor real dar-se conta de que o passado é o gerador das situações presentes. Desse modo, o foco narrativo possibilita a subjetivação do material histórico incluído na diegese.

Nesse sentido, ao entrarmos em contato com a narradora, rompemos com uma tradição escritural clássica muito semelhante aos anais historiográficos para, enfim, aproximarmo-nos de uma versão mais humanizada, íntima, com a qual o leitor possa se identificar. Essa estratégia escritural no romance *Manuela* confere à obra maior identificação com o leitor, rompe-se a distância temporal, e podemos ter acesso não apenas ao fato histórico, mas ao que essa personagem sente, o seu ângulo no desenrolar da vida. O passado fica, assim, mais tangível.

De volta à diegese, a narrativa nos aponta que a protagonista tenta participar do baile – ao qual não havia sido convidada – vestida de homem, mas é barrada na entrada. Ao sair, ela escuta um diálogo que confirmava suas desconfianças: “*Cuando el reloj dé las doce... morirá el tirano* [...]”³⁴¹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 206). Desesperada, a personagem Manuela Sáenz volta para sua casa e planeja, rapidamente, uma forma de atrair a atenção de Simón Bolívar. No fragmento abaixo, o discurso romanesco dá detalhes daquilo que as escritas biográficas sobre Sáenz,

³⁴⁰ Nossa tradução livre: Eu tinha avisado tanto o general, mas foi tudo em vão [...]. Era quase certo que naquela noite, aproveitando-se das fantasias e da confusão, iam atentar contra a sua vida. Eu realmente senti isso. (ZÚÑIGA, 2000, p. 205).

³⁴¹ Nossa tradução livre: Quando o relógio bater às doze horas... o tirano morrerá [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 206).

em sua grande maioria, abordam de modo sintético, ao mencionarem a forma como ela se apresentou no local do baile a fim de salvar a vida do general venezuelano. Vejamos, pois, como o romance detalha essa cena:

Dije a Jonatás que me prestara algunos de sus vestidos más viejos para improvisar el disfraz que salvaría la vida de Bolívar. Me desnudé con rapidez y procedí a vestirme con un faldón andrajoso, un viejo camisón y una manta deshilachada. [...] entré a la cocina y embardurné mis manos y cara con hollín; pedí a Juana Rosa que desatara mis trenzas. Revolví mi cabello suelto haciendo una maraña de terrible aspecto, de tal manera que infundiese temor³⁴². (ZÚÑIGA, 2000, p. 207).

A intenção da protagonista era a de simular uma situação cômica que envergonharia Bolívar, obrigando-o a sair do salão. Ao se aproximar da entrada da festa, portanto, Sáenz começa a gritar: “– ¡Viva la gloria de Boyacá! ¡Viva nuestro gran Libertador y sus soldados!³⁴³” (ZÚÑIGA, 2000, p. 208), levando Bolívar, cheio de fúria e vergonha, a deixar o baile. Dias mais tarde, como a diegese aponta, a personagem Bolívar descobre, por meio de fontes confiáveis, o plano de assassinato que aconteceria caso a protagonista não tivesse feito o escândalo que fez.

O relato ficcional não deixa, também, de mencionar que, nesse intervalo, o general Bolívar havia rompido relações com a protagonista e precisou desculpar-se com ela. Novamente, a personagem Sáenz reitera a necessidade de que Bolívar não deva confiar em todas as pessoas que o cercam. Vejamos, no excerto selecionado, como o discurso romanesco expressa essa advertência da protagonista à personagem sempre exaltada no romance, um aspecto do passado que se sabe ser perfeitamente verossímil:

Usted debe abrirse a la posibilidad de que hay mucha gente que desea verlo muerto; sobre todo hoy, que ha asumido los poderes supremos. ¿Es que acaso no se da cuenta? En todos los lugares se lo califica de tirano, de querer implantar una nueva monarquía. Sus propios allegados, comenzando por Santander, Córdova y

³⁴² Nossa tradução livre: Disse a Jonatás que me emprestasse alguns de seus vestidos mais velhos para improvisar o traje que salvaria a vida de Bolívar. Eu, rapidamente, despi-me e comecei a me vestir com uma saia esfarrapada, uma camisola velha e um cobertor esfarrapado. [...] fui até a cozinha e cobri minhas mãos e rosto com fuligem; Pedi a Juana Rosa que desamarrasse minhas tranças. Eu desalinhei meu cabelo solto em um emaranhado de aparência aterrorizante de uma maneira que inspirasse medo. (ZÚÑIGA, 2000, p. 207).

³⁴³ Nossa tradução livre: Viva a glória de Boyacá! Viva o nosso grande Libertador e seus soldados! (ZÚÑIGA, 2000, p. 208).

*Páez, están detrás de todo esto. Aunque usted no acepte esta dura realidad, algún día me dará la razón*³⁴⁴. (ZÚÑIGA, 2000, p. 210).

A narradora, dessa forma, prepara o seu leitor para os acontecimentos que, historicamente, seguiram-se, pois a diegese do romance segue, estritamente, a cronologia dos acontecimentos registrados na historiografia tradicional. O leitor tem a impressão de que, no fim de sua vida, ao escrever esse diário, a protagonista queria deixar claro que sempre soube que o general seria traído, e ele, em contrapartida, por sua inocência e completa confiança em suas relações afetivas, decide ignorar suas advertências. O que se relata, em seguida, é, possivelmente, o episódio mais lembrado do casal pelo discurso histórico. O acontecimento recebe até mesmo um nome: noite setembrina.

De acordo com a narradora, na noite de 25 de setembro de 1928, Bolívar manda chamá-la para que vá até o palácio presidencial, pois ele dava sinais de preocupação com a iminência de uma possível revolução. Ela, por sua vez, auxilia-o, pois Bolívar apresentava crises de tosse profundas, até que ele adormece. Às doze horas, barulhos acordam o casal e eles se dão conta da presença de estranhos no palácio. A protagonista sugere que a personagem Bolívar fuja pela janela do quarto e, assim, ele o faz. Na sequência, um grupo entra no quarto em busca do general, a personagem Sáenz insiste em dizer que ele ainda estava na sala do Conselho e, não em seu quarto. Conforme rememora a narradora,

*[...] uno de ellos, el comandante Carujo, me amenazó con su espada y me obligó a que lo llevara a la sala del Consejo, al tiempo que algunos soldados artilleros, de los reemplazos del Perú, rebuscaban todos los rincones del palacio pateando las puertas*³⁴⁵. (ZÚÑIGA, 2000, p. 215).

³⁴⁴ Nossa tradução livre: Você deve estar aberto à possibilidade de que haja muitas pessoas que querem vê-lo morto; especialmente hoje, que assumiu os poderes supremos. Será que ele não percebe? Em todos os lugares ele é descrito como um tirano, querendo estabelecer uma nova monarquia. As pessoas próximas a você, começando por Santander, Córdova e Páez, estão por trás de tudo isso. Mesmo que você não aceite essa dura realidade, um dia você vai concordar comigo. (ZÚÑIGA, 2000, p. 210).

³⁴⁵ Nossa tradução livre: [...] um deles, o Comandante Carujo, ameaçou-me com sua espada e me obrigou a levá-lo para a sala do Conselho, enquanto alguns soldados de artilharia, dos suplentes peruanos, revistavam todos os cantos do palácio, chutando as portas. (ZÚÑIGA, 2000, p. 215).

Na procura por Bolívar, a protagonista é agredida, mas o grupo decide não a matar pelo fato de ela ser mulher. O ataque ao general não acontece, mas a diegese conta que eles atiram em Ferguson, militar holandês, aliado de Bolívar, que morre no local. Assim, ao descobrirem que a personagem general Bolívar não estava no palácio, a movimentação encerra-se. Ao saírem em direção à praça em busca de Bolívar, ele chegava a cavalo. Frente a essa situação, a narradora complementa, com suas memórias, os registros históricos, ao mencionar que *“aquella noche fueron detenidos varios conspiradores, mientras otros habían logrado escapar”*³⁴⁶. (ZÚÑIGA, 2000, p. 217).

Na sequência da narração, de volta ao palácio, a personagem Bolívar reconhece a atuação da protagonista e o fato de que ela havia salvado a sua vida. Nesse momento do relato, o discurso passa a ser, novamente, o direto, para que o leitor possa ouvir a voz do general venezuelano, mesmo filtrada pela memória da protagonista: *“– Manuela, ¿te das cuenta?: has salvado mi vida. ¡Eres la libertadora del Libertador! Si no hubiera sido por ti, este momento yo ya no existiría; [...]”*³⁴⁷. (ZÚÑIGA, 2000, p. 218). O capítulo encerra-se, assim, nas palavras da narradora, com o entendimento de Bolívar de que ele era tão vulnerável como qualquer outro homem.

Avancemos, agora, ao que se relata no décimo segundo capítulo da narrativa. Esse se inicia com uma declaração da protagonista sobre a repercussão dos acontecimentos da noite de 25 de setembro. A personagem Sáenz, que acompanha Bolívar nesses seus últimos anos de vida, ressalta, com maior veemência, as qualidades do general. Vejamos como a voz enunciativa se expressa ao se referir ao general: *“A pesar de todo, el Libertador con su grande corazón, que quizás era uno de sus defectos, intercedió en la condena de muchos de ellos; [...] El general fue demasiado benévolo con todos ellos, [...]”*³⁴⁸. (ZÚÑIGA, 2000, p. 221).

Os referidos trechos reforçam-nos a ideologia que perpassa toda a obra, consagrando homens já mitificados pelo próprio registro histórico. Na sequência do

³⁴⁶ Nossa tradução livre: Naquela noite, vários conspiradores foram presos, enquanto outros conseguiram escapar. (ZÚÑIGA, 2000, p. 217).

³⁴⁷ Nossa tradução livre: – Manuela, você percebe?: você salvou minha vida. Você é a libertadora do Libertador! Se não fosse por você, neste momento eu não existiria mais aqui; [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 218).

³⁴⁸ Nossa tradução livre: Apesar de tudo, o Libertador com seu grande coração, que talvez fosse um de seus defeitos, intercedeu na condenação de muitos deles; [...] O general foi muito benevolente com todos eles, [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 221).

relato, expõe-se que, entre as medidas tomadas para manter a ordem após a tentativa de assassinato, Bolívar condena alguns homens, mas, sobretudo, Santander, e impõe a ele a pena máxima: o desterro perpétuo.

A diegese evidencia, também, que a saúde de Bolívar enfraquece ainda mais nesse período. A tuberculose havia voltado com maior gravidade. Em uma conversa com um diplomata francês que lhe visita, a personagem Simón Bolívar ressalta que adoeceu não por causa das leis da natureza, mas pelas dores que corroem seu coração. Segundo expressa a personagem, em discurso direto: “*Mis conciudadanos, que no pudieron matarme a puñaladas, tratan ahora de asesinarme moralmente con sus ingraticudes*³⁴⁹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 224). Nesse tom de abatimento, o romance faz uma discreta manipulação temporal que ratifica uma previsão de Bolívar.

Assim, na referida conversa, o general afirma que após sua morte, tudo o que ele idealizara acabaria. Desse modo, em uma construção que, não se soubesse já desse futuro, poderíamos classificar como proléptica, a personagem menciona: “[...] *el edificio que construí con esfuerzos sobrehumanos se desmoronará entre el fango de las revoluciones*³⁵⁰.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 224). Após tal afirmação, a narradora, utilizando o recurso ficcional da prolepse, responde ao leitor, acrescentado: “Y así fue³⁵¹” (ZÚÑIGA, 2000, p. 224), apresentando ao leitor um trecho repleto de informatividade e explicativo sobre a situação política frente a ausência de Bolívar. Vejamos, nas linhas do romance recortadas abaixo, como a narradora instrui o leitor:

*En los meses que precedieron a la renuncia y partida de Bolívar, se produjeron acontecimientos que confirmaron las tardías preocupaciones del Libertador. Los generales Hilario López y José María Obando dirigieron en Popayán un levantamiento en su contra. El ejército peruano, comandado pelo mariscal cuencano La Mar, antiguo y querido amigo de Bolívar, invadió el Departamento del Sur. El ejército grancolombiano, dirigido por el mariscal Sucre, supo valerosamente hacerle frente en condiciones numéricas totalmente desventajosas*³⁵². (ZÚÑIGA, 2000, p. 224).

³⁴⁹ Nossa tradução livre: Meus concidadãos, que não podiam me esfaquear até a morte, agora estão tentando me assassinar moralmente com sua ingraticão. (ZÚÑIGA, 2000, p. 224).

³⁵⁰ Nossa tradução livre: [...] o prédio que construí com esforços sobre-humanos desmoronará na lama das revoluções. (ZÚÑIGA, 2000, p. 224).

³⁵¹ Nossa tradução livre: E assim foi. (ZÚÑIGA, 2000, p. 224).

³⁵² Nossa tradução livre: Nos meses anteriores à renúncia e saída de Bolívar, ocorreram fatos que confirmaram as preocupações tardias do Libertador. Os generais Hilario López e José María Obando lideraram uma revolta contra ele em Popayán. O exército peruano, comandado pelo marechal La Mar de Cuenca, velho e querido amigo de Bolívar, invadiu o Departamento do Sul. O exército grão-

Esse trecho, como outros do romance, reflete mais uma característica do romance histórico tradicional, que diz respeito à tendência de informar o leitor acerca de uma versão da história já oficializada e registrada materialmente. Para Fleck (2017), essa escrita cronológica e didática dos fatos pretéritos atua como instrumento informativo e, por consequência, formativo. De acordo com o teórico,

[...] prevalece na narrativa do romance histórico tradicional a intenção de ensinar a versão história hegemônica do passado ao leitor. Isso acarreta, muitas vezes, um acentuado didatismo do romance e a sobreposição dos elementos históricos na tessitura da narrativa. Nesse contexto, o conteúdo histórico a ser ensinado ao leitor no romance ganha o aval de uma perspectiva muitas vezes bastante convincente, ancorada no foco narrativo escolhido como voz enunciadora do discurso. (FLECK, 2017, p. 50).

Dessa forma, a publicação de um romance histórico tradicional atende a uma demanda ainda recorrente no continente, que é a de lembrar a sociedade sobre seus “heróis”. Aqui, é fundamental que modalizemos o termo “herói” para pensarmos em personalidades cujas ações se perpetuaram, historicamente, com uma boa reputação e cuja representatividade alimenta grupos muito específicos e os mantém nos holofotes da consagração.

O romance em análise atende a essa especificidade em distintos momentos. Sáenz, que é, na obra, ora ressignificada, ora revisitada, utiliza seu espaço de manifestação – seu livro de memórias – para exaltar as ações políticas de Bolívar, tornando-se, assim, um meio ardiloso de construção discursiva. Essa obra, publicada na última década do século XX, atua como uma promotora da reputação do general venezuelano no Equador. A arte está, aqui, formando não apenas leitores gráficos, mas leitores de um mundo específico, cuja percepção foi cuidadosamente moldada pelo autor.

A diegese aponta, em seguida, para uma carta que a personagem Sáenz recebe de Thorne em que ele pede para que ela volte para o seu casamento. A resposta dada pela protagonista é, possivelmente, um dos seus trechos escritos mais conhecidos. Nele, a voz enunciadora deixa claro que jamais desistiria de estar com Bolívar e que, para ela, nenhuma convenção tinha-lhe importância. Vejamos como o romance incorpora à sua tessitura essa posição da personagem histórica:

colombiano, liderado pelo marechal Sucre, soube corajosamente enfrentá-lo em condições numéricas totalmente desvantajosas. (ZÚNIGA, 2000, p. 224).

*¿Y usted cree que yo, después de ser la predilecta de este general, por siete años, y con la seguridad de poseer su corazón, prefiera ser la mujer del Padre, del Hijo y del Espíritu Santo, o de la Santísima Trinidad? Si algo siento es que no haya sido usted algo mejor para haberlo dejado. Yo sé muy bien que nada puede unirme a él bajo los auspicios de lo que usted llama honor. ¿Me cree usted menos honrada por ser él mi amante y no mi marido?*³⁵³. (ZÚÑIGA, 2000, p. 225).

A longa carta, inserida aqui na escrita ficcional, tem como fonte primeira a historiografia. Sua existência na fatualidade transposta para o romance em sua forma íntegra confere à obra de Zúñiga (2000) mais um artifício de verossimilhança, que aproxima e integra ambos os discursos – histórico e literário. Essa escrita intertextual ratifica o discurso da história tal como ela foi composta. Assim, de acordo com a composição romanesca, esse foi o último contato estabelecido entre a protagonista e seu marido. Pelos próximos anos, a personagem Sáenz não receberá mais notícias dele. Ele, por sua vez, já havia voltado à Inglaterra e por lá permanece até sua morte, de acordo com a obra em análise, em 1846.

A diegese segue para mais uma passagem repleta de informatividade histórica, na qual a protagonista explica as razões que levaram Bolívar e Santander a se tornarem inimigos. Para a narradora, “*Santander había criticado a Bolívar desde su viaje al Perú. Había pensado que Colombia, en aquellos momentos por los que atravesaba, no podía enfrentar guerras ajenas asumiéndolas como suyas*³⁵⁴.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 227).

O romance, desse modo, expressa que, nesse conflito de interesses, Santander, mais conservador, buscava consolidar a economia nos territórios da Gran Colombia, considerando Bolívar ambicioso por participar de combates em outros territórios. Santander, portanto, não apoia Bolívar política e financeiramente em suas campanhas no sul. A narradora, com um discurso movido pela parcialidade

³⁵³ Nossa tradução livre: E você acha que eu, depois de ser a favorita deste general por sete anos, e com a certeza de possuir seu coração, prefiro ser a mulher do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ou da Santíssima Trindade? Se há uma coisa que eu sinto muito, é que você não era algo melhor para tê-lo deixado. Sei muito bem que nada pode me unir a ele sob os auspícios do que você chama de honra. Você acha que sou menos honrada porque ele é meu amante e não meu marido? (ZÚÑIGA, 2000, p. 225).

³⁵⁴ Nossa tradução livre: O Santander criticava Bolívar desde sua viagem ao Peru. Ele pensava que a Colômbia, no momento pelo qual estava passando, não poderia enfrentar as guerras estrangeiras, assumindo-as como suas. (ZÚÑIGA, 2000, p. 227).

de seu sentimento pelo general, ressalta que Santander instigou uma guerra na própria Colômbia, ao acusar Bolívar de ser um “*dictator con pretensiones monárquicas, y empleando los recursos más bajos para eliminarlo de la política de la nación; hasta llegar a atentar contra su vida*”³⁵⁵.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 227).

À personagem Bolívar, não resta outra opção que não seja a de renunciar a todos os seus direitos, “*atormentado por la idea de que su gran patria estaba ya carcomida por las ambiciones personales y separatistas*”³⁵⁶.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 228). Esse é o período de menor popularidade do general, que via suas ambições não concretizadas e perdia muito do seu apoio político.

A diegese, desse modo, enfoca a questão de que, com seu estado de saúde já debilitado, Bolívar decide deslocar-se até Guayaquil. Nesse ínterim, outras traições acontecem, como a protagonista havia previsto. Córdova lança-se contra Bolívar, acusando-o de déspota e acaba sendo morto por antigos companheiros de luta. Essa sequência de ações são facilmente verificáveis a partir da leitura dos textos biográficos de Manuela Sáenz.

Ao retornar a Bogotá, o romance expõe que Bolívar apresenta-se muito doente. De acordo com a narradora, “*¿Quién iba a imaginarse, que aquel hombre huesudo y amarillento, de ojos vidriosos y hundidos, sudorosos por la fiebre, y que apenas podía hablar, era el héroe de la libertad de nuestra América?*”³⁵⁷” (ZÚÑIGA, 2000, p. 229). Diante dessa descrição da protagonista, fica evidente a aproximação discursiva entre Bolívar e Cristo, construída na narrativa, uma vez que ambos entregam a vida por um ideal maior. O general venezuelano estaria, portanto, redimido de todas as suas culpas, pois agora se desfaz, até mesmo, de sua existência, tornando-se símbolo e mito de uma versão histórica.

A diegese avança para o discurso de renúncia de Bolívar, pronunciado no Congresso constituinte. Com o fim de sua vida política, ele planeja sua última viagem, distante da cena pública. Nesse período, seu estado de saúde já estava

³⁵⁵ Nossa tradução livre: [...] ditador com pretensões monárquicas, e usando os menores recursos para eliminá-lo da política da nação; a ponto de atentar contra sua vida. (ZÚÑIGA, 2000, p. 227).

³⁵⁶ Nossa tradução livre: [...] atormentado pela ideia de que sua grande pátria já fora devorada por ambições pessoais e separatistas. (ZÚÑIGA, 2000, p. 228).

³⁵⁷ Nossa tradução livre: Quem poderia imaginar que aquele homem ossudo e amarelado, de olhos vidrados e fundos, suado de febre e que mal conseguia falar, fosse o herói da liberdade de nossa América? (ZÚÑIGA, 2000, p. 229).

débil, passava por dias de febre, tosse e falta de lucidez. Em seus últimos momentos a sós com o general, a protagonista relata o que ele lhe disse:

– *Manuela, ahora que me marcho dejo la tranquilidad a esta república que ya no quiere verme más. Tanto he hecho por ella, pero ahora parece que todos han perdido la memoria. Quizás mi alejamiento haga volver algo de cordura a todas aquellas mentes confundidas; lo único que anhelo es evitar que se desate la barbarie entre hermanos. Todos quedáis libres, y a nombre de la patria debéis obrar con la mayor prudencia ni no queréis perecer en el desconcierto y la incertidumbre. La unidad de estos pueblos es la única garantía para la supervivencia de la nación, la paz y el progreso. [...]*³⁵⁸. (ZÚÑIGA, 2000, p. 232).

O referido excerto perfila, exatamente, o modo como Bolívar foi retratado pela historiografia hegemônica: um general traído e mal-entendido pelos seus pares. O autor, pela voz enunciativa de Manuela Sáenz, insere essa mesma perspectiva na ficção, contribuindo para a construção de um imaginário coletivo que celebre personalidades que correspondam a um padrão específico – homens brancos de origem europeia, cujas ações militares ou políticas – e sejam louváveis além de se sobreporem a qualquer outro traço de suas personalidades ou atitudes.

Na sequência da diegese, o leitor inteira-se de que, com a partida da personagem Simón Bolívar, em oito de maio de 1830, novas separações aconteceram. Segundo rememora a protagonista, “[...] *los Departamentos del Sur, al mando del general Juan José Flores, se separaran de Colombia adoptando el nombre de República del Ecuador.*”³⁵⁹ (ZÚÑIGA, 2000, p. 234). Além disso, Venezuela e Colômbia haviam, publicamente, desterrado Bolívar sob afirmações de traição. Nesse contexto, o relato ficcional mostra que a protagonista estava sozinha em Bogotá, onde protegia os arquivos do general.

A narradora relata, ainda, que, na festa de *Corpus Christi* realizada naquele ano, dois grandes bonecos foram colocados em praça pública, simbolizando Bolívar

³⁵⁸ Nossa tradução livre: – Manuela, agora que vou embora, deixo a paz para esta república que não quer mais me ver. Fiz tanto por ela, mas agora parece que todos perderam a memória. Talvez minha distância devolva alguma sanidade a todas aquelas mentes confusas; a única coisa que quero é evitar que a barbárie seja desencadeada entre irmãos. Todos vocês são livres, e em nome do país devem agir com a maior prudência, nem venham a querer perecer na confusão e na incerteza. A unidade desses povos é a única garantia para a sobrevivência da nação, a paz e o progresso. [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 232).

³⁵⁹ Nossa tradução livre: [...] os Departamentos do Sul, sob o comando do general Juan José Flores, vão se separar da Colômbia, adotando o nome de República do Equador. (ZÚÑIGA, 2000, p. 234).

como um déspota e Sáenz como tirana. Ela, movida pela ira e indignação, vai até a praça, com uniforme militar e na companhia de suas escravas, para encerrar a movimentação. Como recorda a protagonista, “*Disparé a la caja de pólvora del tercer castillo que comenzó a reventar ante la impotencia y sorpresa de los incrédulos guardias*³⁶⁰.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 237). Novamente, o relato ficcional e o histórico entrelaçam-se em uma sintonia que unifica ambas as narrativas.

Esse evento, também apresentado na primeira seção desta tese, foi linearmente inserido no romance de modo a promover o entendimento ao leitor de que ele está diante do que de realmente aconteceu, ainda que essa obra esteja inserida no campo literário. Verificamos, ainda, como o texto está atrelado a uma perspectiva positivista e que poucas são as lacunas preenchidas a partir do universo imaginativo e potente da literatura.

O que segue, segundo o romance, é o avanço dos conflitos para o contexto escritural. Entre pronunciamentos do governo, a protagonista consegue publicar a sua versão, que, em linhas gerais, exige respeito à história de Bolívar e à sua também, questionando, por fim, o jornal “La Aurora”: *¿por qué llama hermanos a los del Sur, y a mí de FORASTERA???... Seré todo lo que quiera: lo que sé es que mi país es el continente de la América; he nacido bajo la línea del Ecuador*³⁶¹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 240).

Nesse momento da diegese, o discurso romanescos mostra que o ano de 1830 revela-se particularmente difícil para a protagonista, que recebe a notícia do assassinato de Sucre, em junho. Logo depois, ela é presa por acreditarem que uma publicação que a apoiava, assinada por “Las mujeres liberales”, havia sido escrita por ela mesma. Em seguida, o romance descreve que ela é expulsa de Santa Fé e enviada a Guaduas. Por ainda acreditar no retorno de Bolívar, a protagonista une-se com insurgentes em Sabana, e, por meio de um levante armado, vencem as tropas do governo e os obriga a deixarem o local.

Conforme reflete a personagem nesse instante, vemos que ela seguia acreditando que “*Bolívar debía regresar. [...] hasta que el Libertador pudiese retornar de su exilio, el general Urdaneta asumió la responsabilidad de la jefatura*

³⁶⁰ Nossa tradução livre: Atirei na caixa de pólvora do terceiro castelo que começou a estourar diante da impotência e surpresa dos guardas incrédulos. (ZÚÑIGA, 2000, p. 237).

³⁶¹ Nossa tradução livre: [...] por que vocês chamam os do Sul de irmãos, e eu de FORASTERA???... Serei o que eu quiser: o que sei é que meu país é o continente da América; Nasci sob a linha do Equador. (ZÚÑIGA, 2000, p. 240).

*suprema*³⁶².” (ZÚÑIGA, 2000, p. 244). Bolívar, contudo, não retorna, pois sua enfermidade e tristeza pela morte de Sucre eram maiores que suas ambições políticas. Nesse ínterim, a Venezuela se separa, definitivamente, da Colômbia e o general Páez assume a presidência dessa nova república.

O leitor, nesse ponto da narrativa, depara-se com a protagonista, que, distante de Bolívar, decide ir ao seu encontro em Santa Marta. Porém, antes mesmo de embarcar, ela recebe uma carta com a fatídica notícia da morte de Simón Bolívar. Aqui, por meio de uma prolepse, Sáenz, na velhice, elabora algumas elocubrações sobre a existência do general, sempre com o intuito de exaltar sua existência. Vejamos, no romance, como a voz da protagonista tora-se ardil para a exaltação do general Bolívar:

*[...] Afirmaba siempre que la luz de la razón y la inteligencia guiaban al principio de la libertad, como un derecho propio de la humana naturaleza que concedía a los hombres el ingenio de obrar acordes con los dictados de su conciencia. Pensaba que la mente y el espíritu debían estar iluminados para alejar la ignorancia y conocer las sublimes verdades de la moral, la filosofía y la ciencia. Sin embargo, allí quedó todo. Abandonado y en la más completa pobreza se marchó hacia la muerte, acompañado por su propia desnudez e la luz de sus ideas*³⁶³. (ZÚÑIGA, 2000, p. 246).

Assim é narrada, no romance, a morte do general venezuelano, a quem a protagonista devota toda sua admiração e respeito. De acordo com a diegese, ao saber da morte de Bolívar, a personagem Sáenz tenta provocar a sua também, por meio de uma picada de serpente, ação que quase ceifa sua vida. O mesmo evento é relatado por Murray (2008) na seção anterior, que analisa esse percurso da personalidade quitenha com maior criticidade. O décimo segundo capítulo da obra de Zúñiga (2000) encerra-se, assim, com a recuperação da protagonista, que, agora, trilharia um caminho distinto do olhar público.

³⁶² Nossa tradução livre: Bolívar teria que voltar. [...] até que o Libertador pudesse retornar de seu exílio, o general Urdaneta assumiu a responsabilidade do comando supremo. (ZÚÑIGA, 2000, p. 244).

³⁶³ Nossa tradução livre: [...] Ele sempre afirmou que a luz da razão e da inteligência norteava o princípio da liberdade, como direito próprio da natureza humana que concedia ao homem a engenhosidade de agir de acordo com os ditames de sua consciência. Ele pensava que a mente e o espírito deveriam ser iluminados para afastar a ignorância e conhecer as verdades sublimes da moralidade, filosofia e ciência. No entanto, tudo estava lá. Abandonado e na mais completa pobreza, foi para a morte, acompanhado da sua própria nudez e da luz das suas ideias. (ZÚÑIGA, 2000, p. 246).

O último capítulo do romance contém pouco mais de dez páginas e aborda vinte e seis anos de vida de Sáenz. Nesse sentido, estamos diante de uma escrita que ficcionaliza a trajetória da protagonista até a morte de Bolívar, apenas, desconsiderando, desse modo, seu percurso posterior, que não contou com grandes holofotes, estando, em grande medida, marginalizada. Dessa forma, a diegese aponta que a personagem Sáenz deixa Bogotá pela forte objeção às convicções bolivarianas e passa a morar em Sabana, onde recebe e reúne opositores do governo. Contudo, com a ascensão de Santander ao poder, a protagonista é expulsa da Colômbia, segundo consta, também, dos anais da historiografia. Conforme recorda a protagonista,

[...] *después de aplastar una nueva insurrección, comandada por el general José Sardá, fueron enviados a la horca diecisiete patriotas grancolombianos. Yo fui llevada a Cartagena y recluida en un calabozo, hasta que un barco inglés me trasladó a la isla de Jamaica, iniciándose así el cruel destierro que me alejó de Colombia para siempre*³⁶⁴. (ZÚÑIGA, 2000, p. 250).

Nesse deslocamento, o leitor é informado de que a personagem leva consigo grande parte das correspondências de Bolívar, que, segundo ela, possuíam “*valiosísima información de aquellos últimos años de vida del gran general*”³⁶⁵. (ZÚÑIGA, 2000, p. 250). Assim, estar em posse desses papéis representaria a chance de revisitar o passado sempre que quisesse. O processo de mudança não trouxe para protagonista e suas escravas apenas um novo espaço para viverem, mas, também, uma nova situação econômica, que, nesse contexto, era de extrema deficiência.

O discurso romanescos dá mostras de que, com o passar dos anos, a protagonista nota o seu próprio envelhecimento, pois manifesta que “*desde entonces comencé a sentir que los años prematuramente vividos empezaron a pesarme. Me había engordado de una manera sorprendente, [...] ya mis carnes comenzaron a*

³⁶⁴ Nossa tradução livre: [...] depois de esmagar uma nova insurreição, comandada pelo general José Sardá, dezessete patriotas gran-colombianos foram enviados à forca. Fui levada para Cartagena e confinada em uma masmorra, até que um navio inglês transferiu-me para a ilha da Jamaica, iniciando-se, assim, o cruel exílio que me tirou da Colômbia para sempre. (ZÚÑIGA, 2000, p. 250).

³⁶⁵ Nossa tradução livre: Informações inestimáveis sobre os últimos anos da vida do grande general. (ZÚÑIGA, 2000, p. 250).

aflojarse y las canas a aparecer escondidas en mis cabelos [...]³⁶⁶. (ZÚÑIGA, 2000, p. 251). Para além das marcas em seu corpo, ela torna-se consciente de como seu temperamento adquire outras nuances e afirma, já deslocada em tempo e espaço dos movimentos políticos, que “*estuvimos rodeados por un mare magnun de pasiones mezquinas y egoísmos, que no hicieron más que llevar a nuestras repúblicas al estado calamitoso en el que ahora se encuentran³⁶⁷*.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 252). Essa é a Sáenz das próximas décadas, segundo a narrativa: uma pessoa menos cheia de certezas, sem recursos econômicos e prestígio social.

Contudo, ainda há na protagonista um desejo por voltar ao Equador e estar mais próxima de suas origens e com maior acesso a empregos e medicações. A partir de cartas trocadas com o, até então, presidente do Equador, Juan José Flores, ela consegue a permissão para voltar, em 1835, e ali permanecer. Nesse processo de retorno, a narradora expõe um trecho que figura como era o seu relacionamento com as suas escravas. Vejamos como o romance evidencia essa convivência:

Para entonces, Natán habíase unido a un negro querendón que nos había prestado ayuda al llegar a la isla. A pesar de la congoja que nos embargaba a las tres al sentir su separación, fue muy difícil convencerla de que viniera con nosotras, pues ella estaba feliz con su nueva vida, y tenía todo el derecho de continuar siéndolo. Todo lo que yo quería era su felicidad. Como habíamos crecido juntas desde la niñez, ella nunca fue para mí la esclava o la criada, sino una gran compañía con la que compartimos, junto con Jonatás, todos aquellos años de gloria e infortunio que lograron fortalecer nuestras vidas³⁶⁸. (ZÚÑIGA, 2000, p. 253).

O referido excerto evidencia o olhar dessa personagem, que se encontra nas limitações de um caminho pouco explorado. Ou seja, ela mantém suas escravas por

³⁶⁶ Nossa tradução livre: Desde então comecei a sentir que os anos vividos prematuramente começaram a pesar sobre mim. Ganhei peso de uma forma surpreendente, [...] minhas carnes começaram a ficar flácidas e os cabelos grisalhos começaram a aparecer escondidos no meu cabelo [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 251).

³⁶⁷ Nossa tradução livre: Estávamos cercados por um *mare magnum* de paixões mesquinhas e egoísmo, que não fizeram nada além de levar nossas repúblicas ao estado terrível em que agora se encontram. (ZÚÑIGA, 2000, p. 252).

³⁶⁸ Nossa tradução livre: A essa altura, Natán havia se juntado a um querido negro que nos ajudou quando chegamos à ilha. Apesar da angústia que tomou conta de nós três quando sentimos sua separação, foi muito difícil convencê-la a vir conosco, porque estava feliz com sua nova vida e tinha todo o direito de continuar assim. Tudo que eu queria era a felicidade dela. Como crescemos juntas desde a infância, ela nunca foi escrava ou serva para mim, mas uma grande companhia com a qual compartilhamos, junto com Jonathan, todos aqueles anos de glória e infortúnio que conseguiram fortalecer nossas vidas. (ZÚÑIGA, 2000, p. 253).

força da historicidade de seu tempo, dessa nuvem colonial, que, brutalmente, reduziu a vida de muitos a sua cor, porém a narrativa busca suavizar a gravidade do assunto ao se referir que o tratamento que elas recebem é mais cordial e respeitoso. Nesse sentido, sabemos que não há como modalizar o discurso da escravatura, amenizá-lo e ver como bondade certos tratamentos conferidos a escravos, uma vez que sua máxima é violenta e reducionista. Manuela Sáenz, fruto de uma época de grandes transformações, contempla essas distintas perspectivas, ora corroborando a colonialidade, ora repensando sua atuação e agindo com o objetivo descolonizador, seja ele o do espaço ou o das próprias mentes.

De acordo com a diegese, o retorno da protagonista a Quito é impossibilitado devido ao fato de que outro presidente havia ascendido ao poder – Vicente Rocafuerte – e proibido, terminantemente, a entrada de Sáenz, qualificando-a como uma mulher de vícios, ambiciosa e prostituta. Diante desse fato, a protagonista reflete e expressa que “*me negaron pisar mi suelo patrio: no podía volver a ver a mis parientes y amistades; habíanme conculcado el derecho de volver a contemplar el Pichincha y aquella ciudad a cuyos pies había crecido*³⁶⁹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 255). Seu próximo destino era Paita, um porto peruano, onde viveria por mais de vinte anos até sua morte.

Nesse lugar afastado, o romance expõe que a protagonista recebe o apreço da comunidade, que a vê como uma conselheira. Sua vida em Paita foi mais extensamente abordada na primeira seção, principalmente por Murray (2008), que assinala a indispensabilidade de retomar a completude de vida de Manuela Sáenz ao escrever sua biografia. São 26 anos vividos à margem, mas sem se distanciar de suas inclinações políticas e diplomáticas. Aqui, o romance de Zúñiga (2000) reduz tal período a poucas páginas, uma vez que os aspectos que a colocam em evidência, residem, basicamente, em dividir a cena política com Simón Bolívar.

Na sequência, o relato ficcional ressalta que, no que tange à sua participação política, a personagem Sáenz buscar estar a par de todas as mudanças que ocorrem no Equador por meio de missivas. “*Mantengo correspondencia con Flores, Urdaneta, O’Leary, García Moreno, y tantos otros más, tratando de aconsejarles en*

³⁶⁹ Nossa tradução livre: Eles me negaram pisar em minha terra natal: eu não podia ver meus parentes e amigos novamente; Violaram meu direito de contemplar Pichincha novamente e aquela cidade a cujos pés eu cresci. (ZÚÑIGA, 2000, p. 255).

*asuntos competentes a la situación de nuestro país*³⁷⁰.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 256). Nesse sentido, a proposição do romance em um primeiro momento, consiste em apontar como ela, mesmo distante de todos os holofotes sociais, ainda se mantinha atuante.

A ideia central desses últimos breves capítulos aponta que o distanciamento da vida pública não diminuiu seu interesse pela política de seu país. Contudo, tal ação fica circunscrita a uma análise mais superficial, pois caso assim fosse, maior atenção e representatividade desse período seriam expostos na obra ficcional.

Na sequência, a narradora relata que, desde o ano de 1842 ela havia reestabelecido o contato com Thorne, como amigos, por meio de cartas, até chegar ao seu conhecimento que ele morrera assassinado. Nesse momento, a protagonista expressa que *“la noticia de su muerte me llenó de amargura, a pesar de todas las desavenencias vividas en el transcurso de nuestro matrimonio*³⁷¹.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 257). Assim, o relato romanesco aponta que a perda de pessoas queridas, o esquecimento por parte da sociedade e a falta de recursos financeiros compõem a realidade da vida da protagonista na última década de vida. Somada a essa situação, uma queda a prende à cama por anos, deixando-a presa à casa e às suas memórias. *“La vejez, la gordura y la imposibilidad de moverme con libertad, que me dejó una desgraciada caída que sufrí dos años atrás, han hecho de mí una persona que vive de los recuerdos [...]”*³⁷².” (ZÚÑIGA, 2000, p. 257). Os anos acamada são também abordados nos textos biográficos na primeira seção dessa pesquisa.

Desse modo, ao pensarmos sobre a ativa vida dessa personalidade histórica, o fato de estar sem recursos e presa a uma cama consiste em uma condição de decadência e gera um contraste robusto em sua história. No romance em análise, o autor utiliza-se desse aprisionamento da protagonista como um gatilho para escrever memórias e compor a presente obra. Sua vida em retrospectiva é o que, de acordo com a narrativa, a mantém viva.

³⁷⁰ Nossa tradução livre: Mantenho correspondência com Flores, Urdaneta, O’Leary, García Moreno e muitos outros, tentando aconselhá-los sobre assuntos relevantes à situação de nosso país. (ZÚÑIGA, 2000, p. 256).

³⁷¹ Nossa tradução livre: A notícia de sua morte me encheu de amargura, apesar de todos os desentendimentos vividos ao longo de nosso casamento. (ZÚÑIGA, 2000, p. 257).

³⁷² Nossa tradução livre: A velhice, a gordura e a impossibilidade de me movimentar livremente, que me deixou uma infeliz queda que sofri há dois anos, fizeram de mim uma pessoa que vive de memórias [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 257).

Ao finalizar a diegese, a narradora ainda comenta sobre fortuitas visitas que recebe em Paita, também amplamente conhecidas no contexto historiográfico: Giuseppe Garibaldi, Ricardo Palma, Simón Rodríguez e com quem compartilha lembranças de um passado já longínquo. Em sua casa, vivem também suas escravas Jonatás e Juana Rosa e La Morito, uma empregada. Além delas, há também os cachorros, todos batizados com nomes de inimigos políticos: “[...] a ninguno de ellos le falta un nombre: Santander, Páez, Córdova, Carujo, Azuero, etc³⁷³.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 259).

O romance é concluído com um comentário desprezioso da protagonista sobre a possível chegada de uma peste em Paita. “*El poblador de Paita, para tener de qué hablar en este aburrido Pueblo, acude también a las exageraciones*³⁷⁴.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 259). As próximas linhas, que encerram a obra, são partes de uma carta escrita pela personagem ficcional La Morito, esclarecendo o que faria com os livros da protagonista, uma vez que ela se mudaria para Lima após a morte de sua patroa. “*Son cuatro libros escritos por mi patrona los que yo dejo en manos de el profesor de la escuela. El martes quemaron las cartas y papeles del baul y pude salvar estos emanuscritos [...]*³⁷⁵.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 259).

A sexta característica do romance histórico tradicional, segundo Fleck (2017), diz respeito às personagens presentes na obra. Com o fim de *Manuela*, podemos verificar a diegese como um todo para que analisemos tal especificidade de forma mais assertiva. De acordo com o referido teórico, essa modalidade romanesca apoia sua narrativa em personagens de extração histórica, utilizando da pura ficcionalização de outras quando há lacunas que impedem o desenvolvimento da obra, segundo as intenções do autor. Vejamos como o teórico expressa-se sobre essa característica das obras híbridas tradicionais:

As personagens romanescas passam a ser, na maioria dos casos, aquelas já consagradas como grandes heróis na historiografia, e as puramente ficcionais podem até desaparecer totalmente da

³⁷³ Nossa tradução livre: [...] a nenhum deles falta nome: Santander, Páez, Córdova, Carujo, Azuero, etc. (ZÚÑIGA, 2000, p. 259).

³⁷⁴ Nossa tradução livre: Os moradores de Paita, para terem o que falar nesta cidade chata, também recorrem aos exageros. (ZÚÑIGA, 2000, p. 259).

³⁷⁵ Nossa tradução livre: São quatro livros escritos pela minha chefe que deixo nas mãos do professor da escola. Na terça queimaram as cartas e papéis do baú e consegui guardar esses manuscritos [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 259).

diegese. Ao centralizar a atenção em personagens bem conhecidas e suas ações, o relato ficcional reelabora o passado registrado pela história com tons efusivos e consagra, desse modo, a versão perpetrada pelo discurso historiográfico. (FLECK, 2017, p. 50).

Desse modo, não há como comprovarmos historicamente a existência de algumas personagens que compõem a narrativa, como por exemplo o relojoeiro com quem Sáenz se envolve nos seus primeiros anos de casada, e até mesmo de Morito, sua empregada quando vivia Paita. Entretanto, as figuras centrais da obra são, de fato, personalidades cuja existência foi historicamente delimitada. Manuela Sáenz, Simón Bolívar, Francisco de Paula Santander, entre outros, são, cuidadosamente, representados de modo que a versão oficializada do discurso histórico seja mantida, versão essa que exalta a atuação de Bolívar nas guerras independentistas, qualificando-o como o Libertador da América.

Ainda sob essa perspectiva, é possível lançarmos nosso olhar para caminhos de intersecção entre a crítica literária e os estudos sociológicos que comungam de uma fonte comum: o estabelecimento de paradigmas próprios que independam de moldes europeus. Para tanto, é fundamental que, como leitores e pesquisadores, exerçamos uma postura crítica de não incorporarmos valores estrangeiros em um espaço com delimitações completamente distintas. Nesse sentido, dois pesquisadores – diante de uma pluralidade de outros possíveis – constituem-se referências incontornáveis para refletirmos sobre a figura empírica de Manuela Sáenz e sua representação em romances históricos. São eles: Fleck (2017) e Mignolo (2000, 2017) – entre outros que aparecem no decorrer das análises.

Fleck (2017) estabelece, em sua obra denominada *O romance contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*, uma análise acerca das particularidades de cada fase e modalidade do gênero romanesco no que tange à ideologia que atravessa a escrita, com o objetivo de instrumentalizar leitores para que ampliem o horizonte de percepção do próprio fato histórico ficcionalizado no romance.

Nas ciências sociais, Mignolo (2017), inserido no grupo Modernidade/Colonialidade, repensa a América Latina a partir de um viés particular, que compreende a chegada dos europeus como o início da modernidade e com ela, da colonialidade, que se constitui, em suas palavras, como o seu lado mais sombrio.

Desse modo, estamos, como sujeitos latino-americanos, sob um véu que nos impossibilita compor uma historicidade independente, uma vez que agimos a partir de caminhos já trilhados e, recorrentemente, até mesmo impostos pelos colonizadores. É importante ressaltarmos que o termo “colonialidade” foi introduzido pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, no final dos anos de 1980, cuja proposição convida-nos a problematizar os séculos de colonização de modo a refletirmos acerca da inexistência de uma completa descolonização, não apenas territorial e política, mas também das mentes e do imaginário.

Nesse sentido, em busca de uma autonomia intelectual, que procede à econômica, mas que, inevitavelmente, a influencia, ambos os teóricos, em seus grupos de pesquisa, mediam ações decoloniais, ou seja, medidas que problematizam as imposições coloniais no continente americano. De acordo com Mignolo (2017, p. 6),

[...] nós, estudiosos e pensadores descoloniais, podemos contribuir não ao relatar para os estudiosos, intelectuais e líderes indígenas qual é o problema, porque eles o conhecem melhor que nós, mas ao agir no domínio hegemônico da academia, onde a ideia de natureza como algo fora dos seres humanos foi consolidada e persiste. Descolonizar o conhecimento consiste exatamente nesse tipo de pesquisa. O próximo passo seria construir opções descoloniais nas ruínas do conhecimento imperial.

É nesse espaço que inserimos a presente pesquisa, ao evidenciarmos uma personalidade histórica recorrentemente estudada por biógrafos e literatos que utilizam sua vivência como instrumento que, a depender de pressupostos teóricos, corrobora ou refuta a historiografia presente nos anais oficiais – em documentos, em livros, em leis, em celebrações, em monumentos etc. Manuela Sáenz vive em um período em que a descolonização do espaço acontecia.

Ela presencia a descolonização a partir de uma perspectiva mais questionadora, que visionava à liberdade política e econômica de países que compunham a América Hispânica no século XIX. Vários parênteses podem ser abertos aqui, uma vez que esse assunto permite que múltiplas vias sejam discutidas. Estamos diante do primeiro movimento de descolonização do território americano, liderado por uma elite que não punha em pauta questões sociais como a escravização de negros e a situação das populações indígenas.

A expulsão dos espanhóis, e com isso a independência política e econômica, era lucrativa e interessante aos grandes proprietários de terra, *criollos*, em sua maioria. Esses, apesar de se rebelarem contra a metrópole colonizadora e promoverem a independência, viviam e apoiavam muitos das vias e dos preceitos da própria colonialidade, como o trabalho escravo e a exploração das populações autóctones, assim como a negação de seus direitos à posse do território.

Nesse sentido, ao refletirmos acerca do percurso que propomos com a presente pesquisa, que insere a personagem histórica Manuela Sáenz nesse caminho da colonialidade, descolonização e decolonialidade, verificamos que sua representação ficcional atua dentro dessas mesmas proposições sociais, ou seja, ela vivencia as próprias mudanças de um período com recorrentes conflitos políticos e se posiciona do modo que o autor, que manipula a linguagem para determinado fim, intenciona.

Em seguida, passamos a ler mais um romance que reconfigura Manuela Sáenz por meio de perspectivas outras que contribuem para que compreendamos outra fase e modalidade do gênero romance histórico. Dessa forma, não há como nos distanciarmos do entendimento de que, assim como o discurso histórico, o literário possui um papel indispensável à manipulação do imaginário de uma nação. Essa personagem de extração histórica torna-se um instrumento que reordena o passado, ratificando-o ou o ressignificando, como a seguir vemos.

2.3 – O NOVO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO – UMA EFETIVA RELEITURA CRÍTICA DO DISCURSO HISTORIOGRÁFICO

Na América Latina, a partir do século XX, o romance histórico encontra um espaço propício para que novas mudanças aconteçam em sua discursividade e organicidade. Tais modificações não constituem, todavia, o fim da perspectiva romanesca tradicional, que continua a ser escrita até a atualidade. O que podemos observar e afirmar – por meio dos estudos de teóricos como Aínsa (1991), Menton (1993), Fernández Prieto (2003) e Fleck (2007; 2017), mais especificamente, com sua proposição teórica organizada em fases e modalidades da escrita romanesca histórica, é que essa distinta fase, com suas modalidades específicas, passa a ser recorrente nos mais diversos países latino-americanos e, também, gradativamente,

em outros países de uma acentuada tradição exaltadora do passado colonial. Esses países da América Latina, por suas vivências em espaços e momentos próximos – em grande medida sob o mesmo prisma da busca pela descolonização efetiva em campos como a cultura e a ideologia, por exemplo –, geram uma característica de escrita crítica e desconstrucionista de romance histórico muito semelhante em estrutura e recursos.

Assim, a escrita híbrida realizada a partir da segunda metade do século XX pelos romancistas hispano-americanos, em princípio, e, já mais adiante, também pelos brasileiros e canadenses, principalmente, não mais alimenta e ilumina o discurso edificador de heróis da historiografia hegemônica. Essa arte literária produzida pelos romancistas latino-americanos, pelo contrário, por meio da pluralidade simbólica que a literatura oferece, refuta discursos construídos ao longo de todo o processo de dominação e colonização, com vistas ao entendimento de que a perspectiva euro-falocêntrica significou e registrou eventos históricos como, de fato, convinha aos interesses das cortes, no caso latino-americano, as espanholas, francesas e portuguesas. De acordo com as pesquisas de Fleck (2008),

[...] como resultado destas ações do romancista, segundo Larios (1997, p. 135), o romance histórico mais recente tem facilitado a criação de novas linguagens fundadas em paradoxos, na ironia, na impugnação da história, na alteridade, na simultaneidade, nos anacronismos, que acabam por construir discursos inovadores do tipo religioso-místico, filológico, de aventura, pseudo-realista, pseudo-cotidiano, etc. Isso acaba causando uma certa ruptura com os modelos tradicionais – como os de costume ou realistas –, baseados mais na arte mimética, na reprodução da realidade, na linearidade temporal. Essas características inovadoras geram obras como *El harpa y la sombra* (1979), de Alejo Carpentier, *Los perros del paraíso* (1983), de Abel Posse, mencionadas por Menton (1993) e classificadas por ele como modelos do novo romance histórico latino-americano. (FLECK, 2008, p. 312).

Assim, uma reformulação literária no tratamento com o material histórico passa a acontecer na América Latina a partir dos anos de 1930 e 1949. A arte, por sua natureza plurissignificativa, passa a ser a força propulsora que romancistas latino-americanos encontram para veicular novos e contestadores pontos de vista sobre o passado, registrado de forma hegemônica pela história de cunho positivista. É, portanto, essa fase do romance histórico que abordamos nesta subseção, fase essa alimentada por uma criticidade ímpar, preenchida por uma realidade ficcional

questionadora, que concebe no espaço fértil de experiências do solo latino-americano seu local de manifestação e evolução.

Como já apontamos, passadas as primeiras quatro décadas do século XX, a escrita romanesca híbrida de história e ficção tem boa parte de sua intencionalidade remodelada. Assim, seguimos apresentando as principais especificidades da segunda fase do romance histórico, que, segundo Fleck (2017), configura-se como crítica e desconstrucionista em seus mecanismos de releitura ficcional do passado. Ela se torna, para o contexto latino-americano, um marco de ruptura entre uma escrita que se caracterizava por ser uma extensão do imaginário europeu a uma que, a partir desse período, passa a ser revisionista. Para isso, essa distinta proposição utiliza-se de recursos escriturais diferenciados das modalidades anteriores para recontar a história e ressignificar o passado, advindo da ótica do colonizado em busca da descolonização intelectual e cultural frente à colonialidade do poder ainda remanescente em grande parte do continente americano.

Nas produções da segunda fase da trajetória do romance histórico – cujo marco inicial deu-se na América Hispânica –, o ponto de vista deixa de ser o do colonizador/explorador, ou seja, a focalização não se volta mais àqueles que, unilateralmente, colonizaram e exploraram as populações nativas da América Latina, mas, para as populações advindas desse lugar, desse contexto de dominação que não puderam registrar a sua percepção histórica e simbólica das vivências latino-americanas dos períodos do “descobrimento”, “conquista” e colonização da América pelos europeus, em especial.

A produção literária romanesca dessa segunda fase é composta, conforme aponta Fleck (2017), por duas modalidades do gênero híbrido de história e ficção: o novo romance histórico latino-americano e a metaficção historiográfica. Em nosso estudo, dedicamo-nos, com maior fôlego, à primeira dessas modalidades que tem como romance inaugurador *Mi Simón Bolívar* (1930), do romancista colombiano Fernando González Ochoa, segundo aponta Mendez Dorado (2022), e se torna recorrente a partir da obra *El reino de este mundo*, (1949), de Alejo Carpentier, visto por Menton (1930) como a primeira dessas expressões, seguramente por desconhecer a obra de González Ochoa (1930). A obra de Carpentier, apontada por Menton (1993) como inauguradora dessa modalidade, em linhas gerais, traz em sua tessitura híbrida, uma representação dos fatos históricos ocorridos durante a Revolução Haitiana (1791-1804), abarcando a fase que precede à sua

independência, no século XVIII, até o período da constituição da república, não mais governada pelos franceses.

Com relação à denominação de “novo romance histórico latino-americano”, dada à modalidade inaugural dessa segunda fase, sabe-se que ela passou a ser utilizada a partir da década de 1980. Fleck (2017) comenta sobre a utilização desse termo:

A expressão “novo romance histórico latino-americano” passou a ser corrente, segundo registra Menton (1993), a partir de 1981, quando o crítico uruguaio Ángel Rama a teria usado pela primeira vez; desde então serve para referir-se àqueles romances que evidenciavam as formas diferentes de tratar a história, empregadas pelos romancistas latino-americanos. (FLECK, 2017, p. 67).

Dessa forma, várias são as peculiaridades que distinguem essa especificidade de romance das modalidades acrílicas, clássica e tradicional, escritas até então. Contudo, se quisermos nos atentar para o elemento de maior distinção dessa fase, esse seria o caráter crítico e desconstrucionista dado ao tratamento com o material histórico inserido na tessitura romanesca. Fernando Aínsa (1991), em seu artigo “*La nueva novela histórica latinoamericana*”, traça um panorama desse novo objeto de estudo que não mais se configura nos moldes scottianos clássicos ou nos tradicionais. O crítico uruguaio comenta que,

[...] parece como si los escritores latinoamericanos, después de las obras complejas experimentales y abiertas a todo tipo de influencias que caracterizaron la novelística de los últimos decenios, necesitaran profundizar en su propia historia, incorporando el imaginario individual y colectivo del pasado a la ficción³⁷⁶. (AÍNSA, 1991, p. 82).

Por meio dessa incorporação de seus imaginários individuais e coletivos é que as nações latino-americanas se voltam aos seus próprios modelos de percepção dos fatos ocorridos no pretérito. Assim, passam a contestar a tradição histórica europeia presente e, até esse momento, corroborada pela literatura em suas vertentes romanescas híbridas de história e ficção.

³⁷⁶ Nossa tradução livre: Parece que os escritores latino-americanos, depois das complexas obras experimentais e abertas a todo tipo de influências que marcaram as obras romanescas das últimas décadas, necessitaram se aprofundar em sua própria história, incorporando o imaginário individual e coletivo do passado à ficção.

É no retorno ao passado histórico do qual o escritor não teve contato que as mais variadas expressões se manifestam. Isso ocorre desde a rememoração dos constructos coletivos pertencentes à determinada nação, até as marcas de oralidade e tradições ancestrais revisitadas. A literatura latino-americana, portanto, faz uso de todas essas figurações e nelas encontra e perfila uma nova estética literária que prima pela contestação da historiografia positivista. Nas palavras de Aínsa,

[...] *la nueva narrativa se ha embarcado, así, en la aventura de releer la historia, especialmente crónicas y relaciones, ejercitándose en modalidades anacrónicas de la escritura, en el pastiche, la parodia y el grotesco, con la finalidad de deconstruir la historia oficial*³⁷⁷. (AÍNSA, 1991, p. 82).

Assim, essa nova estética, permeada de recursos estilísticos e simbólicos que permitem ao romancista explorar ao máximo o poder evocativo dos signos linguísticos, configura-se como uma modalidade de romance crítico distinta de toda a produção realizada até então. Os padrões estéticos não mais obedecem às características europeias, oferecendo ao leitor dois relevantes traços que o distingue dos demais: o experimentalismo linguístico e o experimentalismo formal. O primeiro consiste na constante criação de neologismos, na inserção de marcas da oralidade, e, também, na utilização de uma linguagem barroca. Para Fleck (2017),

[...] o cultivo da linguagem barroca, com frases longas, enviesadas e vocabulário rebuscado volta, desse modo, a habitar, com frequência, o espaço escritural do novo romance histórico latino-americano e muitas outras produções literárias de diferentes gêneros em nosso continente a partir da metade do século XX, ao empregar técnicas escriturais tais como a paródia, a polifonia, a dialogia, a heteroglossia, a intertextualidade, cujas raízes são barrocas. (FLECK, 2017, p. 58).

Com relação ao experimentalismo formal, temos que o novo romance histórico foi responsável por uma mudança substancial na organização da diegese em si. O modelo consagrado de início, meio e fim passa a ser manipulado e reordenado, apresentando ao leitor uma composição distinta, com obras, por

³⁷⁷ Nossa tradução livre: A nova narrativa embarcou, assim, na aventura de reler a história, especialmente as crônicas e relações, exercitando-as em modalidades anacrônicas da escrita, no pastiche, na paródia e no grotesco, com a finalidade de desconstruir a história oficial.

exemplo, com mais de um narrador, abordando diferentes períodos históricos, entre outras variáveis.

É necessário que apontemos que ambos os experimentalismos são frutos do período do *boom*, que se caracteriza por ser o período da literatura latino-americana em que a sua produção passa a ter uma dimensão e abrangência não conseguidas até então. Nesse sentido, Aínsa (1991), ao verificar uma mudança estrutural, linguística e ideológica nos romances escritos no espaço hispano-americano – a partir do final da década de 40, do século XX – estabelece, primeiramente, dez características que engendram os traços diferenciadores dessa proposição romanesca diferenciada, as quais destacamos à continuação:

1) La nueva novela histórica se caracteriza por efectuar una relectura de la historia. Esta relectura puede estar fundada en un historicismo crítico [...]. En otros casos se trata, simplemente de la necesidad de 'ir a la semilla de la nacionalidad, al nacimiento de la convivencia'. [...] 2) *La relectura histórica propuesta en el discurso ficcional impugna la legitimación instaurada por las versiones oficiales de la historia [...].* 3) *La multiplicidad de perspectivas asegura la imposibilidad de lograr el acceso a una sola verdad del hecho histórico. La ficción confronta diferentes interpretaciones que pueden ser contradictorias. [...].* 4) *[...] El género de la novela, por su misma naturaleza "abierta, libre, integradora", permite un acercamiento al pasado en verdadera actitud dialogante, [...].* 5) *[...] la nueva novela histórica toma distancia en forma deliberada y consciente con relación a la historiografía "oficial", cuyos mitos fundacionales se han degradado. [...].* 6) *Esta nueva novela se caracteriza por la superposición de tiempos históricos diferentes. [...].* 7) *La historicidad del discurso ficcional puede ser textual y sus referentes documentarse con minucia o, por el contrario, la textualidad revestirse de las modalidades expresivas del historicismo a partir de una "pura invención" mimética de crónicas y relaciones. [...].* 8) *Las modalidades expresivas de estas obras son muy diversas. En algunas, las falsas crónicas disfrazan de historicismo su textualidad, donde es necesario una cierta relación de "lo visionario con la trama" [...] y se debe fundamentar lo simbólico en lo real cotidiano. [...].* 9) *La relectura distanciada "pesadillesca" o acrónica de la historia que caracteriza esta nueva narrativa, se refleja en una escritura paródica. [...].* 10) *El manejo de arcaísmos deliberados, pastiches y parodias combinados con un sentido del humor agudizado, suponen una mayor preocupación por el lenguaje. El lenguaje se ha vuelto la herramienta fundamental de la nueva novela histórica y acompaña la preocupada y desacralizadora relectura del pasado. [...]*³⁷⁸. (AÍNSA, 1991, p. 83 - 85).

³⁷⁸ Nossa tradução livre: 1) O novo romance histórico caracteriza-se por fazer uma releitura da história. Esta releitura pode estar fundamentada em um historicismo crítico [...] Em outros casos, trata-se, simplesmente, da necessidade de ir "à semente da nacionalidade, ao nascimento do convívio." [...] 2) A releitura histórica proposta no discurso ficcional desafia a legitimação instaurada

Essas dez peculiaridades apontadas por Aínsa (1991) sublinham uma escrita legítima em recorrência na América Latina, mormente, a partir das décadas de 1960-1970. Algumas obras que vão ao encontro dessa perspectiva crítica são: *El siglo de las luces* (1962) e *Concierto Barroco* (1974), de Alejo Carpentier; *Yo el supremo* (1974), de Augusto Roa Bastos; *Galvez imperador do Acre* (1976), de Márcio Souza; *El mar de las lentejas* (1979), de Antonio Benítez Rojo; *El arpa y la sombra* (1979); de Alejo Carpentier; *A guerrilheira: o romance da vida de Anita Garibaldi* (1979), de João Felício dos Santos; *Em liberdade* (1981), de Silviano Santiago; *Mad Maria* (1981), de Marcio Souza; *Los perros del paraíso* (1983), de Abel Posse; *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro; *La noche oscura del Niño Avilés* (1984), de Edgardo Rodríguez Juliá; *Noche de espadas* (1987), de Saúl Ibargoyen; *Cristóbal Nonato* (1987), de Carlos Fuentes; *Memorial do fim (a morte de Machado de Assis)* (1991), de Haroldo Maranhão; entre muitas outras.

O novo romance histórico latino-americano, fruto da necessidade da incorporação na história de perspectivas marginalizadas pelo discurso eurocêntrico colonizador – na qual a história deixa de ser objeto apenas da elite de caráter positivista –, coaduna-se com os estudos de *A história nova* (1990), de Jacques Le Goff e *A escrita da história* (1992), de Peter Burke, teóricos que se dedicaram a identificar posturas que não as moldadas pela história oficial no seu âmbito de atuação. Defende-se, a partir da nova história – corrente reformadora e crítica surgida na década de 70, do século XX, na França com intuito de revisar as bases positivistas da historiografia –, uma distinta manipulação dos dados documentais.

pelas versões oficiais da história [...] 3) A multiplicidade de perspectivas garante a impossibilidade de se ter acesso a uma só verdade do fato histórico. A ficção confronta diferentes interpretações que podem ser contraditórias. [...] 4) O gênero do romance por sua própria natureza “aberta, livre, integradora”, permite uma aproximação ao passado em uma atitude de verdadeiro diálogo, [...] 5) [...] o novo romance histórico distancia-se, de forma deliberada e consciente, da relação com a historiografia “oficial”, cujos mitos fundadores degradaram-se. [...] 6) Este novo romance caracteriza-se pela sobreposição de tempos históricos diferentes. [...] 7) A historicidade do discurso ficcional pode ser textual e seus referentes são documentados com minúcia ou, ao contrário, a textualidade reveste-se das modalidades expressivas do historicismo a partir de uma “pura invenção” mimética de crônicas e relações. [...] 8) As modalidades expressivas destas obras são muito diversas. Em algumas, as falsas crônicas disfarçam a textualidade de historicismo, onde é necessária certa relação do “visionário com o enredo” [...] e se deve fundamentar o simbólico no real cotidiano. [...] 9) A releitura distanciada anacrônica da história, que caracteriza esta nova narrativa, reflete-se em uma escrita paródica. [...] 10) A manipulação de deliberados arcaísmos, pastiches e paródias combinados com um senso de humor agudo, representam uma maior preocupação com a linguagem. A linguagem tornou-se a principal ferramenta do novo romance histórico e acompanha a preocupada e dessacralizadora releitura do passado.

Para Le Goff (1988), uma multiplicidade de documentos deveria existir de modo a permitir diferentes interpretações a partir de fontes variadas. Jacques Le Goff (1988), em *A história nova*, defende que as fontes devem ser diversificadas ao propor uma nova concepção do documento. Segundo expressa o autor,

[...] o documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador, ele próprio parcialmente determinado por sua época e seu meio; o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado, tanto para impor uma imagem desse passado, quanto para dizer “a verdade”. (LE GOFF, 1988, p. 54).

Desse modo, é com a utilização das mais distintas fontes que a “verdade” histórica positivista passou a ser contestada. A literatura latino-americana da segunda metade do século XX corrobora tais inclinações referentes aos estudos históricos e passa a contestar o passado vinculado às correntes positivistas. Desse modo, a arte literária deixa de perpetuar e consagrar personagens históricas, para revisá-las. Isso pode se dar, também, por meio da utilização de focos narrativos centralizados em personalidades que estavam, até então, à margem dos registros oficiais.

Seymour Menton (1927–2014) analisou a produção romanesca latino-americana híbrida de história e ficção do período de 1979 a 1992, a fim de comprovar a legitimidade de obras do novo romance histórico latino-americano e suas características. Para Menton (1993), fica claro que o estabelecimento dessa distinta modalidade de romance histórico foi engendrado, principalmente, por Alejo Carpentier, que receberia o apoio de Carlos Fuentes e Augusto Roa Bastos.

Menton (1993) segue pontuando em seu estudo que, apesar do fato de a obra inaugural ter sido escrita em 1949, essa modalidade de romance passa a ser mais recorrente na América Latina somente no final dos anos de 1970. Para o professor, uma grande indicação do predomínio dessa narrativa a partir dessa década reside no fato de que os autores mais respeitados dos países latino-americanos produzem obras que atingem a criticidade proposta pelo novo romance histórico nesse mesmo período, constituindo, portanto, uma nova modalidade de produção romanesca híbrida dentro do gênero romance histórico.

No que tange aos fatores que resultaram nessa produção, Menton (1993) atenta para a aproximação do quinto centenário de “descobrimento” da América. Há,

por exemplo, na escrita desse íterim, a intensa recorrência de romances em que Cristóvão Colombo é ficcionalizado com vistas a sua desconstrução. Alguns novos romances históricos de grande recurso desconstrutivo são: *El arpa y la sombra* (1979), escrito por Alejo Carpentier; *El mar de las lentejas* (1979), de Antonio Benítez Rojo; *Los perros del Paraíso* (1983), de Abel Posse, e, finalmente, pela metaficção historiográfica *Vigilia del Almirante* (1992), de Augusto Roa Bastos.

Com a finalidade de especificar os traços definidores dessas produções, semelhantemente ao que havia já realizado o uruguaio Fernando Aínsa (1991), o professor estadunidense Seymour Menton (1993) estabelece seis características inerentes ao novo romance histórico latino-americano, sendo elas:

*1. La subordinación, en distintos grados, de la reproducción mimética de cierto periodo histórico a la presentación de algunas ideas filosóficas, [...]. 2. La distorsión consciente de la historia mediante omisiones, exageraciones y anacronismos. 3. La ficcionalización de personajes históricos a diferencia de la fórmula de Walter Scott – aprobada por Lukács – de protagonistas ficticios. [...]. 4. La metaficción o los comentarios del narrador sobre el proceso de creación. [...] 5. La intertextualidad [...]. 6. Los conceptos bajtinianos de lo dialógico, lo carnavalesco, la parodia y la heteroglosia. [...]*³⁷⁹. (MENTON, 1993, p. 44, 45).

Expostas as características, o autor tem o cuidado de mencionar a não necessidade de que todas as obras apresentem o conjunto total dessas particularidades, pois a grande quantidade de obras lidas e analisadas para seu estudo incluíram já algumas obras que, mais tarde, Fleck (2007, 2011, 2017), aponta como modelos que seguem a linha “mediadora” entre o tradicionalismo e a renovação, não sendo elas, portanto, exemplares da modalidade do novo romance histórico latino-americano.

As características da primeira modalidade crítica de romance histórico apontadas por Menton (1993), juntamente com as precedentes expostas por Aínsa (1988-1991), contribuem para que o espírito crítico e descolonizador emergente em vários escritores daquele momento se expressasse na arte literária por meio da

³⁷⁹ Nossa tradução livre: 1. A subordinação, em diferentes graus, da reprodução mimética de certo período histórico, à apresentação de algumas ideias filosóficas, [...]. 2. A distorção consciente da história por omissões, exageros e anacronismos. 3. A ficcionalização de figuras históricas ao contrário da fórmula de Walter Scott – aprovado por Lukács – de personagens fictícios. [...] 4. A metaficção ou os comentários do narrador sobre o processo de criação. [...] 5. A intertextualidade. [...] 6. Os conceitos bakhtinianos de dialogismo, carnavalização, paródia e heteroglossia. [...].

escrita romanesca na sociedade latino-americana do século XX. Desse modo, por meio da sua subversão, no que tange à perspectiva clássica e à tradicional, aspectos históricos e identitários começaram a ser ressignificados, postos em xeque, revisitados. Sob essa nova perspectiva de reler o passado pela ficção, fatos e personagens antes consagrados também podem ser apresentados por vieses que não o da historiografia oficial e que, mesmo assim, são legítimos e verossímeis nessa esfera de representação.

No entanto, devemos ressaltar que a produção de novos romances históricos não se restringe mais, na atualidade, apenas aos países da América Latina. Expressões dessa modalidade podem ser encontradas na Europa com obras como *Orlando* (1928), da inglesa Virginia Woolf (1882-1941), que, nas palavras de Menton, “es una deliciosa parodia de las biografías del siglo XVI hasta el XX³⁸⁰.” (MENTON, 1993, p. 57), bem como: *Napoelon Symphony* (1974) e *Falstaff* (1976), dos ingleses Anthony Burgess (1917-1993) e Robert Nye (1939-2016). Outros exemplos de novos romances históricos não latino-americanos são *The Sot-Weed Factor* (1960), do estadunidense John Barth (1930), com uma obra “de más de 800 páginas, es una epopeya burlesca de la colonización de Maryland a fines del siglo XVII y principio del XVIII³⁸¹” (MENTON, 1993, p. 59); e, ainda, o romance alemão *Rede des toten Kolumbus am Tag des jüngsten Gerichts* (1992), de Hans Christoph Buch, estudado por Würmli e Fleck (2011)³⁸².

Outra proposição que busca delinear as especificidades dessa modalidade romanesca advém, um pouco mais tarde, com a pesquisadora espanhola Celia Fernández Prieto (2003, p. 154-159). Em suas reflexões sobre as diferenças da produção inovadora latino-americana nesse contexto, a autora concentra as mais relevantes especificidades dessa modalidade em duas características principais:

1-La distorsión de los materiales históricos (acontecimientos, personajes y cronología establecidos por la historiografía oficial) al incluirlos en la diégesis ficcional. Esta característica se lleva a

³⁸⁰ Nossa tradução livre: É uma deliciosa paródia das biografias do século XVI até o XX. (MENTON, 1993, p. 57).

³⁸¹ Nossa tradução livre: Mais de 800 páginas, é uma epopeia burlesca da colonização de Maryland no final do século XVII e início do século XVIII. (MENTON, 1993, p. 59).

³⁸² Esse romance alemão foi analisado pelos autores citados em um artigo publicado na *Revista Pandaemonium*, da área de estudos germânicos da USP, São Paulo, n. 17, Julho/2011, p. 187-216. Disponível em: www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum. Acesso em: 20 jun. 2022.

cabo, principalmente, por tres procedimientos narrativos: a) propuesta de historias alternativas, apócrifas o contrafácticas; b) exhibición de los procedimientos de hipertextualidad; c) La multiplicación de anacronismos, cuyo objetivo es desmontar el orden "natural" de la historiografía. 2. La presencia de la metaficción como eje formal y temático más relevante. Un aspecto que se revela tanto en las técnicas narrativas (metanarración: revelación al lector de los artificios de la escritura), como en el sentido global del texto. Esta metaficción, al valerse de los mecanismos de la metanarración, se utiliza para cuestionar o apagar los límites entre la ficción y la realidad, o sea, entre la ficción y la historia³⁸³. (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 154-159).

Tais discussões em torno da forma diferenciada com que o novo romance histórico aborda e manipula o material histórico inserido na tessitura romanesca são amalgamadas nas reflexões de Fleck (2017). O pesquisador elabora, em sua obra, um estudo evolutivo e acumulativo de todas as transformações relevantes pelas quais a escrita do gênero tem passado desde a sua instituição como tal – em 1814 – até nossos dias. Pela primeira vez, temos, nesse campo de estudos, uma obra que reúne as produções híbridas em fases diferenciadas, que são compostas por diferentes modalidades dessa escrita.

Alusões às diferenças na escrita de romances históricos estão presentes, de forma dispersas, nos estudos que anteriormente citamos, porém nenhuma delas se ocupa, como o faz Fleck (2017), de reuni-las, comparativamente e, a partir dessa esquematização, estabelecer relações de semelhanças e diferenças entre as tantas formas de que a ficção tem se valido para reler o passado. Além de contribuições inovadoras para a compreensão mais ampla das transformações propostas pelas releituras críticas e desconstrucionistas da segunda fase do gênero – instituídas, primeiramente, no âmbito da literatura hispano-americana e, em seguida, estendendo-se à vastidão da América Latina como um todo e daí às demais instâncias culturais que revisam o passado pela ficção, – os estudos de Fleck (2017) – ancorados em pesquisas feitas ao longo de dez anos, conforme menciona na

³⁸³ Nossa tradução livre: 1-A distorção de materiais históricos (eventos, personagens e cronologia estabelecida pela historiografia oficial) ao incluí-los na diegese ficcional. Essa característica se dá, principalmente, por três procedimentos narrativos: a) proposta de histórias alternativas, apócrifas ou contrafactuais; b) exibição de procedimentos de hipertextualidade; c) A multiplicação de anacronismos, cujo objetivo é dismantelar a ordem "natural" da historiografia. 2. A presença da metaficção como eixo formal e temático mais relevante. Aspecto que se revela tanto nas técnicas narrativas (metanarrativa: revelação ao leitor dos artificios da escrita), quanto no sentido global do texto. Essa metaficção, valendo-se dos mecanismos da metanarrativa, serve para questionar ou borrar os limites entre ficção e realidade, ou seja, entre ficção e história. (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 154-159).

apresentação de sua obra (FLECK, 2017) – são fundamentais para aqueles que buscam uma compreensão geral da temática envolvendo as ressignificações do passado pela literatura.

Se analisarmos criticamente o discurso teórico advindo de fora do espaço latino-americano, veremos, reiteradamente, que os estudiosos, ao se renderem à inovação e ao grande alcance que teve essa nova modalidade de escrita híbrida após as recorrentes releituras críticas efetuadas no âmbito latino-americano, evitam utilizar, junto à expressão “novo romance histórico”, a procedência dessa modalidade, ou seja, evitam mencionar o “latino-americano”, pois isso equivale a dizer que a sofrida “influência”, agora, ao menos nesse campo da produção literária, atua ao revés. Dessa maneira, como advogamos, a descolonização mental e do imaginário faz-se ainda necessária em nossos dias, inclusive, no campo da teoria literária.

Verificamos, assim, a confrontação direta existente entre a fase acrítica – oriunda da produção romântica europeia do gênero – e a fase crítica e desconstrucionista – originária da América Hispânica – do romance histórico, uma vez que a criticidade existente nessa segunda etapa, iniciada pela literatura hispano-americana, configura-se em uma reescrita do colonizado sobre o próprio passado histórico. Tal possibilidade permite ao romancista conjugar distintas alternativas a fim de apresentar uma versão legitimamente latino-americana das experiências vividas nesse território.

A linearidade presente no registro histórico, a voz monolítica e a perspectiva progressiva dos acontecimentos perdem, aqui, a razão de ser no âmbito da ficção híbrida. Por meio de sobreposições temporais, que subvertem a diacronia histórica, o novo romance histórico latino-americano estabelece seu *lócus* enunciativo em qualquer tempo – passado, presente ou futuro – e, desse ponto relaciona-se com os outros, sem se deter a nenhuma necessidade de que o tempo seja ordenadamente seguido. Desse modo, não há mais o compromisso de que o registro oficial seja alimentado; pelo contrário, ele é revisitado, a fim de ser desconstruído, e a heroicidade e os grandes feitos ganham, aqui, uma interpretação em nada corroborativa em relação ao discurso edificador da história hegemônica.

Nesse sentido, ao refletirmos sobre a escrita de um novo romance histórico e todos os pormenores que envolvem tal produção, como, por exemplo, uma robusta compreensão do discurso histórico que edifica heróis de modo a desconstruí-lo,

verificamos a completa ausência de obras desse caráter sobre a vida da personagem histórica em estudo. Curiosamente, por outro lado, Simón Bolívar é representado ficcionalmente em um romance que inaugura o gênero – ainda que tal obra só seja, de fato, analisada teoricamente a partir da pesquisa realizada por Dorado Mendez (2022).

Manuela Sáenz, portanto, é representada, literariamente, por meio de romances tradicionais em maior medida. Diante das pesquisas que conduzimos, apenas dois romances – um estadunidense³⁸⁴ e um argentino³⁸⁵ – configuram-se como romances históricos contemporâneos de mediação na atualidade. Essa exígua produção crítica revela-nos que a ressignificação e, por consequência, descolonização efetiva da América Hispânica, principalmente, por meio do aprofundamento de estudos vinculados às guerras independentistas, conta com esparsas e incipientes obras literárias que comungam de uma perspectiva revisionista.

Na sequência, nossos estudos voltam-se para outra modalidade do gênero romanesco, o romance histórico contemporâneo de mediação, cuja teoria, publicada pela primeira vez em 2017, é fruto de mais de uma década de leitura e pesquisa realizada por Fleck (2007 – 2017). Dessa forma, aprofundamos nosso entendimento sobre as principais características desse formato de escrita no que concerne à manipulação do material histórico, de modo a traçar diegeses que, de modo figurativo, como uma ponte, conectam dois opostos por meio de um olhar crítico, mas mais ameno e distante de uma desconstrução efetiva do material histórico.

2.4 O ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE MEDIAÇÃO: RELEITURAS HODIERNAS DA HISTÓRIA PELA FICÇÃO

Ao relermos a história por meio de uma proposição ficcional, é indispensável atentarmos para o seu não compromisso com a “veracidade objetiva”, pretensamente registrada no discurso historiográfico de cunho mais tradicional. A

³⁸⁴ *Our lives are the rivers* (2006), escrito por Jaime Manrique.

³⁸⁵ *La Gloria eres Tú: La vida y las vidas de Simón Bolívar y Manuela Sáenz* ([2004] 2019), escrito por Silvia Miguens.

ficção nos lança ao passado por meio de um caminho traçado estreitamente com as emoções.

Dessa forma, a escrita literária romanesca histórica tem se configurado em uma produção que, moldada pela sua ideologia, retrata os feitos de acordo com a sua modalidade escolhida de representação. Pensamentos, emoções, reflexões, diálogos e detalhes do cotidiano costumam, entrelaçam e completam as lacunas que a história já não pode preencher. Portanto, objetivamos abordar a quinta modalidade – a crítica/mediadora – do percurso romanesco, inserida na terceira fase do romance histórico, segundo Fleck (2017), e exemplificá-la a partir de sua aplicação em uma narrativa argentina.

Com relação ao romance, Bakhtin (1998) ressalta a impossibilidade de uma definição concreta do gênero, por ser essa uma expressão ainda recente, com sua maior expansão no século XVIII e, que por estar em constante adaptação, não pode ser concebida como uma manifestação literária consolidada. Para o teórico, o romance “trata-se do único gênero que ainda está evoluindo no meio de gêneros já há muito formados e parcialmente mortos. Ele é o único nascido e alimentado pela era moderna da história mundial [...]” (BAKHTIN, 1998, p. 398). Nesse sentido, depreendemos que essa terceira fase do romance histórico, de acordo com Fleck (2017), caracteriza-se, exatamente, por ser essa mediação entre as duas proposições anteriores. Nela, o romance se reinventa.

Os teóricos abordados para este terceiro momento da pesquisa concebem nessa modalidade de narrativa uma dissolução das especificidades explicitadas por Menton (1993). A criticidade ainda norteia essas produções, mas o discurso não objetiva desconstruir paradigmas, e sim, expô-los. Assim, as teorias de Menton (1993), Fleck (2007–2017) e Tacconi (2013) abordam essa terceira fase do romance histórico a partir de um viés mediador – embora utilizem termos diferenciados para expressar essa peculiaridade atual das escritas híbridas de história e ficção. Elas, segundo apontam os teóricos, encontram um equilíbrio entre a tradição e a desconstrução, oferecendo ao leitor uma perspectiva literária do passado menos subversiva, menos experimentalista em âmbito linguístico e estrutural, mas em nada ingênua.

De acordo com os estudos da teórica argentina,

*[...] es posible postular categorías semánticas – quizás sea más adecuado mencionar subcategorías – en la clase de las nuevas novelas históricas a partir de los constituyentes semánticos de la diégesis. Puede establecerse diferencias entre novelas histórico-miméticas, novelas histórico-míticas, novelas histórico-paródicas y novelas transhistóricas [...]*³⁸⁶. (TACCONI, 2013, p. 42-43).

Tacconi (2013) verifica a imensa variedade expressiva dessa escrita crítica e busca, de forma sistemática, ordenar – com vistas aos constituintes semânticos que dão forma à diegese – essa produção em subcategorias, no que tange à produção híbrida de seu país. Já Fleck (2017), para estabelecer a divisão das múltiplas expressões híbridas de história e ficção em fases, vale-se da variedade de releituras do passado histórico que essa modalidade romanesca instituiu. Elas coexistem ainda na atualidade, não sendo, pois, o fator temporal o seu delineador. Segundo o autor, o que diferencia uma fase da outra, é a relação que se estabelece entre o discurso da ficção que relê o passado e o discurso historiográfico que, primeiramente, o construiu.

Para acomodar a variedade de releituras possíveis dentro de cada uma das fases estabelecidas, o pesquisador adota o sistema de “modalidades”. De acordo com Fleck (2017, p. 11), as modalidades “[...] se diferenciam pelo tratamento dispensado ao material histórico inserido na tessitura do romance, pela ideologia que as move, pelas estratégias escriturais empregadas e pela intenção que move a releitura do passado pela ficção.”

Dentre as cinco modalidades estabelecidas pelo pesquisador, está aquela que compõe a terceira, e mais atual, fase do gênero: a crítica/mediadora. Sob essa perspectiva teórica, a modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2007–2017) é, portanto, a produção mais recorrente do gênero na atualidade. Essa elaboração consiste em uma escrita linear e sem grandes experimentações com a linguagem ou com a estrutura do romance, sem, contudo, deixar de denunciar percepções ex-cêntricas; essas não saem do espaço de evidência.

³⁸⁶ Nossa tradução livre: [...] é possível postular categorias semânticas – talvez, mais apropriadamente, mencionar subcategorias – na classe do novo romance histórico a partir dos constituintes semânticos da diegese. Podem ser estabelecidas diferenças entre os romances histórico-miméticos, romances histórico-míticos, romances de paródia histórica e romances trans-históricos.

É na fronteira entre a tradição e a desconstrução que buscamos tematizar uma escrita romanesca que se conjuga no frutífero encontro entre as duas primeiras fases da narrativa histórica. Produções inseridas nessa modalidade relem o passado criticamente e buscam atingir todos os leitores. Assim, o passado histórico passa a ser denunciado de modo menos desconstrucionista, sendo o resultado de um discurso mais fluído, amalgamado a partir dos períodos precedentes.

Com relação ao discurso histórico que preenche as narrativas literárias em estudo nessa pesquisa, podemos analisá-lo a partir da perspectiva proposta por Pesavento (2000), ao pensar na escrita histórica como mais uma possibilidade discursiva de apreensão do passado. Segundo a teórica,

[...] que a história é narrativa, bem o sabemos; que o historiador investiga, seleciona e constrói o seu campo, o seu tema e o seu objeto, parece também fora de dúvida. Que o imaginário, esta capacidade de representar o real por um mundo paralelo de imagens, palavras e significados, tem uma força por vezes mais "real" que o próprio "real concreto", é também uma visão que se difunde. Mas admitir que os historiadores realizam ficção e que não almejam a verdade é ainda considerado por muitos heresia! (PESAVENTO, 2000, p. 37).

Desse modo, ao compreendermos que tanto a ficção como a historiografia são narrações muito atreladas a um contexto político e ideológico e que ao lermos um relato histórico ou uma criação literária estamos diante de um produto moldado às intenções do autor ou ao contexto de inserção, podemos, então, libertar-nos de prisões inconscientemente impostas de que a veracidade é condição inerente à escrita historiográfica. Ainda de acordo com a historiadora,

[...] a história, se a quisermos definir como ficção, há que ter em conta que é uma ficção controlada. A tarefa do historiador é controlada pelo arquivo, pelo documento, pelo caco e pelos traços do passado que chegam até o presente. (PESAVENTO, 2000, p. 39).

Sob essa mesma perspectiva, ao pensarmos na constante produção do romance histórico na sociedade ocidental – principalmente –, estamos diante de um discurso que se vale da proposição histórica para consagrá-la ou parodiá-la, uma vez que as certezas sobre o que de fato aconteceu já se dissiparam, em grande medida, com o distanciamento que existe entre o presente e o pretérito.

Seguindo por essas veredas, não nos valem, aqui, da intenção de igualar ambos os discursos, pois as convenções que regem cada uma dessas produções estão submetidas a crivos distintos. O que intentamos, contudo, é refletir sobre essa produção ficcional que reconfigura a história, mas que não tem por finalidade recontá-la como “verdade”. Esse é o espaço da ficção que, moldada, na escrita em análise, por critérios verossímeis, utiliza seu espaço poético para renarrativizar o passado histórico e, assim, ressignificá-lo.

Menton (1993), ao listar as seis características pertencentes ao novo romance histórico latino-americano, evidencia a existência de romances nos quais esses atributos não aparecem em sua totalidade. Assim, para tais escritas, um estudo de maior fôlego ainda seria necessário, uma vez que, na década de 1990, ainda não era possível prever a constante recorrência de narrativas menos desconstrutivas com relação ao material histórico nelas utilizado. Para o teórico,

[...] sea 1949, 1974, 1975 o 1979 el año oficial del nacimiento de la NNH, no cabe ninguna duda de que fue engendrada principalmente por Alejo Carpentier con apoyo muy fuerte de Jorge Luis Borges, Carlos Fuente y Augusto Roa Bastos, y que se distingue claramente de la novela histórica anterior por el conjunto de seis rasgos que se observan en una variedad de novelas desde la Argentina hasta Puerto Rico, con la advertencia de que no es necesario que se encuentren los seis rasgos siguientes en cada novela³⁸⁷ [...]. (MENTON, 1993, p. 42).

Nesse sentido, Menton (1993) alude à necessidade de que esse assunto seja revisitado, posteriormente, com o objetivo de preencher um espaço de manifestação literária ainda não percebido – por não estar ainda popularizado – no momento de desenvolvimento de sua pesquisa. As produções do *boom* ainda eram objetos especiais de análise e de estudos por serem obras de grande posicionamento crítico, inovadoras, pois, em suas proposições ideológicas e composições linguístico-estruturais. O novo romance histórico latino-americano promoveu um novo paradigma com raízes sólidas em seus próprios modelos de construção poética, com marcas descolonizadoras, vindas das ex-colônias latino-americanas.

³⁸⁷ Nossa tradução livre: Seja 1949, 1974, 1975 ou 1979 o ano de nascimento oficial do NRH, não cabe nenhuma dúvida de que ele foi engendrado, principalmente, por Alejo Carpentier, com apoio muito forte de Jorge Luis Borges, Carlos Fuentes e Augusto Roa Bastos, e que se distingue, claramente, do romance histórico anterior pelo conjunto de seis características que se observam em uma variedade de romances desde a Argentina até Porto Rico, com a advertência de que não é necessário que se encontrem as seis características seguintes em cada romance.

Com relação à modalidade crítica/mediadora, configurada depois desse período crítico, Fleck (2007) assinala que:

[...] esta tendência de narrativa híbrida de ficção e história surgiu durante o período de auge do novo romance histórico hispano-americano, precisamente, como reação dos escritores mais jovens às narrativas altamente experimentalistas do *boom* da literatura hispano-americana, por volta das duas últimas décadas do século XX. (FLECK, 2007, p. 315).

Fica evidente, portanto, que essas escritas de mediação nascem apoiadas na intencionalidade de reagir contra perspectivas tão desconstrucionistas. Tais produções constituiriam, posteriormente, outra modalidade, a partir do necessário distanciamento temporal para que essas categorias de escrita sejam mais precisamente diferenciadas.

De acordo com a pesquisadora argentina María del Carmen Tacconi (2013), os novos romances históricos argentinos, inseridos nessa modalidade, podem ser divididos a partir de categorias semânticas de análise, conforme mencionamos. Para Tacconi (2013), há quatro possibilidades de subcategorização de novo romance histórico argentino, as quais ela chama de romances: históricos-miméticos, romances históricos-míticos, romances históricos-paródicos e romances trans-históricos.

Em linhas gerais, os romances histórico-miméticos dizem respeito a uma narrativa que comunga dos mesmos pressupostos que a historiografia oficial. Eles, portanto, “*recrean el pasado con vocación de verdad histórica en sus versiones más confiables*”³⁸⁸. (TACCONI, 2013, p. 43). Já com relação aos romances histórico-míticos, há nessa categorização a presença de aspectos excepcionais e a não obrigação de que a obra coadune-se com a escrita histórica oficial. Assim, temos que essas produções “*son las que incorporan al mundo representado constituyentes míticos y fenómenos extraordinarios de carácter sobrenatural sagrado en su sentido etimológico de puro o impuro*”³⁸⁹. (TACCONI, 2013, p. 45).

³⁸⁸ Nossa tradução livre: Recream o passado com vocação de verdade histórica em suas versões mais confiáveis. (TACCONI, 2013, p. 43).

³⁸⁹ Nossa tradução livre: São as que incorporam ao mundo representado constituintes míticos e fenômenos extraordinários de caráter sobrenatural, sagrado em seu sentido etimológico de puro ou impuro. (TACCONI, 2013, p. 45).

A terceira possibilidade de análise, considerando os aspectos da semântica dos romances históricos dessa modalidade, segundo a estudiosa argentina, centra-se naqueles denominados de romances histórico-paródicos, que direcionam sua escrita a uma construção paródica de determinados personagens e/ou acontecimentos históricos. A última subcategoria apontada por Tacconi (2013) é a de romances trans-históricos ou de dissolução do passado. Para essa proposição, “*el objetivo de estas tramas está dirigido a mostrar intrigas que tienen validez transnacional y transepoca*”³⁹⁰.” (TACCONI, 2013, p. 47). Ainda no que concerne à quarta possibilidade, vemos que há neles “*la deformación paródica llevada a su máximo límite*”³⁹¹.” (TACCONI, 2013, p. 48).

Com as relevantes proposições de Tacconi (2013) acerca da narrativa romanesca histórica crítica da segunda fase das expressões híbridas, inserida no contexto do novo romance histórico da Argentina, podemos estabelecer um paralelo entre a terceira subcategoria semântica da teórica – “*nuevas novelas histórico-paródicas*” (TACCONI, 2013, p. 47) – a quarta delas – “*novelas transhistóricas o de disolución del pasado*” (TACCONI, 2013, p. 47), e, então, imaginar uma fusão dessa intensa criticidade e desconstrução amalgamada com aquelas expressões da primeira das subcategorias anunciadas pela pesquisadora – “*nuevas novelas histórico-miméticas*” (TACCONI, 2013, p. 43). O resultado desse exercício de imaginação seria, muito provavelmente, a proposta de uma escrita atual crítica/mediadora.

É justamente esse grande conjunto de expressões híbridas que é teorizado por Fleck (2007–2017), quando ele estabelece, não apenas uma nova modalidade – o romance histórico contemporâneo de mediação –, mas, também, define uma nova fase para a escrita do romance histórico – a fase crítica/mediadora. Isso ocorre porque, na atualidade, há uma predominância muito acentuada dessa escrita de mediação no ocidente.

As aproximações entre as teorias expostas são possíveis, pois ambos os teóricos encontram aspectos bastante semelhantes nessas construções ficcionais mais atuais, como: a utilização da paródia de forma mais amena, de modo a retomar

³⁹⁰ Nossa tradução livre: O objetivo dessas tramas está dirigido a mostrar intrigas que tenham validade que transcenda aspectos de nacionalidade e de época. (TACCONI, 2013, p. 47).

³⁹¹ Nossa tradução livre: A deformação paródica levada ao seu limite máximo. (TACCONI, 2013, p. 48).

o passado histórico por um viés crítico; a simplificação das estruturas, com a volta da linearidade e do foco narrativa centralizado, entre outros. Para a pesquisadora argentina, o principal elemento das subcategorias semânticas críticas é a paródia, que *“implica siempre un texto previo que es objeto de deformación para poner en ridículo personajes y acciones de la intriga”*³⁹². (TACCONI, 2013, p. 47). Temos, assim, algumas subcategorias semânticas, cuja escrita subversiva não busca dissolver o passado, como a teórica aponta como inerente à quarta subcategoria, mas criticá-lo, a partir da exposição de personagens de extração histórica e de fatos compartilhados pelos anais historiográficos.

Desse modo, com uma proposição análoga, mas que pode ser aplicável a uma vasta extensão escritural romanesca histórica, podemos inserir os estudos do pesquisador Fleck (2007-2017) a respeito da existência de romances menos desconstrucionistas, mas com um potencial paródico para que a história oficializada seja, abertamente, revista nessas produções. O referido teórico denomina a grande quantidade de romances mais atuais, que atuam no limiar entre a tradição e a desconstrução, de “romances históricos contemporâneos de mediação”. De acordo com o teórico, tais publicações “têm se proliferado e já ultrapassam as caracterizações feitas no final da década de 80 e início da década de 90.” (FLECK, 2007, 69).

Dessa forma, tornou-se necessário pensar nessa manifestação literária como um modelo à parte, distinto das proposições teóricas já realizadas por Aínsa (1991), Menton (1993) e Hutcheon (1991) – principais referências estrangeiras para estudos nessa área –, uma vez que as motivações para a escrita dessas narrativas já se distanciavam daquelas da década de 1970. Nas palavras do professor,

[...] o romance histórico contemporâneo de mediação compõe-se, portanto, de aspectos oriundos das tipologias da expressão narrativa mista de ficção e história que o antecederam. Por um lado, embora se diferencie dos romances históricos tradicionais, especialmente quanto ao teor discursivo, vale-se de alguns de seus elementos estruturais. Por outro lado, aproxima-se, em certos aspectos discursivos, às tendências do novo romance histórico hispano-americano, pela criticidade de seu olhar sobre o passado; contudo, abandona o experimentalismo lingüístico e estrutural que o caracteriza para voltar-se a uma configuração menos elaborada. (FLECK, 2007, p. 315).

³⁹² Nossa tradução livre: [...] implica sempre um texto prévio que é objeto de deformação para expor ao ridículo personagens e ações da intriga. (TACCONI, 2013, p. 47).

A transformação desse gênero apresenta-se como em um rito antropofágico, em que o próprio gênero se alimenta de dois perfis de escrita, principalmente, o tradicional e o novo romance histórico, equilibrando-se na contestação do passado histórico por meio de recursos mais lineares e menos experimentalistas. A utilização de um período histórico bem definido e os acontecimentos que subjazem esse recorte temporal, característica incorporada nos romances tradicionais, é aspecto incorporado na totalidade das obras, mas diferentemente da perspectiva tradicional, a diegese não mais comunga com a historiografia oficializada; ela une-se às premissas do novo romance histórico latino-americano, e tal momento histórico é revisto criticamente.

Como característica atrelada à percepção dessa modalidade mediadora, temos que a verossimilhança é condição inerente dessas narrativas. Com uma proposta muito próxima ao que é, de fato, o discurso histórico, somos incorporados a uma diegese que, sequencialmente, reconta o passado. Contudo, o enfoque principal centra-se nas deliberadas omissões do discurso oficial. Detalhes, acontecimentos, percepções não exploradas no unívoco enunciado histórico recebem, aqui, espaço e representação. De acordo com Fleck (2017),

[...] as obras mais recentes abandonam as superestruturas multiperspectivistas, as sobreposições temporais anacrônicas, os desconstrucionismos altamente paródicos e carnavalizados das releituras ficcionais anteriores. Elas adotam uma linearidade narrativa singela, com algumas analepses ou prolepses e um discurso crítico sobre o passado que privilegia uma linguagem próxima daquela cotidiana do leitor atual. Nelas, a construção da verossimilhança, em boa parte abandonada pelas escritas precedentes, volta a ser essencial. (FLECK, 2017, p. 104).

Estamos diante de uma escrita híbrida em duas dimensões: a primeira, por amalgamar história e ficção, e a segunda, por produzir uma mediação entre a perspectiva tradicional e a desconstrucionista das escritas híbridas anteriores. Esse caminho do meio tem sido responsável por um movimento de conscientização crítica do passado histórico e das visões hegemônicas perpetuadas, além de poder ser realizado por um amplo conjunto de leitores que, nesse sentido, ainda podem estar em formação. Desse modo, inclui-se, nesse universo de leitores, também aqueles menos familiarizados com os discursos ficcionais e históricos e seus meandros de produção.

O produto literário de maior evidência entre as escritas romanescas históricas configura-se a partir desse caminho mais fluído que é, por vezes, o único acesso às práticas revisionistas que um leitor menos experiente possa depreender. Essa escrita mais amena, mas não menos expressiva, tem tido um papel de grande importância na formação leitora, principalmente, em nações que buscam a descolonização não só econômica e política, mas, também intelectual e cultural.

Nesse sentido, a proposta de escrita mediadora estudada e explanada por Fleck (2017) é um aliado de fôlego nesse processo crítico de conscientização identitária. Isso ocorre porque essa modalidade de escrita híbrida permite que um significativo alcance de novas perspectivas de apreensão do passado histórico possa ocorrer entre a população não totalmente formada em sua jornada de aprendizado da leitura crítica. Para melhor estruturar aproximações e distanciamentos entre essas modalidades de narrativas híbridas de história e ficção, Fleck (2007-2017) estabelece, de acordo com a recorrência dessas manifestações, as seis características que constituem um romance histórico contemporâneo de mediação.

Com a sistematização dessas ideias, é possível visualizarmos a força propulsora de tais transformações, além de compreendermos uma mudança na percepção do leitor a que essa escrita se destina. Assim sendo, as seis especificidades dessa modalidade são:

1 – Uma releitura crítica verossímil do passado [...] para conferir um tom de autenticidade aos eventos históricos renarrativizados no romance, a partir de perspectivas periféricas, ancoradas em narradores-personagens antes vistos como secundários ou esquecidos pelo discurso historiográfico. 2 – Uma narrativa linear do evento histórico recriado. [...]. 3 – Foco narrativo geralmente centralizado e ex-cêntrico. [...]. 4 – Emprego de uma linguagem amena, fluída, coloquial. [...] As frases são, geralmente, curtas e elaboradas de preferência na ordem direta, e com um vocabulário mais voltado do domínio comum que ao erudito. [...] 5 – Emprego de estratégias escriturais bakhtinianas. 6 – Presença de recursos metaficcionalis. Isso pode ocorrer por meio da presença de um diálogo entre a voz enunciativa do discurso e seu narratário ou por sutis enunciados do narrador. [...]. (FLECK, 2017, p. 109 – 111).

Diante das especificidades elencadas, podemos observar que o cuidado no tratamento do material histórico e poético se dá por meio da constante iniciativa de elaboração de uma escrita acessível. Todas as características se voltam a esse

centro comum, que é o de incluir no processo de leitura todos aqueles que se dispuserem a entrar em contato com a escrita de mediação.

Essas produções não exigem experiência elaborada do leitor, pois esse se envolve com a escrita romanesca sutilmente e não precisa engendrar grandes conexões de conhecimento teórico-conceitual, seu conhecimento de mundo será a base primordial para que a leitura seja compreendida. Vale ressaltar, ainda, que o material histórico cria uma adjetivação à produção literária, a compreensão do passado não é condição determinante para a assimilação da narrativa. Conhecer o passado, para o leitor desprezioso, seria um adendo ao entendimento da obra, mas não é o fator determinante, embora possa, sem dúvidas, auxiliar no aprofundamento da criticidade elaborada no processo receptivo.

Essa proposição crítica/mediadora pode, em um primeiro momento, parecer um aspecto que desqualifica a qualidade literária da obra por não mais fazer uso de grandes experimentalismos estruturais e linguísticos. Ressaltamos, contudo, que essa alternativa de maior acessibilidade a todos os possíveis leitores contribui para que a preferência por grandes escritas apologéticas clássicas ou tradicionais cedam lugar a pontos de vistas que a história oficial marginalizou. Como aponta o teórico,

[...] essa simplificação, tanto na estrutura como na linguagem das escritas híbridas de história e ficção mais contemporâneas, pode parecer alarmante para leitores competentes, que possuem as condições necessárias à leitura altamente crítica e revolucionária exigida pela escrita de novos romances históricos latino-americanos e metaficções historiográficas. Contudo, é necessário considerar que vivemos em um país que não tem a tradição da leitura incorporada a sua cultura. (FLECK, 2017, p. 113).

Dessa forma, acreditamos no potencial libertário da leitura de romances históricos que primam pela criticidade. Eles, pelo material poético que lhes é inerente, captam a historicidade temporal e a reproduzem ao seu modo, sem grandes entraves documentais e/ou autorais. A composição poética liberta homens e mulheres da realidade colonizada em que se encontram inseridos, proporcionando-lhes um redirecionamento do olhar e da compreensão do contexto em que atuam como sujeitos de possíveis transformações.

Na sequência, avançamos nossa pesquisa à análise de mais um romance histórico, esse inserido na fase crítica/mediadora, que estabelece um olhar crítico ao passado histórico, sem desconstruí-lo. Dessa forma, a personagem de extração

histórica em estudo relata as suas vivências por meio do recurso memorialístico e insere nessas lembranças pontos de vista não abordados pela historiografia oficializada e positivista do século XIX. Nessa obra, Manuela Sáenz compartilha a enunciação com um narrador heterodiegético. Estamos frente a uma composição mista que, como abordamos na sequência, amalgama a tradição e a desconstrução em uma escrita híbrida e questionadora.

2.5 SÁENZ EM DIREÇÃO A BOLÍVAR – UMA ESCRITA HÍBRIDA MEDIADORA EM *LA GLORIA ERES TÚ: LA VIDA Y LAS VIDAS DE SIMÓN BOLÍVAR Y MANUELA SÁENZ*” ([2004] 2019), DE SILVIA MIGUENS

Frente às discussões propostas na subseção anterior, objetivamos, nas páginas seguintes, analisar uma obra literária crítica/mediadora em seus meandros e vinculações com a possibilidade de esta ser uma escrita que promova o avanço de uma descolonização do pensamento. Estamos cientes de que nessa modalidade a revisitação histórica pode oscilar entre a corroboração e a criticidade. Contudo, a maior recorrência, nesse modelo de composição, consiste em seu teor crítico, subversivo e questionador. Vejamos, na sequência, como o romance da autora argentina Silvia Miguens insere-se nessa modalidade, proposta por Fleck (2017), denominada romance histórico contemporâneo de mediação, que contempla as produções da terceira fase do gênero híbrido, a crítica/mediadora.

O segundo romance que compõe o *corpus* de análise da presente escrita doutoral tem como título *La Gloria eres Tú: La vida y las vidas de Simón Bolívar y Manuela Sáenz*, escrito por Silvia Miguens, com uma primeira edição em 2004. Com relação à autora, a informação obtida no site “Anika entre libros”, aponta que Miguens nasceu em 1950 e, como escritora, publicou romances em que as protagonistas são mulheres. Sobre sua formação, há a referência a participações em congressos internacionais de gênero, literatura e história.

No que tange ao romance em estudo, os acontecimentos referentes à vida de Sáenz são apresentados ao leitor por meio de uma diegese não linear, que reivindica o ponto de vista de distintos narradores. Somos conduzidos a uma leitura densa, denunciativa e crítica que nos oferece uma perspectiva-outra³⁹³ sobre os

³⁹³ Nesse sentido, tomamos de empréstimo a expressão de Mignolo.

arranjos políticos durante os anos de guerras independentistas da América Hispânica comandadas pela figura de Simón Bolívar.

Por meio do recurso da prolepse, o primeiro capítulo da obra está inserido no ano de 1841, período em que Manuela Sáenz já estava em Paita, onde viveu por mais de 20 anos, até sua morte. A personagem que figura nas primeiras páginas é Herman Melville, um jovem arpoador que, diante do aumento de casos de escorbuto no veleiro em que estava, lidera um motim que obriga o capitão a ancorar em terra firme. Com relação a Melville, que posteriormente escreveria *Moby Dick* (1851)³⁹⁴, somos conduzidos a uma descrição de seu comportamento no navio. Vejamos como o narrador procede no uso desse recurso escritural:

*O'Brien [o capitão] lo había contratado por su eficaz foja de servicios. Ojos certeros para el arpón y una extraña mirada que lo hacía un ser extraño. O'Brien lo había visto pasar tarde enteras tirado en su coy, con un libro en la mano; en otros momentos, lo veía deslizándose por la noche como un ratón en la penumbra. O'Brien había ya reparado en la mirada singular del arponero*³⁹⁵. (MIGUENS, 2019, p. 13).

Não há, na escrita de Miguens (2019), nenhuma menção ao fato de que Melville seria, posteriormente, escritor, ficando ao leitor o estabelecimento dessas conexões intertextuais a partir das proposições da diegese. Segundo a narrativa, o navio aproxima-se do porto e, por meio de uma narração heterodiegética, o olhar de Herman apresenta-nos Paita: “*Ese pueblito allá en la costa con sus casas de adobe y madera, de techos de paja gris y de callecitas estrechas [...]*³⁹⁶.” (MIGUENS, 2019, p. 15). Ao chegarem à costa, Herman avista uma mulher desconhecida, que segurava um livro e estava cercada por cães. Essa imagem desperta a curiosidade de Herman, que busca conhecê-la. De acordo com a própria narrativa: “*Ella no existe para él y él no existe para ella*³⁹⁷.” (MIGUENS, 2019, p. 15). Assim, dois

³⁹⁴ O romance em questão não aborda a escrita de *Moby-Dick*, apenas o caráter reflexivo do indivíduo que, futuramente, seria um escritor conhecido.

³⁹⁵ Nossa tradução livre: O'Brien [o capitão] contratou-o por seu histórico de serviço eficiente. Olhos precisos para o arpão e um olhar estranho que o tornava um ser estranho. O'Brien o tinha visto passar tardes inteiras estirado em seu catre, com um livro na mão; outras vezes, via-o deslizando-se pela noite como um rato na escuridão. O'Brien já havia notado o olhar singular do arpoador. (MIGUENS, 2019, p. 13).

³⁹⁶ Nossa tradução livre: Aquela cidadezinha do litoral, com suas casas de adobe e madeira, com telhados de palha cinza e ruas estreitas [...]. (MIGUENS, 2019, p. 15).

³⁹⁷ Nossa tradução livre: Ela não existe para ele e ele não existe para ela. (MIGUENS, 2019, p. 15).

estranhos, de mundos opostos, reconhecidos, posteriormente, pela historiografia, são colocados frente a frente, e o futuro escritor pode, agora, na calma e quietude de Paita, ouvir o relato de Manuela Sáenz sobre suas vivências no espaço hispano-americano no século XIX. De acordo com a narrativa,

[...] *aquella quietud no anunciaba nada, ni siquiera mal tiempo, pero Herman no había olvidado las palabras que el borracho de su tío solía repetirle: "... las cosas ocultan siempre otras cosas", y tal vez era verdad. Esa aparente calma en el puerto, la casa color melón y el cartel donde se lee: Tobacco English Spoken, ¿qué cosas contenían?; igual que aquella mujer en el sillón de mimbre rodeada por unos perros, leyendo, retirándose de la frente el mechón de pelo. Todo para Herman era un enigma*³⁹⁸. (MIGUENS, 2019, p. 17).

Esse é o contexto perfilado para reapresentar a história de Manuela Sáenz: seus anos em Paita, o anonimato, a interlocução com um estadunidense, que cerca de uma década depois desse encontro escreveria *Moby-Dick*, obra cujo reconhecimento viria apenas postumamente para Herman Melville. É pelo final que a história se apresenta e Herman é o interlocutor da personagem Sáenz, o receptor de suas memórias relatadas com alguns distanciamentos da linearidade, que ora são ditas por ela mesma – por meio de um narrador autodiegético –, ora relatadas em terceira pessoa, com uma narração heterodiegética.

O capítulo seguinte tem como estratégia, que se repetirá ao longo do relato, a marca de uma escrita em itálico. Essa indicará a voz de Sáenz e a consideramos uma estratégia de mediação para o leitor em formação, pois essa sinalização³⁹⁹ é um indicativo de alteração na voz enunciadora do discurso e serve para facilitar o processo leitor. A história é traçada por meio de recortes que delineiam as vivências americanas da personagem de extração histórica.

³⁹⁸ Nossa tradução livre: [...] aquela quietude não anunciava nada, nem mesmo o mau tempo, mas Herman não tinha esquecido das palavras que seu tio bêbado costumava repetir para ele: "... as coisas sempre escondem outras coisas", e, talvez, isso fosse verdade. Aquela calma aparente no porto, a casa cor de melão e a placa que diz: Tobacco fala-se Inglês, que coisas continham?; assim como aquela mulher na cadeira de vime, cercada por alguns cachorros, lendo, tirando a mecha de cabelo da testa. Tudo para Herman era um enigma. (MIGUENS, 2019, p. 17).

³⁹⁹ Esse recurso é já comum na modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, pois, em relatos que entrecruzam duas ou mais vozes, elas são, graficamente, distinguidas, como ocorre, também, por exemplo, no romance *La Princesa Federal* (2010), de María Rosa Lojo. Nesse, há a inserção de trechos de um diário que, para não se confundir com a voz do narrador que relata a história de quem lê o diário, as passagens do texto em leitura aparecem em itálico. (LOJO, M. R. *La princesa Federal*. Buenos Aires: El Ateneo, 2010).

Nesse sentido, a diegese aponta para Sáenz em um profundo desconforto por morar em Paita e estar distante de tudo o que antes era sua vida, como verificamos em: “*Mi corazón no tiene reposo. Nunca lo tendrá. Habitará un poco en Ecuador, entre Quito y Cuenca, Yunga y Catahuango o en Lima, quizá Bogotá... pero por ahora, hoy por hoy, mis pies están en Paita*⁴⁰⁰.” (MIGUENS, 2019, p. 21). De acordo com a narradora, nesse porto peruano, o tempo não existe, não há avanço e não há regresso; assim, Sáenz, na companhia de Melville, relatará e, por consequência, reviverá a sua história. Aqui, Hemán será para ela com um *alter ego* seu, um estímulo para mergulhar em seu passado e trazê-lo à tona, mesmo que isso possa trazer-lhe dor, como ele afirma: “*Es que no hay dolor como el que callamos...*⁴⁰¹” (MIGUENS, 2019, p. 23).

Somos conduzidos, na sequência, pela interlocução de ambos que leva a protagonista a relembrar de Bolívar. Ela, que não queria reviver esse tempo, já não o pode evitar, frente à insistência de Melville. Para a narradora, “*sé que ningún silencio mío impedirá que Melville insista... hoy mañana, de noche o de tarde, tendré que quebrar este miedo a recordar. Este voto de silencio impuesto desde que salí de aquella hostil Bogotá*⁴⁰².” (MIGUENS, 2019, p. 25). É chegada a hora, portanto, de revisitar seu passado, de se reapropriar de sua história e de olhar seu percurso, de ressignificá-lo, a partir de um distanciamento espaço-temporal. Essa é a oportunidade que o arpoador, que ali se coloca para ouvir, proporciona-lhe.

Nesse sentido, não há como dissociar a personagem Sáenz da personagem Bolívar na escrita diegética em questão. Para que a narradora reviva sua história, ela, inevitavelmente, revisitará a dele, mas, dessa vez, com um olhar mergulhado em saudade e dores. Seu amor por Bolívar é indiscutível; contudo, seu relato crítico atravessa outras questões que não aparecem em relatos oficiais para refletirmos sobre sua trajetória. Estabelecer um comparativo com a análise anterior parece-nos ainda prematuro; porém, adiantamos que as ferramentas utilizadas pela autora,

⁴⁰⁰ Nossa tradução livre: Meu coração não tem descanso. Nunca vai tê-lo. Viverá um pouco no Equador, entre Quito e Cuenca, Yunga e Catahuango ou em Lima, talvez Bogotá... (MIGUENS, 2019, p. 21).

⁴⁰¹ Nossa tradução livre: Não há dor como aquela que calamos... (MIGUENS, 2019, p. 23).

⁴⁰² Nossa tradução livre: Sei que nenhum silêncio meu impedirá Melville de insistir... hoje, amanhã, à noite ou à tarde, terei que quebrar esse medo de me lembrar. Este voto de silêncio imposto desde que deixei aquela Bogotá hostil. (MIGUENS, 2019, p. 25).

constroem uma obra mais densa que investiga e problematiza a estrutura social, como vemos na sequência.

Logo nas primeiras recordações, ao falar sobre o tabaco, a protagonista recorda que a personagem Simón não fumava e não permitia que ninguém o fizesse em sua companhia, com exceção concedida a ela, que, como afirma Melville, “- *No lo creo capaz de privarla de este placer ni de ningún otro*⁴⁰³.” (MIGUENS, 2019, p. 27). Esse é o gatilho para que ela destaque o fato de que o mesmo se aplicava a ele, que nada o privaria de nenhum prazer, como o de estar com outras mulheres. A conversa avança e a personagem Sáenz compartilha com Melville uma cerimônia realizada entre ela e suas escravas, já nos anos em exílio, regada a muito licor, em que, por meio do fogo, elas separariam o general, que, mesmo após a morte, ainda estava ligado à protagonista:

*Fue entonces que de la boca me brotó un vómito de quejas y confesiones, de conjuros, de sortilegios. Poseída por mi propio deseo; por aquel fuego interno que encendía a diario para quemar a Bolívar, pero en el que yo misma me iba consumiendo. Dicen que me desmayé. No sé. No lo creo, veía mi propia cara en las caras de Nathán y Jonathás. Sus caras eran dos trozos de un espejo roto que reflejaba mi desfallecer, mi sonrisa endemoniada y esta mala costumbre de replegarme como un insecto en su capullo. Así me vi entonces, convertida en una crisálida abarquillada, en una envoltura de hojas grises. Dejaron de mirarme*⁴⁰⁴. (MIGUENS, 2019, p. 28).

A referida cerimônia, de acordo com a voz enunciativa do romance, é frustrada, pois, para ela, a única cura possível era o batismo de suas próprias lágrimas. “*Me acucillé junto a los dos y en voz muy baja les advertí que las penas de amor solo se curan con la presencia y que nada hacen el fuego ni los conjuros*⁴⁰⁵.”

⁴⁰³ Nossa tradução livre: – Não acho que ele seja capaz de privá-la desse prazer ou de qualquer outro. (MIGUENS, 2019, p. 27).

⁴⁰⁴ Nossa tradução livre: Foi, então, que um vômito de queixas e confissões, de encantamentos, de feitiços jorrou da minha boca. Possuída por meu próprio desejo; por aquele fogo interno que acendia diariamente para queimar Bolívar, mas no qual eu mesmo me consumia. Dizem que desmaiei. Não sei. Acho que não, vi meu próprio rosto nos rostos de Nathán e Jonathas. Seus rostos eram dois pedaços de um espelho quebrado que refletiam meu desmaio, meu sorriso diabólico e esse mau hábito de recuar como um inseto em seu casulo. Foi assim que me vi, então, transformada em crisálida enrolada, envolta em folhas cinzentas. Elas pararam de olhar para mim. (MIGUENS, 2019, p. 28).

⁴⁰⁵ Nossa tradução livre: Agachei-me ao lado dos dois e, em voz muito baixa, avisei que as mágoas do amor só se curam com a presença e que nem o fogo nem os feitiços fazem nada. (MIGUENS, 2019, p. 29).

(MIGUENS, 2019, p. 29). Dessa forma, o romance evidencia que a personagem Manuela Sáenz estava fadada a essa confluência entre ela e Bolívar.

Na sequência, a partir de uma escrita metalinguística, em que a própria narradora relata a importância do ato escritural, compreendemos a função que a palavra escrita tem para a protagonista. É por meio dessa ocupação, de potencial catártico, que a personagem Manuela Sáenz, nesse romance de Miguens (2019), compartilha sua experiência, revive-a e se reapropria de sua história, ressignificando-a. Como verificamos nas reflexões da voz enunciativa, ao expressar que *“escribir me ayuda a soltar mi mala sangre y, al mismo tiempo, me digo a mí misma que soy adicta al sufrir. Si Bolívar hubiera escuchado a esta, su amiga, que sí lo fue. Otra cosa hubiera sido. No hubiera quedado mico con cola. Me resisto a ser vengativa, pero... ¿cómo perdonar?”*⁴⁰⁶ (MIGUENS, 2019, p. 30). Nesse sentido, os relatos orais e escritos são as composições primeiras da escrita de Silvia Miguens (2019), que, a partir de uma narrativa literária, livre, portanto, de compromissos com a veracidade, dá voz e foco à personagem Manuela Sáenz.

Nesse fluxo de pensamento, a protagonista expõe o ressentimento por Santander, que *“aconsejaba a Simón que fuese yo degradada, porque él, como tantos otros, consideraba que el Ejército de Colombia se veía perturbado a causa de mi presencia”*⁴⁰⁷. (MIGUENS, 2019, p. 30). Bolívar, por sua vez, respondia que não havia mais como negar sua importância ao movimento e que um exército era composto por heróis e heroínas. Além disso, o general pontuava que, *“Usted tiene razón en que yo sea tolerante de las mujeres a la retaguardia, esto es una tranquilidad para la tropa, Santander. Un precio justo al conquistador, el que su botín marche con él”*⁴⁰⁸. (MIGUENS, 2019, p. 30). Contudo, a narradora responde ao próprio comentário de Bolívar, reivindicando o seu devido valor ao movimento independentista, ao expressar:

⁴⁰⁶ Nossa tradução livre: Escrever me ajuda a desabafar e, ao mesmo tempo, digo a mim mesma que sou viciada em sofrimento. Se Bolívar tivesse escutado a essa, sua amiga, que lhe fui. Teria sido outra coisa. Não haveria macaco com rabo. Resisto a ser vingativa, mas... como perdoar? (MIGUENS, 2019, p. 30).

⁴⁰⁷ Nossa tradução livre: Aconselhava Simón que eu fosse degradada, porque ele, como muitos outros, consideraram que o Exército colombiano estava perturbado por minha presença. (MIGUENS, 2019, p. 30).

⁴⁰⁸ Nossa tradução livre: Você está certo de que eu sou tolerante com as mulheres na retaguarda, isso é uma paz de espírito para as tropas, Santander. Um preço justo para o conquistador, que seus despojos sigam com ele. (MIGUENS, 2019, p. 30).

[...] *pero Manuela Sáenz no es un botín de guerra. Bolívar lo supo mejor que nadie. Ahora, soy yo la que mejor lo sabe. Por eso escribo. Escribo y escribo y me pregunto cuántos años deberé pasar en este sitio. Quiero volver a Quito... tal vez a Lima. Quiero irme. Basta*⁴⁰⁹. (MIGUENS, 2019, p. 31).

Nesse exercício de escrita, do registro do intangível, existente apenas nas recordações, a protagonista sobrevive e se alimenta de um apego ao que foi, rejeitando o agora, o distanciamento e o apagamento do que um dia denominou presente. Desse modo, os capítulos escritos em itálico, que indicam a narração da própria personagem Manuela Sáenz, apresentam-se repletos de observações subjetivas e descontínuas. Estamos, como leitores, permeados pelo seu fluxo de consciência, que percorre os detalhes, as entrelinhas de sua história.

Em uma comparação entre Melville e Bolívar, a personagem Sáenz afirma ter a certeza de que o jovem a deixaria ali em algum momento e voltaria ao oceano, diferentemente da partida de Bolívar, que não a abandonou, apenas se foi. “[...] *los muertos [...] interrumpen esa costumbre de dejarse tocar y toquetear, ver y fisgonar, oler y escudriñar, [...]. No, los muertos no abandonan. Solo abandonan los vivos*⁴¹⁰.” (MIGUENS, 2019, p. 31). Assim, nesse conflito entre passado e presente, a protagonista conduz seus anos em Paita, ora fugindo do que foi, ora alimentando-se dele mesmo, em contradições que acabam por revelar seu desprazer e sua infelicidade.

O terceiro capítulo, escrito pela perspectiva de um narrador heterodiegético, inicia-se com uma carta de Bolívar para a protagonista, escrita, de acordo com o romance, nos idos de 1824, convidando-a a participar da luta em Pativilca e presenciar as angústias e o padecimento dos homens. Ela, por sua vez, parte imediatamente ao seu encontro. No caminho, à companhia de seu cavalo, ela se encontra com um homem que trazia junto de si uma espada e que se aproxima cada vez mais da personagem Sáenz. “*El hombre dio un paso hacia adelante, sonrió y*

⁴⁰⁹ Nossa tradução livre: [...] mas Manuela Sáenz não é espólio de guerra. Bolívar sabia melhor do que ninguém. Agora, eu sou a que melhor sabe disso. Por isso escrevo. Escrevo e escrevo e me pergunto quantos anos terei que passar neste lugar. Quero voltar para Quito... talvez para Lima. Quero ir-me. Basta. (MIGUENS, 2019, p. 31).

⁴¹⁰ Nossa tradução livre: [...] os mortos [...] interrompem esse hábito de se deixar tocar e apalpar, ver e bisbilhotar, cheirar e esquadriñar; [...]. Não, os mortos não abandonam ninguém. Só os vivos abandonam. (MIGUENS, 2019, p. 31).

*rozó los labios de Manuela, que ya apretaba entre sus dientes*⁴¹¹.” (MIGUENS, 2019, p. 34). Em uma atitude de defesa, a protagonista toma a espada do homem e o mata. “*El hombre cayó hacia adelante enjaretándose aún más el espadín*⁴¹².” (MIGUENS, 2019, p. 34). De volta à estrada, a personagem Sáenz repete o comando já antigo, aprendido com sua cuidadora, Dulce María, que havia previsto seu futuro, há mais de vinte anos: “*Guardia de tercera, golpe recto al cuerpo*⁴¹³.” (MIGUENS, 2019, p. 35).

Assim, por meio dessa recordação do passado, a escrita retrocede ao nascimento da protagonista, em Quito, quando houve, na capital equatoriana, um violento terremoto que destruiu a cidade. “*La tierra, igual que una leona satisfecha, fue aquietando sus fauces cuando la ciudad era ya una pila de escombros*⁴¹⁴.” (MIGUENS, 2019, p. 36). Somos conduzidos, primeiramente, pela história de Dulce María, que estava grávida naquele momento e esculpia uma peça de madeira, mas quando o terremoto atinge a cidade, ela cai e, após o susto, sente que estava urinando. “*Su cuerpo se abrió en dos*⁴¹⁵” (MIGUENS, 2019, p. 36), seu trabalho de parto havia começado. Nesse momento,

[...] *obedeciendo la costumbre de sus ancestros de parir de pie intentó levantarse. Entrelazado en el blando tejido interno de la mujer comenzó a descender entre sus piernas un pequeño amasijo de carne, sangre y pelo negro. Inmediatamente después sintió alivio, respiró profundo, rasgó una tira de lienzo de su enagua y cortó con los dientes el cordón umbilical*⁴¹⁶. (MIGUENS, 2019, p. 36).

Logo após o nascimento de sua filha, Dulce María verifica que a menina havia morrido. “*Volvió a lamerla pacientemente. La apretó en su seno, le dio su propio*

⁴¹¹ Nossa tradução livre: O homem deu um passo à frente, sorriu e roçou os lábios de Manuela que já apertava entre seus dentes. (MIGUENS, 2019, p. 34).

⁴¹² Nossa tradução livre: O homem caiu para a frente, enfiando-se, ainda mais, a espadilha. (MIGUENS, 2019, p. 34).

⁴¹³ Nossa tradução livre: Guarda terceira, golpe direto ao corpo. (MIGUENS, 2019, p. 35).

⁴¹⁴ Nossa tradução livre: A terra, como uma leoa satisfeita, acalmou suas mandíbulas quando a cidade já era uma pilha de escombros. (MIGUENS, 2019, p. 36).

⁴¹⁵ Nossa tradução livre: Seu corpo se abriu em dois. (MIGUENS, 2019, p. 36).

⁴¹⁶ Nossa tradução livre: Obedecendo ao costume de seus ancestrais de dar à luz em pé, ela tentou se levantar. Entrelaçado no tecido interno macio da mulher, uma pequena massa de carne, sangue e cabelo preto começou a descer entre suas pernas. Imediatamente depois, sentiu alívio, respirou fundo, arrancou uma tira de pano da anágua e cortou o cordão umbilical com os dentes. (MIGUENS, 2019, p. 36).

*aliento en la boca, la agito mil veces y la alejó de su cuerpo para mirar su rostro inmóvil. No había nada que pudiera hacer, la niña había muerto*⁴¹⁷.” (MIGUENS, 2019, p. 37). Por esses mesmos dias, nasce também, de acordo o texto de Miguens (2019), Manuela Sáenz, em um segredo que não perdura por muito tempo. De acordo com a narrativa romanesca,

[...] *Joaquina Aizpuru había salido embarazada de la única vez que se revolcó con el adusto y respetadísimo don Simón Sáenz de Vergara, noble español miembro de la ciudad, capitán de la Milicia del Rey y recaudador de los diezmos del Reino de Quito*⁴¹⁸. (MIGUENS, 2019, p. 38).

Assim, Dulce María, uma indígena conhecida da família e que havia acabado de perder a sua filha, recebe Sáenz sob seus cuidados. O romance aponta-nos que, nesse mesmo intervalo, a esposa de Simón Sáenz também havia concebido um filho e que Joaquina, a mãe de Sáenz, estará sozinha e distante da filha, contando apenas com a sua criada, “su vieja nana”. A protagonista será, então, criada por Dulce María e em seus registros haverá a ausência dos nomes dos pais.

É com Dulce María que Sáenz aprenderá sobre a natureza e as forças que nela existem, a influência indígena será a primeira referência da jovem, que saberá se conduzir pelas curvas dos rios, espantar fantasmas, curar-se de sustos, mitigar a sede melancólica de suas experiências. Dulce falava-lhe sobre o “*comportamiento humano y de como el hombre debe ser igual a su animal, sin dejar de ser persona* [...] *Que el hombre no debe andar solo, debe hacerlo siempre con la sombra animal que lleva dentro*⁴¹⁹.” (MIGUENS, 2019, p. 40). Desse modo, a personagem Sáenz toma conhecimento de seu animal interior: a ovelha e, segundo a indígena, ela apresentava as principais características de uma ovelha: o calor e a teimosia.

Nesse espaço de conhecimentos transversais, Sáenz cresce e se desenvolve. Em um entardecer, em sua infância, a protagonista é levada por Dulce María até a

⁴¹⁷ Nossa tradução livre: Ela lambeu-a, pacientemente, novamente. Apertou-a contra o peito, respirou fundo em sua boca, sacudiu-a mil vezes e a afastou para longe de seu corpo para olhar seu rosto imóvel. Não havia nada que pudesse fazer, a menina estava morta. (MIGUENS, 2019, p. 37).

⁴¹⁸ Nossa tradução livre: Joaquina Aizpuru engravidou na única vez em que se chafurdou com o severo e altamente respeitado Don Simón Sáenz de Vergara, um nobre espanhol que era membro da cidade, capitão da Milícia do Rei e cobrador dos dízimos do Reino de Quito. (MIGUENS, 2019, p. 38).

⁴¹⁹ Nossa tradução livre: [...] o comportamento humano e de como o homem deve ser igual ao seu animal interior, sem deixar de ser uma pessoa [...]. O homem não deve caminhar sozinho, deve fazê-lo sempre junto à sombra animal que carrega dentro de si. (MIGUENS, 2019, p. 40).

casa de seu pai para que o conhecesse. Ao chegar, ela é bem recebida por ambos, seu pai e sua madrasta e por lá permanece. Na manhã seguinte, ao se aproximar da mesa do café, don Simón diz à Sáenz: “– *Acércate, hija. La emoción embargó el semblante del hombre adusto y rígido que era don Simón Sáenz de Vergara [...] Aquella mañana Manuela sumergió en sus brazos y quedó como una de las mañanas más tiernas guardadas en su memoria*⁴²⁰.” (MIGUENS, 2019, p. 43). Assim, a composição diegética aponta que, estabelecido os primeiros vínculos entre pai e filha, Sáenz ali permanece com Dulce María, onde passa toda a sua infância, recebendo a educação formal que seu pai julgava como mais adequada.

Na casa de Simón Sáenz, a protagonista receberá a mesma instrução de seus irmãos, sob a tutoria de Sor Teresa Salas, uma freira, cujo conhecimento diversas vezes causará ruídos com a perspectiva de Dulce María. A personagem Sáenz acessará, portanto, distintas fontes de conhecimento desde sua infância; em sua formação residirá um atravessamento de opostos: o indígena, o espanhol, além do próprio *criollo*. Nessas primeiras quarenta páginas de romance, fica-nos evidente o cuidado da autora em produzir um romance histórico com uma informatividade mais velada, não há o intento em narrar o passado tal como ele foi, a partir dessa visão positivista, mas de reapresentar ao leitor – que já domina essa informação a partir do discurso histórico – outras nuances da vida da personagem. Dá-se atenção, dessa forma, ao detalhe, aos pormenores, ao que não foi, necessariamente, documentado, diferentemente do romance anterior, Zúñiga (2000), em que o apego à documentação promove uma escrita mais limitada, sem muito espaço à livre criação literária.

É válido, ainda, reforçar, que essa inclinação ao que a história não contou não coincide, necessariamente, com uma refutação do passado em busca de sua desconstrução, mas de possibilidades de narrar por outros ângulos, preenchendo de recursos imaginativos as diversas lacunas que ficam. O romance de Miguens (2019) assim tem feito nessas primeiras páginas: uma narração livre, não linear, permeada por personagens literárias, cujas vidas não foram registradas, deixando evidente, dessa forma, a intangibilidade completa de uma vida.

⁴²⁰ Nossa tradução livre: – Aproxime-se, filha. A emoção tomou conta do rosto do homem austero e rígido que era Don Simón Sáenz de Vergara [...]. Naquela manhã, Manuela mergulhou em seus braços e essa ficou como uma das manhãs mais ternas guardadas em sua memória. (MIGUENS, 2019, p. 43).

Desse modo, o encontro entre Dulce María e sor Teresa Salas abordará as diferentes crenças, comportamentos e julgamentos de duas personagens metonímicas, que representam distintas nações. A narrativa relata que certa noite, sor Teresa desperta e vê Dulce María em frente à janela, nua e de cabelos soltos. Prontamente, a freira corre para fechar a janela e cobrir Dulce, afirmando que não era correto comportar-se assim. Dulce, ao responder que estava falando com Deus recebe um julgamento ainda mais duro, pois sor Tereza diz-lhe que essa não era maneira de rezar.

*– ¿Y quién le dijo a usted que estoy rezando?
Era verdad. Dulce María no acostumbraba a rezar al Dios que los ladinos, solo le hacía preguntas. A veces, como ese día, había preguntado por qué los ladinos tratan a la tierra como a una puta y no como a la madre tierra que es: la Pachamama, madre de todas las mujeres. Y ese cuerpo suyo, expuesto a las estrellas, era el cuerpo de una de esas mujeres, hijas de la Pachamama, cuerpo que había parido un ángel, un ser que seguramente estaba junto al Dios de los ladinos, porque el hombre que había engendrado esa niña en ella era un ladino⁴²¹. (MIGUENS, 2019, p. 44, 45).*

O referido excerto, rico em referências históricas de dominação, exploração e imposição, permeado por vozes que foram silenciadas e raramente ouvidas nos últimos séculos, conduz-nos a refletirmos sobre a colonialidade, vivida em sua máxima expressão na obra, envolvida, também, por todos os conflitos da própria colonização. Nesse sentido, é indispensável analisarmos como o sujeito, representado pelo branco-cristão, impõe seus padrões e crenças. Contudo, não há para Dulce a negação, mas a possibilidade de outras divindades; ela não nega, ela inclui. Além disso, por ter tido uma filha com um espanhol, não lhe resta dúvidas de que sua filha estava com esse deus que não era o seu, como se por uma ordem hierárquica, a filha devesse pertencer ao mesmo campo religioso de seu pai.

No que tange ao cristianismo, Mignolo ([2000] 2012, p. 21) aponta que: *“Christianity established itself as intolerant to Judaism and Islam as well as to the “idolatry” of the Amerindians, whose extirpation became a major goal of the church in*

⁴²¹ Nossa tradução livre: – E quem te disse que estou rezando?

Era verdade. Dulce María não estava acostumada a rezar ao Deus que os ladinos faziam, só lhe fazia perguntas. Às vezes, como naquele dia, perguntava por que os ladinos tratam a terra como uma prostituta e não como a mãe terra que é: a Pachamama, mãe de todas as mulheres. E aquele corpo dela, exposto às estrelas, era o corpo de uma daquelas mulheres, filhas de Pachamama, um corpo que dera à luz a um anjo, um ser que, certamente, estava próximo do Deus dos ladinos, porque o homem que havia gerado nela aquela garotinha tinha sido um ladino. (MIGUENS, 2019, p. 44, 45).

*the sixteenth and seventeenth centuries*⁴²².” Fica claro, na narrativa romanesca, essa intencionalidade de extinguir, a partir de padrões eurocêntricos, o que se julgava errado. Sor Teresa representa essa postura dominante em suas ações, como se possuísse certezas e retidão. Na sequência, em um tom altamente crítico e denunciativo, a narração segue com uma confissão de Dulce María sobre o deus dos brancos:

*Otra noche le contó a sor Teresa la vez que fue a buscar agua al brocal, cuando [...] y el Molina, asistente de don Simón, la empujó hasta los matorrales y la empezó a manosear frontándole la boca con la suya, dejando en libertad sus propios instintos, antojos de hombre ladino contrariando su voluntad y la pasión adormecida de Dulce María. No era fácil entender, si el Dios de los blancos está en todas partes, dónde estuvo aquel día*⁴²³. (MIGUENS, 2019, p. 45).

A voz de uma personagem indígena é de inquestionável importância ao contexto histórico da obra, uma vez que nos permite estabelecer outros pontos de vista que não chegam ao registro documental. A personagem de Dulce María promove um desconforto ao leitor, que se vê diante de uma história já conhecida, narrada de um *locus* enunciativo periférico que a história já não pode recuperar, deixando tal tarefa ao romancista. Essa objetificação do corpo da mulher, de forma mais intensa, de indígenas e negras em nosso continente, não poderia ser compreendida pela freira sor Teresa Salas – e por todas as outras mulheres brancas, cristãs e europeias representadas aqui metonimicamente –, pois a violência ainda era velada, essas mulheres não eram donas de suas vidas, tudo nelas servia ao colonizador. De acordo com a visão da narradora, expressa no fragmento destacado abaixo,

[...] como podía una monjita española concebir que la potestad de los conquistadores se iniciara tomando sin pudor a las mujeres, inadmisibile también que en muchos casos, esa ocupación, esa

⁴²² Nossa tradução livre: O cristianismo estabeleceu-se como intolerante ao judaísmo e ao islamismo, bem como à “idolatria” dos ameríndios, cuja extirpação tornou-se um dos principais objetivos da igreja nos séculos XVI e XVII. (MIGNOLO, [2000] 2012, p. 21)

⁴²³ Nossa tradução livre: Outra noite ela contou à Irmã Teresa sobre a vez que ela foi buscar água no poço, quando [...] Molina, ajudante de Don Simón, a empurrou para os arbustos e começou a apalpar sua boca com a dele, deixando livres os seus instintos, os caprichos de um ladino contra a sua vontade e a paixão entorpecida de Dulce María. Não foi fácil entender, se o Deus dos brancos está em toda parte, onde ele estava naquele dia. (MIGUENS, 2019, p. 45).

*apropiación de la tierra y de las mujeres se llevase a cabo con el beneplácito de otros hombres: los conquistados*⁴²⁴. (MIGUENS, 2019, p. 45 - 46).

Temos aqui uma denúncia que, além de nos gerar desconforto, instiga-nos a pensar sobre as feridas coloniais de reverberações imprevisíveis para o continente. Para além da dominação do espaço do continente e da força de trabalho, o “colonizador” apropria-se, também, dos valores e do intelecto das populações exploradas, que acabam por reproduzir condutas. Fujamos, contudo, de generalizações, a fim de compreendermos que as populações autóctones e os negros escravizados foram submetidos a uma lógica exploradora na América e suas ações decoloniais não possuíam robustez para fazer tal movimento cessar. A imposição de um só deus, um só rei e uma só língua, como aponta Silviano Santiago ([1971] 2000), ocorre a partir da inserção brutal de uma ideologia dominadora que, por meio da violência, explorava, agredia e buscava reduzir à nulidade os povos e culturas que não descendiam de brancos, cristãos e europeus. É, portanto, na efervescência dessa crise, após mais de 300 anos de dominação, que o romance de Silvia Miguens (2019) busca se inserir.

No que tange à educação recebida por Manuela Sáenz e seus irmãos pela freira sor Salas, a diegese aponta que, além de instrução formal e religiosa, as meninas aprendiam como se portar diante de homens, por meio de um comportamento submisso. Em uma atividade de encenação, certo dia, sor Salas realizava uma leitura para que as irmãs Manuela e Eulalia interpretassem, enquanto José María observava. O conteúdo da instrução era o seguinte:

*—“...cuando una mujer reconoce fatigado a su amante, deberá sonriente y jadeante apoyar los senos sobre el pecho del otro y decir: ‘tú me has derribado, ahora yo te haré lo mismo’, pero luego hará gestos de pudor, deberá parecer siempre fatigada y querer abandonar, entonces él la retendrá... siempre habrá a retenerla*⁴²⁵.” (MIGUENS, 2019, p. 50).

⁴²⁴ Nossa tradução livre: [...] como poderia uma freirinha espanhola conceber que o poder dos conquistadores começaria por tomar, sem pudor, as mulheres, também é inadmissível que, em muitos casos, essa ocupação, essa apropriação da terra e das mulheres tenha sido feita com a aprovação de outros homens: os conquistados. (MIGUENS, 2019, p. 45 - 46).

⁴²⁵ Nossa tradução livre: —...quando uma mulher reconhece seu amante exausto, ela deve, sorrindo e ofegante, apoiar seus seios no peito do outro e dizer: 'você me derrubou, agora eu vou fazer o mesmo com você', mas, então, ela fará gestos modestos, ela deve sempre parecer cansada e querer ir embora, então ele a segurará... sempre haverá de segurá-la. (MIGUENS, 2019, p. 50).

Incomodado com o teor das instruções que seus filhos recebiam, Simón Sáenz decide conversar com sor Salas, que justifica estar educando seus filhos sobre o amor, o mesmo amor que Deus havia-lhe ensinado. Segundo a freira: “– *Dios ha creado a la mujer para brindar felicidad al hombre – dijo sor Salas sin levantar la mirada –. El hombre necesita una mujer que no lo rebaje, una que pueda estar siempre a su altura...*⁴²⁶.” (MIGUENS, 2019, p. 51). Simón, irritado com tais ensinamentos, vendo em suas filhas apenas crianças inocentes, decide, eventualmente, que sor Salas regressasse ao convento.

Aqui, chamamos a atenção para o que o discurso romanesco expõe também acerca de Dulce María que, ao ver Simón nervoso com a situação, decide levar um chá para que se acalmasse. Ele, enfurecido, pergunta a Dulce porque ela nunca havia contado-lhe sobre a ‘loucura’ da freira. Dulce responde-lhe que não era loucura, mas seu *nahual*. Sem nada compreender, Simón, colérico, braveja: “– *Dos locas, son dos locas, dos blasfemas*⁴²⁷.” (MIGUENS, 2019, p. 53).

Nesse sentido, o pai de Manuela Sáenz é perfilado no romance como um homem preocupado com a educação de sua filha. Em certa ocasião, ao falar com sua esposa sobre o futuro incerto da Espanha, frente a uma onda de conflitos políticos na América, ele afirma que: “– *De ahora en adelante, los pies de Manuela van a tener que afirmarse en los estribos como un muchado... Dile que en España las mujeres engendran hombres y a veces lo son*⁴²⁸.” (MIGUENS, 2019, p. 54). Simón estava disposto a fazer o que fosse possível para que a soberania espanhola permanecesse no território americano, como ele poderia supor que seus filhos, futuramente, lutariam pelo contrário? Nessa diegese, na sequência, utiliza-se a imagem de Simón Sáenz para representar a Espanha a partir de uma construção simbólica, delineada por detalhes e críticas. Vejamos, na passagem destacada a seguir, como a arte poética romanesca expressa essa conjectura:

La luz sepia del atardecer convertía la cara del hombre en una talla de madera. Era singularmente bella la cara de don Simón

⁴²⁶ Nossa tradução livre: – Deus criou as mulheres para trazer felicidade aos homens – disse Irmã Salas, sem erguer os olhos –. O homem precisa de uma mulher que não o rebaixe, que esteja sempre a sua altura...

⁴²⁷ Nossa tradução livre: – Duas loucas, são duas loucas, duas blasfemas. (MIGUENS, 2019, p. 53).

⁴²⁸ Nossa tradução livre: – De agora em diante, os pés de Manuela vão ter que ficar nos estribos como ficam os de um menino... Diga-lhe que na Espanha as mulheres geram homens e, às vezes, assim são. (MIGUENS, 2019, p. 54).

*Sáenz de Vergara. Había sido tallada por asesinos y santos, por sacerdotes y soldados, por odios, por amores, por feroces ternuras y abyectas mezquindades. Sintió miedo, orgullo, desprecio y ternura por él. Toda España estaba en esa cara y también en la cara de la Mamacita, solo que esa España no era la misma España para los dos*⁴²⁹. (MIGUENS, 2019, p. 55).

Tal é a composição da Espanha no romance em análise, um espaço de oposições e extremos, que é concebido a partir de grandes diferenças e desencontros. A extensão do país alcançava seus cidadãos, inseridos no limite de suas complexidades, mas que, acima de tudo, postulavam-se como superiores e detentores de um poder que não lhes foi outorgado, mas imposto sob outros povos, em outros espaços já distantes de seu território.

De acordo com a diegese, para Sáenz, sua irmã e suas duas escravas, Natán e Jonatás, foram-lhes impostas aulas de esgrima, cuja habilidade seria utilizada, anos depois, na expulsão dos próprios espanhóis do território americano. “*No; a sus escasos siete años, a Manuela jamás le pasó por la mente que algún día, sable en mano y a degüello, descargaría en un hombre ese golpe que ahora asestaba contra su adversario de trapo*⁴³⁰.” (MIGUENS, 2019, p. 57). O capítulo encerra-se com esse emprego da prolepse, uma previsão no universo romanesco, indicando ao seu leitor a ironia das vivências da protagonista, que aprende sobre cavalos e armas para, futuramente, defender-se e proteger a Espanha, contudo o completo oposto aconteceria.

No quarto capítulo, Manuela Sáenz volta a ser a narradora. Nessas primeiras páginas, ela tece comentários acerca dos acontecimentos políticos de Quito de que tomava conhecimento por meio de seu sobrinho. “*Como ecuatoriana estoy indignada por los pasquines y las cosas soeces salidas de la imprenta del caucano, en contra del general Flores*⁴³¹.” (MIGUENS, 2019, p. 59). A protagonista faz questão de estar

⁴²⁹ Nossa tradução livre: A luz sépia do pôr do sol transformou o rosto do homem em uma madeira esculpida. O rosto de Don Simón Sáenz de Vergara era singularmente belo. Tinha sido esculpido por assassinos e santos, por padres e soldados, por ódio, por amor, por ternura feroz e mesquinhez abjeta. Ela sentiu medo, orgulho, desprezo e ternura por ele. Toda a Espanha estava naquele rosto e, também, no rosto de Mamacita, só que a Espanha não era a mesma Espanha para os dois. (MIGUENS, 2019, p. 55).

⁴³⁰ Nossa tradução livre: Não; com apenas sete anos de idade, nunca passou pela cabeça de Manuela que um dia, de sabre na mão, pronta a cortar a garganta, ela acertaria em um homem aquele golpe que ela, agora, estava desferindo contra seu adversário de pano. (MIGUENS, 2019, p. 57).

⁴³¹ Nossa tradução livre: Como equatoriana, estou indignada com os panfletos e as coisas grosseiras que saíram da imprensa caucana contra o general Flores. (MIGUENS, 2019, p. 59).

atenta ao que acontece na política do Equador mesmo depois de anos distante do país. Ela busca estar informada e lamenta sua atual situação. “*Ojalá alguien se compadezca y me ayude. Al fin en algo ocupe mi triste destino, ¡que si no me doy un balazo y punto!*”⁴³² (MIGUENS, 2019, p. 59).

A protagonista comenta, na sequência, a partir de seu fluxo de consciência, sobre as visitas que havia recebido de Simón Rodríguez. Aqui, não fica claro se a personagem está escrevendo tais notas ou dialogando com o seu interlocutor, Hermán Melville. Com relação ao professor de Bolívar, ela afirma ter sido ele o criador das desgraças do general venezuelano: “*Don Simón Rodríguez o Samuel Robinson o el diablo en andas. Tantos nombres para enmascarar una sola cosa, ser Quijote o tonto*”⁴³³.” (MIGUENS, 2019, p. 60). Para a personagem Sáenz, essa teria sido a maior influência de Bolívar, que ele aplicaria anos mais tarde, ao lutar pela independência de países americanos.

A diegese avança e se desloca à infância da protagonista, em um momento em que ela, ainda jovem, busca compreender a verdadeira incumbência de ser mulher, que poderia ser a maternidade, o cuidado com os filhos ou a possibilidade de proporcionar prazer aos homens. Ao relembrar de conversas com Dulce María, ela tece o seguinte comentário: “*No. Nunca entendí del todo aquello de parir ni esto de no haber parido. Tampoco por qué, desde muy atrás, desde tan atrás en la antigüedad solo a las diosas les fue permitido compartir el mundo de los hombres*”⁴³⁴.” (MIGUENS, 2019, p. 61). Segundo a voz enunciadora, essa bifurcação de atribuições ao homem e a mulher não faziam o menor sentido, por qual razão mulheres comuns não poderiam participar do mundo dos homens? Sua postura questiona e subverte os papéis atribuídos a ela. Para a protagonista, o fato de não haver tido filhos foi apenas uma casualidade, uma escolha entre outras possíveis. Sobre quem era e como se percebia, a personagem Sáenz relata o seguinte:

Muchas veces me he buscado en los ojos de los otros y muy pocas me he visto reflejada. Por el contrario, he visto tantas

⁴³² Nossa tradução livre: Espero que alguém se compadeça e me ajude. Enfim, que eu ocupe meu triste destino em alguma coisa, senão, dou-me um tiro e pronto! (MIGUENS, 2019, p. 59).

⁴³³ Nossa tradução livre: Don Simón Rodríguez ou Samuel Robinson ou o diabo. Tantos nomes para mascarar uma única coisa, ser Quixote ou bobo. (MIGUENS, 2019, p. 60).

⁴³⁴ Nossa tradução livre: Não. Eu nunca entendi completamente isso sobre dar à luz ou isso sobre não ter dado à luz. Nem porque, desde tanto tempo, de tão longe na antiguidade, apenas as deusas tinham a permissão para compartilhar o mundo dos homens. (MIGUENS, 2019, p. 61).

*Manuela Sáenz distintas como distintos eran los ojos que me observaban, hasta podría decir que he tenido tantas pieles como manos me han tocado*⁴³⁵. (MIGUENS, 2019, p. 62).

Dessa forma, Manuela Sáenz expõe que mais soube de si pela perspectiva do outro do que por um exercício de autopercepção, que ela consegue realizar anos mais tarde, em Paíta, em um processo de ressignificação. Saber de si era, para a protagonista, travessia incerta. Ela se apoiava no outro para traçar sua própria imagem e seu caminho. Nesse excerto, outra análise é possível se pensarmos nas distintas versões de sua atuação publicadas na América depois de sua morte. Quantas possibilidades interpretativas representaram Sáenz nos últimos séculos? A amante, a louca, a guerreira, entre tantas outras.

Na diegese, observamos que, em uma visita de Simón Rodríguez, a protagonista, ao falar sobre amores, relembra Xavier, o seu primeiro amor, sobre o qual pouco fica claro. *“Xavier era uno de esos seres a quienes todo sucede siempre por primera vez. Cada beso el iniciático, cada caricia la inaugural*⁴³⁶.” (MIGUENS, 2019, p. 65). É com ele que a protagonista tem sua primeira relação sexual e, segundo ela, assim ela aprendeu a amar aos homens, sentimento esse que pertenceria a Bolívar. *“Gracias a él comencé a amar a los hombres; por Xavier, por lo vivo aquel día y aun ante lo incomparable de mi amor junto a Bolívar, [...]”*⁴³⁷.” (MIGUENS, 2019, p. 66). De acordo com a protagonista, tão profundo foi o sentimento por Xavier e por aquele primeiro encontro que *“siempre me hizo llorar en el momento más ansiado de mis encuentros*⁴³⁸.” (MIGUENS, 2019, p. 66). Seu choro, contudo, desconcerta Bolívar, anos depois, que não compreende a razão de suas lágrimas.

O capítulo encerra-se com um questionamento da personagem Simón Rodríguez à protagonista sobre o fato de Bolívar não saber o motivo das lágrimas de sua companheira. Ela, ironicamente, responde-lhe que o general não tinha interesse

⁴³⁵ Nossa tradução livre: Muitas vezes, olhei-me nos olhos dos outros e pouquíssimas me vi refletida. Pelo contrário, vi tantas Manuela Sáenz diferentes quanto os olhos que me olhavam eram diferentes, posso até dizer que tive tantas peles quantas mãos me tocaram. (MIGUENS, 2019, p. 62).

⁴³⁶ Nossa tradução livre: Xavier era um desses seres a quem tudo sempre acontece pela primeira vez. Cada beijo era a iniciação, cada carícia, a inaugural. (MIGUENS, 2019, p. 65).

⁴³⁷ Nossa tradução livre: Graças a ele comecei a amar os homens; por Xavier, pelo que vivi naquele dia e antes mesmo do incomparável do meu amor por Bolívar, [...]. (MIGUENS, 2019, p. 66).

⁴³⁸ Nossa tradução livre: Sempre me fez chorar no momento mais esperado dos meus encontros. (MIGUENS, 2019, p. 66).

em saber tudo sobre a protagonista, o que o alimentava era o desejo, como até mesmo Santander já havia dito, de forma que o general agia de acordo com suas vontades, apenas.

O quinto e o sexto capítulos correspondem a uma troca de cartas entre a protagonista e a personagem Bolívar, em 1825. Nessas cartas, ambos ressaltam a saudade e o amor que sentem um pelo outro. A primeira missiva é escrita por Bolívar e termina com a seguinte afirmação: “*La moral, como tú dices, en este mundo es relativa, la sociedad que se gestó ha surgido en esa desastrosa época de colonialismo, es perniciosa y farsante, por eso no debimos actuar, como tú bien dices, sino al llamado de nuestros corazones*⁴³⁹.” (MIGUENS, 2019, p. 70). Nesse comentário de Bolívar, ao se referir ao colonialismo como um regime que perfila uma sociedade perniciosa e farsante, ele crê e ressalta à protagonista a necessidade de que apenas os chamados dos corações sejam ouvidos, o que o leva a depreender o mundo de forma dicotômica e idealizada, muito próximo aos idealistas românticos europeus do século XVIII. Manuela Sáenz, ao responder a Bolívar, reforça a alegria sentida ao receber uma carta dele e deixa claro que, mesmo distante, ela segue bela e a sua espera: “*Sigo siendo bella, provocativa, sensual y deliciosa. ¡Ah! Mis encantos son suyos y cualquier sacrificio no sería nada, con la proximidad de usted*⁴⁴⁰.” (MIGUENS, 2019, p. 71). Assim como na análise anterior, Zúñiga (2000), Miguens (2019) utiliza-se de múltiplas missivas presentes em livros historiográficos, cuja existência é facilmente verificável, de modo a atribuir à sua narrativa romanesca um caráter verossímil, próximo da fatualidade. Estamos diante de uma escrita crítica/mediadora, desse modo, aspectos próximos à modalidade tradicional também estão presentes nesse romance. Ao trazer essas cartas para a diegese, a autora apenas as reincorpora ao texto, estabelecendo, assim, uma intertextualidade direta, não há manipulações ou reinterpretações desse material histórico.

O romance de Miguens (2019) apresenta ao leitor um texto composto a partir de distintos eixos, que culminam, por fim, na reconstrução da vida da quitenha Manuela Sáenz. Não há, aqui, uma linearidade cronológica, que aproxima o leitor de

⁴³⁹ Nossa tradução livre: A moral, como você diz, neste mundo é relativa, a sociedade que eu conheço surgiu naquela época desastrosa do colonialismo, é perniciosa e enganosa, por isso não deveríamos ter agido, como você diz, senão pelo chamado de nossos corações. (MIGUENS, 2019, p. 70).

⁴⁴⁰ Nossa tradução livre: Continuo linda, provocante, sensual e deliciosa. oh! Meus encantos são seus e qualquer sacrifício não seria nada, com sua proximidade. (MIGUENS, 2019, p. 71).

uma escrita historiográfica. Do mesmo modo, não há uma predefinição sobre os distintos narradores inseridos na diegese, e as interpretações acontecem na medida em que o texto se desenvolve. Nesse sentido, exige-se do leitor maior atenção e colaboração para que as quebras temporais e os distintos modos de narrar apresentem-se como recursos de maior complexidade que resultam em uma maior aproximação com a cotidianidade em si. *La gloria eres tú* consiste em uma escrita ficcional crítica que ressignifica o passado por meio de uma mediação entre perspectivas acrílicas e críticas desconstrucionistas. Sáenz recebe espaço de manifestação e o leitor tem acesso a toda a fluidez de seu pensamento, que é exposto a partir de frações de sua memória.

Fleck (2017), ao teorizar sobre essa nova modalidade de romance histórico escrita com maior frequência a partir da década de 1980, propõe que reflitamos acerca de uma escrita crítica capaz de ressignificar o passado, mas que, por outro lado, não exige uma experiência de grande repertório por parte do leitor. Assim, a primeira característica elencada pelo referido teórico diz respeito a “uma releitura crítica verossímil do passado”:

A nova tendência mantém, contudo, o intento da construção da verossimilhança, em grande medida abandonada pelas narrativas do novo romance histórico hispano-americano e da metaficção historiográfica, para conferir um tom de autenticidade aos eventos históricos renarrativizados no romance, a partir de perspectivas periféricas, ancoradas em narradores-personagens antes vistos como secundários ou esquecidos pelo discurso historiográfico. (FLECK, 2017, p. 109, 110).

La gloria eres tú (2019) desenvolve em sua diegese essa reconstrução verossímil do passado ao colocar no centro da narrativa Manuela Sáenz, personalidade histórica reconhecida a partir de seu envolvimento com Simón Bolívar. Desse modo, múltiplas são as produções romanescas que ficcionalizam o general como Libertador da América, marginalizando a representatividade e a relevância de Manuela Sáenz. O romance em análise reconfigura essa estrutura, atentando para a focalização do ponto de vista da protagonista, particularmente. A escrita literária ainda não encontrou instrumentos para que a vida de Sáenz seja representada sem vinculação direta a Bolívar, como o contrário, repetidamente, acontece. Estamos, portanto, acessando uma modalidade escritural que inverte

alguns ângulos e nos fornece, entre tantas possíveis, mais uma forma de narrar o passado.

O sétimo capítulo, narrado na voz da personagem Manuela Sáenz, inicia-se com alguns comentários da protagonista, que observava don Simón Rodríguez em um momento de introspecção juntos aos cachorros, em Paita. “*Tal vez ahora, con los ojos cerrados, la cara al cielo y las manos abiertas como cuencos, don Simón simplemente espera, añora. Respeto su quietude*⁴⁴¹.” (MIGUENS, 2019, p. 73). Ao despertar de sua meditação, ambos conversam sobre amenidades, principalmente sobre os cachorros que a personagem Sáenz tem em sua companhia agora e os cachorros que estiveram com ela em La Magdalena. Aqui, os dois amigos ironizam o adjetivo ‘leal’, pois os cachorros eram chamados de “*leales*”, mas, seus nomes eram: Córdoba, Santander, La Mar y Páez, que, segundo a protagonista, tornaram-se, como o futuro mostraria, “*desleales*”. Na sequência, a partir do fluxo de pensamento da narradora Manuela Sáenz, ela deixa claro que não quer falar sobre os referidos gerais e que já não quer ver Simón Rodríguez por alguns dias, pois eles compartilham dores afins. “*Ya volverá. Siempre vuelve. Los recuerdos nos unen y nos desunen. Sus días con Bolívar. Los míos. La desolación de no haber estado junto a Bolívar cuando su muerte. Es igual, lo sé. Los dos sabemos*⁴⁴².” (MIGUENS, 2019, p. 75). Simón Rodríguez volta em dois dias e eles retomam a conversa pausada há dias, sobre a juventude da protagonista.

No relato ficcional, o leitor se depara com uma escrita sobre o passado, cuja direção aponta que, durante os anos de sua adolescência, a personagem Sáenz morava em um convento, onde estudava. Quando as freiras descobriram sobre seu envolvimento com Xavier, elas não a castigaram, apenas enviaram Sáenz de volta à casa de seu pai, pois somada a essa situação, ela ainda participava de reuniões secretas de um grupo de patriotas, nas incipientes manifestações independentistas de Quito, que tinha como uma das líderes, Manuela Cañizares. Vejamos como o romance exhibe, no excerto selecionado à continuação, essa situação:

⁴⁴¹ Nossa tradução livre: Talvez, agora, com os olhos fechados, o rosto para o céu e as mãos abertas como tigelas, Dom Simón simplesmente espere, anseie. Respeito sua quietude. (MIGUENS, 2019, p. 73).

⁴⁴² Nossa tradução livre: Ele voltará. Sempre volta. As memórias unem-nos e nos separam. Seus dias com Bolívar. Os meus. A desolação de não ter estado com Bolívar quando morreu. É a mesma coisa, eu sei. Nós dois sabemos. (MIGUENS, 2019, p. 75).

Una dama, doña Manuela Cañizares, había reunido en su casa a un grupo de criollos que urdían el primer intento de revolución. Al ser descubiertos, la situación de doña Cañizares resultó muy comprometida. Su nombre fue incluido en la lista de prófugos y ofrecían recompensa por su captura. Doña Manuela escapó y logró llegar al convento. Se instaló entre nosotras, aunque un poco más en las sombras, buscando el amparo del hábito de las Catalinas⁴⁴³. (MIGUENS, 2019, p. 77).

Assim, o romance revela que nessas incursões aos aposentos de Cañizares, a protagonista entra em contato com uma de suas primeiras influências políticas e passa a obedecer a seus comandos juntamente de Natán, Jonatás e Dulce María. Um de seus primeiros ensinamentos à personagem da jovem Sáenz foi o da necessidade que os homens têm, ainda que inconscientemente, de estarem acompanhados das mulheres a fim de alcançarem o que almejam:

[...] nos necesitan. Ellos no pueden solos. Cómo han de poder. [...] Quiénes, pregunté como si no hubiese entendido. Los hombres, muchacha, solo si les hace creer que están bajo tu dominio y que dependen de ti, solo de esa manera saben qué hacer⁴⁴⁴. (MIGUENS, 2019, p. 79).

Desse modo, a protagonista parte, naquela mesma noite, até a praça central de Quito, onde os homens desse primeiro levante independentista, do qual Manuela Cañizares participava, seriam mortos. A protagonista e suas escravas assistem ao completo assassinato desses homens de forma agressiva, com aves de rapina atacando e decompondo os corpos. A partir desse triste evento, a personagem Sáenz despe-se dos olhares que a compunham até então para compreender, a partir de sua própria experiência e individualidade, a realidade de uma empreitada colonizadora diante de seus olhos.

A partir de então, a personagem Manuela Sáenz assimila a realidade em que estava inserida, o infeliz evento foi para ela uma assustadora lição sobre a vida nas

⁴⁴³ Nossa tradução livre: Uma senhora, Dona Manuela Cañizares, havia reunido em sua casa um grupo de crioulos que tramavam a primeira tentativa de revolução. Quando foram descobertos, a situação de Doña Cañizares estava muito comprometida. Seu nome foi incluído na lista de fugitivos e eles ofereceram uma recompensa por sua captura. Dona Manuela escapou e conseguiu chegar ao convento. Ela se acomodou entre nós, embora um pouco mais nas sombras, buscando a proteção do hábito das Catalinas. (MIGUENS, 2019, p. 77).

⁴⁴⁴ Nossa tradução livre: [...] eles precisam de nós. Eles não podem fazer isso sozinhos. Como eles seriam capazes? [...] Quem, eu perguntei como se não tivesse entendido. Os homens, garota, só se você os fizer acreditar que estão sob seu domínio e que dependem de você, só assim eles saberão o que fazer. (MIGUENS, 2019, p. 79).

colônias hispânicas no início do século XIX. Conforme relata a protagonista, “*el mundo se apareció frente a mis ojos entonces como eso que realmente era, una policromía de sangre [...]. Entonces crecí, imprevistamente crecí*⁴⁴⁵.” (MIGUENS, 2019, p. 81). A narradora ressalta, ainda, que a partir dessa experiência testemunhal, ela pôde revisitar o seu mundo a partir dos olhos de outras mulheres, como Manuela Cañizares, Micaela Bastidas, Dulce María e, até mesmo, Sor Salas, que contribuíram para que sua percepção se aguçasse.

A diegese aponta, em seguida, que após as insurreições contra a corte espanhola terem cessado, algumas alterações acontecem na organização política das cidades e don Simón Sáenz de Vergara exila-se por um tempo no Panamá. Manuela Sáenz é enviada como acompanhante de seu pai e lá conhecerá James Thorne, com quem se casaria em breve. Segundo recorda a personagem, “*Thorne y mi padre sonrieron. No hizo falta nada más. Después de aquel mutuo y silencioso acuerdo, el compromiso se desencadenó bastante rápido*⁴⁴⁶.” (MIGUENS, 2019, p. 83). As razões principais para que o casamento com Thorne acontecesse centravam-se, principalmente, no fato de que a protagonista havia saído do convento por, entre outras razões, seu envolvimento com Xavier. De acordo com o raciocínio da personagem, “*en Quito nadie perdonaría. Nadie perdonaría a una jovencita que trae consigo la carga de haber mostrado algunas pequeñas libertades, fuera del marco de la hipocresía*⁴⁴⁷.” (MIGUENS, 2019, p. 83).

A narrativa desenvolve-se de um modo mais complexo nesse capítulo de narração autodiegética. Essas memórias, relatadas pela protagonista, possuem como interlocutor a personagem Simón Rodríguez, que questiona a protagonista a todo momento sobre suas recordações. A partir do fluxo de consciência de Manuela Sáenz, seu relato avança por caminhos distintos, que vislumbram uma prolepse, ou seja, avança, rapidamente, ao futuro para, em seguida, retornar ao desenvolvimento do relato memorialístico que ocorre no presente, tempo da velhice da protagonista em conversa com seu conhecido amigo. Nesse sentido, a personagem Simón

⁴⁴⁵ Nossa tradução livre: [...] o mundo apareceu diante dos meus olhos, então, como o que realmente era: uma policromia de sangue [...]. Então, eu cresci, inesperadamente eu cresci. (MIGUENS, 2019, p. 81).

⁴⁴⁶ Nossa tradução livre: Thorne e meu pai sorriram. Nada mais era necessário. Após esse acordo mútuo e silencioso, o compromisso foi acionado rapidamente. (MIGUENS, 2019, p. 83).

⁴⁴⁷ Nossa tradução livre: Em Quito ninguém perdoaria. Ninguém perdoaria uma jovem que traz consigo o fardo de ter mostrado algumas pequenas liberdades, fora do quadro da hipocrisia. (MIGUENS, 2019, p. 83).

Rodríguez provoca Manuela Sáenz com algumas discussões sobre hábitos e costumes. Vejamos como o discurso romanesco articula essa interlocução:

*Los hábitos dominan al cuerpo y la costumbre la mente; luego, con el tiempo, todo parece haberse convertido en instinto; la prueba de eso es un simple razonamiento: "Si todos lo hacen...". No hay razón que resista a esa conclusión de: "Si todos lo hacen". Nada en este mundo es constante a no ser la variación... ¿Entiende, Manuela?*⁴⁴⁸ (MIGUENS, 2019, p. 84).

Assim, motivada a pensar, no presente, sobre suas decisões do passado, a protagonista desvia-se do assunto algumas vezes, demonstrando como que uma dificuldade para se ater ao relato. A próxima razão para sua falta de concentração consiste na presença de uma gata que se aproxima de ambos e se apoia em uma madeira já roída pelo tempo e pelo mar do Caribe. Mar do Caribe, esse é o elo de conexão que a mente da narradora encontra para divagar em pensamentos sobre as viagens realizadas por Francisco Miranda e, posteriormente, Simón Bolívar, pelo oceano. Pelo recurso da prolepse, a narradora avança, rapidamente, ao que seria o futuro do relato e reposiciona uma memória a respeito de Bolívar. *"Mar Caribe por donde Bolívar consigue salir fácilmente de Venezuela gracias al pasaporte que le da el jefe español, porque según él, Bolívar no vale ni un cobre [...]"*⁴⁴⁹. (MIGUENS, 2019, p. 86). O relato romanesco segue e aborda, então, anos de vida e combate do general, que rompem com a constância das memórias.

A protagonista, ao retornar, portanto, suas revisitações ao passado, mais especificamente para o período em que conheceu James Thorne, relata ao seu interlocutor – Simón Rodríguez – que havia dito o seguinte para o seu pai: *"... no se preocupe, padre, Thorne permanecerá en mi vida el tiempo que le lleve a ese gran hombre llegar hasta mí"*⁴⁵⁰. (MIGUENS, 2019, p. 87). Aqui temos uma discussão estabelecida pela personagem Simón Rodríguez acerca da confiabilidade das

⁴⁴⁸ Nossa tradução livre: Os hábitos dominam o corpo e personalizam a mente; então, com o tempo, tudo parece ter se tornado instinto; a prova disso é um raciocínio simples: "Se todo mundo fizer isso...". Não há razão para resistir a essa conclusão: "Sim, todo mundo faz isso." Nada neste mundo é constante, exceto a variação... Entende, Manuela? (MIGUENS, 2019, p. 84).

⁴⁴⁹ Nossa tradução livre: [...] Mar do Caribe através do qual Bolívar consegue sair facilmente da Venezuela graças ao passaporte que lhe foi dado pelo chefe espanhol, porque, segundo ele, Bolívar não vale um centavo [...]. (MIGUENS, 2019, p. 86).

⁴⁵⁰ Nossa tradução livre: ...não se preocupe, pai, Thorne permanecerá na minha vida enquanto esse grande homem não chegar. (MIGUENS, 2019, p. 87).

memórias. Ele comenta duvidar que a personagem Sáenz tenha, de fato, utilizado tais palavras com seu pai:

*Don Simón Rodríguez ríe. Me observa.
– ¿No me cree, don Simón? – pregunto.
– No mucho.
– No me cree capaz de decir eso a mi padre.
– Lo creo capaz ahora, pero por esos días... ¿no será que quiso decirlo y solo lo pensó?
– Puede ser. Quizá... es igual ahora, pero aquel día mi padre se acercó y puso sus manos cerca de las mías⁴⁵¹. (MIGUENS, 2019, p. 87).*

Como estamos diante de um livro de memórias, o referido excerto tensiona essa possibilidade, pontuando, discretamente, ao leitor como as memórias traem e desenham um passado, por vezes, distinto do que de fato aconteceu. Nesse sentido, a emoção atua como um recurso modalizador, que transforma o discurso em um instrumento que convence os interlocutores acerca de nuances que não, necessariamente, aconteceram. Pela intangibilidade do passado, toda reconstrução será permeada por escolhas conscientes e inconscientes de quem narra, a subjetividade é, portanto, especificidade fundamental de todo relato, seja ele histórico ou ficcional.

De acordo com a diegese, a protagonista, ao falar com seu pai sobre a intenção que ele tinha de casá-la com o comerciante inglês, questiona-o sobre sua mãe, Joaquina Aizpuru, com o intento de descobrir se o relacionamento deles havia sido contra a vontade dela, assim como agora Simón Sáenz fazia com a filha. “– *No entiendo, ¿qué quieres saber? – Si fue contra la voluntad de mi madre, si solo fue que usted...*⁴⁵²” (MIGUENS, 2019, p. 88). Seu pai, em desconcerto, não responde à pergunta e a personagem Sáenz conclui que ele não poderia conhecer a vontade das mulheres, pois tão pouco sabia sobre a vontade dos homens ainda.

⁴⁵¹ Nossa tradução livre: Don Simón Rodríguez ri. Ele me observa.

– Você não acredita em mim, Don Simon? – Eu lhe pergunto.

– Não muito.

– Você não acredita que eu seja capaz de dizer isso ao meu pai.

– Acho que é capaz agora, mas naquela época... será que queria dizer isso e só pensava nisso?

- Pode ser. Talvez... é a mesma coisa agora, mas naquele dia meu pai veio e colocou suas mãos nas minhas. (MIGUENS, 2019, p. 87).

⁴⁵² Nossa tradução livre: – Eu não entendo, o que você quer saber? – Se foi contra a vontade da minha mãe, se foi apenas você que... (MIGUENS, 2019, p. 88).

Assim, de modo a estabelecer um paralelo com a vida de Bolívar, a personagem Simón Rodríguez relata como era a vida do general venezuelano por esses anos, cujos movimentos independentistas ainda eram incipientes. “[...] *Las provincias americanas se hallan lidiando por emanciparse, al fin obtendrán el suceso; algunas se constituirán de un modo singular en repúblicas federales y centrales; [...]*”⁴⁵³.” (MIGUENS, 2019, p. 89). A protagonista, contribuindo com as memórias de Simón Rodríguez, relê uma carta escrita por Bolívar em que ele projeta ambições eurocêntricas à América. Vejamos:

[...] *¡Qué bello sería que el istmo de Panamá fuese para nosotros lo que el de Corinto para los griegos...! Ojalá que algún día tengamos la fortuna de instalar allí un augusto Congreso de los representantes de las repúblicas, reinos e imperios, a tratar y discutir sobre los altos intereses de la paz y de la guerra con las naciones de las otras tres partes del mundo*⁴⁵⁴. (MIGUENS, 2019, p. 90).

As personagens Manuela Sáenz e Simón Rodríguez reúnem-se para rememorarem o passado e ambas as visões convergem na admiração que sentem por Bolívar. Estamos diante de uma escrita mediadora, que criticamente ressignifica o passado de Sáenz, revelando ao leitor traços não apontados pela historiografia. Contudo, não há, aqui, como nos distanciarmos do véu da colonialidade, que paira sobre a narrativa e, também, sobre todo o continente até os tempos hodiernos. Pelo excerto, verificamos que as intenções de Bolívar para o continente americano eram a de transformá-lo em uma grande Europa, ainda que independente política e economicamente de seus colonizadores. Estamos, aqui, utilizando os mesmos paradigmas e os aplicando em conjunturas completamente distintas. A descolonização das mentes opera, gradualmente, na escrita de Miguens (2019).

Ao avançarmos com a narrativa, notamos que a personagem Simón Rodríguez questiona, mais uma vez, a protagonista a respeito de Xavier, transitando de forma desordenada pela sequência da diegese. A personagem Manuela Sáenz

⁴⁵³ Nossa tradução livre: [...] as províncias americanas lutam para se emancipar, finalmente conseguirão; algumas serão constituídas de forma singular nas Repúblicas Federal e Central; [...]. (MIGUENS, 2019, p. 89).

⁴⁵⁴ Nossa tradução livre: [...] como seria bonito se o Istmo do Panamá fosse para nós o que Corinto foi para os gregos...! Esperemos que um dia tenhamos a sorte de instalar ali um augusto Congresso dos representantes das Repúblicas, Reinos e Impérios, para tentar discutir os altos interesses da paz e da guerra com as nações das outras três partes do mundo. (MIGUENS, 2019, p. 90).

responde que já não era mais o momento de falar dele, mas de Bolívar, e pede que o professor conte o que sabia sobre sua juventude. As próximas linhas darão conta, dessa forma, de ressaltar as qualidades de Bolívar em sua juventude. “– *Simoncito era esbelto, él lo sabía, llevaba esos pantalones blancos ajustados a los muslos y mostraba la perfecta curva del trasero, [...]*⁴⁵⁵.” (MIGUENS, 2019, p. 91). Além de seus atrativos físicos, Simón Rodríguez ressalta que seu comportamento era persuasivo e eloquente. Como fica evidente em: “*Bolívar era elegante y brutal al mismo tiempo, rico además y gozaba, con sus escasos diecisiete años, de un poder natural y sin límites sobre sus súbditos: esclavos, indios, mujeres en general, era un verdadero rey*⁴⁵⁶.” (MIGUENS, 2019, p. 92). Tais características, quando lidas a partir de um deslocamento temporal, possuem um tom soberbo e, até mesmo, agressivo. Como pode ser aceitável que um menino, no auge de sua adolescência, possua um poder sem limites sobre seus súditos? Até mesmo a escolha lexical do referido trecho soa-nos presunçosa, como se ele estivesse acima de outros sujeitos, superior por suas posses e beleza.

O capítulo encerra-se com a recordação de um duelo entre Bolívar e Fernando VII na Espanha em que a rainha, María Luisa, estava atraída pelo venezuelano, que deixava de pensar sobre as colônias espanholas na América. “[...] *en fin, Bolívar conseguía que la reina no pudiese pensar en ninguna cosa que no fuese en el contoneo de ese cuerpo de varón, [...]*” (MIGUENS, 2019, p. 93). A discussão chega ao fim quando a protagonista questiona o seu interlocutor sobre o fato de que ninguém nunca teve Bolívar por inteiro, ele revelava-se, portanto, na medida de seus interesses. O professor responde, retoricamente, afirmando que: “– *Nunca nadie tiene por entero a nadie [...]*⁴⁵⁷.” (MIGUENS, 2019, p. 93).

No oitavo capítulo do romance, a narrativa avançará para os anos subsequentes em que a personagem Manuela Sáenz, já casada com Thorne, iniciará uma amizade com Rosita Campuzano e, juntas, elas atuarão em favor do movimento independentista peruano. Contudo, antes de analisarmos a construção diegética, que nesse recorte acontece em terceira pessoa, voltemos nossa atenção

⁴⁵⁵ Nossa tradução livre: – Simonzinho era esguio, ele sabia disso, usava aquela calça branca apertada nas coxas e mostrava a curva perfeita do bumbum, [...]. (MIGUENS, 2019, p. 91).

⁴⁵⁶ Nossa tradução livre: Bolívar era, ao mesmo tempo, elegante e brutal, também rico e gozava, com apenas dezessete anos, de um poder natural e ilimitado sobre seus súditos: escravos, índios, mulheres em geral, era um verdadeiro rei. (MIGUENS, 2019, p. 92).

⁴⁵⁷ Nossa tradução livre: – Ninguém nunca tem ninguém inteiramente [...]. (MIGUENS, 2019, p. 93).

à segunda característica do romance histórico contemporâneo de mediação. De acordo com Fleck (2017, p. 110), essa especificidade consiste em “uma narrativa linear do evento histórico recriado”. Nesse sentido, o teórico enuncia que

[...] a leitura ficcional do passado empreendida pelo romance histórico contemporâneo de mediação busca seguir a linearidade cronológica dos eventos da diegese, fixando-se neles para assegurar o avanço da narrativa. Contudo, não se deixa de manipular o tempo da narrativa, promovendo retrospectivas ou avanços nesta pelo emprego de analepses e prolepses. Tal manipulação temporal não se configura, contudo, em anacronias exageradas ou sobreposições de diferentes tempos históricos ou narrativos na tessitura do romance, como é típico nas modalidades do novo romance histórico hispano-americano ou da metaficção historiográfica. (FLECK, 2017, p. 110).

No que tange ao texto em análise, fica-nos evidente que a narrativa oscila de distintos modos ao retratar a vida da protagonista. Somos apresentados a diferentes narradores e interlocutores, a uma transição de pensamentos e diálogos constantes, que tornam a leitura de *La gloria eres tú* (2019) mais complexa. É preciso que o leitor tenha um repertório de compreensão histórica acerca das vivências de Sáenz e Bolívar para que a leitura adquira maior fluidez. Frente a tais oscilações, a manipulação temporal presente na obra contribui com a complexidade da narrativa, pois os eventos são relatados a partir do que a protagonista recorda e/ou decide abordar junto ao seu interlocutor ou ainda nas páginas de suas memórias. É fundamental, contudo, frisarmos, como aponta o referido teórico, que não há a presença de anacronismos, que gerariam ruídos com o relato histórico, mas o constante uso de prolepses e analepses, que navegam pelas recordações da protagonista. Assim, se voltarmos nosso olhar ao texto em sua completude, encontramos uma organização cronológica chave com espaços recorrentes de quebras lineares.

Ao avançarmos, portanto, ao próximo capítulo, somos introduzidos à amizade entre Sáenz e Campuzano, mais especificamente a um dia de trabalho de ambas, organizando os livros doados pelo general José de San Martín, que havia chegado em Lima para a campanha de independência do Peru, liderada por ele. Dessa forma, as duas mulheres encontram-se na Biblioteca Pública de Lima e passam a conjecturar a respeito da vida pessoal de San Martín. A personagem Rosita Campuzano comenta sobre a estranha situação de que aqueles livros tenham

atravessado o continente para serem doados a um povo que não era o de San Martín, pois ele era argentino. Além disso, havia em seu inventário a designação de que seus livros ficassem com sua esposa, assunto que as duas amigas desconhecem os detalhes do porquê de isso não ter acontecido. A protagonista, contudo, rebate Campuzano, ao dizer que: *“un pueblo que ni siquiera es el suyo”... qué estás diciendo, Rosita, la única patria está en ser libre... No debes juzgarlo tan ligero, hay que sondear en el corazón de los hombres para apreciar su proceder...*⁴⁵⁸ (MIGUENS, 2019, p. 98). Assim, cercadas de livros e na companhia de um funcionário da biblioteca que as auxilia, as duas conversam, ainda, sobre a ausência da mulher de San Martín que, para Rosita, havia morrido ou sido abandonada pelo general: *“– Si se deshace de todo esto a lo que tanto cuidado le prodigó – dijo Rosita tomando de manos del hombre dos libros más – qué no será capaz de hacer con una mujer*⁴⁵⁹.” (MIGUENS, 2019, p. 99).

A narrativa avança com uma longa descrição acerca da formação de San Martín. Vale ressaltar que a autora é argentina, assim como o general, e, portanto, sua motivação para referenciá-lo pode residir nessa intersecção espacial. De acordo com o narrador heterodiegético,

*[...] solo cuatro años tenía el general cuando sus padres lo alejaron del virreinato. [...] Apenas balbuceaba unas pocas palabras cuando fue llevado a Madrid. [...] Su padre, militar retirado, fue quien solicitó que José Francisco fuese incorporado al Regimiento de Murcia, El Leal, con apenas once años. [...] Así fue como el menor de los San Martín fue instruido, con especial cuidado a vestirse con aseo con solo su uniforme, evitando de las modas aquellos excesos que ridiculizan la juventud, [...]*⁴⁶⁰.” (MIGUENS, 2019, p. 101).

⁴⁵⁸ Nossa tradução livre: “um povo que nem é deles”... o que você está dizendo, Rosita, a única pátria é ser livre... Você não deve julgá-lo tão levemente, você tem que sondar o coração dos homens para apreciar o comportamento deles... (MIGUENS, 2019, p. 98).

⁴⁵⁹ Nossa tradução livre: – Se ele se desvencilha de tudo isso que tanto cuidou – disse Rosita, tirando mais dois livros das mãos do homem – o que ele não poderá fazer com uma mulher? (MIGUENS, 2019, p. 99).

⁴⁶⁰ Nossa tradução livre: [...] o general tinha apenas quatro anos quando seus pais tiraram-no do vice-reinado. [...] Mal gaguejava algumas palavras quando foi levado para Madrid. [...] Seu pai, um soldado aposentado, foi quem solicitou que José Francisco fosse incorporado ao Regimento de Múrcia, El Leal, quando ele tinha apenas onze anos. [...] Assim, foi instruído o mais novo dos San Martín, com especial cuidado em se vestir de forma limpa, apenas com o uniforme, evitando aqueles excessos que ridicularizam a juventude, [...]. (MIGUENS, 2019, p. 101).

Nesse resgate cronológico feito pelo narrador, há, ainda, algumas citações em recuo de um texto sem referências, cuja fonte só fica evidente ao leitor quando o narrador ressalta que: *“Pero nada conocían Rosita o Manuela y quizá tampoco el mismo don Alejo, personaje que no viene al caso ni hace a la historia, por cierto, pero al que Manuela se empeñaba en citar⁴⁶¹.”* (MIGUENS, 2019, p. 103). Dessa forma, estamos diante de um recurso metaficcional que deixa claro ao leitor que conhecer sobre a vida de San Martín através do filtro do olhar de um biógrafo no romance não é relevante para a construção diegética aqui proposta. Essa estratégia evidencia que todo relato é uma construção discursiva selecionada, um recorte, uma abordagem subjetiva que permeia a intangibilidade do passado.

A narrativa avança para os primeiros contatos estabelecidos entre as personagens general San Martín e Rosita Campuzano. Em um determinado momento, após vê-la saindo da biblioteca com a protagonista, ele oferece-lhes uma carona e logo após esse encontro, San Martín pede que um soldado entregue um bilhete à Campuzano.

– Y la fatalidad del amor se manifiesta con la complicidad que nos da la propia libertad... cuando se la tiene, es que se posee esa libertad. Es extraño, teniente, la carne se nos va corrompiendo, sabemos que nuestros días están contados, no obstante, en un momento estamos amando de nuevo⁴⁶². (MIGUENS, 2019, p. 109).

No que tange à chegada de San Martín no Peru, o romance detalha as primeiras incursões no país. *“Todos se preguntaban por qué San Martín no avanzaba aún hacia Lima. Muy pocos contaban con que él había decidido dar más tiempo al tiempo. La autoridad virreinal se desmoronaría por sí sola⁴⁶³.”* (MIGUENS, 2019, p. 112). Assim iniciava-se a campanha do general argentino que declararia a liberdade do Peru, em 1821. Na sequência, quando o capítulo se aproxima do final,

⁴⁶¹ Nossa tradução livre: Mas nem Rosita nem Manuela sabiam de nada, e, talvez, nem o próprio Dom Alejo, personagem que não vem ao caso e não faz a história, aliás, mas que Manuela fez questão de citar. (MIGUENS, 2019, p. 103).

⁴⁶² Nossa tradução livre: – E a fatalidade do amor manifesta-se com a cumplicidade que a própria liberdade nos dá... quando você a tem, você tem essa liberdade. É estranho, tenente, nossa carne está se corrompendo, sabemos que nossos dias estão contados, porém, em um momento estamos amando novamente. (MIGUENS, 2019, p. 109).

⁴⁶³ Nossa tradução livre: Todos se perguntavam por que San Martín ainda não havia avançado em direção a Lima. Muitos poucos contavam com o fato de ele ter decidido dar mais tempo ao tempo. A autoridade do vice-rei desmoronaria por conta própria. (MIGUENS, 2019, p. 112).

a diegese aponta para o fato de que San Martín logo adoeceria. Na cerimônia de inauguração de biblioteca de Lima, a protagonista verifica que o general tinha uma forte tosse que lhe gerava espasmos. “*Pero lo que no sabía Manuela y tampoco Rosa era el motivo del espasmo. Nada conocían de esas celditas que se rompían gradualmente en los pulmones del general*⁴⁶⁴.” (MIGUENS, 2019, p. 115).

O nono capítulo consiste em uma carta enviada a San Martín por Bolívar, em 5 de abril de 1822, cujo conteúdo diz respeito ao interesse de ambos os líderes em anexar o território de Guayaquil ao Peru ou a Gran Colombia. Aqui, o leitor que desconhece o relato histórico compreende que há entre os dois generais uma animosidade, um desconforto:

*Vuestra Eminencia expresa el sentimiento que ha tenido al ver la intimación que hice a la provincia de Guayaquil para que entrase en su deber. Yo no pienso como Vuestra Eminencia que el voto de una provincia debe ser consultado para constituir la soberanía nacional, porque no son partes, sino el todo, el pueblo, el que delibera en las Asambleas Generales reunidas libre y legalmente*⁴⁶⁵. (MIGUENS, 2019, p. 117).

A diegese avança para o décimo capítulo, que tem como trecho inicial um excerto de um livro que a personagem Sáenz estava lendo à época de seu casamento com Thorne e que estabelece o tom das próximas páginas: fastio e descontentamento. A obra, que não é referenciada dentro do romance, traz, entre as linhas citadas, a seguinte reflexão: “*Una maravilla pues, que ese algo, una mujer, por ejemplo, sea admirado siempre por un atolondrado que no sabe lo poco que ha faltado para que el azar no le hubiese obsequiado esa sola oportunidad*⁴⁶⁶.” (MIGUENS, 2019, p. 119). A referida citação deixa evidente sua referência ao relacionamento entre a protagonista e a personagem Thorne. O comerciante inglês é, para a personagem Manuela Sáenz, a oposição de seus anseios. Não há por ele

⁴⁶⁴ Nossa tradução livre: Mas o que Manuela e Rosa não sabiam era o motivo do espasmo. Eles não sabiam nada daquelas pequenas células que, gradualmente, rompiam-se nos pulmões do general. (MIGUENS, 2019, p. 115).

⁴⁶⁵ Nossa tradução livre: Vossa Eminência expressa o sentimento que teve ao ver a intimação que fiz à província de Guayaquil para que cumprisse seu dever. Não penso como Vossa Eminência que o voto de uma província deva ser consultado para constituir a soberania nacional, porque não são os partidos, mas o todo, o povo, que delibera nas Assembleias Gerais reunidas livre e legalmente. (MIGUENS, 2019, p. 117).

⁴⁶⁶ Nossa tradução livre: É uma maravilha, então, que algo, uma mulher, por exemplo, seja sempre admirada por uma pessoa imprudente que não sabe o quão pouco lhe faltou para que o acaso tenha-lhe dado essa única oportunidade. (MIGUENS, 2019, p. 119).

amor e admiração, apenas um grande aborrecimento ao ter de compartilhar a vida com alguém tão distinto de todas as suas motivações pessoais. A união de seus destinos aconteceu, para ela, por mero acaso, completamente alheia à sua vontade.

Na sequência, o romance narra a visita inesperada de Xavier à protagonista, que é descrita na obra como algo que transcende à realidade e que a própria narração, heterodiegética, constrói como um acontecimento impreciso, que poderia ser fruto dos devaneios da protagonista. *“Muy pocos habían reparado en la presencia del hombre en Lima. Mucho menos podría nadie imaginar esa breve pausa en casa de los Thorne⁴⁶⁷.”* (MIGUENS, 2019, p. 121). A protagonista, ao revê-lo, oferece-lhe uma taça de chocolate com doces de laranja, pão e açúcar de panela. O reencontro é breve e intenso, ambos compartilham saudade e sentimento. Para a protagonista, Xavier é um homem que sempre voltaria, mas não para permanecer. *“Manuela presiente que solo tendrá acceso a los hombres con quienes pueda deambular por el mundo a la par, y a la par del mundo⁴⁶⁸.”* (MIGUENS, 2019, p. 122). Assim, após a surpreendente visita de Xavier que a fez recordar e reviver paixões e relações sexuais, ele lhe entrega cartas de seu irmão, José María, endereçadas a ela e a San Martín. Enquanto lia, Xavier sai de cena, deixando-a com as recordações de uma tarde improvável. *“Seguramente ha sido un sueño, se dijo y repitió en voz alta: ‘Xavier será un sueño, siempre⁴⁶⁹.’”* (MIGUENS, 2019, p. 124).

Movida por esse sentimento de insatisfação pelos contornos de sua existência, a narradora Manuela Sáenz recebe de Dulce María, com seus conhecimentos advindos da ancestralidade indígena, uma previsão ao olhar para o movimento da água no rio ao que estavam próximas: alguém chegaria em breve e tomaria tudo da protagonista, sem pedir permissão; um amor. *“– Es un corsario, un pirata... uno gamín y andariego, Manuela, aprendiz de poeta quizá... Lo veo en sus ojos; uno de esos que pone mucho cuidado cuando habla con los grandes hombres, [...]”⁴⁷⁰*.” (MIGUENS, 2019, p. 126). A personagem Sáenz, incomodada com seu

⁴⁶⁷ Nossa tradução livre: Poucos notaram a presença do homem em Lima. Muito menos alguém poderia imaginar-se aquela breve pausa na casa dos Thornes. (MIGUENS, 2019, p. 121).

⁴⁶⁸ Nossa tradução livre: Manuela tem a sensação de que só terá acesso a homens com quem possa passear pelo mundo a par e a par do mundo. (MIGUENS, 2019, p. 122).

⁴⁶⁹ Nossa tradução livre: Certamente foi um sonho, ela disse a si mesma, e repetiu, em voz alta: 'Xavier sempre será um sonho'. (MIGUENS, 2019, p. 124).

⁴⁷⁰ Nossa tradução livre: – Ele é um corsário, um pirata... um gajo e andarilho, Manuela, talvez um aprendiz de poeta... vejo nos olhos dele; daqueles que têm muito cuidado ao falar com grandes homens, [...]. (MIGUENS, 2019, p. 126).

vínculo com Thorne, comenta com Dulce María acerca da vontade dele de retornar a Londres, o que para a protagonista era indiferente, pois o sentimento que a tomava, nesse momento junto ao fastio de sua vida, era o de não pertencer a nenhum lugar. “[...] *descubrir finalmente que no pertenecer, ni haber pertenecido a territorio alguno, nos hace diferentes, excluidos, retraídos, apátridas. Comenzar a ser nuestra propia patria, dar cobijo a quien quiera habitarnos*⁴⁷¹.” (MIGUENS, 2019, p. 127). Contudo, Dulce garante-lhe que essa pessoa que chegará em sua vida a encontrará em Quito, e que ela, após sete anos distante de sua cidade natal, deverá retornar. É com essa previsão que o capítulo chega ao fim, apontando para mudanças eminentes na vida da protagonista.

O décimo primeiro capítulo diz respeito a uma composição autodiegética em formato de diário. O leitor tem acesso, primeiramente, à data – *Mayo de 1822* – e ao relato de Sáenz sobre os acontecimentos em Quito. O diário consiste em uma nova estrutura inserida no romance, que se assemelha a uma organização de fragmentos do que significaram as vivências da protagonista narradas de distintos modos. Assim, a personagem Manuela Sáenz comenta sobre sua chegada na capital equatoriana e os combates em que tropas independentistas e realistas enfrentaram-se.

Neste relato, mais especificamente, a protagonista narra suas ações e as de suas escravas nos conflitos independentistas da região. “*Estoy enviando ahora una ración [...] y cinco mulas para su abastecimiento y reponer las pérdidas. No espero que me paguen, pero, si este es el precio de la libertad, bien poco ha sido*⁴⁷².” (MIGUENS, 2019, p. 129). Além da assistência material, a personagem Sáenz dá ordens a suas escravas de que recolham informações que possam contribuir com o exército independentista sobre o desenvolvimento da guerra por parte dos realistas. “[...] *recoger información que sirva como espionaje de dónde se encuentran las fortificaciones y los puestos de defensa de los españoles, y luego mandarles dicha*

⁴⁷¹ Nossa tradução livre: [...] finalmente descobrir que não pertencer, nem ter pertencido a nenhum território, torna-nos diferentes, excluídos, retraídos, apátridas. Começar a ser nossa própria pátria, dar abrigo a quem quiser nos habitar. (MIGUENS, 2019, p. 127).

⁴⁷² Nossa tradução livre: Estou enviando, agora, mantimentos [...] e cinco mulas para abastecê-los e compensar as perdas. Não espero ser paga, mas se esse é o preço da liberdade, foi muito pouco. (MIGUENS, 2019, p. 129).

*información a los patriotas*⁴⁷³.” (MIGUENS, 2019, p. 130). Com os crescentes avanços do general Sucre, a voz enunciativa aponta que é o seu dever e o de Nathán e Jonathás participar mais ativamente dos combates, auxiliando os feridos.

Aqui, ressaltamos o trecho em que a protagonista afirma que suas companheiras escravas sentem o mesmo que ela pela luta independentista: “[...] *mi Jonathás y Nathán sienten como yo el mismo vivo interés de hacer la lucha porque somos criollas y mulatas, a las que no pertenece la libertad de este suelo*⁴⁷⁴.” (MIGUENS, 2019, p. 130). Dessa forma, a personagem Manuela Sáenz, inserida nesse contexto de instabilidade política e envolvida com a campanha patriota, que intentava a expulsão dos espanhóis e a instauração de uma grande nação – Gran Colombia –, promove contribuições singulares ao movimento. Contudo, o véu colonial, que mesmo hodiernamente permanece na América, ainda a cobria e conduzia muitas de suas ações.

Assim, feitas as devidas ressalvas, questionamo-nos sobre a atuação de suas escravas nos conflitos, uma vez que toda a descrição da protagonista esboça o entusiasmo de ambas. Será que houve alguma deliberação por parte delas na escolha pela participação ativa da campanha independentista? Seus anseios eram representados e defendidos pela elite crioula? Certamente não. Portanto, essa escrita que intenta a criticidade, não a atinge em sua totalidade. Estamos diante de um material literário em processo de ressignificação, que ora corrobora a colonialidade, ora tenciona um projeto decolonial.

O capítulo encerra-se com as festividades pela liberdade de Quito. A protagonista relata toda a movimentação da cidade para receber os combatentes, a agilidade do general Sucre, que resultou no desfecho esperado pelos patriotas, e a sua vontade de conhecer Bolívar, que chegaria à cidade nos próximos dias. Assim, contrariando as expectativas de seu pai e marido, a protagonista afirma que: “*¡Creo que nací con vena para la gloria! Aunque mi padre se opone igual que mi marido a que ande en roce con el Ejército*⁴⁷⁵.” (MIGUENS, 2019, p. 132).

⁴⁷³ Nossa tradução livre: [...] coletar informações que sirvam de espionagem sobre onde estão localizadas as fortificações e postos de defesa espanhóis e, depois, enviar essas informações aos patriotas. (MIGUENS, 2019, p. 130).

⁴⁷⁴ Nossa tradução livre: [...] as minhas Jonathás e Nathán sentem, como eu, o mesmo interesse em lutar porque somos mulheres crioulas e mulatas, a quem não pertence a liberdade desta terra. (MIGUENS, 2019, p. 130).

⁴⁷⁵ Nossa tradução livre: Acho que nasci com uma tendência à glória! Embora meu pai se oponha, assim como meu marido, ao meu contato com o Exército. (MIGUENS, 2019, p. 132).

No que tange à análise da diegese sob a perspectiva do romance histórico contemporâneo de mediação, a terceira característica teorizada por Fleck (2017) diz respeito ao foco narrativo, que é, de modo geral, centralizado e ex-cêntrico. Dessa forma, *La gloria eres tú* (2019) possui no âmago de sua composição uma protagonista ex-cêntrica nos termos de Linda Hutcheon ([1988] 2000), cuja perspectiva difere de outras personagens históricas tradicionalmente apresentadas, pois o foco altera-se constantemente por não possuir força central, ou seja, sua experiência empírica não a conduz aos padrões de expectativa da sociedade quitenha do século XIX. Ela tenciona sua vida de acordo com a liberdade que seus privilégios lhe garantem. Assim, estamos frente a uma personalidade que se insere em um espaço entre a ex-centricidade e o centro de forma relativa, pois que embora sua trajetória constitui-se a partir de condições de vida e atuação elitizadas, sua atuação prática, política e pública esteve constantemente cerceada ora por Thorne, ora por Bolívar. De acordo com Fleck (2017, p. 110),

[...] o foco narrativo dos romances históricos contemporâneos de mediação comparte dos propósitos da nova história de evidenciar perspectivas “vistas de baixo” (SHARPE, 1992), pois privilegia visões a partir das margens, sem centrar-se nas grandes personagens da história como o fazem muitos novos romances históricos e algumas metaficcões historiográficas.

Manuela Sáenz é, portanto, uma personagem de extração histórica reconhecida pelos anais também sob o título de “Libertadora do Libertador”. Os relatos acerca de suas vivências no século XIX, contudo, a projetam constantemente à sombra do general venezuelano, atentando-se para discursos que ressaltam sua condição de amante. Nesse sentido, é indispensável que analisemos como o romance de Silvia Miguens (2019) aborda essa personagem que extrapola as definições presentes nos discursos historiográficos, atuando de forma relativa entre o centro e a margem. Na sequência, Fleck (2017, p. 110) ressalta que:

[...] embora o discurso se faça polifônico e dialógico, normalmente a voz enunciadora do discurso é fixada pelo foco único, manifestando-se em nível intradieético a voz homo ou autodieética, subjetivando o material histórico incluído na diegese. Isso ocorre com vários dos romances produzidos no século XXI. Estes romances diferem das narrativas multiperspectivistas, comuns dos novos romances históricos e das metaficcões historiográficas, que abordam o mesmo passado sob

diferentes pontos de vista, com o intuito de promover a desmitificação de grandes heróis.

Nesse sentido, é indispensável atentarmos às narrções presentes no romance de Miguens (2019) e como essa especificidade narrativa corrobora a possibilidade de revisarmos a historiografia oficializada positivista. O romance em análise consiste em uma escrita polifônica, com capítulos desconectados de uma linearidade específica, em que, por vezes, temos a narração autodiegética e em outras a heterodiegética. Nessas intersecções, somos apresentados à vida de Sáenz ora a partir de seu próprio ponto de vista, ora de modo deslocado, com atenção plena às outras manifestações da diegese. Contudo, o discurso intencionado aqui é único: visitar as memórias de Manuela Sáenz por meio de ângulos particulares que a focalizem em grau primeiro, revisitando seu passado, suas experiências, seus relacionamentos, suas buscas e os contornos políticos manifestados a partir de sua atuação.

O décimo segundo capítulo consiste em uma narração heterodiegética que abordará o primeiro encontro entre Manuela Sáenz e Simón Bolívar e os eventos subsequentes, em Quito. A narrativa inicia-se com o baile que celebrava a expulsão dos espanhóis do atual território do Equador e um questionamento por parte da protagonista: “–¿Cuál es la razón de la barbarie del hombre, general? – preguntó Manuela y Bolívar no pudo hacer otra cosa que dar la vuelta⁴⁷⁶.” (MIGUENS, 2019, p. 133). Essa foi a pergunta que despertou o interesse da personagem Bolívar pela protagonista. A presença da quitenha na atual conjuntura política já não podia ser ignorada, sua habilidade para lidar com conflitos e a percepção apurada e crítica dos acontecimentos aproximaram-na das convicções do general venezuelano.

Na sequência, a personagem Bolívar reflete, demoradamente, sobre as mãos de Sáenz. Para ela, mesmo que as mãos estivessem queimadas pelo sol, elas ainda eram muitos mais claras do que a dele e transparentavam suas veias, azuis, que se assemelhavam a um rio pertencente a um território ainda desconhecido para ele. “Una exacta réplica cartográfica de los caudalosos ríos subterrneos que surcaban el vasto continente que es Manuela Sáenz⁴⁷⁷.” (MIGUENS, 2019, p. 134). Assim, ao

⁴⁷⁶ Nossa tradução livre: – Qual o motivo da barbárie do homem, general? – perguntou Manuela e Bolívar não pode fazer nada além de se dar a volta. (MIGUENS, 2019, p. 133).

⁴⁷⁷ Nossa tradução livre: Uma réplica cartográfica exata dos poderosos rios subterrâneos que fluíam pelo vasto continente que é Manuela Sáenz. (MIGUENS, 2019, p. 134).

manter o olhar fixo nas mãos da quitenha e perceber todas as marcas presentes, que indicavam histórias de luta e resiliência, Bolívar comenta e a parabeniza por sua atuação nos combates recentes.

– Hablo de su injerencia en el batallón de Numancia en el Perú, de esa recua de mulas, del operativo llevado a cabo para filtrar información acerca de los godos; hablo del fuerte de Panecillo; hablo de los buenos amigos que ha gestado en las huestes patriotas, de ese pedido suyo de participar en la lucha armada con esas muchachas⁴⁷⁸. (MIGUENS, 2019, p. 135).

Diante desses elogios, que marcavam o reconhecimento do general às ações de Sáenz, ela deteve sua atenção apenas à forma como ele denominou suas escravas: *muchachas*, e responde-lhe de modo a explicar quem são essas mulheres e a importância delas ao movimento independentista. “– *La libertad nos pertenece, general; “esas muchachas”, como usted dice, son una india, dos mulatas y yo, una criolla; todas hemos nacido en esta tierra, la libertad nos incumbe tanto como a usted, general. Igual que a “esos muchachos suyos”⁴⁷⁹.*” (MIGUENS, 2019, p. 135). Do mesmo modo, Bolívar busca definir quem são esses rapazes a quem a protagonista fez referência, afirmando que eles são soldados, homens adestrados nas artes da guerra e que conhecem o valor da morte. A protagonista, então, prontamente responde ao general de modo a estabelecer entre ambos, como também entre homens e mulheres de forma geral, uma relação mais equilibrada, justificando, assim, a necessidade de que a independência aconteça a partir da união dessas duas representações da sociedade. Vejamos:

– Y nosotras somos mujeres, general, mujeres que conocemos el justo valor de la vida; la cuidamos con compresas, ungüentos, cortes, sangraduras, fusiles, sables, piedras o balas de cañón, con lo que sea, general, con uñas y dientes, con mentiras, con traiciones, con intrigas y venganzas. Una mujer protege de

⁴⁷⁸ Nossa tradução livre: – Estou falando da sua ingerência no batalhão Numancia no Peru, daquele comboio de mulas, da operação realizada para vazar informações sobre os godos; Estou falando do forte Panecillo; Estou falando dos bons amigos que você fez nas hostes patrióticas, daquele pedido seu para participar da luta armada com aquelas meninas. (MIGUENS, 2019, p. 135).

⁴⁷⁹ Nossa tradução livre: – A liberdade nos pertence, general; “essas meninas”, como você diz, são uma índia, duas mulatas e eu, uma crioula; todos nós nascemos nesta terra, a liberdade nos preocupa tanto quanto a você, general. Assim como “aqueles seus meninos”. (MIGUENS, 2019, p. 135).

*cualquier manera la vida de aquello que ama. La libertad en este caso*⁴⁸⁰. (MIGUENS, 2019, p. 135).

A personagem Bolívar, convencida da argumentação estabelecida por sua interlocutora, afirma que não possui nenhuma réplica. A protagonista, portanto, apresenta-se ao general em uma postura de igualdade moral e intelectual, ela quer ser vista por ele a partir de seu pensamento crítico e de seu conhecimento político. Estamos, desse modo, diante de uma personagem de extração histórica que é perfilada em sua capacidade de se impor, de atuar no e de criticar o atual estado de acontecimentos em que está inserida. Nesses registros ficcionais, verificamos como uma versão outra de Manuela Sáenz é possível. Ela é atravessada por questões sociais, políticas e econômicas inerentes ao seu tempo e a sua condição de mulher, contudo tais demandas apenas contribuem para que sua atuação repense e ressignifique o papel da mulher nas guerras independentistas. Sua presença e liderança são, dessa forma, registros de uma incipiente ação decolonial inserida na iminência das independências.

A narrativa avança para a valsa dançada por eles, que representa a construção da intimidade que ambos compartilhariam pelos próximos oito anos. *“Solo para Manuela y Simón fue perceptible el entremezclar de la respiración, la mano de uno en la mano del otro, el contacto inmediato de los cuerpos, la conmoción del suelo bajo los pies*⁴⁸¹.” (MIGUENS, 2019, p. 136). No que tange às definições de Bolívar, a narração aponta que Dulce María havia previsto a chegada de um homem à vida da protagonista que embora representasse para ela uma convergência de interesses e perspectivas, outras especificidades ainda seriam notadas, como a indisciplina, a turbulência, o egoísmo, o sentimento de vingança, seu aspecto intuitivo e generoso, heroico e sensual.

Segundo Dulce María, Simón Bolívar era “[...] *de una continua actividad, orgulloso, de imaginación desbordante y que todas esas emociones las trastocaba repentinamente en largos períodos de melancolía. Sí, al parecer el hombre padecía*

⁴⁸⁰ Nossa tradução livre: – E nós somos mulheres, General, mulheres que sabem o justo valor da vida; Cuidamos dela com compressas, unguentos, cortes, sangrias, fuzis, sabres, pedras ou balas de canhão, com o que for, General, com unhas e dentes, com mentiras, com traições, com intrigas e vinganças. Uma mulher protege, de qualquer forma, a vida daqueles a quem ama. A liberdade, neste caso. (MIGUENS, 2019, p. 135).

⁴⁸¹ Nossa tradução livre: Só para Manuela e Simón era perceptível o entrelaçamento da respiração, a mão de um na mão do outro, o contato imediato dos corpos, a agitação do chão sob os pés. (MIGUENS, 2019, p. 136).

*de arrebatos, era voluble y pasional. Emotivo*⁴⁸².” (MIGUENS, 2019, p. 137). Tais características resultavam no que Dulce María definia como “*o mezclado de su ser*” e a narração, então, passa a retratar Bolívar a partir de sua condição de mestiço: “*– El cabello negro, barba y bigotes castaños, tez morena y la piel descolorida en el cuerpo como la de un niño blanco, boca grande de mulato, pies diminutos*⁴⁸³.” (MIGUENS, 2019, p. 137). Temos, na sequência, um longo parágrafo que discorre acerca do termo mestiçagem e de como Simón Bolívar representaria o resultado dessa condição étnica/cultural. Para o narrador heterodiegético, que agora passa a conversar com o leitor, Bolívar era a irremediável conclusão da mestiçagem, conforme evidencia o fragmento destacado a seguir:

*Mestizaje que multiplica las antinomias y contradicciones. Mestizaje que hace de los americanos seres inadaptables, derrotados y rebeldes a la vez, resentidos y confusos; de una malicia e ingenio extremadamente sutiles, elementos imprescindibles como basamento para formar las virtudes intelectuales de una sociedad culta*⁴⁸⁴. (MIGUENS, 2019, p. 137-138).

O referido trecho define mestiçagem a partir de uma série de associações negativas ao termo, como se o fato de ser mestiço fosse o produto de uma sociedade em crises constantes. Segundo a proposição do narrador heterodiegético, ser mestiço resume-se a uma vida de extremos e inaptações, de buscas incertas, de perdas constantes. Ao concluir a reflexão, verificamos que duas características inerentes aos mestiços são fundamentais à constituição de uma sociedade culta, de acordo com padrões eurocêntricos: a malícia e a criatividade.

Dessa forma, no que tange ao termo “mestiçagem” e suas possíveis definições, buscamos evidenciar o fato de que quando duas culturas se encontram – o que se dá a partir de uma condição de dominação e imposição cultural, religiosa e

⁴⁸² Nossa tradução livre: [...] de uma atividade contínua, orgulhoso, de imaginação transbordante e que todas essas emoções, de repente, eram transmutadas em longos períodos de melancolia. Sim, aparentemente, o homem sofria de explosões, era inconstante e apaixonado. Emotivo. (MIGUENS, 2019, p. 137).

⁴⁸³ Nossa tradução livre: – Cabelo preto, barba e bigode castanhos, tez escura e pele descolorida no corpo como a de uma criança branca, boca grande de mulato, pés minúsculos. (MIGUENS, 2019, p. 137).

⁴⁸⁴ Nossa tradução livre: Mestiçagem que multiplica as antinomias e contradições. A miscigenação que torna os americanos seres inadaptáveis, derrotados e rebeldes ao mesmo tempo, ressentidos e confusos; de uma malícia e engenho extremamente sutis, elementos essenciais como fundamento para se formar as virtudes intelectuais de uma sociedade culta. (MIGUENS, 2019, p. 137, 138).

política – o resultado dessa junção consiste em uma composição inédita, que não é inferior, mas original e valiosa. Entretanto, tal perspectiva tenciona-se de encontro com o que a obra propõe sobre o tema, segundo a narrativa, Simón Bolívar “[...] *era el producto de esa estepa criolla aquejada de languidez mental, voluble, sensible y moral, una mezcla pura entre la ilustre aristocracia manutana de Venezuela y el ímpetu pasional de la raza negra [...]*”⁴⁸⁵.” (MIGUENS, 2019, p. 138). O excerto deixa evidente que essa confluência de povos e culturas consiste em uma característica enfraquecedora. Dessa forma, a escolha dos adjetivos ressalta uma ideologia que perpassa essa narração, mesmo que estejamos diante de uma composição crítica e ressignificadora em múltiplos outros sentidos. Uma ilustre aristocracia e um ímpeto passional de uma raça evidenciam o olhar de quem narra, que compreende a aristocracia como superior, avançada e culta, frente a um impulso praticamente incontrolável do negro.

Ao revisitarmos, contudo, o termo “mestiçagem”, nossa perspectiva a respeito do tema e de sua definição distancia-se da proposição efetuada no romance e converge com os estudos realizados pelo historiador venezuelano Arturo Uslar Pietri, em seu texto intitulado “El mestizaje y el nuevo mundo”, no qual o autor expressa que

*[...] por un absurdo y antihistórico concepto de pureza, los hispanoamericanos han tendido a mirar como una marca de inferioridad la condición de su mestizaje. Han llegado a creer que no hay otro mestizaje que el de la sangre y se han inhibido en buena parte para mirar y comprender lo más valioso y original de su propia condición*⁴⁸⁶. (USLAR PIETRI, 1990, n/p).

Por meio dessa lógica limitadora de superioridade racial, uma vez que tais perspectivas são absolutamente relativas, acreditava-se e se acredita, em tempos hodiernos, em contextos impulsionados por uma visão eurocêntrica, que o atravessamento de culturas seja uma condição indesejada. No entanto, o que Uslar

⁴⁸⁵ Nossa tradução livre: [...] ele era o produto daquela estepe crioula afligida, de langor mental, inconstante, sensível e moral, uma pura mistura entre a ilustre aristocracia manutana da Venezuela e o ímpeto passional da raça negra [...]. (MIGUENS, 2019, p. 138).

⁴⁸⁶ Nossa tradução livre: [...] Debido a um conceito absurdo e anti-histórico de pureza, os hispano-americanos tenderam a ver a condição de sua miscigenação como uma marca de inferioridade. Eles passaram a acreditar que não há outra miscigenação além da do sangue e se inibiram, em grande parte, de olhar e entender o que é o mais valioso e original de sua própria condição. (USLAR PIETRI, 1990, s/p).

Pietri aponta-nos é que essa visão, marcadamente limitada e moldada por padrões estrangeiros, não nos permite descobrir os benefícios dessa posição. “*Lo que vino a realizar-se en América no fue ni la permanencia del mundo indígena, ni la prolongación de Europa. Lo que ocurrió fue otra cosa y por eso fue Nuevo Mundo desde el comienzo*⁴⁸⁷.” (USLAR PIETRI, 1990, n/p). Desse modo, a mestiçagem, fruto de conflitos, dor e submissão de distintos modos, corresponde a um resultado/produto peculiar, que transforma sociedades e que, portanto, consiste em uma especificidade singular e inédita, cuja valorização cabe-nos exercer.

Nesse sentido, a narrativa avança para uma percepção que Dulce María teve ao prever a aproximação do casal. Nesse relato, estamos diante de uma visão unilateral delineada pelo traço colonial, que insiste em um padrão tradicional eurocêntrico inalcançável, uma vez que, de acordo com o narrador heterodiegético, o fato de serem órfãos consiste em uma característica definidora de caráter e comportamento. Vejamos:

*Sin embargo, Dulce María había alcanzado a vislumbrar en los círculos más pequeños del agua del estanque que el hombre era un huérfano insumiso, mimado y caprichoso que aprisionaría, sin haber solicitado autorización a nadie, la mano de Manuela Sáenz, huérfana, insumisa, mimada y caprichosa*⁴⁸⁸. (MIGUENS, 2019, p. 138).

Assim, o texto de Miguens (2019) envereda-se por fronteiras sensíveis entre uma visão crítica do passado histórico e uma perspectiva corroboradora da colonialidade, em que a visão eurocêntrica é inserida no contexto americano e se torna a régua para avaliar comportamentos e ações em um espaço distinto. Dessa forma, a diegese se desloca para ângulos opostos, promovendo construção híbrida de história e ficção que apresenta ao seu leitor uma possibilidade de ressignificação constante, com personagens e relatos não registrados pela historiografia tradicional positivista, ainda que, em outros momentos, reforce a ideologia eurocêntrica.

⁴⁸⁷ Nossa tradução livre: O que ocorreu na América não foi a permanência do mundo indígena, nem o prolongamento da Europa. O que aconteceu foi outra coisa e é por isso que esse foi o Novo Mundo, desde o início. (USLAR PIETRI, 1990, s/p).

⁴⁸⁸ Nossa tradução livre: No entanto, Dulce María conseguira vislumbrar nos menores círculos da água da lagoa que o homem era um órfão rebelde, mimado e teimoso que aprisionaria, sem ter pedido autorização a ninguém, a mão de Manuela Sáenz, órfã, rebelde, mimada e teimosa. (MIGUENS, 2019, p. 138).

A narrativa expõe com detalhes os primeiros encontros entre as personagens Sáenz e Bolívar, delineados pela excepcionalidade da protagonista. Ao deixarem o baile juntos, o casal entra em um automóvel e se desloca até os aposentos do general. No trajeto, após uma crise de tosse – que já indica o modo fatídico sobre como Bolívar morrerá, oito anos mais tarde –, ele murmura à Sáenz a seguinte afirmação: “*Creo que en usted terminan todas las búsquedas*⁴⁸⁹.” (MIGUENS, 2019, p. 139). As conversas que seguem têm a guerra pela independência como eixo principal. A personagem Bolívar, ao questionar a protagonista sobre o fato dela realmente acreditar na guerra, afirma, diante de sua resposta afirmativa, que os espanhóis os temem, que o fato de terem desafiado a coroa espanhola converte-se em orgulho para os combatentes. “*Se molestan por nuestra existencia, pero nos honran con su amenaza. Luego nos queda resistir hasta ser libres*⁴⁹⁰.” (MIGUENS, 2019, p. 139).

Assim, a conversa muda de ares e foca na presença e importância do general San Martín aos movimentos independentistas. Como a personagem Sáenz já havia convivido com o argentino, Bolívar prontamente interessa-se pela sua perspectiva acerca das intercorrências do movimento no Peru. Entre as discussões, Bolívar questiona a protagonista sobre a possibilidade de convencer San Martín a desistir de anexar Guayaquil ao Peru, ao que ele prontamente responde:

– *Debería ir usted mismo en persona, general, impresionar a los indecisos, acogerlos bajo su protección y la República de Colombia. A San Martín le interesa Guayaquil, pero él es ceñudo, flemático, seco y sombrío, es un ególatra que adora la monarquía... Utilice cualquiera de estos atributos en su contra y verá: él mismo va a presentar su dimisión*⁴⁹¹. (MIGUENS, 2019, p. 140 - 141).

Bolívar, surpreso com tamanha desaprovação por parte de Sáenz, pergunta, então, a razão pela qual ela aceitou o título da Ordem do Sol, outorgada a ela e a outras mulheres que participaram do movimento, uma vez que sua opinião sobre

⁴⁸⁹ Nossa tradução livre: Acredito que todas as buscas terminam em você. (MIGUENS, 2019, p. 139).

⁴⁹⁰ Nossa tradução livre: Eles se ressentem de nossa existência, mas nos honram com sua ameaça. Então, temos que resistir até estarmos livres. (MIGUENS, 2019, p. 139).

⁴⁹¹ Nossa tradução livre: – Você deve ir pessoalmente, General, impressionar os indecisos, levá-los sob a sua proteção e a da República da Colômbia. San Martín está interessado em Guayaquil, mas é carrancudo, fleumático, seco e sombrio, é um egocêntrico que adora a monarquia... Use qualquer um desses atributos contra ele e você verá: ele mesmo vai renunciar. (MIGUENS, 2019, p. 140 - 141).

San Martín era de tamanha rejeição. Sáenz responde que não haveria como não aceitar, pois “*es patrimonio de los guerreros libertadores, un premio a los ciudadanos virtuosos y recompensa de todos los hombres beneméritos...¿Podía no aceptarla, general?*”⁴⁹² (MIGUENS, 2019, p. 141). Bolívar, no entanto, responde que essa era uma ação que tinha como pretexto recompensar os criollos com certos títulos de nobreza, em uma incontornável comparação com as sociedades europeias, tornando a América uma extensão dos modelos espanhóis.

Os dias seguintes, de acordo com a diegese, são de aproximação entre as personagens Sáenz e Bolívar. Em um determinado momento, a protagonista conduz o general até uma pequena vila em que ele poderá compreender como a luta pela liberdade era composta por cada indivíduo mesmo pelos mais distantes. Nesse lugar, Bolívar verifica que todos trabalhavam com a terra, até mesmo as crianças. A terra, portanto, era separada, parte servia às plantações de mandioca, parte para modelar figuras a partir da argila, e as pedras tinham como finalidade a produção de um arsenal de armas populares. Bolívar, frente a tal perspectiva, em que a guerra atinge a todos, indiscriminadamente, pergunta à protagonista se tudo isso o que viviam não era um grande erro, ao que ela responde: “– *Renaceremos de nuestros errores, general, de los despojos. Ninguno podrá verlo. Ni nosotros, ni estos niños. Tampoco los niños que nazcan de los niños de estos niños. La patria es la lucha... se pelea para no perder el derecho a la lucha*”⁴⁹³. (MIGUENS, 2019, p. 147).

Pela construção diegética, fica evidente como o general Bolívar, nesse romance, duvida da guerra, das lutas e da independência, ele não possui a certeza de que tais artifícios fossem mesmo necessários, diferentemente da personagem Manuela Sáenz, que reforça, a todo momento, a indispensabilidade do conflito. Desse modo, a diegese delineia uma personagem convicta e disposta a convencer quem fosse necessário de que a independência era uma urgência. O capítulo encerra-se com uma cena vista por todos de uma mãe agredindo seu filho por ele ter se aproximado dos realistas, cujo fragmento destacamos a seguir:

⁴⁹² Nossa tradução livre: É o patrimônio dos guerreiros libertadores, um prêmio para cidadãos virtuosos e uma recompensa para todos os homens dignos... Poderia não aceitar isso, General? (MIGUENS, 2019, p. 141).

⁴⁹³ Nossa tradução livre: – Renasceremos dos nossos erros, General, dos despojos. Ninguém será capaz de vê-lo. Nem nós, nem essas crianças. Nem os filhos nascidos dos filhos dessas crianças. A pátria é a luta... você luta para não perder o direito de lutar. (MIGUENS, 2019, p. 147).

El hombre se mantenía erguido, solo dejaba caer la cabeza contra su pecho. La mujer le quitaba a tirones las bandas cruzadas y blancas, la casaca colorada, cada una de las prendas, todas pertenecientes al uniforme de los realistas. [...] Ella hundió una de las prendas en el barro y lo echó sobre el cuerpo desnudo del hombre. Así varias veces golpeó hasta que la cabeza, la cara, los hombros, el cuello y hasta los pies quedaron cubiertos de lodo⁴⁹⁴. (MIGUENS, 2019, p. 148).

A mulher, transtornada com a traição de seu filho grita que aquela era a terra dele, que ele encharcou com o sangue dos seus, que havia matado e desonrados seus deuses. As personagens Bolívar, Sáenz, Nathán, Jonathán e Dulce María presenciam o castigo, quando Nathán afirma que: “[...] *ese medio ladino parido por esa mujer, este hombre a quien su madre azota por traicionar a los suyos, no va a ser nunca español, ni tampoco como su madre aunque haya nacido en esta tierra*⁴⁹⁵.” (MIGUENS, 2019, p. 150). Assim, Nathán expõe a condição desse mestiço que não se vê representado por nenhuma cultura, uma vez que ele corresponde à interposição desses povos. Na sequência, Nathán desenvolve sua crítica em um discurso denunciativo. Aqui, essa diegese dá voz à condição e à perspectiva da escrava de Manuela Sáenz, que, até então, não havia sido ouvida. As personagens Bolívar e Sáenz, frente às duras denúncias, apenas ouvem, com desconforto e desentendimento, a indignação dessas mulheres, cuja enunciação apontamos a seguir:

– No, si la culpa no es de Dios, la culpa es de los que pretenden hacernos creer que todo es pecado; y si matar, robar, mentir y fornicar es pecado, por qué ellos matan roban, mienten y fornican; por qué nos obligan a servirlos, por qué intentan sembrar sus hijos en las mujeres como yo. ¿Para que sigamos pariendo esclavos?⁴⁹⁶ (MIGUENS, 2019, p. 150).

⁴⁹⁴ Nossa tradução livre: O homem ficou ereto, apenas deixando a cabeça cair contra o peito. A mulher arrancou as faixas brancas cruzadas, a jaqueta vermelha, cada uma das roupas, todas pertencentes ao uniforme monarquista. [...] Ela mergulhou uma das roupas na lama e a atirou sobre o corpo nu do homem. Ela bateu-a nele várias vezes até que sua cabeça, rosto, ombros, pescoço e até seus pés ficaram cobertos de lama. (MIGUENS, 2019, p. 148).

⁴⁹⁵ Nossa tradução livre: [...] aquele meio-ladino, gerado por aquela mulher, este homem que sua mãe açoita por trair os seus, nunca será espanhol, nem será como sua mãe, embora tenha nascido nesta terra. (MIGUENS, 2019, p. 150).

⁴⁹⁶ Nossa tradução livre: – Não, se a culpa não é de Deus, é culpa de quem tenta nos fazer acreditar que tudo é pecado; E se matar, roubar, mentir e fornicar é pecado, por que matam, roubam, mentem e fornicam? Por que nos obrigam a servi-los, por que tentam plantar seus filhos em úteros de mulheres como eu. Para que continuemos a dar à luz a escravos? (MIGUENS, 2019, p. 150).

A personagem Bolívar, ao perguntar o que tudo isso significava, sem compreender muito a respeito das últimas cenas e das falas de Nathán, recebe como resposta o comentário de Dulce María: “– *Esto es la antesala, general [...], se diría que acá se combate por la misma causa que sus soldados lo hacen allá arriba. Esta gente guerrea por la tierra, no por un mundo nuevo. [...] Deberá tenernos en cuenta, general*⁴⁹⁷.” (MIGUENS, 2019, p. 150). Desse modo, frente a tais perspectivas claras de que a guerra pela liberdade deveria incluir a todos e a todas, a narrativa expõe que a personagem Manuela Sáenz decide por encerrar o assunto e deixar o local. Contudo, a única resposta do general sobre o que havia ouvido foi a seguinte: “– *Ustedes saben mejor que nadie, señoras, que las cosas tienen un tiempo y un orden...*⁴⁹⁸” (MIGUENS, 2019, p. 151). O capítulo encerra-se, portanto, com o grupo deixando esse lugar. Na sequência diegética, as personagens Manuela Sáenz e Simón Bolívar, após inúmeras conversas acerca dos movimentos políticos, aproximam-se amorosamente também.

No que tange aos excertos anteriores, advindos do décimo segundo capítulo da obra, a diegese expõe uma perspectiva outra para a primeira aproximação entre o general venezuelano e Manuela Sáenz; a atração física e o sentimento amoroso aparecem em um segundo momento, ainda que os contatos iniciais vislumbrem tal interesse. Contudo, diante das falas atribuídas à Nathán e à Dulce María, fica evidente para o leitor o tom denunciativo da diegese, expondo com maior clareza os pormenores do conflito, que fora idealizado pela elite *criolla*. Nesse sentido, a independência política e econômica das nações hispânicas significava uma autonomia direcionada apenas às famílias brancas e abastadas. As populações negras e indígenas ocupavam um lugar de completa marginalização, como o romance de Miguens (2019) procura mostrar, mesmo estando presentes nos combates e em outras conjunturas possíveis.

Miguens (2019) promove, aqui, a exposição de um ponto de vista ex-cêntrico, cuja voz foi e tem sido constantemente silenciada. Por outro lado, é vital depreender que o que há nessa construção romanesca são desprendimentos, intenções de

⁴⁹⁷ Nossa tradução livre: – Este é o prelúdio, General [...], parece que aqui você luta pela mesma causa que seus soldados fazem lá em cima. Essas pessoas lutam pela terra, não por um novo mundo. [...] Você deve nos levar em consideração, General. (MIGUENS, 2019, p. 150).

⁴⁹⁸ Nossa tradução livre: – Vocês sabem melhor do que ninguém, senhoras, que as coisas têm hora e ordem... (MIGUENS, 2019, p. 151).

expor o contraditório, não uma ação plenamente desconstrutiva de ressignificação do passado.

Ao avançarmos, o romance, que representa Manuela Sáenz por um viés menos idealizador e mais realista, submerso ainda pelo discurso da colonialidade, estabelece caminhos possíveis para uma desconstrução, mas não os realiza plenamente, possivelmente por não encontrar nos limites do discurso e da compreensão instrumentos que desconstruam modelos coloniais. Tal perspectiva fica evidente com a última citação, positivista em sua essência, uma vez que a fala do general encerra o diálogo e há um pedido para que esperem, pois para tudo há a necessidade de tempo e de ordem, como se a escravidão e a marginalização de grandes populações estivessem inseridas em um arrolamento de condições ordinárias e, até mesmo, naturais.

O décimo terceiro capítulo volta-se à narração autodiegética, em que, por vezes, a personagem Manuela Sáenz escreve suas próprias memórias, e, em outros momentos, há a construção de um discurso direto, com trecho de diálogos estabelecidos entre a protagonista e a personagem Simón Rodríguez, em suas costumeiras conversas. Desse modo, essa parte do romance tem início com a protagonista, Manuela Sáenz, rememorando a forma como Bolívar cobrava dela uma melhor conduta, principalmente com relação ao general Santander. Frente a essas recordações a personagem comenta, “*siempre me citó a Salomón. También a Cervantes: “La mujer ha de ser buena, y parecerlo, que es más” [...] Simón tan cerca a veces y otras tan lejos... Bolívar. Si, él. Todo amor para ellos, ¿y para mí qué?*”⁴⁹⁹ (MIGUENS, 2019, p. 153). Para a protagonista, Bolívar nunca lhe daria o amor que ela esperava, não o suficiente. Assim, em um fluxo de consciência, ao rememorar o passado, Manuela Sáenz rejeita, até mesmo, o conhecimento teórico, ao mencionar que “*soy una tonta, pero lo percebo cada vez mejor. Rousseau, Voltaire, El contrato social; ¿de qué le sirvieron? Nunca supo qué, ni qué hizo con su gloria. ¡Qué tontos fuimos!*”⁵⁰⁰ (MIGUENS, 2019, p. 153). Nessa revolta, a

⁴⁹⁹ Nossa tradução livre: Ele sempre citava Salomão para mim. Também o fazia com Cervantes: “A mulher tem que ser boa, e aparentar ser, o que é mais” [...]. Simón tão perto, às vezes, e outras tão longe... Bolívar. Sim, ele. Todo amor para eles, e para mim? (MIGUENS, 2019, p. 153).

⁵⁰⁰ Nossa tradução livre: Sou uma tola, mas o percebo cada vez melhor. Rousseau, Voltaire, *O Contrato Social*; que utilidade eles tinham? Ele nunca soube o que, ou o que se fez com sua glória. Que tolos fomos! (MIGUENS, 2019, p. 153).

personagem questiona, até mesmo, o sentido de justiça, afirmando que ninguém havia sido justo a Bolívar, que tudo havia feito pela liberdade.

Desse modo, a diegese, que tem como escopo principal as vivências de Manuela Sáenz, está, também, atravessada pela história de Simón Bolívar por meio de um viés, em certa medida, laudatório. Diferentemente do romance analisado anteriormente – *Manuela* (1992), de Luiz Zúñiga –, a narrativa romanesca de Miguens (2019) consegue estabelecer discussões mediante à manipulação ficcional do discurso histórico, uma vez que a diegese se desenvolve por meio de perspectivas distintas e dá voz – ainda que de forma discreta e breve – à manifestação de outras mulheres, como Nathán e Dulce María. Nessa escrita mediadora, Manuela Sáenz transita em dois padrões: o tradicional, corroborador da historiografia positivista – sempre voltado ao passado do general venezuelano Simón Bolívar –, e o crítico – que intenta promover versões outras para os fatos históricos protagonizados por Sáenz.

Nas visitas realizadas à Manuela pela personagem Simón Rodríguez, o assunto, constantemente, convergia às memórias dos combates independentistas e a Bolívar. Simón chega a ressaltar as semelhanças entre o casal” “[...] *tan iguales como solo pueden serlo una mujer y un hombre fuertes. Verlos juntos, señora, verlos bailar la primera noche, fue contemplar dos pájaros en el aire en pleno cortejo*⁵⁰¹.” (MIGUENS, 2019, p. 154). De modo a reforçar essa imagem idealizada promovida pelo interlocutor de Manuela Sáenz, o relato avança para as memórias da protagonista em momentos de intimidade com o general. Há, nesses excertos, um discurso idealizado da relação entre ambos, como se o casal estivesse destinado a tal encontro. Vejamos, no destaque ao trecho do romance feito a seguir, como o discurso romanesco expressa essa perspectiva:

*Un ave cantó hasta que el sol se despegó del horizonte. Andar así, desnudos por el cuarto y por la casa, desde el alba, comenzó a ser uno de esos ritos que los amantes se imponen sin proponer y que llevan a cabo toda la vida. Copulamos tantas veces como fue posible*⁵⁰². (MIGUENS, 2019, p. 156).

⁵⁰¹ Nossa tradução livre: [...] tão iguais quanto só um homem e uma mulher fortes podem ser. Vê-los juntos, madame, vê-los dançar na primeira noite, era contemplar dois pássaros no ar em pleno cortejo. (MIGUENS, 2019, p. 154).

⁵⁰² Nossa tradução livre: Um pássaro cantou até o sol nascer no horizonte. Andar, assim, nus pelo quarto e pela casa, desde o amanhecer, começou a ser um daqueles ritos que os amantes se

Nesse sentido, a narradora discorre sobre um diálogo com Bolívar, em que ela o questiona do porquê de a ter escolhido. Ele, ao lhe responder, afirma que ela era a única a decifrar seus anseios. O general, por sua vez, repete o mesmo questionamento, que fica sem resposta, pois a protagonista não encontrava palavras suficientes que expressassem o que ela buscava. Nas lembranças evocadas, a protagonista reflete sobre essa situação e menciona: “*Cómo decir, como manifestar, como significar al Libertador, entonces, qué sucedía en el corazón de Manuela Sáenz Aizpuru. Cómo expresar, como transmitirle mis sensaciones de haber sentido siempre al hombre y haberlo encontrado*⁵⁰³.” (MIGUENS, 2019, p. 156). Nesse sentido, as rememorações da personagem, com relação a Bolívar, são todas delineadas a partir do enaltecimento da imagem do general, em uma visão laudatória e unilateral, com estreitas vinculações às escritas tradicionais do gênero romanesco.

Tais imagens aproximam-se muito das evocações mitificadoras daquelas do general independentista presentes, por exemplo, na obra de Zúñiga (2000). Dessa forma, é necessário mencionar que, na obra de Miguens (2019), elas vêm ancoradas no processo de verossimilhança inerente à modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação. As ressignificações de Sáenz no romance de Miguens (2019), não chegam a ser desconstrucionistas a ponto de apresentar ao leitor uma configuração de Sáenz como uma personagem que cultivava sentimentos de despreço, desaprovação, rancor, raiva, revolta, etc. por Bolívar, pois, se assim fosse, estaríamos diante de uma obra, absolutamente, desconstrucionista, já que todo o discurso historiográfico representa uma personalidade feminina totalmente devota ao general e dedicada à causa independentista.

Na sequência, em meio à conversa com a personagem Simón Rodríguez, ele ressalta a importância de que Manuela Sáenz, em suas memórias, não silencie nada, relate tudo o que esteja ao alcance de suas recordações e experiência. De acordo com essa personagem, interlocutora da protagonista, “[...] *aún no lo ha entregado todo, que la vida nace cuando se la cuenta, señora mía, pero que nada*

impõem sem propor e que realizam por toda a vida. Nós copulamos tantas vezes quanto possível. (MIGUENS, 2019, p. 156).

⁵⁰³ Nossa tradução livre: Como dizer, como manifestar, como significar o Libertador, então, o que estava acontecendo no coração de Manuela Sáenz Aizpuru. Como expressar, como transmitir minhas sensações de sempre ter pressentido o homem e tê-lo encontrado. (MIGUENS, 2019, p. 156).

*servirá si los que escriben la historia no utilizan la luz de la deducción y la comprensión. Que el signo de la historia no es tanto lo real como lo comprensible...*⁵⁰⁴ (MIGUENS, 2019, p. 157). Desse modo, a narrativa estabelece uma metadiscussão sobre o ato de escrever e de registrar o passado. Assim, o que existe, seja na memória ou na literatura, só adquire materialidade porque um dia foi narrado ou escrito, nada do que não se registrou é tangível, e aí reside a importância da escrita, do registro, da palavra: ela materializa o abstrato que, na oralidade, pode se perder ao longo do tempo.

Nesse fluxo de consciência da personagem, a diegese aponta para outra digressão de Simón Rodríguez, que discute acerca da vida na colônia no período de repúblicas incipientes. Em sua reflexão, trazer mais ideias coloniais às colônias consiste em nada mais que do que um capricho desnecessário. *“Tratamos de quemar las ideas que tenemos y nos ofrecen más... creen que adobadas a la moda no las vamos a reconocer...”*⁵⁰⁵ (MIGUENS, 2019, p. 159). Tal proposição, decolonial em sua essência, recebe, ainda, a corroboração da personagem Dulce María, que ressalta a questão de que *“así se irán amontonando los nuevos retazos...”*⁵⁰⁶ (MIGUENS, 2019, p. 159). Diante de tais ponderações críticas, que conduzem o leitor a um simples questionamento acerca da submissão colonial, mesmo após a descolonização espanhola, por que, então, seguir inserindo ideais estrangeiros, tão pouco aplicáveis, à realidade hispano-americana? Possivelmente, a resposta da personagem Dulce María completa o raciocínio: difundir por todo o território restos, inconclusões, pedaços que não servirão à sociedade ali presente, mas a confundirá e promoverá o desequilíbrio e a busca por um ideal inatingível, por não ser adequado à realidade das nações recém independentes.

Na sequência, depois de algumas recordações compartilhadas sobre Bolívar, Dulce María questiona a protagonista a respeito da real necessidade de recordar, inquirindo que *“¿acaso hay alguien dispuesto a caer en la cuenta de todo?”* (MIGUENS, 2019, p. 164). A protagonista, então, afirma que mergulhar em suas

⁵⁰⁴ Nossa tradução livre: [...] ainda não entregou tudo, que a vida nasce quando é contada, minha senhora, mas que nada vai dar certo se quem escreve a história não usar a luz da dedução e do entendimento. Que o signo da história não é tanto o real quanto o compreensível... (MIGUENS, 2019, p. 157).

⁵⁰⁵ Nossa tradução livre: Tratamos de queimar as ideias que temos e eles nos oferecem mais... acham que se elas estiverem vestidos à moda não as reconheceremos... (MIGUENS, 2019, p. 159).

⁵⁰⁶ Nossa tradução livre: Há alguém disposto a descobrir tudo? (MIGUENS, 2019, p. 164).

memórias é uma ação involuntária como um “*monstruo de tres cabezas con tres lenguas de fuego y brazos fríos como serpientes*⁵⁰⁷.” (MIGUENS, 2019, p. 164). Essa é uma situação da qual não pode escapar, pois ela é incontornável, portanto.

Em meio a suas lembranças, a protagonista recorda uma cobra que havia visto durante os anos de relacionamento com Bolívar. Com muitos detalhes, o relato descreve as mínimas movimentações do réptil de modo a estabelecer uma metáfora com o tempo: “*Creí haberla visto antes, pequeña aún, culebra verde y graciosa, persiguiendo una largartija que iba tras unas mosquista azules. No hay ciclo que no se cumpla, me dije, [...]*⁵⁰⁸.” (MIGUENS, 2019, p. 164). Nas páginas seguintes, a cobra volta às memórias da protagonista, quando, ao observá-la, sua gata ataca-a e mata o réptil, inadvertidamente por instinto, encerrando, assim, mais um ciclo.

Outro excerto merece nossa atenção na obra, esse é o momento quando a personagem Sáenz, que dormia sozinha, pois Bolívar ausentara-se em decorrência dos conflitos, desperta de seu sonho, e vê o manto da Virgem de Guadalupe e seu sorriso. A protagonista, que não acreditava em santos, passa a questionar a imagem: “*¿A qué vienes? ¿Acaso me dirás como retenerlo? ¿Acaso puedes enseñarme qué y cómo hacer para que no se canse de mí?*⁵⁰⁹” (MIGUENS, 2019, p. 169). Aqui, fica-nos evidente a mescla de intencionalidades do romance, uma vez que há uma imagem cristã que se aproxima da protagonista, mas é rechaçada por ela. Do mesmo modo, os questionamentos de protagonista são todos sobre como manter Bolívar em sua companhia, estando ele no centro de todas as suas intenções. Portanto, a narrativa delinea uma criticidade constante, que é, também, atravessada, por essa dependência emocional, bastante clara nas escritas sobre a vida de Sáenz. O capítulo encerra-se com uma nota da personagem Bolívar à Manuela Sáenz, reforçando uma idealização romântica tencionada nessa seção. “*... Espérame, Manuela, y hazlo ataviada con ese velo azul transparente, igual que la ninfa que cautiva al argonauta. Tuyo, Bolívar*⁵¹⁰.” (MIGUENS, 2019, p. 170).

⁵⁰⁷ Nossa tradução livre: [...] monstro de três cabeças com três línguas de fogo e braços frios como cobras. (MIGUENS, 2019, p. 164).

⁵⁰⁸ Nossa tradução livre: Achei tê-la visto já antes, ainda pequena, uma cobra verde engraçada, perseguindo um lagarto que estava atrás de algumas moscas azuis. Não há ciclo que não se cumpra, disse a mim mesma, [...]. (MIGUENS, 2019, p. 164).

⁵⁰⁹ Nossa tradução livre: Para que vens? Você vai me dizer como retê-lo? Você pode me ensinar o que e como fazer para que ele não se canse de mim? (MIGUENS, 2019, p. 169).

⁵¹⁰ Nossa tradução livre: ... Espere por mim, Manuela, e o faça vestida com esse véu azul transparente, igual à ninfa que cativa o Argonauta. Seu, Bolívar. (MIGUENS, 2019, p. 170).

No que tange à teoria crítica referente ao romance histórico, avancemos, agora, à quarta característica do romance histórico contemporâneo de mediação. De acordo com Fleck (2017), essa pode ser definida pelo “emprego de uma linguagem amena, fluída e coloquial”. Dessa forma, não se exige do leitor uma experiência de leitura robusta, o vocabulário menos sofisticado promove uma aproximação entre a obra e quem a lê. Segundo o referido teórico,

[...] o romance histórico contemporâneo de mediação prima pelo emprego de uma linguagem simples e de uso cotidiano, em oposição ao barroquismo e ao experimentalismo linguístico dos novos romances históricos e de muitas metaficções historiográficas e das discussões teóricas muitas vezes incluídas nessas modalidades. As frases são, geralmente curtas e elaboradas de preferência em ordem direta, e com um vocabulário mais voltado ao domínio comum que ao erudito. (FLECK, 2017, p. 111).

Sendo assim, a narrativa de Miguens (2019) apropria-se de uma linguagem compreensível, o que favorece o entendimento da obra e desperta o interesse do público para um texto que revisita e ressignifica o passado, sem estabelecer grandes rupturas. A presença constante do discurso direto viabiliza a clara intenção da diegese: relatar as impressões de Manuela Sáenz acerca de sua própria trajetória. Vejamos um trecho, advindo do décimo quarto capítulo, cujo início acontece na forma de um diálogo:

– *¿El solitario y sus mujeres?* – *Preguntó Manuela y Rosita comenzó a leer:*
– *Cuando Johami tenía doce años, el viejo que lo había educado pensó: “Este es mi hijo; su educación está terminada. Lo llevaré al obispo para que lo haga diácono”; entonces partió con Johami, y cuando estaban alejados de su casa, el niño vio diez mujeres que cargaban agua en jarros, estaban desnudas y sus senos, abultados: [...]*⁵¹¹ (MIGUENS, 2019, p. 171).

No referido excerto, assim como em todos os anteriores já citados e analisados, a linguagem é, predominantemente, coloquial e flui à medida que a

⁵¹¹ Nossa tradução livre: – O homem solitário e suas mulheres? – Manuela perguntou e Rosita começou a ler: – Quando Johami tinha doze anos, o velho que o havia educado pensou: “Este é meu filho; sua educação está terminada. Vou levá-lo ao bispo para torná-lo diácono”; depois saiu com Johami, e quando estavam longe de sua casa, o menino viu dez mulheres carregando água em jarras, estavam nuas e com os seios avultados: [...] (MIGUENS, 2019, p. 171).

leitura avança. A criticidade e a quebra com uma escrita tradicional acontecem de modo claro e direcionado. Nessa obra, personagens de extração históricas ex-cêntricas recebem espaço de fala e permanência, ainda que, por vezes, tal espaço seja limitado e pouco explorado, e manifestam-se com os mesmos recursos linguísticos, de modo geral. Não há, portanto, nenhuma atribuição linguística a determinada personagem. Todos compartilham de uma mesma fluidez e simplicidade lexical.

O décimo quarto capítulo inicia-se, portanto, com o referido diálogo, que serve como uma síntese a respeito do que as próximas páginas abordarão. Dessa forma, Sáenz segue com a leitura de uma lenda, que segundo ela é da Etiópia, e o menino que havia visto as mulheres nuas, pergunta para seu pai, uma vez que não conhecia mulheres, quem eram aqueles seres singulares e sedutores e que tinham cabelos tão grandes. Assim, após refletir sobre o que diria ao seu filho, o pai afirma que: *“Hijo mío, aquellos seres son demônios que atrapan las almas en sus redes. Si volvermos a verlos, arrójate en el precipicio⁵¹².”* (MIGUENS, 2019, p. 171). A protagonista, que estava na companhia de Rosita, questiona-a de forma retórica se San Martín havia feito o mesmo, pulado de um precipício de modo a se evadir de um relacionamento amoroso.

A narrativa avança e a personagem Rosita pergunta a sua interlocutora, Manuela Sáenz, se Bolívar havia mandado notícias. Ela afirma que o general em breve responderia e que em sua última correspondência ela havia questionado o porquê de ele tê-la feito se apaixonar se a deixaria em breve. A resposta foi, contudo, evasiva e descomprometida; para Bolívar o amor os libertaria. Assim, por se amarem, ambos estariam cada vez mais livres. A protagonista, então, confia a Rosita, expondo sua faceta de amante e dependente, que a única coisa que lhe importa é o amor de Bolívar.

Desse modo, o referido trecho, entre outros que já mencionamos, estabelece aproximações com as composições mais tradicionais de escrita em que a personagem ex-cêntrica, agora protagonizada, comunga dos mesmos pressupostos historiográficos positivistas e atua na corroboração dos heróis já perpetrados pelo registro oficial. No entanto, tais aproximações logo são acompanhadas de trechos

⁵¹² Nossa tradução livre: Meu filho, esses seres são demônios que prendem as almas em suas redes. Se os virmos novamente, jogue-se do penhasco. (MIGUENS, 2019, p. 171).

mais questionadores e críticos, estabelecendo, assim, o que se caracteriza como um romance histórico de mediação, ao apresentar uma figuração verossímil da protagonista e de seu discurso.

Na sequência, a diegese constrói um pequeno trecho em que se manipulam as ações temporais, proporcionando que o leitor tenha a visão de um todo. Assim, A personagem Manuela Sáenz entrega à sua amiga Rosita um papel em que há uma lista com nomes de mais de vinte mulheres a que ela deduz serem aquelas com as quais Bolívar já havia se relacionado. Todavia, a protagonista responde que *“algunas, solo algunos de los abismos a los que se ha arrojado y se arrojará aún mi amado Simón, a muchas de ellas quizá no las conoce aún, pero no tardará mucho en arremeter contra ellas⁵¹³.”* (MIGUENS, 2019, p. 173). Temos, aqui, uma imagem deslocada, que abarca passado, presente e futuro, em que a protagonista já sabe o que acontecerá e utiliza de tal destino para reafirmar o seu relacionamento. Como aponta a diegese, *“[...] esas mujeres son solo un pretexto... ¿acaso no lo has dicho ya?: forman parte del averno donde se arroja cuando no quiere verme⁵¹⁴.”* (MIGUENS, 2019, p. 173). Para a personagem Sáenz, portanto, a certeza de que Bolívar regressará a ela é inabalável. Seu discurso não é vitimista e inseguro, ela lida com a situação imposta e age sobre ela, a seu modo, movida – segundo a narrativa romanesca em questão – pelo amor inquestionável que sente pelo general. Como em um trânsito de perspectivas, há, aqui, o reforço de uma imagem anteriormente criada do amor romântico mediada pela criticidade de saber que outras mulheres também acompanhariam Bolívar e de que não haveria sentimento que o mantivesse fiel a ela.

A personagem Dulce María, que acompanha a discussão, em um breve instante de silêncio, entrega à protagonista uma carta de Bolívar, em que ele reafirma seu sentimento por ela. A personagem, movida pela emoção do momento, decide, por fim, escrever uma carta para Thorne, estabelecendo a definitiva separação entre eles e pede que Nathán e Jonathán arrumem as malas, pois iriam ao encontro do general. Em seguida, o narrador heterodiegético conduz o leitor para

⁵¹³ Nossa tradução livre: algumas, apenas alguns dos abismos em que meu amado Simón se jogou e ainda se jogará, muitas delas, talvez, ele ainda não conheça, mas não demorará muito para se aproximar delas. (MIGUENS, 2019, p. 173).

⁵¹⁴ Nossa tradução livre: [...] essas mulheres são apenas um pretexto... você já não o disse?: elas fazem parte do submundo onde ele se joga quando não quer me ver. (MIGUENS, 2019, p. 173).

uma análise historiográfica sobre as questões que envolviam Bolívar e San Martín. De acordo com o discurso do narrador,

[...] *mientras San Martín y Bolívar se encontraban en Guayaquil, Monteagudo encrespó los ánimos hasta el extremo de producir un motín en Lima, motivo por el cual sería expulsado del país en pocos días. Bolívar, una vez marcado su territorio en Guayaquil y haciendo alarde de aquella anticipada conquista de la manzana de la discordia, daba su bienvenida a San Martín*⁵¹⁵. (MIGUENS, 2019, p. 175).

Assim, as personagens Manuela Sáenz e Rosita Campuzano, mesmo longe de seus companheiros, seguiam em Lima, acompanhando, inquietas, os movimentos políticos que se desenrolavam. O relato romanesco ressalta que ambas as mulheres “*se veían lejanas a la situación, pero nunca ajenas. Conocían a sus hombres*⁵¹⁶.” (MIGUENS, 2019, p. 175). Contudo, diante da ineficiência dos acordos realizados entre Bolívar e San Martín, o general argentino deixa o Peru e Campuzano, encerrando o capítulo. “*Nunca más Rosa Campusano para el general San Martín. Nunca más San Martín para Rosa Campusano; tampoco para el Perú*⁵¹⁷.” (MIGUENS, 2019, p. 177).

O décimo quinto capítulo consiste na carta que a protagonista escreve como resposta a Thorne, que pede para que ela volte para o seu casamento. Possivelmente, essa tenha sido a missiva composta por ela no capítulo anterior e que, aqui, fica na íntegra ao leitor. Vale ressaltar que essa carta é um documento histórico utilizada como recurso não apenas em romances, mas, também, em suas biografias. Dessa escrita, alguns trechos chamam-nos a atenção pela postura e pela decisão da personagem romanesca que, nesse momento, funde-se com a personalidade de Sáenz, já que ambas as configurações compartilham do mesmo discurso, direcionado a Thorne: “*¿Crees por un momento que, después de ser amada por ese general durante años, de tener la seguridad de que poseo su*

⁵¹⁵ Nossa tradução livre: [...] enquanto San Martín e Bolívar estavam em Guayaquil, Monteagudo levantou ânimo a ponto de causar um tumulto em Lima, pelo qual seria expulso do país em poucos dias. Bolívar, uma vez delimitado seu território em Guayaquil e se gabando dessa antecipada conquista do pomo da discórdia, deu as boas-vindas a San Martín. (MIGUENS, 2019, p. 175).

⁵¹⁶ Nossa tradução livre: Elas pareciam distantes da situação, mas nunca alheias. Elas conheciam seus homens. (MIGUENS, 2019, p. 175).

⁵¹⁷ Nossa tradução livre: Nunca mais Rosa Campuzano para o General San Martín. Nunca mais San Martín para Rosa Campuzano; nem para o Peru. (MIGUENS, 2019, p. 177).

*corazón, voy a preferir ser la esposa del Padre, del Hijo, del Espíritu Santo o de los tres juntos?*⁵¹⁸ (MIGUENS, 2019, p. 179). Nesse excerto, a protagonista estabelece, também, uma clara referência intertextual com o cristianismo, quebrando com qualquer horizonte de expectativa do interlocutor a respeito de uma possível reconciliação. A despreocupação com que ela aborda o tema religioso rompe com padrões coloniais, que tinham como intento a propagação do catolicismo. Como fica evidente, também, no excerto destacado à continuação:

[...] *¿crees que me siento menos honrada porque sea mi amante y no mi marido? [...] Déjame en paz. Hagamos en cambio otra cosa. Nos casaremos cuanto estemos en el cielo, pero en esta tierra ¡no! ¿Crees que la solución es mala? En nuestro hogar celestial, nuestras vidas serán enteramente espirituales. Entonces todo será muy inglés, porque la monotonía está reservada para tu nación [...]*⁵¹⁹. (MIGUENS, 2019, p. 179).

Assim, de modo a não deixar dúvidas quanto ao definitivo rompimento, a protagonista encerra a carta, afirmando, mais uma vez, sua postura decolonial ainda incipiente, em que não reconhece e não aceita os signos europeus impostos à América. Vejamos como o documento, agora inserido no âmbito ficcional, expressa essa visão da protagonista: “*Eres católico, yo soy atea y esto es nuestro gran obstáculo religioso; quiero a otro y esto es una razón mayor todavía más fuerte*⁵²⁰.” (MIGUENS, 2019, p. 180). Vale ressaltar que essa carta, cuja existência fatural é de fácil comprovação, é recorrentemente usada em romances e biografias, tornando-se um símbolo de subversão da própria personalidade empírica de Manuela Sáenz.

O décimo sexto capítulo, escrito a partir de um narrador autodiegético, inicia-se com a protagonista ouvindo uma voz desconhecida, mas cuja essência não lhe soava distante. Essa voz, masculina, fala para a personagem Sáenz sobre a terra, conquistas e destino. “– *La tierra tiene corazón, cabeza, dos manos y tiene pies... La*

⁵¹⁸ Nossa tradução livre: Você pensa, por um momento, que, depois de ser amada por aquele general por anos, depois de ter certeza de que tenho seu coração, eu preferiria ser a esposa do Pai, do Filho, do Espírito Santo ou dos três juntos? (MIGUENS, 2019, p. 179).

⁵¹⁹ Nossa tradução livre: [...] você acha que eu me sinto menos honrada porque ele é meu amante e não meu marido? [...] Deixe-me em paz. Vamos fazer outra coisa em vez disso. Nós nos casaremos quando estivermos no céu, mas nesta terra, não! Você acha que a solução é ruim? Em nosso lar celestial, nossa vida será inteiramente espiritual. Então tudo será muito inglês, porque a monotonia está reservada para a sua nação [...]. (MIGUENS, 2019, p. 179).

⁵²⁰ Nossa tradução livre: Você é católico, eu sou atea e esse é o nosso grande obstáculo religioso; Eu amo outra pessoa e esta é uma razão ainda mais forte. (MIGUENS, 2019, p. 180).

*tierra ofrece, da, celebra, alimenta y como tiene corazón exige. [...] La tierra exige el cuidado de sí... Usted debe cuidarse de sí misma, mi capitana...*⁵²¹.” (MIGUENS, 2019, p. 181). A personagem Sáenz, então, desperta, em Paita sem compreender tais palavras e sem reconhecer seu interlocutor. Contudo, a voz servira para que ela constataste que seu destino estivera, irremediavelmente, traçado. “[...] *marcharía el resto de mis días al paso impuesto por Bolívar. [...] A qué prevenirme si todo estaba escrito*⁵²².” (MIGUENS, 2019, p. 182). De modo a reafirmar, mesmo anos depois da morte de Bolívar, seu amor e submissão ao general, a protagonista relata, na sequência, que ele, ao zelar tanto por sua glória, não permanecia por muito tempo no mesmo lugar e, rapidamente, abandonava-a. Manuela Sáenz, por sua vez, fiel à glória do general, era, igualmente, fiel a sua também; expondo, assim, sua postura frente ao movimento político como um aspecto de importância para ambos.

A narrativa avança então para a história de uma jovem menina de nome Carmenza. A protagonista recorda sua participação durante os conflitos e decide relembrar sua atuação, em um tempo e espaço futuros, na companhia de Dulce María. “—¿Carmenza? – Carmenza... ¿La recuerdas? – No. – *La niña que saltaba entre los muertos.*”⁵²³ (MIGUENS, 2019, p. 183). De acordo com a personagem Manuela Sáenz, Carmenza não tinha nenhum familiar e em razão de seu desamparo, Manuela Sáenz decide levá-la como companhia, mas ela, de antemão, deixa claro seu interesse em ser soldado de Bolívar. Contudo, tal intenção não é atendida, Carmenza torna-se responsável por auxiliar os feridos, conforme se expressa no fragmento destacado a seguir:

Los heridos habían llegado dos días antes que Carmenza. Aunque hambrientos, no parecían de gravedad. [...] Fueron dóciles a los requerimientos de Dulce María, que lavó y limpió sus heridas hasta que Carmenza se ocupó de ellos. Los asistió hasta el final, ofreciéndoles sus servicios de auxiliar sanitaria sin dejar de brindarles amparo como hija, madre, hermana, como amada, amante quizá; de este modo se entregó a ellos, pensándolos como

⁵²¹ Nossa tradução livre: – A terra tem um coração, uma cabeça, duas mãos e tem pés... A terra oferece, dá, celebra, alimenta e, como tem coração, exige. [...] A terra exige cuidar de si mesma... Você deve cuidar de si mesmo, minha capitã... (MIGUENS, 2019, p. 181).

⁵²² Nossa tradução livre: [...] marcharia o resto dos meus dias no ritmo imposto por Bolívar. [...] Porque me prevenir se tudo já estava escrito. (MIGUENS, 2019, p. 182).

⁵²³ Nossa tradução livre: Carmenza? – Carmenza... Você se lembra dela? – Não. – A garota que pulava entre os mortos. (MIGUENS, 2019, p. 183).

*padre, hijo, hermano, amado, amante. Solo uno de ellos sobrevivió*⁵²⁴. (MIGUENS, 2019, p. 185).

Esse único sobrevivente aproxima-se, então, de Carmenza e, em certa ocasião, encontra-a cantando e saltando por cima dos corpos mortos. Ele busca detê-la, mas ela demora até ceder. A menina parecia estar brincando com a morte, sem medo de encará-la, já que era parte inerente de seus primeiros anos de vida. Na sequência, o homem questiona Manuela Sáenz sobre a possibilidade e o interesse de Carmenza em formar uma família, ao que a protagonista responde que sua única decisão manifestada até aquele momento era a de ser soldado. Contrariado, o sobrevivente justifica que às mulheres cabem outras lutas, mas a personagem Sáenz responde incisivamente dizendo: “– *Ella dice que su pelea, su verdadero sitio está en territorio de hombres.*”⁵²⁵ (MIGUENS, 2019, p. 186).

Nesse momento, a diegese volta-se à Manuela Sáenz e ela compreende que assim como Carmeza, seu espaço também pertencia ao universo masculino. A protagonista é, nessa escrita, a representação de uma personagem metonímica, ela não era a única, mas a representação de um grupo muito maior de mulheres cujo espaço de manifestação era o convencionalmente aceito como masculino.

O capítulo aproxima-se do final com algumas reflexões e memórias da protagonista que dizem respeito a sua importância à guerra. De acordo com a construção diegética, a personagem Sáenz recebe a condecoração de coronel do Exército Colombiano, proposto por Sucre e instituída por Bolívar. Em suas memórias, representadas aqui pelo fluxo de pensamento, ela revive suas atuações na guerra, de acordo com o que expressa o fragmento a seguir exposto:

Marché con el Ejército Libertador por los Andes peruanos, enterando de mil maneras a Bolívar de los pormenores hasta que él llegase a Ayacucho. Cuando tuve intenciones de regresar a Lima y a su lado [...], recibí una nota suya suplicándome me

⁵²⁴ Nossa tradução livre: Os feridos chegaram dois dias antes de Carmenza. Embora famintos, eles não pareciam ter ferimentos graves. [...] Eles eram dóceis às exigências de Dulce María, que lavava e limpava suas feridas até que Carmenza cuidasse deles. Ela os atendeu até o fim, oferecendo-lhes seus serviços, como assistente de saúde, sem deixar de lhes dar proteção como filha, mãe, irmã, como ente querido, talvez, como amante; assim se entregou a eles, pensando neles como pai, filho, irmão, amado, amante. Apenas um deles sobreviveu. (MIGUENS, 2019, p. 185).

⁵²⁵ Nossa tradução livre: – Ela disse que sua luta, seu verdadeiro lugar, é no território dos homens. (MIGUENS, 2019, p. 186).

*quedara junto el ejército recabando información de lo que aconteciera*⁵²⁶. (MIGUENS, 2019, p. 187).

O papel da personagem Sáenz frente aos conflitos independentistas era o de estabelecer relações diplomáticas entre distintas frentes políticas. Contudo, a narradora ressalta que mesmo após aconselhar e advertir Bolívar sobre Santander, ele preferiu seguir confiando até o momento em que foi tardiamente traído. Por sua lealdade ao general venezuelano e sua participação ativa nos movimentos políticos, a protagonista era a segunda frente de Bolívar, a extensão de seus olhos e de seu julgamento. O capítulo encerra-se com a personagem Manuela Sáenz expondo possíveis definições sobre seu papel na vida de Simón, como podemos ler no excerto destacado à continuação:

*Se me nombró su compañera; sí compañera de lucha, metida en sus asuntos militares y presidenciales, su amante, su esposa, su manceba, su amiga, su enemiga, su confidente, hasta traidora algunas veces, dijeron. Juez y parte siempre*⁵²⁷.(MIGUENS, 2019, p. 188).

O décimo sétimo capítulo apresenta ao leitor trechos de falas da personagem Bolívar acerca de Manuela Sáenz. Em todos, ele ressalta a relevância da protagonista em sua vida e a todo o movimento independentista. Todavia, tais excertos refletem, em maior medida, a postura do general, que engrandece as ações da personagem quitenha alinhadas ao cuidado de manter sua moral elevada. Vejamos parte dessas expressões: *“No hay mejor mujer. Esta me domó, sí, ella supo como. La amo. Sí, todos lo saben... Mi amable loca. Sus avezadas ideas de gloria: siempre protegiéndome, intrigando a mi favor y a la causa, algunas con ardor. Otras con energía. ¡Carajo!*⁵²⁸” (MIGUENS, 2019, p. 189). Nesse sentido, os fragmentos presentes na obra de Miguens (2019), de fato, projetam à personagem de extração

⁵²⁶ Nossa tradução livre: Marchei com o Exército de Libertação pelos Andes peruanos, informando Bolívar dos detalhes de mil maneiras até chegar a Ayacucho. Quando pretendia voltar para Lima e ao lado dele [...], recebi um bilhete dele, implorando para que eu ficasse com o exército para colher informações sobre o ocorrido. (MIGUENS, 2019, p. 187).

⁵²⁷ Nossa tradução livre: Nomeou-me sua companheira; sim, companheira de luta, envolvida em seus assuntos militares e presidenciais, sua amante, sua esposa, sua amiga, sua inimiga, sua confidente, até mesmo uma traidora, às vezes, diziam. Juiz e parte, sempre. (MIGUENS, 2019, p. 188).

⁵²⁸ Nossa tradução livre: Não existe mulher melhor. Esta me domou, sim, ela soube como. A amo. Sim, todo mundo já o sabe... Minha amável louca. Suas intrigadas ideias de glória: sempre me protegendo, intrigando em meu nome e pela causa, alguns com ardor. Outros com energia. Droga! (MIGUENS, 2019, p. 189).

histórica, Manuela Sáenz, um viés de força e intencionalidade política e crítica, porém toda essa perspectiva é mediada e circundada pela voz masculina de Simón Bolívar. Estamos diante de mais uma evidência acerca do romance de mediação que oscila entre a criticidade de Manuela Sáenz e a manutenção de um discurso patriarcal exaltador ao se referir a Simón Bolívar.

O décimo oitavo capítulo é narrado pela protagonista na forma de um diário. “*Hoy se me hace preciso escribir, por la ansiedad*⁵²⁹.” (MIGUENS, 2019, p. 191). Nas páginas seguintes, a personagem Sáenz reflete sobre a sua importância para o general venezuelano de modo a destacar a sua própria atuação política. Nesse ínterim, a narradora aproxima-se dos anos finais da vida de Bolívar. “*¿Qué fueron sus últimos días? Él era un hombre solitario, lleno de pasiones, de ardor, de orgullo, de sensibilidad. Le faltó tranquilidad. La buscaba en mí siempre*⁵³⁰.” (MIGUENS, 2019, p. 191). A protagonista expõe que nesse período seu papel ia muito além de ser a mulher companheira de Bolívar. Ela era soldada, espiã, inquisidora. Era ela quem traçava planos e praticamente os impunha: “[...] *pero él se dejaba arrebatar por mi locura de amante y allí quedaba todo*⁵³¹.” (MIGUENS, 2019, p. 191). Aqui, a própria narradora chama a atenção para a indispensabilidade de sua atuação, mas a vincula ao sentimento amoroso do general por ela, difundindo a imagem de que sua representatividade e relevância estariam diretamente relacionadas ao seu relacionamento com Bolívar.

Nas lembranças da protagonista, ela volta a recordar a história de Carmenza, a jovem que pulava sobre os mortos e que queria participar dos conflitos como um soldado. Desse modo, a narradora relata uma conversa que teve com Gaspar Ruiz, o soldado interessado na jovem, em que ele conta à personagem Sáenz sobre suas deserções, o que em breve aconteceria novamente. Antes, contudo, de deixar o exército de Bolívar, ele quer se unir à jovem que, nesse momento, acabara passar por um aborto.

⁵²⁹ Nossa tradução livre: Hoje eu tenho que escrever, por causa da ansiedade. (MIGUENS, 2019, p. 191).

⁵³⁰ Nossa tradução livre: Como foram seus últimos dias? Era um homem solitário, cheio de paixões, ardor, orgulho, sensibilidade. Faltou-lhe calma. Ele sempre procurou por ela em mim. (MIGUENS, 2019, p. 191).

⁵³¹ Nossa tradução livre: [...], mas ele se deixou levar pela minha loucura de amante e pronto. (MIGUENS, 2019, p. 191).

Assim, ao retratar outras histórias e as vivências de outras mulheres, a narração emerge ao território crítico a fim de expor perspectivas distintas, olhares outros de mulheres que estavam na guerra, que viviam no espaço predominantemente masculino e que eram submetidas a experiências hostis. Além disso, todas as histórias que se apresentam paralelamente na narrativa romanesca convergem nesse exercício de da personagem Manuela Sáenz de recontar suas vivências, como podemos observar nas expressões abaixo destacadas:

*Era una loca por la libertad. Siempre había sido... Con Bolívar, además, me convertí en una armada hasta los dientes. Aprendí a vivir entre el choque de bayonetas, la sangre salpicada, el estruendo de los cañones; los gritos con denuestos de heridos y moribundos*⁵³². (MIGUENS, 2019, p. 196).

O referido excerto denota o caminho da mediação e, portanto, da humanidade da personagem de extração histórica. Sua inclinação à guerra, à busca pela liberdade, é inerente a sua existência. Seu relacionamento amoroso apenas acentua o que sua natureza já expunha: a insubordinação de seu comportamento.

Na sequência, o romance expõe o que acontece com Carmenza. Segundo a narradora, a jovem se une indeliberadamente a Gaspar e ambos vão para Quito, onde ela tem filhos e passa a lidar com questões da maternidade e traições de Gaspar. *“Carmenza había sido una tierra próspera que comenzaba a agotarse. Un antiguo afán carcomía las entrañas de Ruiz [...]”*⁵³³. (MIGUENS, 2019, p. 198). Em meio a esse destino, Carmenza atuaria sobre ele, contornando-o em sua insubmissão às imposições da vida.

Nesse processo de relembrar o passado em suas escritas, a narradora relata que são suas memórias o seu único consolo. Seus anos em Paita, distante de todas as movimentações políticas, fazem com que ela apenas recorde, seu presente é reviver o que foi nessa intangibilidade do passado: *“hoy por hoy el goce está en rehacer la memoria con un cincel, cortafrío o estilete [...]”*⁵³⁴. (MIGUENS, 2019, p.

⁵³² Nossa tradução livre: Era louca por liberdade. Sempre fui... Com Bolívar, aliás, tornei-me um exército até os dentes. Aprendi a viver entre o choque das baionetas, o sangue salpicado, o troar dos canhões; os gritos com insultos de feridos e moribundos. (MIGUENS, 2019, p. 196).

⁵³³ Nossa tradução livre: Carmenza era uma terra próspera que começava a se esgotar. Uma velha ânsia estava corroendo as entranhas de Ruiz [...]. (MIGUENS, 2019, p. 198).

⁵³⁴ Nossa tradução livre: Hoje o prazer está em refazer a memória com cincel, cincel frio ou estilete [...]. (MIGUENS, 2019, p. 199).

199). Essa escrita saudosista será o mote principal das últimas cinquenta páginas do romance. A personagem Sáenz mergulha nessa composição como protagonista e narradora e apresenta ao seu leitor sua versão dos movimentos independentistas mediados pelas ações de Bolívar com maior apego a sua história e, portanto, maior enaltecimento por tudo o que vivera nas duas décadas anteriores.

O capítulo avança com o retorno de Carmenza à companhia de Sáenz, que chega muito debilitada após um longo trajeto realizado sozinha. Ao ser acolhida, a jovem relata os percalços que aconteceram em sua vida, como o abandono de Gaspar e a morte da filha enquanto ambas fugiam de homens que haviam chegado à fazenda em que ela morava para se apropriarem da terra. “[...] *nos contó que la niña murió sufocada de cara contra el barro* [...]”⁵³⁵. (MIGUENS, 2019, p. 203). Nesse mesmo dia em que Carneza chega, há uma celebração nas dependências da personagem Sáenz, cuja razão não fica explícita na escrita do texto. Contudo, o leitor que conhece previamente a história de Sáenz sabe que essa era uma comemoração de aniversário de Bolívar, que ele mesmo não participa por estar acamado. Nessa festividade, o relato histórico e o ficcional confluem ao abordarem o fato de que Manuela Sáenz atira em um boneco que representava Santander. De acordo com o texto literário de Miguens (2019), tal ato é visto com desaprovação pelo general Córdoba, que se reporta a Bolívar, segundo relatado no fragmento a seguir exposto:

*Acerqué la tea al muñeco y el estupor estalló en la cara de los invitados al mismo tiempo que el fuego detonó en el corazón del general Santander. Como si esto fuera poco, disparé un fusilazo directo al quepis, justo en la mitad de lo que hubieran sido sus ojos, [...]*⁵³⁶. (MIGUENS, 2019, p. 204).

Tal ação faz com que a personagem Sáenz fique longe do olhar público, uma vez que os tiros foram ouvidos por toda a cidade de Bogotá. Aqui, é relevante notarmos como a construção diegética não dá detalhes acerca das movimentações históricas que culminaram com essa noite. Nesse sentido, o romance pressupõe o

⁵³⁵ Nossa tradução livre: [...] ela nos contou que a garotinha morreu sufocada com o rosto na lama [...]. (MIGUENS, 2019, p. 203).

⁵³⁶ Nossa tradução livre: Aproximei a tocha do boneco e o estupor explodiu nos rostos dos convidados ao mesmo tempo em que o fogo detonou no coração do General Santander. Como se não bastasse, dei um tiro direto em seu gorro, bem no meio do que seriam seus olhos, [...]. (MIGUENS, 2019, p. 204).

conhecimento prévio do leitor, pois os acontecimentos e os relatos são encadeados nesse fluxo narrativo sem uma maior contextualização. Dessa forma, a atenção fica para os detalhes, os diálogos, a percepção da protagonista sobre os fatos, que não se preocupa em renarrativizar o passado, mas em relatar suas impressões na ordem e do modo que lhe convém. Nesse sentido, observemos um diálogo entre as personagens Sáenz e Córdoba na noite do incidente, após destruir o boneco de Santander:

– *¿Acaso esto es un juego, mi señora?*
– *Claro. Me gusta jugar. Uno puede jugar todo lo que le plazca en la vida. Hasta se puede abandonar el juego si lo desea, general Córdoba. Irse, retirar-se, pensar en no jugar esa partida ni ninguna otra, nunca más... [...] El juego subsiste aun cuando uno de los participantes manifiesta haberse retirado... aun entonces se conserva el vínculo entre los miembros de un equipo*⁵³⁷.
(MIGUENS, 2019, p. 204).

Essa metáfora do jogo utilizada por ambos consiste em um subterfúgio para que as verdades de cada um sejam expostas e debatidas indiretamente. A protagonista intenta, por meio dessa construção irônica, deixar claro que entre esses jogos, está o jogo das traições, cuja arte, Córdoba – segundo a perspectiva de Sáenz – dominava. Com relação às traições, a narradora expõe que: *“Las amenazas crecían a causa del descontento. Los soldados se quejaban por el atraso en los pagos, la pérdida de privilegios; los comerciantes, por el perjuicio en sus negocios; y los intelectuales, por la falta de libertad*⁵³⁸.” (MIGUENS, 2019, p. 205). Assim, os eventos que seguem são os atentados frustrados contra a vida de Bolívar, que foram previstos por Camenza, personagem puramente ficcional, por meio de um presságio.

No dia 25 de setembro de 1828, Carmenza, Nathán, Jonathás e Sáenz prepararam-se para o ataque. Todas atuavam de modo a dispersarem os soldados e os afastarem do alvo principal: Bolívar. Dessa forma, a narradora relata que diante da ameaça à vida do general, o que ela mais ambicionava era não pertencer a nada

⁵³⁷ Nossa tradução livre: – Isso é um jogo, minha senhora?

– É claro. Eu gosto de jogar. Pode-se jogar o quanto quiser na vida. Você pode até sair do jogo se quiser, General Córdoba. Sair, retirar-se, pensar em não jogar aquele jogo ou outro, nunca mais... [...] O jogo continua mesmo quando um dos participantes declara ter desistido... mesmo assim o vínculo entre os membros de uma equipe é preservado. (MIGUENS, 2019, p. 204).

⁵³⁸ Nossa tradução livre: As ameaças cresceram por causa do descontentamento. Os soldados queixavam-se do atraso nos pagamentos, da perda de privilégios; comerciantes, por danos aos seus negócios; e os intelectuais, pela falta de liberdade. (MIGUENS, 2019, p. 205).

e a ninguém. “*Cada tanto me embargaba este deseo profundo de replegarme, de no pertenecer a ninguna causa, a ningún hombre, a nadie, a nada*⁵³⁹.” (MIGUENS, 2019, p. 207).

Bolívar, por sua vez, não acreditava nas previsões ali expostas pela protagonista, até o momento em que, de fato, o atentado começou. Ao ouvir passos, a personagem Sáenz faz com que Bolívar fuja pela janela e ela permanece para despistá-los, até ser pega e ser violentamente atacada. Contudo, a maior violência é sofrida por Carmenza, cujo corpo fica em pedaços. “[...] *dos guardias muertos, un centinela despedazado y, por debajo de ellos tres, asomando un brazo de Carmenza. [...] Dicen que la cabeza fue encontrada semanas después a orillas del Río Tunjuelito*⁵⁴⁰.” (MIGUENS, 2019, p. 209).

O capítulo encerra-se com algumas reflexões promovidas pela protagonista sobre Bolívar. Para ela, o general venezuelano estava a frente de seu tempo e sua percepção de mundo era mundo distinta da realidade do século XIX. Como um grande idealizador, segundo a perspectiva da personagem Sáenz, Bolívar não percebeu traições iminentes e suas ações não foram valorizadas.

Vejamos como a narradora constrói a sua imagem, ao se voltar para o discurso laudatório da personagem de extração histórica: “*Sus hazañas extraordinarias quedaron vilmente deposeídas de gloria. Se apago su orgullo viril y su amor muy adicto por la libertad*⁵⁴¹.” (MIGUENS, 2019, p. 212). Desse modo, a construção diegética em análise oscila a cada página entre a desconstrução e a exaltação do discurso histórico. Estamos nesse caminho mediador, que aponta visões outras, perfiladas pela criticidade, por pontos de vistas ex-cêntricos, mas, ao abordar os feitos do general, opta por seguir enaltecendo sua imagem.

O décimo nono capítulo consiste em uma longa conversa entre as personagens Sáenz e Bolívar em que ambos revisitam suas memórias, atentando para o que julgam terem sido erros e acertos. Aqui, um narrador heterodiegético desenvolve reflexões que são expostas entre os diálogos do casal. Estamos diante

⁵³⁹ Nossa tradução livre: De vez em quando eu era dominado por esse profundo desejo de recuar, de não pertencer a nenhuma causa, a nenhum homem, a ninguém, a nada. (MIGUENS, 2019, p. 207).

⁵⁴⁰ Nossa tradução livre: [...] dois guardas mortos, uma sentinela despedaçada e, abaixo deles três, o braço de Carmenza de fora. [...] Dizem que a cabeça dela foi encontrada, semanas depois, nas margens do rio Tunjuelito. (MIGUENS, 2019, p. 209).

⁵⁴¹ Nossa tradução livre: Seus feitos extraordinários foram vilmente privados de glória. Seu orgulho viril e seu amor muito obcecado pela liberdade foram extintos. (MIGUENS, 2019, p. 212).

dos últimos meses de vida do general, período em que sua saúde estava severamente debilitada. Entre suas divagações, ambos discutem a moral: “*Cuántas negociaciones burladas; cuántas intenciones inútiles; cuántas malas. Es que el tiempo pasa tan veloz, Manuela, y en ese transcurrir cambia la moral*⁵⁴².” (MIGUENS, 2019, p. 213). A protagonista, por não concordar com a afirmação de Bolívar, contesta que essa mudança acerca da moralidade não deveria ser aplicada quando o assunto era a guerra: “[...] *no me parece que deba usarse ese ejemplo hablando de prisioneros de guerra, de guerra entre naciones, de guerra entre hermanos, de muerte..., mucho menos en aras de patrocinar la paz*⁵⁴³” (MIGUENS, 2019, p. 214), ao que seu interlocutor responde que a guerra é sempre mais fácil quando não é entre irmãos, tornando a relação entre criollos e espanhóis ainda mais difíceis.

O diálogo avança para uma ponderação crítica da protagonista que ressalta o fato de que os colonos e os nativos viveram uma revolução cujos ideais estavam muito distantes de seus interesses. “*¿Qué ventaja han obtenido estas pobres gentes? ¿Nuevos amos a cambio del amo español?*⁵⁴⁴” (MIGUENS, 2019, p. 214). A personagem Bolívar responde que de fato a herança dessa guerra foi exígua, uma vez que após tantos anos de combate, o que ficou foi uma revolução sem término e, ainda, traída. As discussões, como o romance apresenta, abordam, na sequência, as divergências de Bolívar com Santander e San Martín e o fato de que apenas um inimigo em comum os unia: os espanhóis.

Em seguida, a diegese avança com as ponderações realizadas pelo casal sobre as consequências das ações políticas de ambos e de como tais intervenções não geraram o resultado vislumbrado ao espaço hispano-americano. Sobre as personagens Bolívar e Sáenz, o narrador heterodiegético aponta para acontecimentos que atravessaram ambos, estabelecendo, assim, uma estreita relação de cumplicidade. Vejamos como isso se expressa na discursividade do romance:

⁵⁴² Nossa tradução livre: Quantas negociações burladas; quantas intenções inúteis e quantas ruins. É que o tempo passa tão rápido, Manuela, e nessa passagem a moral muda. (MIGUENS, 2019, p. 213).

⁵⁴³ Nossa tradução livre: [...] não acho que este exemplo deva ser usado quando se fala em prisioneiros de guerra, guerra entre nações, guerra entre irmãos, morte..., muito menos para patrocinar a paz. (MIGUENS, 2019, p. 214).

⁵⁴⁴ Nossa tradução livre: Que vantagem obtiveram essas pobres pessoas? Novos amos em troca do amo espanhol? (MIGUENS, 2019, p. 214).

*Acosados siempre los dos, por toda suerte de circunstancias: orfandades, abandonos, traiciones, guerra, distancia, la pena de tolerar juntos ese brutal allanamiento de la vida y aun así, compartiendo un pacto de respeto hacia las ideas, propias y ajenas, muy por encima del escaso respeto que ambos habían recibido por las suyas. Aunque ambos sabían que en Bolívar habían primado siempre el perdón y la condescendencia; en Manuela, en cambio, la audacia y aun la intolerancia*⁵⁴⁵. (MIGUENS, 2019, p. 216)

O referido excerto explora uma evidente faceta da colonialidade – essa condição inerente à modernidade, que torna a América Latina submersa por um véu colonizador, cujas epistemologias se voltam constantemente ao patriarcalismo branco e eurocêntrico –, uma vez que, ao comparar ambas as personagens de extração histórica, o romance, que protagoniza e dá voz à uma personalidade excêntrica, utiliza parte de seu escopo narrativo como forma a corroborar um discurso laudatório acerca de Simón Bolívar.

Desse modo, mesmo com experiências em comum como o fato de terem sido órfãos e terem sofrido abandonos e traições, ele segue perdoando, diferentemente dela, que se torna intolerante. Contudo, o fato de a autora utilizar uma personalidade histórica feminina, marginalizada em seu contexto político-histórico pelo fato de ser mulher, no protagonismo da diegese e deixá-la lembrar suas vivências e a de outras mulheres, com perspectivas distintas sobre os pormenores dos combates independentistas, consiste em uma alternativa decolonial de reordenação do próprio espaço enunciativo, de busca por uma autonomia histórica e discursiva. Nesse sentido, a escrita de Miguens (2019) oscila exatamente na mediação que propõe Fleck (2017), pois ora há a crítica releitura do passado, ora o enaltecedor discurso histórico positivista que consagra o general venezuelano.

Nesse diálogo entre ambos, o romance expõe a fala crítica de Manuela Sáenz ao refletir sobre o povo, as lutas e as medidas políticas aplicadas em seu contexto participativo. Segundo a personagem: *“Quién, sino el pueblo moviliza, extrae, propicia, siembra cosecha, procrea desde las entrañas mismas de la tierra; es*

⁵⁴⁵ Nossa tradução livre: Ambos sempre acossados, por toda a espécie de circunstâncias: órfãos, deserções, traições, guerras, distâncias, a dor de tolerar juntos esta brutal invasão da vida e ainda assim, partilhando um pacto de respeito pelas ideias, próprias e alheias, muito acima do pouco respeito que ambos haviam recebido pelos seus. Embora ambos soubessem que em Bolívar o perdão e a condescendência sempre prevaleceram; em Manuela, por outro lado, já a audácia e até a intolerância. (MIGUENS, 2019, p. 216)

*inagotable si se lo permiten, mucho más cuando lo impulsan; el pueblo nunca está quieto...*⁵⁴⁶.” (MIGUENS, 2019, p. 218). Nesse trecho, a protagonista expõe claramente sua visão política crítica e promovedora da mediação referida anteriormente. A personagem em pauta compreende os processos por meio de uma análise apurada da conjuntura social e se faz ouvir pela personagem de Bolívar. Desse modo, ressaltamos, ainda, outro comentário feito por Manuela Sáenz, na obra ficcional, em que ela chama a atenção para a totalidade dos povos, para a importância de se pensar e agir até nas mais remotas demandas. Vejamos:

*Esos caballeros piensan que Colombia está cubierta de lanudos arropados en las chimeneas de Bogotá, Tunja y Pamplona, y no han echados sus miradas sobre las cumbres del Orinoco, sobre los pastores del Apure, sobre los marineros de Maracaibo, sobre las bogas del Magdalena, sobre los bandidos del Patía, sobre los indómitos pastusos, sobre los Guahibos del Casanare y sobre las hordas salvajes de África y América que, como gamos, recorren la soledad de Colombia*⁵⁴⁷. (MIGUENS, 2019, p. 218).

O excerto aponta para a visão amplificada da personagem de Manuela Sáenz. Ela, nessa composição ficcional, compreende o fato de que a Colômbia é constituída por cada comunidade, por mais remota e distante que ela seja. Sua perspectiva inclui e preza por aqueles que são constantemente desconsiderados em uma guerra: o outro, o distante, o mais fraco.

Essa construção de uma personagem diplomática, influente e perspicaz, que perfila todo romance e se atenta a cenários distintos rompe com a perspectiva tradicional apresentada na subseção anterior em que a protagonista é narrada e relida pelo autor a partir de sua feminilidade e sentimento amoroso. O romance de Miguens (2019) estabelece uma trajetória singular, pessoal, portanto, cuja materialidade de sua composição – por se tratar, em grande medida, de

⁵⁴⁶ Nossa tradução livre: Quem mais, senão o povo, mobiliza, extrai, propicia, semeia, colhe, procria das próprias entranhas da terra; é inesgotável se o permitem, muito mais quando o empurram; as pessoas nunca estão paradas... (MIGUENS, 2019, p. 218).

⁵⁴⁷ Nossa tradução livre: Esses senhores pensam que a Colômbia está coberta de animais peludos abrigados nas chaminés de Bogotá, Tunja e Pamplona, e não olham para os cumes do Orinoco, para os pastores do Apure, para os marinheiros de Maracaibo, sobre os barcos da Magdalena, sobre os bandidos de Patía, sobre os indomáveis Pastusos, sobre os Guahibos del Casanare e sobre as hordas selvagens da África e da América que, como veados, vagam pela solidão da Colômbia. (MIGUENS, 2019, p. 218).

pensamentos, diálogos e emoções – não é verificável em documentos históricos oficializados.

Na sequência, o capítulo encerra-se com o casal escrevendo a quatro mãos um tratado sobre a guerra e a necessidade de humanizá-la. A personagem de Bolívar encontra-se já abatida pela doença com a qual conviveria até a sua morte, uma década mais tarde. Nessa nota, a preocupação central de ambas as personagens é a de que o tratamento com os combatentes seja de maior respeito e consideração, além do esforço contínuo para que mortes fossem evitadas. Aqui, a obra estabelece uma construção intertextual, uma vez que o texto escrito no romance pelas personagens de Bolívar e Sáenz consiste no *Tratado de Armisticio y Regularización de la Guerra*⁵⁴⁸, firmado em novembro de 1820 entre a Grã-Colômbia e o Reino da Espanha. Vejamos um trecho de como o romance expõe o processo de elaboração do tratado:

Bolívar volvió a tomar la pluma y escribió unas pocas palabras. Alzó la mirada y sus ojos afiebrados se movieron al tiempo que la mariposa gris se estrellaba contra la opalina verde de la lámpara. Manuela se interrumpió y bebió un trago de ron. Continuó ajena a la mirada de Bolívar. [...] Cuando Manuela levanto la vista del texto, Bolívar simplemente trazaba líneas azules, redondelitos y rayas en el papel. [...] –¿Qué hacemos con la dignidad, Manuela?, ¿a qué hombre, a qué mujer cabe todo esto?, ¿por qué?, ¿para qué? – preguntó Bolívar⁵⁴⁹. (MIGUENS, 2019, p. 222 - 223).

Nesse sentido, observemos como a autora insere e destaca a personagem de Manuela Sáenz na elaboração do referido documento. A personagem idealiza junto a Bolívar e o auxilia na própria escrita do texto. Ela, no romance em análise, está diretamente vinculada a todas as decisões políticas do general, conferindo, assim, uma influência direta ao movimento independentista das nações hispano-americanas.

⁵⁴⁸ O texto na íntegra pode ser encontrado no site da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/tratado-de-regularizacion-de-guerra-1820--0/html/ff86d340-82b1-11df-acc7-002185ce6064_2.html>. Acesso em: 1 set. 2022.

⁵⁴⁹ Nossa tradução livre: Bolívar pegou, novamente, na caneta e escreveu algumas palavras. Ele olhou para cima, seus olhos febris, movendo-se enquanto a borboleta cinza colidia contra a opalina verde da lâmpada. Manuela parou e tomou um gole de rum. Ela continuou sem perceber o olhar de Bolívar. [...] Quando Manuela levantou os olhos do texto, Bolívar, simplesmente, desenhou linhas azuis, pequenos círculos e linhas no papel. [...] - O que fazemos com a dignidade, Manuela? A que homem, a que mulher cabe tudo isso? Por quê? Para quê? Perguntou-lhe Bolívar. (MIGUENS, 2019, p. 222, 223).

Desse modo, assim como as biografias apresentadas na primeira seção propõem a impossibilidade de desvincular Sáenz de Bolívar, pois a vida da quitenha é atravessada por esse relacionamento, uma correspondência análoga, no romance de Miguens (2019), pode ser feita à guerra. A personagem de Sáenz atravessa os combates pela independência, não há como omitir sua presença dessa cena principal.

Voltamos nossa atenção, nesse momento, à quinta característica do romance histórico contemporâneo de mediação, que diz respeito ao emprego de estratégias escriturais bakhtinianas. Nesse sentido, verificamos como o romance de Miguens (2019) faz uso da dialogia, da polifonia, de intertextualidades, além da própria paródia. Vejamos, primeiramente, como Fleck (2017, p. 111) aborda tais especificidades:

A elaboração do romance histórico contemporâneo de mediação aproveita-se, também, de recursos escriturais bakhtinianos como a dialogia, a polifonia, as intertextualidades, além, é claro, da paródia. Tais procedimentos são igualmente essenciais na constituição dos novos romances históricos e das metaficcões historiográficas, sendo preferencialmente utilizados pelo romance histórico contemporâneo de mediação em detrimento de outros recursos escriturais mais fortemente desconstrucionistas, como é o caso da carnavalização, da ironia, do multiperspectivismo e das anacronias exacerbadas.

No que tange à dialogia, estamos diante de uma escrita que estabelece uma combinação estreita entre dois formatos de escrita: o factual e o ficcional. O romance histórico, pela própria adjetivação, já indica ao leitor as veredas pelas quais o texto se encaminhará. Assim, história e ficção se aproximam a partir de um relato verossímil, mas sem compromisso com a veracidade, por se tratar do âmbito literário. Os entrelaçamentos entre ambos os discursos ficam evidentes a partir da utilização de documentos históricos, como cartas, para compor essa narrativa ficcional.

Desse modo, a dialogia é estabelecida a partir do contraponto entre tais possibilidades que o autor encontra para abordar o passado. Ora o leitor está diante de uma proposição já registrada pela historiografia e que é inserida à obra e interpretada livremente, ora o leitor tem acesso a uma composição altamente

ficcional e, por vezes, íntima da personagem, constituindo, assim, esse diálogo entre história e literatura presente em todo o romance.

A segunda estratégia escritural citada por Fleck (2017) diz respeito à polifonia. Nesse sentido, *La Gloria eres Tu* (2019) faz uso constante desse recurso, uma vez que temos acesso às vozes não só dos protagonistas (Manuela Sáenz e Simón Bolívar), mas, também, de personagens outros, como a monja Sor Teresa Salas e a indígena Dulce María, cujo embate de visões acontece no início do romance e aborda a criação da personagem Manuela Sáenz, além dos próprios costumes religiosos de ambas. Vejamos como esse embate de visões se estabelece na tessitura do romance:

- *De modo que no sabes rezar...*
- *¿Qué es rezar?*
- *Rezar es implorar, es pedir a Dios, es admitir lo infinito de su amor y su grandeza.*
- *Yo no tengo nada que pedir.*
- *No haces sino blasfemar, mujer, todo el tiempo blasfemas. ¿Acaso te crees tan poderosa?*⁵⁵⁰ (MIGUENS, 2019, p. 46).

O referido diálogo expõe, claramente, duas crenças opostas em confronto. Entre essas duas visões, soma-se ao texto a perspectiva da personagem de Manuela Sáenz, que bebe de ambas as fontes, além de também ter recebido influência direta dos negros e da elite *criolla*, com quem convivia. Dessa forma, o romance busca apresentar uma protagonista plural, em que diversos costumes e discursos convergem e resultam nessa personagem de elevado senso crítico e de justiça.

Desse modo, entre todas as características do romance histórico contemporâneo de mediação, essa é a principal especificidade da obra, recurso que salta aos olhos do leitor. A personagem de Manuela Sáenz é, portanto, o resultado de distintas manifestações culturais.

Com relação aos recursos intertextuais, eles apresentam-se em todo o romance de modo implícito e explícito. Implícitamente, a primeira grande

⁵⁵⁰ Nossa tradução livre: – Então você não sabe rezar...

– O que é rezar?

– Rezar é implorar, é pedir a Deus, é admitir a infinidade do seu amor e da sua grandeza.

– Não tenho nada a perguntar.

– Você não faz nada além de blasfemar, mulher, você blasfema o tempo todo. Você se acha tão poderosa? (MIGUENS, 2019, p. 46).

intertextualidade promovida pela obra se dá ao abordar o discurso histórico como eixo principal da escrita ficcional. Explicitamente, o romance expõe cartas trocadas entre a personagem de Manuela Sáenz e Bolívar ou outros representantes políticos. Tais textos históricos são inseridos no romance de modo *ipsis literis* e aqueles leitores já familiarizados com suas biografias reconhecem o teor das missivas e o período em que o acontecimento se desenrolou.

Assim, a partir de cada universo de hipertextos comuns que o leitor estabelece com a obra, mais plural se torna a significação do texto poético, mais caminhos interpretativos se abrem não apenas para compreender o romance, mas, sobretudo, para ressignificar os próprios eventos históricos. Julia Kristeva (1969), teórica que aproxima o conceito do dialogismo bakhtiniano à noção de intertextualidade, afirma que “o texto literário é uma rede de conexões.” (KRISTEVA, 1969, p. 99). Tal percepção fortalece a visão pluralizadora da escrita ficcional, que não depende de nenhum pressuposto para que as relações intertextuais aconteçam, elas se manifestam naturalmente a partir do contato entre o campo de informações do leitor (CAMARERO, 2008) e as construções que a narrativa romanesca perfila, constituindo um processo subjetivo de reconhecimento de espaços comuns.

Sobre o aspecto paródico em *La Gloria eres Tú* (2019), observemos a obra em sua totalidade a partir de cada ressignificação que ela propõe. Essa observação leva-nos ao entendimento de que mesmo com excertos que consagram a personagem de Simón Bolívar, em outros o passado é reconstruído por uma ótica ex-cêntrica, que não foi historicamente registrada, mas que é literariamente abordada e proposta ao leitor disposto a navegar por outras possibilidades discursivas.

Nesse sentido, a paródia, advinda da fase desconstrucionista, é utilizada aqui com a mesma finalidade: servir de espelho ao refletir aspectos “deliberadamente apagados” pela historiografia. Para Hutcheon (1985, p. 13), “a paródia é uma das formas mais importantes da moderna autorreflexividade; é uma forma de discurso interartístico.” Por consequência, uma narrativa que é híbrida por natureza, que entrelaça fluidamente história e ficção – a fim de promover uma discussão crítica –, não poderia deixar de fazer uso da paródia que é, por definição, a “repetição com distância crítica, que marca a diferença em vez da semelhança.” (HUTCHEON, 1985, p. 17).

Desse modo, o hipertexto comum – a história de Manuela Sáenz – é reapresentada sob um prisma em grande medida crítico, que aponta para a participação política da personagem nos conflitos independentistas. A paródia, desse modo, promove um outro significado a um texto precedente, ela reconstrói um discurso ao estabelecer uma reapropriação de suas verdades.

Na sequência da escrita ficcional, avancemos ao vigésimo capítulo, que é iniciado com o narrador heterodiegético relatando como a notícia da morte da personagem Bolívar, que acontece em 17 de dezembro de 1830, chega à Manuela Sáenz. Segundo a narrativa ficcional, a protagonista não chega a embarcar para ir ao encontro de Bolívar em Santa Marta, pois ela recebe uma carta do general Péroux de Lacroix, comunicando a morte iminente do general. “*Ojalá el cielo, más justo que los hombres, echase una ojeada sobre la pobre Colombia y viese la necesidad que hay de devolverle a Bolívar e hiciese el milagro de sacarlo del sepulcro*”⁵⁵¹. (MIGUENS, 2019, p. 227). A personagem Manuela Sáenz ao ler o referido excerto e estar ciente do fatídico destino de Bolívar, tece um comentário de teor altamente crítico, como podemos ver no excerto abaixo destacado:

*Pobre De Lacroix, murmuró, desenterrar a Bolívar para salvar a Colombia. Pensar en Bolívar como único baluarte. Acaso nunca escuchó decir al Libertador que tan solo el pueblo conoce su bien; que tan solo el pueblo es dueño de su suerte y que nunca un poderoso, ni un partido, ni una fracción, sino solo la mayoría es soberana... Manuela leyó cientos de veces la carta particularmente esa quimera de sacar del sepulcro a Bolívar*⁵⁵². (MIGUENS, 2019, p. 227).

Temos, portanto, uma construção discursiva paródica que acontece por meio do recurso intertextual da referida missiva, documento histórico, e da reflexão empreendida pela protagonista. Segundo a personagem Manuela Sáenz, esse desejo utópico de De Lacroix não passava de uma proposição ingênua e ignorante, uma vez que a presença de Bolívar não seria o suficiente para a salvar a Colômbia.

⁵⁵¹ Nossa tradução livre: Desejo que o céu, mais justo que os homens, dê uma olhada na pobre Colômbia e veja a necessidade de devolver-lhe Bolívar e realizar o milagre de tirá-lo da sepultura. (MIGUENS, 2019, p. 227).

⁵⁵² Nossa tradução livre: Pobre De Lacroix, ela murmurou, desenterrando Bolívar para salvar a Colômbia. Pensar em Bolívar como o único baluarte. Talvez nunca tenha ouvido o Libertador dizer que só o povo conhece o seu bem; que só o povo é dono do seu destino e que nunca um poderoso, nem um partido, nem uma facção, mas só a maioria é soberana... Manuela leu a carta centenas de vezes, particularmente aquela quimera de tirar Bolívar do túmulo. (MIGUENS, 2019, p. 227).

Nesse sentido, assim como o romance em sua completude convida o leitor a reler o passado por um outro viés, livre do compromisso da veracidade, aqui acontece o mesmo, a personagem de Sáenz aceita o fim da vida Bolívar com raiva e indignação, mas longe de qualquer desejo distante da realidade.

Ainda sobre a notícia da morte da personagem Bolívar e a dor sentida pela protagonista, o romance permite que a personagem Sáenz consiga se despedir do general por meio de um ritual feito por Dulce María, sua fiel companheira que, na escrita de Miguens (2019), assume um papel maternal com relação à Manuela Sáenz. Assim, Dulce María pede-a para fechar os olhos e a escutar, conforme lemos no fragmento destacado a seguir:

Y, aunque no era su deseo, Manuela cerró los ojos hasta padecer el frío del cuerpo de Bolívar. Palpó la muerte en ese Bolívar que a golpes de mazo y formón iba surgir del gran trono de mármol. Sus manos, una vez más, intentaron calentar el cuerpo del hombre. Palpó los ojos cerrados de Simón, las aletas de su nariz, el torso helado bajo la chaqueta, el pecho sereno, la respiración, eternamente sin altibajos. El vientre plano. Los muslos bajo el pantalón por siempre blanco. Las pantorrillas. Manuela se llevó sus propias manos a la boca, pudo sentir así el frío de los labios de Simón; pudo intuir entonces el semblante de alabastro del Libertador⁵⁵³. (MIGUENS, 2019, p. 229).

Com essa despedida ritualística promovida pela construção diegética, a personagem Manuela Sáenz compreende e aceita – não sem pesar – a morte de Simón Bolívar. A partir de então, tudo mudaria na vida da protagonista, que havia perdido, entre outras designações, um grande amor e parceiro político. O ritual apresentado no romance encerrou um ciclo para a personagem Sáenz, que compreendia a necessidade de deixar a Colômbia. “*La certeza de que pronto habría que irse de Bogotá era cada vez mayor⁵⁵⁴.*” (MIGUENS, 2019, p. 229). As próximas décadas de sua vida, segundo a narrativa ficcional, serão de conflitos e distanciamento da cena pública.

⁵⁵³ Nossa tradução livre: E, embora não fosse sua vontade, Manuela fechou os olhos até sentir o frio do corpo de Bolívar. Sentiu a morte neste Bolívar que ia emergir do grande trono de mármore com golpes de marreta e cinzel. Suas mãos, mais uma vez, tentaram aquecer o corpo do homem. Ela sentiu os olhos fechados de Simón, as asas de seu nariz, seu torso congelado sob a jaqueta, seu peito sereno, sua respiração, eternamente sem altos e baixos. A barriga lisa. As coxas sob as calças para sempre brancas. As panturrilhas. Manuela levou as mãos à boca, sentiu o frio dos lábios de Simón; então ela poderia intuir o semblante de alabastro do Libertador. (MIGUENS, 2019, p. 229).

⁵⁵⁴ Nossa tradução livre: A certeza de que em breve deixaria Bogotá estava crescendo. (MIGUENS, 2019, p. 229).

Na sequência, o romance estabelece uma analepse ao discorrer sobre os eventos vividos pela personagem Sáenz durante o ano de 1830, nos meses que antecedem a morte do general. Com o distanciamento da personagem Bolívar da cena política, o clima torna-se cada vez mais hostil para Manuela Sáenz. O romance cita, ainda, um momento em que a praça de San Victorino celebrava a tomada de posse do novo presidente constitucional, como se pode observar no excerto a seguir: “*En medio de alborotos y maledicencias contra Bolívar, asumió el presidente Mosquera. Voces, injurias y descréditos, imposibles de ignorar por Manuela*⁵⁵⁵.” (MIGUENS, 2019, p. 231).

Entre as celebrações, a personagem Manuela Sáenz vê dois bonecos que representavam Simón Bolívar e ela a partir das afirmações de tirania e despotismo, respectivamente. A protagonista se joga ao fogo em que tais bonecos estavam sendo queimados e corta a corda que os prendiam. “*Cuando ella puso coto a los sablazos, una fuerza indomable aún parecía halarle los brazos y las piernas*⁵⁵⁶.” (MIGUENS, 2019, p. 232). Assim, com o cabelo chamuscado pelo fogo, os lábios sangrando e a roupa levemente queimada, a personagem Sáenz fica a frente do general Azuero – opositor de Bolívar – e de toda a comitiva presidencial. “*Azuero le sostuvo la mirada, al tiempo que espantaba un felino de tres colores trepado al pasamanos del estrado*⁵⁵⁷.” (MIGUENS, 2019, p. 232). Aqui, é válido ressaltarmos que essa composição, presente apenas no universo literário, dá atenção ao menor detalhe e manipula o subentendido, o que corresponde a uma interessante estratégia da autora, uma vez que há, em distintos momentos, a presença de um felino de três cores, uma gata, portanto, que faz parte da cena criada na diegese, como se a personagem Manuela Sáenz estivesse cercada de um mundo à parte, fiel e que não a deixava sozinha.

A narrativa ficcional avança aos conflitos que culminariam com a saída da personagem Sáenz daquele contexto. Entre panfletos, notas e proclamas publicados contra Manuela Sáenz, a protagonista recebe um apoio inesperado das próprias

⁵⁵⁵ Nossa tradução livre: Em meio a tumultos e calúnias contra Bolívar, o presidente Mosquera assumiu. Vozes, insultos e descréditos, impossíveis de serem ignorados por Manuela. (MIGUENS, 2019, p. 231).

⁵⁵⁶ Nossa tradução livre: Quando ela parou os ataques de sabre, uma força indomável ainda parecia puxar seus braços e pernas. (MIGUENS, 2019, p. 232).

⁵⁵⁷ Nossa tradução livre: Azuero segurou seu olhar, enquanto afugentava um felino de três cores subindo no corrimão do pódio. (MIGUENS, 2019, p. 232).

mulheres de Bogotá, que se autodenominavam “*las mujeres liberales*”⁵⁵⁸: “*Nosotras, las mujeres de Bogotá, protestamos de esos provocativos libelos contra esta señora, que aparecen en los muros de todas las calles. La señora Sáenz, a la que nos referimos no es una delincuente...*”⁵⁵⁹ [...]” (MIGUENS, 2019, p. 232). O referido excerto consiste em uma intertextualidade promovida pela diegese, uma vez que tal documento de fato existiu, como discutimos na primeira seção desta escrita doutoral.

O romance segue relatando a crítica situação e o fato de que a personagem Manuela Sáenz não se deixava abater pelos constantes ataques do governo. Para Sáenz, de acordo com a diegese, era seu dever exigir respeito e lutar contra a oposição, pois o movimento bolivariano ainda acreditava em um possível de retorno de Bolívar, o que não aconteceria.

A gota d’água para o governo, segundo a narrativa ficcional expõe, consiste na publicação de uma nota por parte da personagem Manuela Sáenz, em que ela reforça seu apoio a Bolívar e critica, duramente, a parcialidade da imprensa. Vejamos: “*El autor de La Aurora debe saber que la imprenta libre no es para personalidades, y que el abuso con que se escribe cede más bien en desdoro del país, que en injurias a las personas a las que se ataca*”⁵⁶⁰.” (MIGUENS, 2019, p. 236). Essa construção intertextual de uma publicação, cuja comprovação pode ser verificada na obra *Manuela Sáenz Generala de América*, escrita por Antonio Cagua Prada (2012) levou o governo a decidir pela deportação da personagem Sáenz do país.

O narrador heterodiegético ressalta, ainda, uma problematização com relação à questão de gênero: “*Una mujer desbarata en un día lo que un hombre construye en un año, dicen que decían por las calles, pero lo construido por Bolívar fue destruido por los hombres, quizás hasta mesmo por el mismo Bolívar*”⁵⁶¹.” (MIGUENS, 2019, p. 236). A criticidade do referido excerto é evidente ao gerar um

⁵⁵⁸ Nossa tradução livre: As mulheres liberais.

⁵⁵⁹ Nossa tradução livre: Nós, as mulheres de Bogotá, protestamos contra essas calúnias provocativas contra esta senhora, que aparecem nos muros de todas as ruas. A senhora Sáenz, a quem nos referimos, não é criminosa... (MIGUENS, 2019, p. 232).

⁵⁶⁰ Nossa tradução livre: O autor de “La Aurora” deve saber que a imprensa livre não é para personalidades, e que o abuso com que é escrita rende mais à desgraça do país do que aos insultos às pessoas que são atacadas. (MIGUENS, 2019, p. 236).

⁵⁶¹ Nossa tradução livre: Uma mulher destrói em um dia o que um homem constrói em um ano, diziam nas ruas, mas o que Bolívar construiu foi destruído pelos homens, talvez até pelo próprio Bolívar. (MIGUENS, 2019, p. 236).

contraponto com a opinião das ruas e a do narrador. Parte da sociedade em que a narrativa ficcional se passa via na personalidade de Manuela Sáenz uma atuação subversiva pelo fato de ela ser, primeiramente, mulher e atuar politicamente.

O capítulo encerra-se com a chegada de soldados à casa da personagem Manuela Sáenz, exigindo a sua saída da cidade. A protagonista, contudo, os recebe, juntamente de suas escravas, com fuzis. *“Por eso, quizá, la incólume serenidad de Manuela, apuntando su fusil recto al entrecejo del hombre de mayor rango, entrecejo al que también apuntaban los fusiles de Jonathás, Nathán y la mirada de Dulce María⁵⁶².”* (MIGUENS, 2019, p. 238). Tal trecho evidencia a coragem da protagonista, que defende seus interesses a qualquer custo e sem intimidação. A situação só mudaria com a morte de Bolívar, no mesmo ano, 1830, como o romance aborda em retrospecto.

O décimo primeiro capítulo consiste em uma escrita semelhante a um diário, em que a personagem Manuela Sáenz, a partir do recurso intertextual, enfatiza o seu sentimento pelo general. Nesse breve capítulo de pouco mais de uma página, a escrita ressalta as qualidades de Simón Bolívar e como ela, Manuela Sáenz, mesmo anos após sua morte, insistia em manter sua imagem viva. *“La gente hablaba. Pero qué importa. Total logramos vencer y basta. Fue necesario separarnos. Así el gusano de la desdicha cavó en nuestros males. Lograron deshacerse de él. Pues yo digo que no⁵⁶³.”* (MIGUENS, 2019, p. 239). Todo o conteúdo desse texto pode ser encontrado em documentos sobre a vida de Sáenz publicados na América no último século.

Fica-nos evidente, portanto, como a autora do romance entrelaça não apenas os fatos históricos na escrita romanesca, mas também a vasta troca de cartas e produções textuais outras de Sáenz e Bolívar, levando o leitor a mergulhar nessa obra e nela encontrar não apenas ficção, mas uma comunhão sutil entre literatura e discurso histórico. Isso se dá, com o intento de, em última análise, ressignificar o passado por meio de um viés que se atente à personagem de extração histórica Manuela Sáenz.

⁵⁶² Nossa tradução livre: Por isso, talvez, a serenidade inabalável de Manuela, apontando seu fuzil direto para o ponto de vista do homem de alto escalão, ponto de vista para o qual, também, apontavam os fuzis de Jonathás, Nathan e Dulce María. (MIGUENS, 2019, p. 238).

⁵⁶³ Nossa tradução livre: Conversávamos. Mas o que isso importa. Conseguimos vencer e isso é o suficiente. Era preciso separar-nos. Assim, o verme do infortúnio se enterrou em nossos males. Eles conseguiram livrar-se dele. Bem, eu digo que não. (MIGUENS, 2019, p. 239).

O penúltimo capítulo de *La Gloria eres Tú* narra a chegada de Manuela Sáenz em Paita, no Peru, onde moraria – segundo o relato histórico – por mais de duas décadas. O capítulo inicia-se com a atuação do narrador heterodiegético, relatando os trágicos acontecimentos vivenciados pela protagonista nos últimos anos, como sua expulsão de Bogotá, o assassinato de seu irmão, a proibição de sua entrada em Quito e sua passagem pela Jamaica, desterrada e sem recursos financeiros. Aqui, parece-nos bastante simbólico que um narrador heterodiegético tenha sido escolhido para abordar esse momento chave na vida de Sáenz e que culminará com as empreitadas de apagamento de seu nome da história. Perdemos a sua voz e somos conduzidos por uma figura mais distanciada.

Nesse instante, ao se aproximar de Paita, a personagem Manuela Sáenz volta a sorrir. A diegese expõe que a protagonista passa a olhar para a paisagem por uma luneta e admira o que vê: “–¡Dios! – exclamó y una explosión de azules la invadió por primera vez. Aunque el mar semejaba al de siempre, el de Ecuador, Panamá, Venezuela, Jamaica, Colombia. El de Santa Marta, donde Bolívar dejó ir su última mirada⁵⁶⁴.” (MIGUENS, 2019, p. 242). Nesse trajeto até sua chegada ao porto peruano, Manuela Sáenz observa o local pela primeira vez, as nuances e os contornos vão rompendo a linha do horizonte e ela consegue ver até mesmo sua casa. Seus próximos anos seriam vividos nesse lugar, distante.

Por fim, o último capítulo da narrativa ficcional é narrado em primeira pessoa e o texto se entrelaça entre trechos advindos de cartas trocadas por Sáenz no âmbito factual e a própria ficcionalidade da diegese. Pela criticidade do romance de Miguens (2019), a personagem de Sáenz volta a narrar o fim de sua vida e partir das próprias impressões da personagem protagonista. O capítulo inicia-se com o seguinte excerto: “Hoy, a julio veinticinco de 1840, vino visitarme el señor José Garibaldi, muy puesto este señor aunque un poco enfermo⁵⁶⁵.” (MIGUENS, 2019, p. 245). O referido trecho pode ser encontrado na obra *Las más hermosas cartas de Amor entre Manuela y Simón* (2010) e aqui estamos diante de um possível impasse, uma vez que, de acordo com a historiografia – vide biografias estudadas na primeira seção –, a visita de Giuseppe Garibaldi à Manuela Sáenz acontece após a morte de

⁵⁶⁴ Nossa tradução livre: – Deus! – ela exclamou e uma explosão de azuis a invadiu pela primeira vez. Embora o mar se assemelhasse ao habitual, o do Equador, Panamá, Venezuela, Jamaica, Colômbia. O de Santa Marta, onde Bolívar soltou seu último olhar. (MIGUENS, 2019, p. 242).

⁵⁶⁵ Nossa tradução livre: Hoje, dia 25 de julho de 1840, veio visitar-me o senhor José Garibaldi, este senhor muito em forma, embora um pouco doente. (MIGUENS, 2019, p. 245).

Anita Garibaldi em 1849, Murray (2008), aponta o ano de 1851 para essa visita. As biografias apontam, também, que nesse período Sáenz estava acamada após ter sofrido uma queda, que a impossibilitaria de caminhar nos últimos anos de sua vida. Assim, essa visita do marinheiro italiano pode ter acontecido em dois momentos distintos ou tais registros contam com imprecisões. Contudo, estamos diante de um romance, cujo único compromisso é com a verossimilhança de sua composição e é essa visita que encerra a obra de Miguens (2019), mas que ainda instiga o leitor a se questionar sobre os porvires da personagem Manuela Sáenz nesses próximos anos de sua vida.

Nesse encontro, aqui narrado pela protagonista, o romance aborda a leitura de uma carta escrita por Bolívar já em seus últimos dias de vida. Essa carta, assim como a maioria das outras missivas inseridas na obra, foi, de fato, escrita pelo general, e o destinatário era sua prima, Fanny, com quem, de acordo com a historiografia, Bolívar havia envolvido-se na juventude. Dessa forma, a personagem Manuela Sáenz lê a carta para Garibaldi:

¿Te extraña que piense en ti al borde del sepulcro? Ha llegado la última aurora: tengo al frente el mar Caribe, azul y plata, agitado como mi alma, por grandes tempestades; [...]. Muero despreciable, proscrito, detestado por los mismos que gozaron mis favores; víctima de intenso dolor, presa de infinitas amarguras. [...] tuyos fueron mis triunfos y tuyos mis reveses, tuyos son también mi último pensamiento y mi pena última. [...] Tú estás conmigo en los postreros latidos de la vida, en las últimas fulguraciones de la conciencia. ¡Adiós, Fanny! Tuyo, Bolívar⁵⁶⁶. (MIGUENS, 2019, p. 246, 247).

Nesse recorte, fica evidente como a personagem Manuela Sáenz não era a única mulher de quem o general ainda se lembraria. O romance avança com a suposição de Garibaldi de que Bolívar, ao escrever a missiva, buscava apenas se aliviar de algumas cargas antes de morrer. A protagonista, contudo, responde que para ela, a carta era uma vingança de Bolívar, uma vez que a personagem Sáenz não havia respondido a muitos de seus chamados.

⁵⁶⁶ Nossa tradução livre: Você está surpreso que eu pense em você à beira do túmulo? Chegou a última aurora: tenho diante de mim o mar do Caribe, azul e prateado, agitado como minha alma, por grandes tempestades; [...]. Morro desprezível, proscrito, detestado pelos mesmos que gozaram de meus favores; vítima de uma dor intensa, presa de uma amargura infinita. Os teus foram os meus triunfos e os teus os meus reveses, os teus são, também, o meu último pensamento e a minha última tristeza. [...] Você está comigo nas últimas batidas da vida, nos últimos lampejos de consciência. Adeus Fany! Seu, Bolívar. (MIGUENS, 2019, p. 246, 247).

Na sequência, a personagem Manuela Sáenz entrega a Giuseppe Garibaldi outras cartas escritas por Bolívar, também inseridas na referida obra histórica, em que o general pede pela presença de Sáenz. “*Tú, Manuela mía, más de tu férrea voluntad y te resistes a verme*⁵⁶⁷.” (MIGUENS, 2019, p. 248). Nesse sentido, ao ser aconselhada por Giuseppe a perdoar Bolívar, a protagonista ressalta que era ela, afinal, quem deveria ser perdoada pelo general.

Por fim, a personagem Garibaldi ainda questiona Manuela Sáenz sobre como ela teve acesso a essa carta, mas ela é evasiva e não responde. Garibaldi, então, parte e deixa para a protagonista uma nota pela sua visita. À personagem Sáenz, ele seria mais uma pessoa cuja ausência seria sentida. “*Ahora también siento tristeza de la ausencia de este señor*⁵⁶⁸.” (MIGUENS, 2019, p. 249).

O romance avança e a personagem Sáenz recebe em sua casa, como de costume, Simón Rodríguez, que aparentava cansaço e logo se retira, pensativo. Entre as recordações da protagonista, está a da visita de Melville e a certeza de que ninguém voltará nessa sucessão de amanheceres que compõem sua vida. “*Ciegos sin remedio, en estas caras se aloja todo lo que me ha unido a mi tiempo. No obstante, he sido feliz de vivir estos años, y tantos otros, siendo testigo de sucesos únicos*⁵⁶⁹.” (MIGUENS, 2019, p. 251). A diegese, então, a partir do fluxo de pensamento da protagonista, direciona-se para a conclusão.

Somos, então, conduzidos pela narradora aos seus últimos instantes de vida a partir da descrição de como o fogo se aproximava e levava com ele a sua vida. “*Entregarse a la aterradora certeza de la eterna vida: la muerte. Cada tanto es preciso desmoronar la ciudadela de los sentidos, acceder a la poesía del mundo, ser poema*⁵⁷⁰.” (MIGUENS, 2019, p. 252). Aqui, não fica claro ao leitor como a composição ficcional organiza-se, uma vez que as páginas narradas pela protagonista eram o resultado de suas escritas. Desse modo, morrer para a

⁵⁶⁷ Nossa tradução livre: Você, minha Manuela, mais que sua vontade férrea e resiste em me ver. (MIGUENS, 2019, p. 248).

⁵⁶⁸ Nossa tradução livre: Agora também sinto tristeza pela ausência deste homem. (MIGUENS, 2019, p. 249).

⁵⁶⁹ Nossa tradução livre: Cegos sem remédio, nestes rostos está alojado tudo o que me uniu ao meu tempo. No entanto, tenho sido feliz por viver estes anos, e tantos outros, testemunhando acontecimentos únicos. (MIGUENS, 2019, p. 251).

⁵⁷⁰ Nossa tradução livre: Entregue-se à terrível certeza da vida eterna: a morte. De vez em quando é preciso desmoronar a cidadela dos sentidos, acessar a poesia do mundo, ser poema. (MIGUENS, 2019, p. 252).

personagem Manuela Sáenz era tornar-se poema, ser lembrada sem mais poder ser alcançada. Sua vida vai, então, deixando o corpo na medida em que o fogo a consome.

A protagonista continua narrando mesmo após sua morte e, percebendo com clareza o evento que cessava sua vida, “*definitivamente mi cuerpo se calcina entre estos a los que las llamas liberan de los demonios de la peste. Cuerpos desmembrados ya no por la enfermedad, sino por la benevolencia de este dios del fuego*⁵⁷¹. (MIGUENS, 2019, p. 253). Por fim, a última reflexão advinda da personagem Sáenz consiste em afirmações sobre o fato de aceitar seu destino:

*Acepto haber amado con uno de esos amores propensos a ser arrojados al hoyo de la peste... Acepto ahora esta buena-ventura de amar la eternidad sin pudor, sin recelos, sin juicio, sin razón... Acepto amar una y mil veces más, y luchar solo contra el viento. O no luchar*⁵⁷². (MIGUENS, 2019, p. 254).

A personagem Manuela Sáenz morre, mas continua narrando os detalhes do seu fim, o corpo que queima e o sentimento de aceitação, de que já não resta nada para ser feito por ela nesse plano. Mesmo nesse momento de dor e morte iminente, a protagonista narra o amor, sentimento que orientou todas as suas experiências e relacionamentos – inclusive pela falta dele –. Essa consciência expandida da personagem promove certa idealização ao romance, como se Manuela Sáenz estivesse sublimada e, agora, ascendesse aos céus. É válido, ainda, ressaltar que as razões que levaram à morte da protagonista não ficam claras para o leitor que desconhece a historiografia de Sáenz. Há uma lacônica menção à peste, apenas. Esse final evasivo confere à obra um teor poético e livre, sem compromisso com detalhes verídicos.

Dessa forma, o romance de Miguens (2019) atende às especificidades principais do referido romance histórico contemporâneo de mediação. Essa habilidade de transitar entre dois extremos – o acrítico e o desconstrucionista –

⁵⁷¹ Nossa tradução livre: Definitivamente meu corpo arde entre aqueles que as chamas liberam dos demônios da peste. Corpos desmembrados não mais pela doença, mas pela benevolência desse deus do fogo. (MIGUENS, 2019, p. 253).

⁵⁷² Nossa tradução livre: Aceito ter amado com um desses amores propensos a ser lançados no poço da peste... Aceito agora esta boa fortuna de amar a eternidade sem vergonha, sem receios, sem julgamento, sem razão... Aceito amar mil vezes mais, e lutar sozinho contra o vento. Ou não lutar. (MIGUENS, 2019, p. 254).

permite que o horizonte de expectativa do leitor seja ampliado sem grandes rupturas e de forma crítica em distintas perspectivas. Avancemos, portanto, à sexta característica do romance de mediação que, segundo Fleck (2017), consiste na presença de recursos metaficcionais. Segundo o teórico,

[...] a utilização de recursos metanarrativos, ou comentários do narrador sobre o processo de produção da obra, dá-se nessa modalidade sem que estes se constituam no sentido global do texto [...]. Nessa modalidade, o emprego de recursos metanarrativos se faz para revelar ao leitor alguns dos processos de seleção, manipulação e ordenação da narrativa. Isso pode acontecer por meio da presença de um diálogo entre a voz enunciativa do discurso e seu narratário ou por sutis enunciados do narrador. (FLECK, 2017, p. 111).

A composição de Silvia Miguens (2019) apresenta-nos uma construção que rompe com a tradição de escrita. Somos conduzidos pela apresentação literária de Manuela Sáenz por meio de duas narrações distintas: a de um narrador autodiegético e a de um heterodiegético. Nos capítulos narrados pela própria protagonista, a narrativa ficcional deixa claro que ela escrevia suas lembranças em um momento de deslocamento de tempo e espaço dos grandes acontecimentos de sua vida. Contudo, o registro metaficcional, que indica o estabelecimento de um diálogo com o próprio leitor do romance, não acontece. A manipulação do discurso, a fim de expor que esse romance é uma construção discursiva, cujas orientações e omissões foram devidamente escolhidas, não é abordada pela autora, que opta por estabelecer distintos narradores com focos alternados para renarrativizar e ressignificar a vida de Manuela Sáenz.

Desse modo, *La Gloria eres Tú* (2019) consiste em um romance histórico contemporâneo de mediação por apresentar premissas básicas de tal modalidade. O leitor que mergulha nessa narrativa ficcional atenta-se a questões omitidas pela historiografia ou, ainda, abordadas por outro ângulo. A Manuela Sáenz figurada nessa obra é o resultado da influência e do amor recebidos pelas suas cuidadoras e escravas. Ela é política, apaixonada, crítica, subversiva, diplomática e atua em um contexto de grandes contradições sociais e políticas. Essa mediação entre a construção e a desconstrução permite que qualquer leitor, mesmo o menos experiente, seja atravessado por uma perspectiva outra sobre essa personagem de extração histórica. Esse é o caminho da descolonização, cuja travessia estamos

apenas começando a percorrer: visitar o passado, analisar padrões que permanecem e foram impostos a um continente.

Avancemos, agora, a uma análise comparativa entre os dois romances *corpus* de nossa pesquisa de modo a cotejá-los em suas aproximações e distanciamentos com relação ao discurso historiográfico e as possíveis implicações de tais obras ao imaginário latino-americano. Desse modo, nosso intento consiste em refletir sobre como o universo literário tem contribuído à construção de uma perspectiva possível de apreensão do passado e de resignificação de sujeitos que foram, pela historiografia positivista, consagrados como heróis.

É de vasta divulgação midiática as releituras e renarrativizações do passado. Romances históricos adaptados para o cinema fazem parte do espaço comum em nosso contexto de enunciação – Brasil e América Latina –. Sendo assim, estudos mais alinhados, que caracterizem fases e modalidades desse gênero, tornam-se imprescindíveis, uma vez que temos, por meio do universo ficcional, a possibilidade de visitar nosso passado fortemente marcado pela colonialidade, que nos posiciona em um lugar marcado por discursos de controle e dominação.

As reflexões que seguem buscam analisar como a literatura pode tornar-se um instrumento de legitimação ou contestação do discurso histórico positivista, que ainda está em voga hodiernamente. Temos como intento nessa escrita doutoral, contribuir com a incipiente descolonização de nossas mentes, nesse território singular, espaço riquíssimo para que possibilidades de valorização do lugar e do povo, que aqui ainda aprende a se desvincular de suas antigas metrópoles e desse olhar eurofocêntrico, possam atingir primeiramente a academia para, na sequência, virem a se inserir no espaço escolar, que reconheça a importância do pensamento questionador que o romance histórico exerce – em sua fase crítica – ao avanço para uma sociedade autônoma culturalmente.

2.6 MANUELA SÁENZ: HISTÓRIAS REFLETIDAS

Pensar sobre Manuela Sáenz consiste em um exercício desafiador. Quantas são as versões possíveis que delineiam suas vivências empíricas em uma América que iniciava seu processo de descolonização? Pelos registros a que temos acesso na contemporaneidade, não há como descartarmos sua relevância para o

movimento independentista, ainda que tentativas de apagamento de sua atuação foram constantes durante sua vida e nos anos após sua morte.

Entre múltiplas possibilidades de abarcar a personalidade histórica em questão, a presente escrita doutoral optou por apresentá-la, em um primeiro momento, por meio de textos biográficos, para, na sequência, avançar às pesquisas produzidas no século XXI no campo acadêmico inseridos nos campos da história e da sociologia e, em um terceiro momento, abarcar os textos literários, e as possibilidades de reapresentação dessa personagem de extração histórica.

Os dois romances selecionados, parte de um corpus maior e apresentados no início da segunda seção, evidenciam como a intencionalidade do discurso perfila a história que a obra propõe-se a narrar. Nesse sentido, embora ambas as narrativas romanescas assemelhem-se por protagonizarem a mesma personagem, um olhar atento nos conduz às intencionalidades de cada produção, contribuindo ora com a manutenção de um passado laudatório, ora com um ponto de vista mais questionador e até denunciativo.

Nas páginas que precederem esse momento, abordamos as vinculações de cada obra literária a partir da teoria acerca do romance histórico proposta por, entre outros teóricos, Fleck (2017). Nosso intuito, agora, é o de refletir sobre a personalidade histórica em estudo e como tais perspectivas convergem com os estudos decoloniais. Dessa forma, estabelecemos uma análise transdisciplinar que nos instrumentaliza a refletir sobre a América, sobretudo a Latina, e, mais especificamente, sobre nós mesmos e nossa atuação nesse continente que, de certa forma ainda incipiente, inicia sua descolonização das mentes e do imaginário.

Primeiramente, é fundamental refletirmos sobre como a colonialidade manifesta-se hodiernamente sob véus sensíveis e de tal modo intrincado a nossa realidade que não é incomum julgarmos que sua manifestação seja natural. Nesse sentido, Mignolo (2017, p. 2) aponta-nos que, “a “modernidade” é uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado mais escuro, a “colonialidade”.” Assim, não há como pensarmos a modernidade, que aqui assumimos seu início com o “descobrimento” da América (1492), sem nos vincularmos a uma versão oposta dessa faceta, que desequilibra as vivências em curso de um continente que já se desenvolvia.

Como definir, portanto, a colonialidade? Como torná-la palpável e sensível aos nossos sentidos para que possamos identificá-la em nossas experiências e não a corroborar? Acreditamos que essa seja a tarefa mais desafiadora e a que ainda segue em pauta e em desenvolvimento ao longo dos últimos séculos. Embora o termo tenha surgido no final da década de 1980, sabemos que ações que intentam refutar a colonialidade existem desde os primeiros contatos com os estrangeiros que se apropriaram do território americano.

Assim, em uma tentativa preliminar e didática de definição, acreditamos que a colonialidade consiste em uma série de ações, iniciadas em 1492, que atuam no âmbito simbólico e discursivo de modo a submeter populações a uma visão unilateral e parcial de suas experiências por meio da imposição de um rei, de uma língua e de uma religião, os três europeus. Desse modo, as vivências empíricas cultivadas no espaço que hoje denominamos América Latina e Caribe foram paulatinamente minimizadas e até mesmo anuladas, a fim de tornar imperiosa uma perspectiva eurofocêntrica deslocada, uma vez que diferenças espaciais e culturais nos atravessam e tornam tal empreitada uma busca constante, mas inatingível⁵⁷³ por serem exteriores a nossa natureza.

Diante do reconhecimento de que, mesmo após dois séculos de descolonização do espaço latino-americano, ainda permanece, nas mais diversas conjunturas, em grande medida, uma ordem colonizadora, isto é, uma busca por padrões estrangeiros, uma submissão a valores impostos e um costumeiro sentimento de pertencimento deslocado, buscamos agir dentro de nossos *lócus* enunciativos com o objetivo de romper com essa dinâmica, que por estar inserida de tal modo em nossas ações acadêmicas e pessoais, tem sua hostilidade despercebida e desconsiderada. De acordo com Mignolo (2017, p. 6),

[...] o pensamento descolonial e as opções descoloniais (isto é, pensar descolonialmente) são nada menos que um inexorável esforço analítico para entender, com o intuito de superar, a lógica da colonialidade por trás da retórica da modernidade, a estrutura de administração e controle surgida a partir da transformação da economia do Atlântico e o salto de conhecimento ocorrido tanto na

⁵⁷³ Reflexões convergentes ao que hoje compreendemos como estudos decoloniais foram feitas pelo professor brasileiro Silvano Santiago em seu artigo intitulado “O entre-lugar do discurso latino-americano” (1971).

história interna da Europa como entre a Europa e as suas colônias [...] ⁵⁷⁴.

Agir decolonialmente significa, por consequência, soltar amarras que nos prendem a padrões impostos. Estar apto a se desfazer de lentes que inviabilizam nosso olhar ao que, de fato, é legitimamente latino-americano. Nesse sentido, nossa pesquisa alinha-se ao que Mignolo ([2000] 2012) denomina “*an other thinking*” ⁵⁷⁵, que consiste em compreender que

[...] *macronarratives from the perspective of coloniality are precisely the places in which “an other thinking” could be implemented, not in order to tell the truth over lies, but to think otherwise, to move toward “an other logic” – in sum, to change the terms, not just the content of the conversations* ⁵⁷⁶. (MIGNOLO, 2012, p. 69-70)

O pensamento outro, portanto, apresenta-se como mais uma possibilidade de narrar, uma vez que, pela intangibilidade do passado, o único recurso para nos apropriarmos de nossa história é a linguagem. Assim, não estamos agindo em um combate de narrativas a fim de que a “verdadeira” vença, mas, pelo contrário, identificando discursos que nos ofereçam a alternativa de pensarmos de outro modo, um direcionamento para além das proposições eurocêntricas inseridas na América.

Dois séculos após a descolonização do espaço latino-americano, ainda lidamos com o processo incipiente de descolonizar nossas mentes de padrões estrangeiros, que reduzem nossas experiências empíricas à perspectiva desse olhar alóctone, que acredita ser o portador da única verdade possível, narrável e transferível. O véu colonial ainda dita muitas de nossas escolhas e experiências. É preciso e urgente, em um primeiro momento, identificarmos como tais organizações

⁵⁷⁴ O tradutor do texto, Marco Oliveira, optou por utilizar o termo descolonial. É válido ressaltar que ambas as formas (descolonial e decolonial) são aceitas e recorrentes nas pesquisas sobre essa temática.

⁵⁷⁵ Em sua obra *Local Histories/ Global Designs – Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking* (2000), Walter D. Mignolo aborda as proposições de Abdelkebir Khatibi (1938 – 2009) acerca do ‘pensamento outro’ em seu contexto de atuação, o Marrocos. Em nossa tradução livre, Mignolo (2000, p. 67) ressalta que “um pensamento outro é possível quando diferentes histórias locais e suas relações de poder particulares são levadas em consideração.”

⁵⁷⁶ Nossa tradução livre: As macronarrativas, na perspectiva da colonialidade, são justamente os lugares em que “um pensamento outro” poderia ser implementado, não para dizer a “verdade” sobre a “mentira”, mas para pensar de outra forma, para caminhar em direção a “uma lógica outra” – em suma, para mudar os termos, não apenas o conteúdo das conversas.

narrativas são compostas em nosso imaginário, para, posteriormente, ir de encontro a essas proposições não com o objetivo de superação, mas de oferecimento de outra possível versão, a partir de um ângulo outro, desconsiderado fortemente em um espaço onde uma ideologia positivista dita os modos de relato.

Nesse sentido, tantas são as heranças coloniais nos mais distintos setores sociais que o que aqui propomos é um recorte possível dentro desse microespaço acadêmico em que estamos inseridos. Por essas vias e pela pesquisa proposta de trazer aos estudos literários inseridos no Brasil uma personagem histórica latino-americana que vive e atua durante o exato momento em que os primeiros movimentos de descolonização fatural acontecem em nosso continente, dispusemos-nos a abarcar as reverberações de sua existência na literatura latino-americana, mais especificamente, por meio de romances históricos.

As duas obras analisadas nas seções anteriores evidenciam como a literatura oferece-nos subsídios para refletirmos acerca das imagens laudatórias de nossos heróis. Pela liberdade de composição e o compromisso apenas com a verossimilhança de sua escrita, o romance histórico torna-se uma ferramenta social que pode, ora promover a ressignificação de um evento histórico, ora renarrativizá-lo corroborando um viés positivista, frequentemente presente no discurso histórico. Desse modo, apenas uma teoria didaticamente organizada pode capacitar o leitor comum de forma que seu repertório seja expandido e seu entendimento provoque-o a pensar e, por consequência, agir em sua própria descolonização.

Ao refletirmos sobre os dois romances previamente estudados, alguns caminhos interpretativos tornam-se possíveis. Primeiramente, depreendemos o interesse de ambos os autores – Zúñiga (2000) e Miguens (2019) – em trazer ao seu espaço contemporâneo de enunciação o protagonismo de uma personagem de extração histórica feminina. Diferentemente da opção mais comumente escolhida, que é a de narrar a vida de Simón Bolívar, temos nessas obras a mulher com o papel central.

Essa primeira escolha dos autores já se manifesta como uma opção que requer análise, pois inverte-se a ordem de expectativa, estamos frente a uma escrita sobre Manuela Sáenz, ela ocupa a centralidade da narrativa romanesca. Ressaltamos, ainda, o fato de que, até a segunda década do século XXI, apenas 16 romances foram encontrados, cujo protagonismo conta com a personalidade quitenha. Além disso, poucas foram as obras que contaram com alguma

reimpressão. Em nossas pesquisas, apenas os romances analisados recebem outras edições.

Sendo assim, por que narrar as vivências dessa personalidade feminina nos séculos XX e XXI? Qual é a relevância de sua trajetória para o leitor contemporâneo? Acreditamos que a primeira intencionalidade que fomenta a composição dessas narrativas reside no fato de revisitar a história, reacender um interesse, reposicionar as próprias impressões sobre o passado. Em *Manuela*, seu autor escreve de Quito, cidade natal da protagonista, marcada pelas suas lembranças nas diversas biografias produzidas sobre a personagem. Como em um processo de ressaltar a identidade do local, erigir seus próprios heróis, Manuela Sáenz é rerepresentada na década de 1990 ao seu país e à sua cidade natal.

Com relação à *La Gloria eres Tú*, publicado na Argentina, estamos diante de uma escritora mulher que compõe também sobre mulheres, assim, ao refletirmos sobre as personagens latino-americanas femininas, não há como excluímos Sáenz dessa seleção, sua ficcionalização reacende e reforça um interesse – que tem se tornado recorrente – de encarar e compreender o passado por meio de uma ótica-outra.

Ao adentrarmos o universo ficcional de ambas as obras, fica-nos evidente os trajetos realizados por cada romance a fim de compor uma protagonista forte, subversiva e sagaz, que age segundo suas crenças apenas. Contudo, ao analisarmos tais obras a partir de uma metodologia detalhada, como a proposta por Fleck (2017), verificamos como estamos inseridos em uma realidade que, na tentativa de ressignificar o passado, por vezes, apenas renarrativiza-o e segue comungando com ideais eurofococêntricos ao fazer uso de uma personagem feminina como pretexto para seguir exaltando heróis já estabelecidos historicamente.

Essa vinculação com perspectivas europeias e, sobretudo, masculinas fica evidente nos dois romances estudados, com algumas diferenças sensíveis. O romance de Zúñiga (2000) utiliza a história de Manuela Sáenz para rerepresentar ao seu leitor a atuação de Simón Bolívar nas guerras independentistas. A protagonista atua como uma ponte entre o leitor e o dito Libertador. Algo análogo acontece na obra de Miguens (2019), porém essa não consiste em uma unanimidade do texto. Dessa forma, ao tentarmos nos desamarrar de nós coloniais, mais de um século depois da independência política da América Hispânica, verificamos como

comumente reforçamos padrões divergentes sem estarmos, muitas vezes, plenamente conscientes de tais escolhas.

Nesse momento, uma ressalva torna-se fundamental, pois ao elaborarmos essa escrita doutoral, compreendemos a relevância de Simón Bolívar ao território hispano-americano e a sua representatividade ao movimento independentista. Entretanto, exíguos são os estudos que, de fato, analisam os pormenores de sua atuação e o fato de que as mudanças impulsionadas por Bolívar não impactaram diretamente a vida de povos que estavam à margem. Essa foi uma guerra elitizada e cruel sob o comando de um líder recorrentemente heroicizado histórica e literariamente. Como fonte de consulta, nos estudos literários, citamos, novamente, a publicação de Dorado Mendez (2022) intitulada *Nuestro Bolívar*, na qual o estudioso apresenta, também por meio de narrativas híbridas de história e ficção, uma personagem de extração histórica que não corrobora pressupostos positivistas.

Nesse sentido, ao analisarmos com relativo distanciamento temporal ambos os romances previamente estudados, depreendemos que as duas obras tentam uma resignificação da personalidade histórica Manuela Sáenz ao figurá-la como protagonista e deixá-la contar os pormenores de suas vivências. Contudo, o que possivelmente passe despercebido para o leitor menos experiente, é o fato de que essa narrativa romanesca autodiegética é recorrentemente utilizada em escritas tradicionais, segundo Fleck (2017), que comungam com um viés historiográfico laudatório.

Zúñiga (2000) delinea em todo o romance as excentricidades de Sáenz, sua inconformidade e insubmissão às imposições sociais. Estamos diante de uma protagonista dinâmica e provocativa que por diversas vezes nos transporta ao entendimento de que ela está ali para desestabilizar versões convencionais do passado. Entretanto, tal proposição apaga-se quando o revisionismo alcança a personagem Bolívar, que é narrada com tamanha ênfase que, em distintos momentos, é possível estabelecer uma aproximação do general com a figura cristã de Jesus, traído e injustiçado.

Vejamos alguns trechos que ilustram esse percurso tortuoso entre uma proposição crítica e a corroboração acrítica do passado: *“De pronto, mientras arreglaba mis uñas, me vino a la mente la imagen de todo aquel gentio murmurador, encerrado en su pequeña vida de colonizados, de gente que soñaba con viajar a*

*España para saludar a su rey*⁵⁷⁷.” (ZÚÑIGA, 2000, p. 60). O referido excerto se lança ao romance em tom de denúncia, que perpassa a intencionalidade de edificar uma protagonista crítica e perspicaz. Ela compreende que a vida em uma colônia hispânica limitava o desenvolvimento de uma nação independente e vê em seus conterrâneos a total submissão aos espanhóis.

Por outro lado, com a chegada da personagem Bolívar ao romance, a orientação de escrita volta-se, de todo modo, à corroboração e mitificação do general venezuelano. Vejamos: “[...] *uno de los defectos capitales de su excelencia el Libertador es la confianza excesiva en los que le rodean; está convencido de que ningún oficial allegado puede traicionarlo;*⁵⁷⁸” (ZÚÑIGA, 2000, p. 192 - 193). Nesse excerto, a narração perfila Bolívar em sua ingenuidade e bondade, em sua retidão de caráter e capacidade de perdoar. Os erros expostos cometidos por essa personagem de extração histórica dão-se em razão de seus instintos mais sutis e incontroláveis, como a incapacidade de ser fiel à Sáenz. Em outro trecho, a narradora expõe que, “*a pesar de todo, el Libertador con su gran corazón, que quizás era uno de sus defectos, intercedió en la condena de muchos de ellos; [...] El general fue demasiado benévolo con todos ellos,*⁵⁷⁹ [...]” (ZÚÑIGA, 2000, p. 221 - 222). Dessa forma, pela recorrência de passagens laudatórias que enaltecem e mitificam a figura de Simón Bolívar, compreendemos que a intencionalidade de trazer a figura de Sáenz para o protagonismo da narrativa de modo a ressignificar sua trajetória frustra-se quando o romance corrobora as proposições positivistas de exaltação de figuras masculinas, elitizadas por um viés unilateral e já reconhecidamente controversas.

Com relação ao romance de Miguens (2019), o mesmo acontece, porém em episódios mais espaçados e entrepostos por passagens questionadoras, que criticam veementemente o registro historiográfico. Diferentemente da obra de Zúñiga (2000), temos nessa segunda experiência de leitura uma mediação mais clara e

⁵⁷⁷ Nossa tradução livre: De repente, enquanto fazia as unhas, veio-me à mente a imagem de todas aquelas pessoas fofas, fechadas em sua pequena vida como povo colonizado, de pessoas que sonhavam em viajar para a Espanha para cumprimentar seu rei. (ZÚÑIGA, 2000, p. 60).

⁵⁷⁸ Nossa tradução livre: [...] um dos defeitos capitais de sua excelência, o Libertador, é a confiança excessiva nos que o cercam; ele está convencido de que nenhum oficial próximo pode traí-lo. (ZÚÑIGA, 2000, p. 192 - 193).

⁵⁷⁹ Nossa tradução livre: Apesar de tudo, o Libertador, com seu grande coração, que talvez fosse um de seus defeitos, intercedeu na condenação de muitos deles; [...] O general foi muito benevolente com todos eles, [...]. (ZÚÑIGA, 2000, p. 221 - 222).

equilibrada entre a tradição e a criticidade. Com narradores diferentes e um constante fluxo de consciência por parte de Sáenz, a escrita da autora argentina aborda ângulos não demarcados pela historiografia, por meio de personagens puramente ficcionais e de extração histórica que reverberam um sentido outro para as vivências da protagonista e ao próprio delinear do passado.

Desse modo, a presença mais ativa – mas ainda marginalizada – das suas escravas e de sua cuidadora, que lhe acompanham durante toda a sua vida nessa narrativa romanesca, oferece ao leitor um panorama das fontes étnicas nas quais a protagonista nutre-se. Além disso, múltiplos são os episódios em que esse embates culturais são expostos, como no início do romance, em que a perspectiva de uma freira e de uma indígena são postas em tensão. Nesse sentido, destacamos alguns trechos que evidenciam essa mediação: “*En Quito nadie perdonaría. Nadie perdona a una jovencita que trae consigo la carga de haber mostrado algunas pequeñas libertades, fuera del marco de la hipocresía*⁵⁸⁰.” (MIGUENS, 2019, p. 83). Vejamos, no excerto exposto, como a construção da narradora permite que ela denuncie e critique a sociedade em que estava inserida.

Outro recurso crítico de que o romance faz uso, consiste na criação da personagem Carmenza, que dita seu próprio destino e morre na noite do atentado contra Bolívar. Essa personagem puramente ficcional delinea uma representação de duas vias, a primeira diz respeito à possibilidade que Carmenza encontra de ditar as regras de sua vida, depois de anos de submissão, sua autonomia conquistada, portanto. A segunda relaciona-se ao fato de que ela dá a sua vida por uma causa política.

*Recordé entonces la visión previa a mi desvanecimiento: dos guardias muertos, un centinela despedazado y, por debajo de ellos tres, asomando un brazo de Carmenza. Su mano, las uñas rotas hasta el dolor, contra la palma entreabierta. Dicen que la cabeza fue encontrada semanas después a orillas del Río Tunjuelito*⁵⁸¹. (MIGUENS, 2019, p. 209).

⁵⁸⁰ Nossa tradução livre: Em Quito ninguém perdoaria. Ninguém perdoa uma jovem que carrega consigo o fardo de ter mostrado algumas pequenas liberdades, fora do quadro da hipocrisia. (MIGUENS, 2019, p. 83).

⁵⁸¹ Nossa tradução livre: Então me lembrei da visão antes de desmaiar: dois guardas mortos, uma sentinela despedaçada e, abaixo dos três, o braço de Carmenza de fora. Sua mão, unhas quebradas pela dor, contra a palma entreaberta. Dizem que a cabeça dela foi encontrada, semanas depois, nas margens do rio Tunjuelito. (MIGUENS, 2019, p. 209).

Essa morte, diferentemente das outras, possui um simbolismo distinto, uma vez que ela teve seu corpo partido em pedaços e deixado pelo caminho. Seu corpo desfeito é espalhado, torna-se sinal de vingança. Uma mulher, entre muitas outras, morre de forma cruel pela independência para proteger a vida de Simón Bolívar. Os ideais do general venezuelano mantiveram-se, nesse sentido, a um custo muito alto, mas frequentemente minimizado pelo registro historiográfico.

Por outro lado, o romance ainda apresenta vertentes laudatórias, como ressaltamos anteriormente, voltadas, principalmente, à idealização política de Simón Bolívar. Nessas imagens trazidas pela obra, a voz enunciadora busca manter o papel de um Libertador da América justo e vítima de várias traições.

*Cómo se destruyó a sí mismo, Simón. Él sabía que se estaba destruyendo, aniquilando, dejando a un lado su férrea voluntad, sus decisiones nunca dictadas por sus convicciones, pero sí un sentido de justicia. ¿Justicia? ¿Quién le fue justo a él, que todo les dio por la libertad?*⁵⁸² (MIGUENS, 2019, p. 153 – 154).

Em seu fluxo de pensamento, a protagonista ainda corrobora a imagem heroicizada de Bolívar estabelecendo aproximações com romances históricos tradicionais, ao comungar das mesmas perspectivas que as da historiografia positivista. Esse cruzamento de proposições ideológicas na escrita romanesca confirma o caráter mediador da obra.

Por fim, ressaltamos, ainda, no que tange ao *corpus* literário desta escrita doutoral, como ambos os romances delineiam a personagem Manuela Sáenz, uma vez que as duas obras possuem tons distintos. Em outras palavras, a protagonista de Zúñiga (2000), ao narrar o seu passado, assim o faz com vigor, como em um acertar de contas, expondo sua versão e suas certezas. O mesmo não acontece na obra de Miguens (2019) em que há um relato de dor e uma tentativa constante de relutar para lembrar e, assim, evitar reviver suas dores.

Nesse sentido, verificamos como as duas escritas intentam uma proposição decolonial – ainda que assim o façam de modo irrefletido –, contudo, apenas a modalidade de romance histórico contemporâneo de mediação atinge tal objetivo ao fornecer para o seu leitor uma via-outra de compreensão e apreensão do passado

⁵⁸² Nossa tradução livre: Como ele se destruiu, Simón. Ele sabia que estava se destruindo, aniquilando-se, deixando de lado sua vontade de ferro, suas decisões nunca ditadas por suas convicções, mas um senso de justiça. Justiça? Quem foi justo com ele, que lhes deu tudo pela liberdade? (MIGUENS, 2019, p. 153 – 154).

na América Latina. Somos convidados, na escrita de Miguens (2019), por meio desse encontro não fortuito entre personagens ficcionais e de extração histórica, a reavaliar o que foi e o que pode ter sido na história latino-americana, mas que escapa ao registro, por não fazer parte de um escopo de interesse de uma historiografia baseada em princípios eurocêntricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisas como as que propomos nessa escrita oferecem-nos múltiplos caminhos e encerrá-los em um recorte torna-se uma tarefa desafiadora. Distintas são, ainda, as discussões pertinentes que dialogam com os pressupostos aqui evidenciados. Dessa forma, de modo a traçar considerações pontuais que abarquem esses últimos anos de pesquisa atenta, temos como objetivo refletir acerca dos questionamentos intentados nas páginas introdutórias e como eles foram respondidos no desenvolvimento do presente estudo.

Ao longo dos últimos dois séculos, histórias de independência têm sido constantemente revisitadas e essa aproximação com o passado permite que a sociedade lance olhos para a composição do seu próprio futuro. Essa é uma tarefa identitária recorrente, de forma que é substancial buscarmos distinguir os filtros de composição desse passado, ou, em outras palavras, as óticas sob as quais tais discursos se edificam.

Na especificidade de nossa pesquisa, identificamos que diferentes escritores, inseridos no continente americano, têm revisitado a história de Manuela Sáenz com objetivos distintos, seja o de apresentar outras versões históricas, seja o de utilizar sua representação para corroborar perspectivas vigentes desde o período colonial. Atentamo-nos, ainda, para a necessidade de percorrermos campos de conhecimento diversos, uma vez que, pela intencionalidade de cada área, acessamos conceitos possíveis, que redirecionam nosso olhar ao entendimento de que uma empreitada de ressignificação do passado depende de um coletivo de estudos e produções que remodelam e repensam nosso agir no espaço de enunciação que nos compete.

A primeira seção de nossa pesquisa aborda as representações históricas da personalidade quitenha sob duas óticas distintas, biografias e produções acadêmicas advindas do campo história e da sociologia, mas que se ramificam em outras conforme adentramos nas especificidades das escritas. Desse modo, como primeira via, decidimos por apresentar ao leitor três textos biográficos que dialogam entre si por versarem sobre a mesma figura empírica, mas que apresentam premissas por vezes opostas.

A primeira obra, *Manuela Sáenz La Libertadora del Libertador* ([1944] 1978), de Alfonso Rumazo González, versa, em linhas gerais, sobre uma mulher que tem

suas máculas perdoadas pela sociedade em razão de sua importância à vida do general venezuelano Simón Bolívar. Recordemos um trecho – entre muitos possíveis – em que essa perspectiva fica clara: “*Subraya que Manuela no queria hablar de eso, conocido por todos; ¿como iba a referirse a ese desliz inicial, si en Bogotá era la amante de Bolívar?*”⁵⁸³ (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 11).

Além disso, depreendemos como a composição equatoriana, advinda do mesmo espaço em que Sáenz atuou no século XIX, reapresenta essa personalidade com nuances depreciativas de sua atuação e referências de teor sensual, como fica evidente logo no início da escrita: “*Manuela Sáenz, fruto de aquella sociedad que ha traslimitado los conceptos de moral poco anteriores a la Revolución Francesa, entrará en la corriente con ese ahínco tan cabal en una mujer bella y libidinosa*”⁵⁸⁴.” (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 32). Dessa forma, a proposição realizada por Rumazo González, mergulhada em um olhar falocêntrico e colonizador revisita a história da quitenha de modo a acentuar e corroborar sua importância à vida do ‘grande’ general venezuelano.

Na sequência, *The Four Seasons of Manuela: The Love Story of Manuela Sáenz and Simón Bolívar* ([1952] 1966), de Victor Wolfgang Von Hagen, tem como espaço de publicação os Estados Unidos, em um primeiro momento, mas com ampla divulgação por meio da tradução de sua obra para o espanhol e, também, para o português, o que não aconteceu com o texto de Rumazo González. Nessa escrita, estamos diante de um texto que se aproxima, em distintos momentos, de uma obra ficcional ao compor uma Manuela heroína e apaixonada, movida por seus sentimentos e pela certeza de seus ideais, conduzindo o texto a imprecisões e descrições até mesmo dos pensamentos da personalidade histórica, como relembramos em: “*Here was a creature who was more than just very woman; she had many facets [...] She realized that love was not enough for Bolívar*”⁵⁸⁵.” (VON HAGEN, 1966, p. 65). Nesse sentido, é notável como falta a essa escrita a aplicação

⁵⁸³ Nossa tradução livre: Enfatiza-se que Manuela não quis falar sobre isso, conhecido de todos; Como ela iria se referir a esse desliz inicial, se em Bogotá ela era amante de Bolívar? (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 11).

⁵⁸⁴ Nossa tradução livre: Manuela Sáenz, fruto daquela sociedade que transgrediu os conceitos de moralidade pouco antes da Revolução Francesa, entrará na corrente com aquela meticulosidade tão profunda presente em uma mulher bela e libidinosa. (RUMAZO GONZÁLEZ, 1978, p. 32).

⁵⁸⁵ Nossa tradução livre: Aqui estava uma criatura que era mais do que apenas uma mulher; ela tinha muitas facetas [...] Ela percebeu que o amor não era suficiente para Bolívar. (VON HAGEN, 1966, p. 65).

de um método de maior rigor e menos parcial, conduzindo seu leitor por um caminho que em muito se assemelha a um romance, pela liberdade com que o autor conduz a personagem central.

A terceira obra, por sua vez, publicada já no século XXI e, também, no contexto estadunidense, consiste em uma escrita que opta por humanizar essa mulher equatoriana, desmistificando tais imagens de pecadora ou apaixonada. *For Glory and Bolívar: the remarkable life of Manuela Sáenz* (2008), de Pamela S. Murray, corresponde a uma obra que, na atualidade, mais completamente abrange as distintas nuances e o percurso de vida de Sáenz. Vejamos, novamente, como a autora introduz sua escrita:

*Based on unprecedented archival research, it paints a vivid Portrait of the Quito-born “Libertadora”, revealing both an exceptional figure and a flesh-and-blood person whose life broadly reflected the experiences of women during Spanish America’s turbulent Age of Revolution*⁵⁸⁶. (MURRAY, 2008, n.p.).

Por essa apresentação de Murray (2008), atentamo-nos ao fato de ela utilizar a figura de Manuela Sáenz como uma representação de um grupo maior – “[...] refletiu as experiências de mulheres durante a turbulenta Era da Revolução da América espanhola.” – Dessa forma, a própria pesquisadora confirma que Sáenz não foi a única mulher a fazer parte do movimento independentista, ela representa um grupo muito maior que é recorrente e deliberadamente ignorado dos anais historiográficos de cunho positivista.

Assim, dentre as biografias a que tivemos acesso, mormente as analisadas nesta pesquisa, a vida de Manuela Sáenz resume-se, basicamente, aos oito anos de relacionamento com Bolívar. Temos acesso a episódios de sua infância, mas as mais de duas décadas vividas após a morte do general são constantemente silenciadas por vários discursos, sejam eles ficcionais ou históricos. O texto de Murray (2008), contudo, oferece-nos uma análise mais robusta sobre os 26 anos que procederam à morte do general.

A segunda via de pesquisa apresentada na primeira seção desta escrita doutoral diz respeito à publicação de artigos acadêmicos que tematizam a

⁵⁸⁶ Nossa tradução livre: Com base em pesquisas de arquivo sem precedentes, pinta um retrato vívido da “Libertadora” nascida em Quito, revelando uma figura excepcional e uma pessoa de carne e osso, cuja vida refletiu, amplamente, as experiências das mulheres durante a turbulenta Era da Revolução da América espanhola. (MURRAY, 2008, s.p.).

participação de Manuela Sáenz no movimento independentista da América Hispânica, a emancipação da mulher no século XIX e sua representação social desvinculada de Bolívar. É válido ressaltarmos que buscamos por trabalhos publicados no século XXI e demos preferência a pesquisadoras mulheres, uma vez que toda nossa investigação também está centrada em uma personalidade feminina. Dessa forma, abarcamos cinco textos publicados nas três línguas abordadas nesta pesquisa – português, espanhol e inglês – com o intuito de percorrer um alcance mais amplo de estudos.

O primeiro texto selecionado, *“Republican Friendship: Manuela Sáenz writes women into the nation, 1835-1856”*, escrito pela estadunidense Sarah C. Chambers, em 2001, diz respeito à uma análise pormenorizada dos anos que procederam à morte de Bolívar e como Manuela Sáenz atua politicamente nesse período por meio de uma amizade republicana apontada já no título. Sendo assim, por meio da presunção de que às mulheres não cabia o espaço político, elas conseguiram infiltrar-se facilmente nos movimentos políticos em curso e contribuíram com o trânsito de informações. A pesquisadora ressalta, ainda, a importância que as escritas epistolares possuíam de modo que os interlocutores possam manter-se presente e estabelecer diálogos com o Equador, sobretudo, mesmo distante fisicamente desses conflitos que a interessavam.

A segunda produção acadêmica analisada consiste no artigo *“Of Love and Politics: Reassessing Manuela Sáenz and Simón Bolívar, 1822 – 1830”*, escrito pela também estadunidense Pamela S. Murray, em 2007. Diferentemente do artigo citado anteriormente, aqui, o foco volta-se aos anos de relacionamento entre Sáenz e Bolívar. Em seu texto, a pesquisadora atenta-se para as ações da quitenha no movimento independentista, que se inserindo em espaços hostis com o intento de promover a manutenção de uma nação como a Grã-Colômbia. O estudo tem o propósito, nesse sentido, de reavaliar a união do general e de Sáenz não apenas como uma relação amorosa, mas, também, política.

Na sequência, a terceira fonte de pesquisa diz respeito ao artigo intitulado *“Manuela Sáenz: “Mi patria es el continente de la América””* (2008), escrito pela equatoriana Jenny Londoño López, que aborda as representações da quitenha para além de sua beleza e relacionamento com Bolívar. Em linhas gerais, há, nesse texto, o intento de divulgar as experiências vividas por Sáenz no âmbito político de modo não condicionado ao seu envolvimento amoroso. Outra contribuição desse estudo

consiste na análise conduzida pela socióloga de modo a expor essa personalidade como uma internacionalista por possuir um pensamento voltado para os interesses da América.

A quarta produção elencada intitula-se “*Historia de las mujeres y memoria histórica: Manuela Sáenz interpela a Simón Bolívar (1822 – 1830)*” (2012) e foi escrita pela espanhola María José Vilalta, que, em sua pesquisa, realiza, primeiramente, uma análise sobre a veiculação de estudos sobre a mulher no século XX. No que tange ao modo como a pesquisadora aborda a figura empírica de Manuela Sáenz, ela assim o faz de modo muito profícuo ao tematizar a intelectualidade da quitenha e os artifícios que ela utiliza para estar informada sobre os acontecimentos políticos do Equador, principalmente.

De modo a finalizar a primeira seção, selecionamos, ainda, o texto de duas pesquisadoras brasileiras, Oliveira e Martins, publicado em 2016, que se intitula “Atuação de Manuela Sáenz na Guerra de Libertação da Grã-Colômbia no Século XIX”. Nessa pesquisa, três são os enfoques principais: o contexto sociopolítico e cultural em que Manuela Sáenz atuou; sua trajetória como mulher culta e conhecedora de estratégias militares e, ainda, uma análise sobre os mitos e as disputas por sua memória. De acordo com as estudiosas, a investigação histórica pode revelar futilidades que perpassam séculos deliberadamente ofuscadas.

Diante de um panorama amplamente discutido na primeira seção, que coteja texto de áreas afins e nos instrumentaliza a articularmos tais análises às nossas pesquisas, no campo da literatura, avançamos nossa investigação, que tem como objetivo primeiro ressignificar Manuela Sáenz e discutir seu percurso entre a descolonização e a decolonialidade, de modo a compreender como a literatura atua para gerar imagens simbólicas que, na contemporaneidade, atuam como mais um agente referencial, ao viabilizar o acesso a uma forma de interpretar o passado, aproximando-o do sujeito do século XXI, distante das efervescências de determinado fato histórico.

Sendo assim, podemos afirmar que, no âmbito literário, as escritas romanescas que protagonizam a personagem em estudo apresentam versões, em grande medida, ainda corroboradoras de um passado que vê em Simón Bolívar o herói de uma nação. Assim, os romances que tivemos acesso utilizam-se dessa personagem feminina para narrar as façanhas do general venezuelano a partir de prismas específicos. Os sentidos revelados por meio das composições romanescas

apresentadas apontam-nos para a ainda incipiente ressignificação histórica de Manuela Sáenz, uma vez que os laços que unem essa representação a um passado positivista e eurocêntrico ainda são evidentes.

Dentre todos esses caminhos percorridos de leitura, alguns resultados devem ser discutidos aqui. Primeiramente, nesse percurso por entre as fases e modalidades do romance histórico em consonância com uma perspectiva decolonial, verificamos que as obras que desenvolvem uma proposição crítica com relação à Manuela Sáenz, romances históricos contemporâneos de mediação, portanto, foram escritos no século XXI, sendo eles: *La Gloria eres Tú* (2004) e *Our lives are the rivers* (2006). Dessa forma, a revisitação às vivências dessa personalidade quitenha com o intuito de revelar aspectos outros, como seu interesse político legítimo e suas habilidades diplomáticas, passam a ser exploradas, na literatura americana, nas últimas décadas apenas. Em um segundo momento, identificamos a inexistência, até o presente e nas fontes de consulta a que tivemos acesso, de um novo romance histórico latino-americano em que a personalidade histórica Manuela Sáenz tenha sido transposta para o plano ficcional em uma obra desconstrucionista.

Nesse sentido, fica evidente, pela amostra de romances encontrados, que não há uma ampla produção escrita no período de maior efervescência da nova narrativa latino-americana. A década de 1950 conta com três romances e apenas um deles publicado na América Latina (*Amor y gloria – el romance de Manuela Sáenz y el libertador Simón Bolívar*). Após esse período, nada foi produzido nas décadas posteriores. Na sequência, a personagem Manuela Sáenz volta ao protagonismo em 1991 com a obra *Bajo la piel de los tambores*. Verifica-se, portanto, uma provável razão para a inexistência de romances desconstrucionistas, como afirmamos anteriormente, uma vez que as décadas que mais enfrentaram o discurso histórico positivista não abordaram as vivências da personalidade quitenha, ou seja, ela não fez parte desse escopo de personagens de extração que histórica que refutou o passado.

É válido ressaltarmos que não há, ainda, como nos desvencilharmos de uma comparação com a representatividade de Simón Bolívar, que tem sido constantemente revisitado literariamente e cuja presença de Sáenz é, por vezes, exígua ou, até mesmo inexistente, como, por exemplo na obra *La carroza de Bolívar* (2012), escrita por Evelio Rosero, em que a imagem do general venezuelano é desconstruída e não há nenhuma referência ao nome de Manuela Sáenz. Contudo,

o contrário ainda não foi identificado, o conjunto de escritas que protagonizam essa personalidade feminina ainda possuem, em seu escopo, o atravessamento da presença do general. Portanto, torna-se evidente uma prática facilmente verificável no continente americano de apresentar a história de Bolívar sem tangenciar Sáenz, entretanto, ao ficcionalizar Sáenz como protagonista, a representação de Bolívar é condição inerente de tais romances.

Nesse processo de ressignificação de nossas narrativas, por meio da escrita romanesca, algumas questões ainda podem ser discutidas, como a possibilidade de, a partir dos romances elencados, analisarmos as deliberadas omissões de registro do passado e que chegam à contemporaneidade de forma imprecisa, empreitada que realizamos nas duas análises de romances apresentadas nas seções anteriores. Dessa forma, é preciso que compreendamos que o gênero romance histórico, pela liberdade de sua composição e pelo compromisso de apenas manter-se verossímil ao seu arranjo escritural, atua como um propositor de questões, como um instrumento capaz de conduzir seu leitor a um deslocamento temporal mediado por questões inerentes do tempo presente da escrita, promovendo, assim, releituras e reinterpretações sobre movimentos e personalidades históricas.

Outro resultado ainda é notório: não há romances históricos sobre Manuela Sáenz escritos por brasileiros. Assim, pouquíssimo chega ao leitor de língua portuguesa sobre essa personalidade quitenha de relevante importância à história latino-americana. Dessa forma, a pesquisa que ora propomos adquire, também, tal relevância, ao apresentar essa personalidade aos estudos literários de forma mais robusta e abrangente com o intento de divulgar os percursos de uma mulher que viveu a descolonização da América Hispânica em seu período incipiente. Além disso, acreditamos na imprescindibilidade de aproximar as histórias advindas da própria América Latina de modo a compreendermos com maior clareza acerca dos entrelaçamentos que nos compõem.

Essa é a função do romance histórico latino-americano na contemporaneidade, independentemente da ideologia que o atravessa, aproximarmo-nos do que foi por vieses possíveis, mas, não fortuitamente, opostos. Assim, um olhar mais intencional conduz-nos ao entendimento de que não há como fugirmos do passado que nos perpassa e nos impõe condições, no mínimo, não razoáveis a um continente que se desenvolve sob o signo de uma dependência simbólica profunda.

Desse modo, esse gênero literário, produzido com frequência em nosso continente, atua, como já discutimos, como um modelador de nosso próprio entendimento acerca do passado. Contudo, tais proposições não são simplórias e, de certo modo, inócuas, elas estão pautadas em uma seleção discursiva com intenções claras de refutação ou corroboração.

O primeiro romance analisado, *Manuela* ([1991] 2000), expõe, desde sua apresentação, a intencionalidade de trazer ao público finissecular hispano-americano uma versão inédita e crítica da personalidade histórica. Entretanto, como já apontamos, tal objetivo não é alcançado, uma vez que a protagonização de Manuela Sáenz acaba sendo um subterfúgio da diegese para seguir comungando uma versão tradicional a respeito de Simón Bolívar.

Imagens de um general injustiçado preenchem a composição e as repetidas cenas em que a protagonista subverte o comportamento socialmente esperado estão vinculadas a sua vida íntima. Manuela Sáenz, representada ficcionalmente, contribui, nesse sentido, para reforçar o que as biografias publicadas até aquele momento haviam apresentado. O romance, portanto, renarrativiza o passado sem oferecer ao seu leitor uma releitura crítica.

Em *Manuela*, depreendemos que a figuração da protagonista se insere no limiar entre a colonialidade e a descolonização, pois, atenta ao movimento independentista, ela compreende a urgente necessidade de uma nova reordenação do poder político, porém, tais medidas servem e atendem apenas uma pequena parcela da população, a elite oligárquica. Somos confrontados, aqui, com uma escrita que almeja uma ressignificação do passado – e a alcança em alguns momentos, por exemplo, quando Sáenz apresenta-se em sua subversão aos padrões euro-falocêntricos impostos à sociedade colonial, reagindo de forma crítica e abrasiva, sendo tal ação percebida por todos que a acompanhavam. Contudo, ao se aliar a Bolívar e corroborar, discursivamente, a sua idealização, entrando para a história como Libertador da América, sua atuação fomenta uma visão positivista que molda a construção histórica das repúblicas independentes nos séculos XIX e XX, com ausência de criticidade.

Nesse sentido, é válido retomarmos o entendimento de que os véus coloniais que ainda nos cobrem começam a ser descobertos de forma mais robusta apenas na década de 1990. A colonialidade do ser, do saber e de poder discutida pelo Grupo Modernidade/Colonialidade tem sido percebida e problematizada em estudos

acadêmicos, principalmente, há trinta anos. Estamos nessa fase incipiente que começa a problematizar com maior discernimento sobre os próprios processos. Assim, ao investigarmos romances históricos, não há como nos distanciarmos do que, para determinado momento de composição, considerava-se crítico, mas que a atualidade revela ser apenas mais uma camada colonizadora.

Com relação ao segundo romance, *La Gloria eres tú* ([2004] 2019), verificamos que a narrativa romanesca alcança tal intento quando oferece ao leitor panoramas que o discurso histórico tradicional omitiu. Esse romance atua, portanto, na mediação entre a tradição e a desconstrução e permite que a literatura contribua criticamente a partir de uma outra forma de abordar o passado. Ressaltamos, ainda, que esse caminho mediativo tem a seu favor a possibilidade de alcançar públicos de todos os níveis de experiência leitora, em razão de sua escrita acessível e fluída.

Por fim, a presente investigação cumpre os objetivos propostos e oferece resultados que expõem um panorama acerca da representatividade da personalidade equatoriana Manuela Sáenz em romances históricos escritos na América. Dessa forma, pelo acesso que tivemos às fontes históricas, estamos certos de que Sáenz vivencia não apenas o processo de descolonização fatural, que corresponde à expulsão dos espanhóis da América Hispânica, mas, nesse contexto colonial, emerge, em múltiplos momentos, posturas que apontamos no decorrer da pesquisa como decoloniais.

Finalizamos esta escrita doutoral com a convicção de que o gênero romance histórico consiste em um poderoso instrumento de ressignificação do passado quando escrito em sua fase crítica, atuando como ferramenta de descolonização e contribuindo para uma sociedade latino-americana legítima, sem amarras e livre de uma busca por um padrão que não lhe pertence. A escrita colonizadora deve ser paulatinamente desconstruída, de modo a ceder espaço a visões outras, mais plurais e integradoras.

Assim, há cinco anos, quando encerrávamos nossa dissertação, afirmávamos que nossos 'heróis' precisavam ser revisitados. Hoje, ao concluirmos esse texto, estamos certos de que tais 'heróis' devem ser não apenas revisitados, como também ressignificados e re-situados no próprio discurso histórico, por meio de caminhos diversos, entre os quais, a literatura, combustível insubstituível que nos permite encarar distintas versões de nós mesmos e da sociedade que nos compõe.

REFERÊNCIAS

AGUILERA-MAITA, Demetrio. *La caballera del sol*. El gran amor de Bolívar. Madrid, Editorial Guadarrama, 1964.

AÍNSA, Fernando. *La nueva novela histórica latinoamericana*. *Plural* (México), n. 240, p. 28-85, 1991.

AÍNSA, Fernando. Invención literaria y “reconstrucción” histórica en la nueva narrativa latinoamericana. In: KOHUT, K. (Ed.). *La invención del pasado*. La novela histórica en el marco de la posmodernidad. Frankfurt; Madrid: Vervuert, 1997.

ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros de; FLECK, Gilmei Francisco. *Canudos: conflitos além da guerra – entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Aleilton Fonseca (2009)*. Curitiba: CRV, 2015.

ALONSO, Amado. *Ensayo sobre la novela histórica*. Madrid, Editorial Gredos, S. A., 1984.

ÁLVAREZ SAA, Carlos. *Manuela, sus diarios perdidos y otros papeles*. Quito: Imprenta Mariscal, 1995.

AÑAZCO, Yolanda. *Manuela Sáenz, coronela de los ejércitos de la Patria Grande*. Quito: Láser, 2005.

AROSTÉGUI, Julio. *A Pesquisa Histórica*. Teoria e Método. Bauru, EDUSC, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Bernadini et al. 4.ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 397-428.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BALLESTEROS, Mercedes. *Manuela Sáenz, el último amor de Bolívar*. Madrid: Fundación Universitaria Española, 1976.

BOUSSINGAULT, Jean Baptiste. El Salto de Tequendama: Historia de Manuelita Sáenz. *Memorias*. Vol. 3. Trans. Alexander Koppel de León. Bogotá: Banco de la República, [1892] 1985. 107-26.

BRYANT, Dorothy. *Anita, Anita: Garibaldi of the New World*. Berkeley, California: Library of Congress, 2003.

BRICEÑO, Olga. *Manuela Sáenz, la divina loca: biografia novelada*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1967.

BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL Ramón. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CAMARERO, Jesus. *Intertextualidad – Redes de textos y literaturas transversales en dinámica intercultural*. Barcelona: Anthropos, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5.ed. corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, [1988] 2011.

CARDOSO, Rosana. *As biografias de Manuela Sáenz: Um embate de memórias, vozes e discursos*. *Letrônica*, v. 13, n. 1, p. e35160, 8 abr. 2020.

CHAMBERS, Sarah. *Republican Friendship: Manuela Saenz Writes Women into the Nation. 1835 – 1856*. *Hispanic American Historical Review*. 2001, p. 225 – 257.

DORADO MENDEZ, Hugo Eliecer. *Nuestro Bolívar: da heroificação à humanização da sua figura na ficção*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

ESTEVEZ, Antonio Roberto. Imágenes de Brasil en la Literatura Argentina Contemporánea. In: ALTAMIRANDA, Daniel. *Escrituras híbridas en la literatura Argentina: abordajes actuales de la teoría y la crítica literarias*. 1a ed adaptada. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Universidad del Salvador, 2017.

FERNÁNDEZ PRIETO, Celia. *Historia y novela: poética de la novela histórica*. 2.ed. Navarra: Universidad de Navarra, 2003.

FLECK, Gilmei Francisco. *Imagens metaficcionalis de Cristóvão Colombo: uma poética da hipertextualidade*. 2005. 311 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/94126>>.

FLECK, Gilmei Francisco. Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação. In: RAPUCCI, Cleide A.; CARLOS, Ana Maria (Org.). *Cultura e representação: ensaios*. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2011.p. 81-93.

FLECK, Gilmei Francisco. *O romance contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

GRILLO, Rosa María. Manuela Sáenz: antes y después de Bolívar. *Cultura Latinoamericana*, [S. l.], v. 21,n. 1, p. 65-89, enero/jun. 2015. Disponível em: <https://editorial.ucatolica.edu.co/ojsucatolica/revistas_ucatolica/index.php/RevClat/article/view/1635/1512>. Acesso em: 10 jan 2020.

HENNES, Heather. *The Spaces of a Free Spirit: Manuela Sáenz in Literature and Film*. Ph.D. dissertation, Florida State University, 2005.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KRISTEVA, Júlia. *Introdução à Seminálise*. Tradução de Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Debates, 1969.

LANDER, María-Fernanda. *Sujeto nacional y biógrafo extranjero: la primera biografía en inglés sobre Manuela Sáenz*. [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/27076952/Sujeto_Nacional_y_bi%C3%B3grafo_extranjero_la_primera_biograf%C3%ADa_en_ingl%C3%A9s_sobre_Manuela_S%C3%A1enz>. Acesso em: 10 dez. 2020. <https://doi.org/10.1353/cnf.2016.0004>

LARIOS, M. A. Espejo de dos rostros. Modernidad y postmodernidad en el tratamiento de la historia. In: KOHUT, K. (Ed.). *La invención del pasado. La novela histórica en el marco de la posmodernidad*. Frankfurt/Madrid: Vervuert, 1997, p. 130-137.

LE GOFF, Jacques (Org). *A história nova*. Tradução de Eduardo Brandão. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LUKÁCS, Gyorgy. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2000.

LUKÁCS, Gyorgy. *O romance histórico*. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

LUNA, Cláudia. Manuela Sáenz e Bárbara de Alencar: Duas mulheres nas independências latino-americanas. In: XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura / V Seminário Internacional Mulher e Literatura, 2013, Fortaleza. ANAIS DO XIV SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA / V SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA, 2013. v. 1. p. 1-10.

LUNA, Claudia. La Pluma y el Laberinto: Autobiografía y Representación de Manuela Sáenz. *Revista Historia de las Mujeres*. Lima, Año XX, No. 190 octubre – noviembre 2016.

MANRIQUE, Jaime. *Our Lives Are the rivers*. New York: Rayo, 2006.

MARTINS, Mônica; OLIVEIRA, Emanuella. Atuação de Manuela Sáenz na Guerra de Libertação da Grã-Colômbia no século XIX. *Rev. Bra. Est. Def.* v. 3, nº 1, jan./jun. 2016, p. 153-173

MÁRQUEZ, Gabriel García. *O General em Seu Labirinto*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1989.

MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, Alexis. *Historia y ficción en la novela venezolana*. 2.ed. Caracas: Talleres de Anauco Ediciones, C. A., 1996.

MATA, Humberto Gonzalo. *Manuelita Sáenz, la mujer providencia de Bolívar*. Cuenca: Editorial Biblioteca Cenit, 1972.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica da la América Latina 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças: da Literatura que parece História ou Antropologia, e vice-versa. In: CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio Wolf de. *Literatura e história na América Latina*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.p.115-133.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade, O Lado mais escuro da modernidade. Traduzido por OLIVEIRA. Marco. Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – Vol.32 n. 94 junho/2017a.

MIGNOLO, Walter. Desafios Decoloniais Hoje. Traduzido por OLIVEIRA. Marcos de Jesus. Foz do Iguaçu: *Epistemologias do Sul* – 1(1), 2017b. p.12-32.

MIGUENS, Silvia. *La gloria eres tú*. Buenos Aires: Planeta, 2000.

MILTON, Heloisa Costa. *As histórias da história: retratos literários de Cristóvão Colombo*, 1992. 189 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

MURRAY, Pamela. *Of Love and Politics: Reassessing Manuela Sáenz and Simón Bolívar, 1822–1830*. *History Compass*, 5: 227-250. <https://doi.org/10.1111/j.1478-0542.2006.00374.x>, 2007.

MURRAY, Pamela. *For glory and Bolívar: the remarkable life of Manuela Sáenz*. Austin: University of Texas Press, 2008.

NERUDA, Pablo. *La insepulta de Paita: elegía dedicada a la memoria de Manuela Sáenz, amante de Simón Bolívar*. Cantos ceremoniales/Ceremonial Songs. Tradução de María Jacketti. Pittsburg, PA.: Latin American Literary Review Press, 1996. 18-55.

ORTIZ, Alicia Dujovne. *Anita cubierta de arena*. Buenos Aires: Alfaguara, 2003.

PALMA, Ricardo. “La mujer-hombre.” In: *Tradiciones peruanas*. Vol. 4. Madrid: Calpe, [1863] 1946. 316-17.

RESTREPO Eduardo.; ROJAS Axel. *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos*. Popayán, Colombia: Universidad del Cauca, 2010.

QUINTERO, Inés. Las mujeres de la Independencia: ¿heroínas o transgresoras? El caso de Manuela Sáenz. In: POTTHAST Barbara; SCARZANELLA, Eugenia (Eds.). *Mujeres y naciones en América Latina: problemas de inclusión y exclusión*, Frankfurt am Main/ Madrid, Vervuert/Iberoamericana, 2001, p. 57-76.

PALHARES, Carlos Vinicius Teixeira. *A mimese na poética de Aristóteles*. Cadernos CESPUC, Belo Horizonte, n. 22, p. 15-19, 2013.

ROHDE, Marina Luísa. *Anita Garibaldi: de heroína à mulher – a trajetória das imagens ficcionais de Ana Maria de Jesus Ribeiro*. 2017. 166 f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

ROMERO, Denzil. *La esposa del doctor Thorne*. Barcelona: Tusquets, 1988.

ROURA, Tania. *Manuela Sáenz. Una historia maldicha*. Quito: Ediciones La Iguana Bohemia, 2005.

RUANO IBARRA, E.; RESENDE, V. Agências de mulheres nas independências: das lutas bolivarianas aos levantes brasileiros. *Sociologias*, [S. l.], v. 24, n. 60, 2022. DOI: 10.1590/18070337-119773. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/119773>. Acesso em: 29 set. 2022.

RUMAZO GONZÁLEZ, Alfonso. *Manuela Sáenz, la libertadora del Libertador*. biografia. 9.ed. Ediciones de la Presidencia de la República. Caracas, Venezuela, [s. n.], [1944] 1978.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Fabiana. *Jonatás y Manuela: Por uma representação estética descolonial*. In: Congresso Internacional: Circulação, tramas & sentidos na Literatura. ABRALIC, 2018.

SCOTT, Walter. *The Miscellaneous Prose Works of Sir Walter Scott*. Bart. Vol. VI, Edinburgh, Cadell, 1834.

TACCONI, María del Carmen. *Historiografía y ficción en nuevas novelas históricas argentinas*. 1. ed. San Miguel de Tucumán: Universidade Nacional de Tucumán. Facultad de Filosofía y Letras. Instituto de Investigaciones Lingüísticas y Literarias, 2013.

TAXIN, Amy. La Participación de la mujer en la Independencia: el caso de Manuela Sáenz. *Procesos: Revista Equatoriana de Historia*, 14, 85-111, jul./dez, 1999.

TROUCHE, André. *América: história e ficção*. Niterói, RJ: EdUFF, 2006.

USLAR PIETRI, Arturo. El mestizaje y el Nuevo Mundo. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, s/d. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-mestizaje-y-el-nuevo-mundo/html/01aca082-82b2-11df-acc7-002185ce6064_2.html>. Acesso em: 20 de set. de 2022.

VON HAGEN, Victor Wolfgang. *The Four Seasons of Manuela: The Love Story of Manuela Sáenz and Simón Bolívar*. London: Mayflower-Dell, 1966.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WHITE, Hayden. *Meta-História: A imaginação Histórica do século XIX*. Tradução de José Laurêncio de Melo. 2.ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

Zúñiga, Luis. *Manuela - Una novela sobre la vida de Manuelita Sáenz*. Santafé de Bogotá: Intermedio, 2000.